



Universidade Federal do Pará  
Instituto de Letras e Comunicação  
Programa de Pós-Graduação em Letras  
Estudos Literários

Alan Victor Flor da Silva

**VIDA LITERÁRIA NA BELÉM OITOCENTISTA: A CONTRIBUIÇÃO DO *DIÁRIO DE BELÉM* PARA O DESENVOLVIMENTO DAS LETRAS NA CAPITAL PARAENSE (1882-1889)**



Belém – Pará  
2018

**Alan Victor Flor da Silva**

**VIDA LITERÁRIA NA BELÉM OITOCENTISTA: A CONTRIBUIÇÃO DO *DIÁRIO DE BELÉM* PARA O DESENVOLVIMENTO DAS LETRAS NA CAPITAL PARAENSE (1882-1889)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Letras e Comunicação, da Universidade Federal do Pará, como exigência para a obtenção do título de Doutor em Letras, na área de concentração de Estudos Literários.

Orientador (a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Germana Maria Araújo Sales

**Belém – Pará  
2018**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

S586v Silva, Alan Victor Flor da.  
Vida literária na Belém oitocentista : a contribuição do Diário de Belém para o desenvolvimento das  
letras na capital paraense (1882-1889) / Alan Victor Flor da Silva. — 2018.  
306 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Germana Maria Araújo Sales  
Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Comunicação,  
Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

1. Escritores paraenses. 2. Prosa de ficção. 3. Século XIX. 4. Imprensa periódica. 5. Diário de Belém. I.  
Título.

CDD 869.909

---

**Alan Victor Flor da Silva**

**VIDA LITERÁRIA NA BELÉM OITOCENTISTA: A CONTRIBUIÇÃO DO *DIÁRIO DE BELÉM* PARA O DESENVOLVIMENTO DAS LETRAS NA CAPITAL PARAENSE (1882-1889)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Letras e Comunicação, da Universidade Federal do Pará, como exigência para a obtenção do título de Doutor em Letras, na área de concentração de Estudos Literários.

Aprovada em: 08 / 11 / 2018

Banca Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Germana Maria Araújo Sales (UFPA) – orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (UFPB) – avaliadora externa

---

Prof. Dr. Leonardo Pinto Mendes (UERJ) – avaliador externo

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marlí Tereza Furtado (UFPA) – avaliadora interna

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima do Nascimento (UFPA) – avaliadora interna

**Belém – Pará  
2018**

Ao Jonilson Moraes, meu pequeno grande namorado, meu melhor amigo, meu lugar preferido para um abraço, minha melhor companhia, meu companheiro de todas as horas, minha mais singela alegria, meu maior incentivador e minha mais perfeita inspiração.

À Tayana Barbosa, minha melhor amiga, minha cúmplice, minha alma gêmea, minha irmã adotiva, minha outra melhor companhia, minha companheira de risadas e às vezes até mesmo a minha própria consciência e um pedaço enorme de mim.

À professora Germana Sales, minha querida e espirituosa orientadora, pois, se não fosse pela sua compreensão, pelos seus conselhos, pelas suas conversas sempre agradabilíssimas, pelos seus auxílios, pela sua paciência, pelo seu instinto materno para comigo e – sobretudo – pelo seu demasiado carinho e pelo seu enorme coração, esta tese não teria sido escrita.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe por nunca ter desistido do meu irmão nem de mim, por ter feito o que melhor estava ao seu alcance para nos educar e por nos ter oferecido tudo o que era necessário para que o meu irmão e eu chegássemos a conquistar os nossos objetivos. Muito obrigado por tudo isso e um pouco mais!

Ao Hélder Flor, meu irmão mais novo e meu grande amigo, não apenas por eu tê-lo acompanhado desde quando ele estava ainda na barriga da minha mãe, como também por eu tê-lo visto crescer e se tornar um grande homem. Obrigado pelas inúmeras experiências que compartilhamos, pelas nossas conversas, pelas nossas risadas e pelo nosso carinho mútuo!

Aos meus primos, com os quais não compartilho apenas laços de sangue, mas também laços de amizade. Muito obrigado a todos por tudo! Em especial, quero agradecer à minha prima Sâmia Flor, minha outra irmã adotiva, não apenas pela tradução dos meus resumos para o inglês, como também pelas conversas, pelo apoio e pelo incentivo. Obrigado por ser a melhor pessoa com quem sempre poderei conversar sobre a nossa família e principalmente sobre as nossas mães!

A todos meus tios e a todas minhas tias, que sempre estiveram à disposição para me ajudar quando eu mais precisava, sobretudo no que concerne aos meus estudos. Meu generoso muito obrigado! Em especial, gostaria de agradecer ao meu tio Reginaldo Flor, por ter arcado com os custos dos meus estudos durante doze anos na Escola de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros (ETRB), e à minha tia Lúcia Flor, por ter sido uma segunda mãe para mim, sempre muito preocupada comigo. Meus sinceros agradecimentos aos dois!

Ao meu querido avô Manuel Flor, por ter sido o responsável pela descendência de toda a nossa florida família, da qual tenho muito orgulho de fazer parte e com a qual sei que sempre poderei contar. Obrigado também!

À professora Germana Sales, minha querida e hilária orientadora, pela sua compreensão, pelos seus conselhos, pelos seus auxílios, pelos seus puxões de orelha sempre muito bem-vindos, pelas suas conversas sempre agradabilíssimas, pela sua paciência, pelo seu instinto materno para comigo e – sobretudo – pelo seu demasiado carinho e pelo seu grande coração. Foi um imenso e maravilhoso prazer tê-la como minha orientadora há mais de dez anos, desde a Iniciação Científica até o Doutorado. Muito obrigado por tudo!

Às minhas melhores amigas Shirley Medeiros, Tayana Barbosa e Vanessa Susane, que me acompanham e me aturam desde os primeiros anos da graduação. Muito obrigado pela amizade, pelo carinho, pela companhia, pelo espírito fraterno, pelas conversas e, sobretudo,

pelas risadas de derramar lágrimas e doer a barriga. Sinto-me lisonjeado por vocês estarem presentes na minha vida há mais de dez anos! Obrigado por vocês perderem o tempo de vocês comigo, pois eu adoro perder o meu tempo com vocês! Em especial, gostaria de agradecer à Tayana Barbosa, minha irmãzinha adotiva (a família que eu pude escolher), por estar ao meu lado incondicionalmente, por não apenas me fazer rir como ninguém, mas também por rir sempre comigo (até mesmo dos nossos próprios infortúnios, porque sabemos que a vida não deve ser levada tão a sério), pelas longas horas em que conversamos sobre as nossas teses de doutoramento e sobre outros assuntos, mas principalmente sobre outros assuntos. Meus mais sinceros agradecimentos!

Ao Jonilson Moraes, meu estimado namorado, por sempre estar ao meu lado incondicionalmente, por sempre me deixar à vontade para desabafar, por sempre tentar me compreender até mesmo nos momentos mais difíceis, por sempre me incentivar a continuar lutando pelos “nossos” sonhos e por sempre me servir de inspiração. Meu sincero muito obrigado!

Aos amigos que, mesmo depois de terem saído da UFPA para alçar novos voos, continuaram presentes na minha vida: Izenete Nobre, Alessandra Pamplona, Edimara Santos, Paulo Valente, Glaciane Serrão, Wanessa Regina e Thiago Gonçalves. Obrigado por todas as conversas e por todas as trocas de experiência!

Aos professores que tive durante os cursos de Mestrado e Doutorado: Prof. Dr. Sílvio Augusto de Oliveira Holanda, Profa. Dra. Marlí Tereza Furtado, Prof. Dr. José Luís Jobim, Profa. Dra. Fátima Rocha, Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales, Prof. Dr. Luís Heleno Montorial del Castilho, Profa. Dra. Valéria Augusti e Prof. Dr. João César de Castro Rocha.

Às professoras Socorro Pacífico Barbosa e Marlí Furtado pelas enormes contribuições no exame de qualificação. Obrigado pela leitura atenta e minuciosa do meu trabalho quando ele estava ainda em desenvolvimento!

Aos professores Socorro Pacífico Barbosa, Leonardo Mendes, Marlí Tereza Furtado e Maria de Fátima do Nascimento por terem aceitado gentilmente o convite para participar da minha banca de defesa. Desde já, agradeço a vocês pela leitura desta tese!

Aos professores que passaram pela minha vida e contribuíram significativamente para eu descobrir o profissional no qual eu gostaria de me transformar: Alírio de Brito, Germana Sales, Iaci Abdon, Maísa Navarro, Marlí Furtado, Risólêta Julião e Valéria Augusti. Obrigado por me terem mostrado o profissional que eu almejo muito ser!

À profa. Vânia Chaves, por ter sido sempre muito solícita e por ter me acolhido muito bem em Lisboa, quando eu estava no Doutorado Sanduíche. Meus sinceros agradecimentos!

Aos colegas do Grupo de Estudos em História da Literatura (GEHIL): Márcia Pinheiro, Sara Vasconcelos, Juliana Yeska, Daniele Santos, Maria Luiza, Valdiney Valente, Almir Pantoja, Lucilena Gonçalves, Jeniffer Yara, Adauto Bittencourt, Pedro Lisboa e Amanda Resque. Em especial, gostaria de agradecer ao Valdiney Valente, por ter sido uma companhia maravilhosa em Lisboa, quando estávamos no Doutorado Sanduíche, por me fazer rir sempre que nos encontramos e por sempre se mostrar um amigo valioso. Que saudade do nosso cafezinho em Lisboa logo após o almoço!

Aos meus amigos dalcidianos Alinnie Oliveira e Alex Moreira, pelas conversas, pelas trocas de experiência e pelo convívio agradável desde quando éramos graduandos!

Às amigas da linguística que conheci durante o Doutorado e com as quais de imediato simpatizei: Aline Rodrigues, Fabíola Baraúna, Tereza Tayná Lopes, Jaqueline Reis e Nandra Ribeiro!

À Universidade Federal do Pará (UFPA), minha segunda casa (e em alguns períodos da minha vida chegou a ser até mesmo a primeira), lugar do qual já faço parte há mais de dez anos e pelo qual tenho um enorme apreço!

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro durante a Iniciação Científica e também durante o curso de Mestrado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro durante o curso de Doutorado e pela oportunidade de participar do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE).

Os grandes livros fazem parte de um conjunto canônico de clássicos selecionados retrospectivamente, ao longo dos anos, pelos profissionais que se encarregaram da literatura – isto é, pelos críticos e professores universitários cujos sucessores agora desconstróem-na. Esse tipo de literatura talvez nunca tenha sequer existido fora da imaginação dos profissionais e seus estudantes.

(Robert Darnton)

Vemos a literatura de cada século como um conjunto de obras agrupadas em torno dos clássicos; e nossa ideia de clássico provém de nossos professores, que por sua vez a receberam de seus mestres, e assim por diante, até um momento qualquer nos inícios do século XIX. A história literária é um artifício criado ao longo de muitas gerações; apresenta-se ora reduzida, ora ampliada; puída em alguns pontos, remendada em outros; e por toda parte permeada de anacronismos. Pouco tem a ver com a verdadeira experiência da literatura do passado.

(Robert Darnton)

Num livro de história da literatura, em vez dos raciocínios abstratizantes de um tratado de teoria, acompanhamos a movimentação de um enredo, no qual se vê um efeito semelhante ao de um romance: não faltam personagens – os autores e obras – nem um conflito – a luta de uma cultura literária em busca de sua autenticidade nacional –, tudo isso narrado sob a forma de episódios – os períodos ou épocas –, configurando uma progressão em que há início, meio e fim, dos prenúncios da literatura de um país à consumação de seu destino.

(Roberto Acízelo de Sousa)

Poetas e escritores, anônimos e consagrados, usaram e abusaram do jornal para fazer circular não apenas o texto literário, mas as contendas políticas, as declarações de amor, a crônica social, também em forma de literatura. Mesmo que questionemos a qualidade desses escritos, não podemos perder de vista esse uso prático dos gêneros literários pelos escritores da época. Da mesma forma, não podemos deixar de reconhecer o espaço plural, heterogêneo e fundamental na constituição de uma cultura letrada brasileira. E se a maioria desses escritos foi olvidada na formação do cânone, a pesquisa em jornais da época pode trazê-los ao presente e reconstituir de forma mais verossímil e não-anacrônica a vida literária do período, bem como os modos diversos, com os quais diversos agentes se aproximaram e se apropriaram da cultura letrada.

(Socorro Pacífico Barbosa)

Na primeira metade do século XIX, por exemplo, o fator de maior relevância no mundo das letras parece ter sido o surgimento dos folhetins, que costuma ser considerado de maneira bastante marginal nas histórias da literatura brasileira. Sua entrada em cena causou alteração significativa nos modos de acesso à ficção e nos interesses dos leitores tanto na Europa como no Brasil, fazendo com que eles se voltassem avidamente para as produções contemporâneas depois de terem se mantido ligados, por décadas, a um restrito conjunto de livros relativamente antigos. O sucesso dos folhetins e, especialmente, de determinadas obras veiculadas nos rodapés dos jornais afetava também os escritores que, em geral, estavam atentos aos interesses do público, seja no intuito de atendê-los ou contrariá-los. Os folhetins modificaram a forma de composição dos textos, não apenas do ponto de vista das escolhas formais e temáticas, mas também do ritmo de escrita e das pressões exercidas sobre os escritores que passavam a conhecer a reação do público ao mesmo tempo em que compunham suas obras.

(Márcia Abreu)

Velemos para que não se desintegre a grande pátria brasileira, e para que os estados como Pará e Amazonas, nada obstante a sua singular situação geográfico-histórica, se lhe conservem moral e politicamente unidos.

No caso especial desta região, porventura a mais futura do Brasil, preciso é que não continue a ser tratada com o pouco apreço com que tem sido, assim como que os seus governos, longe de lisonjearem as referidas tendências, se esforcem por orientar a sua civilização no sentido nacional.

(José Veríssimo)

De “inferno verde” a *rain forest*, de floresta sem fim a campos dos sonhos, de última fronteira da civilização a “pulmão do mundo”, a Amazônia percorreu uma longa trajetória no imaginário ocidental. Desde que o homem branco a penetrou pela primeira vez, há cinco séculos, a floresta permanece praticamente a mesma – e o maior rio do mundo também. O que se modificou foram as imagens que a mata majestosa, seus habitantes (humanos ou não) e sua complexa ecologia passaram a adquirir na mente dos pesquisadores, dos cientistas e da população urbana das maiores cidades do mundo.

(Eduardo Bueno)

## RESUMO

A partir da pesquisa que realizamos em diversas histórias literárias, verificamos que os únicos escritores de prosa de ficção nascidos na província do Pará durante o século XIX mencionados nessas obras são Inglês de Sousa, Marques de Carvalho e José Veríssimo. O estudo desempenhado em dicionários, enciclopédias e antologias, no entanto, revelou que Inglês de Sousa saiu da região onde nasceu aos onze anos de idade e nunca mais retornou para a terra natalícia, assim como a pesquisa em histórias literárias evidenciou José Veríssimo mais como crítico e historiador da literatura e Marques de Carvalho, por sua vez, como um escritor naturalista sem importância nem para o desenvolvimento da produção literária paraense nem tampouco para a evolução da literatura brasileira. A catalogação que realizamos também em dicionários, enciclopédias e antologias, em contrapartida, demonstrou um número um pouco mais expressivo de autores radicados na província do Pará durante o Oitocentos que se dedicaram à imprensa periódica e à produção literária. Esses escritores, porém, não obtiveram visibilidade nacional nem alcançaram um lugar no cânone da literatura brasileira. Do mesmo modo, a pesquisa na imprensa periódica belenense oitocentista realizada por membros do Grupo de Estudos em História da Literatura (GEHIL), coordenado pela Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales, também tem demonstrado um considerável número de escritores colaborando com produções escritas tanto em verso quanto em prosa de ficção para periódicos que circularam pela capital paraense durante as últimas décadas do século XIX. Não estamos nos referindo, portanto, a publicações traduzidas nem extraídas de periódicos provenientes de outras províncias do Brasil, mas sim a publicações originais elaboradas para serem lançadas primeiramente em jornais que circularam por Belém. As dissertações provenientes da pesquisa realizada por membros do GEHIL em periódicos belenenses oitocentistas, no entanto, têm procurado estudar a circulação de versões traduzidas da prosa de ficção assinada por escritores estrangeiros ou de produções extraídas de periódicos de outras províncias do país assinadas por escritores brasileiros. Em razão dos poucos estudos sobre escritores que se firmaram a partir de publicações originais para a imprensa periódica belenense, procuramos promover um trabalho que se dedicasse a percorrer um caminho sobre a circulação e a produção de prosa de ficção assinada por escritores que se estabeleceram na capital paraense durante o século XIX e contribuíram para a imprensa periódica belenense oitocentista. O nosso intento, portanto, não é colocar em evidência autores cujas produções foram traduzidas ou extraídas de outros periódicos que circularam por lugares distintos do território brasileiro, mas sim escritores que se localizaram na capital paraense e escreveram narrativas ficcionais originais para a imprensa periódica belenense oitocentista. Para desenvolvermos a pesquisa, selecionamos como principal periódico a ser estudado o *Diário de Belém* (1868-1892), pois esse jornal circulou diariamente na capital paraense, perdurou por mais de uma década em circulação e foi o primeiro a oferecer oportunidade e espaço para que escritores radicados em Belém se aventurassem pela atividade da produção literária. A partir das considerações que tecemos, pretendemos, com esta tese, demonstrar como escritores e jornalistas envolvidos na imprensa periódica belenense oitocentista interpretaram alguns temas, por exemplo, associados à (in)existência de uma literatura na Amazônia ou na província do Pará, à publicação de obras assinadas por escritores fixados em Belém, às escolas literárias do século XIX, assim como o Romantismo, o Realismo e o Naturalismo, entre outros. Além disso, objetivamos traçar um perfil da prosa de ficção publicada no *Diário de Belém* assinada por escritores radicados na capital paraense.

**Palavras-chave:** escritores paraenses; prosa de ficção; século XIX; imprensa periódica; *Diário de Belém*.

## ABSTRACT

From the research we have carried out in several literary histories, we find that the only writers of prose fiction born in the province of Pará during the nineteenth century mentioned in these works are Inglês de Sousa, Marques de Carvalho and José Veríssimo. However, the study carried out in dictionaries, encyclopaedias and anthologies revealed that Inglês de Sousa left the region where he was born at the age of eleven and never returned to his native land, just as the research in literary histories made José Veríssimo as a critical and historian of literature and Marques de Carvalho, on the other hand, as a naturalist writer without any importance for the development of literary production in the province of Pará neither for the evolution of Brazilian literature. The cataloguing of dictionaries, encyclopaedias and anthologies also showed a slightly more expressive number of authors settled in the province of Pará during the nineteenth century, who dedicated themselves to periodical press and literary production. However, these writers did not obtain national visibility neither did they attain a place in the canon of Brazilian literature. In the same way, the research in the nineteenth century periodical press in Belém carried out by members of the Group of Studies in History of Literature (GEHIL), coordinated by Profa. Dr. Germana Maria Araújo Sales, has also demonstrated a considerable number of writers collaborating with productions written both in verse and fiction prose for periodicals that circulated in the capital of Pará during the last decades of the nineteenth century. We are not referring, therefore, to publications translated or extracted from periodicals coming from other provinces of Brazil, but to original publications prepared to be first published in newspapers that circulated in the city of Belém. The dissertations originating from the research carried out by GEHIL members in periodicals of Belém from the nineteenth century, however, have sought to study the circulation of translated versions of fictional prose signed by foreign writers or of productions extracted from periodicals of other provinces of the country signed by Brazilian writers. Due to the few studies on writers who have established themselves from original publications for the periodical press of Belém, we sought to promote a work that was dedicated to walking a path on the circulation and production of prose fiction signed by writers who settled in the capital of the province of Pará during the nineteenth century and contributed to the periodical press in Belém that century. Our aim, therefore, is not put on evidence authors whose productions were translated or extracted from other periodicals that circulated from other distinct places of Brazil, but writers who were located in the province capital and wrote original fictional narratives for the periodical press from Belém in the nineteenth century. To develop the research, we selected as the main periodical to be studied the *Diário de Belém* (1868-1892), because this newspaper circulated on a daily basis in the capital of Pará, it lasted for more than a decade in circulation and was the first to offer opportunity and space for writers settled in Belém to ventured themselves by the literary production. From the considerations that we weave, we aim, with this thesis, demonstrate how writers and journalists involved in the periodical press of Belém in the nineteenth century interpreted some subjects, for example, associated with the (in) existence of a literature in the Amazon or in the province of Pará, the publication of works signed by writers established in Belém, literary schools of the nineteenth century, as well as Romanticism, Realism and Naturalism, among others. In addition, we aim to trace a profile of prose fiction published in the *Diário de Belém*, signed by writers settled in the capital of Pará.

**Keywords:** writers from Pará; fiction prose; nineteenth century; periodic press; *Diário de Belém*.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1.1:</b> Plano de brindes mensais oferecidos aos assinantes do <i>Diário de Belém</i> publicado em 1º de janeiro de 1889 na última página.....	66
<b>Figura 1.2:</b> Primeiro fascículo do romance “Laura”, de Henri de Pène, publicado em 9 de janeiro de 1889, quando a coluna <i>Folhetim</i> passa a ser lançada como uma seção comum.....	67
<b>Figura 1.3:</b> O primeiro fascículo do romance “A mulher imortal”, de Ponson du Terrail, publicado no dia 29 de março de 1882.....	68
<b>Figura 1.4:</b> A coluna <i>Folhetim</i> do <i>Diário de Belém</i> , localizada na segunda página, onde foi publicado o décimo segundo fascículo do romance “A idiota”, de Émile Richebourg, no dia 29 de março de 1882.....	68
<b>Figura 1.5:</b> A coluna <i>Folhetim</i> do <i>Diário de Belém</i> , localizada na segunda página, onde foram publicados o quadragésimo segundo fascículo do romance “A vingança secreta”, de Arthur Matthey, e o conto “Um construtor de nuvens”, de Alfredo Pinto, no dia 19 de fevereiro de 1888.....	69
<b>Figura 1.6:</b> A parte final do conto “Um construtor de nuvens”, de Alfredo Pinto, publicado em 19 de fevereiro de 1888, saído à luz em folhetim e localizado à terceira página na primeira coluna .....	69
<b>Figura 1.7:</b> Sexagésimo quinto fascículo do romance “Laura”, de Henri de Pène, localizado especificamente na coluna <i>Folhetim</i> , na segunda página do <i>Diário de Belém</i> , e publicado no dia 2 de abril de 1889 .....	70
<b>Figura 1.8:</b> O fascículo da narrativa ficcional “As duas margaridas”, de Catulle Mendès, localizado na coluna <i>Folhetim</i> , na segunda página do <i>Diário de Belém</i> , e publicado em 23 de dezembro de 1888.....	70
<b>Figura 2.1:</b> Anúncio publicado no <i>Diário de Belém</i> sobre a publicação logo em breve dos romances “O homem das serenatas” e “Por causa de uma loucura”, respectivamente de Paulino de Brito e Teodorico Magno .....	108
<b>Figura 2.2:</b> Anúncio publicado no <i>Diário de Belém</i> sobre o recente lançamento das <i>Tentativas literárias</i> , obra contendo os romances “O homem das serenatas” e “Por causa de uma loucura”, respectivamente de Paulino de Brito e Teodorico Magno .....	108
<b>Figura 2.3:</b> Anúncio publicado no <i>Diário de Notícias</i> sobre o recente lançamento das <i>Tentativas literárias</i> , obra contendo os romances “O homem das serenatas” e “Por causa de uma loucura”, respectivamente de Paulino de Brito e Teodorico Magno .....	108
<b>Figura 2.4:</b> anúncio divulgado na <i>Arena</i> entre 29 de maio e 3 de julho de 1887 sobre a venda das <i>Tentativas literárias</i> .....	108
<b>Figura 2.5:</b> outro anúncio sobre venda das <i>Tentativas literárias</i> encontrado na <i>Arena</i> em 4 de setembro de 1887.....	109
<b>Figura 2.6:</b> Anúncio publicado no <i>Diário de Belém</i> sobre o lançamento logo em breve do volume de poesias de Múcio Javrot intitulado <i>Crepusculares</i> .....	109
<b>Figura 2.7:</b> Anúncio publicado no <i>Diário de Belém</i> sobre o recente lançamento do volume de poesias de Múcio Javrot intitulado <i>Crepusculares</i> .....	109
<b>Figura 2.8:</b> Anúncio publicado no <i>Diário de Belém</i> a respeito do recente lançamento das <i>Noites em claro</i> , de Paulino de Brito.....	110
<b>Figura 2.9:</b> Anúncio publicado no <i>Diário de Belém</i> sobre o aparecimento logo em breve do romance <i>Hortência</i> , de Marques de Carvalho .....	110
<b>Figura 2.10:</b> Anúncio publicado no <i>Diário de Belém</i> sobre a venda dos <i>Versos</i> , de Juvenal Tavares.....	111
<b>Figura 2.11:</b> Anúncio publicado na <i>Arena</i> sobre a publicação do perfil literário de Paulino de Brito, assinado por Marques de Carvalho .....	111

<b>Figura 2.12:</b> Anúncio publicado no <i>Diário de Belém</i> sobre a coleção de poesias de Múcio Javrot intitulada <i>Rutilações</i> .....	112
<b>Figura 2.13:</b> Anúncio publicado no <i>Diário de Belém</i> a respeito do lançamento por subscrição do romance “Laços indissolúveis”, de autoria de Marques de Carvalho .....	112
<b>Figura 2.14:</b> Primeira página inteira do <i>Abolicionista Paraense</i> publicado no dia 24 de junho de 1883 .....	113
<b>Figura 2.15:</b> Primeira página inteira da <i>Arena</i> publicada no dia 12 de junho de 1887 .....	143
<b>Figura 2.16:</b> Primeira página inteira do periódico literário <i>Sílvio Romero</i> publicado no dia 6 de julho de 1890 .....	144
<b>Figura 2.17:</b> Anúncio publicado no <i>Diário de Belém</i> a respeito do lançamento logo em breve do volume sobre o perfil literário do escritor Teodorico Magno, de autoria de Marques de Carvalho .....	162
<b>Figura 2.18:</b> Anúncio publicado no <i>Diário de Belém</i> a respeito do recente lançamento do volume sobre o perfil literário de Teodorico Magno, de autoria de Marques de Carvalho....	162
<b>Figura 2.19:</b> Anúncio publicado no <i>O Liberal do Pará</i> a respeito do recente lançamento do perfil literário de Paulino de Brito produzido por Marques de Carvalho .....	162
<b>Figura 2.20:</b> retrato do poeta Santa Helena Magno divulgado no suplemento do periódico literário e artístico <i>A Arena</i> em 1º de maio de 1887 .....	163
<b>Figura 4.1:</b> Primeiro fascículo do romance “O homem das serenatas”, de Paulino de Brito, publicado em 1 de janeiro de 1882 .....	237
<b>Figura 4.2:</b> Primeiro fascículo do romance “Por causa de uma loucura”, de Teodorico Magno, publicado no <i>Diário de Belém</i> em 5 de janeiro de 1882 .....	237
<b>Figura 4.3:</b> Primeiro fascículo do romance “Através do desconhecido: o romance da terra”, de Múcio Javrot, publicado no <i>Diário de Belém</i> em 27 de agosto de 1882 .....	238
<b>Figura 4.4:</b> Primeiro fascículo do romance “Ângela”, de Marques de Carvalho, publicado no <i>Diário de Belém</i> em 17 de novembro de 1883 .....	238
<b>Figura 4.5:</b> Anúncio publicado no <i>Diário de Belém</i> entre fevereiro e maio de 1883 sobre a <i>Revista Familiar</i> , “periódico dedicado às excelentíssimas famílias” .....	239
<b>Figura 4.6:</b> Primeira página inteira da <i>Revista Familiar</i> publicada pela primeira vez no dia 4 de fevereiro de 1883 .....	240

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.1:</b> A produção de narrativas ficcionais assinadas por escritores franceses publicadas no <i>Diário de Belém</i> na década de 80 do século XIX.....	77-79
<b>Tabela 1.2:</b> A produção de narrativas ficcionais assinadas por escritores estrangeiros do século XIX de outras nacionalidades publicadas no <i>Diário de Belém</i> .....	80-82
<b>Tabela 1.3:</b> A produção de narrativas ficcionais assinadas por escritores brasileiros do século XIX provenientes de outras regiões do Brasil publicadas no <i>Diário de Belém</i> .....	84
<b>Tabela 1.4:</b> A produção de narrativas ficcionais assinadas por escritores paraenses do século XIX publicadas no <i>Diário de Belém</i> .....	86-88
<b>Tabela 2.1:</b> Obras tanto em verso quanto em prosa de ficção lançadas em volume e assinadas por escritores paraenses durante a segunda metade do século XIX .....	102-103
<b>Tabela 2.2:</b> A produção de poemas assinados por escritores paraenses do século XIX no <i>Diário de Belém</i> .....	146-149
<b>Tabela 4.1:</b> Disposição dos capítulos do romance “O homem das serenatas”, de Paulino de Brito, por fascículo e coluna.....	249
<b>Tabela 4.2:</b> Disposição dos capítulos do romance “Por causa de uma loucura”, de Teodorico Magno, por fascículo e coluna.....	250-251
<b>Tabela 4.3:</b> Disposição dos capítulos de “Através do desconhecido: o romance da terra”, de Múcio Javrot, por fascículo e coluna.....	252-253
<b>Tabela 4.4:</b> Os títulos dos capítulos de “Ângela”, de Marques de Carvalho.....	253-254

## SUMÁRIO

<b>Para início de conversa...</b> .....	<b>17</b>
<b>1. A circulação de prosa de ficção nas páginas do <i>Diário de Belém</i> (1880-1889)</b> .....	<b>34</b>
1.1. Um panorama da prosa de ficção na imprensa periódica belenense oitocentista.....	34
1.2. <i>Diário de Belém</i> : uma folha literária .....	45
1.3. <i>Diário de Belém</i> : uma folha abolicionista .....	71
1.4. Autores e títulos de prosa de ficção no <i>Diário de Belém</i> (1880-1889) .....	76
<b>2. Escritores paraenses empenhados na construção de uma literatura</b> .....	<b>90</b>
2.1. Livros impressos: uma façanha árdua .....	90
2.2. Livros impressos para além dos periódicos belenenses oitocentistas.....	114
2.3. “As letras nesta terra”: uma questão polêmica .....	125
2.4. Agremiações e periódicos literários .....	137
2.5. Produção ficcional e poética.....	145
2.6. O nascimento de uma crítica .....	151
<b>3. Contos assinados por escritores paraenses nas páginas do <i>Diário de Belém</i></b> .....	<b>163</b>
3.1. Vozes plurais e dissonantes sobre estilos de época na imprensa periódica belenense oitocentista.....	163
3.2. Os românticos .....	182
3.3. Os românticos às avessas.....	208
<b>4. Romances assinados por escritores paraenses nas páginas do <i>Diário de Belém</i></b> .....	<b>226</b>
4.1. Romances-folhetins originais para o <i>Diário de Belém</i> .....	226
4.2. A fragmentação da leitura .....	241
4.3. A figura do narrador .....	255
4.4. O apelo ao melodrama .....	266
4.4.1. “O homem das serenatas”: Berta, Anacleto e Alberto .....	266
4.4.2. “Por causa de uma loucura”: Olímpia, Elódia e Flávio .....	275
4.4.3. “Através do desconhecido”: um romance marítimo .....	282
4.4.4. “Ângela”: uma aldeã, duas solteironas e um artista.....	287
<b>Encerrando a conversa</b> .....	<b>295</b>
<b>Referências</b> .....	<b>299</b>

## PARA INÍCIO DE CONVERSA...

*Esta vocação ecológica se manifesta por uma conquista progressiva do território. Primeiro, as pequenas vilas fluminenses de Teixeira e Sousa e Macedo, cercando o Rio familiar e sala de visitas, do mesmo Macedo e de Alencar, ou o Rio popular e pícaro de Manuel Antônio; depois, as fazendas, os garimpos, os cerrados de Minas e Goiás, com Bernardo Guimarães. Alencar incorpora o Ceará dos campos e das praias, os pampas do extremo sul; Franklin Távora, o Pernambuco canavieiro, se estendendo pela Paraíba. Taunay revela Mato Grosso; Alencar e Bernardo traçam o São Paulo rural e urbano, enquanto o Naturalismo acrescenta o Maranhão de Aluísio e a Amazônia de Inglês de Sousa. Literatura extensiva, como se vê, esgotando regiões literárias e deixando pouca terra para os sucessores, num romance descritivo e de costumes como é o nosso.<sup>1</sup>*

\*\*\*

*Com o Ciclo da Borracha, a Amazônia brasileira passa a contar com uma série de escritores em ação. Mas o que realmente ficou, e que importa, é o contista e romancista Inglês de Sousa, tio de Oswald de Andrade, homem do baixo Amazonas, e que legou uma obra forte, bastante inventiva, como os romances “O Cacauleta” e “Coronel Sangrado”, além de ter introduzido no Brasil o naturalismo com sua obra-prima, o romance “O Missionário”. O resto foram escritores menores, que reforçaram a sociedade da troca de favores, a sina dos escritores sem leitores, contrastando com os seus colegas do Rio de Janeiro, que na virada do século exercitavam seu ofício com espírito profissional, consolidando a indústria editorial brasileira.<sup>2</sup>*

**N**a primeira epígrafe destas considerações iniciais, Antonio Candido apresenta a intenção de traçar um mapa literário do Brasil por meio de romances assinados por escritores brasileiros do século XIX, que tinham “fome de espaço” e “ânsia topográfica” de tornar certas regiões do país literárias, como Teixeira e Sousa, Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães, Manuel Antônio de Almeida, Visconde de Taunay, José de Alencar, Franklin Távora, Aluísio de Azevedo e Inglês de Sousa. Em meio a esse projeto, o autor insere Inglês de Sousa como o único escritor responsável por explorar ficcionalmente toda a extensão da região amazônica.

Na segunda epígrafe, por sua vez, Márcio Souza, escritor amazonense reconhecido atualmente no cenário literário sobretudo pela publicação dos romances *Galvez, imperador do Acre* (1976) e *Mad Maria* (1980), considerou, em meio aos autores que se dedicaram à

---

<sup>1</sup> CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos (1750-1880)**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007, p. 101.

<sup>2</sup> SOUZA, Márcio. Literatura na Amazônia ou literatura amazônica? **Sentidos da Cultura**, Belém, n. 1, v. 1, p. 25-30, jul./dez. 2014, p. 29.

atividade literária na Amazônia durante o ciclo da borracha, apenas Inglês de Sousa como o único escritor importante e representativo. Os demais autores conterrâneos e contemporâneos a Inglês de Sousa, em contrapartida, foram considerados por Márcio Souza como pouco dignos de apreço, pois não possuíam leitores, reforçaram a sociedade da troca do favor e contrastavam com os colegas de ofício do Rio de Janeiro, que exerciam no mesmo período a atividade literária com profissionalismo.

Inglês de Sousa, no entanto, embora tenha nascido na província do Pará e tenha ambientado todas as obras que produziu na Amazônia, saiu da região mais ao norte do país aos onze anos de idade e nunca mais retornou para a terra natalícia. O romancista e contista paraense, com efeito, construiu um nome no cenário literário em São Paulo e, principalmente, no Rio de Janeiro, onde publicou livros, criou laços e construiu relações com outros homens de letras, a exemplo de Sílvio Romero. Quem eram, então, os escritores menores e sem leitores, conforme referiu Márcio Souza, que permaneceram no Pará durante o século XIX e exerceram a atividade da produção literária?

A partir da pesquisa realizada em diversas histórias literárias, verificamos que os únicos escritores de prosa de ficção nascidos na Amazônia durante o século XIX que foram mencionados nessas obras são Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918), João Marques de Carvalho (1866-1900) e José Veríssimo Dias de Matos (1857-1916).<sup>3</sup> A pesquisa em dicionários, enciclopédias e antologias, no entanto, revelou um número um pouco mais expressivo de autores não apenas nascidos, como também radicados na região amazônica durante o Oitocentos que se dedicaram à imprensa periódica e à produção ficcional.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Para chegarmos a essa constatação, verificamos as seguintes histórias literárias elencadas em ordem cronológica: (1) *História da literatura brasileira*, de Sílvio Romero (1851-1914); (2) *História da literatura brasileira*: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908) (1916), de José Veríssimo (1857-1916); (3) *Pequena história da literatura brasileira* (1919), de Ronald de Carvalho (1893-1935); (4) *História da literatura brasileira* (1938), de Nelson Werneck Sodré (1911-1999); (5) *História da literatura brasileira*: Prosa de ficção (de 1870 a 1920) (1950), de Lúcia Miguel Pereira (1901-1959); (6) *História da literatura brasileira* (1955), de Antônio Soares Amora (1917-1999); (7) *A literatura no Brasil* (1955-1959), organizada por Afrânio Coutinho (1911-2000); (8) *Formação da literatura brasileira*: momentos decisivos (1962), de Antonio Candido (1918-2017); (9) *História concisa da literatura brasileira* (1970), de Alfredo Bosi (1936); (10) *Breve história da literatura brasileira*: de Anchieta a Euclides (1977), de José Guilherme Merquior (1941-1991); (11) *História da literatura brasileira* (1983-1989), de Massaud Moisés (1928-2018); (12) *História crítica do romance brasileiro* (1987), de Temístocles Linhares (1905-1993); (13) *Breve história da literatura brasileira* (1995), de Érico Veríssimo (1905-1995); (14) *Literatura brasileira*: dos primeiros cronistas aos últimos românticos (1995), de Luiz Roncari (1945); (15) *História da literatura brasileira* (1997), de Luciana Stegagno-Picchio (1920-2008); (16) *A literatura brasileira*: origens e unidade (1500-1960) (1999), de José Aderaldo Castello (1921-2011); (17) *História da literatura brasileira* (2011), de Carlos Nejar (1939).

<sup>4</sup> Para obtermos esses nomes em coleções biobibliográficas e antologias, realizamos pesquisa nas seguintes obras: *Dicionário bibliográfico brasileiro* (1883-1902), de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake (1827-1903); *Dicionário literário brasileiro* (1969), de Raimundo de Menezes (1903-1984); *Enciclopédia de literatura brasileira* (1990), de Afrânio Coutinho (1911-2000) e José Galante de Sousa (1913-1986); *Antologia amazônica* (1904), de José Eustáquio de Azevedo (1867-1943); *Lira amazônica* (1965), de Anísio Thaumaturgo Soriano

A pesquisa na imprensa belenense oitocentista realizada por membros do Grupo de Estudos em História da Literatura (GEHIL) também tem demonstrado um considerável contingente de escritores colaborando com produções tanto em verso quanto em prosa de ficção para periódicos que circularam pela capital paraense durante as últimas décadas do século XIX.<sup>5</sup> Não estamos nos referindo, portanto, a publicações traduzidas nem extraídas de periódicos provenientes de outras províncias do Brasil, mas sim a publicações originais elaboradas para serem lançadas primeiramente em jornais instalados em Belém.

As dissertações provenientes da pesquisa realizada por membros do GEHIL em periódicos belenenses oitocentistas, no entanto, têm procurado estudar a circulação de versões traduzidas da prosa de ficção assinada por escritores estrangeiros ou de produções extraídas de periódicos de outras províncias do país assinadas por escritores brasileiros. Entre as dissertações que se enquadram no primeiro grupo, podemos citar o trabalho desenvolvido por Edimara Ferreira Santos sobre a circulação no *O Liberal do Pará* dos romances-folhetins “Blanche de Beaulieu”, de Alexandre Dumas, “A fada d’Auteuil”, de Ponson du Terrail, e “O médico dos pobres”, de Xavier de Montépin, assim como também o trabalho empreendido por Lady Ândrea Carvalho da Cruz em relação à publicação no *Diário de Notícias* de romances cuja autoria foi atribuída a Georges Ohnet e também o trabalho realizado por Shirley Laianne Medeiros da Silva sobre a circulação no *Província do Pará* e no *Diário do Rio de Janeiro* do romance “A marquesa ensanguentada”, assinado por Condessa Dash, pseudônimo da escritora francesa Gabrielle Anne Cisterne de Courtiras.<sup>6</sup> Entre as dissertações que se inserem no segundo grupo, é relevante mencionarmos o trabalho de Denise Araújo Lobato acerca da circulação da prosa de ficção de Júlia Lopes de Almeida no *Província do Pará* e no *Diário de Notícias*, assim como também o trabalho de Juliana Yeska Torres Mendes sobre a produção

---

Mello (1927-2010); *Seleção literária do Amazonas* (1966), de José dos Santos Lins (?-?); *Grande enciclopédia da Amazônia* (1868) e *Antologia da cultura amazônica* (1970), de Carlos Alberto Rocque (1938-2000); *Introdução à literatura no Pará: antologia* (1990-1997), de Clóvis Olinto de Bastos Meira (1917-2002), José Favacho Soeiro Ildone (1942) e Acyr Paiva Pereira de Castro (1934-2016).

<sup>5</sup> Desde 2003, o Grupo de Estudos em História Literária (GEHIL), coordenado pela Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales, vem realizando pesquisas dedicadas à recuperação da história cultural em Belém durante o século XIX.

<sup>6</sup> Cf. SANTOS, Edimara Ferreira. **Dumas, Montépin e du Terrail: a circulação dos romances-folhetins franceses no Pará nos anos de 1871 a 1880.** 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2011; CRUZ, Lady Ândrea Carvalho da. **Literatura e imprensa em Belém do Grão-Pará: o romance-folhetim no periódico Diário de Notícias, nos anos de 1881 a 1893.** 2012. 138 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2012; SILVA, Shirley Laianne Medeiros da. **A marquesa ensanguentada: o romance de Condessa Dash nos periódicos brasileiros de Norte a Sul.** 2014. 102 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2014.

ficcional de autores brasileiros publicada no *Jornal do Pará* e o trabalho de Daniele Santos da Silva sobre a publicação de contos de Machado de Assis na *Folha do Norte*.<sup>7</sup>

Em razão dos poucos estudos sobre escritores que nasceram e se firmaram a partir de publicações originais para a imprensa periódica belenense, desenvolvemos entre 2012 e 2014 uma dissertação sobre a circulação e a produção de prosa de ficção assinada pelo escritor paraense João Marques de Carvalho em periódicos belenenses oitocentistas, como o *Diário de Belém*, *A Província do Pará*, *A República* e *A Arena*.<sup>8</sup> Por meio agora desta tese, procuramos expandir o nosso campo temático e resolvemos trabalhar com a circulação e a produção de prosa de ficção assinada por escritores paraenses do século XIX na imprensa periódica belenense oitocentista.

Visto que utilizamos os termos “prosa de ficção” e “narrativas ficcionais” no decorrer de toda extensão desta tese, julgamos necessário esclarecermos de antemão para o nosso leitor o que compreendemos por prosa de ficção e por narrativas ficcionais.

Segundo Márcia Abreu, não havia um nome estável para as narrativas ficcionais que se proliferaram durante os séculos XVIII e XIX. Desse modo, a autora afirma que “novela, conto e romance eram, portanto, equivalentes, tendo todos caráter fabuloso”<sup>9</sup>. Tânia Rebelo Costa e Serra, por sua vez, esclarece que no Oitocentos especificamente “a noção rígida de classificação interna, que possibilita hoje a diferenciação do conto, da novela e do romance, não existia na época”<sup>10</sup>. Conforme a estudiosa do folhetim no Brasil, o termo “romance” poderia ser empregado no lugar de uma narrativa ficcional que hoje poderia ser identificada como conto, assim como o vocábulo “novela” poderia ser utilizado para determinar uma produção de caráter fabuloso que atualmente poderia ser reconhecida como conto ou romance. Na *Formação da literatura brasileira*, Antonio Candido, por exemplo, afirma que “em 1843 aparece *O filho do pescador*, de Teixeira e Sousa, considerado geralmente o primeiro romance brasileiro, já que os outros, apesar de trazerem por vezes essa denominação, têm dimensões de

<sup>7</sup> Cf. LOBATO, Denise Araújo. **Prosas de Júlia Lopes de Almeida em jornais paraenses oitocentistas**: entre a temática moralizante e a palavra libertadora. 2016. 144 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2016; MENDES, Juliana Yeska Torres. **Autores brasileiros no Jornal do Pará (1867-1878)**. 2017. 148 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2017; SILVA, Daniele Santos da. **Contos de Machado de Assis n’a Folha do Norte (1896-1900)**. 2017. 100 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2017.

<sup>8</sup> Cf. SILVA, Alan Victor Flor da. **Marques de Carvalho na imprensa periódica belenense oitocentista (1800-1900)**. 2014. 139 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2014.

<sup>9</sup> ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. Campinas: Mercado de Letras, 2003, p. 265-267.

<sup>10</sup> SERRA, Tania Rebelo Costa. **Antologia do romance-folhetim (1839-1870)**. Brasília: Universidade de Brasília, 1997, p. 27.

conto ou novela”<sup>11</sup>. Candido, portanto, exemplifica que os critérios de classificação das narrativas ficcionais no século XIX entre conto, novela e romance não correspondem aos parâmetros mais atuais.

Dessa maneira, utilizamos nesta tese as expressões “prosa de ficção” e “narrativas ficcionais” como termos genéricos com o intuito de abarcarmos todas as publicações localizadas em periódicos belenenses oitocentistas escritas em forma de prosa – ou seja, em contraposição às produções compostas a partir de versos – e com caráter fictício, fabuloso ou fantasioso. É válido, no entanto, considerarmos que, quando nos referimos a uma narrativa ficcional em específico, mantivemos a classificação dessa obra quanto ao gênero de acordo com o modo como foi identificada nos jornais.

Além de definirmos o que compreendemos pelos termos “prosa de ficção” e “narrativas ficcionais”, aproveitamos também a ocasião para demonstrarmos ao nosso leitor a concepção de “escritores paraenses” que julgamos mais adequada para o desenvolvimento desta tese.

Alguns antologistas cuja proposta era construir uma obra que procurasse promover a produção literária amazônica, amazonense ou paraense se interrogaram a partir de algum momento do desenvolvimento do próprio trabalho a respeito do que era ser um escritor amazônico, amazonense ou paraense quando pensaram em organizar uma antologia. Na *Antologia da cultura amazônica*, Carlos Rocque, por exemplo, não se prendeu ao lugar de nascimento dos escritores, pois afirmou que um autor, para ser inserido nessa obra, não precisaria ter nascido na Amazônia, mas deveria ter vivido na região pelo menos uma parte da sua vida e, sobretudo, ter contribuído para a sua cultura.<sup>12</sup>

Do mesmo modo que Carlos Rocque, não nos restringimos ao lugar onde os ficcionistas nasceram, nem consideramos se esses escritores ambientaram as narrativas ficcionais que elaboraram na região amazônica, em outras partes do país ou até mesmo em outros países. Para o desenvolvimento desta tese, julgamos importante contemplar os autores que (1) se aventuraram principalmente pela prosa de ficção, (2) viveram por um período considerável na capital paraense durante o século XIX e (3) contribuíram para a imprensa periódica belenense oitocentista com narrativas ficcionais ambientadas tanto na Amazônia quanto em qualquer outro lugar do Brasil ou em qualquer outro país. O nosso intento, portanto, não é colocar em evidência autores cujas produções foram traduzidas ou extraídas

<sup>11</sup> CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura Brasileira**: momentos decisivos (1750-1880). 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007, p. 438.

<sup>12</sup> Cf. ROCQUE, Carlos. **Antologia da cultura amazônica**. Belém: Amazônia Edições Culturais Ltda. (AMADA), 1970. 9. vols.

de outros periódicos que circularam por lugares distintos do território brasileiro, mas sim escritores que se localizaram na capital paraense e escreveram narrativas ficcionais originais para a imprensa periódica belenense oitocentista. A esses homens da imprensa e das letras fixados em Belém durante as duas últimas décadas do Oitocentos chamamos neste estudo de *escritores paraenses*.

Desse modo, esse critério apresenta algumas implicações. Inserimos neste trabalho, por exemplo, a produção ficcional de João de Deus do Rêgo, visto que esse escritor, embora tenha nascido no Maranhão, radicou-se em Belém e apresentou um número considerável de contos em periódicos que circularam pela capital paraense. Além de João de Deus do Rêgo, selecionamos também as narrativas ficcionais de Alfredo Pinto. Não encontramos nenhum vestígio desse autor em fontes secundárias, a exemplo de histórias literárias, dicionários, enciclopédias e antologias, e, por essa razão, não sabemos informar nada sobre o lugar onde esse ficcionista nasceu. Elegemo-lo, no entanto, porque localizamos uma quantidade razoável de produção escrita em prosa e com caráter ficcional assinada por Alfredo Pinto. É válido ainda mencionarmos que essa figura era comumente associada nas publicações lançadas na imprensa periódica da capital paraense a um pequeno contingente de homens de letras, como José Eustáquio de Azevedo e Acrísio Mota. Paulino de Brito, por sua vez, nasceu em Manaus, capital da província do Amazonas, mas enraizou-se em Belém, contribuiu assiduamente para periódicos que circularam pela capital paraense a partir das duas últimas décadas do século XIX e tornou-se uma figura de considerável prestígio na província do Pará por meio da imprensa periódica belenense oitocentista, onde quase todos os feitos do autor eram bastante elogiados – lançamento de livros, palestras abolicionistas, publicações literárias em periódicos, entre outros – e quase todos os seus passos eram comunicados – viagens, participação em eventos, entre outros.<sup>13</sup> O critério de nascimento, portanto, nos conduziria a excluir alguns autores que, embora não tenham nascido no Pará, colaboram regularmente para a imprensa periódica em Belém durante o século XIX.

É importante também colocarmos em relevo que a pesquisa em torno de escritores paraenses não poderia ter sido realizada sem considerarmos o papel dos periódicos, pois todos os homens de letras sobre os quais nos debruçamos nesta tese atuaram assiduamente durante as duas últimas décadas do século XIX na imprensa periódica de Belém. Ignorá-la enquanto

---

<sup>13</sup> É válido ressaltarmos que era muito comum na imprensa periódica belenense que Paulino de Brito fosse reconhecido como paraense. No dia 6 de abril de 1882, por exemplo, foi publicada na primeira página do *Diário de Belém* uma nota intitulada “Conferência pública” em que o autor foi denominado como “distinto paraense”. Nesse mesmo dia, foi divulgada ainda na terceira página do *Diário de Belém* outra nota intitulada “Conferência abolicionista” em que o escritor também foi chamado de “talentoso paraense”.

fonte de pesquisa, portanto, representaria oferecer aos nossos leitores acerca dos autores paraenses do Oitocentos uma perspectiva diminuta e permeada de lacunas, que poderia nos conduzir a pensar numa escassez de produção literária na província do Pará nesse período.

Os periódicos são fontes primárias e, por essa razão, apresentam um caráter vestigial e podem ser utilizados no campo literário, segundo Maria da Glória Bordini, para sinalizar “algo que já não é, cujo advento ocorreu em uma dimensão temporal da vida de um escritor, da vida de algum outro sujeito histórico relacionado com o evento literário, do processo da produção/recepção de uma obra, com todos os agentes e objetos nele envolvidos”<sup>14</sup>. Regina Zilberman, por sua vez, defende que os estudos a partir de fontes primárias rechaçam ideias prontas e fatos consumados e correspondem não apenas a um “programa que supõe um posicionamento perante a Teoria e a História da Literatura”, como também a uma “tomada de posição perante o canônico e o marginal”, visto que, “quando se trata de recuperar elos perdidos de nosso passado literário e cultural, passam a ocupar o proscênio coadjuvantes que, seguidamente, ainda não suscitaram interesse, foram reprimidos ou ocultados, ficaram de fora da corrente dominante, as *main streams* das escolas e tendências”<sup>15</sup>.

Para realizarmos a pesquisa em torno dos escritores paraenses que atuaram na imprensa periódica belenense oitocentista e publicaram prosa de ficção, elegemos um único jornal para que pudéssemos atingir o nosso objetivo proposto, pois era muito elevado o número de periódicos que circularam pela capital paraense durante o Oitocentos. Segundo Carlos Rocque, circulou na cidade de Belém durante o período imperial, por exemplo, uma média de duzentos e cinquenta periódicos, entre jornais e revistas. Conforme o autor, essa estimativa gera uma grande surpresa, “e não sem motivo: afinal, a imprensa ter tanta vida, tanta influência em uma cidade pequena como a nossa, pobre, isolada dos grandes centros, quase sem escolas, como uma população iletrada, reduzidíssima, é, sem dúvida, motivo de surpresa”<sup>16</sup>. Carlos Rocque considera, no entanto, que muitos desses periódicos tiveram um tempo de vida bastante efêmero e não chegaram a circular por mais de um ano. Alguns tiveram apenas um único número, pois foram lançados exclusivamente para comemorar uma data ou um fato importante ou para defender uma causa política ou religiosa. Como

<sup>14</sup> BORDINI, Maria da Glória. A materialidade do sentido e a o estatuto da obra literária em *O senhor embaixador*, de Érico Veríssimo. In: ZILBERMAN, Regina et al. **As pedras e o arco**: fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 201.

<sup>15</sup> ZILBERMAN, Regina. “Minha teoria das edições humanas”: *Memórias póstumas de Brás Cubas* e a poética de Machado de Assis. In: ZILBERMAN, Regina et al. **As pedras e o arco**: fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 23.

<sup>16</sup> ROQUE, Carlos. A imprensa de Belém no Império. In: \_\_\_\_\_. **História geral de Belém e do Grão-Pará**. Belém: DistribeL, 2001, p. 63.

circularam muitos periódicos durante o século XIX na capital paraense, selecionamos, então, um único jornal para realizarmos a pesquisa sobre escritores paraenses do século XIX.

É válido mencionarmos que, a partir da pesquisa em dicionários, enciclopédias e antologias, percebemos que os ficcionistas que viveram na província do Pará durante o Oitocentos concentravam-se nas duas últimas décadas do século XIX. Desse modo, procuramos selecionar um periódico que, além de ter circulado diariamente em Belém e ter perdurado por mais de uma década em atividade, se enquadrasse também nesse período de final de século e oferecesse espaço para que escritores paraenses se aventurassem pelo exercício da escrita literária.

O *Diário de Belém* não era um jornal que estava entre os periódicos catalogados por algum membro do GEHIL e, por essa razão, não cogitamos inicialmente a possibilidade de escolhê-lo. No projeto inicial de doutorado, pensamos em trabalhar com *A Província do Pará*, pois há de fato nessa folha jornalística uma quantidade significativa de narrativas ficcionais assinadas por escritores paraenses. A partir, porém, da pesquisa em dicionários, enciclopédias e antologias, percebemos que o *Diário de Belém* não apenas era um jornal onde havia igualmente um número expressivo de produções de cunho ficcional assinadas por autores radicados no Pará, como também foi o primeiro periódico a oferecer alguma oportunidade a muitos autores enraizados em Belém. Muitos homens de letras no final do Oitocentos que se aventuraram pela atividade de escrita literária na capital paraense, por exemplo, começaram no *Diário de Belém*.<sup>17</sup>

Convém, no entanto, ressaltarmos que, embora tenhamos escolhido o *Diário de Belém*, sentimos durante a pesquisa no jornal a necessidade de procurar informações em outros periódicos, pois muitas publicações localizadas no diário em questão nos remetiam obrigatoriamente a outros periódicos. Tal fato, como demonstraremos a seguir, está associado a uma das principais características do jornal: a coletividade. Em relação, porém, ao estudo específico da prosa de ficção, selecionamos apenas as narrativas ficcionais publicadas nas páginas do *Diário de Belém*.

Depois de satisfazermos tantos esclarecimentos necessários sobre o *corpus* da pesquisa que realizamos, podemos ilustrar, de agora em diante, o que pretendemos com o desenvolvimento desta tese.

Segundo Robert Darnton, os historiadores devem desconfiar dos jornais como fonte de informação, assim como também não podem considerá-los como fontes primárias utilizadas

---

<sup>17</sup> Gostaríamos de ressaltar que, no próximo capítulo, oferecemos ainda mais informações acerca da relação entre o *Diário de Belém* e a maioria dos escritores paraenses do século XIX.

para descobrir o que realmente aconteceu. Conforme o autor, “jornais devem ser lidos em busca de informações a respeito de como os acontecimentos eram interpretados pelas pessoas da época, em vez de representarem fontes confiáveis dos acontecimentos”<sup>18</sup>.

Nesse sentido, pretendemos nesta tese demonstrar como escritores e jornalistas envolvidos na imprensa periódica belenense oitocentista interpretaram alguns temas, por exemplo, associados à (in)existência de uma literatura na província do Pará ou na região da Amazônia, à publicação de obras assinadas por escritores paraenses e às escolas literárias do século XIX, assim como o Romantismo, o Realismo e o Naturalismo.

Quando realizamos pesquisas em periódicos, devemos também considerar os quatro princípios essencialmente estáveis que, segundo Marie-Ève Thérenty, definem a escrita jornalística no século XIX: a periodicidade, a coletividade, a rubricidade e a atualidade.<sup>19</sup>

A periodicidade é uma das características mais evidentes nos jornais, pois consiste no ritmo regular da publicação desse suporte, que rege a vida social das pessoas, as relações cotidianas e também as práticas de leitura e escrita. Desse modo, o caráter periódico do jornal no século XIX foi um dos elementos responsáveis pela criação de novos gêneros jornalísticos e literários, assim como a crônica e o romance-folhetim. A periodicidade, além de interferir na produção de novos gêneros, altera também a escrita dos autores. Segundo Thérenty, a possibilidade de uma escrita errática ou caprichosa desaparece com a necessidade da entrega de um artigo diário ou semanal, pois o escritor é considerado muito mais um funcionário ou um trabalhador forçado a entregar uma produção regular do que um artista inspirado. O duplo mito da inspiração e da musa torna-se consideravelmente enfraquecido por essa mutação.

A coletividade, por sua vez, consiste no fato de que o jornal constitui também um negócio coletivo onde se experimenta a criação do sentido pela fusão de vozes plurais e às vezes dissonantes. Bem mais que o romance, o jornal projeta um lugar autêntico da polifonia e constitui o ponto de ancoragem de uma forma de sociabilidade devido ao modo de operação e redação desse suporte. Mesmo quando dispõe da sua própria assinatura e não escreve sob um pseudônimo coletivo, um escritor, por exemplo, não apenas deve se condicionar a respeitar a direção do conjunto do jornal, como também a se habituar a ver a sua escrita reagir a outras publicações que a cercam.

Além da periodicidade e da coletividade, a rubricidade é um princípio que se associa ao espaço do jornal e ao modo como esse suporte restringe, em certa medida, a escrita

---

<sup>18</sup> DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. Trad. Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 45.

<sup>19</sup> Cf. THÉRENTY, Marie-Ève. La matrice médiatique. In : \_\_\_\_\_. **La littérature au quotidien**: poétiques journalistiques au XIXe siècle. Paris: Éditions du Seuil, 2007.

jornalística, uma vez que o jornal suscita uma escritura em tópicos ou em rubricas, onde todos aprendem a se exprimir dentro dos limites genéricos, temáticos, periódicos e dimensionais das páginas das folhas jornalísticas. O jornalista se força, então, a uma escrita fortemente normatizada e obriga-se a considerar o mundo segundo uma perspectiva fracionada, que oferece a vantagem considerável de apresentar uma imagem mais ainda globalizante.

A atualidade, o quarto e último princípio da escrita jornalística, condiz com a obediência à regra da atualidade dos temas veiculados no jornal. Essa atualidade equivale, no entanto, a um lapso de tempo que compreende o que está sendo produzido, o que chegou bastante recentemente e o que vai ser produzido. Em outras palavras, isso significa o presente, o futuro e o passado próximos. Para que a realidade, porém, se torne operante, é necessário que a atualidade do jornalista coincida obrigatoriamente com a atualidade do leitor.

Com base nos princípios propostos por Marie-Ève Thérenty que regem a escrita jornalística, objetivamos, com esta tese, analisar o jornal a partir da periodicidade, rubricidade, atualidade e coletividade. Dedicamo-nos, no entanto, ao estudo do jornal sobretudo a partir do aspecto polifônico, visto que muito comumente uma publicação em periódico pode estimular e proporcionar a divulgação de outras publicações que estabeleçam entre si um diálogo e uma relação interdiscursiva.

Assim como Marie-Ève Thérenty, Socorro de Fátima Pacífico Barbosa afirma que o jornal pode ser concebido como um espaço de diálogo, debates, polêmicas e fofocas, assim como também o lugar, por excelência, da multiplicidade discursiva, onde ecoam, ainda que de maneira incipiente, as vozes dos mais variados segmentos da sociedade, a exemplo das mulheres.<sup>20</sup> Segundo a autora, se quisermos, no entanto, observar o aspecto polifônico em algum periódico do século XIX, é preciso lermos o jornal como um todo para verificarmos se uma determinada publicação, aparentemente sem muito sentido, não apresenta uma relação de significado com alguma outra publicação divulgada no mesmo jornal. Em alguns casos não muito raros, esse diálogo pode ser estabelecido até mesmo entre publicações veiculadas em periódicos distintos.

É válido considerarmos que a elaboração desta tese baseia-se também na concepção proposta por Roger Chartier de que as significações dos textos “são dependentes das formas pelas quais eles são recebidos e apropriados por seus leitores”, que “não se defrontam jamais

---

<sup>20</sup> Cf. BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa periódica no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

com textos abstratos, ideais e desprendidos de toda a materialidade”<sup>21</sup>, assim como também na ideia de que o autor “não é o mestre do sentido, e suas intenções expressas na produção do texto não se impõem necessariamente nem para aqueles que fazem desse texto um livro (livreiros-editores ou operários da impressão), nem para aqueles que dele se apropriam para a leitura” e “se submete às múltiplas determinações que organizam o espaço social da produção literária, ou que, mais comumente, delimitam as categorias e as experiências que são as próprias matrizes da escrita”<sup>22</sup>.

Para concluirmos finalmente as nossas considerações iniciais, apresentamos doravante o planejamento desta tese.

No primeiro capítulo deste trabalho, intencionamos inicialmente promover um breve passeio pela circulação em geral da prosa de ficção em periódicos que transitaram pela capital paraense na segunda metade do século XIX, como o *Diário do Grão-Pará*, *O Liberal do Pará*, o *Diário de Notícias*, o *Jornal do Pará* e *A Província do Pará*. Esses jornais foram selecionados porque (1) circularam diariamente em Belém; (2) sobreviveram por mais de uma década; (3) ofertaram aos seus leitores uma quantidade significativa de prosa de ficção, desde histórias curtas divulgadas em poucos pedaços ou em apenas um único fascículo até histórias longas publicadas seriadamente que se mantiveram por meses nas páginas desses jornais; (4) foram catalogados por membros do GEHIL.<sup>23</sup> Pretendemos justamente traçar esse panorama sobre a circulação de prosa de ficção na imprensa periódica de Belém entre 1850 e 1900 com o intuito de propiciarmos um quadro a respeito dos principais escritores e de alguns títulos de narrativas ficcionais publicadas nesses periódicos. Em seguida, analisamos em especial o

<sup>21</sup> CHARTIER, Roger. Comunidades de leitores. In: \_\_\_\_\_. **A ordem dos livros**: leitoras, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary Del Priori. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999, p. 12.

<sup>22</sup> CHARTIER, Roger. Figuras do autor. In: \_\_\_\_\_. **A ordem dos livros**: leitoras, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary Del Priori. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999, p. 35-36.

<sup>23</sup> *A Província do Pará*, por exemplo, foi catalogada por Sara Vasconcelos Ferreira durante a vigência do plano de iniciação científica intitulado “*A leviana: história de um coração* e outras histórias n’*A Província do Pará*” (PIBIC/CNPq/2012), vinculado ao projeto de pesquisa “Trajetória literária: a constituição da história cultural em Belém no século XIX” (CNPq/2010-2012), coordenado pela Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales. O *Diário do Grão-Pará* e *O Liberal do Pará*, em contrapartida, foram catalogados por Amanda Gabriela de Castro Resque durante a vigência do plano de iniciação científica intitulado “Prosa de ficção em periódicos oitocentistas” (PIBIC/CNPq/2015), sob a orientação da Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales. O *Diário de Notícias*, por sua vez, foi catalogado por Lady Ândrea Carvalho da Cruz durante o período em que esteve como aluna de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFGPA) desenvolvendo a dissertação intitulada “Literatura e imprensa em Belém do Grão-Pará: o romance-folhetim no periódico *Diário de Notícias*, nos anos de 1881 a 1893”, cuja defesa foi realizada em 2012. O *Jornal do Pará*, finalmente, foi catalogado por Patrícia Carvalho Martins durante a vigência do plano de iniciação científica intitulado “Prosas de ficção no *Jornal do Pará* na segunda metade do século XIX” (PIBIC/CNPq/2007), vinculado ao projeto de pesquisa “Lendo o Pará: a publicação do romance-folhetim nos jornais de Belém do Pará na segunda metade do século XIX (1850-1890)” (CNPq/2006-2009), coordenado pela Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales.

*Diário de Belém* a fim de apresentarmos a relação que esse jornal havia estabelecido com a prosa de ficção em geral, a partir da publicação de narrativas ficcionais nas colunas literárias, das notas sobre folhetins e das notícias sobre escritores brasileiros e estrangeiros, sobre livros recém-lançados e sobre a publicação de prosa de ficção em outros periódicos. Por fim, procuramos estabelecer um quadro com base na nacionalidade dos ficcionistas cujas narrativas ficcionais foram publicadas no *Diário de Belém* e com base também no gênero dessas publicações lançadas nas colunas literárias desse mesmo jornal, no que se refere especificamente ao conto e ao romance.

No segundo capítulo, objetivamos oferecer um amplo panorama a respeito dos escritores paraenses no final do século XIX em Belém e em relação à produção em geral assinada por esses mesmos homens de letras que atuavam na imprensa periódica belenense oitocentista. Para tanto, tentamos desenhar um quadro sobre a publicação de livros; sobre as discussões em periódicos acerca da (in)existência de uma “literatura paraense”, de uma “literatura amazônica” ou de uma “literatura nossa”; sobre as agremiações e os periódicos literários idealizados na época; sobre o nascimento de uma crítica a respeito da produção em geral assinada por escritores paraenses. Em primeiro lugar, levamos em consideração a publicação de livros assinados por escritores paraenses do século XIX. A partir da nossa pesquisa no *Diário de Belém* e em outros periódicos conterrâneos e contemporâneos, percebemos que foram poucos os autores locais que conseguiram atingir essa façanha. Em segundo lugar, apresentamos algumas discussões promovidas em periódicos belenenses oitocentistas entre escritores e jornalistas a respeito da (in)existência de uma literatura de feição amazônica ou paraense. Após esse momento, dedicamo-nos, em terceiro lugar, ao papel tanto das agremiações quanto dos periódicos literários criados ou ao menos idealizados com o intuito de promover as letras numa região considerada literariamente acanhada pelos autores. Finalmente, debruçamo-nos sobre as primeiras apreciações críticas publicadas na imprensa periódica belenense oitocentista a respeito das primeiras obras assinadas por escritores paraenses.

É válido elucidarmos primeiramente que não nos restringimos no segundo capítulo apenas aos ficcionistas, aos volumes estampados com prosa de ficção, nem tampouco às apreciações críticas sobre as obras ficcionais escritas em prosa. Nesse capítulo, abrimos espaço também para os poetas e para a poesia, pois intencionamos construir um painel sobre a produção em geral assinada por escritores paraenses. O estudo dedicado exclusivamente aos ficcionistas e à prosa de ficção restringiu-se ao terceiro e ao quarto capítulo.

Em segundo lugar, estabelecemos ao final do segundo capítulo uma relação entre a produção em geral na capital paraense e o conceito de sistema literário proposto por Antonio Candido. Para tanto, julgamos necessário apresentar a distinção que o autor determina entre *manifestações literárias* e *literatura* propriamente dita. Para o autor, *literatura* é “considerada [...] um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes de uma fase”, enquanto *manifestações literárias* são “obras de valor, – seja por força de inspiração individual, seja pela influência de outras literaturas. Mas elas não são representativas de um sistema, significando quando muito o seu esboço”<sup>24</sup>. Segundo Candido, um sistema literário deve ser composto basicamente por três denominadores comuns: (1) *autores*: “a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel”; (2) *leitores*: “um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive”; (3) *obras*: “um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros”.

Em terceiro e último lugar, o segundo capítulo, de modo geral, gira em torno de um outro conceito proposto por Antonio Candido: *literatura empenhada* e *escritor empenhado*. Segundo o autor, a literatura, além de proporcionar um conhecimento latente, que provém da organização das emoções e da visão de mundo, apresenta ainda níveis de conhecimento intencional, arquitetados pelo autor e conscientemente assimilados pelo leitor. A partir desses níveis, que chamam imediatamente a atenção, o escritor demonstra intenções de propaganda, ideologia, crença, revolta, adesão, entre outros. Dessas produções literárias por meio das quais o escritor expressa intencionalmente o desejo de assumir um posicionamento diante dos problemas resulta, conforme Antonio Candido, uma *literatura empenhada*, “que parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas. São casos em que o autor tem convicções e deseja exprimi-las; ou parte de certa visão da realidade e a manifesta com tonalidade crítica”<sup>25</sup>.

Candido, no entanto, enfatiza que esses posicionamentos de cunho ético, político, social, religioso e humanístico não são o cerne da produção literária e, portanto, devem estar situados num nível secundário, pois o plano estético e a forma ordenadora é que devem, com efeito, constituir a essência da “verdadeira produção literária”. Desse modo, podemos afirmar que, além da preocupação que precisa ter com o plano estético e com a estrutura das obras,

<sup>24</sup> CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750-1880)**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007, p. 23-24.

<sup>25</sup> CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004, p. 180-181.

um escritor empenhado, por sua vez, é aquele que nelas insere de maneira intencional uma mensagem ética, política, religiosa ou mais geralmente social.

É válido considerarmos que Antonio Candido, na *Formação da literatura brasileira*, afirma que a literatura brasileira, sobretudo durante o Neoclassicismo e o Romantismo, apresenta um caráter empenhado. Segundo o autor, os escritores neoclássicos, por exemplo, “são quase todos animados do desejo de construir uma literatura como prova de que os brasileiros eram tão capazes quanto os europeus; mesmo quando procuram exprimir uma realidade puramente individual, segundo os moldes universalistas do momento, estão visando este aspecto”<sup>26</sup>. Os românticos, em contrapartida, desejavam considerar “a atividade literária como parte do esforço de construção do país livre, em cumprimento a um programa, bem cedo estabelecido, que visava a diferenciação e particularização dos temas e modos de exprimi-los”.

Nesse sentido, consideramos empenhados os escritores paraenses do final do século XIX, pois percebemos nesses autores a nítida intenção de construir, desenvolver e promover uma produção literária na província do Pará por meio da idealização de periódicos e agremiações literárias, por meio da publicação de livros, por meio de uma veemente defesa a favor da existência de uma literatura de feição amazônica ou paraense e por meio do nascimento de uma crítica direcionada às obras produzidas por escritores paraenses nas duas últimas décadas do Oitocentos.

No terceiro capítulo, intencionamos, em primeiro lugar, promover uma discussão acerca da crítica em geral lançada em periódicos belenenses oitocentistas a respeito das principais escolas literárias do século XIX: Romantismo e Naturalismo/Realismo. Para tanto, não nos restringimos apenas ao *Diário de Belém*, pois julgamos que os debates sobre estilos de época presentes nesse jornal seriam irrisórios para mostrarmos que na imprensa periódica belenense havia uma série de polêmicas e debates entre escritores e jornalistas em relação ao Romantismo e ao Naturalismo/Realismo. A partir, contudo, da pesquisa por meio de palavras-chave no site da Hemeroteca Digital Brasileira, percebemos que *A República* e o *Diário de Notícias* eram os periódicos que circularam pela capital paraense durante o final do século XIX com o maior número de ocorrências para os termos “naturalismo/naturalista”, “realismo/realista” e “romantismo/romântico” e, por essa razão, selecionamos, além do *Diário de Belém*, *A República* e o *Diário de Notícias*. Em segundo lugar, exibimos a crítica em relação a Paulino de Brito, visto que esse autor foi o único que no *Diário de Belém* recebeu

---

<sup>26</sup> CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos (1750-1880). 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007, p. 28.

críticas nas quais foi associado ao Romantismo. Em seguida, analisamos alguns contos nesse mesmo jornal que apresentam uma configuração romântica assinados não apenas por Paulino de Brito, como também por outros escritores paraenses, como João de Deus do Rêgo, Iranéz de Lara e Acrísio Mota. Nesse momento, foram analisados os contos: “Como se esvai um sonho”, de Paulino de Brito; “As flores do sepulcro”, de Iranéz de Lara; “Isaura” e “O sepulcro das flores”, de João de Deus do Rêgo, e “A filha da baronesa”, de Acrísio Mota. Julgamos que esse pequeno quantitativo de narrativas ficcionais já é suficiente para oferecermos uma dimensão acerca das produções românticas na imprensa periódica belenense oitocentista. Em terceiro e último lugar, discutimos a crítica acerca de Marques de Carvalho e Alfredo Pinto, pois esses escritores não apenas se filiaram, como também foram filiados em periódicos belenenses oitocentistas ao Naturalismo/Realismo.<sup>27</sup> Em seguida, analisamos alguns contos assinados por ambos os autores, como “O preço das pazes”, de Marques de Carvalho, e “Ao relento” e “Queda das nuvens”, de Alfredo Pinto. Acreditamos que essa quantidade de trabalhos também é apropriada para propiciarmos uma medida a respeito das publicações antirromânticas em periódicos que circularam pela capital paraense no século XIX.

É válido ressaltarmos, todavia, que não procuramos classificar esses contos como realistas ou naturalistas, mas sim como antirromânticos, pois filiá-los a alguma das escolas literárias que se firmaram após o Romantismo seria problemático, pois os termos “realismo” e “naturalismo”, segundo Patrícia Alves Carvalho Corrêa, eram vagos e causavam confusão em razão de terem sido usados indiscriminadamente por críticos e escritores tanto da Europa quanto do Brasil.<sup>28</sup> Tal fato pode ser verificado também quando Sílvio Romero e José Veríssimo, críticos contemporâneos aos estilos de época do final do século XIX, se debruçaram sobre o assunto. Partindo do conceito do termo “naturalismo”, Sílvio Romero, por exemplo, afirma que essa palavra foi utilizada mais para marcar uma diferença e uma oposição frente ao Romantismo. Desse modo, qualquer escola literária que tenha como objetivo contrapor-se ao movimento romântico, por mais que se diversifique em alguns pontos acessórios, pode muito bem ser abrigada sob a palavra “naturalismo”.<sup>29</sup> Do mesmo

<sup>27</sup> É válido destacarmos que, embora não tenhamos encontrado nenhuma linha escrita acerca de Alfredo Pinto em fontes secundárias, como histórias literárias, antologias, dicionários e enciclopédias, o autor, sobretudo no que se refere ao conto, apresenta uma quantidade considerável de publicações dispersas em periódicos que circularam em Belém durante o século XIX.

<sup>28</sup> Cf. CORRÊA, Patrícia Alves Carvalho. **O naturalismo em perspectiva comparada: de Émile Zola a Aluísio de Azevedo**. 2011. 297 f. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Educação e Humanidades, Instituto de Letras, 2011.

<sup>29</sup> Cf. ROMERO, Sílvio. A literatura em perspectiva. In: CANDIDO, Antonio (organizador). **Sílvio Romero: teoria, crítica e história literária**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.

modo que Sílvio Romero, José Veríssimo afirma que o termo “naturalismo” não tem um significado preciso que não suscite algumas questões e inúmeros debates. Nas duas últimas décadas do século XIX, esse vocábulo, segundo o autor, passou a ser empregado pelos escritores e críticos literários mais para estabelecer uma contraposição ao Romantismo do que necessariamente para preconizar uma nova forma de conceber e produzir literatura.<sup>30</sup> Nesse sentido, preferimos nos remeter aos contos que fogem de uma configuração romântica de antirromânticos a vinculá-los ao Naturalismo ou ao Realismo, pois julgamos que seria demasiadamente problemático identificá-los como naturalistas ou realistas.<sup>31</sup>

No quarto e último capítulo, analisamos os quatro romances-folhetins publicados no *Diário de Belém* pela pena de escritores paraenses com o intuito de verificarmos como essas publicações se adequam aos moldes folhetinescos. Segundo Marlyse Meyer, “se todos os romances, em média, passam a ser publicados em folhetim, nem todos são romances-folhetins”<sup>32</sup>. A autora, então, afirma que a publicação em série de um romance no rodapé da página de um jornal não é suficiente para chamá-lo de romance-folhetim. Para classificá-lo dessa forma, é necessário averiguar antes outros elementos constituintes do gênero folhetinesco, como o corte preciso dos fascículos no momento do auge da expectativa; a fragmentação da narrativa em unidades menores – partes, capítulos e subcapítulos; uma estrutura dialogal simples; a figura de um narrador ativo, mediador e intruso; o apelo ao melodrama; o conflito entre o bem e o mal; a presença de personagens relativamente planas, entre outros. Desse modo, objetivamos analisar como Paulino de Brito, Teodorico Magno, Múcio Javrot e Marques de Carvalho construíram os romances que publicaram no *Diário de Belém* à luz da estrutura folhetinesca. Para tanto, a análise à qual nos propusemos pauta-se principalmente em Jesús Martín-Barbero, pois o autor estabelece uma relação entre as características relacionadas às estratégias de produção do gênero e o modelo de leitor projetado pelos autores de romances-folhetins.<sup>33</sup>

Nos próximos capítulos, pretendemos demonstrar basicamente não apenas que os escritores paraenses no final do Oitocentos, de modo geral, empenharam-se em construir uma

---

<sup>30</sup> Cf. VERÍSSIMO, José. O romance naturalista no Brasil. In: BARBOSA, João Alexandre (organizador). **José Veríssimo: teoria, crítica e história literária**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.

<sup>31</sup> Convém ressaltarmos que, quando nos dedicamos à crítica nos jornais sobre os estilos de época do século XIX, nos remetemos aos termos utilizados pelos próprios autores. Ou seja, se um autor empregou o termo “realismo”, também utilizamos essa mesma expressão; se usou o vocábulo “naturalismo”, servimo-nos dessa mesma palavra; se empregou na mesma publicação os dois termos, emitimos uma nota chamando a atenção para o fato.

<sup>32</sup> MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 60.

<sup>33</sup> Cf. MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

literatura na província do Pará ou, de forma mais abrangente, na região amazônica, como também estabelecer um perfil da prosa de ficção assinada por esses mesmos autores.

## CAPÍTULO 1

### A CIRCULAÇÃO DE PROSA DE FICÇÃO NAS PÁGINAS DO *DIÁRIO DE BELÉM* (1880-1889)

*Falemos agora da imprensa que é considerada também como um ramo da literatura.*

*Para dizer a pura verdade, a nossa imprensa quase nada tem de literata. Desde o Liberal e a Constituição, folhas políticas, até o ínfimo jornal de pura especulação mercantil, como o Correio do Norte, cujas colunas são verdadeiras correntes de asneiras devidas à fertilidade do João da Cruz, só encontramos na nossa imprensa viveiros de chapas eternas, lugares comuns, infalíveis, noticiários cabalísticos, frases imutáveis em virtude de uma espécie de convenção antiquíssima que quase me parece contemporânea do Contrato Social.*

*Ponto de parte o Diário de Belém que, apesar de eu ser suspeito, sempre considero como o nosso melhor diário e cujo redator é tido justamente como um dos primeiros jornalistas do Norte, todos os outros órgãos de publicidade cuidam muito pouco em literatejar...<sup>34</sup>*

\*\*\*

*O « Diário de Belém » foi, em todas as fases de sua brilhante existência, o paraninfo amorável da mocidade paraense, que nele ensaiava os seus primeiros surtos literários, animada pelo diretor da empresa – essa alma límpida e boa, esse caráter sincero e leal que se chamou Manoel Valente do Couto, que a todos encorajava sempre com o sorriso nos lábios.<sup>35</sup>*

#### 1.1. Um panorama da prosa de ficção na imprensa periódica belenense oitocentista

A primeira epígrafe deste capítulo foi retirada de uma crônica assinada sob o pseudônimo de René Moustache e publicada nas páginas do *Diário de Belém* precisamente no dia 4 de maio de 1884.<sup>36</sup> A segunda, por sua vez, foi extraída da *Antologia amazônica*, de autoria do escritor paraense José Eustáquio de Azevedo, publicada pela primeira vez no ano de 1904.

<sup>34</sup> MOUSTACHE, René. As letras nesta terra. **Diário de Belém**, Belém, 4 maio 1884, Folhetim, A comédia paraense: crítica de costumes, p. 2.

<sup>35</sup> AZEVEDO, José Eustáquio de. **Antologia amazônica**: poetas paraenses. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970, p. 68.

<sup>36</sup> Segundo José Eustáquio de Azevedo, Paulo Puhan e René Moustache foram pseudônimos utilizados por Múcio Javrot, escritor e jornalista nascido em Macapá, porém radicado em Belém, e “outro escritor nosso”. Cf. AZEVEDO, José Eustáquio. **Antologia Amazônica**: poetas paraenses. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970.

Na primeira epígrafe, o *Diário de Belém* foi definido não apenas como o melhor diário da região, mas também como o único jornal que circulou pela capital paraense durante a penúltima década do século XIX a ter uma preocupação em “literatejar”. Supomos que a ideia por trás desse neologismo verbal gira, com efeito, em torno da publicação tanto de versos quanto de poemas compostos pela pena de escritores paraenses, pois (1) a crônica de René Moustache se intitula “As letras nesta terra” e discorre sobre a precariedade da produção literária elaborada na província do Pará; (2) outros periódicos que circularam por Belém na segunda metade do século XIX, como demonstraremos mais detalhadamente a seguir, divulgavam trabalhos de cunho literário, sobretudo quando se tratava da prosa de ficção e, em especial, do romance, mas essas publicações eram assinadas, na maioria das vezes, por escritores estrangeiros. O *Diário de Belém*, ainda que oferecesse narrativas ficcionais de origem estrangeira aos leitores traduzidas ou extraídas de outros periódicos, foi o primeiro a colocar em relevo as produções assinadas por autores paraenses. Embora não fique claro o conceito do verbo “literatejar”, ao qual se referiu René Moustache, podemos afirmar que o jornal destacado apresentou, com efeito, uma peculiaridade em relação aos outros no que concerne ao domínio da literatura na Belém oitocentista: o interesse em publicar prosa de ficção assinada por escritores paraenses.

Na segunda epígrafe, por sua vez, José Eustáquio de Azevedo assegurou que o *Diário de Belém* ofereceu oportunidade e espaço para que jovens radicados na província do Pará durante a penúltima década do século XIX se aventurassem pela produção literária na imprensa, sobretudo em relação à prosa de ficção.

René Moustache e José Eustáquio de Azevedo, no entanto, não foram os únicos a outorgar ao *Diário de Belém* o mérito de ser o primeiro jornal oferecer um espaço aos escritores radicados na capital paraense. No dia 24 de agosto de 1890, foi lançado na coluna *Aos domingos* do jornal *A República* uma crônica assinada sob o pseudônimo de Satã. Nessa publicação, o cronista tecia alguns comentários acerca do fato de o *Diário de Belém* ser o primeiro periódico em Belém a conceder um lugar na imprensa para que moços paraenses pudessem experimentar a atividade da escrita literária. Vejamos:

Na época a que me refiro era o « [Diário de] Belém » [...] o centro de uma plêiade de moços inteligentes que ensaiavam ali os seus primeiros passos.

Nenhum dos rapazes que deliciam hoje o nosso jornalismo deixou de preparar-se ali.

Paulino de Brito, Bertino de Miranda, Marques de Carvalho, Antônio de Carvalho, Heliodoro de Brito, Frederico Rhossard, João de Deus do Rêgo, Joaquim Sarmanho, Barroso Rebelo e esse meu querido e nunca chorado companheiro

Henrique Rhossard formavam a falange distinta que estreou naquele órgão de publicidade.<sup>37</sup>

Diferentemente dos demais, o *Diário de Belém*, embora mantivesse ainda a publicação de narrativas ficcionais traduzidas ou extraídas de outras folhas periódicas, foi o primeiro jornal na capital paraense a lançar pequenos contos e romances em fascículos no rodapé da página assinados por escritores fixados na província do Pará.

Seguindo a mesma tendência que se arrolava na maioria das províncias do Brasil oitocentista, a publicação de romances-folhetins também se tornou febre em jornais que circularam por Belém, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX.<sup>38</sup> O *Diário do Grão-Pará*, *O Liberal do Pará*, o *Diário de Notícias*, o *Jornal do Pará* e *A Província do Pará*, por exemplo, são periódicos de circulação diária que, em meio a outras repartições reservadas à publicação de prosa de ficção nas páginas jornalísticas (*Literatura*, *Variedades*, entre outras), apresentavam a coluna *Folhetim* como uma seção fixa.

Segundo Marlyse Meyer, o espaço destinado ao *Folhetim* tinha uma finalidade muito específica: era um espaço vazio reservado exclusivamente ao entretenimento que suscitava todas as formas e todas as modalidades de diversão escrita, a exemplo de piadas, charadas, receitas de cozinha, dicas de beleza, críticas de teatro e resenhas de livros recém-lançados, além – é claro! – da prosa de ficção, seja no talhe das histórias curtas construídas em poucos pedaços ou até mesmo em apenas um único fascículo, seja no feitio das longas publicações em série.<sup>39</sup>

Nesse espaço do rodapé dos periódicos que circularam em Belém durante o século XIX, eram comumente publicadas narrativas ficcionais em série, mas voltadas quase sempre

<sup>37</sup> SATÃ. **A República**, Belém, 24 ago. 1890, Aos domingos, p. 2.

<sup>38</sup> Para além dos limites do Rio de Janeiro, diversos trabalhos atestam a circulação de folhetins em outras províncias do país durante o século XIX, como no Mato Grosso, na Paraíba, no Rio Grande do Sul, no Pará, no Maranhão e em São Paulo. Sobre a circulação de folhetins em jornais do Mato Grosso, cf. NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das miscelâneas**: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2002; a respeito da presença de romances-folhetins na imprensa periódica do Rio Grande do Sul, cf. HOHLFELDT, Antonio. **Deus escreve direito por linhas tortas**: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003; em relação à publicação de prosa de ficção em periódicos belenenses oitocentistas, cf. SALES, Germana Maria Araújo. **Folhetins**: uma prática de leitura no século XIX. **Entrelaces** (UFC), v. 1, p. 44-56, 2007; quanto à repercussão de narrativas ficcionais em periódicos paulistas do século XIX, cf. GARCIA, Débora Cristina Ferreira; FERREIRA, Luzmara Curcino. A recepção do folhetim pelo *Correio Paulistano*. **IPOTESE**, Juiz de Fora, n. 2, v. 17, p. 89-100, jul./dez. 2013; no que se refere à divulgação de folhetins paraibanos no século XIX, cf. FORMIGA, Girlene Marques; SILVA, Fabiana Sena da; BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico (organizadoras). **Miscelâneas, rodapés e variedades**: antologia de folhetins paraibanos do século XIX. João Pessoa: Ideia Editora, 2007; no tocante à circulação e à divulgação de prosa de ficção em jornais maranhenses, cf. SOUZA, Antonia Pereira de. **A prosa de ficção nos jornais do Maranhão oitocentista**. 2017. 329 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras. João Pessoa, 2017.

<sup>39</sup> Cf. MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

para as produções traduzidas ou extraídas de jornais do Rio de Janeiro. Sobre essa questão, Germana Maria Araújo Sales afirma que

Numa região marcada pela distância em relação aos centros culturais mais desenvolvidos, observa-se que a publicação do romance-folhetim na província do Grão-Pará se desenvolveu literariamente com os recursos mais acessíveis à região, como a publicação de traduções ou textos extraídos de jornais publicados no Rio de Janeiro. Concretamente, esta reprodução de textos ficcionais era mais acessível, pois as pesquisas indicam que havia um número reduzido de autores locais dedicados à escrita de prosa de ficção.<sup>40</sup>

Ao contrário desses outros jornais, o *Diário de Belém* foi o primeiro a dar início à publicação de prosa de ficção em regime seriado assinada por escritores fixados na capital paraense. Enquanto determinados jornais nunca se propuseram a experimentar o lançamento de narrativas ficcionais inéditas e originais, outros se dispuseram a colocar em prática essa proposta apenas alguns anos depois.

O *Diário do Grão-Pará*, por exemplo, apresentou como carro-chefe os romances de autoria atribuída a Camilo Castelo Branco (1825-1890), como “Coisas espantosas” (1863), “A neta do Arcediago” (1863), “O arrependimento” (1863), “A gratidão” (1863), “O bem e o mal” (1864), “A filha do doutor negro” (1864).<sup>41</sup> Muito além do grande número de romances do escritor lusitano lançados na folha jornalística em questão, os fascículos dessas obras, na maioria das vezes, ocuparam duas páginas de um mesmo número de jornal. Esse fato demonstra, portanto, o espaço de prestígio dado a Camilo Castelo Branco no *Diário do Grão-Pará*.<sup>42</sup> Além das variadas obras do romancista lusitano, foram publicados também nesse periódico romances assinados por escritores espanhóis – como “O monge negro” (1864), de Torcuato Tárrego y Mateos (1822-1889), e “O pistoleiro de Madrigal” (1867), de Manuel Fernández y González (1821-1888) – e franceses – a exemplo de “A vingança de Carvajam”

<sup>40</sup> SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. *Entrelaces* (UFC), v. 1, p. 44-56, 2007, p. 46.

<sup>41</sup> Henrique Marques, na *Bibliografia camiliana*, publicada em 1894, não reconheceu Camilo Castelo Branco como autor dos romances “O arrependimento” e “A gratidão”. O estudioso afirmou que essa confusão em torno desses títulos ocorreu em razão de uma estratégia arquitetada pelo editor Antonio José da Silva Teixeira de atribuir ao romance “Anos de prosa”, efetivamente de Camilo Castelo Branco, dimensões de livro, pois considerava-o insuficiente para publicá-lo isoladamente em volume e, portanto, acrescentou ainda “O arrependimento” e “A gratidão”, produções concedidas por um farmacêutico. Cf. MARQUES, Henrique. *Bibliografia camiliana*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1894.

<sup>42</sup> Sobre a circulação dos romances de Camilo Castelo Branco no *Diário do Grão-Pará*, cf. PAIVA, Cláudia Gizelle Teles. *Entre jornais, livrarias e gabinetes de leitura: a circulação de romances-folhetins camilianos no Pará oitocentista*. 2016. 113 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2016; LIMA, Neila Mendonça Garcês. *As narrativas camilianas no espaço folhetim do Diário do Grão-Pará na década de 1860*. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2014.

(1885), de Georges Ohnet (1848-1918), e “A roleta”<sup>43</sup> (1886), de Louis Ulbach (1822-1889). Em meio a tantas produções de ficcionistas de outras nacionalidades, foram divulgadas ainda algumas narrativas curtas de caráter ficcional cuja autoria foi atribuída a escritores brasileiros, assim como também foi lançado um pequeno número de publicações da mesma natureza sem nenhuma menção ao nome do autor. Apesar do número significativo de narrativas ficcionais, o *Diário do Grão-Pará* não publicou prosa de ficção de nenhuma espécie assinada pela pena de autores paraenses.

*O Liberal do Pará*, por sua vez, apresenta em suas páginas um número significativo de romances-folhetins de escritores franceses renomados, cujo sucesso também reverberou na província do Pará, a exemplo de “Catharina II, imperatriz da Rússia” (1871), de Alphonse de Lamartine (1790-1869); “Blanche de Beaulieu” (1871), de Alexandre Dumas (1802-1870); “História de um tabelião e de uma pipa de ouro em pó” (1872), de Paul Féval (1816-1887); “A fada d’Auteil” (1872-1873), de Ponson du Terrail (1829-1871); “O médico dos pobres” (1874-1875), de Xavier de Montépin (1823-1902); “Como as mulheres se perdem!” (1876), de Eugène de Mirecourt (1812-1880); “Sílvia” (1877), de Ernest Feydeau (1821-1873); “A morta” (1886), de Octave Feuillet (1821-1890); “Cortesã” (1886-1887), de Adolphe Belot (1829-1890); “A Sra. Verônica” (1887), de André Theuriet (1833-1907); “A primeira paixão” (1888), de Léon Tyssandier (1862-1916), e “Derradeiro amor” (1889), de Georges Ohnet (1848-1918).<sup>44</sup> Em meio a um número expressivo de romances assinados por escritores franceses, foram publicadas ainda no *O Liberal do Pará* obras do mesmo gênero escritas por autores europeus de outras nacionalidades, como “Pepita Jiménez” (1877), do espanhol Juan Valera (1824-1905); “O selo da roda” (1877), de Pedro Ivo, pseudônimo do português Carlos Lopes (1842-1906), e “A rainha Hortência: quadros da vida napoleônica” (1879), da alemã Luise Mühlbach (1814-1873). Nesse periódico, outras publicações referentes à prosa de ficção não apresentavam autoria ou foram assinadas por pseudônimos. Do mesmo modo que o *Diário do Grão-Pará*, *O Liberal do Pará* também não apresentou narrativas ficcionais de autores paraenses.

<sup>43</sup> É válido frisarmos que “A roleta”, antes de ser publicada em 1886 no *Diário do Grão-Pará*, já havia sido divulgada na capital paraense em 1884 no *Diário de Belém*. Salientamos também que a divulgação dos fascículos do romance de Louis Ulbach não chegou a ser concluída tanto no primeiro quanto no segundo periódico.

<sup>44</sup> A respeito da presença de romances-folhetins franceses no *O Liberal do Pará*, sobretudo de Alexandre Dumas, Xavier de Montépin e Ponson de Terrail, cf. SANTOS, Edimara Ferreira. **Dumas, Montépin e du Terrail: a circulação dos romances-folhetins franceses no Pará nos anos de 1871 a 1880**. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2011.

Não muito diferente do que ocorreu no *Liberal do Pará*, também prevaleceu nas páginas do *Diário de Notícias* a prosa de ficção assinada por escritores nascidos na França. Das publicações dessa natureza lançadas em poucos pedaços ou até mesmo em apenas um único fascículo, por exemplo, foram os principais representantes franceses Guy de Maupassant (1850-1893), Victor Hugo (1802-1885) e, sobretudo, Catulle Mendès (1841-1909). Muitos autores pertencentes a essa mesma nacionalidade, por sua vez, também assinaram a maior parte das longas narrativas ficcionais seriadas estampadas no *Diário de Notícias*, como “A estrela do Sul” (1885), de Jules Verne (1828-1905); “Os dramas de polícia” (1885-1886), de Fortuné du Boisobey (1821-1891); “Luiza” (1886), de Édouard Gourdon (1820-1869); “Sofia Printemps” (1886-1887), de Alexandre Dumas Filho (1824-1895); “Lise Fleuron” (1887), “Negro e cor de rosa” (1887) e “Derradeiro amor”<sup>45</sup> (1896), de Georges Ohnet (1848-1918); “As danadas de Paris” (1887-1889), de Jules Mary (1851-1922); “O rei dos ciganos” (1895), “A herança misteriosa” (1897) e “O clube dos valetes de copas” (1897), de Ponson du Terrail (1829-1871); “A louca de Quiberon” (1896), de Louis Noir (1837-1901); e “O senhor Choublanc” (1897), de Paul de Kock (1793-1871). Em meio a esses romances, chamamos a atenção para “As danadas de Paris”, de Jules Mary, pois essa obra saiu à luz no início de agosto de 1887 e foi concluída apenas em 9 de agosto de 1889 após alcançar o quingentésimo quinquagésimo oitavo fascículo e passar um pouco mais de dois anos sendo estampada em fascículos nas páginas do *Diário de Notícias* sem interrupções.<sup>46</sup>

Além dos romances assinados por franceses, foram divulgadas ainda no jornal obras pertencentes a esse mesmo gênero por portugueses, como “O grande circo” (1893-1894), de Gervásio Lobato (1850-1895), e “A amante de Jesus” (1894), de Alfredo Gallis (1859-1910). Diante de tantos autores europeus, foi divulgado no periódico também um único romance assinado por um brasileiro – “Os sonhos d’ouro” (1896-1897), de José de Alencar (1829-1877). É válido frisarmos, porém, que os autores nacionais, na folha jornalística em discussão, se destacaram mais como contistas, a exemplo de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), Coelho Neto (1864-1934), Oscar Leal (1862-1910) e Artur Azevedo (1855-1908). Convém ressaltarmos ainda que houve no *Diário de Notícias* algumas poucas publicações das mais distintas naturezas – nem todas, porém, são narrativas de cunho ficcional – assinadas por

<sup>45</sup> É importante frisarmos que o “Derradeiro amor”, antes de ser publicado em 1896 no *Diário de Notícias*, já havia sido lançado em 1889 no *Liberal do Pará*.

<sup>46</sup> A respeito da presença do romance-folhetim francês no *Diário de Notícias*, especialmente em relação às produções de caráter folhetinesco de Georges Ohnet, cf. CRUZ, Lady Ândrea Carvalho da. **Literatura e imprensa em Belém do Grão-Pará: o romance-folhetim no periódico Diário de Notícias, nos anos de 1881 a 1893.** 2012. 138 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2012.

escritores brasileiros radicados na província do Pará, como Paulino de Almeida Brito (1858-1918), José Eustáquio de Azevedo (1867-1943), José Pontes de Carvalho (?) e João Marques de Carvalho (1866-1910). Advertimos, contudo, que, em meio a esse pequeno grupo de autores, merece ressalva o nome de Antônio de Pádua Carvalho (1860-1889), pois esse paraense foi o único que apresentou um número significativo de contribuições – algumas divulgadas sob o pseudônimo de Sganarelo – para o *Diário de Notícias*, entre as quais figuram algumas narrativas ficcionais.<sup>47</sup>

Outro jornal de circulação diária em Belém que publicava com recorrência prosa de ficção era o *Jornal do Pará*. Nessa folha periódica, foram publicadas, por exemplo, as *Memórias de um sargento de milícias* (1867).<sup>48</sup> Embora saibamos hoje que esse romance foi escrito por Manuel Antônio de Almeida (1831-1861), o jornal em questão não identificou o nome do escritor como autor da obra. Todos os fascículos do romance lançados no rodapé do periódico foram assinados por “um brasileiro”.<sup>49</sup> Apesar da publicação das *Memórias de um sargento de milícias*, o conto foi o gênero que predominou nas páginas do *Jornal do Pará* e, na maioria das vezes, foi assinado por escritores brasileiros que não ganharam posteriormente projeção literária nacional, a exemplo de Aureliano José Lessa (1822-1861), Eduardo Ferreira França (1809-1857) e Francisco Bernardino de Souza (1834-?). O único escritor brasileiro de prestígio literário no território brasileiro a ter um trabalho do gênero publicado no periódico foi Machado de Assis (1839-1908), cujo conto “Muitos anos depois” (1875) foi divulgado sob o pseudônimo de “Lara”, do mesmo modo como foi lançado um ano antes no *Jornal das Famílias*, periódico que circulou na cidade do Rio de Janeiro durante a segunda metade do século XIX e cuja propriedade pertencia ao famoso editor francês Baptiste-Louis Garnier (1823-1893).<sup>50</sup> Assim como no *Diário do Grão-Pará* e no *Liberal do Pará*, não foram publicadas no *Jornal do Pará* narrativas ficcionais de autores paraenses.

<sup>47</sup> Sobre Pádua de Carvalho, cf. AZEVEDO, José Eustáquio de. **Antologia amazônica: poetas paraenses**. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970.

<sup>48</sup> Convém ainda ressaltarmos que as “*Memórias de um sargento de milícias*”, de Manuel Antônio de Almeida, depois de serem lançadas em 1867 no *Jornal do Pará*, voltaram a ser publicadas novamente em Belém na *Folha do Norte* em 1898. Cf. SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. **Entrelaces** (UFC), v. 1, p. 44-56, 2007.

<sup>49</sup> É interessante ressaltarmos que as *Memórias de um sargento de milícias* foram publicadas anonimamente entre 1852 e 1853 no *Correio Mercantil*, periódico que circulou pelo Rio de Janeiro. Quando receberam a versão em livro em 1854, foram assinadas por “um brasileiro”, assim como consta no *Jornal do Pará*. Esse fato indica que o romance de Manuel Antônio de Almeida publicado na folha periódica paraense seguiu possivelmente o mesmo modelo da versão divulgada em livro.

<sup>50</sup> Quanto à circulação de obras de autores brasileiros no *Jornal do Pará*, cf. MENDES, Juliana Yeska Torres. **Autores brasileiros no Jornal do Pará (1867-1878)**. 2017. 148 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2017. Acerca do diálogo estabelecido entre as narrativas ficcionais do *Jornal do Pará* e do *Jornal das Famílias*, cf. MARTINS, Patrícia Carvalho. **Jornal do Pará: o caminho literário entre espaços e diálogos na Belém**

NA *Província do Pará*, foram publicadas produções de escritores das mais distintas nacionalidades, a exemplo dos franceses, portugueses e espanhóis. Além de autores europeus, ficcionistas brasileiros também figuraram no periódico paraense – na maioria das vezes, naturais da região amazônica. Esse fato é um aspecto que distingue *A Província do Pará* dos demais periódicos anteriormente aludidos.

No jornal em questão, os folhetinistas franceses eram os mais frequentes entre os escritores estrangeiros. Georges Ohnet, Xavier de Montépin, Hector Malot, Alexis Bouvier, Ponson du Terrail, Octave Feuillet e Paul Féval eram alguns nomes muito recorrentes nas páginas do periódico e se destacavam mais pela produção de romances, a exemplo de “A marquesa ensanguentada” (1876), assinado pela Condessa Dash, pseudônimo de Gabrielle-Anne Cisterne de Courtiras (1804-1872); “Não é bom brincar com a dor” (1887), de Madame Émile de Girardin (1804-1855); “Os credores do cadafalso” (1881), de Alexis Bouvier (1836-1892); “História de uma parisiense” (1882), de Octave Feuillet (1821-1890); “Consórcio de uma artista” (1883), de Henry Gréville (1842-1902); “A grande marneira” (1885) e “No fundo do abismo” (1899), de Georges Ohnet (1848-1918); “Sem família” (1886), “Consciência” (1888) e “Justiça” (1890), de Hector Malot (1830-1907); “Forte como a morte” (1889) e “O nosso coração” (1892), de Guy de Maupassant (1850-1893); “O crime da rua Monge” (1890-1891), de Pierre Zaccone (1818-1895); “As deserddadas” (1892-1893), de Xavier de Montépin (1823-1902); “O corcunda” (1893-1894), de Paul Féval (1816-1887); “O médico vermelho” (1894), de Ponson du Terrail (1829-1871); “Os lobos de Paris” (1888-1889), de Jules Lermina (1839-1915), entre outros. Algumas dessas narrativas mantiveram-se por vários meses sendo publicadas aos pedaços na *Província do Pará* e conseguiram atingir um número superior a cem fascículos: “O crime da rua Monge”, de Pierre Zaccone, por exemplo, publicado de 23 de outubro de 1890 a 16 de maio de 1891, chegou ao centésimo décimo primeiro; “Os credores de cadafalso”, divulgado de 7 de junho a 17 de dezembro de 1881, ao centésimo vigésimo quinto; “O corcunda”, de Paul Féval, lançado de 12 de novembro de 1893 a 29 de junho de 1894, ao centésimo quadragésimo quarto; “Sem família”, de Hector Malot, estampado nas páginas do jornal entre 15 de janeiro e 28 de setembro de 1886, ao centésimo sexagésimo segundo; e “As deserddadas”, de Xavier de Montépin, saído à luz em 16 de junho de 1892 e concluído apenas em 11 de novembro de 1893, ao trecentésimo nonagésimo.

Além das obras de escritores franceses, publicações assinadas por autores de outras nacionalidades também estavam presentes nas páginas da *Província do Pará*. Entre os

portugueses, os que mais se destacaram, sobretudo como contistas, foram Eça de Queiroz (1845-1900), Pinheiro Chagas (1842-1895), Alexandre Herculano (1810-1877), Alberto Pimentel (1849-1925), Ramalho Ortigão (1836-1915), Alberto Braga (1851-1911) e Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921). O único que, na verdade, se distinguiu como romancista foi Pinheiro Chagas, cujo romance “Tristezas à beira-mar” foi dividido em trinta e seis fascículos publicados entre 20 de julho e 2 de setembro de 1880 na *Província do Pará*. Além desses escritores, foram divulgadas narrativas ficcionais de Rebelo da Silva (1822-1871), Jaime Séguier (1860-1932), Moura Cabral (1852-1922) e Artur Lobo d’Ávila (1843-1929). Cada um desses quatro últimos prosadores portugueses publicou um único conto. Ao todo, foram encontrados doze autores de origem lusitana nas páginas da *Província do Pará*. Esse número demonstra que as narrativas de ficcionistas portugueses, embora não sejam tão recorrentes assim como as francesas, foram divulgadas com frequência nesse periódico.

Entre os espanhóis, os mais assíduos folhetinistas foram Manuel Fernández y González (1821-1888), Ortega y Frias (1825-1883), Rafael del Castillo (1830-1908), sob o pseudônimo de Álvaro Carrillo, e Manuel Juan Diana (1814-1881). Esses autores se destacaram pela produção de romances publicados em série que se aproximaram da marca dos cem fascículos ou então conseguiram em larga escala ultrapassá-la: “O diabo na corte” (1896), de Ortega y Frias, por exemplo, lançado de 12 de maio a 23 de junho de 1896, chegou ao nonagésimo nono; “Lucrécia Bórgia” (1895-1896), de Manuel Fernández y González, publicado de 20 de julho de 1895 a 5 de maio de 1896, ao ducentésimo terceiro; “A rua da amargura” (1898), de Manuel Juan Diana, lançado de 7 de fevereiro a 10 de outubro de 1898, ao ducentésimo quadragésimo; e “Os cavaleiros do amor” (1897), de Rafael del Castillo, estampado no jornal entre 4 de janeiro e 30 de novembro de 1897, ao trecentésimo quadragésimo segundo. Convém ressaltarmos que a publicação de romances estampados nas páginas da *Província do Pará* assinados pela pena de escritores espanhóis tornou-se recorrente a partir do ano de 1896.

Depois dos franceses, portugueses e espanhóis, foram encontradas narrativas ficcionais de autores de outras nacionalidades, como “A papisa Joana” (1885) e “O papa negro” (1895), romances do italiano Ernesto Mezzabotta (1852-1901); “A casa das corujas” (1891), romance assinado por Eugenie Marlitt, pseudônimo da escritora alemã Friederike Henriette Christiane Eugenie John (1825-1887); e “Os três corações” (1890), romance do suíço Édouard Rod (1857-1910).

Em meio aos ficcionistas estrangeiros, os escritores brasileiros, na maioria das vezes, eram naturais da região amazônica. Embora fossem poucos, contribuíram com publicações em

forma de prosa de ficção para a imprensa periódica belenense oitocentista, sobretudo com narrativas curtas, divulgadas quase sempre em apenas um único fascículo. Marques de Carvalho (1866-1910), Juvenal Tavares (1850-1907), Paulino de Brito (1858-1918), Múcio Javrot (?-1904), Antônio de Carvalho (1867-1915), José Veríssimo (1857-1916), Frederico Rhossard (1868-1900), Acrísio Mota (1866-1907), Alfredo Pinto (?) e José Pontes de Carvalho (?) são alguns nomes de escritores naturais da Amazônia que figuraram nas páginas da *Província do Pará* com a publicação de trabalhos em prosa de ficção. Convém ressaltarmos que, no periódico em questão, houve também a circulação de um número considerável de narrativas ficcionais sem autoria ou com autoria ainda não identificada.

Como é possível percebermos, *A Província do Pará* apresentou um número significativo de publicações de prosa de ficção assinadas por autores provenientes da província do Pará em mais de vinte e quatro anos de circulação. É provável que René Moustache não tenha mencionado o papel desse periódico em “literatejar”, pois as produções de autores da região nessa folha começaram a aparecer a partir de 1885 e a crônica assinada pelo autor no *Diário de Belém* foi publicada em 1884.

O *Diário de Belém*, por sua vez, embora apresente quantitativamente em relação à *Província do Pará* um número um pouco menos expressivo de prosa de ficção assinada por ficcionistas paraenses, foi o primeiro periódico a conceder espaço e a oferecer oportunidade a esses escritores, os quais puderam se aventurar pela produção literária tanto em verso quanto em prosa. Enquanto *A Província do Pará*, por exemplo, lançou o primeiro romance assinado por um escritor paraense em 1885, apresentando aos leitores do jornal – em rodapé e em regime seriado – “A leviana: história de um coração”, de Marques de Carvalho (1866-1910), o *Diário de Belém* já havia realizado o mesmo feito em 1882, lançando – também aos pedaços e ao pé da página – “O homem das serenatas”, de Paulino de Brito (1858-1918). Além disso, é válido ressaltarmos também que grande parte dos escritores paraenses iniciou a carreira jornalística no *Diário de Belém*. O próprio Marques de Carvalho, antes de começar a colaborar para *A Província do Pará*, onde publicaria depois, além do romance anteriormente mencionado, diversos contos, lendas e poemas, estreou como escritor e jornalista no *Diário de Belém*, onde já havia antes lançado vários poemas e o romance “Ângela”.

Esse rápido passeio pela circulação de prosa de ficção em alguns periódicos que circularam pela capital paraense a partir da segunda metade do século XIX demonstra uma preferência – se não dos leitores, ao menos dos editores desses jornais – pelas narrativas ficcionais de autoria europeia, sobretudo quando se trata do romance assinado pela pena de

escritores europeus, com destaque acentuado para os franceses.<sup>51</sup> No entanto, a prosa de ficção elaborada por autores paraenses, embora não esteja tão presente nas páginas da imprensa belenense oitocentista quanto a de origem estrangeira, apresenta-se, ainda assim, de uma maneira muito expressiva, visto que encontramos um número considerável de homens de letras interessados em lançar poemas, crônicas, contos e romances em alguns jornais que circularam por Belém nesse período.

---

<sup>51</sup> A respeito da circulação de prosa de ficção em Belém na primeira metade do século XIX, precisamente entre 1822 e 1850, Simone Cristina Mendonça afirma que predominavam nos periódicos lançados na capital paraense desse período contos publicados, na maioria das vezes, anonimamente ou contando apenas com as iniciais do autor como forma de indicação de autoria. Cf. MENDONÇA, Simone Cristina. **Letras e livros em Belém (1822-1850)**. São Paulo: Scortecci, 2016.

## 1.2. *Diário de Belém*: uma folha literária

O *Diário de Belém* saiu à luz em 3 de agosto de 1868 e manteve-se em circulação por mais de duas décadas. Logo nos primeiros anos, esse jornal foi intitulado uma “folha política, noticiosa e comercial” e, a partir de 1873, quando se tornou órgão especial do comércio, tornou-se uma “folha política, noticiosa e literária”. Provavelmente a partir de 1879, essa designação também desapareceu e o periódico passou a ser denominado apenas como “órgão especial do comércio”.<sup>52</sup>

Assim como outros que circularam em Belém, o *Diário de Belém* foi um periódico que, com efeito, se preocupou em oferecer espaço e proporcionar visibilidade ao campo literário, pois publicava em suas páginas diversos gêneros, como poemas, crônicas, contos, romances, peças de teatro e trabalhos de crítica literária; apresentava colunas específicas onde todos esses gêneros tinham sempre espaço garantido, a exemplo das seções *Folhetim*, *Parte Literária*, *Letras e Artes*, *Variedade(s)*, *Literatura* e *Bouquet literário*; informava os leitores acerca das novas produções e da vida dos escritores, tanto dos nacionais quando dos estrangeiros, sobretudo em relação aos que detinham fama e prestígio.<sup>53</sup>

Logo quando surgiu, o *Diário de Belém* possuía quatro páginas, as quais eram divididas em cinco colunas – configuração que permaneceu assim por muitos anos. A partir de 1º de julho de 1886, o jornal manteve ainda o mesmo número de laudas, mas passou a dispor de seis colunas. Quando teve início o ano de 1889, o *Diário de Belém*, sob a direção de Henrique Rhossard, sofreu uma mudança mais drástica na sua estrutura gráfica e na sua forma de apresentação visual: dobrou o número de páginas, pulando de quatro para oito laudas; diminuiu o número de colunas, as quais passaram de seis para quatro; aumentaram o tamanho das letras e o espaço entre as linhas; inseriram novas seções, como a *Parte Literária*, que oferecia aos leitores, sempre à primeira página, poemas e contos compostos por autores nacionais e estrangeiros e cujo aparecimento ocorria apenas aos domingos e às vezes em alguns feriados.

Essa mudança gráfica, segundo o próprio *Diário de Belém*, foi proposta com a intenção de trazer melhorias ao serviço prestado, como (1) oferecer aos leitores maior

<sup>52</sup> Não nos foi possível precisar exatamente o ano em que a denominação do jornal foi novamente alterada em razão da ausência de muitos números do jornal durante o período correspondente no site da Hemeroteca Digital Brasileira.

<sup>53</sup> Carlos Rocque afirma que o *Diário de Belém* sobreviveu até os primeiros anos republicanos e desapareceu em 1892. Convém, no entanto, ressaltarmos que os números do periódico no site da Hemeroteca Digital Brasileira limitaram-se até o ano de 1889. Cf. ROQUE, Carlos. A imprensa de Belém no Império. In: \_\_\_\_\_. **História geral de Belém e do Grão-Pará**. Belém: Distribel, 2001.

comodidade ao manusear o jornal; (2) deleitá-los com importantíssimas crônicas sobre os mais notáveis acontecimentos políticos e sociais, comentados de maneira imparcial, a respeito da Europa, da América e especialmente do Brasil, com particularidade para a província do Pará; (3) empregar toda a circunspeção em relatar os mais importantes fatos comerciais, os quais passariam a ser vantajosamente desenvolvidos; (4) dirigir à literatura toda a diligência que se poderia empregar para revelar todo o seu movimento universal.<sup>54</sup>

É válido ressaltarmos que a mudança na estrutura gráfica do periódico não interferiu no preço do produto. Antes dessas transformações, as assinaturas trimestrais para a capital custavam 6\$000, enquanto as semestrais para o interior da província do Pará eram obtidas pelo valor de 13\$000. O custo do número avulso, por sua vez, era de 100 réis. A partir da mudança, os preços das assinaturas, tanto para a capital quanto para o interior, continuaram os mesmos e o valor do número avulso ainda caiu para 60 réis. Convém ainda frisarmos que o *Diário de Belém* ampliou as condições de subscrição. Antes das mudanças no projeto gráfico, as assinaturas para a capital eram apenas trimestrais e, após a nova roupagem, passou a haver também assinaturas semestrais e anuais, enquanto o interior passou a ter ainda a assinatura anual, além da semestral.

A alteração do planejamento gráfico também trouxe consigo uma grande novidade para os leitores. Para mostrar o reconhecimento para com os assinantes, o *Diário de Belém* resolveu estabelecer seis brindes mensais em dinheiro, cujo plano vinha sempre localizado em grande destaque na última página do periódico (cf. figura 1.1). É válido ressaltarmos que o anúncio relativo a esses brindes foi exposto pela última vez em 19 de janeiro de 1889. Esse fato demonstra que essa forma de oferecer prêmios em dinheiro aos assinantes não perdurou por muito tempo – provavelmente por não ter sido uma prática vantajosa para o periódico.

Em razão de toda essa nova proposta de fazer jornal (mudança na estrutura gráfica, manutenção do preço do produto, sorteio de brindes e uma coluna literária aos domingos ocupando a primeira página inteira), percebemos a nítida intenção do *Diário de Belém* em atrair o maior número possível de leitores e assinantes.

Convém frisarmos que as alterações na apresentação visual do *Diário de Belém* perduraram até 31 de março de 1889 e, por conseguinte, persistiram por apenas três meses. A partir de 2 de abril do mesmo ano, o periódico retornou ao antigo projeto gráfico: quatro páginas compostas por seis colunas.

---

<sup>54</sup> Cf. **Diário de Belém**, Belém, 1 jan. 1889, p. 2.

No *Diário de Belém*, a coluna *Folhetim* foi o carro-chefe da publicação de prosa de ficção, mas essa seção era também ocupada por poemas, peças de teatro, crônicas teatrais e trabalhos de crítica literária. Nesse espaço, o romance e o conto, no entanto, eram os gêneros que mais predominavam. O primeiro romance a ser publicado no rodapé desse jornal foi “A mulher imortal”, de Ponson du Terrail (1829-1871). Essa obra saiu à luz em 3 de janeiro de 1869 e, depois de mais três meses em circulação, foi concluída em 8 de abril do mesmo ano (cf. figura 1.3). Convém frisarmos ainda que o segundo romance a ser encetado logo em seguida nas páginas do *Diário de Belém* foi “A segunda mocidade de Henrique IV”, outro trabalho também escrito pela pena de Ponson du Terrail, lançado em 13 de abril de 1869 e, após mais de quatro meses em regime de publicação, finalizado em 4 de setembro do mesmo ano.

Desde quando começou a aparecer nas folhas do *Diário de Belém*, o *Folhetim* localizava-se sempre no rodapé das primeiras laudas do jornal, separada do resto da folha e das demais seções por uma linha horizontal contínua. A partir, no entanto, do ano de 1889, o periódico retirou o espaço destinado ao *Folhetim* da parte inferior da página e passou apresentá-lo como outra coluna qualquer (cf. figura 1.2). Esse fato, portanto, apagou com uma das principais peculiaridades dessa seção comumente presente em periódicos do século XIX: a localização no rodapé das páginas dos jornais. Convém, no entanto, ressaltarmos que, a partir de 2 de abril de 1889, quando o *Diário de Belém* retornou ao formato anterior, o *Folhetim* foi, aos poucos, perdendo espaço, aparecendo, em algumas ocasiões, no rodapé da segunda ou, às vezes, da terceira página do jornal.

O romance “Laura”, do francês Henri de Pène (1830-1888), foi o primeiro a ser divulgado no *Folhetim* a partir dessa nova configuração. Essa obra já vinha sendo publicada no rodapé da página do *Diário de Belém* desde o dia 23 de outubro de 1888. A última aparição dessa narrativa ficcional no ano em que foi lançada realizou-se em 29 de dezembro, quando foi publicado o trigésimo sexto fascículo desse trabalho de ficção de Henri de Pène. No início do ano subsequente, a publicação dessa obra, depois de ter sido suspensa por alguns dias, foi retomada apenas em 9 de janeiro de 1889 e ocupou a quarta coluna inteira da quarta página. Nessa mesma data, o periódico divulgou uma nota para informar os leitores sobre a continuidade da publicação dos fascículos desse trabalho: “Recomeçamos hoje a publicação do folhetim *Laura* que, por algum tempo, esteve interrompido, devido à afluência de serviço”<sup>55</sup>. Além de ter sido o primeiro a ser divulgado no novo modelo do *Folhetim*, o

<sup>55</sup> *Diário de Belém*, Belém, 9 out. 1889, p. 3.

romance de Henri de Pène também foi o único a desfrutar desse espaço, pois, como já mencionamos antes, o *Diário de Belém*, a partir de 2 de abril de 1889, voltou ao seu formato anterior e, nessa data, a obra do escritor francês ainda não havia sido concluída.

Quando foi inaugurado no *Diário de Belém*, o *Folhetim* era divulgado na primeira página do periódico, ocupava todas as colunas e, portanto, preenchia toda a extensão destinada ao rodapé (cf. figura 1.3). A partir de 1880, a seção passou da primeira para a segunda página, onde permaneceu por muitos anos. Quando essa mesma coluna, por exemplo, aparecia na terceira lauda do jornal, esse fato ocorria, muitas vezes, em razão de duas publicações serem estampadas no mesmo número do *Diário de Belém*, a exemplo da crônica “Cabriolas”, assinada por Álvaro da Luz (?), e do vigésimo segundo fascículo do romance “A túnica de Nesso”, escrito pela pena do francês Amedée Achard (1814-1875), publicados em 5 de janeiro de 1882, na segunda e na terceira página, respectivamente.

Percebemos também que esse espaço do *Folhetim* às vezes apresentava mais de uma narrativa não em páginas diferentes, mas na mesma página. No dia 19 de fevereiro de 1888, por exemplo, o quadragésimo segundo fascículo do romance “A vingança secreta”, de Arthur Matthey, pseudônimo de Arthur Arnould (1833-1895), e o conto “Um construtor de nuvens”, de Alfredo Pinto (?), foram publicados na coluna *Folhetim* do *Diário de Belém*. A narrativa de autoria do escritor francês foi localizada nas três primeiras colunas da segunda página, enquanto o trabalho ficcional do outro escritor, por sua vez, foi encontrado nas três últimas, além de ainda preencher apenas a primeira coluna da terceira página (cf. figura 1.5 e figura 1.6). A publicação de mais de uma narrativa ficcional no mesmo número de jornal e até mesmo no próprio espaço do rodapé não era uma peculiaridade exclusiva do *Diário de Belém*. Segundo Yasmin Nadaf, “a febre do romance-folhetim ganhou tamanha proporção que alguns jornais brasileiros chegaram a publicar simultaneamente mais de uma obra num só exemplar ou mais de um título num só rodapé, acompanhando o modismo da imprensa francesa”<sup>56</sup>.

É válido ressaltarmos ainda que, aos poucos, a coluna *Folhetim* no *Diário de Belém* foi deixando de ocupar toda a extensão do espaço destinado ao rodapé para restringir-se, na maioria das vezes, às colunas do meio da página. Essas ocorrências, no entanto, manifestavam-se inicialmente de maneira eventual, mas, com o passar do tempo, tornaram-se cada vez mais frequentes, de tal modo que a exceção, nos últimos anos da penúltima década do século XIX, transformou-se em regra.

---

<sup>56</sup> NADAF, Yasmin Jamil. O romance-folhetim francês no Brasil: um percurso histórico. *Letras* (UFMS), v. 39, p. 119-138, 2009, p. 132.

Saído à luz em 29 de março de 1882, o décimo segundo fascículo do romance “A idiota”, de Émile Richebourg (1833-1898), por exemplo, foi estampado apenas na segunda, terceira e quarta coluna (cf. figura 1.4), pois a primeira e a quinta foram designadas a outras seções. Divulgado entre 12 de março e 21 de outubro de 1882, o romance de Émile de Richebourg, no entanto, teve cento e cinquenta e oito fascículos estampados nas cinco colunas reservadas ao rodapé das páginas do *Diário de Belém* e apenas o décimo segundo ficou restrito às três colunas do meio, número que em porcentagem corresponde a somente 0,65% do total. Publicado já em meados da penúltima década do século XIX, o romance “O segredo terrível”, da escritora inglesa Mary Elizabeth Braddon (1835-1915), por sua vez, foi lançado especificamente entre 10 de maio e 5 de novembro de 1885 e foi dividido em noventa e seis fascículos, dos quais somente dezessete não ocuparam toda a extensão do rodapé, soma que representa 18,75% da totalidade.

A partir, contudo, de 1887, verificamos que o contexto das publicações folhetinescas, com efeito, começou a se transformar, pois já foram poucas as ocorrências em que a primeira coluna foi preenchida pelo espaço destinado ao *Folhetim*. Nesse período, os fascículos dos romances publicados no rodapé do *Diário de Belém*, na maior parte das ocorrências, começavam da segunda coluna em diante. O romance “O segredo de Daniel”, assinado pelo francês Jules Gastyne (1847-1920), por exemplo, foi divulgado entre 1º de maio e 20 de julho de 1887 e foi dividido em sessenta e um fascículos, dos quais apenas o quinquagésimo nono e o sexagésimo primeiro começaram a partir da primeira coluna, soma que em porcentagem corresponde a aproximadamente 3,25% do montante.

A partir de 1888, notamos também que o número de episódios em que a sexta (e última) coluna foi preenchida reduziu bastante. O romance “Os amores da duquesa”, do francês Charles Diguët (1836-1909), por exemplo, saiu em *Folhetim* do *Diário de Belém* entre 24 de julho e 19 de outubro de 1888 e foi dividido em quarenta e três fascículos, dos quais apenas sete chegaram a ocupar a última coluna, quantitativo que percentualmente equivale a 16,25% do total. Convém ressaltarmos ainda que nenhum dos fascículos do romance em questão começou a partir da primeira coluna.

Todos esses episódios que mostramos recentemente evidenciam uma paulatina perda do espaço dedicado ao *Folhetim* nas páginas do *Diário de Belém*. No início de vida do periódico, os fascículos de romances, de modo geral, ocupavam integralmente toda a extensão do rodapé da página do jornal. Com o passar do tempo, começaram a abranger eventualmente apenas as colunas centrais, enquanto as laterais foram reservadas a outras seções. À medida que avançavam os anos, a ocupação da parte central do rodapé se tornava cada vez mais

recorrente, de tal modo que o espaço destinado ao *Folhetim*, já no final da penúltima década do século XIX, consistia predominantemente apenas nas quatro colunas do meio. Esse fato, portanto, demonstra que o rodapé vinha perdendo, aos poucos, cada vez mais espaço. A seção em questão possuía seis colunas e, ao longo do tempo, passou a ter quatro, número que equivale em porcentagem a quase 66,75% da área total designada anteriormente ao *Folhetim*. Convém ressaltarmos ainda que, a partir de meados de 1889, o rodapé entrava em acelerado declínio, pois cada vez menos se tornava presente nas páginas do *Diário de Belém*.

É importante, no entanto, evidenciarmos que os fascículos de romances, no final da penúltima década do século XIX, nem sempre se resumiam à parte central do rodapé. Houve, por exemplo, um único caso ocorrido em 2 de abril de 1889 em que o sexagésimo quinto fascículo do romance de Henri de Pène – “Laura” – ficou restrito às três primeiras colunas, localizadas somente na parte lateral esquerda da coluna *Folhetim* (cf. figura 1.7). Houve ainda algumas situações também bastante eventuais em que determinadas narrativas ficcionais curtas, publicadas em um único fascículo, ainda chegaram a ocupar toda a extensão do rodapé da página, desde a primeira até a última coluna, como “As duas margaridas”, de Catulle Mendès (1841-1909), narrativa saída à luz em 23 de dezembro de 1888 (cf. figura 1.8).

É válido ressaltarmos que os indícios de desaparecimento do espaço folhetinesco no *Diário de Belém* ao longo da penúltima década do século XIX são os mesmos que Yasmin Nadaf enumera a respeito do declínio dessa coluna em periódicos cariocas a partir do início do século XX:

Passada essa fase de publicação epidêmica de ficção nacional e estrangeira no rodapé dos jornais cariocas, o gênero começou a enfrentar alguns fatores históricos corrosivos que paulatinamente foram contribuindo para o seu desaparecimento no terceiro decênio do século XIX. Entre esses fatores, chamamos a atenção para [...] o deslocamento do espaço folhetim para as páginas do meio ou do final, e a diminuição da linha do rodapé que, ao contrário de ocupar um extremo a outro da página como vinha fazendo, ficará confinado a apenas metade dela.<sup>57</sup>

O *Folhetim* no *Diário de Belém* entrou em processo de desaparecimento já no final da penúltima década do século XIX, mas, enquanto permaneceu por anos sendo estampado com regularidade nas páginas desse periódico, foi alvo de grande interesse dos editores, que lançavam diversas notas sobre as narrativas ficcionais que divulgavam e até mesmo sobre outras formas de publicação que ofereciam ao público. Essas notas eram, na maioria das vezes, direcionadas aos leitores e, excepcionalmente, aos colaboradores do periódico. Além

<sup>57</sup> Cf. NADAF, Yasmin Jamil. O romance-folhetim francês no Brasil: um percurso histórico. *Letras* (UFSM), v. 39, p. 119-138, 2009, p. 133.

disso, apareciam quase sempre encetadas pelas denominações em negrito “Folhetim”, “O nosso folhetim”, “O novo folhetim” ou “Expediente”, localizadas geralmente na segunda folha do jornal, a mesma onde se encontrava a coluna *Folhetim*. Essas notas ainda eram publicadas para os mais variados fins, como (1) indicar e promover a leitura dos novos trabalhos lançados no rodapé do *Diário de Belém*; (2) pedir desculpas pela suspensão das narrativas ficcionais divulgadas em regime seriado; (3) exaltar a figura dos autores e às vezes dos tradutores; (4) apresentar um resumo e, ocasionalmente, um julgamento crítico em relação às publicações lançadas no « *rez-de-chaussée* »; (5) elevar a figura da mulher como colaboradora do jornal, entre outros.

É válido, porém, enfatizarmos que a principal finalidade dessas notas era atrair a atenção dos leitores do *Diário de Belém* para as narrativas ficcionais publicadas nas páginas do jornal com o intuito de incentivá-los a lê-las. Não é à toa que a maior parte dessas notas é justamente dirigida a esse público. Algumas ocorrências demonstram ainda que os editores, ao procurarem estabelecer nessas notas um diálogo com os leitores, se preocupavam (1) em demarcar a distinção entre os sexos masculinos e femininos, quando utilizavam expressões como “aos nossos estimáveis leitores e elegantes leitoras”; (2) em colocar em relevo a figura da mulher, quando empregavam sentenças como “pelos nossos leitores, em especial pelas nossas leitoras”; (3) em se remeter exclusivamente ao público feminino, quando recorriam a denominações como “às amáveis leitoras”. Essas designações, que colocam sempre em evidência a figura da mulher, revelam que os editores do *Diário de Belém* cuidavam em atrair a atenção do público feminino para as publicações lançadas no *Folhetim*, visto que as leitoras eram consideradas pela sociedade da época como as principais consumidoras das produções divulgadas no rodapé, quase sempre ligadas ao entretenimento.

Diversos estudiosos demonstram que as mulheres do século XIX – não apenas no Brasil como também na Europa – eram consideradas como as principais consumidoras de romances-folhetins. Anne-Marie Thiesse, por exemplo, a fim de saber como se concretizavam as práticas de leitura na França durante o período da *Belle Époque*, realizou entrevistas com pessoas que vivenciaram essa época e chegaram a viver até depois de meados da segunda metade do século XX.<sup>58</sup> Nesse sentido, os entrevistados eram indivíduos já em idade muito avançada. Sobre a leitura de romances-folhetins na França dessa época, Anne-Marie Thiesse afirma que eram muito raros, entre os entrevistados do sexo masculino, aqueles que admitiam ter lido romances-folhetins. Além disso, algumas mulheres às quais a pesquisadora

---

<sup>58</sup> Cf. THIESSE, Anne-Marie. **Le roman au quotidien**: lecteurs et lectures populaires à Belle Époque. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

perguntava se os pais liam folhetins explodiam de rir diante da incongruência da questão. Segundo a autora, não se pode deduzir que os homens nunca liam os folhetins, mas sim que essa prática era julgada inconveniente para os indivíduos do sexo masculino. As questões sobre a leitura de folhetins pelas mães, ao contrário, eram sempre recebidas com bastante naturalidade. As entrevistas, portanto, revelaram que as mulheres eram consideradas pela sociedade francesa da época como as leitoras em potencial de romances-folhetins.

Sobre a leitura realizada pelo público feminino no Brasil do século XIX, Ubiratan Machado assegura que a maioria das mulheres, sobretudo as jovens e casadoiras, interessava-se tanto pela emoção transmitida pela poesia quanto pelos romances-folhetins.<sup>59</sup> Segundo o autor, o consumo dessas produções por mulheres estava relacionado à alfabetização feminina. Esse fato contribuiu também para que os jornais se multiplicassem e aumentassem as tiragens, pois o público feminino encontrava-se apto a ler e passou a se interessar também pela leitura dos periódicos. Do mesmo modo, Marlyse Meyer assegura que “misturada com a questão do popular, ou melhor, confundida com ela em se tratando do gênero romance, está a questão do gênero do leitor. Ou seja, quem lê romances [...] é a mulher. A mulher [...] é o destinatário ‘natural’ do romance”<sup>60</sup>. Germana Maria Araújo Sales, por sua vez, afirma que os escritores brasileiros durante o século XIX, a exemplo de Joaquim Manuel de Macedo, dirigiam-se frequentemente às leitoras nos prefácios dos romances, pois as mulheres eram consideradas o maior público consumidor de obras do gênero.<sup>61</sup> A respeito da situação das leitoras no Brasil durante o Oitocentos, Marisa Lajolo e Regina Zilberman, a partir do testemunho dos viajantes, demonstram também que as mulheres recebiam nesse período pouca educação e instrução e dedicavam-se basicamente à leitura de romances frívolos publicados tanto em livro quanto em jornais, a exemplo dos romances-folhetins.<sup>62</sup>

As notas sobre folhetins publicadas no *Diário de Belém*, contudo, não se preocupavam apenas em exaltar a figura das leitoras, mas também em enaltecer as contribuições ofertadas pelas colaboradoras. No dia 11 de março de 1883, por exemplo, o *Folhetim* apresentava uma crônica sem autoria intitulada “O princípio da sabedoria” e vertida do francês por Guilhermina Braule, uma colaboradora eventual do jornal em questão. No mesmo dia e ainda na mesma página dessa publicação, uma nota foi divulgada em agradecimento ao trabalho de

<sup>59</sup> Cf. MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o Romantismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.

<sup>60</sup> MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 379.

<sup>61</sup> Cf. SALES, Germana Maria Araújo. **Palavra e sedução: uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881)**. 2003. 387 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2003.

<sup>62</sup> Cf. LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A leitora no banco dos réus. In: \_\_\_\_\_. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2009.

colaboração da tradutora. Segundo o *Diário de Belém*, as colunas do periódico foram honradas “com uma mimosa tradução da elegante pena da Exma. Sra. D. Guilhermina Braule”<sup>63</sup>. Ainda nessa mesma nota, o jornal ainda afirma que a colaboradora veio “abrilhantar a já vigorosa plêiade de talentos que nos cerca, que nos anima e que nos eleva no conceito e na gratidão da nossa literatura”<sup>64</sup>.

Após dois dias, a mesma crônica traduzida por Guilhermina Braule, para espanto e surpresa dos leitores que acompanhavam diariamente a folha jornalística, foi novamente estampada no rodapé do periódico. Para explicar ao público a razão desse episódio inusitado, o *Diário de Belém* lançou outra nota na mesma página onde estava localizado o « *rez-de-chaussée* » para informar que “por descuido do revisor saiu com algumas graves incorreções o nosso folhetim de domingo”<sup>65</sup>. Por esse motivo, o jornal, nessa última nota, dirigiu um pedido de desculpas muito cortês e elogioso a Guilhermina Braule e justificou que a reprodução da crônica traduzida pela colaboradora foi uma forma de lhe fazer justiça diante do desagradável acontecido. Vejamos: “Pedindo desculpas à nossa ilustrada cooperadora, dessa falta toda involuntária, o reproduzimos hoje, contando que, assim fazendo, teremos feito justiça à jovem e inteligente literata paraense e cumprido um dever de cavalheiro”<sup>66</sup>.

No dia 4 de julho de 1883, uma nova tradução de Guilhermina Braule foi estampada no *Folhetim do Diário de Belém*. Dessa vez, a colaboradora traduziu uma crônica escrita pela escritora francesa Emeline Raymond intitulada “A música em Paris em 1885”. No mesmo dia e na mesma página onde se localizava o rodapé, o jornal divulgou outra nota elogiosa em agradecimento ao trabalho oferecido pela tradutora: “Damos hoje, na seção competente, o mimoso folhetim da hábil pena de madame Emeline Raymond, distinta literata francesa, e vertido para o português pela nossa não menos distinta comprovinciana e gentil menina D. Guilhermina Braule”<sup>67</sup>. Convém, no entanto, ressaltarmos que a importância crucial dessa nota reside na defesa promovida pelo *Diário de Belém* acerca do trabalho da mulher na imprensa periódica. Vejamos:

É justo que as senhoras vão reivindicando os seus indiscutíveis direitos nas lides da imprensa, até hoje exclusivamente entregue aos homens.

É certo que custariam a debelar os preconceitos, que ainda hoje vexam nossa sociedade, mas, a perseverança e essas espaçadas tentativas irão provando aos

<sup>63</sup> *Diário de Belém*, Belém, 11 mar. 1883, p. 2.

<sup>64</sup> *Diário de Belém*, Belém, 11 mar. 1883, p. 2.

<sup>65</sup> *Diário de Belém*, Belém, 13 mar. 1883, p. 2.

<sup>66</sup> *Diário de Belém*, Belém, 13 mar. 1883, p. 2.

<sup>67</sup> *Diário de Belém*, Belém, 4 jul. 1883, p. 2.

incrédulos, que a craneação e a mentalidade da mulher não é em nada inferior à do homem.<sup>68</sup>

Guilhermina Braule, porém, não foi a única colaboradora a receber elogios dos editores do *Diário de Belém*. Olívia Cordeiro de Castro, por exemplo, foi a cooperadora responsável pela tradução do folhetim do dia 8 de abril de 1883. Nessa data, o *Diário de Belém* lançou uma nota em agradecimento à contribuição da tradutora: “Respeitosamente agradecemos à Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Olívia Cordeiro a sua dedicada oferta, e contamos que o *Diário de Belém* terá repetidas vezes a honra de ver suas páginas ilustradas com sua delicada cooperação”<sup>69</sup>.

As colaboradoras do *Diário de Belém*, no entanto, não se dedicavam apenas aos trabalhos de tradução. Lucinda dos Reis, por exemplo, lançou no rodapé do jornal, no dia 30 de janeiro de 1887, um folhetim intitulado “Cartas a Alzira de Azevedo” e, nessa publicação, apresentava à amiga, além de outros assuntos, as maravilhosas impressões que a leitura do romance do escritor amazonense Paulino de Almeida Brito (1858-1918) – “O homem das serenatas” – lhe havia provocado.<sup>70</sup>

Além de colocar em evidência a figura e as contribuições das colaboradoras no *Diário de Belém*, as notas sobre folhetins também eram usadas para oferecer esclarecimentos a respeito da suspensão temporária das narrativas oferecidas ao público no rodapé do jornal e em regime seriado. Segundo uma nota no *Diário de Belém*, o lançamento do trabalho de Lucinda dos Reis mencionado no parágrafo anterior, por exemplo, foi motivo para a suspensão da publicação do romance “O caixão negro”, escrito pelo francês Emmanuel Pradier (1840-1908) e lançado na folha jornalística sob o pseudônimo de Georges Pradel. Essa obra já se encontrava no quadragésimo quarto fascículo e vinha sendo oferecida em pedaços aos leitores do periódico desde o final do ano de 1886. Sobre essa interrupção, o *Diário de Belém* emitiu a seguinte nota: “Hoje suspendemos a publicação do folhetim O CAIXÃO NEGRO, em vista de haveremos cedido o rodapé do nosso jornal a uma gentil colaboradora, a Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Lucinda dos Reis, que muito graciosamente no-lo pediu”<sup>71</sup>.

“Vindo de Paris”, por sua vez, romance de Joaquim Norberto de Souza e Silva (1820-1891) divulgado no « rez-de-chaussée » do *Diário de Belém*, foi lançado em 31 de dezembro de 1885 e recebeu a seguinte nota de divulgação: “Chamamos a atenção dos nossos amáveis leitores para o mimoso folhetim que hoje começamos a publicar, sob a epígrafe *Vindo de*

<sup>68</sup> *Diário de Belém*, Belém, 4 jul. 1883, p. 2.

<sup>69</sup> *Diário de Belém*, Belém, 8 abr. 1883, p. 2.

<sup>70</sup> Cf. REIS, Lucinda dos. Cartas a Alzira de Azevedo. *Diário de Belém*, Belém, 30 jan. 1887, Folhetim, p. 2.

<sup>71</sup> *Diário de Belém*, Belém, 30 jan. 1887, p. 2.

*Paris*, produção do ilustrado Dr. J. Norberto Souza e Silva”<sup>72</sup>. No dia 4 de janeiro do ano subsequente, os leitores, que aguardavam pelo quarto fascículo da obra, depararam-se apenas com uma nota de esclarecimento que informava o seguinte: “Por incômodo de moléstia de dois dos nossos compositores deixamos de dar hoje o interessantíssimo folhetim *Vindo de Paris*, o que faremos na próxima edição”<sup>73</sup>.

A “Vingança secreta”, no que lhe refere, foi um romance escrito por Arthur Matthey, pseudônimo de Arthur Arnould (1833-1895), traduzido por Henrique Rhossard e lançado no periódico em discussão no início do mês de dezembro de 1887. Depois do trigésimo quarto fascículo lançado em 1º de fevereiro de 1888, o romance do escritor de origem francesa passou alguns dias sem ser publicado. No dia 4 do mesmo mês, o *Diário de Belém* lançou uma nota aos leitores em esclarecimento à suspensão do trabalho do romancista francês: “Achando-se acamado o nosso amigo Henrique Rhossard, tradutor do romance *Vingança Secreta*, que estamos dando em folhetim, interrompemos por isso a sua publicação. Pedimos desculpa aos nossos leitores, desejando o pronto estabelecimento do nosso amigo”<sup>74</sup>. Após três dias, mais uma nota sobre a ausência desse romance é publicada no jornal. Vejamos:

Sabemos que entrou em convalescença o nosso dedicado cooperador Henrique Rhossard, que ainda impossibilitado de escrever, talvez comece a dar-nos a continuação da *Vingança Secreta* de quinta-feira em diante.  
Por esta demora, motivada por força maior, pedimos desculpa aos nossos leitores.<sup>75</sup>

Convém frisarmos que o romance em discussão passou oito dias sem nenhuma aparição nas páginas do *Diário de Belém* e apenas foi retomado em 10 de fevereiro de 1888, quando foi lançado o trigésimo quinto fascículo dessa narrativa. Nessa data, a obra do escritor francês mereceu outra nota: “**Vingança secreta.** – Reatamos hoje a publicação do nosso folhetim, prometendo dá-lo de hoje em diante com toda a regularidade”<sup>76</sup>. Vale ressaltarmos ainda que as notas sobre o romance do escritor francês pressupõem um interesse dos leitores pela continuação da narrativa.

Outros romances, no entanto, foram suspensos por outro motivo utilizado com frequência pelos editores do *Diário de Belém*: a afluência de serviço. Como exemplos, podemos citar dois romances aos quais já aludimos anteriormente: (1) “Os amores da duquesa”, de Charles de Diguët (1836-1909): “Por afluência de serviço deixamos de dar hoje

<sup>72</sup> *Diário de Belém*, Belém, 31 dez. 1884, p. 2.

<sup>73</sup> *Diário de Belém*, Belém, 4 jan. 1885, p. 2.

<sup>74</sup> *Diário de Belém*, Belém, 4 fev. 1888, p. 2.

<sup>75</sup> *Diário de Belém*, Belém, 7 fev. 1888, p. 2.

<sup>76</sup> *Diário de Belém*, Belém, 10 fev. 1888, p. 3.

o nosso folhetim”<sup>77</sup>; (2) “Laura”, de Henri de Pène (1830-1888): “Recomeçamos hoje a publicação do folhetim *Laura* que, por algum tempo, esteve interrompido, devido à afluência de serviço”<sup>78</sup>.

É possível, então, percebermos que essas notas de esclarecimento, de modo geral, justificavam a interrupção provisória das narrativas ficcionais publicadas em série sempre por meio dos seguintes argumentos: (1) a cessão do espaço do rodapé para outra publicação; (2) a doença dos compositores ou tradutores do jornal; (3) a afluência de serviço.

Convém frisarmos ainda que foi encontrado nas páginas do *Diário de Belém* apenas um único informe sobre a suspensão definitiva de uma produção de cunho ficcional lançada em regime seriado no jornal. “A roleta”, romance de Louis Ulbach (1822-1889), estreou no jornal em 10 de agosto de 1884. Na mesma data do lançamento e também na mesma página do rodapé, foi divulgada uma nota que recomendava ao leitor o mais novo romance-folhetim publicado no *Diário de Belém* e, para seduzi-lo, apresentava diversas qualidades dessa narrativa. Nesse informe, a obra foi exaltada como uma “preciosíssima joia literária de elevadíssimo quilate” capaz de despertar “o vivíssimo interesse que todos os espíritos bem educados têm para as grandes obras de arte”, de aliar “à rigorosa verdade histórica de uma das fases mais dramáticas dos fastos da Rússia o primoroso enredo de um romance de amor” e de encantar a curiosidade do leitor “da primeira à última linha” com “pavorosas comoções da natureza e crudelíssimas revoluções políticas” que “bordam os mais fantásticos arabescos sobre o *canevás* singelo de uma paixão”<sup>79</sup>.

Depois da publicação do vigésimo fascículo em 5 de outubro de 1884, o romance passou quinze dias sem ser publicado no rodapé do jornal. É válido ressaltarmos ainda que o próprio *Folhetim* nesse intervalo de tempo não foi nenhuma vez estampado no espaço que lhe era comumente designado. Em 19 de outubro de 1884, a coluna em questão voltou a ser publicada no *Diário de Belém*, mas não oferecia mais a continuação da obra de Louis Ulbach, mas sim o primeiro fascículo de uma nova publicação em série. Tratava-se da “Pobre Joana!”, romance do italiano Vittorio Bersezio (1828-1900). Nesse dia, um informe foi lançado no jornal com apenas um pedido de desculpas destinado exclusivamente às leitoras pela suspensão de “A roleta” e com a recomendação da “Pobre Joana!”. Vejamos:

Pedindo mil desculpas pela decisiva interrupção do último folhetim, cuja publicação apenas havia começado, temos grande satisfação de oferecer à fina apreciação de

<sup>77</sup> *Diário de Belém*, Belém, 15 set. 1888, p. 2.

<sup>78</sup> *Diário de Belém*, Belém, 9 out. 1889, p. 3.

<sup>79</sup> *Diário de Belém*, Belém, 10 ago. 1884, p. 2.

nossas bondosas leitoras o que hoje encetamos, nutrindo a esperança de que ele saberá compensar bem essa pequena irregularidade.<sup>80</sup>

É válido ressaltarmos também que “A roleta” não foi o único romance a ter a divulgação em fascículos interrompida. Do mesmo modo, outras publicações lançadas em série escritas por autores estrangeiros não chegaram a ser finalizadas, pois foram suspensas quando as intrigas do enredo ainda estavam em pleno desenvolvimento. “O poeta da rainha”, por exemplo, escrito pela francesa Antoinette Henriette Clémence Robert (1797-1972), começou a ser lançado em rodapé em 14 de fevereiro de 1885 e, em 9 de maio do mesmo ano, quando atingiu o quadragésimo primeiro fascículo, apresentou ao final a famosa expressão: “continua”. No dia seguinte, porém, não era mais “O poeta da rainha” estampado na coluna *Folhetim*, mas sim “O segredo terrível”, romance de Mary Elizabeth Braddon (1835-1915). Convém ainda colocarmos em relevo que, nesse mesmo dia em que o rodapé ganhava mais um novo trabalho de cunho ficcional, o *Diário de Belém* divulgou uma nota relativamente longa sobre a estreia do romance de Mary Elizabeth Braddon e, em nenhum momento, aproveitou esse espaço de diálogo entre jornal e leitor para explicar o motivo que o levou a suspender o folhetim de Clémence Robert.

Além de usá-las para apresentar esclarecimentos aos leitores sobre a suspensão temporária ou definitiva da narrativa, as notas sobre folhetins – muitas vezes encetadas pelos títulos “errata” ou “corrigenda” – também eram empregadas para corrigir os erros que passavam despercebidos pelos olhos dos revisores e comprometiam a compreensão das publicações. Vejamos apenas um único exemplo: “Por engano de revisão saíram diversas incorreções no nosso folhetim de ontem. Apressamo-nos a corrigir algumas que prejudicam o sentido e pedimos ao leitor que releve os mais insignificantes”<sup>81</sup>.

A presença dessas notas nas páginas do *Diário de Belém* também demonstra qual era a noção que os editores tinham acerca do termo “folhetim”. Essa palavra não se referia apenas a uma seção específica de jornal localizada no rodapé das primeiras páginas e separada das demais colunas por uma linha horizontal contínua. Do mesmo modo como era chamada essa seção, todas as publicações lançadas nesse espaço muito específico do periódico também eram designadas pelos editores como folhetins. Desse modo, tal denominação não era uma característica atribuída somente aos gêneros associados ao entretenimento, nem sequer aos romances ou, de modo mais geral, a todas as formas de narrativas ficcionais.

<sup>80</sup> *Diário de Belém*, Belém, 19 set. 1884, p. 2.

<sup>81</sup> *Diário de Belém*, Belém, 28 maio 1886, p. 2.

No dia 9 de novembro de 1884, por exemplo, começou a ser lançado na seção *Folhetim* do *Diário de Belém* um estudo de cunho histórico sem autoria intitulado “Os descobridores do Grão-Pará”, cujo objetivo era apresentar os feitos dos primeiros navegadores a se desbravarem pelo território amazônico. Essa publicação, que passou a sair à luz sempre às quintas-feiras e aos domingos, perdurou por quase dois meses e foi concluída no dia 4 de janeiro de 1885. Após a divulgação de alguns fascículos desse estudo, uma nota foi publicada no periódico em questão em 20 de novembro de 1884 e informava o seguinte: “Recomendamos aos leitores o nosso folhetim – *Os descobridores do Grão-Pará*”<sup>82</sup>. Quando foi finalizada a publicação, outra nota saiu à luz em 4 de janeiro de 1885 e apresentava a subsequente informação: “Concluímos hoje o nosso importante folhetim *Os descobridores do Grão-Pará*, trabalho consciencioso que muito deve interessar aos que estudam as coisas da terra”<sup>83</sup>. Essas notas, portanto, demonstram que até mesmo um estudo de cunho histórico, cujo gênero não mantém uma relação tênue com a ficção nem sequer com o entretenimento – particularidades próprias das produções lançadas no rodapé da página do jornal –, era identificado como folhetim pelos editores do *Diário de Belém*.

Não eram, no entanto, apenas as publicações divulgadas na coluna *Folhetim* que recebiam essa mesma designação. No dia 16 de novembro de 1884, por exemplo, foi publicada na seção *Variedade* uma crônica escrita por França Júnior (1838-1890), extraída do semanário carioca *O País* e intitulada “A moda”. No mesmo dia, foi divulgada uma nota sobre essa produção do escritor brasileiro que iniciava desta forma: “Na seção *Variedades* encontrarão os nossos leitores um lindo folhetim, como só sabe escrevê-los França Júnior, o príncipe dos folhetinistas brasileiros”<sup>84</sup>. Esse pequeno fragmento comprova que até mesmo uma publicação estampada na seção *Variedade*, muito semelhante em conteúdo com a coluna *Folhetim*, pode ser identificada pelos editores do *Diário de Belém* com a mesma designação atribuída ao espaço específico do rodapé da página do jornal.

Desse modo, percebemos que o termo “folhetim” foi usado pelos editores do periódico em questão para caracterizar não apenas todas as produções lançadas na parte inferior da página do jornal, como também para denominar os trabalhos cuja forma e conteúdo estivessem relacionados ao entretenimento e que fossem divulgados em segmentos da folha jornalística semelhantes ao da coluna *Folhetim*, assim como o da seção *Variedade(s)*.

<sup>82</sup> *Diário de Belém*, Belém, 20 nov. 1884, p. 2.

<sup>83</sup> *Diário de Belém*, Belém, 4 jan. 1885, p. 2.

<sup>84</sup> *Diário de Belém*, Belém, 16 nov. 1884, p. 3.

Segundo Marlyse Meyer, a partir do boom da publicação de romances no rodapé dos jornais, o termo “folhetim”, além de designar uma coluna específica localizada na parte inferior das primeiras páginas dos periódicos e reservada ao entretenimento, passa também a denominar “o que se torna o novo modo de publicação de romance”<sup>85</sup>. Podemos observar, no entanto, que o vocábulo era utilizado no *Diário de Belém* a partir de um sentido ainda um pouco mais amplo, visto que não se restringia nessa folha jornalística apenas ao gênero literário em questão.

Por meio das notas sobre os folhetins, foi possível ainda percebermos que os editores do *Diário de Belém* às vezes preocupavam-se em elaborar uma breve crítica a respeito dos romances publicados em série no rodapé do jornal, sobretudo quando se propunham a evidenciar para os leitores que essas obras eram moldadas pelos princípios fortes da moral. “O segredo terrível”, por exemplo, romance de Mary Elizabeth Braddon ao qual já aludimos algumas vezes, foi publicado a partir do dia 10 de maio de 1885. Nessa mesma data, o periódico em discussão também lançou uma nota que informava que a obra da escritora inglesa, quanto à composição da estrutura, principalmente no que se refere à moralidade, era “uma obra-prima de grandes lances, de imaginação, de estilo elegante, ameno e fácil para todas as inteligências e sobretudo de uma moral bastante elevada e que se impõe a todos os corações”<sup>86</sup>. Essa mesma nota foi encerrada com as seguintes palavras: “Proporcionamos, portanto, aos nossos assinantes a leitura do *Segredo Terrível*, que é uma agradável lição de moral”<sup>87</sup>.

“O sacristão de Garáizar”, por sua vez, romance escrito por Antonio de Trueba (1819-1889) e traduzido por Marques de Carvalho (1866-1910), foi divulgado em *Folhetim* a partir de 28 de janeiro de 1886 e suspenso em 10 de fevereiro do mesmo ano, sem nem ao menos sequer chegar ao décimo fascículo e ainda sem que os editores emitissem qualquer esclarecimento sobre a interrupção da narrativa. No mesmo dia do lançamento e na mesma página do folhetim, o *Diário de Belém* lançou uma nota que apresentava um julgamento crítico a respeito da tessitura do romance do escritor espanhol e colocava em relevo que o enredo dessa narrativa foi construído a partir dos fundamentos da moral e moldado por um sentimentalismo ameno. Vejamos:

De um estilo simplíssimo, singelamente cheio de atrativos, o trabalho de D. Antonio de Trueba prima pela originalidade do entrecho e por esse acentuado cunho de bela

<sup>85</sup> MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 63.

<sup>86</sup> **Diário de Belém**, Belém, 10 maio 1885, p. 2.

<sup>87</sup> **Diário de Belém**, Belém, 10 maio 1885, p. 2.

poesia popular que o distinto autor [...] sabe dar às suas produções, que são vazadas todas nos moldes irrepreensíveis da mais pura moral e de um sentimentalismo suave e simpático.<sup>88</sup>

Outro romance divulgado no rodapé do *Diário de Belém* que recebeu uma nota de cunho crítico foi “Viúva ou casada?”, escrito pelo inglês Grenville Murray (1824-1881) e dividido em trinta e sete fascículos publicados no rodapé do jornal entre 21 de fevereiro e 5 de maio de 1886. Essa nota foi divulgada na data de estreia da obra e apresentava uma pequena crítica a respeito da narrativa em discussão, cujo principal foco se dirigia às cenas românticas, aos episódios de aventura e aos preceitos morais, como podemos observar no excerto logo a seguir:

É um romance belíssimo, de um enredo interessante que prende desde o começo a atenção do leitor. Contendo magníficas situações românticas, desenvolvidas com rara habilidade, tem o mérito de aliar à verossimilhança, as peripécias extraordinárias e os episódios fora do comum que se entrelaçam no decurso da obra. Quanto à moral não há nele nem uma cena, nem uma palavra que possam trazer ao espírito um pensamento menos lícito ou que possam ser interpretadas de um modo que não esteja de acordo com os preceitos da honestidade e da moral.<sup>89</sup>

É válido ressaltarmos que essas breves apreciações de teor crítico nos permitem observar que o *Diário de Belém* acreditava que os episódios românticos, as aventuras mirabolantes e os fundamentos da moral eram traços presentes nas narrativas que atraíam a atenção dos leitores da época, pois todas as notas que ofereciam um julgamento mais crítico sobre as obras exaltavam sempre esses mesmos aspectos.

Segundo Márcia Abreu e Andréa Müller, a moral era considerada como critério principal de avaliação de romances na primeira metade do século XIX. Nesse período, a maior parte dos homens de letras, tanto brasileiros quanto estrangeiros, acreditava que a leitura influenciava efetivamente o comportamento dos leitores, de tal modo que um dos quesitos mais importantes na avaliação da qualidade de um romance era a moralidade interna à narrativa, assim como também a sua capacidade de provocar comportamentos virtuosos nos leitores. Nesse sentido, um bom romance no Oitocentos teria de ser, sobretudo, capaz de edificar os indivíduos que os liam. Nessa época, os padrões formais, estéticos, literários e artísticos como critérios de apreciação de romances ainda não estavam em vigência. Na segunda metade do século XIX, alguns autores, contudo, começaram a se recusar a identificar finalidades externas aos seus trabalhos literários e passaram a centrar o seu interesse em

<sup>88</sup> *Diário de Belém*, Belém, 28 jan. 1886, p. 2.

<sup>89</sup> *Diário de Belém*, Belém, 21 fev. 1886, p. 2.

aspectos formais. A difusão social dessas ideias no Oitocentos, no entanto, foi pouco expressiva e custou a se tornar hegemônica.<sup>90</sup>

Como procuramos demonstrar, as notas sobre folhetins, como uma forma de estabelecer um diálogo entre o leitor e o jornal, foram publicadas no *Diário de Belém* por diversas finalidades, como (1) atualizar o público – sobretudo em relação ao feminino – a respeito das narrativas estreadas no periódico; (2) oferecer aos leitores um esclarecimento sobre a suspensão temporária das publicações em regime seriado e (3) corrigir as incorreções que passaram despercebidas aos cuidados dos revisores. Porém, esses informes a respeito dos folhetins, muito além dessas finalidades básicas recentemente apresentadas, nos permitiram aumentar a nossa compreensão acerca do perfil do jornal. Sabemos, por exemplo, que o *Diário de Belém* defendia a atuação da mulher na imprensa periódica.

O conteúdo e a grande quantidade dessas notas encontradas também insinuam uma forte preocupação dos editores pelas publicações lançadas no rodapé do jornal, sobretudo no que se refere à prosa de ficção e, em especial, ao romance. Essa preocupação só poderia estar associada ao interesse do público pelas narrativas ficcionais, visto que esses informes apresentam inúmeras estratégias a fim de seduzi-lo, como (1) dirigir as notas sobre folhetins aos leitores e, principalmente, às leitoras com o intuito de colocá-los em evidência; (2) tecer elogios sobre a figura do autor e sobre o enredo da obra para deixá-los curiosos; (3) oferecer um resumo da intriga para familiarizá-los e ambientá-los em relação ao conteúdo da história; (4) recomendar a leitura da narrativa como uma atividade atraente e prazerosa; (5) evidenciar quando a narrativa apresentasse temáticas de interesse dos leitores, como situações românticas, peripécias extraordinárias e preceitos morais.

Além dos informes sobre as narrativas ficcionais veiculadas nas páginas do *Diário de Belém*, notícias a respeito da prosa de ficção que não chegou a ser lançada nas colunas destinadas ao entretenimento, assim como também novidades a respeito de ficcionistas famosos, sobretudo no que se refere aos franceses, eram publicadas com frequência no corpo do jornal, a exemplo de inaugurações de estátuas em homenagem a escritores célebres, publicações de obras recém-lançadas, polêmicas envolvendo autores renomados, divulgação de estudos críticos, centenários, falecimentos, entre outros.

Em 19 de setembro de 1884, o *Diário de Belém* divulgou uma matéria a respeito da inauguração de uma estátua em homenagem a George Sand, pseudônimo de Amandine

---

<sup>90</sup> Mais informações a respeito da moral como parâmetro central para avaliar romances, cf. ABREU, Márcia. Problemas de história literária e interpretação de romances. **Revista Todas as Letras** (MACKENZIE Online), v. 16, p. 39-52, 2014; MÜLLER, Andréa Correa Paraiso. Imprensa e leitura de romances no Brasil oitocentista. **Gavagai: Revista Interdisciplinar de Humanidades**, v. 1, p. 26-35, 2014.

Aurore Lucile Dupin (1804-1876), baronesa de Dudevant.<sup>91</sup> A notícia informava que o monumento foi desenvolvido pelo famoso escultor francês Aimé Millet (1819-1891), que esculpiu a estátua em mármore de Carrara com mais de dois metros de altura e representou George Sand em atitude cismadora, com uma perna cruzada sobre a outra, vestida por uma camisa-roupão com duas aberturas para os braços e uma para a cabeça. Em 5 de outubro de 1884, por sua vez, saiu uma notícia sobre a inauguração de uma estátua de Denis Diderot (1713-1784) em Langres, cidade francesa onde o escritor nasceu, no mesmo ano em que a novidade foi lançada no jornal. A mesma notícia informava que o pai do romancista era couteleiro e “o famoso crítico chegou mesmo a fazer facas, o que não é desonra nenhuma, antes de fazer enciclopédias”<sup>92</sup>. Em 3 de janeiro de 1885, o jornal apresentou também um informe muito breve a respeito do levantamento de uma estátua em Rouen, uma das maiores cidades do norte da França, em homenagem ao famoso escritor francês Gustave Flaubert (1821-1880).<sup>93</sup>

É válido, no entanto, ressaltarmos que não eram apenas as notícias acerca da inauguração de monumentos em homenagem a escritores que eram estampadas nas páginas do jornal. As polêmicas também eram sempre muito bem-vindas. Em 3 de janeiro de 1885, por exemplo, uma pequena matéria informava que o nome de Alphonse Daudet (1840-1897) havia sido indicado para ocupar uma das cadeiras vagas na Academia Francesa de Letras, mas o escritor dirigiu ao jornal francês *Le figaro* uma carta na qual afirmava que não se apresentaria, em nenhuma circunstância, como candidato a essa instituição literária, pois não queria ser um imortal e embirrava com a imortalidade.<sup>94</sup>

Outra polêmica envolvendo um escritor de prestígio foi noticiada no *Diário de Belém* em 18 de abril de 1886. Dessa vez, o nome envolvido nessa discussão pertencia ao escritor francês Émile Zola (1840-1902) – com certeza, um dos mais polêmicos do século XIX. A matéria informava que algumas folhas parisienses, em razão de um motim envolvendo mineiros em Decazeville, cidade do interior da França, encontraram analogias entre a postura desses revoltosos e o procedimento dos mineiros que Zola representou ficcionalmente nos últimos capítulos de *Germinal*, romance saído à luz em 1885. A imprensa parisiense, portanto, impressionou-se com as fortes semelhanças e não poupou censuras ao romancista francês. Ainda de acordo com a notícia, Zola ressentiu-se pela horrível acusação e, para rebatê-la, escreveu um prefácio para a nova edição de *Germinal* e ainda elaborou um

<sup>91</sup> Cf. **Diário de Belém**, Belém, 19 set. 1884, p. 3.

<sup>92</sup> **Diário de Belém**, Belém, 5 out. 1884, p. 3.

<sup>93</sup> Cf. **Diário de Belém**, Belém, 3 jan. 1885, p. 2.

<sup>94</sup> Cf. UMA DECLARAÇÃO DE ALPHONSE DAUDET. **Diário de Belém**, Belém, 3 jan. 1885, p. 3.

comunicado para o *Gil Blas*, jornal francês onde o escritor – em 1884 – publicou em fascículos o décimo terceiro romance da série *Les Rougon-Macquart*. O *Diário de Belém* transcreveu esse comunicado e, por considerá-lo interessante, optamos por reproduzi-lo integralmente:

*Germinal* é obra de comiseração e não obra revolucionária. O meu intento foi bradar aos venturosos do mundo, aos que vivem existências de senhores: « Cuidado, olhem para a terra que calcam, atendem nos miseráveis que trabalham e sofrem ».

É talvez tempo ainda de evitar as catástrofes finais.

Sem delongas, sejam justos; se justiça não se fizer, eis o perigo: a terra abrir-se-á em escâncaras e as nações serão engolidas por uma das mais formidáveis convulsões da história.

Desci ao inferno do trabalho; e, se nada ocultei, nem mesmo as decadências do meio, as vergonhas que resultam da miséria e do amontoamento do gado humano, foi porque eu mesmo quis completo o quadro, como as abominações, para encher de lágrimas todos os olhos, em face de uma dolorosa existência de parias.

Inquestionavelmente este livro não é destinado a meninas, mas as famílias devem lê-lo. Vós todos que trabalhais, lede, e quando houverdes clamado piedade e justiça, terei cumprido a minha missão.

Sim, um grito de comiseração, um grito de justiça, não peço mais. Se o solo continuar a estalar, se amanhã os desastres pronunciados encherem de pavor o mundo, é que não me terão ouvido.<sup>95</sup>

Além das homenagens e das polêmicas, as notícias acerca das obras recém-lançadas eram comumente estampadas nas páginas do *Diário de Belém*. Em 2 de março de 1884, por exemplo, foi publicado um anúncio sobre o mais novo romance da escritora espanhola Emilia Pardo Bazán (1851-1921), intitulado *A tribuna* e saído à luz em 1883.<sup>96</sup> Em 21 de fevereiro de 1889, por sua vez, o jornal divulgou o lançamento do *Docteur Rameau*, romance de autoria do escritor Georges Ohnet (1848-1918) publicado em Paris no mesmo ano da divulgação do anúncio na folha jornalística.<sup>97</sup>

É interessante ressaltarmos ainda que o *Diário de Belém* não apenas anunciava os romances recém-lançados, como também aqueles que ainda estavam em processo de escrita. Em 2 de outubro de 1886, por exemplo, foi anunciado que o autor francês Victorien Sardou (1831-1908) estava escrevendo um grande romance – cujo título não foi mencionado – que deveria aparecer até o fim do ano de 1886 ou em princípios de 1887 publicado em fascículos no rodapé do popular diário parisiense *Le Petit Journal*.<sup>98</sup>

Convém ressaltarmos que, ao final da penúltima década do século XIX, foi criada uma coluna no *Diário de Belém* intitulada *Mundo Literário* e voltada para anúncios de obras

<sup>95</sup> *Diário de Belém*, Belém, 18 abr. 1886, p. 2.

<sup>96</sup> *Diário de Belém*, Belém, 2 mar. 1884, p. 2.

<sup>97</sup> Cf. *Diário de Belém*, Belém, 21 fev. 1889, p. 2.

<sup>98</sup> Cf. *Diário de Belém*, Belém, 2 out. 1886, p. 2.

recém-lançadas dos diferentes gêneros – romances, poesias, crônicas, gramáticas, estudos de história, trabalhos de crítica literária, entre outros. No dia 18 de janeiro de 1889, esse espaço do jornal, por exemplo, divulgou as mais recentes publicações – tanto em prosa quanto em verso – de escritores brasileiros, a exemplo de Aderbal de Carvalho (1872-1915), José do Patrocínio (1854-1905), Olavo Bilac (1865-1918), Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) e Júlio Ribeiro (1845-1890). Em meio a todos esses autores, os únicos que foram mencionados pelo lançamento de prosa de ficção foram Aderbal de Carvalho: “Apareceu em S. Paulo um romance naturalista, de Aderbal de Carvalho, intitulado – *A Noiva*”<sup>99</sup>; e Júlia Lopes de Almeida: “Nesse jornal [*Tribuna Liberal*] a Exma. Sra. D. Júlia Lopes de Almeida, autora dos *Traços e Iluminuras*, encetou a publicação de um romance-folhetim, *Memórias de Marta*”<sup>100</sup>.

Em meio às homenagens, às polêmicas e aos anúncios de obras recém-lançadas, ainda é possível encontrarmos publicações sobre o debilitado estado de saúde dos autores, a exemplo de uma nota divulgada no periódico em 4 de setembro de 1884 sobre uma enfermidade grave que acometia o escritor francês Octave Feuillet (1821-1890).<sup>101</sup> Além das doenças, também era anunciada no *Diário de Belém* a morte dos autores. No dia 8 de março de 1888, por exemplo, uma nota foi publicada no jornal sobre o falecimento do escritor francês Auguste Maquet (1813-1888), mais conhecido pelos romances produzidos em parceria com Alexandre Dumas (1802-1870) e publicados primeiramente no rodapé do jornal *Le Siècle*, como “Os três mosqueteiros” (1844), “Vinte anos depois” (1845) e “O Visconde de Bragelonne” (1847-1850).<sup>102</sup>

A partir das notícias sobre a prosa de ficção não publicada no *Diário de Belém*, assim como também de todos os informes sobre os ficcionistas de grande prestígio, podemos perceber que as narrativas ficcionais e os escritores não estavam sendo estampados apenas nas colunas reservadas ao entretenimento, mas se encontravam presentes em todo o jornal, pois não somente eram divulgados em um único fascículo ou em regime seriado nas seções *Folhetim*, *Varietade(s)*, *Literatura* e *Parte Literária*, como também, quando não estavam sendo oferecidos à apreciação dos leitores, eram anunciados, promovidos e discutidos tanto nas demais colunas, como *Letras & Artes*, *Anúncios* e *Mundo Literário*, quanto nas próprias seções *Folhetim*, *Varietade(s)* e *Literatura*, que ainda podiam ser utilizadas para essa finalidade. Desse modo, é possível afirmarmos que o *Diário de Belém* não apenas se

<sup>99</sup> **Diário de Belém**, Belém, 18 jan. 1889, p. 3.

<sup>100</sup> **Diário de Belém**, Belém, 18 jan. 1889, p. 3.

<sup>101</sup> Cf. **Diário de Belém**, Belém, 4 set. 1884, p. 3.

<sup>102</sup> Cf. **Diário de Belém**, Belém, 8 mar. 1888, p. 3.

preocupava em oferecer prosa de ficção para a avaliação dos leitores, como também em inteirá-los sobre aquelas que não foram escolhidas para sair à luz nas páginas do periódico.

# GRANDE NOVIDADE!

## BRINDES AOS SRS. ASSIGNANTES

DO DIARIO DE BELEM

A empresa deste Diario, desejando manifestar o seu reconhecimento para com o publico, resolveu tomar a liberdade de offerecer-lhe alguns—**BRINDES** mensaes, segundo o plano abaixo:

1	BRINDE DE	200\$000
1	DE	80\$000
2	DE	40\$000
2	DE	20\$000

Estes brindes são divididos em quatro partes, fazendo-se a extração todas as segundas-feiras, ao meio dia.

A primeira extracção, porém, será feita no domingo 6 do corrente, ao meio dia em ponto.

O possuidor do jornal brindado tem direito a quarta parte do brinde que lhe sair.

A entrega do brinde será feita immediatamente a apresentação do jornal brindado, no escriptorio á

TRAVESSA DAS MERCES

NUMERO 42

**Figura 1.1:** Plano de brindes mensais oferecidos aos assinantes do *Diário de Belém* publicado em 1º de janeiro de 1889 na última página.

**Fonte:** Hemeroteca Digital Brasileira.

Chronica da America do Norte

(Conclusão)

Datas até 15 de Dezembro.

Um curioso processo acaba de ser intentado contra o governo dos Estados Unidos em Taso, Texas, por um sujeito, chamado William Dreisman, que reclama a quantia de 293 lbs. á qual pretende ter direito por ter feito parte do grupo que captou Jefferson Davis, presidente dos Estados confederados, no fim da guerra de successão.

Dreisman allega que pertencia a um dos esquadões de cavallaria, lançados á pista de Jefferson Davis e conta, com exactidão, os movimentos da conhecida captura. Quando o congresso votou uma gratificação aos que prenderam Davis, Dreisman recebeu o que lhe competia, assim como todos os seus companheiros, mas agora, diz que a recompensa que lhe fora dada não foi a prometida. O mais curioso da historia é que Dreisman, sendo do condado de Suffolk, (Massachusetts) tendo ido á California depois da guerra, em vez de voltar para o proprio paiz, passou como morto, durante muito tempo e, por isso, á sua gratificação foi entregue aos seus parentes herdeiros.

Dreisman não nega o facto, porém allega que o governo não lhe deu o correto e devido, visto como elle ainda estava vivo.

—Edison, o celebre inventor, diz-se com insistencia, vai fundar um jornal falado, com o auxilio do seu novo phonographo.

Por mais interessante que possa parecer tal noticia, ahi se esconde, entretanto, que a Edison *Patent Newspaper Company*, que deve publicar o novo jornal, está já constituída. O jornal falado não será unicamente uti ás pessoas que não sabem ler, ou que não sabem escrever, mas também todas as entonações que lhe são dadas. Sendo isto, o commecio da revista poderá ouvir todas as noticias diarias por meio do seu phonographo.

Já é sabido que Edison inventou para as correspondencias commerciaes um novo aparelho, intitulado *phonographo*, destinada a substituir perfeitamente um secretario. O commecio que deseja escrever qualquer carta, abscencia immediatamente, ditando ao phonographo as palavras. O instrumento escreve á mesma folha de papel, composto especialmente, não só as palavras pronunciadas, mas também todas as entonações que lhe são dadas. Sendo isto, o commecio da revista poderá ouvir todas as noticias diarias por meio do seu phonographo.

O principio do jornal falado e o phonographo, Edison, como já se viu, é muito de repetir, não só as palavras pronunciadas, mas também todas as entonações que lhe são dadas. Sendo isto, o commecio da revista poderá ouvir todas as noticias diarias por meio do seu phonographo.

—Em 2 do passado, durante o serviço religioso, realizouse um duello mesmo no alpendrão da igreja metodista, da cidade de Vico, Illinois.

L. Houston, recentemente divorciado, entrou em juizo com a sua antiga mulher. Encontrando-se os dois rivales á entrada da igreja, no momento em que iam encerrar os actos religiosos, ambos prepararam-se de revolver á mão. Oito ballas foram trocadas sem interrupção e quasi ao mesmo tempo, Houston recebeu cinco ferimentos e Hazlewood tres. As detonações causaram um grande panico em toda a igreja e o serviço foi interrompido e os fiéis ficaram como loucos: homens, mulheres e crianças fugiram pelas portas e janelas.

Houston, considerado como aggressor, foi preso, sendo provavel que morra em vista da gravidade dos ferimentos que recebeu. Quanto a Hazlewood havia furtado para as fronteiras, segundo as ultimas noticias.

—A aldeia de Grand Tower acaba de ser construída por um drama sanguinolento. Uma epidemia de nome *Janina Grosavoll*, que se propagou casualmente em duas das ruas, e agredido com tres de revolver, ferindo-lhe dois ferimentos mortaes. Grosavoll era um homem de trinta annos pouco mais ou menos e pertencia a uma das familias mais bem collocadas do condado de Perry, (Missouri) mulher, que, segundo dizem, é lindissima e tem vinte e sete annos, foi presa.

—A greve que ultimamente appareceu entre os mineiros de Bevier, no Missouri, originou-se de discordias. Os grevistas, querendo impedir que os seus, empregados em grande numero nas minas, continuassem a trabalhar, formaram um comitê, disparando mais de dois mil tiros. Os grevistas instauraram nas casas vizinhas da *greve* do caminho de ferro *United and Saint Joseph*, enquanto que os seus procuraram recusar no vasto fecho pertencente á companhia. Não sabe-se ao certo, de qual lado partaram os primeiros tiros, mas o certo é que a fúria levou algumas horas e as casas situadas junto á *greve* ficaram cercadas de ballas, quasi todos os edifícios das janelas a fo a q. b. d. s. e o escriptorio do telegrapho, instalado no mesmo lugar, recebeu tal quantidade de ballas a ponto de empregar, amonissado, deixar o serviço e saltar ao primeiro trem que na occasião passava.

O telheirone abrigava os successos do fecho igualmente populoso: as vigas e as taboas de que elle se compo, foram crivadas pelas projectis e parvo um por outro, apears um homem de nome Thornbold ficasse ferido na occasião em que saia do telheiro para re-

giar-se no poço das minas, recebeu uma balla. De lado a grevistas houve uma media duzia de feridos. Quando a fúria estava corada, um trem de mercadorias que passava em Bevier, ficou com a lanterna inutilizada; e o machista e o carvoeiro, ouvindo os projectis subiram-lhes os ouvidos deitaram-se de bruços sobre o tender, tentando serem apunhalados. O combate cessou como começou—bruscamente, porém os dois partidos conservaram-se de pé e de um momento para outro espera-se novo combate.

VARIAS NOTICIAS

Para hoje estão marcados os seguintes leilões:

De fazendas geraes e mindezas no armazem dos Srs. A. Jovita & Lobo, pelo agente Oliveira—às 2 horas;

De fazendas geraes e consignações, no armazem dos Srs. B. A. Antunes & C., pelo agente Ferreira da Silva—às 2 horas;

De mercadorias, pelo agente Guedes da Costa em seu escriptorio—às 2 horas;

De joias, pelo mesmo agente em seu escriptorio—às mesmas horas; e

De mindezas, no armazem dos Srs. Martins & C., pelo agente Sampaio—á 1 hora.

No dia 15 do corrente finalisa o prazo para o pagamento do imposto da decima urbana sem multa.

Reunem-se hoje, a 1 hora da tarde, em assembleia geral os membros do *Jockey Club*.

E' esperado hoje da Europa o vapor inglez *Lunfranc*.

Hontem, por falta de numero não effectuou-se a reunião dos Srs. accionistas do Banco do Pará, ficou transferida para o dia 19 do corrente.

S. Ex. e Sr. presidente da provincia, desappareceu dia 7 do corrente os requerimentos de

—Manoel de S. Godinho, Navegantes Pontes & Corrêa, João C. R. de Souza—Informe o dr. chefe de policia, ouvindo o administrador da cadeia.

—José Antunes da Silveira—Idem, idem, ouvindo o dr. procurador fiscal.

—Miguel N. da Silva—Informe, com argencia, a câmara municipal de Curralinho.

—Portuario de Souza Martins, Lydio Alves Cunha e Ruyarada A. Queiroz e Souza.—Ao sr. comandante do corpo para mandar recolher o supplicante ao hospital.

—Manoel Falcão de Azevedo.—Attendido com portaria d'esta data.

—João Campbell (2)—Sim, não havendo inconveniente.

—José Fernandes de Lima—Indeferido, visto não dispor a presidencia de passageiros.

—Manoel R. A. de Souza.—Informe o dr. chefe de policia, ouvindo o administrador da cadeia.

—Levino M. A. Alves.—Informe o comandante superior do municipio de Gurupá.

—H. V. Park Romano.—Informe o Theozoro Provincial, tendo em vista a inclusa copia do Aviso do Ministerio da Agricultura de 19 de Dezembro ultimo.

—Antonio H. de Loureiro Siqueira.—Ao Theozoro Provincial, para informar.

—Eduardo A. Resende e Manoel José do Carmo Barriga.—A vista do que allega o supplicante e informaco do commedante superior, fica-lhe marcado e prazo improrrogavel de trinta dias para solicitar a sua patente.

—Joanna Emilio de Souza.—Conceito a licençes que requer, com ordenado.

—Alexandrina L. Ferreira e Luiza Amelia Portal de Cantabria.—Prejudicados.

—Antonio C. Aleutara.—A vista da informaco prestada pelo juiz commissario, nada ha que deferir.

Movimento do Hospital da Caridade, hontem:

Existiam ..... 64

Entraram ..... 3

Sahiram ..... 67

Falleceu ..... 1

Total ..... 64

Agradecemos as estatisticas da exportação de borracha durante o anno passado, as quaes nos foram remetidas pelos Srs. Barros & Vianna, La-Roque, da Costa & C. e pela Companhia Mercantil do Pará.

—Não sei porque se responde-lhe injuriava minha tia e que no presente que me fora dado por Clovis Barral não havia de tocar; finalmente resolveu-me a guarda-e, louvado seja Deus!—não fosse esse o meu procedimento, aquelle chermim que ali está, quando saísse d'aqui, morreria por falta de alimento, por falta de mais!

FOLHETIM

HENRI DE PÈNE

LAURA

Tradução de HENRIQUE ROSSARD

IX

(Continuação)

«Meu filho, Laura, é tão creanga ainda, e, no entanto, tem razão para maliciar a sua joven mãe! Elle nada diz, nada pôde dizer; porém fiz-lhe mal sem querer, sem mesmo ter pensado em tal; está doente e soffro dos mais males e é feio como eu. Mas, desejo que se cure e que viva porque me ha de perdoar.»

«Onde tinha ficado eu? Já não me lembro.»

«Imagina que, um bello dia, o senhor Clovis Barral, que, cada vez mais, rodava-me com insistencia e que, quasi todos os dias, conferenciava com minha tia, trouxe-me um relógio com cadeia d'ouro e um anel e collocou-me no dodo.»

«Por Deus! á primeira vista, a minha alegria foi enorme, como é facil de prever; porém, só tudo aquillo havia um projecto infernal; comprehendes que no segundo anno de residencia no conservatorio ainda não se pôde dividir dos velhos generosos, que fazem presente de joias; sapões-se sempre que assim procedem a fim de, provisivamente, encorajarmos no caminho da virtude. Na academia franceza essas fargas são concedidas. Portanto, quando ellas são desconhecidas, atingem sempre o fim a que são destinadas. Meu coração fez-lhe-las, como o relógio que acabavam de offerecer-me, e eu bati palmas, saltando de alegria.»

«—Abriga este digno homem, disse-me a senhora Dumont; elle far-te-ha feliz.»

«Abraçei-o com fervor.»

«Falls-me dizer-te que minha tia estava enfeitada como se fosse assisim um casamento; trajava um vestido de seda preta, completamente novo, miuhacra, e um cintio, com um botão de ouro, ou coisa que o valha, presidiu-lhe a cintura, fazendo *penduc* com uma grinalda de flores, que ornava-lhe a fronte um tanto enrugada.»

«No dia seguinte contei a Gustavo o que so tinha passado.»

«Não conheces Gustavo? Era o meu namorado. Gustavo Huzard, um estudante de classe superior; rapaz gentil, leatro, de rosto doce e suave como uma menina e que, no entanto, acabava de engajar-se, voluntariamente, no regimen, porque os seus parentes, que têm alguma coisa, só podiam sustenta-lo com muitos sa-rilicos, conforme dizia a sua vel-a mãe. Amavam-no muito interessadamente; e não queria que houvesse a menor deslustramento entre nós. Dizia-lhe muitas vezes, que haviamos de pertencer um ao outro, assim que um de nós obtiver um bom cargo de posição—elle em uma orchestra, eu no palco. Gustavo nada dizia ou antes, sempre respondia-me com um *sim*, provavelmente para dar-me o exemplo. Eu devia ter-me afilminado mais aos seus sorrisos que, á vista de qualquer *maire*, não tinham nada de respicados; porém, sabes, um por outro não conheces ainda qual a minha estupididade na presença do amor: mais tarde saberás. Quando se ama só se vê o que é bom e agradável. E' como no *Misanthropie*.»

«Quando lhe contei a scena passada, na vespera, na presença de tres pessoas, isto é, Clovis Barral, pae noivo, sem nobreza, a senhora Dumont, (que não qualificarei por ser minha tia: sen o que!) e a tia creada, Gustavo pediu-me que lhe mostrasse os presentes por mim recebidos. Assim que os entreguei, tomou-os o pae nas mãos, como se fosse um bom condecorado, e disse:

«—E' ouro certo não é do Pará; no entanto sempre vale alguma coisa; fazias bem em dar-me para guardar; tua tia é tão volúbia!...»

«Não sei porque se responde-lhe injuriava minha tia e que no presente que me fora dado por Clovis Barral não havia de tocar; finalmente resolveu-me a guarda-e, louvado seja Deus!—não fosse esse o meu procedimento, aquelle chermim que ali está, quando saísse d'aqui, morreria por falta de alimento, por falta de mais!»

(Continúa.)

Figura 1.2: Primeiro fascículo do romance "Laura", de Henri de Pène, publicado em 9 de janeiro de 1889, quando a coluna Folhetim passa a ser lançada como uma seção comum. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

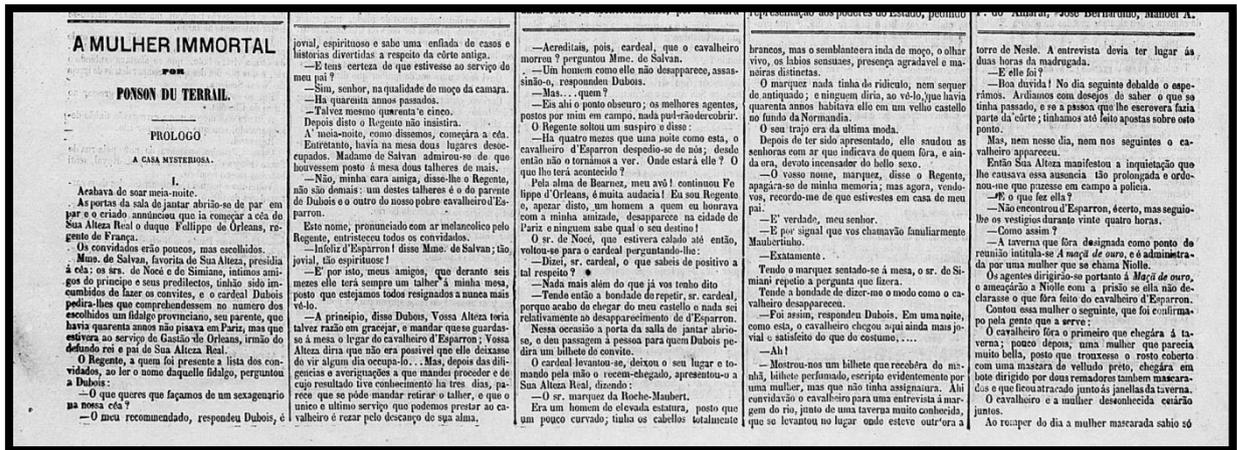


Figura 1.3: O primeiro fascículo do romance “A mulher imortal”, de Ponson du Terrail, publicado no dia 29 de março de 1882.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

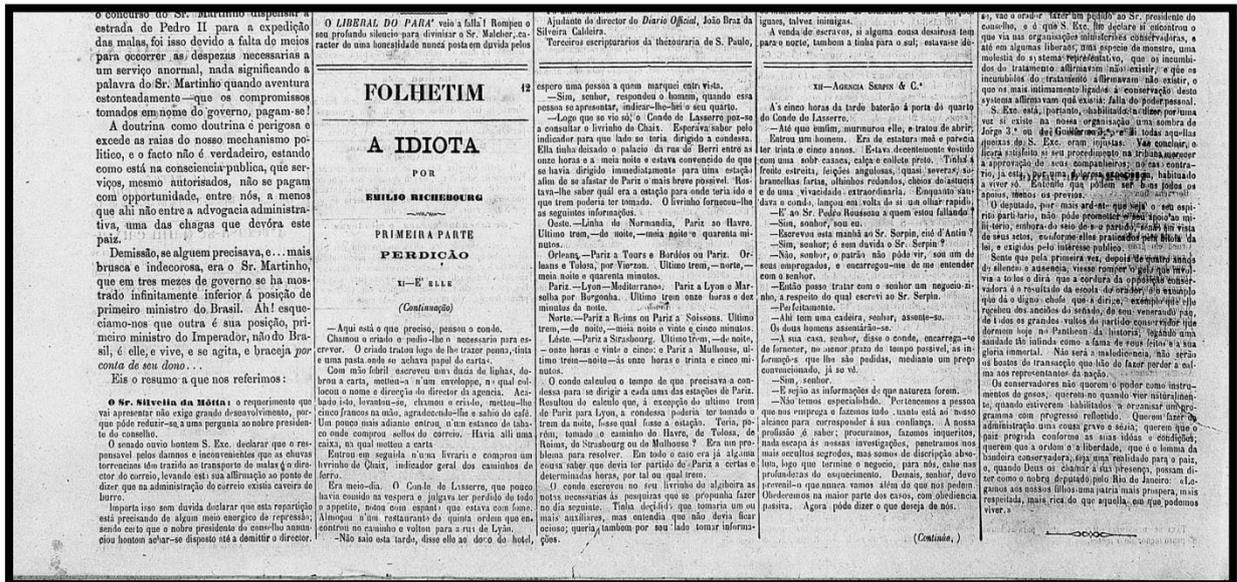


Figura 1.4: A coluna Folhetim do Diário de Belém, localizada na segunda página, onde foi publicado o décimo segundo fascículo do romance “A idiota”, de Émile Richebourg, no dia 29 de março de 1882.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

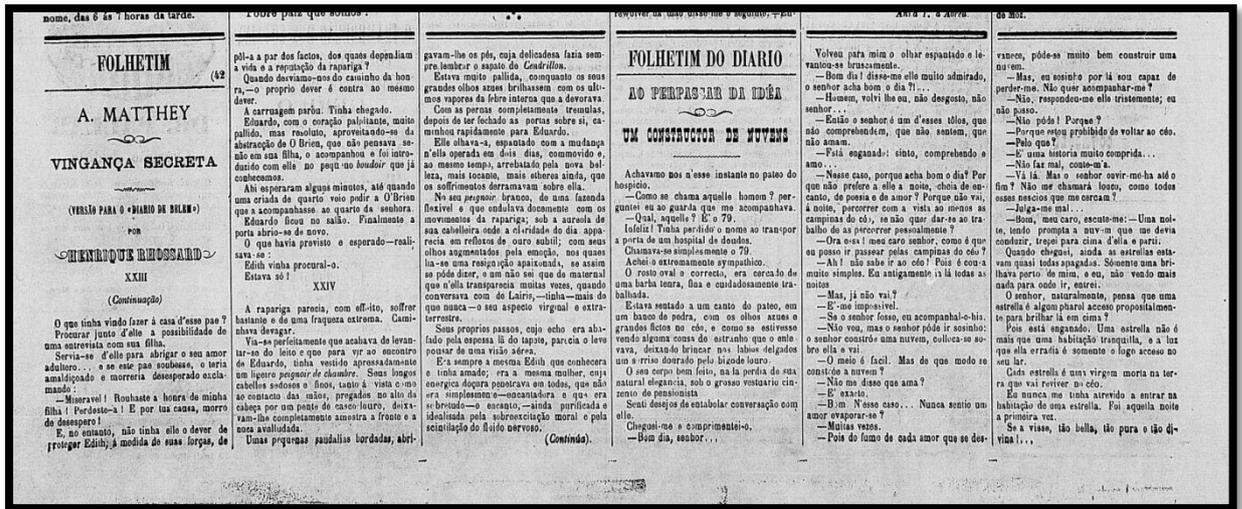


Figura 1.5: A coluna Folhetim do Diário de Belém, localizada na segunda página, onde foram publicados o quadragésimo segundo fascículo do romance “A vingança secreta”, de Arthur Matthey, e o conto “Um construtor de nuvens”, de Alfredo Pinto, no dia 19 de fevereiro de 1888.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

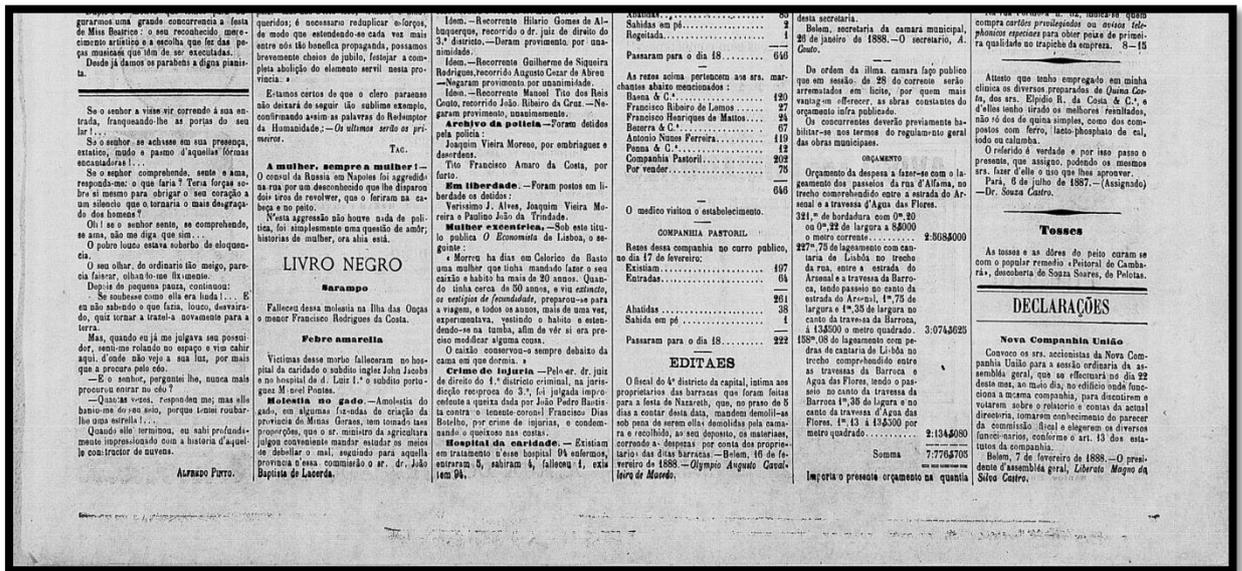


Figura 1.6: A parte final do conto “Um construtor de nuvens”, de Alfredo Pinto, publicado em 19 de fevereiro de 1888, saído à luz em folhetim e localizado à terceira página na primeira coluna.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.



Figura 1.7: Sexagésimo quinto fascículo do romance “Laura”, de Henri de Pène, localizado especificamente na coluna *Folhetim*, na segunda página do *Diário de Belém*, e publicado no dia 2 de abril de 1889. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

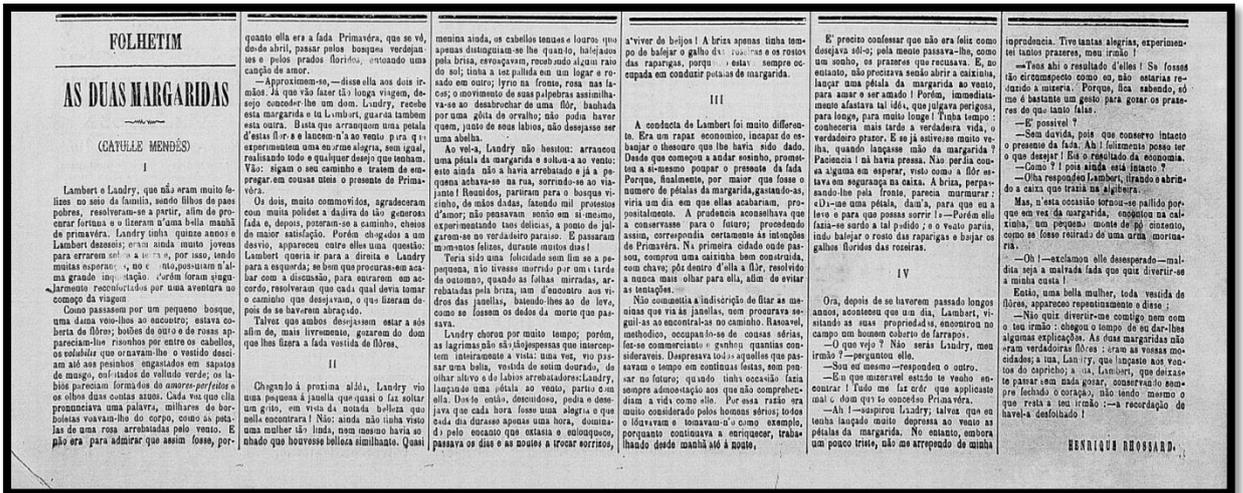


Figura 1.8: O fascículo da narrativa ficcional “As duas margaridas”, de Catulle Mendès, localizado na coluna *Folhetim*, na segunda página do *Diário de Belém*, e publicado em 23 de dezembro de 1888. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

### 1.3. *Diário de Belém*: uma folha abolicionista

Além de oferecer poemas, crônicas, contos, peças de teatro e romances aos leitores e de informá-los sobre as obras recém-publicadas e sobre determinados aspectos da vida dos escritores mais famosos da época, o *Diário de Belém* envolvia-se também em causas políticas e humanitárias, a exemplo da situação do trabalho escravo não apenas no Pará, como também no Brasil e em outros países.

O *Diário de Belém* sempre se posicionou como uma folha em defesa do abolicionismo. O jornal divulgava frequentemente diversas notícias acerca do movimento a favor da emancipação da escravatura não apenas na província do Pará, como também no restante de todo o Brasil e até mesmo em outros países, a exemplo do Paraguai, de Porto Rico e de Cuba.<sup>103</sup> Essas publicações, grosso modo, defendiam a liberdade como uma condição inalienável ao ser humano e condenavam a escravidão como um anacronismo que a nação vergonhosamente ainda sustentava.

Além disso, várias informações e inúmeros esclarecimentos eram difundidos no jornal sobre as práticas realizadas e as posições adotadas pela Associação Filantrópica de Emancipação dos Escravos, instituída em Belém em 1869, inicialmente com mais de trezentos e quarenta associados. Antes, no entanto, da inauguração dessa entidade, foi publicado no *Diário de Belém* um convite aos leitores que tivessem interesse em participar dessa instituição. Vejamos: “As pessoas que quiserem contribuir para a realização desta ideia, poderão inscrever seus nomes no escritório das redações do Jornal do Pará, Diário de Grão-Pará, Colombo e Diário de Belém, na casa da Praça e na livraria de Carlos Seidl & C.<sup>a</sup>, rua Formosa n. 24”. É válido informarmos ainda que esse convite foi divulgado várias vezes durante o ano de 1869 tanto antes quanto depois da instauração oficial de tal entidade humanitária. O *Diário de Belém* sempre apresentava matérias elogiosas sobre a Associação Filantrópica de Emancipação dos Escravos e demonstrava pleno apoio aos interesses defendidos pelos membros da instituição. No dia 21 de julho de 1869, o jornal, por exemplo, publicou uma notícia na primeira página sobre a inauguração dessa associação. Vejamos:

Um sentimento humanitário, deste que sempre e em toda a parte tem encontrado conselho e defesa na razão, na justiça e na consciência universal acaba de inspirar,

---

<sup>103</sup> No dia 2 de outubro de 1869, a escravidão foi abolida no Paraguai, mas, como nessa época cerca de seis mil escravos foram recrutados para a guerra contra a Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai), apenas quatrocentos e cinquenta cativos puderam desfrutar da liberdade recém-adquirida, pois o resto havia permanecido no campo de batalha. Em Porto Rico, por sua vez, a abolição da escravatura foi decretada em 1873 e o mesmo ocorreu em Cuba sete anos mais tarde.

nesta capital, a criação de uma associação filantrópico, destinada à libertação dos escravos. [...]  
 E não podendo nós nutrir outros sentimentos que não sejam os de humanidade, caridade e justiça, aplaudimos a criação de tão filantrópica Associação e lhe prestamos cordialmente o nosso apoio e coadjuvação, subscrevendo-nos desde já para ela, convidando igualmente o concurso de todos para melhor se conseguir seu tão louvável fim.<sup>104</sup>

É válido, no entanto, ressaltarmos que, nessa mesma notícia, o *Diário de Belém*, do mesmo modo como defendia a libertação dos escravos, apresentava também uma preocupação com o direito de propriedade. Apesar de favorável à abolição da escravatura, o jornal pregava que “seria uma calamidade sem remédio pretender derrubá-la de um só golpe”, pois essa reforma, se de maneira abrupta fosse realizada, comprometeria os “interesses vitais e gravíssimos da sociedade ou da maioria dos indivíduos” e seria “um mal pior do que o que se medita curar: a desordem e a desorganização social serão certas e inevitáveis”. Essas ponderações demonstram que o *Diário de Belém* tinha consciência de que o fim terminante e imediato da escravidão no Brasil acarretaria prejuízos ao direito de propriedade e, por sua vez, causaria danos ao acúmulo de capital. Para o jornal, essa mudança deveria ocorrer de maneira paulatina, pacífica e cautelosa com o intuito de não prejudicar naquele período as esferas econômica e social da província nem do país.

Do mesmo modo como apoiou a criação de uma associação na capital paraense para lutar pela emancipação da escravatura, o *Diário de Belém* também afiançou que essa mesma entidade deveria estar de acordo com posicionamentos abolicionistas mais moderados, assim como os defendidos pelo próprio periódico, e encontrar uma harmonia entre os seguintes princípios: “se a liberdade é um direito natural e justo a propriedade é um direito sagrado que cumpre respeitar. É ela o fundamento do Estado e da riqueza pública, que no fundo não é mais do que o complexo das fortunas particulares”.

No dia 10 de agosto de 1869, o *Diário de Belém* publicou uma notícia sobre os acontecimentos que ocorreram na primeira reunião da associação humanitária realizada três dias antes no Teatro Providência. Nessa matéria, o jornal emitiu um julgamento em relação ao discurso proferido por Carlos Seidl, um dos principais idealizadores dessa entidade abolicionista.<sup>105</sup> Vejamos: “O único merecimento que tinha, era o ter ele [Carlos Seidl]

<sup>104</sup> *Diário de Belém*, Belém, 21 jul. 1869, p. 1.

<sup>105</sup> Carlos Seidl foi um livreiro austríaco que se estabeleceu em Belém durante o século XIX. Era proprietário do estabelecimento Carlos Seidl & C.<sup>a</sup> – uma livraria, papelaria e oficina de encadernador. Essa casa de venda de diversos artigos localizava-se antes na rua dos Mercadores n. 6 BB e depois mudou-se para a rua Formosa n. 24. Nesse lugar, Carlos Seidl vendia penas de aço das marcas mais variadas, penas de ave superiores, tintas para escrever nas cores preta, encarnado, azul e verde e livros, a exemplo de romances e novelas, histórias instrutivas

apontado meios pacíficos, paulatinos e úteis aos escravos e aos senhores para pôr em prática a emancipação; sem ofender o direito de propriedade”<sup>106</sup>. Nesse excerto, percebemos que, além do *Diário de Belém*, a própria instituição filantrópica criada em benefício da libertação dos escravos – seja por interesse dos próprios idealizadores, seja para conservar e aumentar ainda mais o número de associados – mantinha também um discurso voltado para um abolicionismo ameno, pacífico e paulatino.

Embora se declarasse abertamente a favor da abolição da escravatura, o *Diário de Belém* envolveu-se em discussões com outros periódicos da capital paraense que questionaram ferrenhamente o seu posicionamento abolicionista, assim como o *Jornal da Tarde* e *O Liberal do Pará*. No dia 13 de abril de 1882, por exemplo, o *Diário de Belém* publicou uma nota em defesa de uma acusação que lhe foi dirigida pelo *Jornal da Tarde* e que, por sua vez, colocava em xeque a sua declarada posição a favor do direito à liberdade de todo e qualquer indivíduo.<sup>107</sup> Vejamos logo a seguir um excerto dessa nota: “atira-nos este jornal uma pedrada, porque admitimos nas colunas do nosso « Diário » anúncios de venda e compra de escravos, ao passo que nos declaramos amantes da liberdade. Toleirões!”<sup>108</sup>. Os argumentos dos quais o *Diário de Belém* se dispôs para transmitir uma resposta ao *Jornal da Tarde* eram pautados (1) na reafirmação dos seus princípios emancipatórios: “Amamos a liberdade com o respeito que devemos ao direito de propriedade, por que sempre pugnamos”; (2) numa defesa alicerçada no preceito da isonomia: “Não é de hoje que estão franqueadas as colunas do nosso jornal para anúncios tais, e portanto não se nos pode chamar de cínicos. Cínico é o jornal mercenário da liberdade e que não respeita o direito alheio, garantido pelas leis do país”.

No dia 14 de julho de 1883, o *Diário de Belém* voltou a se defender da mesmíssima acusação, só que dessa vez emitida pelo *O Liberal do Pará*. Antes de começarmos essa discussão acerca do posicionamento abolicionista do *Diário de Belém*, convém esclarecermos que esses dois periódicos há muito tempo e quase sempre já vinham trocando farpas, pois apresentavam posições políticas e partidárias distintas. Enquanto *O Liberal do Pará*, por um lado, era “órgão do partido liberal”, o *Diário de Belém*, por outro, era declaradamente oposição. Em meio, então, a toda essa querela político-partidária, *O Liberal do Pará*, no dia

---

e recreativas úteis para as escolas, gramáticas, atlas, almanaques e dicionários para o estudo dos mais variados idiomas.

<sup>106</sup> *Diário de Belém*, Belém, 10 ago. 1869, p. 2.

<sup>107</sup> Infelizmente, não estavam disponíveis no site da Hemeroteca Digital Brasileira os números do *Jornal da Tarde* referentes ao período da publicação da respectiva nota pelo *Diário de Belém*. Para sermos mais exatos, consta no referido site apenas o número relativo ao dia 3 de junho de 1882. Desse modo, não foi possível estabelecermos um cotejo entre as notícias emitidas pelos dois periódicos em discussão.

<sup>108</sup> *Diário de Belém*, Belém, 13 abr. 1882, p. 2.

13 de julho de 1883, publicou uma matéria em que acusava o *Diário de Belém*, entre outros incidentes mais, de não ser plenamente abolicionista. Observemos:

O « Diário » não é escravocrata!  
 Folgamos com esta boa nova!  
 Até aqui nós e todos que o viam o tinham como tal!  
 O que nos admira é que o « Diário » para nos emprestar seus títulos considera crime o não termos fechado *o nosso porto ao comércio da carne humana!*  
 Pois o « Diário » acha que podem as assembléias provinciais legislar legalmente a respeito?  
 E por que ainda não trancou suas colunas aos anúncios de venda e fuga de escravos?<sup>109</sup>

No dia seguinte, o *Diário de Belém* estampou nas suas páginas uma matéria em defesa das acusações que o órgão do partido liberal lhe havia dirigido e, no que concerne ao seu posicionamento abolicionista e precisamente aos reclames de venda e fuga de escravos, defendeu que essa atitude “sufraga[ria] a liberdade de imprensa em toda sua plenitude” e, por essa razão, não se sentia no direito de recusar nenhuma publicação na seção reservada a toda e qualquer categoria de anúncio, visto que essa forma específica de publicação, além de estar de acordo com a legislação do país, era solicitada pelos anunciantes – sobre os quais a responsabilidade do conteúdo veiculado no reclame recairia – e, portanto, “nada tem com a parte moral da empresa ou com a sua redação, a cuja responsabilidade escapa. O anúncio como a publicação solicitada é estranho à redação”. Para o *Diário de Belém*, recusar uma publicação solicitada, que naquele período estava garantida por lei, implicaria “um ataque à liberdade de imprensa, que é o programa desta imprensa, com certeza mais liberal do que a do *Liberal*”. Para concluir a matéria em grande estilo, o *Diário de Belém* reafirmou que não era responsável pelos anúncios de venda e fuga de escravos, reiterou o próprio posicionamento abolicionista e repudiou toda e qualquer forma de anarquia. Vejamos:

As publicações solicitadas não são nossas, nem saem sob a nossa responsabilidade: correm por conta de quem as faz. Não definem, portanto, nem podem dar a cor do nosso abolicionismo, que de nós unicamente depende.  
 Somos pela ordem e a declaração de ilegalidade ao que é legal nada menos importa do que a anarquia nas ideias, e nós condenamos toda a anarquia, qualquer que seja o ponto que ela mire.<sup>110</sup>

Assim como o *Diário de Belém*, alguns colaboradores do periódico também se manifestaram contra a manutenção do regime escravocrata, pois se envolveram em causas a favor da emancipação da escravidão, seja por meio da própria vinculação a instituições de

<sup>109</sup> *O Liberal do Pará*, Belém, 13 jul. 1883, p. 2.

<sup>110</sup> *Diário de Belém*, Belém, 14 jul. 1883, p. 2.

cunho abolicionista, como a Associação Filantrópica de Emancipação dos Escravos e o periódico semanal *O Abolicionista Paraense*, seja por meio da publicação de poemas em defesa da liberdade, a exemplo de Paulino de Brito, Múcio Javrot, Teodorico Magno, Marques de Carvalho e Guilherme de Miranda.

#### 1.4. Autores e títulos de prosa de ficção no *Diário de Belém* (1880-1889)

Já não nos restam mais dúvidas de que o romance francês caiu no gosto dos leitores que viviam na Belém da segunda metade do século XIX, assim como também no restante do país. Como procuramos demonstrar no início deste capítulo, as páginas dos periódicos que circularam pela capital paraense nesse período eram predominantemente preenchidas pela prosa de ficção assinada por escritores nascidos na França, com especial relevo para o romance. Ponson du Terrail, Hector Malot, Georges Ohnet, Xavier de Montépin e Paul Féval, por exemplo, eram nomes estampados com frequência nas páginas da imprensa belenense oitocentista, seja por meio das narrativas ficcionais divulgadas em inúmeros pedaços, seja por meio dos anúncios de venda de obras recém-lançadas em livros, seja por meio de informes e matérias sobre os novos lançamentos, sobre as polêmicas, sobre as homenagens, entre outros. As narrativas ficcionais escritas por esses folhetinistas às vezes chegavam a cem, a duzentos e até mesmo a trezentos fascículos e se estendiam por alguns ou diversos meses. Diante disso, essa apurada dedicação destinada à publicação de obras assinadas pelos autores franceses nas páginas da imprensa belenense oitocentista não se sustentaria se as obras produzidas por esses ficcionistas não estivessem no gosto dos leitores que viviam na Belém da segunda metade do século XIX.

Desse modo, o *Diário de Belém*, assim como muitos jornais contrerâneos e contemporâneos, seguiu a mesma tendência que se arrolava na capital paraense e, em suas páginas, publicou não apenas diversos romances como também variados contos de autoria francesa (cf. tabela 1.1). Convém ressaltarmos que encontramos quinze romances estampados nas páginas do *Diário de Belém* durante a penúltima década do século XIX assinados pela pena de escritores franceses, a exemplo de Émile Richebourg (1833-1898); Louis Ulbach (1822-1889); Paul Saunière (1827-1894); Amedée Achard (1814-1875); George Vautier (1842-?); Clémence Robert (1797-1972); Arthur Arnould (1833-1895) sob o pseudônimo de Arthur Matthey; Emmanuel Pradier (1840-1908) sob o pseudônimo de Georges Pradel; Jules Gastyne (1847-1920); Paul de Kock (1793-1871); Charles Diguët (1836-1909) e, por último, Henry de Pène (1830-1888). O número de romances franceses encontrados corresponde em porcentagem a cerca de 57,75% do total das obras do mesmo gênero localizadas no jornal durante o período que havíamos previamente delimitado.

Além dos romances, deparamo-nos também com um número bastante significativo de contos de autoria francesa. Ao todo, foram encontradas quarenta e seis publicações desse mesmo gênero nas páginas do *Diário de Belém* produzidas por escritores como Émile Zola

(1840-1902); Adolphe Belot (1829-1890); Octave Feuillet (1821-1890); La Fontaine (1621-1695); Alphonse Daudet (1840-1897); Théodore de Banville (1823-1891); Jules Girardin (1832-1888); Victor Hugo (1802-1885); Alexandre Dumas (1802-1870); Catulle Mendès (1841-1909); Alphonse Bouvier (1851-1931); Aurélien Scholl (1883-1902); Guy de Maupassant (1850-1893); Fulbert-Dumonteil (1831-1912); Amandine Aurore Lucile Dupin (1804-1876) sob o pseudônimo de George Sand; Louis Jacolliot (1837-1890); Jules Janin (1804-1874); Paul Féval (1816-1887) e, finalmente, René-Jean Toussaint (1856-1918) sob o pseudônimo de René Maizeroy. Convém ressaltarmos que esses quarenta e seis contos de autoria francesa equivalem percentualmente a 40% de um universo de cento e quinze publicações desse mesmo gênero localizadas no *Diário de Belém*.<sup>111</sup> Em meio aos escritores franceses elencados como contistas, Émile Zola, Alphonse Daudet e Catulle Mendès foram os nomes mais recorrentes, pois vários contos assinados pela pena desses autores foram publicados nas seções do periódico destinadas às narrativas ficcionais: sete escritos por Zola, nove por Daudet e onze por Catulle Mendès. Dos demais contistas nascidos na França foram lançados de um a, no máximo, dois trabalhos do mesmo gênero.

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>Gênero</b>
<b>Émile Zola (1840-1902)</b>	“As minhas gatas”	1880	Conto
	“Lili”	1884	Conto
	“O assalto ao moinho”	1885	Conto
	“O ferreiro”	1886	Conto
	“Os morangos”	1886	Conto
	“A vilazinha”	1886	Conto
	“Os ombros da marquesa”	1889	Conto
<b>Adolphe Belot (1829-1890)</b>	“A Vênus negra”	1880	Conto
<b>Octave Feuillet (1821-1890)</b>	“Um episódio de Vendaia”	1880	Conto
<b>La Fontaine (1621-1695)</b>	“Treze à mesa”	1880	Conto
<b>Paul Saunière (1827-1894)</b>	“A mulher do joalheiro”	1880	Romance
	“A capota cor de rosa”	1888	Romance

<sup>111</sup> É válido ressaltarmos que, para calcularmos as porcentagens, não contabilizamos os contos sem autoria ou com autoria não identificada.

<b>Alphonse Daudet (1840-1897)</b>	“O cura de Frontignan”	1880	Conto
	“Uma ceia no Marais”	1882	Conto
	“A morte do delfim”	1882	Conto
	“As fadas de França”	1886	Conto
	“A última aula”	1886	Conto
	“Artificio de mulher”	1886	Conto
	“Uma noite de primeira representação”	1886	Conto
	“A morte de Chauvin”	1887	Conto
	“A macaca”	1887	Conto
<b>Amedée Achard (1814-1875)</b>	“A túnica de Nesso”	1881	Romance
<b>George Vautier (1842-?)</b>	“O remorso de um médico”	1881	Romance
<b>Catulle Mendès (1841-1909)</b>	“A marquesa Faustina”	1882	Conto
	“Amor pobre”	1886	Conto
	“Brincar com cinza”	1886	Conto
	“O caminho do paraíso”	1888	Conto
	“Isolina”	1888	Conto
	“O espelho”	1888	Conto
	“A recordação preciosa”	1888	Conto
	“As duas margaridas”	1888	Conto
	“Gratidão”	1889	Conto
	“A princesa encantada”	1889	Conto
	“Os três caminhos”	1889	Conto
<b>Théodore de Banville (1823-1891)</b>	“Um bom ministro”	1882	Conto
<b>Émile Richebourg (1833-1898)</b>	“A idiota”	1882	Romance
	“O filho”	1883-1884	Romance
<b>Jules Girardin (1832-1888)</b>	“O ratinho”	1882	Conto
<b>Victor Hugo (1802-1885)</b>	“A alma do lobo”	1882	Conto
	“A onda e a sombra”	1886	Conto
<b>Alexandre Dumas (1802-1870)</b>	“O inglês de Garibaldi”	1882	Conto
<b>Alphonse Bouvier (1851-1931)</b>	“O inglês errante”	1884	Conto

<b>Louis Ulbach (1822-1889)</b>	“A roleta”	1884	Romance
<b>Aurélien Scholl (1883-1902)</b>	“A balança da vida”	1884	Conto
<b>Guy de Maupassant (1850-1893)</b>	“Em Família”	1885	Conto
	“”Velando”	1888	Conto
<b>Clémence Robert (1797-1972)</b>	“O poeta da rainha”	1885	Romance
<b>Fulbert-Dumonteil (1831-1912)</b>	“A naja do cabo”	1886	Conto
	“A morta”	1886	Conto
<b>Arthur Matthey – pseudônimo de Arthur Arnould (1833-1895)</b>	“O drama da cruz vermelha”	1886	Romance
	“Vingança secreta”	1887-1888	Romance
<b>George Sand – pseudônimo de Amandine Aurore Lucile Dupin (1804-1876)</b>	“A toutinegra do doutor”	1886	Conto
<b>Georges Pradel – pseudônimo de Emmanuel Pradier (1840-1908)</b>	“O caixão negro”	1886-1887	Romance
<b>Louis Jacolliot (1837-1890)</b>	“Os magnetizadores da Índia”	1887	Conto
<b>Jules Janin (1804-1874)</b>	“O último dia de um condenado”	1887	Conto
<b>Jules Gastyne (1847-1920)</b>	“O segredo de Daniel”	1887	Romance
<b>Paul Féval (1816-1887)</b>	“A família”	1887	Conto
<b>Paul de Kock (1793-1871)</b>	“Um parisiense na Andaluzia”	1887	Romance
<b>Charles Diguët (1836-1909)</b>	“Os amores da duquesa”	1888	Romance
<b>Henry de Pène (1830-1888)</b>	“Laura”	1888-1889	Romance
<b>René Maizeroy – pseudônimo de René-Jean Toussaint (1856-1918)</b>	“O arquiduque”	1889	Conto

**Tabela 1.1:** A produção de narrativas ficcionais assinadas por escritores franceses publicadas no *Diário de Belém* na década de 80 do século XIX.

Os escritores franceses foram, com efeito, os mais assíduos nas páginas do *Diário de Belém*, pois corresponderam percentualmente a cerca de 60,75% de um total de cinquenta e

um ficcionistas estrangeiros. Convém ressaltarmos, no entanto, que obras assinadas por autores de outras nacionalidades, embora não tenham sido publicadas numa escala muito expressiva, também foram lançadas nas colunas reservadas à publicação de prosa de ficção (cf. tabela 1.2). Os portugueses, por exemplo, embora não tenham figurado como romancistas, destacaram-se, sobretudo, pela produção de contos.<sup>112</sup> Eugénio de Castilho (1846-1900), Fialho de Almeida (1857-1911), Carlos de Moura Cabral (1852-1922), Ramalho Júnior (1859-1916), Alfredo Gallis (1859-1910), Júlio César Machado (1835-1890), Visconde de Benalcanfor (1830-1889), Dantas Barreto (1850-1931) e, por último, Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921) foram os nomes de autores lusitanos identificados como contistas no *Diário de Belém* e equivalem, em porcentagem, a aproximadamente 17,5% do total de escritores europeus. Nesse conjunto ainda de ficcionistas, os espanhóis, em menor escala ainda, foram representados por Antônio Sánchez Pérez (1838-1912), Eusebio Blasco (1844-1903), García Ladevese (1850-1914), Maria del Pilar Sinués (1835-1896) e Antonio de Trueba (1819-1889) e, estatisticamente, condizem a quase 9,75% da soma de autores estrangeiros. Os únicos representantes ingleses, no que lhes diz respeito, foram apenas Mary Elizabeth Braddon (1835-1915), Robert Southey (1774-1843) e Eustace Clare Grenville Murray (1824-1881) e, percentualmente, correspondem a próximo de 6% da totalidade de produtores de ficção de além-mar. Por fim, merecem ainda ser mencionados escritores de outras nacionalidades, a exemplo do russo Ivan Tourgueniev (1818-1883), do italiano Vittorio Bersezio (1828-1900) e do belga Henri Conscience (1812-1883). Cada um desses três ficcionistas, individualmente, corresponde em porcentagem a perto de 2% da somatória dos autores estrangeiros.

Nacionalidade	Autor	Título	Ano de publicação	Gênero
Portuguesa	Eugénio de Castilho (1846-1900)	“Sinos no luar”	1880	Conto
Portuguesa	Fialho de Almeida (1857-1911)	“Filho de Clown”	1881	Conto
		“A camisa”	1883	Conto

<sup>112</sup> É válido ressaltarmos que os portugueses, embora não tenham sido muito destacados como ficcionistas, estiveram ainda presentes no *Diário de Belém* a partir das crônicas de Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921) e das cartas trocadas entre Eça de Queiroz (1845-1900) e Pinheiro Chagas (1842-1895), assim como também a partir de publicações de diferentes gêneros assinadas por Bulhão Pato (1828-1912), Ramalho Ortigão (1836-1915), Alexandre da Conceição (1842-1889), Júlio César Machado (1835-1890), entre outros.

<b>Portuguesa</b>	Carlos de Moura Cabral (1852-1922)	“Aqueles lágrimas...”	1881	Conto
		“Depois do jantar”	1889	Conto
<b>Portuguesa</b>	Ramalho Júnior (1859-1916)	“O sogro”	1881	Conto
<b>Portuguesa</b>	Alfredo Gallis (1859-1910)	“A sina de Williams Splitt”	1883	Conto
<b>Portuguesa</b>	Júlio César Machado (1835-1890)	“O lombo”	1883	Conto
		“Dicionário Universal Português”	1883	Conto
		O chá	1884	Conto
<b>Portuguesa</b>	Visconde de Benalcanfor (1830-1889)	“O máscara de ferro”	1883	Conto
<b>Portuguesa</b>	Dantas Barreto (1850-1931)	“O Sr. Joãozinho”	1883	Conto
<b>Portuguesa</b>	Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921)	“A melancolia da marquesa”	1888	Conto
<b>Espanhola</b>	Antônio Sánchez Pérez (1838-1912)	“As minhas vizinhas”	1881	Conto
<b>Espanhola</b>	Eusebio Blasco (1844- 1903)	“Primeira confissão”	1882	Conto
<b>Espanhola</b>	García Ladevese (1850-1914)	“O inglês da Ponte Nova”	1883	Conto
<b>Espanhola</b>	Maria del Pilar Sinués (1835-1896)	“Os bons e os maus”	1884	Conto
<b>Espanhola</b>	Antonio de Trueba (1819-1889)	“O sacristão de Garáizar”	1885	Romance
<b>Russa</b>	Ivan Tourgueniev (1818-1883)	“Os dois irmãos”	1883	Conto
<b>Italiana</b>	Vittorio Bersezio (1828-1900)	“Pobre Joana!”	1884	Romance
<b>Inglesa</b>	Mary Elizabeth Braddon (1835-1915)	“O segredo terrível”	1885	Romance
<b>Inglesa</b>	Robert Southey (1774-1843)	“Maria, a louca”	1885	Conto
<b>Inglesa</b>	Eustace Clare Grenville Murray (1824-1881)	“Viúva ou casada?”	1886	Romance

Belga	Henri Conscience (1812-1883)	“O martírio de uma mãe”	1885-1886	Romance
-------	------------------------------------	----------------------------	-----------	---------

**Tabela 1.2:** A produção de narrativas ficcionais assinadas por escritores estrangeiros do século XIX de outras nacionalidades publicadas no *Diário de Belém*.

Os romances assinados por escritores estrangeiros, às vezes, eram estampados nas páginas do *Diário de Belém* por vários meses e, de vez em quando, chegavam a se estender por mais de cem fascículos. “A idiota”, de Émile Richebourg (1833-1898), por exemplo, começou a ser publicado na coluna *Folhetim* em 12 de março de 1882 e foi concluído em 21 de outubro do mesmo ano. O romance de Richebourg, portanto, foi estampado por um pouco mais de sete meses – sem interrupção – e chegou a alcançar a marca de cento e cinquenta e oito fascículos. O autor francês deve ter alcançado muito sucesso entre os leitores da capital paraense, pois outro trabalho assinado pelo romancista francês – intitulado “O filho” – foi logo depois lançado na coluna *Folhetim* do *Diário de Belém* no ano seguinte. A publicação desse romance foi iniciada em 4 de outubro de 1883 e finalizada apenas em 7 de agosto de 1884. Mais do que a obra anterior de Richebourg, “O filho” percorreu as páginas do periódico em questão por um pouco mais de dez meses – também sem interrupção – e obteve um total de cento e setenta fascículos.

Além disso, o *Diário de Belém* lançou uma nota relativamente extensa sobre o romance “O segredo terrível”, de Mary Elizabeth Braddon (1835-1915), cujos fascículos começaram a ser lançados nas páginas do periódico a partir de 10 de maio de 1885. Essa nota saiu à luz no mesmo dia em que foi iniciada a publicação do trabalho escrito pela autora inglesa e, entre outros vários aspectos, trazia a seguinte informação: “Este romance é do mesmo jaez que a *Idiota* de Emílio de Richebourg, que publicamos em 1882 e que tanto agradou ao público”<sup>113</sup>. A associação estabelecida pelo *Diário de Belém* entre “A idiota” e “O segredo terrível” – respectivamente romances de autoria de Émile Richebourg e Mary Elizabeth Braddon – confirma o sucesso do nome e da prosa de ficção do escritor francês nas páginas do periódico em questão na penúltima década do século XIX.

Os romances de Émile Richebourg, no entanto, não foram os únicos a chegar perto ou a ultrapassar a marca dos cem fascículos. Saído à luz no final do ano de 1886 e finalizado em 28 de abril do ano seguinte, “O caixão negro”, por exemplo, de Georges Pradel, pseudônimo do francês Emmanuel Pradier (1840-1908), chegou ao centésimo décimo segundo fascículo e

<sup>113</sup> *Diário de Belém*, Belém, 20 nov. 1884, p. 2.

perdurou por aproximadamente cinco meses.<sup>114</sup> Publicado entre 10 de maio e 5 de novembro de 1885, “O segredo terrível”, por sua vez, da inglesa Mary Elizabeth Braddon (1835-1915), foi dividido em noventa e seis fascículos e permaneceu por quase seis meses sendo impresso no rodapé do *Diário de Belém*.

Diante de um número expressivo de escritores provenientes da Europa, foram ainda lançadas no periódico em menor escala narrativas ficcionais assinadas pela pena os autores brasileiros. Enquanto os estrangeiros, por exemplo, equivalem percentualmente a 68% de um universo de setenta e cinco ficcionistas, os nacionais, no que lhes diz respeito, correspondem em porcentagem a apenas 32% desse mesmo quantitativo.

Considerando agora apenas os escritores nascidos no Brasil, 37,5% de uma soma de 24 autores nasceram em outras províncias do país, como Valentim Magalhães (1859-1903), França Júnior (1838-1890), Machado de Assis (1839-1908), Cruz e Sousa (1861-1891), Joaquim Norberto de Souza e Silva (1820-1891), Coelho Neto (1864-1934), Virgílio Várzea (1863-1941), Arthur Azevedo (1855-1908) e Luís Guimarães Júnior (1845-1898), enquanto 62,5% desse mesmo montante nasceram ou se radicaram na província do Pará, assim como Paulino de Brito (1858-1918), Teodorico Magno (1866-1885), Múcio Javrot (?-1904), Marques de Carvalho (1866-1910), José Sarmanho (?), Joaquim Sarmanho (1858-?), Iranez de Lara (?), João de Deus do Rêgo, (1868-1902), Frederico Rhossard (1868-1900), Horizonte Brasileiro (?), Paulo Maranhão (1872-1966), Acrísio Mota (1866-1907), Henrique Rhossard (?), Alfredo Pinto (?) e Guilherme de Miranda (1870-1909).

No que se refere aos autores provenientes de outras províncias do país, esses brasileiros se destacaram mais como contistas (cf. tabela 1.3).<sup>115</sup> Nas páginas do *Diário de Belém*, encontramos dezessete contos assinados por esses escritores, cujos títulos apresentamos logo a seguir adotando a ordem de publicação: “A canoa do tio Martinho”

<sup>114</sup> Não foi possível precisar a data de lançamento desse romance, pois os números do *Diário de Belém* referentes aos últimos meses do ano de 1886 não se encontram disponíveis no site da Hemeroteca Digital Brasileira. Conseguimos precisar a soma das partes do trabalho de Emmanuel Pradier apenas porque todos os fascículos da obra foram numerados.

<sup>115</sup> Julgamos oportuno informar que era muito recorrente nas páginas do *Diário de Belém* que a autoria dos contos publicados em mais de um episódio fosse revelada apenas no último fascículo. A autoria dos contos de Machado de Assis, por exemplo, foi revelada apenas após a conclusão das narrativas. “A igreja do Diabo”, por exemplo, foi publicada na coluna *Folhetim* dividida em dois fascículos. O primeiro saiu à luz em 10 de março de 1883 e não apresentava nenhuma informação quanto à autoria. O segundo, por sua vez, foi divulgado cinco dias depois e apresentava o nome do escritor brasileiro somente ao final do enredo. Do mesmo modo, o “Conto de escola” foi lançado na seção *Literatura* repartido em três partes, publicadas nos dias 3, 4 e 5 de outubro de 1884. Nessa curta história, o nome de Machado, novamente, foi sinalizado somente após o desfecho da intriga. É válido, contudo, esclarecermos que essa forma de publicação que mantém o suspense quanto à autoria das narrativas publicadas em poucos pedaços não se restringiu unicamente aos contos de Machado de Assis, mas também a outros trabalhos da mesma natureza escritos por outros autores, como, por exemplo, “As minhas vizinhas”, de Antônio Sánchez Pérez (1838-1912), lançadas nos dias 1, 2 e 3 de abril de 1881, e “Um bom ministro”, de Théodore de Banville (1823-1891), divulgado em 13, 14, 15 e 22 de janeiro de 1882.

(1882), “O sapatinho do general” (1883) e “Canário doido” (1889), de Valentim Magalhães (1859-1903); “Notas de um vadio” (1882), “História de um bom moço” (1882), “Moléstias do coração” (1884), “Dois partidos” (1886), “Naná” (1886) e “Ouvindo missa” (1889), de França Júnior (1838-1890); “A igreja do Diabo” (1883) e “Conto de escola” (1884), de Machado de Assis (1839-1908); “A bolsa da concubina” (1884); de Cruz e Sousa (1861-1898); “Balada da nau” (1889) e “Beijos e lágrimas” (1889), de Coelho Neto (1864-1934); “A héctica” (1889), de Virgílio Várzea (1863-1941); “É minha mãe!”, de Arthur Azevedo (1855-1908), e “Maria e a Morte”, de Luís Guimarães Júnior (1845-1898). No que concerne ao romance, localizamos no jornal apenas uma única obra desse gênero assinada por um brasileiro: “Vindo de Paris” (1884-1885), de Joaquim Norberto de Souza e Silva (1820-1891).

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>Gênero</b>
<b>Valentim Magalhães (1859-1903)</b>	“A canoa do tio Martinho”	1882	Conto
	“O sapatinho do general”	1883	Conto
	“Canário doido”	1889	Conto
<b>França Júnior (1838-1890)</b>	“Notas de um vadio”	1882	Conto
	“História de um bom moço”	1882	Conto
	“Moléstias do coração”	1884	Conto
	“Dois partidos”	1886	Conto
	“Naná”	1886	Conto
	“Ouvindo missa”	1889	Conto
<b>Machado de Assis (1839-1908)</b>	“A igreja do Diabo”	1883	Conto
	“Conto de escola”	1884	Conto
<b>Cruz e Sousa (1861-1898)</b>	“A bolsa da concubina”	1884	Conto
<b>Joaquim Norberto de Souza e Silva (1820-1891)</b>	“Vindo de Paris”	1884-1885	Romance
<b>Coelho Neto (1864-1934)</b>	“Balada da nau”	1889	Conto
	“Beijos e lágrimas”	1889	Conto
<b>Virgílio Várzea (1863-1941)</b>	“A héctica”	1889	Conto
<b>Arthur Azevedo (1855-1908)</b>	“É minha mãe!”	1889	Conto
<b>Luís Guimarães Júnior (1845-1898)</b>	“Maria e a Morte”	1889	Conto

**Tabela 1.3:** A produção de narrativas ficcionais assinadas por escritores brasileiros do século XIX provenientes de outras regiões do Brasil publicadas no *Diário de Belém*.

Assim como os demais escritores brasileiros, os autores paraenses também se destacaram mais como contistas, mas foram encontrados ainda alguns representantes desse grupo que se aventuraram pela escrita do romance (cf. tabela 1.4).

Quanto ao conto, localizamos trinta e três títulos desse gênero lançados por escritores paraenses nas páginas do *Diário de Belém*, os quais serão enumerados logo em sequência em ordem cronológica: “Como se esvai um sonho” (1885) e “O enterro de um coração” (1889), de Paulino de Brito (1858-1918); “Entre a vida e a morte” (1885), de José Sarmanho (?); “As flores do sepulcro” (1885) e “A sesta” (1889), de Iranez de Lara (?); “A romântica” (1886), de Joaquim Sarmanho (1858-?); “Isaura” (1886), “O sepulcro das flores” (1886), “História de uma judia” (1886), “A mameluca” (1886) e “Adélia” (1887), de João de Deus do Rêgo (1868-1902); “Um romance ligeiro” (1886), de Frederico Rhossard (1868-1900); “O suicida” (1887), “Tarde arrependimento” (1888) e “Os dois priminhos” (1888), de Horizonte Brasileiro (?); “No teatro...” (1887) e “Margarida” (1887), de Paulo Maranhão (1872-1966); “O monóculo” (1887) e “A filha da baronesa” (1888), de Acrísio Mota (1866-1907); “Magdalena” (1888); “Amor de corcunda”<sup>116</sup> (1888), “Uma ideia luminosa” (1888), “Irmã das flores” (1888), “Semper!” (1889) e “Desfecho inesperado” (1889), de Henrique Rhossard (?); “Um construtor de nuvens” (1888), “As ligas” (1888), “Nuvem por Juno” (1888), “Uma troca dos diabos” (1888), “Ao relento” (1888) e “Queda das nuvens” (1889), de Alfredo Pinto (?); “Ao luar” (1888), de Guilherme de Miranda (1870-1909), e, finalmente, “O preço das pazes” (1889), de Marques de Carvalho (1866-1910).

No que se refere ao romance, foram encontrados no jornal quatro obras pertencentes a esse gênero pela pena de escritores paraenses, cujos títulos serão discriminados logo em seguida e também organizados em ordem cronológica: “O homem das serenatas” (1882), de Paulino de Almeida Brito (1858-1918); “Por causa de uma loucura” (1882), de Eustáquio de Veleda, pseudônimo de Teodorico Francisco de Assis Magno (1866-1885); “Através do desconhecido: o romance da terra”, de Múcio Javrot, pseudônimo de Joaquim Francisco de Mendonça Júnior (?-1904), e “Ângela (1883-1884), de João Marques de Carvalho (1886-1910).

Dessa forma, convém ressaltarmos que a soma de escritores radicados na província do Pará, embora não seja superior ao total de ficcionistas europeus, não chega a representar também uma quantidade irrisória. Em meio a cento e quarenta e dois autores encontrados nas páginas do *Diário de Belém*, os paraenses correspondem percentualmente a 20% desse

---

<sup>116</sup> Esse conto de Henrique Rhossard foi publicado no dia 29 de julho de 1888 na coluna *Folhetim* e depois foi republicado em 24 de março de 1889 na seção *Parte Literária*.

montante. Do mesmo modo, a quantidade de narrativas ficcionais produzidas por escritores fixados na província do Pará, ainda que também não seja maior do que a somatória de publicações da mesma natureza confeccionadas por ficcionistas de origem europeia, não se resume a um número irrelevante. Diante de um universo de cento e quarenta e um trabalhos de ficção escritos em prosa que localizamos no jornal em discussão, os contos e os romances assinados por autores paraenses contabilizam em porcentagem a cerca de 26,25% desse quantitativo.

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Período</b>	<b>Gênero</b>	<b>Número de fascículos</b>	<b>Situação</b>
<b>Paulino de Brito (1858-1918)</b>	“O homem das serenatas”	1 de janeiro a 5 de março de 1882	Romance	18	Concluído
	“Como se esvai um sonho”	15 e 17 de novembro de 1885	Conto	2	Concluído
	“O enterro de um coração”	2 de fevereiro de 1889	Conto	1	Concluído
<b>Teodorico Magno (1866-1885)</b>	“Por causa de uma loucura”	5 de janeiro a 9 de março de 1882	Romance	24	Concluído
<b>Múcio Javrot (?-1904)</b>	“Através do desconhecido: o romance da terra”	27 de agosto de 1882 a 28 de janeiro de 1883	Romance	23	O romance não chegou a ser finalizado.
<b>Marques de Carvalho (1866-1910)</b>	“Ângela”	17 de novembro de 1883 a 13 de setembro de 1884	Romance	27	O romance foi concluído, mas estão faltando alguns fascículos.
	“O preço das pazes”	2 de fevereiro de 1889	Conto	1	Concluído
<b>José Sarmanho (?)</b>	“Entre a vida e a morte”	26 de abril de 1885	Conto	1	Concluído
<b>Joaquim Sarmanho (1858-?)</b>	“A romântica”	8 de maio de 1886	Conto	1	Concluído

<b>Iranéz de Lara (?)</b>	“As flores do sepulcro”	5 e 6 de outubro de 1885	Conto	2	Concluído
	“A sesta”	6 de janeiro de 1889	Conto	1	Concluído
<b>João de Deus do Rêgo (1868-1902)</b>	“Isaura”	14 de fevereiro de 1886	Conto	1	Concluído
	“O sepulcro das flores”	30 de maio de 1886	Conto	1	Concluído
	“História de uma judia”	13 de junho de 1886	Conto	1	Concluído
	“A mameluca”	11 de julho de 1886	Conto	1	Concluído
	“Adélia”	16 de janeiro de 1887	Conto	1	Concluído
<b>Frederico Rhossard (1868-1900)</b>	“Um romance ligeiro”	22 e 24 de agosto de 1886	Conto	2	Concluído
<b>Horizonte Brasileiro (?)</b>	“O suicida”	5 a 15 de maio de 1887	Conto	4	Concluído
	“Tarde arrependimento”	11 de março de 1888	Conto	1	Concluído
	“Os dois priminhos”	25 de março de 1888	Conto	1	Concluído
<b>Paulo Maranhão (1872-1966)</b>	“No teatro...”	8 e 11 de dezembro de 1887	Conto	2	Concluído
	“Margarida”	16 de dezembro de 1887	Conto	1	Concluído
<b>Acrísio Mota (1866-1907)</b>	“O monóculo”	10 de dezembro de 1887	Conto	1	Concluído
	“A filha da baronesa”	22 a 29 de janeiro de 1888	Conto	3	Concluído

<b>Henrique Rhossard (?)</b>	“Magdalena”	22 de janeiro de 1888	Conto	1	Concluído
	“Amor de corcunda”	29 de julho de 1888	Conto	1	Concluído
	“Uma ideia luminosa”	16 de setembro de 1888	Conto	1	Concluído
	“Irmã das flores”	28 de outubro de 1888	Conto fantástico	1	Concluído
	“Semper!”	1 de janeiro de 1889	Conto	1	Concluído
	“Desfecho inesperado”	17 de fevereiro de 1889	Conto	1	Concluído
	“Amor de corcunda”	24 de março de 1889	Conto	1	Republicado
<b>Alfredo Pinto (?)</b>	“Um construtor de nuvens”	19 de fevereiro de 1888	Conto	1	Concluído
	“As ligas”	15 de agosto de 1888	Conto	1	Concluído
	“Nuvem por Juno”	26 de agosto de 1888	Conto	1	Concluído
	“Uma troca dos diabos”	23 de setembro de 1888	Conto	1	Concluído
	“Ao relento”	11 de novembro de 1888	Conto	1	Concluído
	“Queda das nuvens”	13 de janeiro de 1889	Conto	1	Concluído
<b>Guilherme de Miranda (1870-1909)</b>	“Ao luar”	2 de setembro de 1888	Conto	1	Concluído

**Tabela 1.4:** A produção de narrativas ficcionais assinadas por escritores paraenses do século XIX publicadas no *Diário de Belém*.

A partir dos dados quantitativos que expusemos anteriormente, é possível percebermos que havia na Belém do final do século XIX um conjunto de jornalistas e escritores radicados na província do Pará produzindo prosa de ficção para a imprensa periódica da capital paraense durante as duas últimas décadas do Oitocentos. Desse modo, verificamos que alguns jornais de circulação diária que se propagaram por Belém nesse período, como o *Diário de Notícias*, *A Província do Pará* e – em especial – o *Diário de Belém*, não apenas ofereciam narrativas ficcionais traduzidas ou extraídas de outras folhas periódicas, como também produzidas pelos

próprios colaboradores desses periódicos. Esses homens, na maior parte das vezes, reconheciam-se como escritores, acreditavam que produziam literatura e julgavam que pertenciam a uma “literatura paraense”, a uma “literatura amazônica” ou a uma literatura que chamavam de “nossa”.

## CAPÍTULO 2

### ESCRITORES PARAENSES EMPENHADOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA LITERATURA

*Aqui escreve-se para a glória e não para alcançar-se algum proveito que dos livros possa advir, porque ninguém hoje quer dar a insignificante quantia de 3\$000 réis por uma obra de merecimento incontestável.*

*Verdade cruel e bastante pungente – pede-se luz e vive-se em trevas, e a prova irrefutável do que afirmamos está aí bem clara e concisa – abandonam-se os livros nas horas de ócio, sem proveito algum para um espírito que deseja instruir-se pelo estudo.*

*Mas, diante da indiferença que no momento atual se levanta, deixando-se que os livros adormeçam na estante de um livreiro qualquer, não se tem podido obstar a publicação de alguns livros que vêm à luz no nosso acanhado meio literário.<sup>117</sup>*

\*\*\*

*O defeito, portanto, é nosso... Vem da nenhuma divulgação de nossas letras; da nossa tradicional indolência provinciana; do nosso retraimento inato à expansão de nosso mérito próprio e, também, com verdade maior, da falta de recursos dos nossos intelectuais, ricos de espírito, porém pobres de pecúnia para a publicação e expansão de seus livros.<sup>118</sup>*

#### 2.1. Livros impressos: uma façanha árdua

**N**a primeira epígrafe deste capítulo, extraída de uma crítica publicada no *Diário de Belém* destinada ao recente lançamento das *Orquídeas*, coleção de poesias de José Eustáquio de Azevedo saída à luz em 1888, o escritor e jornalista paraense Guilherme de Miranda afirmou que a publicação de livros no final do século XIX não era uma prática vantajosa para escritores que viviam na Amazônia, pois ninguém, segundo o autor, se dispunha a desembolsar uma “insignificante quantia [...] por uma obra de merecimento incontestável” e, como consequência, “os livros adormec[ia]m na estante de um livreiro qualquer”. Na segunda epígrafe, retirada da *Literatura paraense*, a primeira tentativa

<sup>117</sup> MIRANDA, Guilherme de. Primeiras rimas: coleção de versos de João de Deus do Rêgo. **Diário de Belém**, Belém, 18 nov. 1888, Letras, p. 2.

<sup>118</sup> AZEVEDO, José Eustáquio de. **Literatura paraense**. 3. ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 11.

empreendida em 1904 de construção de uma história literária sobre a produção poética e ficcional desenvolvida no estado do Pará, José Eustáquio de Azevedo, por sua vez, assinalou que a publicação de obras em volume na região assinadas por escritores conterrâneos se desenvolveu timidamente, pois muitos eram “ricos de espírito, porém pobres de pecúnia” e, portanto, não tinham condições para poder arcar com os custos de impressão.

Assim como no restante do país durante o século XIX, nenhum escritor radicado na província do Pará viveu apenas da própria pena.<sup>119</sup> Paralelamente ao ofício da atividade de escrita literária, todos – sem exceção – exerciam outras funções. A partir das biografias desses autores encontradas em dicionários, enciclopédias e antologias, observamos, por exemplo, que esses literatos dedicados ao cultivo das letras na província do Pará, muitas vezes, também eram jornalistas, professores, advogados, médicos, políticos, militares e funcionários públicos.<sup>120</sup>

Como a publicação de livros era uma façanha árdua e cara, o jornal era o meio mais acessível para que escritores paraenses durante o final do Oitocentos divulgassem aos leitores os escritos provenientes das suas próprias penas. Novamente a partir da pesquisa realizada em dicionários, enciclopédias e antologias, assim como também em periódicos, pudemos observar, por exemplo, que alguns autores na província nunca chegaram a publicar um único livro sequer, assim como Antônio Marques de Carvalho, Frederico Rhossard, Guilherme de Miranda e Alfredo Pinto.

No Brasil, sabemos que a imprensa periódica foi responsável pela divulgação da produção literária de muitos escritores durante o século XIX. Até mesmo autores que alcançaram posteriormente um estatuto canônico chegaram a publicar poemas, crônicas, contos e romances primeiramente nas páginas de jornais e revistas para depois editá-los em livro, a exemplo de Teixeira e Sousa, Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Manuel

<sup>119</sup> Sobre o mercado livreiro no Brasil e a profissionalização e a remuneração dos escritores brasileiros durante o século XIX, cf. LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Direitos e esquadros autorais. In: \_\_\_\_\_. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2009.

<sup>120</sup> Cf. AZEVEDO, José Eustáquio de. **Antologia Amazônica: poetas paraenses**. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1918; BLAKE, Sacramento. **Dicionário bibliográfico brasileiro**. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883-1902; COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de (Organizadores). **Enciclopédia de literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Global Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/DNL: Academia Brasileira de Letras, 2001; LINS, José dos Santos. **Seleção literária do Amazonas**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1966; MEIRA, Clóvis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr (Organizadores). **Introdução à literatura no Pará**: antologia. Belém: CEJUP, 1990; MELLO, Anísio. **Lira amazônica**: antologia. São Paulo: Correio do Norte, 1965; MENEZES, Raimundo de. **Dicionário literário brasileiro**. São Paulo: Saraiva, 1969; ROCQUE, Carlos. **Grande enciclopédia da Amazônia**. Belém: AMEL, 1968; \_\_\_\_\_. **Antologia da cultura amazônica**. Belém: Amazônia Edições Culturais Ltda. (AMADA), 1970.

Antônio de Almeida, Visconde de Taunay, Machado de Assis, Raul Pompéia e Aluísio de Azevedo.<sup>121</sup>

Seguindo a mesma tendência que se arrolava no restante do Brasil, diversos escritores paraenses no século XIX também deixaram uma parte significativa da sua produção literária lançada em periódicos. Na Belém do Oitocentos, a imprensa sempre foi uma forte aliada para quem tinha a pretensão de se aventurar pelo caminho das letras na província do Pará, pois era o meio mais acessível para que esses jovens escritores pudessem se tornar conhecidos e, ao mesmo tempo, divulgar criações literárias dos mais variados gêneros, como poemas, crônicas, contos e romances.

A partir da pesquisa em periódicos que circularam por Belém no final do século XIX, podemos afirmar que foram poucos os escritores paraenses nessa época que, em contrapartida, conseguiram publicar em volume as suas produções tanto em verso quanto em prosa.<sup>122</sup> Por meio de determinados gêneros divulgados nas páginas do *Diário de Belém*, como os anúncios de venda de livros e os ensaios críticos sobre as obras recém-lançadas, foi possível conhecermos alguns dos literatos radicados na província do Pará que chegaram a realizar essa façanha, assim como Marques de Carvalho, Paulino de Brito, Teodorico Magno, João de Deus do Rêgo, Múcio Javrot, José Eustáquio de Azevedo e Juvenal Tavares.

As *Tentativas literárias*, por exemplo, foram o primeiro projeto de publicação de prosa de ficção em livro empreendido por escritores radicados na província do Pará a ser divulgado nas páginas do *Diário de Belém*.<sup>123</sup> Essa obra impressa reunia dois romances que saíram à luz primeiramente no rodapé desse mesmo jornal, como “O homem das serenatas”, de Paulino de Brito, e “Por causa de uma loucura”, de Teodorico Magno.<sup>124</sup> Esses trabalhos foram

<sup>121</sup> Cf. NADAF, Yasmin Jamil. O romance-folhetim francês no Brasil: um percurso histórico. *Letras* (UFSM), v. 39, p. 119-138, 2009.

<sup>122</sup> É válido ressaltarmos que não tivemos acesso à maioria dessas obras divulgadas no *Diário de Belém* por meio de anúncios ou por meio de ensaios críticos, pois não as encontramos em acervos bibliográficos de arquivos públicos, como no Setor de Obras Raras da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, no Acervo Especial de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Brasil, na Sala Vicente Sales do Museu de Artes da Universidade Federal do Pará, na biblioteca da Academia Paraense de Letras, no Acervo Digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, entre outros.

<sup>123</sup> Antes da publicação de anúncios sobre as *Tentativas literárias*, o *Diário de Belém* anunciou algumas coleções de poesias assinadas por escritores paraenses, como as *Monodias* (1868), de Vilhena Alves, os *Arpejos poéticos* (1869), de Santa Helena Magno, e as *Piraustas* (1870), de Júlio César.

<sup>124</sup> Paulino de Almeida Brito (1858-1918) nasceu em Manaus, capital da província do Amazonas, mas radicou-se mesmo desde muito cedo em Belém, capital da província do Pará. Paulino de Brito foi um jornalista que atuou como colaborador do *Diário de Belém*, *dA Província do Pará*, *dO Abolicionista Paraense*, do *Diário de Notícias*, *dA Arena*, entre outros; foi um escritor que se aventurou pela poesia, pelo conto e pelo romance; foi professor normalista da Escola Tenreiro Aranha e do Liceu Paraense; foi membro da Associação Filantrópica de Emancipação dos Escravos e, como representante dessa instituição, proferiu palestras em defesa da libertação dos escravos na capital paraense; foi acadêmico da Faculdade de Direito do Recife, por onde se formou em direito; publicou vários livros, como as *Tentativas literárias* (romances – 1883), em conjunto com o amigo Teodorico Magno; *A bebedeira* (poemeta – 1883); as *Noites em claro* (poesias – 1888); *Contos* (contos – 1892);

concluídos, respectivamente, em 5 e 9 de março de 1882 e, a partir do mês de setembro do mesmo ano, o *Diário de Belém* começou a divulgar um anúncio com a informação de que esses “romances de costumes paraenses” sairiam à luz brevemente num elegante volume com cerca de trezentas páginas e sob regime de subscrição à razão de 2\$000 cada exemplar (cf. figura 2.1).<sup>125</sup>

Segundo Ubiratan Machado, a subscrição era uma outra maneira de editar livros no Brasil utilizada por muitos escritores, a exemplo de Joaquim Manuel de Macedo, Casimiro de Abreu e Manuel Antônio de Almeida.<sup>126</sup> Quando tomavam conhecimento de que uma determinada obra estava sendo vendida por regime de subscrição, os interessados em adquiri-la assinavam uma lista e efetuavam antecipadamente o pagamento para logo garantir a aquisição de um exemplar. Assim que a quantidade de subscritores se igualava ao número de exemplares previamente estipulados para a edição, a obra entrava para o prelo. Se por acaso a

---

*Cantos amazônicos* (poesias – 1900); *Histórias e aventuras* (contos – 1902). Foi ainda gramático e, por essa razão, publicou a *Gramática primária* (1899), a *Gramática secundária* (?), a *Gramática complementar da língua portuguesa* (?), o *Novo método de leitura* (1906), a *Colocação dos pronomes* (1907), os *Brasileirismos de colocação de pronomes* (1908) e a *Gramática do professor* (1908). Segundo a *Enciclopédia de literatura brasileira*, organizada por Afrânio Coutinho e José Galante de Sousa, Paulino de Brito teve como pseudônimos Belisário Frota e Rosa dos Ventos. Esse escritor foi uma figura notória nas páginas da imprensa belenense nas duas últimas décadas do século XIX, não apenas pelas publicações que assinava, mas também pelas notícias saídas em periódicos que constantemente envolviam o seu nome. Paulino de Brito, como colaborador assíduo do *Diário de Belém*, estampou nesse jornal, além de vários poemas e alguns contos, o romance “O homem das serenatas”, que ganhou certa repercussão nas páginas de periódicos que circularam pela Belém desse período. Depois de algum tempo atuando como jornalista e escritor, Paulino de Brito tornou-se uma figura conhecida e ilustre na capital paraense, visto que era referido em diversas notícias que saíam nos jornais belenenses da época. O poeta frequentemente era convidado para participar de eventos políticos, artísticos ou humanitários, assim como também de manifestações populares, a fim de promover discursos ou recitar algumas de suas produções poéticas. Além disso, Paulino de Brito possuía muito prestígio no meio literário da capital paraense, pois não apenas era tratado com muito decoro pelos colegas de ofício que assinavam produções críticas sobre a produção tanto poética quanto ficcional do escritor amazonense, como também muitos autores da Amazônia lhe dedicavam os poemas que produziam. Paulino de Brito foi sócio ativo da Mina Literária e membro da Academia Paraense de Letras, agremiações literárias instituídas em Belém no final do século XIX para promover e incentivar a produção literária na Amazônia. Teodorico Francisco de Assis Magno (1886-1885), por sua vez, iniciou a carreira jornalística e literária muito cedo. Aos quinze anos, por exemplo, publicou no início do ano de 1882, sob o pseudônimo de Eustáquio de Veleza, o romance intitulado “Por causa de uma loucura” no rodapé das páginas do *Diário de Belém*, onde também divulgou poemas e ensaios críticos. Além desse jornal, colaborou ainda para a *Revista Familiar* e para *O Abolicionista Paraense*. O escritor paraense, segundo os colegas de ofício conterrâneos, era considerado uma promissora promessa no mundo das letras, mas infelizmente faleceu muito cedo, precisamente aos dezoito anos, acometido pela tísica pulmonar. Aos dezessete anos, isto é, em 1883, ingressou para a Academia de Direito de Recife, mas morreu antes mesmo de concluir o curso de ciências jurídicas. Em razão da moléstia que o assolava, ainda seguiu para o Ceará em busca de melhoras, mas não resistiu. Mais informações acerca de Paulino de Brito e Teodorico Magno, cf. AZEVEDO, José Eustáquio de. **Antologia Amazônica: poetas paraenses**. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1918; COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de (Organizadores). **Enciclopédia de literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Global Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/DNL: Academia Brasileira de Letras, 2001; ROCQUE, Carlos. **Antologia da cultura amazônica**. Belém: Amazônia Edições Culturais Ltda. (AMADA), 1970.

<sup>125</sup> O mesmo anúncio referido sobre os romances de Paulino de Brito e Teodorico Magno foi reproduzido por mais de trinta vezes e exibido no *Diário de Belém* entre 5 de setembro e 8 de dezembro de 1882.

<sup>126</sup> Cf. MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o Romantismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.

soma de assinaturas não alcançasse o quantitativo de exemplares antecipadamente acertados, quem pagava a diferença era o próprio autor. Para, então, chamar a atenção dos presumíveis assinantes, os escritores publicavam anúncios em periódicos e, por meio desses reclames, informavam aos leitores geralmente o título e o gênero da obra, o valor da subscrição e os locais onde se encontravam as listas de assinaturas. Dessa forma, o autor não pagava pelo valor integral referente à impressão dos exemplares da sua obra, evitava o risco de um investimento sempre incerto e ainda garantia antecipadamente o seu lucro.

Percebemos, portanto, que Paulino de Brito e Teodorico Magno se propuseram a lançar “O homem das serenatas” e “Por causa de uma loucura” pelo regime de subscrição. Os romancistas convocaram os assinantes a partir da publicação de anúncios no *Diário de Belém* e, por meio desse sistema de assinaturas, obtiveram posteriormente a edição das *Tentativas literárias*.

No dia 3 de setembro de 1882, a mesma folha, por exemplo, publicou também uma nota sobre o lançamento logo em breve do livro que reuniria as “publicações literárias” de Paulino de Brito e Teodorico Magno.<sup>127</sup> Nessa nota, o periódico noticiou o sucesso que essas produções, quando estavam ainda sendo divulgadas em fascículos no rodapé do jornal, causaram nos leitores. Vejamos: “O interesse que tais produções inspiraram aos nossos leitores e os constantes pedidos feitos a esta redação por aqueles que ligam suma importância a tal gênero de trabalho levaram os seus autores [...] a empreender este tentame arrojado”<sup>128</sup>. No final do ano seguinte, o mesmo jornal começou a publicar outro anúncio que comunicava aos leitores dessa vez a venda das *Tentativas literárias* no Livro de Ouro, um estabelecimento comercial localizado em Belém de propriedade de José Secundino & Monteiro associado ao ramo de negócio da tipografia e encadernação (cf. figura 2.2).<sup>129</sup>

Além do *Diário de Belém*, as *Tentativas literárias* foram anunciadas em outros periódicos da capital paraense. O *Diário de Notícias*, por exemplo, publicou entre 14 de novembro e 15 de dezembro de 1883 um anúncio acerca da venda das *Tentativas literárias* no Livro de Ouro (cf. figura 2.3). O *Liberal do Pará*, por sua vez, embora não tenha divulgado anúncios em suas páginas sobre essa obra de Paulino de Brito e Teodorico Magno, emitiu

<sup>127</sup> É interessante frisarmos que a publicação dos romances de Paulino de Brito e Teodorico Magno num mesmo volume causou certa confusão para alguns dicionaristas e determinados antologistas quando escreveram uma pequena biografia sobre o primeiro autor. Sacramento Blake, no *Dicionário bibliográfico brasileiro*, e Anísio Melo, na *Lira amazônica*, por exemplo, atribuíram ao escritor amazonense a autoria tanto de “O homem das serenatas” quanto de “Por causa de uma loucura”.

<sup>128</sup> **Diário de Belém**, Belém, 3 set. 1882, p. 2.

<sup>129</sup> Esse outro anúncio sobre a venda das *Tentativas literárias* foi reproduzido por mais de quinze vezes e exibido no *Diário de Belém* entre 14 de novembro e 12 de dezembro de 1883.

uma nota em agradecimento aos autores, que ofertaram ao jornal um exemplar do livro. Vejamos:

**Tentativas literárias.** – Os ilustres srs. Paulino de Brito e Teodorico Magno deram, sob o título que nos serve de epígrafe, publicidade as suas lucubrações literárias – O homem das serenatas – Por causa de uma loucura =.  
Da rápida leitura que fizemos de alguns dos principais pontos destas duas produções convencemo-nos de que são dois interessantes romances escritos em linguagem correta, que vêm enriquecer a nossa literatura nesse gênero de trabalho.  
Agradecendo a delicadeza da oferta, desejaremos que seus autores continuem na tarefa que encetaram com tão feliz êxito.<sup>130</sup>

As *Tentativas literárias* saíram à luz em 1883 e, durante esse mesmo ano, foram repetidas vezes anunciadas no *Diário de Belém*, mas, ao longo dos anos seguintes, continuaram sendo noticiadas em outros periódicos. A *Arena*, por exemplo, divulgava em 1887 – anos depois – anúncios sobre a venda dessa obra publicada com os romances de Paulino de Brito e Teodorico Magno (cf. figura 2.4 e figura 2.5).<sup>131</sup> De acordo com esses reclames, as *Tentativas literárias* encontravam-se à venda na Livraria Bittencourt em brochura pela quantia de 2\$000.

Múcio Javrot foi outro escritor que conseguiu publicar em volume “uma coleção de poesias” intitulada *Crepusculares*.<sup>132</sup> A partir de junho de 1884, o *Diário de Belém* começou a divulgar um anúncio com a informação de que o livro do escritor macapaense encontrava-se

<sup>130</sup> **O Liberal do Pará**, Belém, 30 maio 1883, p. 2.

<sup>131</sup> O primeiro anúncio a ser divulgado na *Arena* sobre as *Tentativas literárias* foi provavelmente publicado entre 29 de maio e 3 de julho de 1887. Quanto ao segundo anúncio, encontramos-lo divulgado apenas no dia 4 de setembro de 1887.

<sup>132</sup> Múcio Javrot, de modo geral, é considerado por José Eustáquio de Azevedo como pseudônimo de Joaquim Francisco de Mendonça Júnior (?-1904). É válido considerarmos, no entanto, que Múcio Javrot está mais para um codinome do que necessariamente para um pseudônimo, pois esse nome não apenas era usado por Joaquim Francisco de Mendonça Júnior para assinar todas as suas publicações tanto em verso quanto em prosa na imprensa periódica belenense oitocentista e as suas obras publicadas em volume, como também era a forma utilizada pelos seus pares – jornalistas e escritores – para mencioná-lo em todas as situações. Não encontramos no *Diário de Belém*, por exemplo, nenhuma menção ao verdadeiro nome de Múcio Javrot, a não ser quando se tratava de publicações de ordem oficial, a exemplo de concursos e nomeações. Convém ressaltarmos também que, segundo José Eustáquio de Azevedo, o poeta macapaense, ao lado de outro escritor conterrâneo cujo nome não foi mencionado, adotou os pseudônimos Paulo Puhan e René Moustache para assinar a série de crônicas publicadas no rodapé do *Diário de Belém* durante o ano de 1884 e reunidas sob o epíteto de “A comédia paraense: crítica de costumes”. Múcio Javrot nasceu em Macapá, quando essa cidade ainda pertencia ao território da província do Pará, mas radicou-se por algum tempo em Belém. Dedicou-se por um longo período ao jornalismo e foi colaborador do *Diário de Belém*, da *Revista Familiar*, do *Abolicionista Paraense*, da *Província do Pará* e da *Arena*. Publicou ainda em colaboração com Marques de Carvalho o semanário *Alfinetadas*, que representava, segundo José Eustáquio de Azevedo, uma “pilha de humorismo sadio, que foi sempre recebido com curiosidade e simpatia” e cujo título, conforme Carlos Rocque, “bem revela seu conteúdo: crítica sutil”. No âmbito das letras, cultivou, sobretudo, a poesia, mas ainda chegou a se aventurar pela produção do romance e do conto. Durante o exercício da atividade literária, publicou um único livro, intitulado *Crepusculares* e saído à luz em 1884. Múcio Javrot foi sócio correspondente da Mina Literária e membro da Academia Paraense de Letras. Mais informações sobre Múcio Javrot, cf. AZEVEDO, José Eustáquio de. **Antologia Amazônica: poetas paraenses**. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970; ROCQUE, Carlos. **Antologia da cultura amazônica**. Belém: Amazônia Edições Culturais Ltda. (AMADA), 1970.

no prelo e estava à venda sob regime de subscrição à razão de 2\$000 (cf. figura 2.6).<sup>133</sup> No dia 11 de setembro do mesmo ano, o jornal divulgou uma nota em que anunciava o recém-lançamento dos *Crepusculares* e não apenas tecia elogios a esse trabalho, como também ao talento e ao esforço de Múcio Javrot. Vejamos:

Fertilidade de imaginação, bom gosto, sensibilidade e mesmo entusiasmo em certos cantos, tais são os predicados que revelam os escritos deste nosso distinto conterrâneo. Consagrando à árdua tarefa de preceptor da mocidade, ele mostra amor e dedicação à profissão que abraçou por inteira vocação, no entusiasmo e sublimidade de sentimentos que transpiram em todas as suas poesias que dizem respeito à infância.<sup>134</sup>

Depois da publicação dessa nota, o periódico começou a divulgar outro anúncio, mas dessa vez sobre a venda da coleção de poesias de Múcio Javrot pelo preço de 2\$000 em alguns estabelecimentos localizados na capital paraense, como o escritório do *Diário de Belém*, a Livraria Popular e a Livraria Clássica (cf. figura 2.7).<sup>135</sup>

Além de ter conseguido lançar as *Tentativas literárias* em conjunto com o amigo e colega de ofício Teodorico Magno, Paulino de Brito também publicou em volume intitulado *Noites em claro* algumas das suas composições poéticas. A partir do dia 20 de julho de 1888, o *Diário de Belém* começou a divulgar um anúncio que informava aos leitores do jornal que a recente publicação em livro do escritor amazonense havia saído à luz e encontrava-se à venda na Livraria Bittencourt e na Livraria Moderna (cf. figura 2.8).<sup>136</sup> Uma crítica publicada no mesmo periódico em 1º de abril de 1888 assinada por Manoel Valente do Couto, diretor do *Diário de Belém* na época, comunicava ao público que as *Noites em claro* foram resultado de um projeto empreendido por Paulino de Brito para publicar algumas das suas melhores poesias guardadas há tempos numa gaveta.<sup>137</sup> De acordo com o crítico, o poeta amazonense, “depois de ter formado um grande volume de composições poéticas”, selecionou “as mais mimosas e mais íntimas” para posteriormente reuni-las numa coleção, imprimi-las em livro,

<sup>133</sup> O mesmo anúncio referido sobre a coleção de poesias de Múcio Javrot foi reproduzido por mais de trinta e cinco vezes e exibido no *Diário de Belém* entre 15 de junho e 17 de setembro de 1884.

<sup>134</sup> **Diário de Belém**, Belém, 11 set. 1884 p. 2.

<sup>135</sup> Saiu em 12 de setembro de 1884 no *Diário de Belém* uma nota que emitia uma denúncia de “plágio descarado” a respeito de uma das poesias de Múcio Javrot presente nos *Crepusculares*. Vejamos: “Um amigo nosso chamou nossa atenção para a poesia publicada, sob o título – *Sinhá! Dezesete anos*, no *Diário de Grão-Pará* de ontem, a mesma que se lê à página 71 do livro – *Crepusculares* ultimamente saído à luz e contendo as produções poéticas de Múcio Javrot. É fora de dúvida que o sr. J. R. pretendeu fazer uma barretada com o chapéu alheio, mas nós puxamos o rabo do gato e o recomendamos a Jorge Cadoudal”. Cf. **Diário de Belém**, 12 set. 1884, p. 2.

<sup>136</sup> O anúncio referido sobre as *Noites em claro*, de Paulino de Brito, foi reproduzido por mais de vinte vezes e exibido no *Diário de Belém* entre 20 de julho e 30 de setembro de 1888.

<sup>137</sup> Cf. COUTO, Valente do. *Noites em claro*. **Diário de Belém**, Belém, 1 abr. 1888, p. 2.

batizá-las “com o modesto nome de *Noites em claro*” e “entregá-las ao público”. As outras, em contrapartida, “foram condenadas à fogueira inquisitorial”. Na crítica a respeito do recém-lançado livro de Paulino de Brito, Valente do Couto demonstrou-se tão ressentido por esse procedimento adotado pelo amigo poeta que não se eximiu em censurá-lo pela imensa ingratidão. Vejamos:

Ingrato!

Nunca te perdoarei esse procedimento, meu amigo. Essas relíquias santas de um pensamento que começava a desabrochar à luz do estudo, não deviam ser entregues à semelhante tortura e sim conservadas como primícias de um primeiro amor. Elas foram os primeiros balbucios de tua imaginação de poeta, por isso mesmo tinham o direito de viver, embora ocultas no mais recôndito lugar, onde só tu pudesses aferir por elas o grau do teu aperfeiçoamento intelectual. Queimaste-as! Foste um ingrato!

É válido ressaltarmos que o ano de 1888 foi muito profícuo para a publicação de obras em volume assinadas por escritores paraenses. Além das *Noites em claro*, outros livros provenientes da pena de autores conterrâneos a Paulino de Brito saíram à luz nesse mesmo período, como *Numa pétala de rosa* e *Primeiras rimas*, de João de Deus do Rêgo; *Orquídeas*, de José Eustáquio de Azevedo; e *Hortênci*a, de João Marques de Carvalho.

Em meio a essas obras, o romance de Marques de Carvalho foi publicado em dezembro de 1888, mas o *Diário de Belém* começou a noticiá-lo ao público desde meados de agosto do mesmo ano.<sup>138</sup> No dia 15 de agosto de 1888, o jornal publicou uma nota que informava os leitores sobre a publicação da *Hortênci*a para o mês seguinte e sobre algumas peculiaridades a respeito do volume. Vejamos: “Conta-nos que o romance *Hortênci*a, de Marques de Carvalho, a aparecer em meados de Setembro vindouro, trará excelentes gravuras sobre desenhos originais do conceituado pintor italiano [Domenico de] Angelis”<sup>139</sup>, artista

<sup>138</sup> João Marques de Carvalho (1866-1910) nasceu em Belém, capital da província do Pará, e faleceu em Nice, cidade localizada no sul da França. Aventurou-se por diversos gêneros literários tanto na imprensa quanto em volume, como a poesia, a crônica, o conto, o romance, o teatro e a crítica literária. Publicou vários livros, como *O sonho do monarca* (poemeta –1886), *Lavas* (poemeta – 1886) *Paulino de Brito* (crítica biobibliográfica – 1887), *Hortênci*a (romance – 1888), *O livro de Judite* (poesias e contos para crianças – 1889), *Contos paraenses* (contos – 1889), *Entre as ninfeias* (contos e crônicas – 1896), *A carteira de um diplomata* (autobiografia – 1899) e *Contos do Norte* (contos – 1900). Fundou periódicos literários de vida efêmera, como *A Arena* e o *Comércio do Pará*. Colaborou também em vários periódicos, como o *Diário de Belém*, o *Diário do Grão-Pará*, *A Província do Pará* e *A República*. Ajudou a fundar agremiações literárias ao lado de outros escritores conterrâneos com o intuito de promover e desenvolver a produção literária em nível tanto regional quanto nacional, como a Mina Literária e a Academia Paraense de Letras. Vinculou-se também ao Naturalismo, escola literária que adotou, idealizou e defendeu ferrenhamente nas páginas da imprensa periódica de Belém. Mais informações sobre Marques de Carvalho, cf. AZEVEDO, José Eustáquio de. **Antologia Amazônica: poetas paraenses**. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1918; ROCQUE, Carlos. **Antologia da cultura amazônica**. Belém: Amazônia Edições Culturais Ltda. (AMADA), 1970; MEIRA, Clóvis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr (Organizadores). **Introdução à literatura no Pará**: antologia. Belém: CEJUP, 1990.

<sup>139</sup> **Diário de Belém**, Belém, 15 ago. 1888, p. 3.

responsável pela decoração interna dos principais e mais conhecidos teatros localizados na região amazônica: o Theatro da Paz, inaugurado em Belém a 15 de fevereiro de 1878, e o Teatro Amazonas, fundado em Manaus a 31 de dezembro de 1896, embora a construção e a decoração ainda não estivessem totalmente concluídas. Depois da divulgação dessa nota, o *Diário de Belém* voltou a trazer notícias a respeito do romance de Marques de Carvalho apenas no final de outubro. Esse fato, portanto, demonstra que a *Hortência* não saiu à luz em setembro, assim como havia anunciado o periódico.

A partir de 27 de outubro de 1888, o *Diário de Belém* publicou repetidas vezes um anúncio informando que a *Hortência* “aparecerá brevemente” (cf. figura 2.9).<sup>140</sup> No sábado do dia 8 de dezembro do mesmo ano, o jornal divulgou a notícia de que o mais novo trabalho do escritor paraense dispunha de data certa para sair à luz – precisamente na quinta-feira do dia 11 de dezembro de 1888. Nesse mesmo anúncio, a folha apresentou ainda algumas qualidades acerca do volume onde o romance havia sido publicado.<sup>141</sup> Vejamos:

De grenhada, toda risinha e tafula entrou-nos ontem à tarde pela porta adentro a *Hortência*, romance naturalista do ilustre escritor paraense Marques de Carvalho. Primorosamente brochado, nitidamente impresso, é o livro do Sr. Carvalho uma obra que tem de ser bastante apreciada pelos adeptos do realismo. Será exposta à venda em todas as livrarias na manhã de terça-feira.<sup>142</sup>

No dia 11 de dezembro de 1888, exatamente na terça-feira prometida, o *Diário de Belém* publicou algumas notas sobre a venda do romance de Marques de Carvalho em todas as livrarias de Belém. Nesse mesmo dia, foram encontrados também anúncios a respeito da venda da mais nova publicação em volume do escritor paraense na Livraria Moderna, propriedade dos srs. Gomes Pereira & C.<sup>a</sup>. Vejamos:

Leiam a “Hortência”, que será hoje posta à venda em todas as livrarias.<sup>143</sup>

\*\*\*

A “Hortência” de Marques de Carvalho aparecerá em todas as livrarias. Traz uma bela fotografia da heroína.<sup>144</sup>

\*\*\*

<sup>140</sup> O mesmo referido anúncio foi divulgado no *Diário de Belém* entre 27 de outubro e 7 de dezembro de 1888 e foi reproduzido por mais de 25 vezes.

<sup>141</sup> É válido ressaltarmos que, no dia 8 de dezembro de 1888, o *Diário de Belém* publicou duas notas sobre o lançamento logo em breve do romance de Marques de Carvalho: uma mais detalhada disponível na terceira página, a qual nos referimos acima, e outra mais sucinta – porém em letras maiores – localizada na quarta lauda, que transcreveremos em seguida: “HORTÊNCIA aparecerá terça-feira próxima em todas as livrarias”. Cf. **Diário de Belém**, Belém, 8 dez. 1888, p. 4.

<sup>142</sup> **Diário de Belém**, Belém, 8 dez. 1888, p. 4.

<sup>143</sup> **Diário de Belém**, Belém, 11 dez. 1888, p. 2.

<sup>144</sup> **Diário de Belém**, Belém, 11 dez. 1888, p. 3.

Marques de Carvalho publica hoje o seu romance “Hortência”, em bela edição ornada de uma fotografia da heroína.

\*\*\*

Os Srs. Gomes Pereira & C.<sup>a</sup>, da Livraria Moderna, oferecem ao público a “Hortência” de Marques de Carvalho. É um grosso volume de páginas compactas, ornado de um bonito retrato da heroína.

\*\*\*

A Livraria Moderna expõe hoje à venda o romance “Hortência”, de Marques de Carvalho.

Além do romance de Marques de Carvalho, saiu à luz em 1888 um livro de versos escritos por João de Deus do Rêgo com o título de *Primeiras rimas*.<sup>145</sup> Embora não tenham sido emitidos anúncios sobre a venda dessa obra nas páginas do *Diário de Belém*, o jornal divulgou uma crítica assinada por Guilherme de Miranda na qual o autor afirmava que “no momento em que escrevo já a leitora, por um desses acasos que poucas vezes sucedem, folheara um livro de versos atirado há dias aos quatro ventos da publicidade. Referimo-nos às *Primeiras Rimás*”<sup>146</sup>.

No início desse mesmo ano, João de Deus do Rêgo já havia antes publicado também um opúsculo intitulado *Numa pétala de rosa*. Tal obra composta em versos foi inspirada no “conto fantástico” homônimo escrito por Paulino de Brito, publicado na *Arena* em 22 de maio de 1887.<sup>147</sup> Do mesmo como ocorreu às *Primeiras rimas*, também não foram emitidos anúncios no *Diário de Belém* acerca de *Numa pétala de rosa*, mas críticas foram divulgadas sobre a recente publicação do opúsculo de João de Deus do Rêgo. No dia 21 de janeiro de 1888, o *Diário de Belém*, por exemplo, divulgou uma crítica sem assinatura a respeito do trabalho recém-lançado do escritor maranhense radicado em Belém. Observemos: “Fomos ontem mimoseados com um exemplar do poemeto sob o título acima [Numa pétala de rosa]”<sup>148</sup>. No dia seguinte, o jornal ainda divulgou outra crítica sobre o lançamento do opúsculo, só que dessa vez elaborada por Manoel Valente do Couto: “Venho hoje emitir a

<sup>145</sup> João de Deus do Rêgo (1868-1902) nasceu no dia 22 de novembro de 1868 em Caxias, município do Maranhão, e faleceu no dia 30 de junho de 1902 em Belém, capital do estado do Pará, aos trinta e três anos. Embora tenha nascido no Maranhão, veio ainda muito jovem para a capital paraense e, aos dezessete anos, ingressou na imprensa periódica belenense como auxiliar de repórter do *Diário de Belém*. Depois de entrar para esse jornal, passou pelo *Diário do Grão-Pará*, pela *República* e, finalmente, pela *Folha do Norte*. Em especial no *Diário de Belém*, publicou um número significativo de poemas esparsos e ainda se aventurou pela escrita de alguns contos. Chegou ainda a publicar algumas obras em volume: *Numa pétala de rosa* (poemeto – 1888), *Primeiras rimas* (poesias – 1888) e, postumamente, *Últimas rimas* (poesias – 1905). Foi um dos idealizadores e sócio ativo da Mina Literária e membro tanto da Academia Paraense de Letras quanto da Academia Maranhense de Letras. Mais informações a respeito de João de Deus do Rêgo, cf. ROCQUE, Carlos. **Antologia da cultura amazônica**. Belém: Amazônia Edições Culturais Ltda. (AMADA), 1970.

<sup>146</sup> MIRANDA, Guilherme de. *Primeiras rimas: uma coleção de versos de João de Deus do Rêgo*. **Diário de Belém**, Belém, 18 nov. 1888, p. 2.

<sup>147</sup> Cf. BRITO, Paulino de. *Numa pétala de rosa*. **A Arena**, Belém, 22 maio 1887, p. 44-45.

<sup>148</sup> NUMA PÉTALA DE ROSA. **Diário de Belém**, Belém, 21 jan. 1888, Mundo literário, p. 2.

minha fraca porém sincera opinião, acerca do mimoso opúsculo que acabas de apresentar ao público, com o título que encima estas linhas [NUMA PÉTALA DE ROSA]”<sup>149</sup>.

Além de João de Deus do Rêgo, José Eustáquio de Azevedo foi outro autor que publicou em 1888 algumas poesias no volume intitulado *Orquídeas*.<sup>150</sup> Assim como ocorreu aos trabalhos do escritor maranhense, o *Diário de Belém* não divulgou anúncios sobre a coleção de versos do poeta paraense, mas publicou nos dias 8, 9 e 10 de agosto de 1888, em três fascículos, uma apreciação crítica assinada por Frederico Rhossard sobre as criações poéticas de Eustáquio de Azevedo reunidas no livro recém-lançado.<sup>151</sup>

No ano subsequente, outro autor paraense que divulgou uma obra em volume foi Luiz Demétrio Juvenal Tavares.<sup>152</sup> A partir do início do mês de outubro de 1889, o *Diário de Belém* começou a divulgar um anúncio sobre os *Versos*, cuja autoria foi atribuída a Luiz

<sup>149</sup> COUTO, Manoel Valente. Numa pétala de rosa. **Diário de Belém**, Belém, 22 jan. 1888, Letras, p. 2.

<sup>150</sup> José Eustáquio de Azevedo (1867-1943) foi um escritor que se aventurou por diversos gêneros literários, como a poesia, o conto e romance. Colaborou também para diversos periódicos, como *A Província do Pará*, *O Cosmopolita* (semanário crítico e humorístico), *A República*, a *Folha do Norte* e a revista semanal literária, crítica e noticiosa *Sílvio Romero*, órgão do Grêmio Literário Sílvio Romero. Segundo a cronologia elaborada por Vicente Salles sobre a biobibliografia de José Eustáquio de Azevedo, essa revista foi idealizada por um círculo de escritores que se opunha ao grupo formado por autores que editaram o periódico artístico e literário *A Arena*, como Marques de Carvalho, Paulino de Brito e Heliodoro de Brito. Durante o período em que se tornou colaborador do *Sílvio Romero*, adotou o pseudônimo de Jacques Rolla. Conforme Vicente Sales, Eustáquio também era poliglota e tradutor emérito. Quando era jovem, aprendera francês, inglês e latim. Quando se tornou adulto, estudou italiano e alemão. Ainda era versado em espanhol e russo. Em razão de ter facilidade para aprender línguas, deixou boa cópia de traduções. Durante a carreira de escritor, publicou muitas obras em volume, como as *Orquídeas* (poesias – 1888), *Nevoeiros* (poesias – 1895), *A viúva* (novela naturalista – 1896), *Antologia amazônica* (1904), *Dedos de prosa* (contos, novelas e crônicas publicadas na *Folha do Norte* e em revistas – 1908), *Musa eclética* (poesias – 1909), *Vindimas* (artigos, contos e crônicas – 1913), *De capa e espada* (contos – 1917), *Belas Artes* (palestras literárias – 1919), *Literatura paraense* (síntese histórica do seu movimento – 1922) e *Duas musas* (poesias – 1928). Foi um dos idealizadores e sócio ativo da Mina Literária e membro da Academia Paraense de Letras, instituição onde ingressou oficialmente apenas em 1929, lugar que recusara há quinze anos. Mais informações sobre José Eustáquio de Azevedo, cf. SALLES, Vicente. Cronologia. In: AZEVEDO, José Eustáquio de. **Literatura paraense**. 3. ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado da Cultura, 1990; ROCQUE, Carlos. **Antologia da cultura amazônica**. Belém: Amazônia Edições Culturais Ltda. (AMADA), 1970.

<sup>151</sup> Cf. RHOSSARD, Frederico. Orquídeas: poesias de J. Eustáquio de Azevedo. **Diário de Belém**, Belém, 8-10 jan. 1888, Letras, p. 2.

<sup>152</sup> Luiz Demétrio Juvenal Tavares (1850-1907) foi um escritor paraense que se aventurou pelo conto e pela poesia. Contribuiu para alguns periódicos da capital paraense, como a *Tribuna*, *A Província do Pará* e o *Diário de Notícias*. Refugiado em Cametá, lugar onde nasceu, em razão das suas ideias subversivas sobre religião, fundou *O Cametaense*, órgão do Partido Liberal da cidade. Permaneceu por cinco anos refugiado em Cametá e regressou a Belém em 1875 e entrou como colaborador da *Província do Pará*. Depois de algum tempo, entrou para a redação do *Diário de Notícias*, onde publicou diariamente crônicas sob o pseudônimo de Mephistopheles. Nesse periódico, realizou propaganda da abolição da escravatura. Quando a escravidão foi extinguida, ofereceu uma nova orientação revolucionária ao jornal e tornou-o órgão das ideias republicanas, que defendeu até a implantação da República. Mais tarde, publicou muitos contos na *Província do Pará* sob o pseudônimo de “Canuto, o Matuto”. Durante a carreira literária, publicou diversos livros, como *Pirilampas* (poesias – 1877), *A viola de Joana* (versos populares – 1887), *Versos antigos e modernos* (poesias – 1889), *Musa republicana* (poema – 1892), *A vida na roça* (contos e poesias – 1893), *Casos e mais casos* (contos – 1896), *Serões de mãe preta* (contos para crianças – 1897), entre outros. Foi sócio ativo da Mina Literária e membro da Academia Paraense de Letras. Mais informações sobre Juvenal Tavares, cf. AZEVEDO, José Eustáquio de. **Antologia Amazônica: poetas paraenses**. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1918; ROCQUE, Carlos. **Antologia da cultura amazônica**. Belém: Amazônia Edições Culturais Ltda. (AMADA), 1970.

Tavares (cf. figura 2.10).<sup>153</sup> Nesse reclame, informava que o volume do poeta paraense encontrava-se disponível em todas as livrarias.<sup>154</sup>

Além das obras divulgadas no *Diário de Belém*, outros jornais publicaram anúncios de venda de livros a respeito das obras de autores conterrâneos. O *Diário de Notícias*, por exemplo, divulgou anúncios sobre o lançamento em 1883 das *Tentativas literárias*, de Paulino de Brito e Teodorico Magno; sobre a publicação em 1887 do perfil literário de *Paulino de Brito*, escrito por Marques de Carvalho; sobre a divulgação em 1888 das *Primeiras rimas*, de João de Deus do Rêgo; sobre o lançamento em 1889 dos *Contos paraenses*, de Marques de Carvalho; sobre a publicação em 1892 dos *Contos*, de autoria de Paulino de Brito; sobre a divulgação em 1896 de *Entre as ninfas*, sob a assinatura de Marques de Carvalho, entre outros.

A *Arena*, por sua vez, divulgou em 1887 um anúncio acerca do perfil literário de *Paulino de Brito*, assinado por Marques de Carvalho (cf. figura 2.11). Esse anúncio informava os leitores do periódico que o mais recente trabalho do escritor paraense tinha acabado de sair do prelo. Esse opúsculo estava sendo vendido pela quantia de 1\$500 e podia ser encontrado em vários estabelecimentos, como na Livraria Universal, na Livraria Clássica, na Livraria Popular, entre outros. Esse mesmo periódico artístico e literário ainda emitiu algumas notas sobre as *Cenas da vida amazônica*, de José Veríssimo. Em 8 de maio de 1887, agradeceu ao autor paraense pela oferta de um exemplar do seu livro de contos:

O conhecido escritor José Veríssimo honrou-nos com um exemplar de seu novo livro – *Cenas da vida amazônica*, ultimamente impresso em Lisboa num forte volume elegante e nítido em impressão. Mais tarde, diremos sobre esse importante livro; por enquanto, agradecemos a seu autor a delicadeza da oferta.<sup>155</sup>

Em 15 de maio de 1887, *A Arena* ainda divulgou outra nota informando os leitores sobre um determinado sucesso do novo livro de Veríssimo na capital paraense: “Tem sido muito procurado nas livrarias o livro *Cenas da vida amazônica*, de nosso colega José Veríssimo”<sup>156</sup>.

Além das obras em volume divulgadas nas páginas do *Diário de Belém*, seja por meio de anúncios de venda de livros, seja por meio de ensaios críticos sobre as novidades literárias

<sup>153</sup> O mesmo referido anúncio foi divulgado nas páginas do *Diário de Belém* entre 1º de outubro e 3 de novembro de 1889 e foi reproduzido por aproximadamente vinte e cinco vezes.

<sup>154</sup> Nas biografias de Juvenal Tavares disponíveis em antologias literárias, a obra referida no anúncio divulgado nas páginas do *Diário de Belém* aparece com o título de *Versos antigos e modernos*. Cf. AZEVEDO, José Eustáquio de. **Antologia Amazônica**: poetas paraenses. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1918.

<sup>155</sup> *A Arena*, Belém, 8 maio 1887, p. 32.

<sup>156</sup> *A Arena*, Belém, 15 maio 1887, p. 36.

recém-lançadas, outros trabalhos assinados por escritores paraenses foram impressos na região durante o século XIX. Elaboramos, portanto, a tabela a seguir (cf. tabela 2.1) para oferecermos um breve panorama acerca da produção poética e ficcional assinada por autores radicados na província do Pará e publicada em volume. Vejamos:

<b>ANO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>
<b>1868</b>	<i>Monodias</i> (poesias)	Francisco Ferreira Vilhena Alves (1847-1912)
<b>1869</b>	<i>Arpejos poéticos</i> (poesias)	Carlos Hipólito de Santa Helena Magno (1848-1882)
<b>1870</b>	<i>Piraustas</i> (poesias)	Júlio César Ribeiro de Souza (1843-1887)
<b>1877</b>	<i>Pirilampos</i> (poesias)	Luiz Demétrio Juvenal Tavares (1850-1907)
<b>1883</b>	<i>Tentativas literárias</i> (romances)	Paulino de Almeida Brito (1858-1919) Teodorico Francisco de Assis Magno (1866-1885)
	<i>A bebedeira</i> (poema)	Paulino de Almeida Brito
<b>1884</b>	<i>Crepusculares</i> (poesias)	Múcio Javrot (?-1904)
<b>1886</b>	<i>Cenas da vida amazônica</i> (contos)	José Veríssimo Dias de Matos (1857-1916)
	<i>Sonho do monarca</i> (poemeta abolicionista)	João Marques de Carvalho (1866-1910)
	<i>Lavas</i> (poemeta-carta ao Pará)	João Marques de Carvalho
<b>1887</b>	<i>A viola de Joana</i> (versos populares)	Luiz Demétrio Juvenal Tavares
<b>1888</b>	<i>Noites em claro</i> (poesias)	Paulino de Almeida Brito
	<i>Numa pétala de rosa</i> (poesia)	João de Deus do Rêgo (1868-1902)
	<i>Primeiras rimas</i> (poesias)	João de Deus do Rêgo
	<i>Orquídeas</i> (poesias)	José Eustáquio de Azevedo (1867-1943)
	<i>Hortência</i> (romance)	João Marques de Carvalho
<b>1889</b>	<i>Versos antigos e modernos</i> (poesias)	Luiz Demétrio Juvenal Tavares
	<i>O livro de Judite</i> (poesias e contos infantis)	João Marques de Carvalho
	<i>Contos paraenses</i> (contos)	João Marques de Carvalho

1892	<i>Contos</i> (contos)	Paulino de Almeida Brito
	<i>Musa republicana</i> (poema)	Luiz Demétrio Juvenal Tavares
1893	<i>A vida na roça</i> (poesias e contos)	Luiz Demétrio Juvenal Tavares
1895	<i>Coisas profanas</i> (poesias)	Acrísio Mota (1866-1907)
1896	<i>Entre as ninfeias</i> (contos e crônicas)	João Marques de Carvalho
	<i>Casos e mais casos</i> (contos)	Luiz Demétrio Juvenal Tavares
	<i>A viúva</i> (romance)	José Eustáquio de Azevedo
1897	<i>Serões de mãe preta</i> (contos para crianças)	Luiz Demétrio Juvenal Tavares
1900	<i>Contos do Norte</i> (contos)	João Marques de Carvalho
	<i>Cantos amazônicos</i> (poesias)	Paulino de Almeida Brito
1902	<i>Histórias e aventuras</i> (contos)	Paulino de Almeida Brito
1905	<i>Últimas rimas</i> <sup>157</sup> (poesias)	João de Deus do Rêgo
1908	<i>Fadas e lobisomens</i> <sup>158</sup> (histórias infantis)	Acrísio Mota

**Tabela 2.1:** Obras tanto em verso quanto em prosa de ficção lançadas em volume e assinadas por escritores paraenses durante a segunda metade do século XIX.

A partir da pesquisa em periódicos que circularam pela capital paraense no final do século XIX, pudemos perceber também que muitas obras assinadas por escritores paraenses foram anunciadas nas páginas da imprensa periódica, mas não chegaram, com efeito, a ser impressas e, por conseguinte, não foram apreciadas pelos leitores belenenses da época, assim como as *Rutilações* (coleção de poesias), de Múcio Javrot, *Os laços indissolúveis* (romance de tese), de Marques de Carvalho, as *Modulações* (coleção de poesias), de Paulino de Brito, e *O vício* (romance naturalista), de Acrísio Mota.

As *Rutilações*, de Múcio Javrot, por exemplo, foram noticiadas no *Diário de Belém* por meio de um anúncio publicado e republicado várias vezes durante o ano de 1883 que divulgava o lançamento dessa coleção de poesias do escritor macapaense e, ao mesmo tempo,

<sup>157</sup> Conforme Carlos Rocque, as *Últimas rimas* saíram à luz postumamente. Cf. ROCQUE, Carlos. **Antologia da cultura amazônica**. Belém: Amazônia Edições Culturais Ltda. (AMADA), 1970.

<sup>158</sup> Segundo José Eustáquio de Azevedo, *Fadas e lobisomens* foram publicados postumamente, como uma homenagem realizada pelos colegas de Acrísio Mota da *Folha do Norte*. Cf. AZEVEDO, José Eustáquio de. **Antologia Amazônica: poetas paraenses**. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1918.

informava que o valor angariado a partir da venda da primeira edição dessa obra, constituída de mil e quinhentos exemplares, seria utilizado para auxiliar na libertação dos escravos (cf. figura 2.12).<sup>159</sup> É válido, no entanto, ressaltarmos que não encontramos nenhuma publicação no *Diário de Belém* que informasse se as *Rutilações*, de fato, saíram à luz, assim como também não sabemos se as poesias que compõem a obra de Múcio Javrot apresentam um cunho abolicionista.<sup>160</sup> Do mesmo modo, não localizamos também nenhuma referência acerca dessa coleção de versos em biografias do escritor macapaense localizadas em enciclopédias, dicionários e antologias.

Do mesmo modo que as *Rutilações, Os laços indissolúveis*, de Marques de Carvalho, foram anunciados no *Diário de Belém* entre maio e junho de 1884 para sair à luz sob regime de subscrição e ainda em fascículos (cf. figura 2.13), pois consta no anúncio divulgado na folha que essa obra seria distribuída aos assinantes “em fascículos de 32 páginas, semanalmente, formando, depois de sua completa publicação, um elegante volume de cerca de 160 páginas, pouco mais ou menos”. Percebemos que esse mesmo anúncio apresenta algumas estratégias para induzir os leitores do jornal a adquirir o romance de Marques de Carvalho por meio desse sistema, pois (1) prometia que o enredo desse “grande romance de tese” abordaria um tema polêmico: “sairá à luz da publicidade este romance que tende a combater denodada e rijamente a preponderância despótica e cruel dos maridos exigentes sobre suas esposas”; (2) enaltecia as qualidades do material e da impressão: obra “impressa em magnífico papel, com toda a nitidez e asseio desejáveis”; 3) revelava que o romance do escritor paraense por assinatura custaria o dobro depois de publicado em livro: “os srs. assinantes terão, pela módica quantia de 1\$000, um bonito exemplar d’*Os laços indissolúveis*, os quais, depois de publicados, custarão 2\$000”. Apesar das estratégias empreendidas, parece que o anúncio não surtiu o efeito desejado, pois não encontramos nos números seguintes do *Diário de Belém* nenhuma informação em relação ao lançamento desse romance de Marques

<sup>159</sup> Encontramos o anúncio ao qual estamos nos referindo publicado e republicado precisamente nos dias 1, 4, 5, 8, 14, 19, 21, 25, 28 e 31 de julho e 2 de agosto de 1883.

<sup>160</sup> Do mesmo modo como o *Diário de Belém* era um periódico abolicionista, os seus colaboradores também se manifestavam contra a manutenção do regime escravocrata e se envolviam em causas a favor da emancipação da escravidão, a exemplo não apenas de Múcio Javrot, como também de Marques de Carvalho, Paulino de Brito, Teodorico Magno, Frederico Rhossard e Guilherme de Miranda. Alguns desses escritores, por exemplo, estavam vinculados a instituições de cunho abolicionista, como a Associação Filantrópica de Emancipação dos Escravos e o periódico semanal *O Abolicionista Paraense* (cf. figura 2.14), assim como também escreveram poesias denunciando as condições atroztes do trabalho escravo e, ao mesmo tempo, exaltando a liberdade como um direito inalienável a qualquer ser humano.

de Carvalho em volume, assim como também não localizamos qualquer alusão a esse mesmo trabalho do autor nas biografias disponíveis em enciclopédias, dicionários e antologias.<sup>161</sup>

Assim como *Os laços indissolúveis*, as *Modulações*, de Paulino de Brito, foram também anunciadas para sair à luz em volume. No dia 5 de outubro de 1884, foi publicada uma nota nas páginas do *Diário de Belém* com a seguinte informação de que sairia “brevemente à luz um belo volume de poesias com aquele título [Modulações] e devido à delicada pena do primoroso poeta paraense sr. Paulino de Brito”<sup>162</sup>. Nessa mesma nota, o jornal prometia aos leitores que a coleção de poesias do escritor amazonense, cujo nome consistia no “melhor título de recomendação para as suas – *Modulações*”, era “mais uma obra digna de ser lida e relida com a mais severa atenção”. Convém, no entanto, ressaltarmos que não encontramos em periódicos anúncios nem notas com a notícia de que esse livro realmente saiu à luz, assim como também não verificamos nas biografias de Paulino de Brito estampadas em enciclopédias, dicionários e antologias nenhuma menção a esse título.

*O vício*, de Acrísio Mota, foi um romance anunciado em 2 de outubro de 1889 nas páginas do *Diário de Belém*.<sup>163</sup> Nesse dia, uma pequena nota foi publicada no jornal sobre o aparecimento logo em breve dessa obra: “Brevemente aparecerá, no nosso acanhado meio

<sup>161</sup> Além de *Os laços indissolúveis*, outros romances derivados da pena de Marques de Carvalho foram anunciados para sair à luz tanto na imprensa periódica quanto em volume, mas não chegaram realmente a alcançar essa façanha. “Um idílio”, por exemplo, foi anunciado no *Diário de Belém* no dia 29 de abril de 1884 para ser publicado brevemente no mesmo jornal, logo após a conclusão da “Ângela”, romance que estava sendo estampado irregularmente nas páginas do periódico desde novembro de 1883. Depois da divulgação do referido anúncio, não foi encontrada nas páginas do *Diário de Belém* nenhuma publicação referente ao romance prometido nem sequer a qualquer outro cuja autoria tivesse sido atribuída a Marques de Carvalho. Outro romance do escritor paraense a ser noticiado na imprensa seria chamado de “Monstros paraenses”. No dia 19 de dezembro de 1888, o *Diário de Belém* publicou uma nota sobre esse novo trabalho de Marques de Carvalho: “Segundo noticiou o nosso colega d’A *Província do Pará*, trabalha agora ativamente em um novo romance naturalista, que terá o título de *Monstros Paraenses*, o Sr. Marques de Carvalho, – o conhecido autor da *Hortênci*a, romance que obteve um bonito sucesso em nosso acanhado meio literário”. Do mesmo modo como ocorreu a “Um idílio”, não encontramos nenhuma notícia sobre a divulgação dos “Monstros paraenses” na imprensa periódica belenense, nem localizamos qualquer referência ao título desse romance nas biografias do autor paraense presentes em antologias, dicionários e enciclopédias. Cf. **Diário de Belém**, Belém, 19 dez. 1888, p. 3.

<sup>162</sup> **Diário de Belém**, Belém, 5 out. 1884, p. 2.

<sup>163</sup> Acrísio Mota (1866-1907), por sua vez, nasceu em Bragança, município do estado do Pará, em 25 de julho de 1866, e faleceu na capital paraense em 17 de agosto 1907. Contribuiu também com poemas e contos para a imprensa periódica belenense, a exemplo do *Diário de Belém*, da *Província do Pará* e da *Folha do Norte*. Publicou em volume as *Coisas profanas* (poesias – 1895), prefaciadas por Adherbal de Carvalho, e deixou outras obras inéditas, como *O estupro* (romance) e a *Vingança de tapuio* (contos). *Fadas e lobisomens* (histórias infantis – 1908), em contrapartida, foram lançados postumamente como uma homenagem dos colegas de Acrísio Mota da *Folha do Norte*. Segundo José Eustáquio de Azevedo, o autor paraense peregrinou por vários estilos de época do final do século XIX: “Como escritor realista, como parnasiano, e até decadente, tem ele para atestar a pujança de seu talento um sem número de boas poesias”. Do mesmo modo, Carlos Rocque afirmou que “[n]a poesia não seguiu nenhuma escola: ora era indianista, ora parnasiano, ora romântico”. Assim como Guilherme de Miranda e tantos outros escritores, Acrísio Mota era sócio ativo da Mina Literária e membro da Academia Paraense de Letras. Mais informações em relação a Acrísio Mota, cf. AZEVEDO, José Eustáquio. **Antologia Amazônica: poetas paraenses**. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970; ROCQUE, Carlos. **Antologia da cultura amazônica**. Belém: Amazônia Edições Culturais Ltda. (AMADA), 1970.

literário, um novo romance naturalista, com o título acima [O VÍCIO], escrito pelo inteligente poeta Acrísio Mota”<sup>164</sup>. Da mesma maneira como procedemos em relação às obras anteriormente mencionadas, verificamos em dicionários, enciclopédias e antologias que *O vício* não consta na bibliografia do autor, assim como o *Diário de Belém*, após a publicação da referida nota, não voltou a mencionar o título do romance de Acrísio Mota.

A partir, então, da pesquisa realizada em periódicos, sobretudo no *Diário de Belém*, assim como também em dicionários, enciclopédias e antologias, percebemos que foram poucos os escritores paraenses durante o final do século XIX que conseguiram publicar obras em volume. Numa capital onde muitos jovens se aventuram pela produção literária nas páginas da imprensa periódica, tal fato, com efeito, já demonstra que esse empreendimento, em razão dos altos custos de impressão, da falta de incentivos da administração pública, da ausência de editoras de pequeno, médio ou grande porte e da desfavorável condição social e financeira da maioria dos escritores da região, não era uma empreitada muito fácil de ser colocada em prática. Apesar do empenho empreendido por esses autores, quase todos os trabalhos saídos à luz pela pena de autores paraenses, em contrapartida, não conseguiram posteriormente alcançar muitas edições posteriores e, por essa razão, são considerados hoje verdadeiras raridades bibliográficas e relíquias de colecionadores.

Quando recorremos às biografias desses literatos disponíveis em antologias, dicionários e enciclopédias, percebemos também que muitos idealizaram lançar obras em volume, mas não conseguiram trazê-las à luz pela impressão, de tal modo que vários desses projetos literários idealizados por seus escritores permaneceram até hoje inéditos.<sup>165</sup> Do mesmo modo, a pesquisa em periódicos demonstrou também que determinadas obras assinadas por autores da região foram elaboradas para serem publicadas em livros, mas não chegaram, com efeito, a entrar para o prelo, a exemplo das *Rutilações*, de Múcio Javrot, d*Os laços indissolúveis*, de Marques de Carvalho, das *Modulações*, de Paulino de Brito, e d*O vício*, de Acrísio Mota.

<sup>164</sup> *Dário de Belém*, Belém, 5 out. 1889, p. 3.

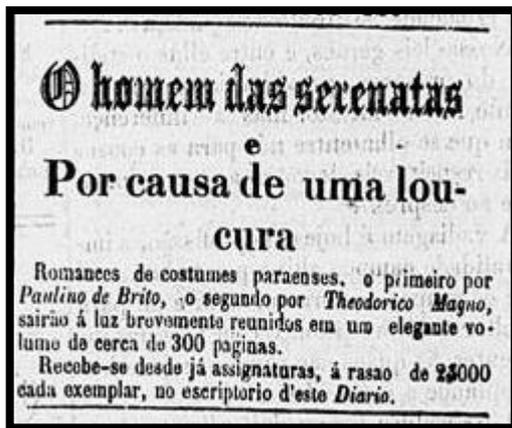
<sup>165</sup> Segundo José Eustáquio de Azevedo, Frederico Rhossard, por exemplo, foi um escritor na província do Pará que idealizou publicar uma obra em volume, mas o projeto não chegou a ser concretizado. Vejamos: “[Frederico Rhossard] deixou inédito um grosso volume de poesias suas, intitulado ‘**Estrofes**’, prefaciado, em 1888, pelo eminente crítico, diplomata e poeta distintíssimo, dr. Isidoro Martins Júnior. Desse livro, [...] ninguém sabe o paradeiro”. Segundo Carlos Rocque, a mesma situação se repetiu com Santa Helena Magno, que “escreveu muitas das poesias inserias no livro ‘**Ondas Sonoras**’, que nunca publicou”. Mais informações sobre outros escritores paraenses que deixaram obras inéditas, cf. AZEVEDO, José Eustáquio. *Antologia Amazônica: poetas paraenses*. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970; ROCQUE, Carlos. *Antologia da cultura amazônica*. Belém: Amazônia Edições Culturais Ltda. (AMADA), 1970.

Alguns autores radicados em Belém até mesmo recorreram ao regime de subscrição para tentar realizar a façanha de divulgar um trabalho impresso, pois, caso os seus livros se conservassem empacados nas estantes dos estabelecimentos de venda, esses mesmos autores evitariam arcar com todos os prejuízos relativos aos custos de impressão, a exemplo das *Tentativas literárias*, de Paulino de Brito e Teodorico Magno, e dos *Crepusculares*, de Múcio Javrot. Tal fato, portanto, demonstra que determinados escritores paraenses durante o final do Oitocentos empenharam-se de diversas formas para contornar as adversidades financeiras justamente para entregar ao prelo os trabalhos que produziram.

É possível, no entanto, percebermos que, apesar da dificuldade de publicar uma obra impressa em volume na província do Pará durante as duas últimas décadas do século XIX, muitos escritores na região se aventuraram por essa façanha árdua e custosa. Esse fato, no entanto, evidencia o caráter empenhado desses autores em produzir obras para construir uma literatura nessa parte do país, mesmo que os leitores na capital paraense da época não demonstrassem posteriormente interesse em comprá-las e, sobretudo, em lê-las. Como afirmou Guilherme de Miranda na crítica destinada ao trabalho recém-publicado de Eustáquio de Azevedo em 1888, escrevia-se na Amazônia do final do Oitocentos para a glória e não para alcançar algum proveito proveniente da venda de livros.<sup>166</sup>

---

<sup>166</sup> Cf. MIRANDA, Guilherme de. Primeiras rimas: coleção de versos de João de Deus do Rêgo. **Diário de Belém**, Belém, 18 nov. 1888, Letras, p. 2.



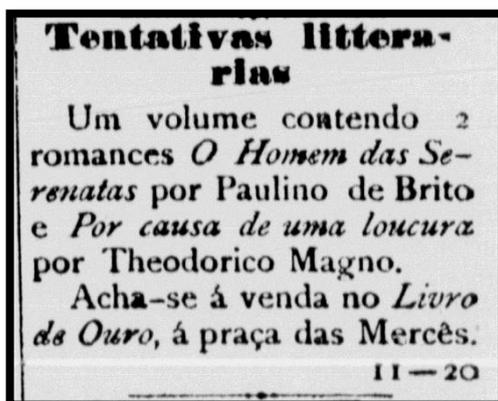
**Figura 2.1:** Anúncio publicado no *Diário de Belém* sobre a publicação logo em breve dos romances “O homem das serenatas” e “Por causa de uma loucura”, respectivamente de Paulino de Brito e Teodorico Magno.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.



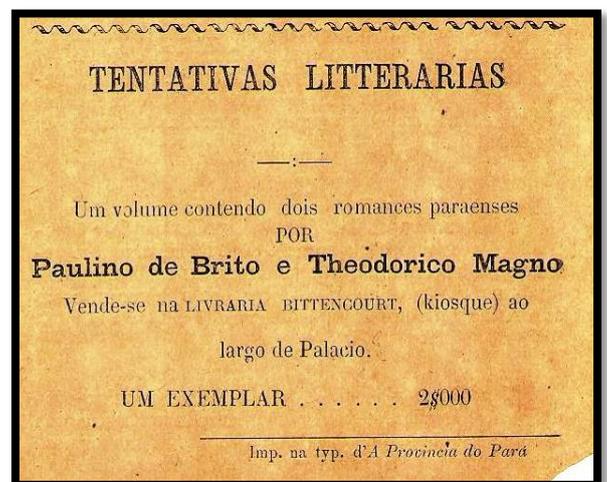
**Figura 2.2:** Anúncio publicado no *Diário de Belém* sobre o recente lançamento das *Tentativas literárias*, obra contendo os romances “O homem das serenatas” e “Por causa de uma loucura”, respectivamente de Paulino de Brito e Teodorico Magno.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.



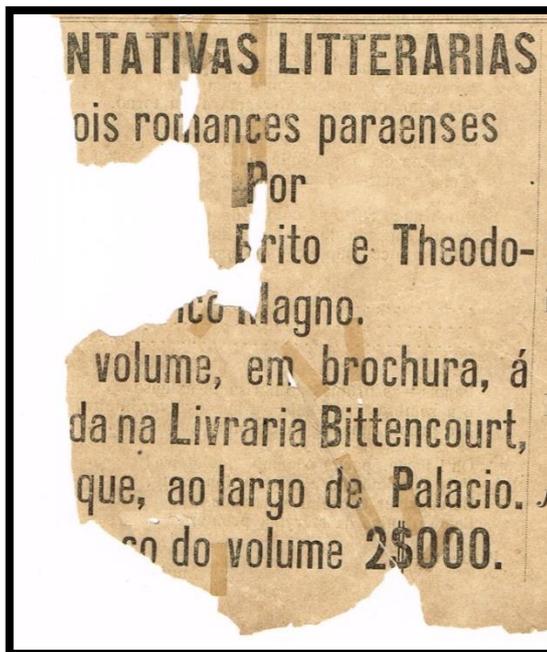
**Figura 2.3:** Anúncio publicado no *Diário de Notícias* sobre o recente lançamento das *Tentativas literárias*, obra contendo os romances “O homem das serenatas” e “Por causa de uma loucura”, respectivamente de Paulino de Brito e Teodorico Magno.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.



**Figura 2.4:** anúncio divulgado na *Arena* entre 29 de maio e 3 de julho de 1887 sobre a venda das *Tentativas literárias*.

Fonte: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves.



**Figura 2.5:** outro anúncio sobre venda das *Tentativas literárias* encontrado na *Arena* em 4 de setembro de 1887.  
**Fonte:** Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves.

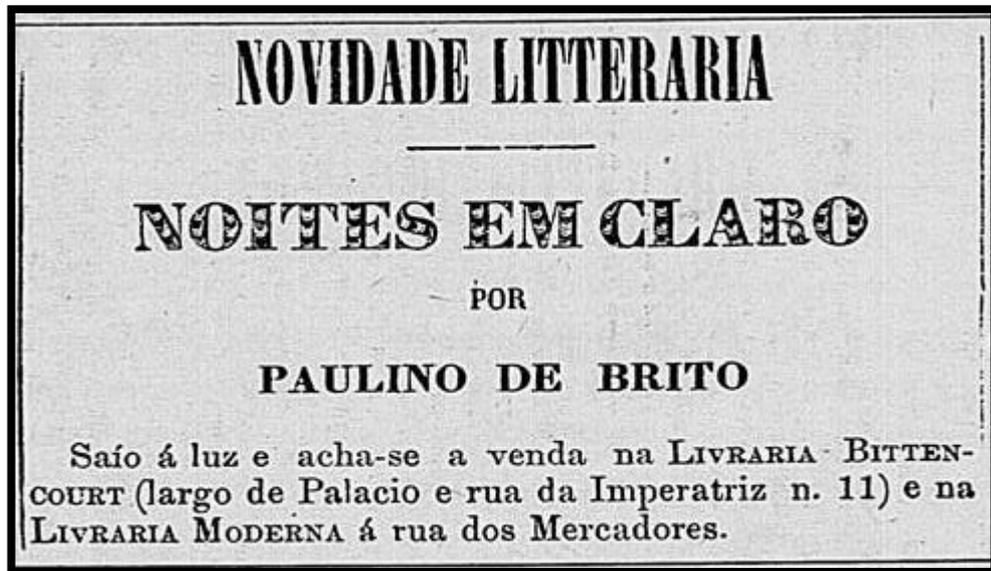


**Figura 2.6:** Anúncio publicado no *Diário de Belém* sobre o lançamento logo em breve do volume de poesias de Múcio Javrot intitulado *Crepusculares*.  
**Fonte:** Hemeroteca Digital Brasileira.



**Figura 2.7:** Anúncio publicado no *Diário de Belém* sobre o recente lançamento do volume de poesias de Múcio Javrot intitulado *Crepusculares*.

**Fonte:** Hemeroteca Digital Brasileira.



**Figura 2.8:** Anúncio publicado no *Diário de Belém* a respeito do recente lançamento das *Noites em claro*, de Paulino de Brito.

**Fonte:** Hemeroteca Digital Brasileira.



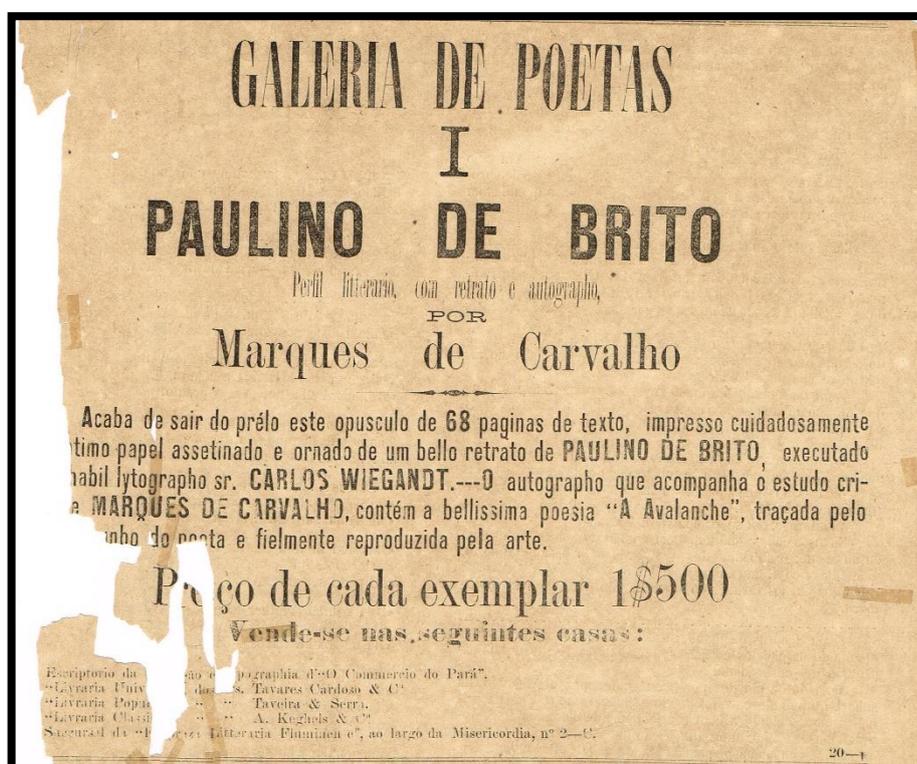
**Figura 2.9:** Anúncio publicado no *Diário de Belém* sobre o aparecimento logo em breve do romance *Hortência*, de Marques de Carvalho.

**Fonte:** Hemeroteca Digital Brasileira.



**Figura 2.10:** Anúncio publicado no *Diário de Belém* sobre a venda dos *Versos*, de Juvenal Tavares.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.



**Figura 2.11:** Anúncio publicado na *Arena* sobre a publicação do perfil literário de Paulino de Brito, assinado por Marques de Carvalho.

Fonte: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (FCPTN).

**PROPAGANDA ABOLICIONISTA**

**DO CLUB**

**ESTUDANTINA PARAENSE**

---

**MUCIO JAVROT**

**RUTILAÇÕES**

Coleção de poesias, com uma carta-prologo ao autor, pelo presidente do club acima, Dr. Geraldo B. de Lima.

**EDIÇÃO ABOLICIONISTA**

de 1.500 exemplares, cujo producto total será applicado a libertação de escravos, pela ESTUDANTINA PARAENSE, a quem foi graciosamente offerecida esta

**Primeira edição livre!**

**Figura 2.12:** Anúncio publicado no *Diário de Belém* sobre a coleção de poesias de Múcio Javrot intitulada *Rutilações*.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

**OS LAÇOS INDISSOLUVEIS**

GRANDE ROMANCE DE THESE

POR

**MARQUES DE CARVALHO.**

Sairá brevemente á luz da publicidade este romance, que tende a combater denodada e rijamente a preponderancia despotica e cruel dos maridos exigentes sobre suas esposas.

Impressa em magnifico papel, com toda a nitidez e asseio desejaveis, será essa obra distribuida em fasciculos de 32 paginas, semanalmente, formando, depois de sua completa publicação, um elegante volume de cerca de 160 paginas, pouco mais ou menos.

Preço da assignatura mensal (pagavel depois da entrega do 1.º fasciculo)..... 800 rs.  
Fasciculo avulso..... 250 rs.

D'esta arte, os srs. assignantes terão, pela modica quantia de 15000, um bonito exemplar d'*Os laços indissolúveis*, os quaes, depois de publicados, custarão 25000.

As folhas das assignaturas acham-se francas ao publico nas seguintes casas:

«Livraria Universal», dos srs. Tavares Cardoso & C.ª; «Livraria Popular», dos srs. Taveira & Serra; «Palais-Royal», dos srs. Moreira, Leal & C.ª; «Relojoaria Fidanza», á rua dos Mercadores; «Casa Havaneza», á rua Formosa; armazem dos srs. Marques Braga & C.ª; á travessa de S. Matheus; e no escriptorio da redacção do *Diario de Belém*.

**Figura 2.13:** Anúncio publicado no *Diário de Belém* a respeito do lançamento por subscrição do romance “Laços indissolúveis”, de autoria de Marques de Carvalho.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

PARÁ BRAZIL  
Domingo 24 de Junho de 1883

# O Abolicionista Paraense

Allons enfants de la patrie...  
PUBLICAÇÃO SEMANAL

• Propriedade da corporação artistica e empregados da «Provincia do Pará»

---

Anno I Numero 4  
O producto da venda, para a qual não ha preço estipulado, revertirá em beneficio da libertação dos escravos do município de Belem

---

**O Abolicionista Paraense**  
BELEM, 24 DE JUNHO DE 1883.

## Libertação racional e transformação do trabalho

II

A transformação do trabalho é uma necessidade de ordem economica, e se se trata da causa humanitaria, a cujo triumpho nos temos consagrado, é obvio que a substituição dos braços escravos pelos braços livres encerra uma iniciativa de alto senso pratico.

Praticamente não se verifica uma eliminação, ou a substituição, propriamente dita.

O meio que propomos é a transformação do braço escravo em braço livre, isto é, a transformação de forças passivas applicadas pelo constrangimento ao trabalho em propulsores de actividade espontanea, cujo objectivo immediato é a posse do direito, que constitue o fundamento da personalidade moral.

Está na natureza humana gravada a vocação, que tem o ser, para crear e produzir, desde que elle é o arbitro regulador do proprio interesse, que deve ser um collarario do direito natural, e da liberdade que lhe é correspondente.

---

## FOLHETIM

### O AMOR DO ESCRAVO

(CONCLUSÃO)

IV

Em vão, mil vezes o desventurado escravo tentara escapar-se á vigilancia de seus *senhores*, e lançar-se ao mar, que se despedaçava de encontro aos rochedos de sua chara patria; porém o mão anjo accordava os vigias, e nunca lhe permittiu, ao menos, tornar a ver as praias da ardente Africa em que nascêra.

Um dia, porém, o mar se incapellou furioso, e os tripulantes da embarcação oraram em vão ao Deus que adoravam; a borrasca fedia os mastros, e parecia querer absorver o fragil lenho; os tímidos companheiros de Zolpick saltaram exclamações e gritos de pavor, e elle abatido, preparava-se a chegar em breve os fins de seus tormentos que dilaceravão seu coração.

Preferia a morte á escravidão!  
Mas, de subito, no meio das gigantescas ondas

espumantes, os filhos do Occidente divisaram um vulto;... se o vissem os Ethiopes tomariam pelo Deus de seus pais que ardendo em iras, vinha-os arrancar das garras da maldita escravidão!

Essa sombra, que se estendia rapidamente pelo horisonte, era uma ilha; e o navio, impellido pela tempestade, para ella ia escoregando, como se mão poderosa e invencivel o arrojasse para o naufragio.

Felizmente, quando a prôa do navio encostava-se aos penhascos, e a quilha parecia dar de encontro em algum banco perigoso, o baixel saltou como que por encanto, e as ondas, atirando-o por entre agulões rochedos, foram lançal-o n'uma vasta enseada em que o amante de Zaljira lançou-se aproveitando-se da confusão que reinava a bordo.

V

«Mas, o que valeu-me quebrar por alguns momentos as algemas da escravidão?... Estou longe de minha patria, e quando o sol amanhã despontar por entre estas rochas, meus tyrannos me perseguirão de novo, e outra vez cahirei em suas garras... Maldição!...»

O infeliz Zolpick tomou uma resolução desesperada.

daçando as cadêas do vicio, e disendo aos viajores, aos que passam:

—Eu sou um trabalhador livre, eu sou um productor, que negocie a minha liberdade de trabalhar, eu sou um factor do progresso d'esta terra esplendida em que, nasci, e onde até agora vivi equiparado aos animaes inferiores.

Mas, agora, eu sou um homem; sim, um homem, que penetra nos limiares da vida social do seu paiz, annunciando nas cidades, na campanha e nas florestas, que comecei a ser uma força nobilitadora do trabalho.

O *senhor* deve procurar o escravo e dizer-lhe:

Vaes ser um cidadão; e regulemos os nossos interesses.

Avalio os teus serviços em ....., durante 1, 2, 3, annos.

Pagar-te-hei um tanto para a sustentação si não preferires a fazenda, ajudar-te-hei nos teus emprehendimentos, compatíveis com a tua actividade, com as tuas aspirações e com o teu trabalho, e só com elle terás ingresso na communhão livre dos cidadãos.

A ti, só a ti deverá a tua actividade, o teu amor ao trabalho, a liberdade.

---

Abolicionistas! pretendem tolher os nossos passos!

---

Morrer!...

A morte era o unico meio que lhe restava para recobrar o que elle presava mais que a vida—a liberdade!... o desventurado ia reunir-se ao pai de sua Zaljira...

Quando no dia seguinte a tripulação do navio procurava o fugitivo, por entre os penhascos da ilha, encontrou um cadaver ensanguentado no cimo de uma rocha.

VI

Zaljira esperou por muito tempo o seu querido caçador; mas decorreram mezes, passou-se um anno e Zolpick não voltára!... Chamou-o de ingrato, amaldiçoou o seu primeiro amor, tão mal empregado... e desesperou do infortunio.

Hoje os viajantes, atravessam o deserto de Zaljira, e admiram-se de como a familia isolada desapareceu!... de tão alegre vivenda, só restam as palmeiras que ainda testemunham ao peregrino perdido a hospitalidade do velho do deserto.

Belem,—junho—83.  
J. AMAZONAS,

Figura 2.14: Primeira página inteira de *O Abolicionista Paraense* publicado no dia 24 de junho de 1883.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

## 2.2. Livros impressos para além dos periódicos belenenses oitocentistas

Apesar das dificuldades encontradas para desenvolver a atividade da escrita literária na própria região onde se fixaram, alguns escritores paraenses durante o final do século XIX empenharam-se também para possivelmente adquirir alguma projeção nacional. Para tanto, enviavam os livros recentemente lançados aos jornais que circularam não apenas em Belém, como também em outras capitais do Brasil. Esses periódicos, em contrapartida, divulgavam notas em agradecimento pela oferta das obras e, algumas vezes, publicavam ensaios críticos sobre esses trabalhos.<sup>167</sup>

Paulino de Brito e Teodorico Magno, por exemplo, foram escritores que remeteram as *Tentativas literárias* a vários jornais de diferentes regiões do país, sobretudo do Rio de Janeiro, pois alguns periódicos emitiram notas em agradecimentos pela oferta do livro assinado por esses dois escritores paraenses. No dia 16 de junho de 1883, o *Diário de Pernambuco*, jornal publicado em Recife, anunciou o recebimento dessa obra e agradeceu pelo exemplar com o qual foi mimoseado. Vejamos:

Do Pará, onde foi publicado, recebemos um volume de 256 páginas contendo dois interessantes romances intitulados: um, o *Homem das Serenatas*, pelo Sr. Paulino de Brito; o outro, *Por causa de uma loucura*, pelo Sr. Dr. Teodorico Magno. Posto que sejam ambos os primeiros frutos literários dos seus autores, recomendam-se ambos como trabalhos conscienciosos, e ambos auguram futuro lisonjeiro para os moços que os elaboraram, e os deram em primeira edição no *Diário de Belém*, onde viram a luz em folhetins, geralmente apreciados. Agradecemos o mimo que recebemos de um exemplar.<sup>168</sup>

No dia 24 de outubro de 1883, *O Apóstolo*, jornal publicado no Rio de Janeiro, lançou uma nota em agradecimento pelo recebimento não apenas de determinados periódicos, como também de algumas obras recentemente publicadas. Em meio aos livros listados pela folha carioca, encontram-se, por exemplo, as *Tentativas literárias*: “Temos recebido e muito agradecemos aos remetentes as seguintes publicações: [...] – *Tentativas literárias*, um lindo

<sup>167</sup> Conseguimos localizar em jornais de outras províncias do Brasil notas e ensaios críticos sobre livros assinados por escritores paraenses do século XIX porque o *Diário de Belém* estampava em suas páginas as notícias que saíam em periódicos longínquos sobre as obras de autores radicados na província do Pará. Se não fosse dessa maneira, não teríamos obtido os dados apresentados com facilidade, assim como também não teríamos tido a ideia de procurar mais informações sobre essas publicações impressas em volume em folhas jornalísticas de outras províncias do país por meio de buscas por palavras-chave no site da Hemeroteca Digital Brasileira.

<sup>168</sup> *Diário de Pernambuco*, Recife, 16 jun. 1883, p. 3.

volume, contendo dois romances intitulados: *O homem das serenatas*, por Paulino de Brito; e *Por causa de uma loucura*, por Teodorico Magno<sup>169</sup>.

No dia 18 de novembro do mesmo ano, a *Gazeta da Tarde*, outro jornal divulgado na Corte, também estampou uma nota sobre o recebimento das *Tentativas literárias*: “Recebemos – um exemplar do livro – Tentativas literárias, publicadas no Pará por dois jovens escritores: Teodorico Magno e Paulino de Brito<sup>170</sup>. Nessa mesma nota, o periódico emitiu uma pequena crítica sobre os romances contidos nesse livro. Ei-la:

Para ensaio achamos bom o livro. Tem os seus defeitos, as suas quedas, as suas faces feias, porém ao todo, sem esmerilhar, é perfeitamente aceitável, isto é, o que já dissemos – bons.

Pelo que nos ficou da leitura, ligeira que foi pela escassez do tempo, encontramos nos autores muita propensão para este ramo de literatura que nos nossos tempos torna-se difícil pelos apuradíssimos processos de análise a empregar.

Diante de tão boa estreia é de esperar que os aplicados moços continuem a trabalhar, ligando às letras brasileiras livros de igual ou maior valor.

Assim como *O Apóstolo* e a *Gazeta da Tarde*, o *Diário do Brasil*, mais um jornal do Rio de Janeiro, também publicou no dia 24 de novembro de 1883 uma nota em agradecimento pela oferta do livro de Paulino de Brito e Teodorico Magno. Vejamos:

Com este modesto título [TENTATIVAS LITERÁRIAS] recebemos do Pará, reunidos em um só volume, dois lindos romances, escritores por dois jovens literatos, aos quais, de certo, está reservada uma carreira de grandes triunfos se perseverarem no cultivo das letras. [...]

Agradecemos aos ofertantes o volume, com que nos obsequiaram e recomendamos aos nossos leitores estas produções, que nos chegam do norte.<sup>171</sup>

Na mesma nota, o *Diário do Brasil*, ao contrário da *Gazeta da Tarde*, que apresentou uma apreciação geral sobre o livro de Paulino de Brito e Teodorico Magno escrita a partir de uma leitura ligeira da obra, emitiu uma crítica elogiosa para cada romance estampado nas *Tentativas literárias*. Segundo o julgamento enunciado pelo periódico carioca, “O «homem das serenatas» de Paulino de Brito [foi] escrito em estilo fácil, agradável, correto e o enredo que lhe serve de motivo é conduzido de tal maneira que agrada constantemente e interessa cada vez mais o leitor”. Em relação ao romance devido à pena de Teodorico Magno, a folha proferiu que o romancista “manifest[ou] revelações de um talento capaz de modelar-se com facilidade aos caprichos de todas as escolas. Assim é que ora o vemos na escola realista, ora o admiramos nos devaneios de um lirismo suave e encantador”.

<sup>169</sup> *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, 24 out. 1883, p. 2.

<sup>170</sup> *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 18 nov. 1883, p. 2.

<sup>171</sup> *Diário do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1883, p. 2.

Além das *Tentativas literárias*, outros livros assinados com o nome de Paulino de Brito foram ofertados a periódicos de outras províncias do país, a exemplo das *Noites em claro*. No dia 17 de abril de 1888, foi emitida no *Jornal do Recife* uma pequena nota em agradecimento a Paulino de Brito pelo recebimento das *Noites em claro*: “Sob este título o Sr. Paulino de Brito, estudante da nossa Faculdade de Direito, fez imprimir no Pará, um livro de versos [...]. O autor teve a delicadeza de ofertar-nos um exemplar [...] Somos agradecidos ao Sr. Paulino de Brito pela fineza da oferta”<sup>172</sup>. Nessa nota, o jornal pernambucano também teceu comentários elogiosos a apenas algumas produções poéticas presentes no recente trabalho devido à pena do escritor amazonense: “Lemos as poesias do Sr. Brito, entre as quais encontramos algumas onde o autor foi bastante feliz. Delas se pode dizer que são *poesia e verso*, coisas bem diferentes de ajuntar”.

No dia 4 de agosto de 1888, *O Tempo*, jornal divulgado no Rio de Janeiro, emitiu a seguinte nota sobre o recebimento da coleção de versos do poeta amazonense: “Acabamos de receber um volume de poesias do Sr. Dr. Paulino de Brito. Intitula-se *Noites em claro*”<sup>173</sup>. Tal nota também apresenta uma pequena apreciação crítica altamente elogiosa sobre o trabalho recentemente publicado pelo poeta da Amazônia. Vejamos:

E podemos assegurar aos nossos leitores que o patrão ficou tão entusiasmado pelos lindos sonetos, que passou *noites em claro* a ler o livro, ou melhor, a deliciá-lo. A encadernação e impressão é trabalho que honra as oficinas onde foi preparado. Sentimos que seja tão pequeno o livro do Sr. Dr. Paulino de Brito. Esperamos, porém, que breve nos mande outro e maior; que assim passamos com muito prazer *noites em claro*.

Depois das *Tentativas literárias* e das *Noites em claro*, outra obra de Paulino de Brito oferecida a periódicos que circularam em outras províncias brasileiras chama-se *Cantos amazônicos*. O primeiro jornal que encontramos a publicar uma nota em agradecimento pela oferta da coleção de versos do escritor amazonense foi a *Cidade do Rio*, uma folha periódica difundida no Rio de Janeiro. No dia 6 de março de 1900, essa folha divulgou o seguinte comunicado: “Recebemos e agradecemos: *Cantos Amazônicos*, poesias do Paulino de Brito, de que nos ocuparemos brevemente”<sup>174</sup>.

Depois de alguns dias, a crítica prometida pela *Cidade do Rio* foi estampada nas páginas do jornal assinada sob o pseudônimo de “A. F.” e não apresentou nenhuma condescendência com os *Cantos amazônicos*. Segundo o crítico, o verso de Paulino de Brito

<sup>172</sup> **Jornal do Recife**, Recife, 17 abr. 1888, p. 1.

<sup>173</sup> **O Tempo**, Rio de Janeiro, 4 ago. 1888, p. 3.

<sup>174</sup> **Cidade do Rio**, Rio de Janeiro, 6 mar. 1900, p. 2.

“não tem sentimento, não tem alma, nem imaginação, nem arte, nem nada; e todo ele está impregnado de um bolor de antiguidade, pouco agradável ao olfato do leitor, acostumado a esse delicioso perfume, raro e esquisito, que se evola da poesia contemporânea”<sup>175</sup>. De modo geral, o ensaio apresenta fortes tons de ironia e sarcasmo e foi encerrado de forma bastante grosseira: “Vá adornar a fronte do diabo que o carregue com os seus *Cantos Amazônicos* e tudo, meu adorável senhor Paulino de Brito. Livra!”.

Outro periódico a agradecer pela oferta da coleção de versos de Paulino de Brito foi *O Apóstolo*, outra folha publicada no Rio de Janeiro. No dia 7 de abril de 1900, o jornal emitiu sobre o trabalho do escritor amazonense a seguinte nota: “Temos sobre a mesa um exemplar da 2ª edição da obra *Cantos Amazônicos*, de Paulino de Brito, prefaciado por Marques de Carvalho, não menos poeta que o autor. Agradecendo o volume que nos foi oferecido o conservamos em lugar distinto em nossa estante”<sup>176</sup>. Nessa mesma nota, a folha, ao contrário da *Cidade do Rio*, teceu uma pequena apreciação crítica favorável e elogiosa aos versos de Paulino de Brito. Vejamos:

É um belo volume, mimoso e odorífico *bouquet* de lindas e suaves poesias que o inspirado poeta oferta às letras e à pátria, composto das brilhantes dores que pode descobrir um poeta.

Cheio de inspiração e de verdadeira poesia o autor arrebata o leitor e o embala nessa suave melodia que satisfaz o coração, enche a alma e regozija a inteligência. Tal é o livro que publicado no Pará não deixará de ser apreciado pelos entendidos e de ornar a estante dos mais exigentes literatos.

Assim como Paulino de Brito, Marques de Carvalho também enviou exemplares dos livros que publicou a periódicos de outras regiões do território brasileiro. *O sonho do monarca*, por exemplo, foi ofertado a jornais tanto do Recife quanto do Rio de Janeiro.<sup>177</sup> No dia 6 de junho de 1886, a *Revista Acadêmica*, publicada na capital de Pernambuco, divulgou uma nota em agradecimento pelo recebimento do opúsculo do escritor paraense: “Temos sobre a mesa o « Sonho do Monarca », poemeto do Sr. Marques de Carvalho, estudante de nossa Faculdade. Agradecendo a obsequiosa oferta de um exemplar com que nos honrou, vamos satisfazer o pedido que nos fez de um julgamento franco”<sup>178</sup>. Nessa mesma nota, o jornal, solícito em atender à solicitação do autor do poemeto abolicionista, ainda estampou uma breve crítica sobre *O sonho do monarca*. O periódico distinguia o opúsculo de Marques

<sup>175</sup> A. F. Crítica literária. **Cidade do Rio**, Rio de Janeiro, 13 mar. 1900, p. 3.

<sup>176</sup> **O Apóstolo**, Rio de Janeiro, 7 abr. 1900, p. 2.

<sup>177</sup> Convém ressaltarmos que *O sonho de monarca* foi impresso em Recife pela Tipografia Industrial em 1886, quando Marques de Carvalho estava cursando Direito pela Faculdade do Recife.

<sup>178</sup> **Revista Acadêmica**, Recife, 6 jun. 1886, p. 5.

de Carvalho “pelas valentias do pensamento e da inspiração”, mas o desmerecia “pelo lado da forma, porque o autor não quis manejar o alexandrino com as devidas regras. É verdade que há um certo número de versos exatos em seu poemeto; mas quantos não resistem à análise”. Apesar de assinalar alguns desvios do poeta em relação à metrificação dos versos, a *Revista Acadêmica* exaltou a figura do escritor: “Usamos desta franqueza, porque vemos no distinto colega um talento que muito promete”.

No dia 15 de junho de 1886, a *Tribuna Acadêmica*, outro periódico em circulação por Recife, estampou um ensaio crítico mais extenso no qual também informava aos leitores o recebimento de *O sonho do monarca*: “Recebemos por oferta de seu autor um panfleto assim intitulado [O SONHO DO MONARCA] e do qual já demos notícia aos nossos leitores no número anterior”<sup>179</sup>. Nessa crítica, Marques de Carvalho foi exaltado pelo caráter nacionalista atribuído ao seu poemeto porque, em vez de inspirar-se “nos contos ensanguentados das antigas idades, nos trágicos amores das heroínas gregas, nas façanhas dos Erostratos, ou nas conquistas assombrosas da bela Semíramis, e outras tantas ideias estapafúrdias que são o apanágio dos idealistas sem ideal”, “primeiro que tudo, sentiu amor pátrio, e condenando a inércia da monarquia, defendeu a causa dos escravos brasileiros, inspirou-se no nosso próprio meio, imprimindo assim ao seu livro um caráter todo nacional”. Do mesmo modo como evidenciou a *Revista Acadêmica*, a *Tribuna Acadêmica* também colocou em relevo que o poeta apresentou desvios em relação à forma de alguns versos:

Quanto à execução, porém, o nosso colega foi muitas vezes infeliz. Alguns de seus versos são fracos, outros defeituosos e duros. [...] No livro de Marques de Carvalho encontramos às vezes um verso sonoro, forte, macio, e doutras vezes achamos algum outro dissonante e sem cadência.

Apesar de assinalar alguns equívocos em *O sonho de monarca* a respeito da composição de versos alexandrinos, o periódico parabenizou Marques de Carvalho pelo primeiro livro: “De resto felicitamos o nosso colega pela sua aproveitável estreia e o incitamos a novos cometimentos”.

No dia 4 de junho de 1886, o *Libertador*, jornal publicado no Ceará, publicou uma nota sobre a oferta de *O sonho de monarca*: “Recebemos: O SONHO DO MONARCA, poemeto abolicionista, por Marques de Carvalho, aplaudido poeta e ardente patriota, natural da esplêndida Amazônia e estudante da escola de direito do Recife”<sup>180</sup>.

<sup>179</sup> *A Tribuna Acadêmica*, Recife, 15 jun. 1886, p. 4.

<sup>180</sup> *Libertador*, Fortaleza, 4 jun. 1886, Livro da Porta, p. 2.

Além de algumas cidades do Nordeste, *O sonho de monarca* também foi enviado para periódicos do Rio de Janeiro. No dia 31 de maio de 1886, a *Revista Ilustrada*, por exemplo, publicou apenas uma nota sobre a oferta de alguns exemplares de livros e periódicos emitidos pelos próprios autores. Em meio aos impressos em geral listados, consta o opúsculo assinado pelo escritor paraense: “Temos sobre a mesa as seguintes publicações, graciosamente oferecidas por seus autores: [...] *O sonho do Monarca*, vibrante poesia por Marques de Carvalho”<sup>181</sup>.

Do mesmo modo que a *Revista Ilustrada*, *O Mequetrefe*, mais um periódico da Corte, anunciou em 10 de junho do mesmo ano que também recebeu uma lista de livros e periódicos na qual está incluído “– *O sonho do monarca*, poemeto abolicionista do Sr. Marques de Carvalho”<sup>182</sup>. Quando se referiu ao opúsculo do escritor paraense, expressou um pequeno juízo crítico sobre a obra e ainda ofereceu um conselho bastante pontual ao autor: “Está cheio de alexandrinos errados. É melhor que o poeta escreva em prosa”.

Assim como *O Mequetrefe*, *O País*, outro periódico do Rio de Janeiro, divulgou uma lista em 14 de junho de 1886 a respeito do recebimento de alguns livros na qual constava *O sonho de monarca*. Nessa publicação, o jornal também emitiu uma nota acerca do opúsculo de Marques de Carvalho: “É um panfleto enérgico e ousado, em defesa dos escravos. Os versos são valentes, embora alguns descuidados se encontrem de vez quando”<sup>183</sup>.

*O sonho de monarca* não foi a única obra do escritor paraense a ser enviada para outros periódicos de outras regiões do país. No dia 20 janeiro de 1887, a *Revista do Norte*, periódico publicado em Recife, emitiu uma nota sobre o recebimento das *Lavas*, outro opúsculo produzido por Marques de Carvalho. Vejamos: “Enviaram-nos as *Lavas*, poemeto do Sr. Marques de Carvalho com um prólogo do Sr. Álvares da Costa. As *Lavas* são uma boa amostra de versos socialistas e revolucionários. Agradecemos”<sup>184</sup>. No dia 5 de fevereiro do mesmo ano, a *Revista Ilustrada*, periódico que circulou pelo Rio de Janeiro, divulgou também uma lista sobre as obras recentemente recebidas na qual consta o poemeto do escritor paraense.<sup>185</sup>

Além dos opúsculos *O sonho de monarca* e *Lavas*, Marques de Carvalho enviou também a periódicos de outras regiões do Brasil a *Hortências*. No dia 5 de janeiro de 1889, a *Gazeta de Notícias*, periódico divulgado no Rio de Janeiro, estampou uma nota sobre o

<sup>181</sup> **Revista Ilustrada**, Rio de Janeiro, 31 maio 1886, Livro da Porta, p. 6.

<sup>182</sup> **O Mequetrefe**, Rio de Janeiro, 10 jun. 1886, Álbum do Mequetrefe, p. 2.

<sup>183</sup> **O País**, Rio de Janeiro, 14 jun. 1886, Bibliografia, p. 2.

<sup>184</sup> **Revista do Norte**, Recife, 20 jan. 1887, Carteira da Redação, p. 8.

<sup>185</sup> Cf. **Revista Ilustrada**, Rio de Janeiro, 5 fev. 1887, Livro da Porta, p. 6.

recebimento desse romance: “Do Sr. Marques de Carvalho recebemos um volume de seu romance *Hortênci*a [...]. Oportunamente trataremos do romance. Por ora só podemos adiantar que foi ele nitidamente impresso no Pará, nas oficinas dos Srs. Gomes, Pereira & C. editores”<sup>186</sup>. Do mesmo modo, o *Diário de Notícias*, outro periódico publicado no Rio de Janeiro, anunciou no dia 23 de janeiro do mesmo ano uma nota a respeito da oferta de algumas publicações entre as quais consta o trabalho do escritor paraense: “Recebemos: [...] – *Hortênci*a, romance original do Sr. Marques de Carvalho”<sup>187</sup>.

No dia 17 de janeiro de 1889, o *Diário de Pernambuco*, cuja circulação era realizada em Recife, divulgou um ensaio crítico sem assinatura nem um pouco favorável ao romance do escritor paraense. Nessa publicação do jornal, a *Hortênci*a não foi bem avaliada pelo fato de Marques de Carvalho tê-la filiado a um realismo vulgar. Vejamos:

Filia-se o romance do Sr. Marques [de Carvalho] à escola realista, mas é de um realismo desbragado que chega a causar tédio e nojo.

Pinta, é certo, costumes das classes baixas, mas nem assim se justifica a linguagem imoral que põe nos lábios dos personagens e menos as lúbricas cenas de alcouce que descreve.

Semelhantes romances não podem honrar as letras de nenhum país. São excrescências que não merecem atenção. Nem dão lições, nem corrigem vícios. [...]

É inegável que o Sr. Marques tem talento; mas anda transviado pelas leituras de E. Zola e outros intitulados *realistas*, por ventura mais exagerados que o chefe da escola; e, pois, não há por enquanto senão apelar para outras produções do romancista paraense, fazendo votos para que ele mude de rumo.<sup>188</sup>

Após criticar a filiação do romance a um realismo vulgar, censurar a linguagem imoral presente na fala das personagens, exaltar as publicações anteriores do autor e aconselhá-lo a trilhar outro caminho, o periódico, embora não tenha sido favorável ao mais novo trabalho literário de Marques de Carvalho, agradeceu ao escritor pelo recebimento da obra: “Pelo mais, agradecemos o mimo que nos fez o Sr. Marques de Carvalho de um exemplar do seu livro”.

Assim como Paulino de Brito e Marques de Carvalho, Juvenal Tavares e José Eustáquio de Azevedo são outros exemplos de escritores que também enviaram as recentes publicações literárias derivadas das próprias penas para jornais de outras regiões do Brasil, pois encontramos notas em agradecimento pela oferta de livros assinados por esses dois autores em periódicos que circularam no século XIX tanto no Rio de Janeiro quanto em Recife.

<sup>186</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 5 jan. 1889, Registro de Entradas, p. 2.

<sup>187</sup> *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1889, Publicações, p. 2.

<sup>188</sup> *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 jan. 1889, Revista Diária, p. 2.

Nesses mesmos jornais de outras partes do Brasil onde localizamos as notas de recebimento e os ensaios críticos aludidos, não encontramos, infelizmente, anúncios sobre a venda de livros derivados da pena de escritores paraenses, nem mesmo cartas de leitores a respeito dessas publicações, para afirmarmos que essas obras noticiadas em periódicos publicados em distintos lugares do território brasileiro circularam efetivamente nas demais províncias do Brasil e, dessa maneira, estavam também disponíveis aos leitores estabelecidos em outras regiões do país. No entanto, essas notícias sobre a oferta de exemplares de obras assinadas por alguns autores paraenses a periódicos de diferentes partes da circunscrição nacional, sobretudo do Rio de Janeiro, se não atestam a efetiva circulação desses livros para além dos limites da província do Pará, pelo menos demonstram o empenho empreendido por esses autores em tentar colocar tais publicações em trânsito pelo território brasileiro com o intuito de alcançarem possivelmente alguma projeção nacional.

Convém ressaltarmos, porém, que o envio de livros para as redações de periódicos de outras partes do território nacional não era uma prática executada apenas por escritores paraenses. A pesquisa realizada em jornais que circularam por distintas cidades do território nacional demonstrou que muitos autores brasileiros durante o século XIX, a exemplo de Inglês de Sousa e Machado de Assis, procuraram obter algum benefício a partir desse recurso. Tal fato, no entanto, insinua que os escritores paraenses estavam atentos aos recursos utilizados na época pelos pares de outras regiões do país para conseguir projeção nacional no âmbito das letras.

No entanto, a aquisição de uma projeção literária nacional no Brasil do Oitocentos não era considerada por jornalistas e escritores como uma das mais fáceis tarefas, segundo demonstram algumas publicações localizadas na imprensa brasileira. No dia 23 de outubro de 1919, por exemplo, foi publicado no *O Farol*, o jornal mais antigo de Minas Gerais a circular em Juiz de Fora, “A penumbra provinciana”, um ensaio crítico assinado por Mário de Lima, que discutia inicialmente a dificuldade de ser um escritor no país.<sup>189</sup> Nessa publicação, o autor

---

<sup>189</sup> Mário Franzen de Lima (1886-1936) foi acadêmico do curso de direito pela Faculdade de Direito de Minas Gerais; exerceu o cargo de promotor de justiça em Rio Novo, município de Minas Gerais; foi considerado um “talentoso publicista e inspirado poeta”; notabilizou-se como um dos idealizadores da Academia Mineira de Letras, agremiação literária da qual chegou a ser presidente; tornou-se colaborador do *O Farol*, periódico que circulou em Juiz de Fora, considerado o mais antigo de Minas Gerais, onde publicou poemas, contos e ensaios críticos; foi nomeado diretor da Imprensa Oficial do estado de Minas Gerais; foi também escolhido para ser diretor do Arquivo Público Mineiro; foi admitido para o cargo de presidente da sucursal da Associação Brasileira de Imprensa em Belo Horizonte; foi nomeado delegado de Minas Gerais na Exposição Internacional do Centenário; publicou em 1908 a sua primeira obra de poesias intitulada *Ancenúbios*, “um livro sobre o qual já falaram, com tantos elogios, Medeiros e Albuquerque, João do Rio e outros escritores de responsabilidade literária”. Cf. FAUBLAS, Jayme de. Livros que surgem. *O Farol*, Juiz de Fora, 2 jul. 1908, p. 1.

afirmou que “até hoje a profissão de homem de letras não existe no Brasil. Não existe, pelo menos, como meio de vida”<sup>190</sup>. Segundo o crítico, nenhum autor brasileiro conseguiu viver da própria pena, pois os rendimentos provenientes da impressão de livros não representavam vantagens pecuniárias: “o normal é, mesmo para os editores, uma renda módica e o caso mais comum é ainda o desembolso, da parte do escritor, da quantia empregada na impressão da obra”. Mário de Lima também esclareceu que a publicação em volume das obras ainda era um investimento de risco, pois um livro que deveria em poucos dias desaparecer do mercado, em razão do talento do autor e do merecimento da obra, podia permanecer empacado nas prateleiras das livrarias. De acordo com o crítico, essa dificuldade de colocar livros em circulação ocorria pela “elevada porcentagem de analfabetos que reduz o nosso público leitor a um algarismo ridículo. Num país de 80 por cento de analfabetos, a profissão de homem de letras não pode existir”. Em razão das dificuldades de ser um escritor no Brasil, Mário de Lima defendeu que “só se escreve, nessas condições, quem sinta prazer de ocupar os seus lazeres com coisas literárias [...]. O estímulo será todo subjetivo, interior, porque, em regra, o nosso meio social não sabe dar o devido valor à produção intelectual”. A precariedade das letras no país também dificultava, segundo o crítico, as condições dos autores de alcançarem a glória literária, que “quase sempre está condicionada à residência do escritor em um maior centro intelectual”. Nesse sentido, Mário de Lima defendeu que “a província é um deserto para o homem de letras. Transpor-lhe as fronteiras, conquistando um nome nacional, sem gozar do convívio das rodas literárias cariocas ou das simpatias pessoais das *coterias* da capital da República, é impossível”.

Dessa forma, por mais que alguns escritores radicados na província do Pará durante o Oitocentos intencionassem alcançar alguma projeção nacional com a publicação de livros, seja por meio do pagamento relativo aos custos da impressão com dinheiro do próprio bolso, seja por meio do regime de subscrição, tal propósito não pôde ser efetivado, mesmo com o envio das obras impressas em volume a periódicos de outras regiões do país em troca da divulgação de notas de recebimento e ensaios críticos. Conforme Mário de Lima, essa falta de projeção nacional de alguns autores provenientes não apenas da Amazônia, mas também de outras partes do Brasil ocorreu em razão da falta de intercâmbio literário e intelectual entre os estados.

Depois de um longo preâmbulo sobre a dificuldade ser escritor no Brasil, o colaborador de *O Farol* elucidou essa precariedade das letras no país com o exemplo de Paulino

---

<sup>190</sup> LIMA, Mário de. A penumbra provinciana. *O Farol*, Juiz de Fora, 23 out. 1919, p. 1.

de Brito.<sup>191</sup> Vejamos: “Faltou para a consagração nacional de Paulino de Brito que o seu nome fosse posto em foco no palco mais amplo do Rio de Janeiro. Os bastidores de Belém do Pará asseguraram-lhe para o nome a admiração de um reduzido grupo de intelectuais do país”.

No *Correio Paulistano*, periódico divulgado em São Paulo, foi publicado em 18 de outubro de 1919 o “Paulino de Brito”, um ensaio crítico em homenagem ao falecido escritor amazonense assinado pela pena de Flexa Ribeiro.<sup>192</sup> O crítico defendeu que Paulino de Brito tornou-se um nome desconhecido nacionalmente porque permaneceu na região onde nasceu e viveu. Vejamos: “[Paulino de Brito] morre e desaparece como se sua obra o acompanhasse no túmulo. A sua vida intelectual obscura é uma determinante fatal da província. [...] Vivendo no Pará, foi devorado pelo esquecimento carioca; quase não existiu para o Brasil...”<sup>193</sup>.

Na coluna “Casos e coisas”, divulgada no rodapé do *Pará*, jornal veiculado em Belém, saiu à luz em 12 de janeiro de 1899 uma crônica assinada por Artúnio Vieira.<sup>194</sup> Nessa publicação, o autor ressentiu-se, por um lado, pela preferência concedida nos veículos de imprensa periódica das províncias aos escritores estrangeiros – especialmente aos franceses – e aos escritores brasileiros consagrados nacionalmente e, por outro, demonstrou indignação contra a falta de assistência em jornais locais – distantes do Rio de Janeiro – conferida aos autores que viviam e escreviam nas províncias. Nessa mesma crônica, Artúnio Vieira propôs ainda uma discussão sobre os escritores consagrados no Brasil e defendeu que um autor, para receber o grau de consagração, precisaria “ir ao Rio de Janeiro, e lá escrever em algum jornal”<sup>195</sup>. O cronista elucidou essa questão com o exemplo do autor maranhense Aluísio de Azevedo. Vejamos: “Aluísio de Azevedo seria um homem a que se mandaria «plantar

<sup>191</sup> É válido ressaltarmos que o ensaio crítico de Mário de Lima foi publicado no mesmo ano da morte de Paulino de Brito.

<sup>192</sup> José Flexa Pinto Ribeiro (1884-1971): poeta, jornalista, professor e crítico de arte paraense. Dirigiu *Imprensa*, diário que começou a circular na capital paraense em 1914; foi colaborador do *Correio Paulistano*, onde divulgou diversos ensaios; colaborou também para *A Cigarra*, revista quinzenal de artes e letras; tornou-se professor catedrático da Escola Nacional de Belas-Artes; publicou em 1907 *Litania pagã*, um livro de versos; como poeta foi associado na imprensa periódica ao Simbolismo. No *Correio da Manhã*, por exemplo, foi publicado em 19 de junho de 1959 um ensaio intitulado “Flexa Ribeiro e sua poesia” assinado pelas iniciais “N. C.”. Nessa publicação, o poeta paraense foi filiado ao Simbolismo. Vejamos: “Pertence Flexa Ribeiro ao grupo simbolista de destacada atuação em nossa poesia, no final do século passado e início deste. Identificado com aquela poética, Flexa Ribeiro produziu bastante, principalmente no Rio e em Paris, onde permaneceu algum tempo, publicando seus versos em vários jornais e revistas e dando-nos então três volumes de poesias”. Mais informações sobre Flexa Ribeiro, cf. AZEVEDO, José Eustáquio. **Antologia Amazônica**: poetas paraenses. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970.

<sup>193</sup> RIBEIRO, Flexa. Paulino de Brito. **Correio Paulistano**, São Paulo, 18 out. 1919, p. 1.

<sup>194</sup> Artúnio Vieira nasceu em Pernambuco, mas radicou-se em Belém. Foi professor diplomado e laureado pela Escola Normal de Pernambuco, jornalista colaborador dos periódicos *A Província do Pará* e *O Pará* e sócio ativo da *Mina Literária*. Durante o exercício da escrita literária, aventurou-se pela poesia, pelo conto, pelo romance e pelo teatro. Entre novembro de 1898 e março de 1899 foi o único responsável pela coluna “Casos e coisas”, sempre localizada no rodapé da primeira página do *Pará*.

<sup>195</sup> VIEIRA, Artúnio. **O Pará**, Belém, 12 jan. 1899, Casos e coisas, p. 1.

batatas » se não tivesse ido à capital”. Artúlio Vieira também argumentou que “Teotônio Freire publicou o *Passionário*, um mimo; garanto em como não teve a nomeada que obteve em tempo *O Aborto*, do sr. Figueiredo Pimentel, – *O Aborto*, um monstrengo de literatura”. O colaborador de *O Pará* assegurou que Teotônio Freire não teve o mesmo êxito de Figueiredo Pimentel “porque *Passionário* foi editado em Pernambuco, ao passo que *O Aborto* foi dado à luz no Rio”.

Nesse sentido, as crônicas de Mário Lima, Flexa Ribeiro e Artúlio Vieira demonstram como os escritores das províncias, de modo geral, percebiam o negócio das letras no Brasil. Esses autores acreditavam que, como se encontravam distantes do Rio de Janeiro, não poderiam desfrutar das mesmas oportunidades que tinham à disposição os homens de letras que viviam na capital do país na época e, por essa razão, pressupunham que não conseguiriam obter nenhuma forma de projeção literária nacional. Além disso, eram obrigados a competir nas províncias onde residiam com a preferência tanto dos leitores quanto dos jornalistas pela produção literária de autores estrangeiros e autores brasileiros consagrados em todas as regiões do país.

### 2.3. “As letras nesta terra”: uma questão polêmica

Durante a pesquisa que realizamos na imprensa belenense oitocentista, verificamos um número significativo de publicações assinadas por escritores e jornalistas paraenses que tinham como propósito principal ou secundário promover uma discussão, a partir de perspectivas diferentes, acerca da situação da produção literária na província do Pará ou, de maneira mais abrangente, na região amazônica. Essas publicações, de modo geral, discorriam sobre (1) a precariedade ou a superioridade das letras no Pará ou na Amazônia, (2) sobre a (in)existência de uma literatura paraense ou amazônica ou (3) sobre a pouca visibilidade que essa produção literária desfrutava em nível nacional.

Com base ainda na pesquisa realizada em jornais que circularam por Belém no final do século XIX, localizamos também diversas maneiras de escritores e jornalistas na imprensa belenense oitocentista referirem-se a uma produção literária na província do Pará ou na região amazônica: “literatura amazônica”, “literatura paraense”, “literatura do norte”, “as letras amazônicas”, “as letras nesta terra”, “as nossas letras”, entre outras. Convém ainda frisarmos que encontramos uma publicação específica em que o autor, num determinado momento, utiliza a expressão “literatura paraense” e, em outro, o termo “literatura amazônica”.<sup>196</sup>

No *Diário de Belém*, por exemplo, teve início em 1884 uma série de crônicas escritas sob a responsabilidade de Paulo Puhan e René Moustache, agrupadas sob a denominação de “A comédia paraense: crítica de costumes” e divulgadas na coluna *Folhetim*.<sup>197</sup> Segundo Francisco Foot Hardman, essa série “teve sua publicação no *Diário do Grão-Pará* suspensa por suas ideias ‘incendiárias e socialistas-niilistas’ aparecendo mais tarde, em 1884, em folheto”<sup>198</sup>. Sobre o comentário de Francisco Foot Hardman, gostaríamos apenas de salientar que encontramos a série intitulada “A comédia paraense: crítica de costumes” publicada nas páginas do *Diário de Belém* e não nas páginas do *Diário do Grão-Pará*, como o autor afirmou no seu livro.

<sup>196</sup> Apenas a título de curiosidade, indicamos a leitura do artigo de José Guilherme Fernandes que promove uma discussão acerca das diferentes formas de designação da produção literária na e da Amazônia a partir de uma perspectiva mais contemporânea. A respeito de uma reflexão sobre as nomenclaturas utilizadas para caracterizar a literatura produzida na e para a Amazônia, cf. FERNANDES, José Guilherme dos Santos. Literatura brasileira de expressão amazônica, literatura da Amazônia ou literatura amazônica? *Graphos*, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 111-116, 2004.

<sup>197</sup> Gostaríamos apenas de lembrar que Paulo Puhan e René Moustache foram pseudônimos utilizados por Múcio Javrot e outro escritor conterrâneo.

<sup>198</sup> HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão!** – Memória operária, cultura e literatura no Brasil. 3. ed. São Paulo, UNESP, 2002, p. 337.

No dia 4 de maio de 1884, a crônica do dia foi assinada exclusivamente por René Moustache e recebeu o título de “As letras nesta terra”.<sup>199</sup> Nessa pequena crônica, o colunista afirmou que no Pará da penúltima década do século XIX havia, com efeito, um número diminuto de pessoas que, embora não estivessem publicando todos os dias os seus escritos, estavam cultivando as letras paraenses com assiduidade, dedicação e talento. Moustache, no entanto, lamentou-se pelo fato de que não havia, além desse pequeno grupo que se mostrava sempre preocupado em apresentar algumas produções de valor, ninguém mais que merecesse atenção no estreito campo das letras paraenses. Segundo o cronista, essa triste situação da literatura cultivada no Pará foi ocasionada pelos “pseudoliteratos”.<sup>200</sup>

Para Moustache, esses pseudoliteratos eram (1) aqueles que se manifestaram ao público nas colunas *Variedades* ou *A pedidos* de qualquer jornal por meio de acrósticos enigmáticos ou de quadras “gotosas onde o sentimento e a expressão tom[aram] por caminhos diversos, igualmente desnoroados”; (2) aqueles que apenas escreveram para jornais especiais cujas edições apresentavam “os escritos pífios e os pedacinhos mais asnáticos”; (3) aqueles que somente aparecem em ocasiões especiais, a exemplo de festas solenes, onde recitavam estrofes “toscas, desabrigadas, sem ideias que prestem, com uma sintaxe por lapidar e uma versejação desregrada e intolerável”. Para Moustache, esses pseudoliteratos, em particular, receberam aplausos mais pela performance durante o recital do que necessariamente pela qualidade dos versos; (4) aqueles que costumavam recitar às atrizes dramáticas ou às primadonas líricas “poesias cheias de paixão, de uma *nobre paixão pela arte*, tanto mais viva quanto mais graciosa é a paciente desse entusiasmo”. De acordo ainda com o cronista, essas poesias “não vêm de ordinário à luz da imprensa, mas passam num buquê para as mãos da atriz com esperança de uma página de álbum”.

Considerando o que expusemos até então, é possível percebermos que René Moustache não chegou a afirmar que não havia uma literatura produzida no Pará, mas é evidente que o cronista do *Diário de Belém* considerou a produção literária desenvolvida na província não apenas embrionária, como também deficiente. Esse posicionamento do

<sup>199</sup> Cf. MOUSTACHE, René. As letras nesta terra. **Diário de Belém**, Belém, 4 maio 1884, Folhetim, A comédia paraense: crítica de costumes, p. 2.

<sup>200</sup> De igual modo, foi publicado no *Diário de Notícias* em 2 de maio de 1888 um ensaio intitulado “Noblesse oblige” assinado pelo pseudônimo “Um maranhense”. Nessa publicação, o autor, assim como René Moustache, afirmou que “os sócios da confraria dos elogios mútuos não medem o ridículo em que estão caindo todos os dias esforçando-se para impor-se ao público como os únicos poetas e literatos da Amazônia. Os nomes citados são sempre os mesmos. Se lá vêm entre eles talentos de algum merecimento, como Marques de Carvalho e Paulino de Brito, empurram outros nomes de verdadeiros pedantes, sujeitos que à fina força querem fazer jus a uma celebridade, para a qual aliás não têm documentos valiosos”. Cf. UM MARANHENSE. Noblesse oblige. **Diário de Notícias**, Belém, 2 maio 1888, p. 3.

colunista reside na ideia de que a literatura se constitui a partir de um conjunto de escritores empenhados em oferecer trabalhos de indiscutível qualidade aos leitores. Como acreditava que havia um número irrisório de homens de letras interessados em desempenhar decentemente o seu papel, René Moustache anunciou para os leitores do *Diário de Belém* que a literatura desenvolvida no Pará era ainda incipiente e exígua.

Ao contrário de René Moustache, Paulino de Brito não se ateve a essa discussão sobre a precariedade das letras na região amazônica, mas chegou a divulgar, quase dois anos depois no mesmo jornal, uma insatisfação com a propagação da literatura desenvolvida na Amazônia pelo restante do Brasil. Numa crítica publicada em 28 de fevereiro de 1886 na coluna *Folhetim* do *Diário de Belém* intitulada “O padre José Joaquim Corrêa de Almeida”, Paulino de Brito assegurou que na Amazônia se acompanhava com vivo interesse o que era produzido no terreno da literatura em todo o império brasileiro, ao passo que no restante do país, sobretudo no sul, ignorava-se o que era produzido na região amazônica.<sup>201</sup> Nessa crítica, Paulino de Brito, por exemplo, ressentiu-se pelo total desconhecimento em nível nacional de escritores conterrâneos, como Santa Helena Magno – “o cantor lamartineano, o poeta virtuoso cuja lira de ouro, imaculada e santa, afeiçãoara-se a vibrar somente as cordas dos mais nobres e delicados sentimentos”<sup>202</sup> – e Teodorico Magno – “essa esperança hoje desvanecida, esse menino genial que há seis meses desapareceu, depois de ter passado como um meteoro, deixando após si um deslumbramento”.

De maneira um pouco complementar ao propósito de Paulino de Brito, Guilherme de Miranda também defendeu que havia na província do Pará escritores tão habilitados quanto na Corte. No dia 18 de novembro de 1888, foi publicado no *Diário de Belém* um ensaio crítico do escritor paraense sobre o recente lançamento das *Primeiras rimas*, uma coleção de poesias de João de Deus do Rêgo. Nessa crítica, Guilherme de Miranda desviou-se do assunto principal por meio de uma longa digressão e ateve-se ao estabelecimento de uma defesa contra um julgamento negativo a respeito de um certo atraso no cultivo das letras na província do Pará. Vejamos: “E venham os despeitados [os nossos *senhores* da Corte] dizer que o Pará não tem um talento propriamente seu e que vivemos num completo atraso de civilização no meio do esquecimento de uns e do indiferentismo de outros”<sup>203</sup>. Para colocar a literatura

<sup>201</sup> Convém enfatizarmos que o objetivo da crítica de Paulino de Brito, como sugere o título, não era discorrer sobre a penetração da produção literária realizada na Amazônia, mas sim avaliar a produção poética do padre José Joaquim Corrêa de Almeida.

<sup>202</sup> BRITO, Paulino de. O padre José Joaquim Corrêa de Almeida. **Diário de Belém**, 28 fev. 1886, Folhetim, p. 2.

<sup>203</sup> MIRANDA, Guilherme de. *Primeiras rimas*: coleção de versos de João de Deus do Rêgo. **Diário de Belém**, Belém, 18 nov. 1888, Letras, p. 2.

produzida tanto na província quanto na Corte em patamar de igualdade, Guilherme de Miranda preocupou-se em promover uma comparação entre alguns escritores conterrâneos e determinados escritores brasileiros conhecidos na época provenientes de outros lugares do país. Observemos:

Mas, desgraça, não sabem esses homens que vivemos em perfeita harmonia e que na literatura ainda temos homens que sabem ilustrar as letras; não sabem que para um Augusto de Lima temos um Frederico Rhossard, para um Raimundo Corrêa um João do Rêgo, finalmente, temos para um Júlio Ribeiro um Marques de Carvalho! [...] Somos atrasados, porém onde está o nosso atraso?

É possível percebermos que, a partir da comparação entre escritores, Guilherme de Miranda pretendeu demonstrar que a literatura desenvolvida na província do Pará não era inferior e estava no mesmo nível da literatura produzida na Corte, assim como os escritores conterrâneos não eram menos talentosos e estavam no mesmo patamar dos escritores brasileiros oriundos de outras partes do Brasil, cuja popularidade devia repercutir na província em questão. É válido colocarmos em relevo que Guilherme de Miranda esforçou-se para romper com a ideia de atraso no cultivo das letras nessa parte da região amazônica, pois acreditava plenamente que “a literatura do norte é irrefutavelmente a melhor do Brasil; e quando avançamos semelhante proposição baseamo-nos em fatos que devem estar na consciência de todos”.

Em 1887, teve início um debate efervescente na imprensa belenense oitocentista sobre a literatura amazônica: de um lado, Marques de Carvalho – redator e proprietário da *Arena* – e, do outro, PLAN – pseudônimo de algum colunista da *Província do Pará* que assinava crônicas publicadas na coluna *Homens e Coisas*, na qual eram discutidos os mais variados assuntos.<sup>204</sup>

Esse debate teve início em 12 de junho de 1887, quando Marques de Carvalho publicou na *Arena* um artigo que se intitulava “Da crítica literária”, no qual demonstrava completo desagrado pelos trabalhos de crítica literária divulgados na imprensa paraense que se propunham a julgar autores e obras. Nesse artigo, percebemos que não era intenção de Marques de Carvalho discorrer sobre a temática da literatura amazônica, mas sim sobre os trabalhos de crítica literária divulgados de vez em quando na imprensa periódica belenense

---

<sup>204</sup> As crônicas publicadas na coluna *Homens e Coisas* da *Província do Pará* eram assinadas intercaladamente por dois pseudônimos: ora por PLAN, ora por RATAPLAN. Enquanto desconhecemos a quem pertence o primeiro, sabemos que o segundo, de acordo com Carlos Rocque, era um dos muitos pseudônimos jornalísticos de Antônio José de Lemos (1843-1913), proprietário da *Província do Pará*, membro do Partido Liberal e político com base eleitoral no estado do Pará. Exerceu vários cargos políticos, mas destacou-se como intendente de Belém entre 1897 e 1911. Cf. ROCQUE, Carlos. **História de A Província do Pará**. Belém: Mitograph, 1976.

oitocentista. Segundo o autor, essas críticas representavam um atraso intelectual, pois eram pretenciosas e desconchavadas, além de manifestarem “banalidades ridículas, pueris, sem uma ideia nova, sem uma observação feliz, que trouxessem adiantamento e ensino”<sup>205</sup>.

A discussão a respeito da literatura amazônica teve início a partir da publicação de PLAN na coluna *Homens e Coisas* da *Província do Pará*, em 17 de junho de 1887. O colunista, estabelecendo um diálogo com a publicação de Marques de Carvalho na *Arena*, afirmou que

Eu não acho razoável semelhante queixa. Sou de opinião que não há crítica literária no Pará.  
E não há crítica pela simples razão de que não há literatura.  
Não se pode dar o nome de literatura a traduções das poesias de Campoamor, a pequenos contos escritos sobre a perna, a ensaios literários, enfim.  
Isto não constitui uma literatura, nem mesmo pode ser considerado como a sua alvorada.  
Ainda estamos longe disso.  
Sendo assim, como quer o colega que haja crítica literária? [...] É por isso que a *pretensa literatura amazônica* faz-me rir.<sup>206</sup>

Conforme PLAN, a crítica literária surge apenas depois de a literatura já existir e estar desenvolvida. Para exemplificar, o colunista da *Província do Pará* afirmou, em 1887, que na Europa já existia uma crítica moderníssima, cuja aparição somente foi possível a partir do momento em que havia um número considerável de produções de cunho literário. PLAN acreditava nessa proposição porque a crítica, ainda segundo o colunista, veio para aplicar o princípio da seleção à literatura, pois “é ela, com efeito, que com o escalpelo na mão faz a autópsia das produções literárias, mostrando aos olhos de todos as suas perfeições e imperfeições”.

Após a publicação da crônica de PLAN, Marques de Carvalho, em 19 de junho de 1887, divulgou na *Arena* a segunda parte do artigo “Da crítica literária”, rebatendo os argumentos do cronista da *Província do Pará*. De acordo com Marques de Carvalho,

Nega o cronista a existência de uma literatura [...].  
Mais isto é uma blasfêmia: isto é negar a alvura do leite, é repetir as imposições evidentes da verdade!  
Nós não temos literatura!... Pois o que são os livros de Santa Helena Magno, do sr. Barão de Guajará, de Vilhena Alves, de Paulino de Brito, de Teodorico Magno, de Júlio César e de Bruno Seabra?<sup>207</sup>

<sup>205</sup> CARVALHO, Marques de. Da crítica literária. *A Arena*, Belém, 12 jun. 1887, p. 71.

<sup>206</sup> PLAN, *A Província do Pará*, Belém, 17 jun. 1887, *Homens e Coisas*, p. 3.

<sup>207</sup> CARVALHO, Marques de. Da crítica literária. *A Arena*, Belém, 19 jun. 1887, p. 76.

Para Marques de Carvalho, a existência de uma literatura amazônica era um fato consumado e inegável, visto que havia na Amazônia do final do século XIX escritores nascidos na região, como Santa Helena Magno, Vilhena Alves, Paulino de Brito, Teodorico Magno e Bruno Seabra. Desse modo, podemos afirmar que o redator do periódico literário e artístico *A Arena* estava tentando criar um conjunto de escritores que representassem e legitimassem a existência de uma literatura amazônica.<sup>208</sup>

Antes de finalizar o seu artigo crítico, Marques de Carvalho ainda reiterou que havia uma produção literária na Amazônia que pudesse ser chamada de literatura amazônica. Vejamos:

Acabemos por hoje. Recapitulando: – Nós temos literatura, porque temos bons escritores que produzem bons trabalhos literários, além das *traduções de Campoamor e dos pequenos contos escritos sobre a perna*. [...] As razões por que a nossa literatura não é tão grande como a da Europa são as mesmas que concorrem para provar o motivo porque Benevides não é do tamanho de Belém.<sup>209</sup>

Quando reiterou o fato de que existia uma literatura amazônica, Marques de Carvalho ressaltou que havia uma produção literária na Amazônia não apenas porque havia obras assinadas por autores amazônicos, mas também porque a região apresentava escritores capazes de produzir trabalhos de grande excelência – tanto em verso quanto em prosa. Nesse sentido, é possível observarmos que Marques de Carvalho preocupou-se em deixar claro para quem o lesse que a valorização da literatura amazônica não estava relacionada a um sentimento de pertença à região onde nasceu, mas sim à qualidade literária que as obras assinadas pelos escritores conterrâneos geralmente apresentavam.

Diante da segunda parte do artigo de Marques de Carvalho publicado na *Arena*, PLAN dedicou ao colega de ofício outra crônica, que saiu à luz em 28 de junho de 1887 e na qual o colunista da *Província do Pará* continuou ainda sustentando a ideia de que não existia uma literatura amazônica. Observemos:

Exceto o nome do sr. Barão do Guajará, que não é um literato, mas sim um historiador, que cultiva um ramo de *ciências*, não nego que os outros tenham escrito peças literárias.

<sup>208</sup> É válido frisarmos que Marques de Carvalho não esclareceu, em nenhum momento, a que literatura ele se referiu: paraense ou amazônica. Quando se debruçou sobre essa temática, sempre se utilizou de expressões que denotavam muito mais um sentimento de pertença a uma literatura do que necessariamente uma delimitação dos limites geográficos a ela impostos, a exemplo das marcas da primeira pessoa do plural, como é possível observarmos, por exemplo, no seguinte período: “Nós temos literatura, porque temos bons escritores que produzem bons trabalhos literários”.

<sup>209</sup> CARVALHO, Marques de. Da crítica literária. *A Arena*, Belém, 19 jun.1887, p. 76-77.

Mas que todas as suas produções somadas formem uma literatura, é o que eu nego. Não contesto o mérito de cada um deles em particular. Podem eles ter escrito muitas boas coisas, mas que tenham 5 homens, quase todos muito moços, produzindo uma literatura, *c'est trop fort!!!*<sup>210</sup>

A partir desse excerto, podemos observar que PLAN adotou uma ideia de conjunto para afirmar que não existia uma literatura amazônica. Segundo o cronista da *Província do Pará*, uma literatura não se constrói a partir de autores individuais, mas sim a partir de um grupo de escritores conscientemente envolvidos no processo de escrita literária e, ao mesmo tempo, unidos pelo mesmo desejo de produzir uma literatura com unidade e características próprias. Desse modo, PLAN insinuou que na Amazônia do século XIX havia um número irrisório de autores para formar uma literatura de feição amazônica – por mais que os poucos nomes selecionados por Marques de Carvalho na segunda parte do artigo da *Arena* fossem, com efeito, merecedores de reconhecimento, como Santa Helena Magno, Vilhena Alves, Paulino de Brito, Teodorico Magno e Bruno Seabra.

É válido considerarmos que, em 1885, o próprio Marques de Carvalho, no ensaio crítico que dedicou ao amigo e colega de ofício Paulino de Brito no *Diário de Belém*, afirmou que

Eis porque, num território tão vasto como a Amazônia, apenas encontro quatro poetas, quatro intelectuais que trabalham assiduamente, e que ainda alimentam forças para a resistência à indiferença. São eles Paulino de Brito, Júlio César, Teodorico Magno e Múcio Javrot – Não falo em Bertino Miranda, que poderia ainda brilhar no mundo literário brasileiro se não fosse tão preguiçoso em matéria de esforço intelectual, – se estudasse alguma coisa. – Na prosa, apenas vejo um operário laborioso e inteligente, que, como literato, já tem reputação formada, – o sr. José Veríssimo.

Na realidade, quatro poetas e um prosador em tão grande extensão de terreno, são quase nada.<sup>211</sup>

É possível percebermos que Marques de Carvalho, nesse ensaio que dedicou ao amigo e colega de ofício Paulino de Brito aproximadamente dois anos antes, apresentava um posicionamento acerca da literatura da Amazônia idêntico ao sustentado pelo cronista da *Província do Pará*: havia na região apenas um número irrisório de escritores que levavam a sério a produção literária e, por essa razão, esse pequeno contingente de autores não era suficiente para atribuir aos trabalhos tanto em prosa quanto em verso desenvolvidos na Amazônia um estatuto de literatura.

<sup>210</sup> PLAN, *A Província do Pará*, Belém, 28 jun. 1887, Homens e Coisas, p. 3.

<sup>211</sup> CARVALHO, Marques de. Paulino de Brito, *Diário de Belém*, Belém, 26 fev. 1885, Letras e Artes, p. 2.

Para finalizar a crônica na *Província do Pará*, PLAN comentou as últimas palavras da segunda parte do artigo de Marques de Carvalho: “as razões por que a nossa literatura não é tão grande como a da Europa são as mesmas que concorrem para provar o motivo porque Benevides não é do tamanho de Belém”<sup>212</sup>. Conforme PLAN,

Em resposta direi que nós dizemos – *cidade* de Belém e *povoação* de Benevides. É justo que digamos – *literatura europeia e... paraense*.<sup>213</sup>  
 Ponho os *pontinhos* porque não sei que nome dar.  
 Assim como na geografia há a classificação dos lugares populosos de conformidade com o número de seus habitantes, em *idades, vilas e aldeias* ou *povoações*, assim também sucede com as produções literárias.  
 Entretanto não é para estranhar o que eu combato: os políticos já quiseram mimosear Ponta de Pedras com o mesmo nome que se costuma dar a Paris; não é para admirar, portanto, que queiram fazer das produções literárias do Pará uma literatura.

A partir do excerto acima, é evidente que PLAN acha forçoso que alguém queira chamar os trabalhos literários elaborados no Pará de literatura. É evidente também que o colunista da *Província do Pará*, embora não tenha especificado nomes, estava se referindo ao colega Marques de Carvalho. No entanto, mais evidente ainda foi a estratégia de PLAN para ridicularizar o argumento do adversário nesse debate literário. Segundo o cronista da coluna *Homens e Coisas*, assim como seria uma bobagem atribuir o nome de Paris a Ponta de Pedras, o mesmo não seria diferente quando se pretende chamar de literatura as publicações literárias divulgadas no estado do Pará.

Em 3 de julho de 1887, o debate foi encerrado com a publicação de uma carta que Marques de Carvalho dirigiu ao cronista PLAN afirmando que a discussão principiada entre os dois não valia a pena de uma inimizade. Alguns dias depois, precisamente em 7 de julho de 1887, o colunista da *Província do Pará* afirmou que se arrependeu “de ter na melhor boa-fé escrito coisas que sem má intenção de [sua] parte feriram um cavalheiro, cuja amizade deseje[ava] cultivar”<sup>214</sup>. Depois da longa discussão sobre a (in)existência de uma literatura amazônica, Marques de Carvalho e PLAN continuaram com o mesmo posicionamento: um a favor e outro contra.

<sup>212</sup> CARVALHO, Marques de. Da crítica literária. *A Arena*, Belém, 19 jun. 1887, p. 77.

<sup>213</sup> Nas crônicas assinadas por PLAN, esta é a única vez em que o colunista, em vez de se referir a uma literatura amazônica, remeteu-se a uma literatura paraense. Convém também assinalarmos que o autor, no parágrafo seguinte, afirmou que não sabia exatamente especificar qual era o nome que deveria atribuir à produção literária elaborada na região. Esse fato demonstra como a discussão a respeito da (in)existência ou da (in)constância de uma literatura na Amazônia era ainda bastante recente, assim como também não havia um consenso entre os escritores e os jornalistas na imprensa periódica de Belém acerca das formas de denominação dessa mesma literatura.

<sup>214</sup> PLAN, *A Província do Pará*, Belém, 7 jul. 1887, *Homens e Coisas*, p. 3.

Considerando o princípio da coletividade proposto por Marie-Ève Thérénty, é possível percebermos, entretanto, que os posicionamentos contrários entre Marques de Carvalho e PLAN a respeito da literatura amazônica partiram do lugar do qual desfrutavam na sociedade. Marques de Carvalho, por exemplo, em 1887, já era um escritor bastante conhecido em Belém, em razão dos diversos trabalhos literários pelos quais se aventurou na imprensa periódica de Belém no Oitocentos (poesia, conto e romance); nesse mesmo ano, já havia se vinculado ao Naturalismo, acreditando que essa escola literária mudaria os rumos da literatura da época; ainda em 1887, criou o periódico literário e artístico *A Arena*, ao lado de outros escritores, a exemplo dos irmãos Paulino de Brito e Heliodoro de Brito, com o intuito de divulgar as produções tanto em verso quanto em prosa de autores radicados na Amazônia; além disso, na *Arena*, em 12 de junho de 1887, publicou o artigo intitulado “Da crítica literária” com a intenção de denunciar a situação precária dos trabalhos de teor crítico divulgados na imprensa periódica de Belém daquela época, visto que o escritor paraense tinha consciência das consequências que poderiam ser acarretadas por causa de uma crítica literária nem um pouco habilitada: “eis completa a CRÍTICA LITERÁRIA de qualquer obra, que deu longo trabalho a seu autor, para ser nesciamente espezinhada num instante por uma crítica insciente!...”<sup>215</sup>. Assim, não haveria como Marques de Carvalho, um escritor não apenas consciente de seu papel social, como também associado a um pequeno grupo de colegas de ofício, desqualificar as produções literárias divulgadas na região, afirmando que na Amazônia não havia literatura. A posição de Marques de Carvalho, portanto, não era individual, mas sim coletiva, pois representava no debate com PLAN a voz de uma classe de autores empenhados em construir, difundir e promover uma produção literária dentro dos limites geográficos não apenas da região amazônica, como também do território nacional.

PLAN, por sua vez, era um colunista da *Província do Pará* que possuía uma coluna fixa e precisava entreter os leitores com os mais diversos assuntos. Desse modo, o cronista encontrou no artigo de Marques de Carvalho uma possibilidade de obter um assunto sobre o qual pudesse escrever. O próprio colunista atribuiu a si mesmo o mau desejo de encher algumas tiras de papel às custas da publicação do redator da *Arena* pela simples vontade de satisfazer uma tarefa. É válido ressaltarmos ainda que PLAN não se julgava um autor de crítica literária, mas sim um cronista: “apesar de não considerar a minha crônica como um artigo de crítica”<sup>216</sup>. Na segunda crônica, PLAN se apresentou como um adversário sem pretensões e afirmou que todos os leitores estavam perfeitamente certos de que ele não estava

<sup>215</sup> CARVALHO, Marques de. Da crítica literária. *A Arena*, Belém, 12 jun. 1887, p. 71.

<sup>216</sup> PLAN, *A Província do Pará*, Belém, 28 jun. 1887, Homens e Coisas, p. 3.

em condições de lutar com Marques de Carvalho, visto que o colunista da *Província do Pará* não se considerava um literato amazônico: “até hoje não meti as mãos na seara literária. Tenho sido mero expectante, e juiz de mim mesmo, tenho-me considerado indigno de pertencer à plêiade brilhante dos literatos amazônicos”.

Além disso, PLAN demonstrou-se um conhecedor da literatura desenvolvida na Europa – sobretudo na França. Assim, é fácil compreendermos por que o cronista não acreditava na existência de uma literatura amazônica. A literatura produzida no continente europeu, em 1887, não apenas já apresentava uma longa e fecunda trajetória, como também uma popularidade e um reconhecimento que atravessou o Oceano Atlântico. Nessa mesma época, a produção literária na Amazônia, por sua vez, além de ser muito recente e conseqüentemente não gozar de tradição, estava localizada numa região distante do Rio de Janeiro, capital do país na época. Segundo Eustáquio de Azevedo, não é à toa, portanto, que Inglês de Sousa e José Veríssimo foram os únicos escritores nascidos na Amazônia do século XIX que alcançaram alguma notoriedade no cenário nacional das letras – um se destacando no campo da ficção e outro no domínio da crítica literária.<sup>217</sup> Os dois foram os únicos que conseguiram sair do lugar onde nasceram para fixar residência no Rio de Janeiro, onde encontraram um terreno propício para de alguma maneira se projetarem.<sup>218</sup> Desse modo, não havia como PLAN acreditar na existência de uma literatura amazônica, levando em consideração todo o conhecimento que ele possuía acerca da produção literária elaborada na Europa. Usá-la como parâmetro para medir a outra só poderia mesmo conduzi-lo a pensar na inexistência de uma literatura paraense ou amazônica.

A partir das publicações jornalísticas de René Moustache, Paulino de Brito, Guilherme de Miranda, Marques de Carvalho e PLAN, percebemos uma tensão que passou a ser discutida nas páginas de periódicos que circularam em Belém na penúltima década do século XIX sobre a produção literária desenvolvida no Pará ou na Amazônia: (in)existe uma literatura produzida na região? No entanto, esses escritores, mais do que promoverem uma discussão em torno dessa pergunta, demonstraram que ainda não havia desde então na capital paraense da época uma ideia consolidada acerca de uma literatura na região – até mesmo

<sup>217</sup> Cf. AZEVEDO, José Eustáquio. **Antologia Amazônica**: poetas paraenses. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970.

<sup>218</sup> Sobre o deslocamento de escritores no território brasileiro do século XIX, Lúcia Miguel Pereira afirma que o Rio de Janeiro sempre foi mais um centro receptor do que criador, pois a maioria dos escritores que se destacaram nacionalmente na atividade literária não nasceram na Corte, mas sim em outras províncias do país. O Rio de Janeiro, portanto, atraía de outras localidades homens interessados em ganhar a vida à custa da própria pena, visto que a capital do país nesse período era, via de regra, a responsável pela consagração e difusão de autores e obras por todo o país. Cf. PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira**: Prosa de ficção (de 1870 a 1920). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

porque os primeiros escritores amazônicos conscientes do seu papel social começaram a surgir e a se manifestar, com efeito, a respeito dessa questão apenas a partir de 1880.

As discussões sobre a (in)existência, a pujança ou a precariedade da literatura produzida na região, em contrapartida, continuaram durante a última década do século XIX. NA *República*, por exemplo, foi publicada em 30 de novembro de 1892 uma crônica assinada sob o pseudônimo de “Pati Forio” intitulada “Etc. e tal pontinhos”. Nessa publicação, o cronista emitiu um juízo, se não igual, ao menos semelhante ao de Marques de Carvalho. O jornalista afirmou que “ainda há linguarudos que berram por aí que a literatura paraense não passa de um mito, que isto, que aquilo, etc. e tal. Mas é uma calúnia porca: a nossa literatura estadual é uma feijoada, tem de tudo”<sup>219</sup>. Após esse comentário, o colaborador da *República* enumerou alguns nomes que formam, a seu gosto, a literatura paraense, a exemplo de Frederico Rhossard, Paulo Maranhão, Guilherme Miranda, Eustáquio de Azevedo, Paulino de Brito, Bertino Miranda, Acrísio Mota, Juvenal Tavares, Heliodoro de Brito e Manoel Valente do Couto. Desse modo, percebemos que Pati Forio, assim como Marques de Carvalho, procurou formar um conjunto de autores representativos de uma literatura paraense. Depois de apresentar todos esses escritores, o cronista encerrou a crônica com as seguintes palavras: “Mirem-se nesse espelho, que aí fica; e se forem capazes tornem a dizer que não *temos literatura*. Eu sempre quero ver até onde chega o atrevimento de vocês, seus pulhas”.

No dia 24 de março de 1896, por sua vez, foram lançadas na *Folha do Norte* as “Cartas literárias”, assinadas pelas iniciais “A. P.”. Nessa publicação, o autor afirmou que “o Pará é quase nulo no movimento literário do Brasil, conhecendo-se, lá fora, dois ou três vultos literários”<sup>220</sup>. Para justificar essa situação, o missivista atribuiu a essa precariedade algumas razões: (1) a pouca importância destinada à literatura na imprensa paraense: “Jornais há que publicam trabalhos literários mensalmente ou de quinzena em quinzena. Para aparecerem versos, contos, crítica, é necessário não haver absolutamente matéria comercial ou artigos para os solicitados”; (2) a falta de remuneração: “a imprensa publica versos por especial obséquio, depois de pedidos a uns e outros. Não se paga a ninguém para escrever literatura, dispensando-se enorme obséquio em publicá-la”; (3) a ausência de editoras no estado: “Há também entre os moços de letras queixa justificada: a falta de editor. O Pará possui tudo na arte tipográfica: livrarias, tipografias, encadernações [...] e não tem absolutamente um editor! Esse ente extraordinário [...] ainda não apareceu na nossa rica Belém”; (4) a condição financeira dos escritores: “ou o escritor não publica o livro, ou quando dá para essa doidice é

<sup>219</sup> FORIO, Pati. Etc. e tal pontinhos. **A República**, Belém, 30 nov. 1892, p. 2.

<sup>220</sup> A. P. Cartas literárias. **Folha do Norte**, Belém, 24 mar. 1896, p. 1.

à sua custa, com o rico dinheirinho do seu bolso. E como a maioria dos nossos literatos são funcionários públicos, miseravelmente pagos por sinal [...] a consequência lógica é não se publicarem os tais livros ou conservar uma dívida pavorosa e eterna”; (5) poucas sociedades e nenhum jornal voltados para as letras: “Sociedades de letras temos duas: *Mina Literária* e *Centro Literário Amazônico*. Duas, – podia ser uma. [...] Jornais de letras, periódicos, revistas – nenhum. Já é digno de ficar registrado esse resultado animador numa terra que tem duas sociedades literárias”.

## 2.4. Agremiações e periódicos literários

Em razão dessa tensão diante da produção literária na região amazônica ou mais especificamente na província do Pará no final do Oitocentos, tanto em nível regional quanto em nível nacional, diversos escritores formaram grupos que apresentavam o interesse em comum de instituir agremiações literárias com o intuito de incentivar e promover a literatura produzida na região, a exemplo da Mina Literária, do Centro Literário Amazônico e da Academia Paraense de Letras. Dessa forma, alguns autores acreditavam que poderiam reverter a situação desfavorável das letras na região da Amazônia ou mais precisamente no estado do Pará.

A Mina Literária, por exemplo, começou a ser idealizada em dezembro de 1894 por um grupo homens de letras que tomaram a decisão de instituí-la e, para colocarem em prática esse projeto, optaram por fundá-la aos moldes da Padaria Espiritual.<sup>221</sup> Essa agremiação foi inaugurada no dia 1º de janeiro de 1895, no salão nobre do Theatro da Paz, o qual havia sido luxuosamente ornamentado para a ocasião do evento. Nessa mesma data e nesse mesmo lugar, traçou-se um histórico da literatura amazônica, discutiu-se a criação de uma universidade no Brasil e uma faculdade no Pará, debateu-se a emancipação da mulher e, finalmente, expôs-se a finalidade da instituição, que era proporcionar o desenvolvimento das letras na região amazônica. A Mina Literária era formada por cinquenta e quatro sócios ativos, seis honorários e dezesseis correspondentes. Entre os ativos, colocamos em relevo Guilherme de Miranda, Acrísio Mota, Eustáquio de Azevedo, João de Deus do Rêgo, Ignácio Moura, Antônio Marques de Carvalho, João Marques de Carvalho, Paulino de Brito, Juvenal Tavares, Vilhena Alves e Frederico Rhossard. Em meio aos honorários, destacamos Lauro Sodré, governador do estado do Pará na época. No grupo dos correspondentes, distinguimos José Veríssimo e Inglês de Sousa no Rio de Janeiro, assim como Múcio Javrot em Macapá. Diante dos principais feitos da agremiação, salientamos a realização de inúmeras conferências e festas, a impressão da *Revista*, órgão da Mina Literária, e a publicação em volume das obras de alguns sócios.<sup>222</sup>

<sup>221</sup> A Padaria Espiritual foi uma agremiação literária liderada pelo escritor Antônio Sales (1868-1940) que surgiu em Fortaleza em 30 de maio de 1892 e reuniu artistas em geral, a exemplo de escritores, pintores e músicos. O objetivo inicial era despertar nos moradores próximos ao local da sede o gosto pela literatura, que estava, segundo os membros da instituição, um pouco esquecida na década em que a agremiação foi fundada. A Padaria Espiritual, porém, tornou-se, com o passar do tempo, uma sociedade literária de grande prestígio e, entre os principais feitos, lançou *O Pão*, periódico quinzenal e porta-voz da agremiação, e editou livros de alguns escritores associados.

<sup>222</sup> A respeito de alguns apontamentos históricos sobre a fundação da Mina Literária, cf. AZEVEDO, José Eustáquio de. **Antologia Amazônica: poetas paraenses**. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970;

No mesmo ano em que foi fundada a Mina Literária, foi instituído também o Centro Literário Amazônico. Segundo uma notícia que saiu à luz em 11 de fevereiro de 1896 na *Folha do Norte*, diversos homens de letras – a exemplo de Paulino de Brito, Heliodoro de Brito, Passos de Miranda Filho, Maia Filho, Barbosa Rodrigues, Flávio Cardoso e Estefânio Barroso – reuniram-se no dia anterior no salão da Academia de Belas-Artes, localizado em Belém, para a fundação de uma sociedade literária com fundo científico. Nessa mesma reunião, foram escolhidos os primeiros dirigentes dessa instituição: “– Presidente – Dr. Paulino de Brito; 1º Secretário – Dr. Passos de Miranda Filho; 2º dito – Maia Filho; Tesoureiro – Dr. Barbosa Rodrigues”<sup>223</sup>.

De acordo com a mesma notícia publicada na *Folha do Norte*,

De há muito, fazia-se sentir a organização de um centro literário, para onde convergissem todas essas nossas inteligências, condenadas a um obscurantismo criminoso, faltas de um estimulante às suas nobres manifestações.

Em boa hora, porém, essa lacuna, que mais sensível tornava-se diante do progresso material da Amazônia, vem de ser preenchida com a fundação do « Centro Literário Amazônico ».

Composto, em sua totalidade, de moços que sabem depender toda a felicidade e grandeza de uma nação do maior ou menor desenvolvimento intelectual de seus filhos, o « Centro » que vem de fundar-se propõe-se a difundir já pela imprensa, pela palavra e pela escrita, o amor às letras entre os felizes filhos da próspera e grandiosa Amazônia.

Segundo a mesma notícia publicada na *Folha do Norte*, o Centro Literário Amazônico, apesar de ser uma sociedade literária assim como a Mina Literária, compreendeu a literatura a partir de uma perspectiva mais ampla e da mesma forma como os alemães: “como toda e qualquer manifestação da cultura intelectual de um povo”. É válido mencionarmos ainda que não encontramos informações na imprensa periódica belenense oitocentista acerca da extinção do Centro Literário Amazônico.

Depois da extinção da Mina Literária, a Academia Paraense de Letras, por sua vez, foi idealizada por João Marques de Carvalho, Antônio Marques de Carvalho, Paulino de Almeida Brito e Cândido Costa Maia Filho. Numa reunião presidida por Marques de Carvalho, foi inaugurada no dia 24 de janeiro de 1900, na sede do Clube Euterpe, em Belém, onde foi eleita uma diretoria provisória e foram escolhidos os trinta primeiros membros, a exemplo de Frederico Rhossard, Juvenal Tavares, Guilherme de Miranda, João Marques de Carvalho,

---

SALES, Germana Maria Araújo; SILVA, Thacyana do Socorro Souza e; NOBRE, Izenete Garcia. Mina Literária e Padaria Espiritual: movimentos literários oitocentistas. *DLCV – Revista Língua, Linguística & Literatura*, v. 5, p. 111-122, 2007; SALES, Germana Maria Araújo; SOUZA, Thiago Gonçalves; SILVA, Wanessa Regina Paiva da Silva. O Trabalho das escavações: a Mina Literária e a prática da Literatura no Pará oitocentista. *REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários*, Vitória, n. 10, p. 1-15, 2012.

<sup>223</sup> CENTRO LITERÁRIO AMAZÔNICO. *Folha do Norte*, Belém, 11 fev. 1896, p. 2.

Antônio Marques de Carvalho, Paulino de Almeida Brito, João de Deus do Rêgo e Heliodoro de Brito. Esse primeiro esforço de implantar uma academia de letras no Pará, porém, não teve êxito. Esse projeto só veio a vigorar, com efeito, treze anos mais tarde, quando o poeta José da Rocha Moreira e o estudante de direito na época Martinho Pinto tomaram a iniciativa de fundar uma associação que reunisse diversos homens de letras que se identificassem com o estado e se contrapusessem à situação marginal de que gozavam os escritores locais em âmbito nacional.<sup>224</sup>

Convém, no entanto, ressaltarmos que a Mina Literária e a Academia Paraense de Letras foram as agremiações literárias que mais se sobressaíram na província do Pará durante a última década do século XIX, pois repercutiram de tal modo que chegaram a vigorar por um longo período, se considerarmos que muitas outras tentativas foram anunciadas, mas não prosperaram. Conforme José Eustáquio de Azevedo, após a extinção da Mina literária, “tem aparecido e desaparecido, como meteoros, um rol de associações literárias no Pará”, mas “cansaram cedo, em começo da longa jornada, e vergaram ao peso dos primeiros louros conquistados”<sup>225</sup>. O antologista, por exemplo, enumerou mais de dez agremiações no estado durante a virada do século XIX para o século XX, precisamente entre 1899 e 1903.

No *Diário de Belém*, por exemplo, foi anunciada em 10 de junho de 1886, muito depois da inauguração da Mina Literária, a fundação de um clube literário com o intuito de “ativar o movimento literário, infelizmente um tanto amortecido entre nós”<sup>226</sup>. A denominação escolhida primeiramente pelos membros para essa agremiação foi Clube Literário Paulino de Brito, mas, a pedido do próprio escritor amazonense, foi mudada para Clube Literário Teodorico Magno, “como homenagem a este talentoso poeta tão prematuramente roubado às letras pátrias”. Nessa publicação, o *Diário de Belém* desejou que essa nova associação tivesse uma longa existência e preenchesse cabalmente o seu destino. Acreditamos, porém, que a idealização do novo clube não progrediu, pois não encontramos mais notícias sobre essa instituição.

A partir do ano de 1889, o *Diário de Belém* começou a divulgar notícias sobre as Palestras Literárias Mensais, uma associação formada por uma “pequena falange de rapazes que, encorajados por um nobre intento, trabalham esforçadamente pelo levantamento das letras amazônicas, tão esquecidas agora pelos *valentinianos* literários da Corte, que ligam ao

<sup>224</sup> Sobre um apanhado histórico acerca da Academia Paraense de Letras, cf. AZEVEDO, José Eustáquio de. **Literatura paraense**. 3. ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

<sup>225</sup> AZEVEDO, José Eustáquio de. **Antologia Amazônica**: poetas paraenses. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970, p. 32-33.

<sup>226</sup> **Diário de Belém**, Belém, 10 jun. 1886, p. 2.

desprezo os nossos trabalhos literários”<sup>227</sup>. Em meio ao grupo de membros dessa sociedade, destacamos Paulino de Brito, Marques de Carvalho, Guilherme de Miranda, Heliodoro de Brito, Frederico Rhossard e Antônio de Carvalho. Essa associação, basicamente, costumava promover banquetes onde os sócios liam “os honrados trabalhos intelectuais de seus membros”.

Além da criação de agremiações literárias em Belém voltadas para o incentivo e promoção da produção literária na Amazônia, houve também a fundação de periódicos voltados predominantemente ou exclusivamente para a publicação de trabalhos de cunho literário produzidos por escritores da região. Não estamos nos referindo, portanto, a jornais de circulação diária como o *Diário de Belém* e *A Província do Pará*, pois essas folhas, embora tivessem oferecido um espaço notável para que escritores amazônicos publicassem trabalhos de cunho poético ou ficcional, sobressaíram-se sobretudo pelo caráter político, econômico e noticioso. Estamos discorrendo, portanto, sobre periódicos criados com o intuito declarado de colocar em relevo a divulgação da produção literária de autores nascidos ou radicados na região, como *A Arena* e o *Sílvio Romero* (cf. figura 2.15 e figura 2.16).

No dia 19 de abril de 1887, o *Diário de Belém*, por exemplo, publicou uma nota acerca do lançamento do primeiro número da *Arena* e, nessa publicação, discorreu sobre a situação deficitária da vida literária na Amazônia, parabenizou a coragem e a iniciativa dos idealizadores desse periódico, que se dispuseram a modificar esse contexto, e, finalmente, desejou que esses jovens talentosos não esmorecessem nessa luta na qual se envolveram em nome de uma literatura paraense. Vejamos:

A vida literária entre nós estava como que adormecida; as nossas melhores inteligências como que apertadas nas faixas dos mal-entendidos receios, e só de longe em longe, pelos jornais da terra, se assinalavam essas existências vigorosas que criminosamente continuavam a retraírem-se, subtraindo assim da literatura provinciana as riquezas que lhe pertenciam. [...]

Por ventura não era tempo já da Amazônia ter uma vida literária própria quando tão vastos e ricos são os seus horizontes, quando tantos são já os seus filhos talentosos? [...]

À coragem de alguns moços foram despedaçados felizmente os elos dessa cadeia criminosa, e eis que hoje surge pujante *A Arena*, erguendo o seu valente brinde no lauto banquete da universalidade literária.

Bem-vinda seja.

O *Diário de Belém* cumprimentando-a afetuosamente faz votos para que os seus iniciadores nunca arrefeçam na luta brilhante que empenharam, a fim de que *A Arena* seja o pedestal onde se erga o majestoso templo da literatura paraense.<sup>228</sup>

<sup>227</sup> *Diário de Belém*, Belém, 29 jan. 1889, p. 2.

<sup>228</sup> *Diário de Belém*, Belém, 19 abr. 1887, p. 2.

A *Arena* saiu à luz em 17 de abril de 1887 e, a partir dessa data, era publicada semanalmente aos domingos.<sup>229</sup> Foi idealizada para promover trabalhos elaborados por escritores paraenses a fim de reverter a situação precária do meio literário na região e, por essa razão, intitulava-se um “periódico literário e artístico” e contava com a colaboração de diversos autores que se dedicavam à escrita literária nessa parte do país, como João de Deus do Rêgo, José Veríssimo, Marques de Carvalho, Paulino de Brito, Frederico Rhossard, Pontes de Carvalho, Joaquim Sarmanho e Adelina da Ponte e Souza. As contribuições oferecidas por esses distintos escritores resumiam-se a poemas, crônicas, contos e ensaios críticos.

Do mesmo modo, o *Sílvio Romero* apareceu no dia 6 de julho de 1890 e, embora se intitulasse uma “publicação semanal, crítica e noticiosa”, nutria o desejo de “romper a monotonia literária da nossa terra, encorajar a mocidade para o tirocínio das letras e arrancar da penumbra do olvido os nomes de muitos moços de talento, dignos de serem lembrados, lidos e estudados”<sup>230</sup> e, por essa razão, destinava-se a divulgar produções tanto poéticas quanto ficcionais de autores fixados na província do Pará, como Guilherme de Miranda, Paulo Maranhão, Alfredo Pinto, Acrísio Mota, Barroso Rebelo e José Eustáquio de Azevedo. Entre as contribuições desses autores, destacam-se: 1) contos, como “Enforcado”, de Alfredo Pinto; 2) poemas, como “Il fiore mortale”, de Guilherme de Miranda, e “Maria de Magdala”, de Acrísio Mota; 3) estudos sobre literatura, como “A noção de pecado na literatura russa”, de Barroso Rebelo.<sup>231</sup>

Segundo José Eustáquio de Azevedo, *A Arena* e o *Sílvio Romero* não foram os únicos periódicos de cunho literário que circularam em Belém entre o final do século XIX e o início do século XX. Conforme o autor, houve na capital paraense desse período “uma chusma de revistas e jornalinhos literários de vida efêmera”<sup>232</sup>. Dessa forma, percebemos que o interesse de alguns grupos de escritores em fundar agremiações e periódicos literários na província do Pará no final do século XIX releva o empenho empregado por esses literatos

<sup>229</sup> É válido ressaltarmos que apenas a oitava edição da *Arena* não foi publicada num domingo. Essa edição deveria ter saído em 5 de junho de 1887, mas foi divulgada quatro dias depois, excepcionalmente numa quinta-feira. Diante desse ocorrido, o periódico justificou-se e pediu desculpas aos assinantes. Vejamos: “por motivo de força maior este número e o respectivo suplemento são distribuídos hoje, quando deviam tê-lo sido no dia 5. Esperamos desculpa dos nossos benévolos assinantes”. Cf. **A Arena**, Belém, 9 jun. 1887, p. 57.

<sup>230</sup> LIMA, Olímpio. Pela nossa causa. **Sílvio Romero**, Belém, 6 jul. 1890, p. 2.

<sup>231</sup> É válido esclarecermos que o *Diário de Belém*, no dia 4 de janeiro de 1889, ofereceu uma notícia aos leitores sobre o aparecimento, três dias antes, do primeiro número de um periódico intitulado *Sílvio Romero*, propriedade do Grêmio Literário Sílvio Romero. Quando, porém, nos deparamos com o *Sílvio Romero*, disponível em rolos de microfilme no Setor de Microfilmagem da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, percebemos que o primeiro número do jornal saiu à luz apenas em 6 de julho de 1890 – muito depois da data informada no *Diário de Belém*. Além desse fato, alguns colaboradores mencionados no artigo do *Diário de Belém* são os mesmos que constam nas páginas do periódico, a exemplo de Olímpio Lima e Acrísio Mota.

<sup>232</sup> AZEVEDO, José Eustáquio de. **Antologia Amazônica**: poetas paraenses. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970, p. 33.

tanto em incentivar a criação literária na região quanto em promovê-la não apenas em nível regional, como também nacional.

REDACTORES :  
—Paulino de Brito, Heliodoro de Brito e  
Marques de Carvalho

# A ARENA

Periodico litterario e artistico  
PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

---

VOL. I Belem do Pará, 12 de Junho de 1887 NUM. 9

---

SUMMARIO

<i>Expediente</i> .....	HELIODORO DE BRITO
<i>Partout</i> ...—chronica .....	ADELINA DA PONTE E SOUZA
<i>De noite</i> .....	EUCLYDES FARIA
<i>Ramalhete</i> .....	EGA DE QUEIROZ
<i>Anjo morto</i> .....	JOSÉ SARMANHO
«A RELIQUIA».— <i>Excerptos</i> .....	JOÃO DE D. DO REGO
<i>Doloras</i> .....	JOAQUIM SARMANHO
<i>Alice</i> .....	RAYMUNDO RIBEIRO
<i>Hermengarda</i> .....	FREDERICO RHOSSARD
<i>Desentace vulgar</i> .....	ATALIDA DE LIMA
<i>A uma italiana</i> .....	MARQUES DE CARVALHO
SCENAS DE AMOR.— <i>Lucilia</i> .....	
<i>Da Critica Litteraria</i> .....	
<i>Annuncios</i> .....	

**PARTOUT...**

**EXPEDIENTE**

Aos nossos dignos assignantes pedimos o especial obsequio de satisfazerem regularmente as suas mensalidades. Sobrecarregados de avultadas despezas, precisamos de muita pontualidade de pagamento, por parte do publico para nos desobrigarmos dos numerosos encargos que esta empresa acarreta-nos.

E' este um pedido importante e justo, para o qual chamamos a ponderação dos srs. assignantes d'A ARENA.

**A ARENA**

GERENTE—Marques de Carvalho.  
THESOUREIRO—Heliodoro de Brito.

ESCRITORIO DA REDACÇÃO—Rua dos Mercadores, n. 20, sobrado  
AGENCIA—Livreria Bittencourt, largo de Palacio (kiosque)

CAIXA NO CORREIO N. 286

Correspondencias e reclamações devem ser dirigidas ao gerente, no escriptorio da empresa, exclusivamente.

**A ARENA** assigna-se e vende-se na *Livreria Classica*, á rua dos Mercadores; no predio n. 68 da rua das Flores; na casa n. 4 do largo da Trindade, no escriptorio da redacção e n'agencia.

Mensalidade. . . . .	25000
Numero avulso. . . . .	500

**PAGAMENTO ADIANTADO**

O gerente d'A ARENA julga dever prevenir os srs. collaboradores de que só serão publicados no proximo numero aquellos artigos cujos originaes lhe forem entregues antes do meio-dia de quinta-feira vindoura.



H



A certas cousas contra as quaes com justa razão muita gente grita; e posso affiançar que teriam em mim um collega pertinaz e dedicadissimo, prompto a esganicar-se com elles, si não fosse a certeza da inefficacia e inutilidade dos nossos clamores.

Gritar, fazer propaganda, estragar os pulmões, dedicar-se por uma idéa, sustentar discussões renhidas com adversarios que em cada canto encontramos; estarmos expostos ás insolencias e ás chufas de malcriados que nos exgotam a paciencia, obrigando-nos a fazer esforços sobrehumanos para não nos deixarmos levar pelo desejo de experimentar-lhes a consistencia do frontespicio, attentando assim contra a integridade do cidadão; é sem duvida alguma, cousa espinhosa, mas muito bonita; porém quando alimentamos a esperanza, vaga embora, de fazer vingar a nossa idéa.

Mas botar os bofes para fóra, angariar inimidades, malquistar-se com Deus e com o diabo, sabendo que o seu unico premio será a inefficacia que invariavelmente corôa todas as receitas do Esculapio X; concordemos sem mais preambulos, não vale a pena.

Não ha quasi dia nenhum em que não ouça formular-se queixas bem amargas, contra a indifferença com que olha o governo, tanto o provincial como o geral, para o bem estar dos cidadãos confiados á sua nunca assás *louvada* sollicitude.

E isto é nada mais, nada menos que rigorosa justiça. Temos uma cidade d'um aspecto mendigo, sem condições hygienicas, poeirenta e lamacenta, insípida a mais não poder, pois não possuímos um só divertimento publico!

Vemos, mesmo no Brazil, exemplo de cidades pequenas, que não possuem os nossos recursos, e que no entanto têm seu jardim publico bem tratado e melhor frequentado ainda, onde invariavelmente os seus habitantes vão espaiar-se das labutações diarias, encontrando ora um amigo, ora uma familia conhecida, ora um sitio ameno e aprazivel onde descansar em doce e íntima palestra.

Cousa alguma mais innocente, nem agradável, nem mais barata.

Nada d'isso porém temos aqui no Pará; quem quer aqui distrahir-se compra a dinheiro as horas de distracções, e ás vezes que distracções e por que preço!

Não ha ninguem que casualmente ao exproiar a vista pelas bellas praças que aqui possuímos, não diga com ar contristado:  
—Que logar magnifico para um jardim publico!

Mas apezar das queixas unanimes que sahem de todas as bocas, o governo, ou por não ter conhecimento d'ellas, cousa pouco provavel, ou por desprezal-as, julgando lá para si, que similhantes palatras são ditadas por um sentimento pueril e que não merece apreço, vae fazendo ouvidos de mercador, e contribuindo assim indirectamente para as diversões illicitas e perniciosas que infestam a cidade.

Figura 2.15: Primeira página inteira da *Arena* publicada no dia 12 de junho de 1887.

Fonte: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves.

261

ANNO II BELEM, 6 DE JULHO DE 1890 NUM. I

# Sylvio Romero

Caixa do correio n. 317. DIRECTOR DE MEZ—Olympio Lima.

---

## Sylvio Romero

Publicação semanal, critica e noticiosa,  
com um numero illustrado todos os fins de mez

ESCRITORIO E REDACÇÃO  
Rua da Trindade, n.

Condições de assignatura

Trimestre . . . . .	5\$000
Semestre . . . . .	8\$000
Anno . . . . .	14\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

---

## AVISO

O primeiro numero deste semanario é hoje distribuido não só aos nossos numerosos assignantes, mas tambem á muitos cavalheiros, cujos nomes não honram o nosso livro de assignaturas.

Portanto, não lhes pedimos que devolvam o numero remetido; mas se por acaso se resolverem a tel-o em casa mais de uma vez, rogamos lhe a graça de dignarem-se endereçar ao nosso escriptorio a respeitavel firma e lugar da residencia.

Só isso e mais nada.

Mais nada, é um modo de falar; rogamos-lhe tambem que se mostrem affaveis para com o nosso sympathico cobrador quando lhes fizer a visita do estylo.

---

## SUMMARIO

Pela nossa causa	Olympio Lima.
Castro Alves	...
A noção do peccado na litteratura Russa (J. Honcey.)	Barroso Rebello.
Il fiore mortale	Guilherme de Miranda.
Cartas a Olympio Lima	Oliveira Junior.
Secção problematica	***
Fôra buscar lá . . .	Paulo Maranhão.
Sulamita	J. Sarmanho.
Enforcado	Alfredo Pinto.
Thema antigo	Leopoldo Souza.
Maria de Magdala	Acrisio Motta.
Chronica	Lulú.
O primeiro cemiterio de Belem	...

## Pela nossa causa

E a litteratura de um povo podesse ser um todo fragmentario de arremedos e copias,— especie de vestia esfarrapada de mendigo, cosida, ora com os broslados das purpuras de uma tunica de rei, ora com os rebutilhos das fôfas de um bobo, temos de fé, que, neste ultimo quartel do seculo XIX, nenhuma povo se nos poderia avantajár.

E de facto: quando distendemos a vista ao longo da tripha percorrida por velhos campeadores,—antes e depois de constituirmo-nos nação autonoma,—porfiando com denodo contra a invasão dos costumes e usanças da metropole;

quando, precrustando o passado, chegamos a entrever o heroico esforço de genios creadores, procurando dotar-nos com uma litteratura propriamente nossa, exuberante da seiva luxuriante e pomposa das nossas florestas, cravejada toda de encantos da nossa natureza e das fortes emoções de brasileiro;

quando, finalmente, apoz Gonçalves Dias, vemos fechar-se esse periodo glorioso de afanoso lidar pela constituição da individualidade litteraria do Brazil, com a successão dos desvarios, em querer imitar o que se faz e o que se pensa lá pelo estrangeiro,—sentimo-nos apoucados e o calafrio da descrença e do desanimo amolece-nos na torporosa quietude da catalepsia.

D'ahi a teimosia dos *flâneurs* de passeios publicos, desses espiritos menos attentos, em affirmar com a gravidade de quem pontifica, que não temos litteratura.

Compreende-se: a pensarmos como elles, não temos litteratura, porque o veio da inspiração no Brazil desnaturalou-se no estrangeirismo, deixando o pensamento patrio annular-se pelos deslumbramentos de Orientaes usanças e *coquetismos* de uma litteratura que, tendo origem em França, não merece os louros de Paris.

Zola sobrepujou Hugo, mas nem Hugo nem Zola, apezar da persistencia dos fanaticos pelas bellezas horriveis de um e demasias licenciosas de outro, conseguirão sobrepujar os realces caracteristicos e nativos da litteratura de um povo.

O clangor das trombetas e o vozear de uma nação despeitada, apothéosando o autor dos *Misérables*, poderá satisfazer o orgulho dos seus compatriotas, mas nunca servir de lei ao pensamento humano, para regular-lhe a marcha, estabelecer-lhe pontos para estacar e avançar, quando Goeth, na opinião dos maiores e mais autorizados publicistas da epoca, é o seculo na esphera superior da sciencia.

A' Alemanha ao menos, e segundo o pouco que temos lido, compete a gloria de poder, no momento actual, enpunhar a palmatoria de mestra.

Entretanto não a imitamos, não a procuramos imitar, porque o *francismo* tornou-a antipathica aos nossos

Figura 2.16: Primeira página inteira do periódico literário *Sylvio Romero* publicado no dia 6 de julho de 1890. Fonte: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves.

## 2.5. Produção ficcional e poética

Além da inauguração de agremiações e periódicos idealizados para fomentar a literatura na província do Pará, o caráter empenhado empreendido por alguns escritores paraenses reside também na dedicação que destinam à atividade literária. Como discutimos anteriormente, René Moustache, na crônica que divulgou no *Diário de Belém* em 4 de maio de 1884, queixou-se dos autores radicados na província do Pará que não se entregavam com continuidade e com afinco à produção literária.<sup>233</sup> Do mesmo modo, Marques de Carvalho, no perfil literário que dedicou ao amigo Paulino de Brito no mesmo jornal em 26 de fevereiro de 1885, ressentia-se por haver na Amazônia, além de José Veríssimo, que se aventurou somente pelos caminhos da prosa de ficção, apenas quatro escritores que cultivavam as letras na Amazônia com assiduidade e com talento, assim como Paulino de Brito, Júlio César, Teodorico Magno e Múcio Javrot.<sup>234</sup>

Como observamos no capítulo anterior, foram publicadas na imprensa belenense oitocentista narrativas ficcionais assinadas por escritores paraenses, a exemplo de contos e romances. Essas produções dividiam as páginas dos periódicos veiculados em Belém com trabalhos dessa mesma espécie produzidos por autores provenientes de países europeus ou de outras regiões do Brasil. Reiteramos ainda que, além dos jornais, romances e contos oriundos da pena de escritores paraenses saíram também em volume, a exemplo da *Hortêncina* (1888), dos *Contos paraenses* (1889) e dos *Contos do Norte* (1900), de Marques de Carvalho, e das *Tentativas literárias* (1882), contendo “O homem das serenatas”, de Paulino de Brito, e “Por causa de uma loucura”, de Teodorico Magno.

Além da prosa de ficção, muitos autores nessa parte do país se enveredaram pela produção de versos na imprensa periódica. Em meio principalmente a poemas produzidos por escritores brasileiros, como Luís Guimarães Júnior (1845-1898), e traduzidos de autores estrangeiros, como Ramón de Campoamor (1817-1901), encontramos no *Diário de Belém*, por exemplo, uma quantidade significativa de trabalhos elaborados em forma de versos por escritores radicados na província do Pará, como Marques de Carvalho, Paulino de Brito, Múcio Javrot, Frederico Rhossard, Guilherme de Miranda e João de Deus do Rêgo (cf. tabela

<sup>233</sup> Cf. MOUSTACHE, René. As letras nesta terra. **Diário de Belém**, Belém, 4 maio 1884, Folhetim, A comédia paraense: crítica de costumes, p. 2.

<sup>234</sup> Cf. CARVALHO, Marques de. Paulino de Brito. **Diário de Belém**, Belém, 24-27 fev. 1885, Letras e Artes, p. 2.

2.2).<sup>235</sup> Reiteramos ainda que poemas oriundos da pena de escritores paraenses saíram também em volume, a exemplo de *Numa pétala de rosa* (1888) e das *Primeiras rimas* (1888), de João de Deus do Rêgo, das *Noites em claro* (1888), de Paulino de Brito, e das *Orquídeas* (1888), de José Eustáquio de Azevedo.

<b>Autor</b>	<b>Poema</b>	<b>Data de publicação</b>
<b>João Marques de Carvalho</b>	“Não tardes!...”	15 de agosto de 1883
	“Confissão”	2 de setembro de 1883
	“Amor sem esperança”	24 de outubro de 1883
	“Gemidos”	16 de dezembro de 1883
	“Cláudia”	27 de janeiro de 1884
	“Quero”	21 de fevereiro de 1884
	“Eu”	11 de maio de 1884
	“À hora do crepúsculo”	23 de setembro de 1884
	“Resolução”	18 de janeiro de 1885
	“Ode anacreôntica”	10 de junho de 1885
	“À minha musa”	19 de junho de 1885
	“Otelo”	28 de junho de 1885
	“Capricho”	27 de janeiro de 1889
	“A um ‘crítico’”	17 de fevereiro de 1889
	<b>Paulino de Almeida Brito</b>	“A morte de Evangelina”
“Romeiro do ideal”		19 de março de 1882
“A dúvida”		21 de dezembro de 1882
“Chaine brisée”		7 de março de 1884
“Últimos momentos de D. Quixote”		24 de agosto de 1884
“O Zumbi”		31 de agosto de 1884
“No baile”		5 de outubro de 1884
A meu pai		26 de outubro de 1884
“Adeus à Amazônia”		28 de junho de 1885
“Vox populi”		1 de julho de 1885
“Lágrima (divina)”		28 de julho de 1885
“Ramallete”		18 de outubro de 1885
“Na noite de seu benefício”		8 de junho de 1886
“A última dor”		1 de abril de 1888
“Contradições”		1 de abril de 1888
“A última dor” (republicado)		18 de novembro de 1888
<b>Fausto de Altemira</b>		Súplica
	“Ricordanza”	12 de março de 1882
	“Ela”	17 de março de 1882

<sup>235</sup> Nas crônicas publicadas em 1887 na coluna *Homens e Coisas da Província do Pará*, nas quais travou uma discussão com Marques de Carvalho sobre a situação da crítica literária e da própria literatura na região amazônica, PLAN ressentiu-se pelo fato de alguns escritores que atuavam em periódicos da capital paraense nesse período se dedicassem mais a realizar traduções de poemas de Campoamor do que a escrever produções originais. É válido ainda informarmos que, nas páginas do *Diário de Belém* e da *Arena*, encontramos, com efeito, um número considerável de traduções de trabalhos escritos em forma de verso pelo poeta espanhol.

<b>Bertino Miranda</b>	“O visionário”	2 de abril de 1882
<b>Teodorico Magno</b>	“Trenos ao pôr do sol”	2 de abril de 1882
	“Ao partir”	9 de novembro de 1884
<b>Múcio Javrot</b>	“Nenê”	6 de janeiro de 1882
	“Sombras”	21 de janeiro de 1882
	“Ahasverus”	1 de julho de 1882
	“Meu nome”	30 de julho de 1882
	“Mãe”	4 de agosto de 1882
	“Idealismo”	13 de setembro de 1883
	“Ao longe”	30 de setembro de 1883
	“Quimeras”	14 de fevereiro de 1884
	“Aos anos dela”	9 de março de 1884
	“Leonor”	4 de maio de 1884
	“Ao cair do Sol”	18 de novembro de 1888
<b>Vilhena Alves</b>	“Desengano”	2 de março de 1884
<b>Joaquim Sarmanho</b>	“Loin de toi”	1 de novembro de 1884
	“No ar”	8 de janeiro de 1885
	“As serenatas”	9 de janeiro de 1885
	“Câmara ardente”	21 de junho de 1885
	“O que ainda espero”	31 de janeiro de 1886
	“Mimi”	27 de outubro de 1886
	“Nunca mais!...”	12 de agosto de 1888
	“Toujours ou jamais”	19 de agosto de 1888
	“Minhas visões”	7 de outubro de 1888
<b>Frederico Rhossard</b>	“A Lucinda Simões”	18 de julho de 1886
	“Ao vê-la”	5 de setembro de 1886
	“Graziela”	6 de janeiro de 1887
	“Pepita”	15 de janeiro de 1887
	“De longe”	30 de janeiro de 1887
	“Ausente”	2 de fevereiro de 1887
	“Câmara ardente”	13 de fevereiro de 1887
	“Num ramallete”	23 de janeiro de 1888
	“Se se morre de amor”	12 de agosto de 1888
	“Morta”	15 de agosto de 1888
	“Amor e desejo”	7 de outubro de 1888
	“Depois do baile”	1 de janeiro de 1889
	“À beira-mar”	20 de janeiro de 1889
<b>João C. P. de Melo</b>	“Angélica”	6 de maio de 1886
	“No campo”	1 de julho de 1886
<b>Lucinda dos Reis</b>	“Ave! Maria!”	3 de junho de 1886
<b>Gratuliano Ferreira Bentes</b>	“É meia-noite”	5 de fevereiro de 1886
<b>José Eustáquio de Azevedo</b>	“Parte!...”	7 de setembro de 1886
<b>Antônio Marques de Carvalho</b>	“Imago”	17 de janeiro de 1886
	“Livro de Maria”	31 de janeiro de 1886
<b>Heliodoro de Brito</b>	“Sem luz”	26 de setembro de 1886
<b>Felippe Derblay</b>	“Reuerdo”	31 de janeiro de 1886

<b>João de Deus do Rêgo</b>	“Sonho infantil”	24 de janeiro de 1886	
	“Sobre a campa de meu pai”	5 de fevereiro de 1886	
	“A boa velha”	7 de fevereiro de 1886	
	“Non ti scordar di me”	14 de fevereiro de 1886	
	“Marion”	25 de fevereiro de 1886	
	“Sub umbra”	28 de fevereiro de 1886	
	“Cinismo”	7 de março de 1886	
	“Inocente”	21 de março de 1886	
	“A uma mulher”	28 de março de 1886	
	“Não saibas...”	4 de abril de 1886	
	“Últimos momentos”	11 de abril de 1886	
	“A alguém”	18 de abril de 1886	
	“Margarida e o rouxinol”	2 de maio de 1886	
	“Bela”	9 de maio de 1886	
	“Contraste”	16 de maio de 1886	
	“Adormecida”	23 de maio de 1886	
	“Consolação”	6 de junho de 1886	
	“A arte e a poesia”	15 de junho de 1886	
	“Soneto”	20 de junho de 1886	
	“Sonhos ideais”	29 de junho de 1886	
	“Reuerdo”	1 de julho de 1886	
	“Na tumba duma menina”	4 de julho de 1886	
	“A Lucinda Simões”	2 de agosto de 1886	
	“Núpcias”	7 de setembro de 1886	
	“A brisa”	12 de setembro de 1886	
	“Olhos de anjo”	19 de setembro de 1886	
	“Misticismo”	26 de setembro de 1886	
	“A Luiz Guimarães”	31 de outubro de 1886	
	“Madrigal”	7 de novembro de 1886	
	“À Mimi”	1 de janeiro de 1887	
	“No mar”	6 de janeiro de 1887	
	“Teus pés”	9 de janeiro de 1887	
	“Ele e ela”	6 de fevereiro de 1887	
	“Morrendo...”	3 de março de 1887	
	“Tempos depois”	6 de março de 1887	
	“Consuelo”	3 de abril de 1887	
	“Amor amore”	5 de abril de 1887	
	“Granizos”	24 de abril de 1887	
	“De tarde”	18 de novembro de 1888	
	“Cantiga”	17 de março de 1889	
	<b>Alfredo Pinto</b>	“O primeiro cigarro”	8 de dezembro de 1887
	<b>A. R. Pinheiro</b>	“Treze anos”	12 de fevereiro de 1887
	<b>Acrísio Mota</b>	“Confissão”	8 de dezembro de 1887
		“Degradação”	7 de outubro de 1888
		“Porque morreste”	10 de fevereiro de 1889
		“Sara”	3 de março de 1889
		“Bendito sonho”	31 de março de 1889

<b>Guilherme B. de Miranda</b>	“Impureza”	17 de julho de 1887
	“Liberdade”	1 de abril de 1888
	“Virgem loura”	8 de abril de 1888
	“Gonçalves Crespo”	26 de agosto de 1888
	“Junto a um túmulo”	30 de setembro de 1888
	“Impressionistas”	14 de outubro de 1888
	“Mistério”	18 de novembro de 1888
	“Ritornelos”	2 de dezembro de 1888
	“A vingança do monge”	6 de janeiro de 1889
	“À morte de Florzinha”	10 de fevereiro de 1889
<b>Topsius Júnior</b>	“A mulher”	1 de abril de 1888
	“Idílios”	8 de abril de 1888
	“A noite”	8 de julho de 1888
	“A manhã”	15 de julho de 1888
	“Sonhando...”	29 de julho de 1888
	“Ideal”	12 de agosto de 1888
	“Soneto”	14 de outubro de 1888
	“Acorda!...”	18 de novembro de 1888
	“Na rede”	2 de dezembro de 1888
	<b>Antônio Botelho</b>	“Dolor”
“Minh’alma”		6 de janeiro de 1889
“Armando”		10 de fevereiro de 1889
“Não tardes!”		3 de março de 1889
“Foge de mim”		17 de março de 1889
“Descrença e fé”		31 de março de 1889
<b>Adolfina Santos</b>	“Saudades”	3 de março de 1889
<b>Lima Penante</b>	“Apelo”	15 de julho de 1888
<b>Artur de Noronha</b>	“Em viagem”	7 de outubro de 1888

**Tabela 2.2:** A produção de poemas assinados por escritores paraenses do século XIX no *Diário de Belém*.

Desse modo, podemos perceber que começou a surgir na capital paraense durante a penúltima década do século XIX um pequeno grupo de jovens radicados na província do Pará com intenção de exercer a atividade constante da escrita literária a fim de obter posteriormente o reconhecimento como escritores de prestígio e excelência.<sup>236</sup> Esses literatos, portanto, não estavam querendo experimentar algumas formas literárias produzidas nos momentos de lazer, mas sim almejavam escrevê-las com constância, perícia e perfeição

<sup>236</sup> Os escritores aos quais estamos nos referindo começaram a atividade jornalística e literária quando ainda eram realmente muito jovens. Teodorico Magno, por exemplo, publicou “Por causa de uma loucura” (1882) nas páginas do *Diário de Belém* quando tinha apenas quinze anos. Marques de Carvalho, por sua vez, estava com dezessete quando lançou nas páginas desse mesmo jornal a “Ângela” (1883-1884), o primeiro romance da sua carreira, e com vinte e dois quando publicou a *Hortência*, o seu primeiro e único romance publicado em livro. Guilherme de Miranda, em 1888, tinha dezoito e, com essa idade, já havia publicado diversos poemas no *Diário de Belém*. João de Deus do Rêgo tinha vinte quando saíram à luz as *Primeiras rimas* (1888). José Eustáquio de Azevedo estava com vinte e um quando publicou as *Orquídeas* (1888). Paulino de Brito tinha vinte e três quando “O homem das serenatas” (1882) foi publicado aos pedaços no rodapé do *Diário de Belém*.

porque se reconheciam como autores e, portanto, desejavam oferecer ao público trabalhos de excelente qualidade.

## 2.6. O nascimento de uma crítica

Segundo Socorro Pacífico Barbosa, “pode-se dizer que a crítica literária nasceu nos periódicos brasileiros, primeiramente, a partir das notícias biobibliográficas, do lançamento de livros, muitas vezes retirada de outros jornais, alguns estrangeiros”, pois interessava-se a princípio pelas “publicações estrangeiras e a notícia da sua repercussão nos países de origem, principalmente a França”<sup>237</sup>.

Ubiratan Machado, por sua vez, defende que “a crítica brasileira nasceu na imprensa, numa época em que o jornalismo ainda estava estreitamente ligado à literatura”<sup>238</sup>. O autor, porém, afirma que as referências a livros recém-publicados em periódicos impressos no Brasil do século XIX restringiam-se a breves comentários, sem qualquer preocupação crítica, dispersos entre notas sobre saraus, sobre recepções imperiais ou sobre a chegada de alguma personalidade distinta da Europa, como uma atriz de teatro, uma musicista ou uma bailarina. As primeiras apreciações críticas no Brasil, geralmente, eram escritas por folhetinistas, que se dedicavam a comentar as obras dos próprios colegas de profissão. Conforme Ubiratan Machado, o hábito de folhetinistas se referirem a livros recém-lançados persistiu até o final do Romantismo, quando já havia, mesmo que de forma bastante incipiente, uma crítica literária no Brasil. É por volta do final do século XIX, de fato, que os primeiros críticos que inscreveram seus nomes na história da crítica literária brasileira começaram a aparecer, como Sílvio Romero, José Veríssimo e Araripe Júnior.

Sobre o surgimento de uma crítica no Brasil, Brito Broca chama a atenção para o fato de que os escritores românticos, à exceção dos teatrólogos, quase não tiveram julgamentos desse gênero em sua época.<sup>239</sup> De acordo com o crítico, os romances e as obras poéticas, até por volta de 1880, receberam pouca consideração dos periódicos. O advento do Naturalismo, no entanto, permitiu que a crítica literária começasse a se profissionalizar, pois os romances naturalistas, gênero que se sobressaiu sobre os demais durante a vigência dessa escola literária, tiveram uma repercussão muito grande na imprensa periódica, principalmente pelo escândalo que essas obras provocaram em todo o território brasileiro no final século XIX, em razão das fortes cenas licenciosas que traziam em suas páginas.

<sup>237</sup> BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa periódica no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007, p. 71.

<sup>238</sup> MACHADO, Ubiratan. **A vida literária durante o Romantismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010, p. 278.

<sup>239</sup> Cf. BROCA, Brito. **Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do Realismo ao Pré-Modernismo**. Campinas: EDUNICAMP, 1991.

Ao contrário de Ubiratan Machado e Brito Broca, Roberto Acízelo de Souza demonstra que houve durante o Romantismo brasileiro na imprensa periódica diversas formas de críticas, a exemplo (1) das apreciações superficiais e sumárias, elaboradas da noite para o dia, sem estudo e sem missão; (2) dos comentários analíticos em relação às atualidades literárias com o objetivo de esclarecer os leitores acerca do valor das obras recém-lançadas a partir da exposição dos defeitos e das qualidades; (3) dos ensaios muito próximos e subservientes à história da literatura direcionados para a defesa do caráter nacional da literatura brasileira; (4) das sínteses históricas da literatura nacional e também da confluência entre crítica e história literária; (5) dos estudos de metacrítica, isto é, pautados em reflexões sobre as bases metodológicas e conceituais da operação crítica.<sup>240</sup>

A crítica literária era um gênero que também circulava assiduamente na imprensa periódica belenense oitocentista. Prenominavam, no entanto, em periódicos que circularam pela capital paraense durante a segunda metade do século XIX apreciações críticas extraídas de periódicos impressos em outras províncias do país, geralmente sobre escritores estrangeiros – sobretudo em relação aos franceses – e sobre autores brasileiros renomados, seja de maneira mais específica, isto é, a partir de uma única obra, geralmente recém-lançada, seja de maneira mais abrangente, a partir do estilo literário, da vinculação aos estilos de época vigentes no século XIX ou ainda do conjunto da obra em geral.<sup>241</sup> Apesar disso, começaram a ser divulgados nos veículos de imprensa periódica de Belém a partir da penúltima década do Oitocentos julgamentos críticos sobre a produção literária assinada por escritores paraenses.

Além de nos depararmos, então, com uma produção literária nas páginas da imprensa periódica belenense oitocentista assinada por escritores radicados na província do Pará, encontramos também em alguns periódicos que circularam pela capital paraense nas duas últimas décadas do século XIX ensaios, cartas, comentários, crônicas, perfis biobibliográficos, necrológicos, notícias e notas que se propuseram a tecer apreciações críticas acerca dos trabalhos tanto em verso quanto em prosa produzidos por esses autores, mesmo que sejam de caráter impressionista.

Assim que saíam à luz, as obras impressas estampadas com nomes de escritores paraenses, na maioria das vezes, recebiam críticas assinadas por colegas de ofício conterrâneos, como jornalistas e escritores. Nas páginas do *Diário de Belém*, por exemplo,

<sup>240</sup> Cf. SOUZA, Roberto Acízelo de. A crítica literária no romantismo brasileiro: práticas e matizes. In: \_\_\_\_\_. **Variações sobre o mesmo tema**: ensaios de crítica, história e teoria literárias. Chapecó: Argos, 2015.

<sup>241</sup> Nesse último caso, a crítica que procurava abarcar o conjunto da obra de um autor restringia-se aos perfis literários e não era muito recorrente.

foram encontradas publicações de teor crítico direcionadas aos trabalhos tanto em verso quanto em prosa recém-publicados e desenvolvidos por autores da região.

Na coluna *Mundo Literário*, por exemplo, *Numa pétala de rosa*, opúsculo composto pela pena de João de Deus do Rêgo, recebeu, no dia 21 de janeiro de 1888, uma crítica enaltecida publicada sem assinatura em que o autor enobrecia o autor ao denominá-lo como “o primeiro lirista paraense”, elogiava a dedicatória pelo “harmonioso ritmo” e exaltava as poesias: “Nada aí se encontra que deprecie a favorável opinião que fazemos do gênio do poeta”<sup>242</sup>. Na coluna *Letras*, *Numa pétala de rosa* ainda obteve, no dia seguinte, outra crítica lisonjeira, só que, dessa vez, assinada por Manoel Valente do Couto.<sup>243</sup> Nesse trabalho, o crítico (1) teceu inúmeros elogios à obra recém-publicada do amigo: “mimoso opúsculo” e “belíssimo poemeto”; (2) justificou o título: “Sendo ela [pétala] um relicário tão mimoso e franzino, que apenas pode conter em si uma gota das lágrimas da autora, tu sem macular a sua pureza deste-lhe mais vida e mais perfume. É que o teu poemeto [...] é a baga do pranto de tua alma rolando sobre a pétala da rosa”<sup>244</sup>; (3) enalteceu o sentimentalismo, a sublimidade e a harmonia presentes nos versos do poema.

Na coluna *Literatura*, as *Noites em claro*, um volume de composições poéticas de Paulino de Brito, também receberam, no dia 1º de abril de 1888, uma crítica elogiosa assinada por Manoel Valente do Couto. Nessa publicação, o crítico divulgou que o poeta amazonense “acaba[va] de ilustrar as letras amazônicas com um trabalho mais do seu fecundo e invejável talento”<sup>245</sup>.

Na coluna *Letras*, as *Primeiras rimas*, uma coleção de versos de João de Deus do Rêgo, receberam, em 18 de novembro de 1888, uma crítica enaltecida subscrita por Guilherme de Miranda: “Rêgo possui a melodia e a doçura lírica que iluminam os versos do chorado poeta maranhense, e não sei mesmo como o Rêgo expande-os algumas vezes pelo céu azul da poesia sentimental”<sup>246</sup>. Segundo ainda o crítico, os versos do poeta são “frutos primeiros de um talento embrionário que mais tarde terá o seu dia de glória”.

<sup>242</sup> NUMA PÉTALA DE ROSA. *Diário de Belém*, Belém, 21 jan. 1888, *Mundo Literário*, p. 2.

<sup>243</sup> Manoel Valente do Couto foi jornalista e diretor do *Diário de Belém* entre 29 de março de 1885 e 31 de julho 1888. No dia 1º de agosto de 1888, o *Diário de Belém* publicou uma nota em que fornecia uma satisfação aos leitores sobre a saída do jornalista da direção do jornal: “Deixou ontem a administração deste *Diário* o Sr. Manoel Valente do Couto, por ter aceitado o convite que lhe foi feito pelos novos proprietários do *Comércio do Pará*”. Cf. *Diário de Belém*, Belém, 1 ago. 1888, p. 3.

<sup>244</sup> COUTO, Manoel Valente do. *Numa pétala de rosa*. *Diário de Belém*, Belém, 22 jan. 1888, *Letras*, p. 2-3.

<sup>245</sup> COUTO, Manoel Valente do. *Noites em Claro*. *Diário de Belém*, Belém, 1 abr. 1888, *Literatura*, p. 2.

<sup>246</sup> MIRANDA, Guilherme de. *Primeiras rimas*: coleção de versos de João de Deus do Rêgo. *Diário de Belém*, Belém, 18 nov. 1888, *Letras*, p. 2.

Na coluna *Letras*, as *Orquídeas*, uma coleção de poesias de José Eustáquio de Azevedo, recebeu da pena de Frederico Rhossard uma crítica dividida em três fascículos e publicada nos dias 8, 9 e 10 de agosto de 1888. Ao contrário das *Noites em claro* e das *Primeiras rimas*, as *Orquídeas* não foram acolhidas com profuso entusiasmo nem receberam muitos elogios. No início da apreciação, Rhossard rebaixou Eustáquio de Azevedo quando o comparou a outros poetas conterrâneos: “Sob a nossa vista apresenta-se o livro de um paraense modesto, de um rapaz estreante que não terá a pretensão, incontestavelmente, de poder ombrear, no lírico, com o talento e a concepção másculos de Paulino de Brito ou com a arte esmerada de João de D. do Rêgo”<sup>247</sup>. Em seguida, declarou que eram insuficientes o empenho e o interesse empregados pelo poeta para compor versos: “J. Eustáquio de Azevedo poderia hoje conhecer-se mais forte, mais sensato, se no pequeno meio em que tem vivido procurasse uma elucidação sadia e forte, trabalhando com mais assiduidade, mais força, mais perseverança, enfim”. Quanto às criações que compunham as *Orquídeas*, Rhossard discriminou um a um os inúmeros equívocos que encontrou nos poemas de Eustáquio de Azevedo, como a falta de cuidado, os problemas de estética, as irregularidades em relação à métrica, as ausências de cadência, os descuidos na conservação da melodia e a presença de um forte prosaísmo. Convém ainda frisarmos que Eustáquio ainda foi acusado pelo crítico de haver escrito versos que recordavam composições poéticas de outros autores, a exemplo de João de Deus do Rêgo, João Marques de Carvalho e Luís Guimarães Júnior. Após estabelecer alguns conselhos a quem quisesse se aventurar pela produção de versos, Rhossard encerrou a crítica desqualificando veementemente o trabalho de Azevedo. Vejamos:

Azevedo, pesa-nos dizê-lo, não revelou, nas *Orquídeas*, nem concepção nem arte. Não tem poesia original; não mostra uma produção corretamente trabalhada. Esperamos, entretanto, que, no próximo volume, *Telas realistas*, que pretende publicar, faça-nos falar de outro modo, porquanto, estamos convictos. Algum tempo de estudo dar-lhe-á a força precisa a fim de, melhor orientado, figurar no número dos primeiros poetas paraenses.<sup>248</sup>

Convém ressaltarmos que, além do *Diário de Belém*, outros periódicos também se propuseram a publicar críticas sobre obras produzidas por escritores paraenses lançadas em volume. O *Diário de Belém*, por exemplo, anunciou, no dia 9 de janeiro de 1889, que “brevemente o ilustre Sr. comendador José Veríssimo publicará n’A « Província do Pará » um

<sup>247</sup> RHOSSARD, Frederico. *Orquídeas: poesias de J. Eustáquio de Azevedo*. **Diário de Belém**, Belém, 8 ago. 1888, Letras, p. 2.

<sup>248</sup> RHOSSARD, Frederico. *Orquídeas: poesias de J. Eustáquio de Azevedo*. **Diário de Belém**, Belém, 10 ago. 1888, Letras, p. 2.

estudo crítico sobre o romance *Hortêncina* de Marques de Carvalho”<sup>249</sup>. Depois de alguns dias, Veríssimo, com efeito, lançou na coluna *Folhetim* da *Província do Pará*, em cinco fascículos, um trabalho no qual se propunha a tecer uma apreciação crítica a respeito de três romances naturalistas: *O homem* (1887), de Aluísio de Azevedo; *A carne* (1888), de Júlio Ribeiro, e, assim como foi referido no anúncio publicado no *Diário de Belém*, a *Hortêncina* (1888), de Marques de Carvalho. Nesse estudo crítico, Veríssimo afirmou não gostar nem um pouco da criação literária do escritor conterrâneo.<sup>250</sup>

Assim como o *Diário de Belém* e *A Província do Pará*, *O Liberal do Pará* também publicou ensaios críticos sobre determinadas obras assinadas por escritores paraenses recentemente publicadas. No dia 21 de setembro de 1884, por exemplo, foi divulgada nessa folha jornalística em *Folhetim* uma crítica sobre os *Crepusculares*, coleção de poesias de Múcio Javrot. Nessa apreciação assinada sob o pseudônimo de Stephen, o colaborador do *Liberal do Pará* afirma que pretendia apenas “fazer um *reclame* a esta interessante produção”<sup>251</sup> do escritor macapaense e, para conseguir atingir esse objetivo, (1) elogiou a recente publicação de Múcio Javrot: “Não hesitamos por um só momento em supor que íamos ler uma obra-prima. E pensamos corretamente”; (2) enalteceu a figura do poeta: “Basta saber-se que Múcio Javrot soube, com rara frequência, libertar-se das peias lançadas ao ardor dos vates, pelos princípios que regem a medição do verso”; (3) sobrepôs o talento do escritor macapaense ao de escritores lusitanos consagrados: “Múcio desbancou os seus próprios protegidos Sá de Miranda, Camões e Garrett”; (4) exaltou os versos presentes nos *Crepusculares* pela “originalíssima novidade das imagens” e pela reforma “não só das regras da metrificação como as da gramática”.

Além das apreciações críticas sobre obras lançadas em volume, encontramos também no *Diário de Belém* ensaios nos quais os autores se propunham a tecer um perfil literário de escritores radicados na província do Pará e, por essa razão, ofereciam aos leitores do jornal um panorama sobre a produção literária desses autores. Na coluna *Letras e Artes*, Paulino de Brito, por exemplo, foi homenageado pelo amigo Marques de Carvalho com um ensaio crítico-biobibliográfico dividido em quatro fascículos e publicado nos dias 24, 25, 26 e 27 de fevereiro de 1885. Nessa publicação, o autor discorreu sobre a produção tanto ficcional

<sup>249</sup> *Diário de Belém*, Belém, 9 jan. 1889, p. 3.

<sup>250</sup> Cf. VERÍSSIMO, José. O romance naturalista no Brasil. *A Província do Pará*, Belém, 18-23 jan. 1889, *Folhetim*, p. 2.

<sup>251</sup> STEPHEN. *Crepusculares*: poesias por Múcio Javrot. *O Liberal do Pará*, Belém, 21 set. 1884, *Folhetim*, p. 2.

quanto poética do escritor amazonense.<sup>252</sup> Na coluna *Galeria Alegre*, Paulino de Brito, em 23 de setembro de 1888, foi novamente agraciado com outro ensaio crítico-biobibliográfico, só que dessa vez assinado sob o pseudônimo de RI-DENTE. Nessa publicação, o crítico apresentava como propósito promover um painel geral sobre o trabalho literário do poeta nascido no Amazonas e afirmou que “de toda esta rapaziada que se atira às pugnas literárias é ele um dos mais estimados e mais lidos”<sup>253</sup>.

Nessa mesma coluna, RI-DENTE ainda publicou panoramas sobre a vida e sobre as criações literárias de outros escritores paraenses. Em 3 de outubro de 1888, por exemplo, dedicou-se a escrever elogiosamente a respeito do trabalho de Marques de Carvalho como escritor, sobretudo enquanto contista e romancista: “Como um bom contista, nós temos dele aquela formosa narrativa publicada n’*A Arena* como o título de *Ao soprar da vela* e ainda como um fino observador dos nossos costumes, aí está a *Hortênciã* a provar nossa asserção”<sup>254</sup>. Em 14 de outubro do mesmo ano, optou por construir um quadro geral sobre a vida e sobre a produção poética de Frederico Rhossard e não economizou em elogios ao poeta: “é um fino parnasiano, um bom discípulo do Junqueirismo e um eleito das Musas”<sup>255</sup>.

Convém ressaltarmos ainda que a divulgação desses perfis literários revelou uma intenção de RI-DENTE em apresentar aos leitores do jornal um projeto crítico-biobibliográfico a respeito de escritores paraenses, visto que (1) a coluna *Galeria Alegre* começou a integrar as páginas do *Diário de Belém* apenas para oferecer esses panoramas sobre a vida e a produção literária desses autores, uma vez que, nessa seção intitulada com uma denominação tão genérica, não foram lançados trabalhos de outras naturezas. Esse fato, portanto, demonstra uma unidade nas publicações veiculadas nessa coluna; (2) todos os painéis gerais sobre Paulino de Brito, Marques de Carvalho e Frederico Rhossard, à medida em que eram publicados na folha, divulgavam uma numeração romana em ordem crescente (I, II e III). Essa ocorrência, por conseguinte, revela uma relação estreita entre o conteúdo difundido em partes nessa seção e transmite ainda a ideia de continuidade, de tal modo que o leitor da época era conduzido a esperar pelo perfil literário de outro autor da região em números seguintes do jornal. Esse projeto que procurava valorizar os escritores paraenses, no entanto, chegou apenas a abranger três escritores e, depois de Frederico Rhossard, não foram

<sup>252</sup> Cf. CARVALHO, Marques de. Paulino de Brito. **Diário de Belém**, Belém, 24-27 fev. 1885, Letras e Artes, p. 2.

<sup>253</sup> RI-DENTE. Paulino de Brito. **Diário de Belém**, Belém, 23 set. 1888, Galeria Alegre, p. 3.

<sup>254</sup> RI-DENTE. Marques de Carvalho. **Diário de Belém**, Belém, 3 out. 1888, Galeria Alegre, p. 3.

<sup>255</sup> RI-DENTE. Frederico Rhossard. **Diário de Belém**, Belém, 14 out. 1888, Galeria Alegre, p. 3.

mais encontradas publicações de nenhuma espécie sob o pseudônimo de RI-DENTE e a coluna *Galeria Alegre* também não foi mais estampada nas páginas do *Diário de Belém*.

É válido evidenciarmos que, embora o projeto idealizado por RI-DENTE não tenha prosperado, os perfis literários que o autor elaborou promoveram debates na imprensa periódica belenense. Depois de o colaborador do *Diário de Belém*, por exemplo, publicar em 23 de setembro de 1888 um painel sobre a vida e a produção do escritor Paulino de Brito, foi divulgado no *Diário de Notícias* no dia 28 do mesmo mês – cinco dias após – um ensaio crítico intitulado “Os bobos em cena...” assinado sob o pseudônimo de O REI GLOBO. Nesse trabalho, o autor do ensaio afirmou que Paulino de Brito era considerado na imprensa periódica um poeta e um romancista muito estimado e lido, mas o crítico assegurou que, se perguntasse aos leitores quem havia lido as produções do escritor amazonense, receberia de todos – sem exceção – uma resposta negativa. O REI GLOBO certificou que a fama de Paulino de Brito foi fruto de um jogo de interesses baseado numa futura troca de favores e, por essa razão, tornou-se chefe da literatura da Amazônia. Observemos:

Disseram em um grande coro:

– Cubramo-lo de elogios; façamos dele um portento, um prodígio, uma maravilha, uma coisa nunca vista; porque ele depois ver-se-á na dependência de corresponder à nossa dedicação, apresentando-nos ao público com a sua pena sublimada.<sup>256</sup>

Segundo então o colaborador do *Diário de Notícias*, Paulino de Brito, em razão dos “laços de camaradagem literária”<sup>257</sup>, tornou-se, com efeito, uma figura de proeminente relevo na imprensa periódica belenense, mas não era, em contrapartida, um escritor muito lido: “Os leitores já leram por ventura as *Noites [em claro]* e já viram de que formato é o *Homem [das serenatas]*? Não, senhor, – todos me responderão”.

Além disso, O REI GLOBO afirmou também que o escritor amazonense cresceu à custa da pena elogiosa e laudatória dos confrades, mas, depois de ter conquistado fama e reconhecimento, não se aproveitou da influência que obteve para beneficiá-los. O crítico, por

<sup>256</sup> O REI GLOBO. Os bobos em cena... *Diário de Notícias*, Belém, 28 set. 1888, p. 2.

<sup>257</sup> José Veríssimo empregou a expressão “laços de camaradagem literária” quando escreveu para *A Província do Pará* em 1889 o ensaio crítico sobre os romances naturalistas publicados entre 1887 e 1888: a saber, *O homem*, de Aluísio de Azevedo; *A carne*, de Júlio Ribeiro, e *a Hortênciã*, de Marques de Carvalho. Quando se dedicou a avaliar especificamente o romance de Marques de Carvalho, escritor conterrâneo e contemporâneo, afirmou o seguinte: “Não me é possível falar da *Hortênciã*, com a mesma isenção que tive com o *Homem* e com a *Carne*. Além de que seu autor parece ter recusado a crítica, como eu já disse e censurei, prendem-me a ele laços de camaradagem literária, que me obrigam a dar-me por suspeito. Direi, entretanto e já, com toda franqueza que devo aos que me têm feito o favor de ler e ao Sr. Marques de Carvalho, que não gosto da *Hortênciã*”. Cf. VERÍSSIMO, José. O romance naturalista no Brasil. *A Província do Pará*, Belém, 18-23 jan. 1889, Folhetim, p. 2.

essa razão, encerra o ensaio com as seguintes palavras: “Dele [Paulino de Brito] foi a posteridade, como profetizou. Os bobos... [os confrades] aos bastidores”.

Além de apreciações críticas sobre a produção de escritores paraenses publicadas em periódicos belenenses do final do Oitocentos, houve ainda trabalhos desse mesmo gênero idealizados para sair à luz em volume. No *Diário de Belém*, por exemplo, foi anunciada, várias vezes durante o ano de 1885, e sob regime de subscrição, a publicação de um livro assinado por Marques de Carvalho no qual o escritor paraense desenhava o perfil literário de Teodorico Magno (cf. figura 2.17 e figura 2.18). Não encontramos, no entanto, nas páginas da folha nenhum indício de que essa publicação tenha sido realmente impressa.

Semelhante a RI-DENTE, é provável que Marques de Carvalho também tenha idealizado publicar uma série de obras com perfis literários de outros escritores conterrâneos, pois, assim como pretendeu lançar uma publicação em volume sobre o desempenho de Teodorico Magno no mundo das letras, preparou um livro com o mesmo estilo sobre o amigo e colega de ofício Paulino de Brito. Em vários números do *Liberal do Pará* publicados durante o ano de 1887, por exemplo, saiu um anúncio que informava os leitores sobre a venda em todas as livrarias do perfil literário do escritor amazonense escrito pela pena de Marques de Carvalho (cf. figura 2.19).<sup>258</sup> Do mesmo modo como então ocorreu a RI-DENTE, o projeto idealizado pelo escritor paraense também não obteve continuação, visto que não encontramos em jornais outras tentativas de estabelecer um panorama sobre a vida e a produção literária de nenhum outro autor paraense.

No *Diário de Belém*, houve ainda autores que, em razão do falecimento, receberam por meio da publicação de necrológios críticas póstumas, a exemplo de Santa Helena Magno.<sup>259</sup> O poeta faleceu no dia 20 de outubro de 1882, aos trinta e cinco anos, por causa de um abscesso pulmonar e, no dia seguinte, a notícia da morte do autor foi comentada nas páginas do periódico: “As letras pátrias estão de luto, tão sensível lhes é a perda que sofrem no Dr. Carlos de Santa Helena, que se finou a um abscesso pulmonar rebelde, que resistiu a

---

<sup>258</sup> É válido ressaltarmos que anúncios acerca do lançamento em volume do perfil literário de Paulino de Brito, elaborado por Marques de Carvalho, foram também publicados durante o mesmo período no *Diário de Notícias* e na *Arena*.

<sup>259</sup> Carlos Hipólito de Santa Helena Magno (1848-1882) nasceu em Muaná, município do estado do Pará, no dia 3 de agosto de 1848 e faleceu em Belém em 20 de outubro de 1882 em razão de um abscesso pulmonar. Além de poeta, bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais no ano de 1871 pela Faculdade de Direito em Recife e tornou-se um exímio advogado. Quando retornou para a província do Pará, tornou-se professor de geografia do Liceu Paraense. Foi colaborador também do *Diário de Belém*, onde deixou inúmeras poesias esparsas. Quando ainda era estudante de Direito em Recife, publicou um livro de versos intitulado *Arpejos poéticos*, saído à luz em 1869. Mais informações sobre Santa Helena Magno, cf. AZEVEDO, José Eustáquio de. **Antologia Amazônica: poetas paraenses**. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1918; ROCQUE, Carlos. **Antologia da cultura amazônica**. Belém: Amazônia Edições Culturais Ltda. (AMADA), 1970.

todos os cuidados da família, que o idolatrava”<sup>260</sup>. No dia 25 de outubro de 1882, o mesmo jornal anunciou o projeto de construção de um monumento em homenagem a Santa Helena Magno, “tão cedo roubado às letras pátrias pela fatalidade da morte”<sup>261</sup>. Nesse necrológio, foram exaltadas ainda as qualidades do escritor paraense como compositor de versos: “Poeta, deixou cinzelado no verso as mais prodigiosas maravilhas da nossa natureza selvagem, os arroubos imaginários de sua alma sempre aberta às emoções do belo e da arte”.

No ano seguinte, o dia da morte de Santa Helena Magno foi lembrado pelo *Diário de Belém*. O periódico, além de divulgar na coluna *Folhetim* um poema escrito pelo poeta intitulado “O meu aniversário”, publicou ainda um necrológio em que informava que o poeta havia morrido, mas continuava ainda vivo na memória da família e dos amigos e, por essa razão, havia se tornado imortal.<sup>262</sup>

No dia 1º de maio de 1887, Santa Helena Magno ganhou outro tributo póstumo, mas dessa vez não foi o *Diário de Belém* o responsável por homenageá-lo, mas sim o periódico literário e artístico *A Arena*. Nesse periódico, Marques de Carvalho escreveu um necrológio no qual afirmava que “foi Santa-Helena Magno um verdadeiro poeta, na máxima intensidade do sentido de tal palavra”<sup>263</sup>. Sobre a produção de versos do poeta, Marques de Carvalho teceu apenas elogios.<sup>264</sup> Vejamos:

Para afirmar valentemente o asserto, – aliás confessado por quantos aí cuidam de assuntos literários, – erguem-se prenhes de eloquência os versos do malgrado paraense, todos exalando um forte eflúvio de poesia elevada, bem sentida e bem transmitida. As suas produções, de uma irrepreensível fatura, agradam sempre e agradarão eternamente, porque trazem consigo as sensações da alma do poeta, o lado humano que imortaliza qualquer obra de arte.

Outro escritor que foi festejado postumamente foi Teodorico Magno, irmão de Santa Helena Magno.<sup>265</sup> No dia 6 de junho de 1885, o *Diário de Belém* anunciou a notícia do

<sup>260</sup> *Diário de Belém*, Belém, 21 out. 1882, p. 2.

<sup>261</sup> *Diário de Belém*, Belém, 25 out. 1882, p. 2.

<sup>262</sup> Cf. RENATO. Imortalidade. *Diário de Belém*, Belém, 25 out. 1883, p. 3.

<sup>263</sup> CARVALHO, Marques de Carvalho. Santa-Helena Magno. *A Arena*, Belém, 1 maio 1887, p. 1.

<sup>264</sup> Na edição de 1º de maio de 1887, *A Arena* divulgou um retrato de Santa Helena Magno (cf. figura 2.20). No artigo em homenagem ao poeta, Marques de Carvalho afirmou que “era um ato de justiça começar A ARENA a sua galeria de retratos com o do mais artista de todos os poetas amazônicos. Publicando uma cópia dessa fisionomia tão simpática e expressiva, rendemos sincera homenagem ao brilhante período de anos decorridos entre 1860 e 1875, durante o qual viveu-se aqui uma existência intelectual fertilíssima em aproveitáveis resultados para a nossa querida Amazônia”.

<sup>265</sup> Na província do Pará durante a segunda metade do século XIX, era muito comum que irmãos exercessem a atividade da escrita literária e atuassem juntos como colaboradores na imprensa jornalística belenense oitocentista, a exemplo de Carlos Hipólito de Santa Helena Magno (1848-1882) e Teodorico Francisco de Assis Magno (1886-1885); João Marques de Carvalho (1866-1910) e Antônio Marques de Carvalho (1867-1915); Paulino de Almeida Brito (1858-1919) e Heliodoro de Almeida Brito (1863-?).

premature falecimento do escritor na província do Ceará, aos dezoito anos, em razão da tísica pulmonar. Nesse necrológio, o periódico exaltou o talento de Teodorico Magno no âmbito das letras. Vejamos: “Poeta sentidíssimo e inspirado, romancista primoroso, Teodorico Magno soube, com o seu talento, granjear para si uma distinta posição no meio dos moços que entre nós cultivam as letras”<sup>266</sup>.

Dois anos após o falecimento, o escritor paraense tão prematuramente roubado às letras pátrias recebeu outra homenagem póstuma, mas o seguinte tributo, dessa vez, foi divulgado em outro periódico. No dia 3 de julho de 1887, Marques de Carvalho publicou um necrológio na *Arena* para homenageá-lo e, nessa publicação, enalteceu-o como um “distinto moço e inspirado poeta, – um dos mais belos ornamentos das letras amazônicas”<sup>267</sup>. Em seguida, não economizou em elogios para enobrecer o trabalho de Teodorico Magno como escritor. Observemos: “A obra de Teodorico Magno há de ficar eternamente em nossa memória e na de nossos sucessores, porque tem fortemente acentuado o sagrado cunho do verdadeiro sentimentalismo nos versos, e o da verdade nos romances”.

Essas críticas póstumas, quando foram lançadas logo após a morte dos escritores, demonstram uma singela homenagem ao serviço que esses autores prestaram às letras na Amazônia e, quando foram divulgadas anos depois, evidenciam uma tentativa de seus idealizadores em manter ainda vivos na memória dos leitores da capital paraense o talento e a produção desses jovens que se dedicaram com afinco ao cultivo da escrita literária.

Dessa maneira, percebemos o desabrochar de uma crítica na imprensa periódica belenense oitocentista voltada para a produção de escritores radicados na província do Pará, elaborada por literatos e jornalistas conterrâneos e caracterizada, na maior parte das vezes, pelo forte caráter impressionista.<sup>268</sup> Essa crítica embrionária, no entanto, demonstra uma intenção muito evidente de valorização e propaganda dos trabalhos saídos da pena de autores fixados da província do Pará. Tal intuito torna-se perceptível quando atentamos para o cunho laudatório dessas apreciações críticas, que enchem quase sempre de elogios exacerbados tanto os produtores quanto as criações literárias.

Nesse sentido, (1) a publicação de ensaios críticos em que se discutia a situação da produção literária na província do Pará no final do século XIX, (2) a idealização de

<sup>266</sup> *Diário de Belém*, Belém, 6 jun. 1885, p. 2.

<sup>267</sup> CARVALHO, Marques de. Teodorico Magno. *A Arena*, Belém, 3 jul. 1887, p. 87.

<sup>268</sup> É válido esclarecer que, na crítica dedicada às *Orquídeas*, de José Eustáquio de Azevedo, por exemplo, Frederico Rhossard apresentou um julgamento sobre essa obra fundamentado no conhecimento que possuía acerca dos elementos da poesia, como a métrica e a rima. Desse modo, podemos afirmar que o impressionismo não era predominante na sua crítica. É válido reforçarmos, no entanto, que a maior parte dos trabalhos de crítica divulgados no *Diário de Belém* apresenta com efeito um caráter impressionista.

agregações formadas por homens de letras com o intuito de incentivar e promover as letras na região, (3) o lançamento de periódicos voltados para a difusão de criações poéticas e ficcionais assinadas por escritores radicados nessa parte do país, (4) a divulgação de um número considerável de trabalhos elaborados por esses literatos, escritos tanto em prosa quanto em verso e veiculados não apenas na imprensa periódica como também em volume e (5) a composição de apreciações críticas em periódicos belenenses oitocentistas sobre as obras de autores paraenses demonstram como alguns autores situados ao norte do Brasil empenharam-se em construir uma literatura na Amazônia ou mais especificamente na província do Pará a partir de 1880.

Assim, é possível observarmos que alguns autores situados na capital paraense no final do Oitocentos, a exemplo de Paulino de Brito, Marques de Carvalho, Teodorico Magno, Múcio Javrot, Acrísio Mota e João de Deus do Rêgo, embora não tenham alcançado *a posteriori* um estatuto canônico assim como Inglês de Sousa, nem sejam atualmente conhecidos e lidos, exerceram, ainda assim, um papel preponderante para construir um cenário literário na Amazônia ou mais precisamente na província do Pará a partir de 1880 e, para colocarem em prática esse propósito, procuram utilizar de diversas maneiras as páginas de periódicos que circularam em Belém nesse período. Se esses escritores não são representativos de um sistema literário, conforme o modelo proposto por Antonio Candido, nem ao menos do seu esboço, podemos afirmar, ainda assim, que pelo menos se demonstraram mais ou menos conscientes do seu papel diante da atividade da escrita poética e ficcional, procuraram produzir obras de grande valor e se esforçaram, a partir dos meios que estavam mais ao alcance, para oferecê-las aos leitores e, sobretudo, para tentar alcançar a glória no mundo das letras, não apenas na própria região amazônica ou mais restritamente na província do Pará, como também no restante do território brasileiro.



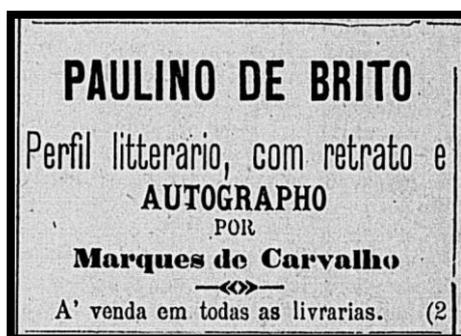
**Figura 2.17:** Anúncio publicado no *Diário de Belém* a respeito do lançamento logo em breve do volume sobre o perfil literário do escritor Teodorico Magno, de autoria de Marques de Carvalho.

**Fonte:** Hemeroteca Digital Brasileira.



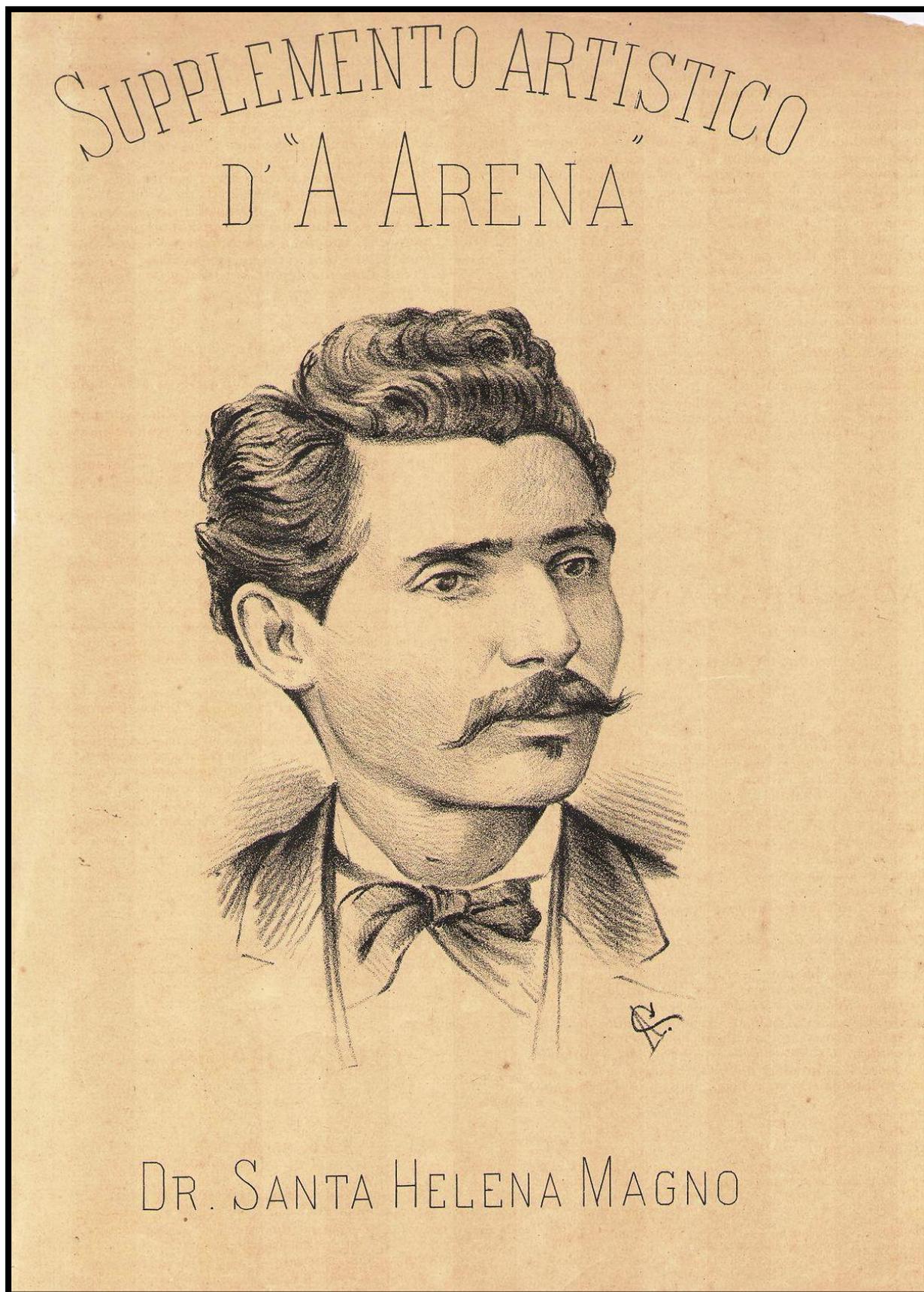
**Figura 2.18:** Anúncio publicado no *Diário de Belém* a respeito do recente lançamento do volume sobre o perfil literário de Teodorico Magno, de autoria de Marques de Carvalho.

**Fonte:** Hemeroteca Digital Brasileira.



**Figura 2.19:** Anúncio publicado no *O Liberal do Pará* a respeito do recente lançamento do perfil literário de Paulino de Brito produzido por Marques de Carvalho.

**Fonte:** Hemeroteca Digital Brasileira.



**Figura 2.20:** retrato do poeta Santa Helena Magno divulgado no suplemento do periódico literário e artístico *A Arena* em 1º de maio de 1887.

**Fonte:** Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves.

### CAPÍTULO 3

#### CONTOS ASSINADOS POR ESCRITORES PARAENSES NAS PÁGINAS DO *DIÁRIO DE BELÉM*

*A literatura submeteu-se igualmente a essa positivação, que o espírito filosófico do tempo impunha a todos os ramos do saber: a literatura tornou-se, pois, uma disciplina mais positiva, mais séria, mais útil, mais humana, mais científica. A crítica, uma das mais brilhantes modalidades do interessante gênero literário, abandonou o caráter catedrático dos tempos de La Harpe e transformou-se em um verdadeiro instrumento de aperfeiçoamento intelectual nas hábeis mãos de Taine e Zola. O romantismo morreu; rebentou depois o naturalismo. Balzac, Flaubert, Zola fizeram esquecer Hugo, Dumas e congêneres.<sup>269</sup>*

\*\*\*

*Longe vão aqueles tempos em que uma falange de literatos fundava e enriquecia a literatura pátria com as suas obras de inolvidável valor. [...] Passou esse tempo em que o sentimento exercia a missão mais importante nas aspirações da literatura, da poesia e da arte. Hoje o realismo avassala tudo. A nova escola não quer nada de ideais e de sentimentalismo. Raríssimo é ler-se a notícia de um novo romance, a menos que não seja alguma coisa no gênero d'«O Homem», de Aluísio de Azevedo, e d'«A Carne», de Júlio Ribeiro; a poesia quase que desapareceu.<sup>270</sup>*

\*\*\*

*O naturalismo, que aqui data dos anos de 80, quando ele entrava em declínio na França, de onde o tomamos não teve na nossa literatura a importância do romantismo, nem o seu vigor.<sup>271</sup>*

#### 3.1. Vozes plurais e dissonantes sobre estilos de época na imprensa periódica belenense oitocentista

A partir das epígrafes deste capítulo, podemos perceber que havia na *República*, órgão do Clube Republicano, uma certa tensão entre os adeptos e os detratores do Naturalismo/Realismo provocada por uma multiplicidade de vozes plurais e dissonantes a respeito dos estilos de época situados no final do século XIX. Na primeira epígrafe, o autor, que não se identificou nem por meio de um pseudônimo qualquer, defendeu

<sup>269</sup> A POLÍTICA moderna: Educação ao povo. **A República**, Belém, 6 maio 1890, p. 1.

<sup>270</sup> ARMAND. **A República**, Belém, 25 maio 1890, Pela Manhã, p. 2.

<sup>271</sup> VERÍSSIMO, José. Um século de literatura. **A República**, Belém, 8 fev. 1900, p. 2.

que a transição de um regime monárquico para um republicano no Brasil – “este incalculável acontecimento, fecundíssimo em seus efeitos e consequências históricas, nobilíssimo em seus instintos, fatal em sua realização” – trouxe consequências para o domínio científico, literário e artístico. Segundo o jornalista anônimo, a literatura, assim como nas ciências e nas artes em geral, a exemplo da pintura, da música e da estatuaría, “submeteu-se igualmente a essa positividade” e, portanto, “tornou-se [...] uma disciplina mais positiva, mais séria, mais útil, mais humana, mais científica”. Essa nova forma de literatura à qual o autor se referiu, proveniente das convicções positivistas, resultante de uma transformação política no país e ainda avessa aos ideais românticos, recebeu a alcunha de Naturalismo.<sup>272</sup>

Na segunda epígrafe, Armand, por sua vez, demonstrou-se pouco entusiasta com o Realismo e saudosista em relação ao idealismo e ao sentimentalismo presentes durante o Romantismo, pois sentia falta da “falange de literatos” que “fundava e enriquecia a literatura pátria” e oferecia aos leitores “obras de inolvidável valor”, a exemplo de Joaquim Manuel de Macedo e de José Alencar – no romance e no teatro – e de Álvares de Azevedo, de Fagundes Varela, de Gonçalves Dias e de Castro Alves – na poesia.<sup>273</sup>

Na terceira epígrafe, José Veríssimo, finalmente, não apenas sugeriu um certo atraso quando defendeu que o Naturalismo instaurou-se no Brasil a partir do início da penúltima década do século XIX, quando já estava em declínio na França, onde se originou, como também afirmou que essa nova escola literária que surgiu no país durante o Oitocentos não teve a mesma importância nem o mesmo vigor do Romantismo.<sup>274</sup>

As discussões na *República* acerca dos estilos de época próprios do século XIX, Romantismo e Naturalismo ou Realismo, não se resumiram apenas a esses comentários. Alguns diálogos travados no jornal colocavam em evidência os movimentos literários do Oitocentos e, algumas vezes, envolviam até mesmo os nomes de alguns escritores estrangeiros famosos na época. Émile Zola, por exemplo, foi um autor referido com frequência nas páginas da *República* como o principal expoente do Naturalismo. No dia 6 de

<sup>272</sup> Mais informações sobre a relação entre o romance naturalista e os ideais republicanos, cf. MENDES, Leonardo. O romance republicano: naturalismo e alteridade no Brasil, 1880-90. *Letras & Letras*, v. 24, p. 189-207, 2008.

<sup>273</sup> Armand é o pseudônimo que assinava na *República* a coluna *Pela Manhã*, onde publicava crônicas sobre concertos, obras recém-lançadas, banalidades, fatos cotidianos, entre outros. Essa seção começou a ser inserida no periódico a partir de abril de 1890 e localizava-se sempre no início da primeira coluna da segunda página. Numa crônica divulgada no dia 24 de maio de 1890, o cronista afirmou que apenas tinha “por objetivo entreter os leitores com uma seção alegre e humorística”.

<sup>274</sup> O posicionamento que José Veríssimo apresentou no artigo divulgado na *República* a respeito do Naturalismo é o mesmo que o crítico desenvolveria mais tarde na *História da literatura brasileira*, publicada em 1916. Cf. VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). São Paulo: Letras & Letras, 1998.

julho de 1893, foi publicada uma nota no periódico sobre a eleição do romancista francês para a Academia Francesa de Letras, na qual o autor foi referido como o “eminente chefe do Naturalismo”. Vejamos: “Uma correspondência de Paris para « L’Indépendance Belge » diz que as probabilidades da eleição de Zola para a Academia Francesa [...] aumentam todos os dias. Parece que nem sempre o eminente chefe do naturalismo suspirará à porta dos imortais”<sup>275</sup>. No dia 24 de março de 1892, outra nota também foi estampada na *república* com o nome de Zola. Tal nota era uma reprodução divulgada no jornal francês *Le Figaro* de “uma série de pequenos artigos relatando os hábitos dos mais festejados escritores”, a exemplo de Joseph Ernest Renan, Alexandre Dumas Filho, François Coppée, Victorien Sardou, Émile Zola, Paul Bourget, Alphonse Daudet, Guy de Maupassant e Edmond Rochefort. No que se refere especificamente ao escritor francês, considerado “o pontífice do naturalismo”, a nota emitia as seguintes palavras: “Zola – O pontífice do naturalismo passeia das 9 à 1 da tarde, horas a que começa a escrever. A sua letra é grossa e clara, e nunca trabalha sem enrolar os joelhos numa manta. Gosta do aparato; a sua mesa é enorme, a sua cadeira muito alta. O tinteiro representa um leão”<sup>276</sup>.

Além da presença de Émile Zola em notas divulgadas na *República*, o nome do autor francês também foi mencionado no mesmo jornal noutra crônica assinada por Armand, divulgada em 24 de maio de 1890 sobre a publicação na *Província do Pará* do conto “Na roça...”, de Teodoro Pontes.<sup>277</sup> Nessa apreciação crítica, o cronista da *República* teceu elogios exacerbados a respeito do trabalho do colaborador do outro periódico: “um bonito conto”, “graciosa produção”, “uma notável beleza de estilo”, “o mimoso conto”, “notáveis belezas de imaginação”, “traços corretos de estilo descritivo” e “quadros lúcidos e animados de concepção naturalista”.<sup>278</sup> Apesar de ter atribuído demasiados louvores ao trabalho de Teodoro Pontes, Armand, entretanto, afirmou que “o conto do novel escritor [...] ressentia-se de certa liberdade de linguagem, que constitui o seu único senão” e atribuiu esse possível deslize à vinculação da narrativa ao movimento naturalista. Vejamos: “É talvez o resultado de uma falsa orientação que já notei na escola de Flaubert e de Zola, em dar às coisas cores muito vivas, naquilo em que a natureza e a sociedade têm de mais oculto”. A partir do momento em que apareceram os nomes de Gustave Flaubert e Émile Zola, o cronista desviou o foco do trabalho de Teodoro Pontes e colocou em evidência os dois escritores franceses para

<sup>275</sup> *A República*, Belém, 6 jul. 1893, p. 2.

<sup>276</sup> *A República*, Belém, 24 mar. 1892, p. 2.

<sup>277</sup> Infelizmente, não encontramos o conto de Teodoro Pontes nas páginas da *Província do Pará*. É provável que não o tenhamos localizado em razão das ausências de alguns números ou das mutilações do jornal durante o período em que essa narrativa tenha sido possivelmente publicada.

<sup>278</sup> ARMAND. *A República*, Belém, 25 maio 1890, Pela Manhã, p. 2.

diferenciá-los. Segundo Armand, “Flaubert fundou com a sua encantadora obra *Madame Bovary* a verdadeira escola naturalista. Não se vê aí a frisante licenciosidade de *Naná*, em que Zola nos dá um estilo repassado de volúpias e de sensualidades”. Além dos romancistas franceses, o cronista da *República* apresentou Eça de Queiroz como um dos discípulos ou sucessores de Gustave Flaubert a se afastar “alguma coisa do ideal naturalista”, pois o escritor português, “num estilo aliás primorosíssimo, reproduziu no seu *Primo Basílio* o admirável romance do escritor francês [Flaubert], aumentando-lhe ao entrecho e à degradação dos principais personagens cenas de uma torpeza repugnante”.

Nesse sentido, podemos perceber que, enquanto Zola foi exaltado nas notas divulgadas na *República* como o “pontífice” ou o “eminente chefe” do Naturalismo, Armand, em contrapartida, defendeu que foi Flaubert o fundador da “verdadeira escola naturalista”, visto que esse romancista francês não apresentou em *Madame Bovary* “o estilo repassado de volúpias e de sensualidades” evidenciado em *Naná*, nem tampouco as “cenas de uma torpeza repugnante” reproduzidas no *primo Basílio*. Dessa forma, é possível depreendermos que o cronista da *República* não se ressentiu pelo Naturalismo em si, mas pela exposição de episódios com algum teor de imoralidade – a partir dos padrões morais vigentes na época – presentes nas produções de caráter naturalista.<sup>279</sup>

No dia 5 de julho de 1891, foi divulgada na *República* – especificamente na coluna *Filosofando...* – uma crônica assinada sob o pseudônimo de Spinoza. Nesse trabalho, o cronista demonstrou-se ressentido pelo fato de não disporem mais de apreço alguns célebres escritores europeus que basearam as obras produzidas nos princípios da moral: “Victor Hugo, o pontífice da grey moralista, caiu; Lamartine, o apóstolo do bem, desapareceu; Alexandre Herculano, o levita das doutrinas rigorosas do dever, está esquecido; Garret, o evangelizador dos severos costumes, está desprezado”<sup>280</sup>. Segundo Spinoza, a “moral, esse grande farol, que devia guiar a sociedade em toda a sua trajetória, eclipsou-se; a moralidade naufragou”, enquanto que o escândalo é “o apanágio da maioria da sociedade moderna, que tanto habituou-se a respirar no ambiente todo viciado. Viver do escândalo e para o escândalo é hoje

<sup>279</sup> Na *História da literatura brasileira*, José Veríssimo atribuiu ao Romantismo uma intenção moralizante, desde a primeira geração romântica até os últimos românticos. Veríssimo, no entanto, afirmou que, a partir do Naturalismo, a moralidade presente nas produções literárias anteriores cede lugar aos vícios, às vulgaridades e às obscenidades: “O principal demérito do naturalismo da receita zolista [...] era vulgarização da arte que em si mesmo trazia. Os seus assuntos prediletos, o seu objeto, os seus temas, os seus processos, a sua estética, tudo nele estava ao alcance de toda a gente, que se deliciava com se dar ares de entender literatura discutindo de livros que traziam todas as vulgaridades da vida ordinária e se lhe compraziam na descrição minudenciosa”. Cf. VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). São Paulo: Letras & Letras, 1998, p. 350.

<sup>280</sup> SPINOZA, A **República**, Belém, 5 jul. 1891, *Filosofando...*, p. 1.

o melhor título de recomendação”. Na crônica, o colaborador da *República* elencou alguns nomes de autores que produziram obras inclinadas ao escândalo, a exemplo de Émile Zola, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro, Adolfo Belot e Aluísio de Azevedo. Como podemos perceber, Spinoza, embora não tenha mencionado diretamente em nenhum momento os termos “romantismo/romântico” e “realismo/realista” ou “naturalismo/naturalista”, estabeleceu indiretamente uma relação entre a moral e os escritores românticos e entre o escândalo e os escritores realistas/naturalistas.

Os debates em relação aos estilos de época não se restringiram apenas ao órgão do Clube Republicano, mas também a outros periódicos que no mesmo período circularam pela capital paraense, a exemplo do *Diário de Notícias*. Desde setembro de 1886 até abril de 1888, esse periódico publicava uma seção intitulada *Estâncias*, onde eram estampados pensamentos acerca dos mais diversos assuntos. No dia 22 de maio de 1887, foi divulgado nessa mesma coluna um julgamento avesso ao Naturalismo/Realismo sem autoria expressa. Vejamos:

O naturalismo, ou realismo de certa escola de literatura moderna, que se apraz nas descrições sem pejo das coisas mais indecentes, infames e ascorosas, é o complemento do grosseiro materialismo do nosso tempo, que afoitamente nega Deus e a moral, e converte o homem em um macaco transformado pela seleção; e o homem, assim desaforado, não se envergonha de assumir a impudência e a petulância do macaco.<sup>281</sup>

Podemos perceber que esse pensamento publicado no *Diário de Notícias*, além de apresentar críticas depreciativas em relação ao Naturalismo, a exemplo do caráter licencioso nas descrições e da negação de Deus e da moralidade, não coloca em evidência nenhuma distinção entre Naturalismo e Realismo, pois atribui a essas duas palavras um sentido análogo ou ao menos aproximado.<sup>282</sup>

No dia 24 de maio de 1887, foi lançado ainda nessa mesma coluna do *Diário de Notícias* um outro pensamento também sem autoria sobre o Naturalismo com mais uma

<sup>281</sup> *Diário de Notícias*, Belém, 22 maio 1887, Estâncias, p. 3.

<sup>282</sup> Patrícia Alves Carvalho Corrêa demonstra que os termos “realismo” e “naturalismo”, tanto na Europa quanto no Brasil, eram amplos e vagos, de tal modo que o emprego muitas vezes indiscriminado desses vocábulos causava confusão entre críticos e escritores. Segundo a autora, “a confusão entre os termos provinha de uma incapacidade genuína de distinguir entre ambos. Uma das dificuldades residia na falta de uma definição do que era o ‘realismo’ até meados do século XIX. Não havia uma discussão sobre o realismo na sua totalidade, sendo as obras literárias desse período discutidas e analisadas individualmente. No Brasil, a situação não foi diferente. Não houve unanimidade quanto ao significado dos termos, nem por parte da crítica, nem dos escritores”. Cf. CORRÊA, Patrícia Alves Carvalho. **O naturalismo em perspectiva comparada**: de Émile Zola a Aluísio de Azevedo. 2011. 297 f. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Educação e Humanidades, Instituto de Letras, 2011, p. 27.

denúncia pontual quanto ao seu caráter licencioso: “A indecência do assunto e linguagem em obras literárias não é naturalismo, é depravação e cinismo”<sup>283</sup>.

Em meio a tantas páginas do *Diário de Notícias*, os debates a respeito do Naturalismo não ficaram restritos unicamente à coluna *Estâncias*.<sup>284</sup> No dia 2 de setembro de 1887, foi publicado na seção *Entre-colunas* desse jornal um ensaio cômico sobre o Naturalismo e o Romantismo, assinado sob a alcunha de Sganarelo, pseudônimo pertencente ao escritor e jornalista paraense Antônio de Pádua Carvalho.<sup>285</sup> Nessa publicação, o cronista atribuiu uma relação inusitada entre o porte físico dos escritores do período e o estilo literário ao qual se vincularam. Segundo o colunista do *Diário de Notícias*,

Julgo que os naturalistas devem ser muito gordos, para imitarem o mestre; porque, para ser um grande naturalista, é preciso barriga: está na gordura a matéria, o realismo!

Seria esquisito ver um naturalista seco, esgrouviado, fino como uma dessas beatas que se maltratam com cilícios para obterem o reino dos céus.

Um Lamartine, um Alfredo de Musset, representantes da escola de *Romeu e Julieta*, do *Werther* deviam ser magricelas. E o foram como lord Byron, que embirrava com a gordura, e, como quase todos os poetas byronianos que fortaleciam o estômago fraco, em horas de escrever, com o conhaque, a cerveja, o champanhe, o vinho. [...]

Dizem que em Lamartine, o poeta sentimental, via-se apenas uns ossos, fazendo peso a um espírito tão puro, que queria alar-se às regiões etéreas.

Os filhos da escola romântica devem ser mais leves, quase pássaros voadores, que os da escola naturalista.<sup>286</sup>

É interessante colocarmos em relevo que Sganarelo, quando afirmou que os escritores naturalistas deviam ser muito gordos para imitarem o mestre, não se referiu, como facilmente poderíamos pensar, a Émile Zola, considerado muitas vezes a figura mais eminente do Naturalismo na França, mas sim a Alexandre Dumas. Nessa publicação, podemos perceber que Pádua Carvalho, apesar de filiá-lo ao Romantismo quando afirmou que os “naturalistas chamam espíritos *piegas*, franzinos e de fraca monta aos romancistas da escola de Alexandre Dumas”, associou o autor de *Os três mosqueteiros* e *O conde de Monte Cristo* ao Naturalismo. É possível, no entanto, percebermos que essa associação a essa escola literária deveu-se mais

<sup>283</sup> *Diário de Notícias*, Belém, 24 maio 1887, Estâncias, p. 2.

<sup>284</sup> É válido ressaltarmos que algumas publicações no *Diário de Notícias* a respeito do Naturalismo foram extraídas de outros periódicos, mas decidimos não mencioná-las, pois preferimos colocar em evidência as produções elaboradas exclusivamente para serem estampadas nas páginas desse periódico paraense. Gostaríamos também de salientar que encontramos ainda produções inclinadas ao Naturalismo no teatro e até mesmo na crônica, mas optamos pelas publicações sobre o Naturalismo em geral ou sobre o Naturalismo na prosa de ficção.

<sup>285</sup> Gostaríamos de frisar que as publicações estampadas na seção *Entre-Colunas* do *Diário de Notícias* eram assinadas exclusivamente por Sganarelo, pseudônimo de Antônio de Pádua Carvalho, jornalista e escritor paraense, assim como também colaborador assíduo do *Diário de Notícias* por longos anos. Essas produções, geralmente, dialogavam com as publicações de outros periódicos, não apenas divulgados na região amazônica, como também em outras partes do Brasil e até mesmo em outros países.

<sup>286</sup> SGANARELO. *Diário de Notícias*, Belém, 2 set. 1887, Entre-Colunas, p. 2.

em razão das formas roliças do autor francês do que necessariamente ao seu vínculo aos ideais dessa nova tendência literária desenvolvida na França. Para remeter-se à estatura corpulenta de Dumas, o colunista do *Diário de Notícias* pautou-se nas palavras de Théophile Gautier. Segundo Sganarelo,

O Alexandre Dumas, não sei se sabem, dispunha de um estômago forte e, segundo Théophile Gautier, tinha uma gorda estatura de tambor-mor, e, se engordasse mais um pouco, seria a quadratura do círculo, como o era Balzac, mais uma pipa do que um homem.

Na opinião de Gautier, três homens de mãos dadas não poderiam abraçar o mais fecundo romancista francês, o pai do naturalismo, que gastava uma hora para fazer a volta da sua pessoa!

Que estômago não teria ele!

Nesse sentido, é possível observarmos que o colunista da seção *Entre-colunas* objetivava também atribuir o título de “pai do naturalismo” a Alexandre Dumas em razão do tamanho excessivo do corpo do autor e, por conseguinte, pretendeu não apenas vinculá-lo forçosamente ao grupo de escritores franceses naturalistas, mas também distingui-lo como o mais proeminente: “Convenham que Dumas, também obeso, tinha seu *quê* de naturalismo, fazendo dos seus romances uns livros históricos aproveitáveis e podia ser naturalista, porque era gordo, disponha de um grande espírito”.

Convém também colocarmos em relevo que Sganarelo considerou que “as regras têm as suas exceções” e elencou alguns nomes de escritores naturalistas que não apresentavam um barriga saliente e formas avantajadas. Observemos: “Eça de Queiroz, o discípulo de Zola, é magro, mas admira as teorias do gordo Darwin”. Além do escritor português, outro autor naturalista causou ainda mais espanto ao colunista do *Diário de Notícias* pela magreza. Vejamos: “o que nos fará cair o queixo, será o sabermos que Émile Zola, o grande, o fecundo naturalista, é magro!”.

É importante ainda ressaltarmos que o Naturalismo e o Romantismo entraram como temáticas para provas de concurso. Na data de 7 de maio de 1891, foi divulgado no *Diário de Notícias* uma pequena nota com a informação de que haviam começado no dia anterior os exames para a cadeira de língua portuguesa da Escola Normal da província do Pará.<sup>287</sup> Nessa

<sup>287</sup> A partir da publicação da lei nº 669, de 13 de abril de 1871, foi criada na capital da província do Pará a Escola Normal, destinada a preparar homens e mulheres para o magistério público primário. A escola foi imediatamente instalada no Liceu Paraense, onde funcionaram as aulas para jovens do sexo masculino, e no Colégio Nossa Senhora do Amparo, onde funcionaram as aulas para jovens do sexo feminino. Mais informações sobre a Escola Normal na província do Pará, cf. MALHEIROS, Rogério Guimarães; SANTOS FILHO, João Ribeiro. A escola normal do Pará e o ideal de professor ilustrado e aplicado (1838-1871). *Revista HISTEDBR On-line*, v. 14, p. 75-90, 2014; MALHEIROS, Rogério Guimarães. As transformações políticas e econômicas da Província do

publicação, foi noticiado que os candidatos inscritos eram Luiz Demétrio Juvenal Tavares, Paulino de Almeida Brito e Alexandre Max Kitinger. Entre os pontos de literatura para a prova escrita, constavam os seguintes assuntos: “Reação contra a literatura romântica; luta entre o romantismo e o naturalismo”<sup>288</sup>. Desse modo, podemos perceber que as discussões sobre os estilos de época do século XIX não estavam presentes apenas nos periódicos que circularam por Belém durante as duas últimas décadas do Oitocentos, como também nas instituições de ensino localizadas na capital paraense nesse mesmo período.

Além da *República* e do *Diário de Notícias*, o *Diário de Belém* apresentou discussões acerca do Naturalismo. O jornal, por exemplo, publicou nos dias 15 e 23 de janeiro de 1880 na coluna *Literatura* “A escola da moda”, um interessante ensaio crítico sem assinatura acerca do Naturalismo divulgado tanto no Brasil quanto na Europa. Nessa publicação, essa nova orientação literária do final do século XIX foi depreciada em diversos aspectos. O autor anônimo acusou os escritores brasileiros e portugueses de acompanharem servilmente os franceses, pois “todos que seguem as suas pegadas procuram tornar-se salientes, pela exageração e mentira, rebaixando-se a si e rebaixando o caráter nacional”<sup>289</sup>; censurou a imprensa por oferecer aos leitores “os intermináveis e enjoados romances de adultério e infâmias”; denunciou a “falta de gosto” e a “falta de patriotismo” dos autores brasileiros da época, pois “quando deviam procurar melhorar e instruir esta pátria querida, procuram injetar-lhe nas veias o veneno da corrupção”; criticou também os escritores brasileiros pelo fato de não buscarem inspiração nos autores clássicos, “onde se acha a fonte do bom gosto”, mas sim na leitura de Zola, “o medíocre que tem a soberba de um gênio”; defendeu que o “chefe da escola naturalista”, em inúmeros manifestos, procurou exaltar o Naturalismo e rebaixar as escolas contrárias, “sem que saiba explicar bem quais são suas ideias, e em que se diferenciam elas das de outras escolas”; demonstrou-se contra a proposição Zola de instituir Balzac como “o verdadeiro pai da escola naturalista”; alegou que quase todos os naturalistas eram ignorantes, pois esses autores achavam que “só eles copia[va]m a natureza, só eles procura[va]m a realidade viva e humana, quando há séculos é esta a regra, é a realidade que inspira artistas e escritores”<sup>290</sup>; defendeu que a literatura proposta por Zola “não pode ser a representante da democracia e das ideias mais adiantadas”; reiterou que os escritores naturalistas “tudo tratam de um modo vago e geral”, “não sabem exprimir exatamente suas

---

Grão-Pará e a Escola Normal como instituição destinada a formar professores alinhados aos ideais modernos de ordenamento, progresso e civilização (1840 a 1871). *Almanack [online]*, v. 1, p. 95-116, 2014.

<sup>288</sup> *Diário de Notícias*, Belém, 7 maio 1891, p. 3.

<sup>289</sup> A ESCOLA DA MODA. *Diário de Belém*, Belém, 15 jan. 1880, *Literatura*, p. 1-2.

<sup>290</sup> A ESCOLA DA MODA. *Diário de Belém*, Belém, 23 jan. 1880, *Literatura*, p. 1.

ideias”, “tudo olham por certas faces, com olhos vesgos”, “só sabem esboçar moléstias, caracteres baixos, cenas imundas” e “podem representar a última degradação da arte, a pintura de estado a que desceu a classe baixa em França, mas nunca ser modelos dignos de seguir-se”; entre outros.<sup>291</sup>

No dia 26 de fevereiro de 1882, também foi publicado no *Diário de Belém*, especificamente na coluna *Literatura*, “Um realista às direitas”, um ensaio crítico assinado por Fausto de Altemira sobre “A lenda do lenço”, “um folhetim realista na *Pacotilha*, gazeta positivista que se publica na capital do Maranhão”<sup>292</sup>. Segundo o colaborador do *Diário de Belém*, Sá Viana, autor do folhetim em questão, “fez a sua estreia *realística* de um modo bastante desgraçado”, pois “o ilustre realista entendeu que, como discípulo convicto das ideias de Eça de Queiroz e Émile Zola, podia plagiá-los” e, por essa razão, “encheu o seu folhetim de quantos termos, frases e descrições pôde encontrar nos romances dos seus dois mestres”.

Nessa publicação, Fausto de Altemira, para além da crítica ao trabalho de Sá Viana, (1) censurou os jovens brasileiros que, em vez de seguirem o Romantismo, filiaram-se ao Realismo: “a maior parte da nossa mocidade, desprezando as belezas morais e o estilo correto e gracioso da escola que mais tem progredido desde muitos séculos, segue as doutrinas perniciosas de Zola e Eça de Queiroz”; (2) acusou Émile Zola de ser um péssimo escritor, de ser educado nas ideias antirreligiosas, de fundar uma escola literária com base principalmente na devassidão, de escrever sempre conforme o gosto dos leitores, de destruir o bom gosto e de produzir romances torpes, cheios de cenas repugnantes e incompreensíveis, a exemplo do *crime do abade Mouret* e *Naná*; (3) condenou Eça de Queiroz pela filiação à escola realista de Zola (apesar de considerá-lo um notável e talentoso escritor), pelo grande defeito de seguir “a paixão cega e ilimitada pelas ideias positivistas do século” e pelo fato de *O crime do padre Amaro* não possuir os “predicados necessários” para “defender uma ideia e estigmatizar um defeito da sociedade” (apesar de poder considerá-lo como uma obra de arte).

Depois de criticar a escola realista, Émile Zola e Eça de Queiroz, Fausto de Altemira retornou ao julgamento do folhetim de Sá Viana: “Despido de todos os ornatos do estilo, sem lógica nem moralidade, *A lenda do lenço* [...] demonstra um fato bastante censurável e reprovado: a decadência literária da mocidade positivista”. No final do ensaio, o colaborador do *Diário de Belém* encerrou a crítica com um conselho ao estreante folhetinista da *Pacotilha*:

<sup>291</sup> Nesse mesmo ensaio publicado no *Diário de Belém*, percebemos que o autor anônimo não estabeleceu uma distinção entre Naturalismo ou Realismo. Observemos: “Olhando de perto vê-se que nada vale essa escola da moda, naturalista ou realista”. Cf. A ESCOLA DA MODA. **Diário de Belém**, Belém, 15 jan. 1880, *Literatura*, p. 1-2.

<sup>292</sup> ALTEMIRA, Fausto de. Um realista às direitas. **Diário de Belém**, Belém, 26 fev. 1882, *Literatura*, p. 3.

“S. S. pode corrigir-se facilmente desses defeitos se, abandonando os livros realistas, estudar seriamente a literatura clássica, e se procurar nas belezas puras de Bernardin de Saint-Pierre e nas perfeições literárias de Lamartine um estilo simples e grandioso, correto e moralizado”.<sup>293</sup>

O ensaio crítico de Fausto de Altemira não passou despercebido pelas páginas do *Diário de Belém*. No dia 22 de abril de 1882, foi divulgada nesse mesmo jornal, precisamente na seção *Exterior*, uma correspondência assinada por Mariano Pina sobre os mais variados assuntos. Nessa publicação, o jornalista português aludiu ao “magnífico” artigo de Fausto de Altemira “acerca do naturalismo em arte, a propósito de um trabalho publicado na *Pacotilha*, e que eu sinto não ter podido ler”<sup>294</sup>. A despeito, contudo, de elogiá-lo, demonstrou-se contrário às ideias do colaborador do *Diário de Belém*. Vejamos:

O Sr. Fausto de Altemira, apesar do poder vigoroso da sua argumentação e da sua crítica, deixa ver que tem uma falsa ideia do que é o naturalismo, e essa falsa ideia crítica creio que lhe virá pelo fato de ver falsos espécimes da literatura moderna, tratados por alguns escritores brasileiros, que adivinhando ao *naturalismo* apenas a forma e a crueza na verdade dos tipos, se limitam a produzir obras de uma plástica intolerável e de um fim incompreensível.

As discussões na imprensa periódica belenense oitocentista não se restringiam apenas aos escritores naturalistas europeus, mas também aos escritores brasileiros que alcançaram alguma projeção nacional, a exemplo de Aluísio de Azevedo. No dia 6 de julho de 1890, foi divulgada uma crônica na coluna *Aos domingos da República* assinada sob o pseudônimo de Lusbel. Nessa publicação, o cronista estabeleceu uma comparação entre os livros *Relicário*, de Vicente de Carvalho, e *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo.<sup>295</sup> Nesse mesmo trabalho, Lusbel dirigiu-se especialmente às leitoras e esclareceu para esse público específico as suas intenções com a divulgação da crônica em discussão: “trago aqui à leitora simpática as impressões desencontradas que me produziram no espírito esses dois livros de tão brilhante fatura quanto de naturezas heterogêneas, diametralmente opostas”<sup>296</sup>. Segundo o colaborador da *República*, o *Relicário* era “o sonho ameno, a palavra maviosa, o mundo visto através de uma lente carinhosamente enganadora”, ao passo que *O cortiço* era “a realidade, a expressão

<sup>293</sup> É válido mencionarmos que, por meio do site da Hemeroteca Digital Brasileira, procuramos “A lenda do laço”, de Sá Viana, na *Pacotilha* do Maranhão, mas o ano correspondente à publicação desse folhetim não estava disponível.

<sup>294</sup> PINA, Mariano. Europa: Correspondência de Portugal. **Diário de Belém**, Belém, 22 abr. 1882, Exterior, p. 3.

<sup>295</sup> É válido ressaltarmos que na crônica publicada na coluna *Aos domingos da República* e assinada por Lusbel o título do livro de Vicente de Carvalho foi escrito no plural – *Relicários*. Porém, no site da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin encontramos a versão digitalizada da primeira edição da obra em questão de Vicente de Carvalho com o título no singular – *Relicário*. Mantivemos, no entanto, o título dessa coleção de poesias do mesmo modo como consta no título da primeira edição do livro.

<sup>296</sup> LUSBEL. **A República**, Belém, 6 jul. 1890, Aos domingos, p. 1.

crua, a existência vista pelo seu prisma pungentemente verdadeiro e real”. O cronista, embora tenha afirmado que apreciou o romance de Aluísio de Azevedo e o considerou “uma bela, uma magnífica obra”, assim como a *Thérèse Raquin* e a *Naná*, trabalhos do mesmo gênero assinados pela pena de Émile Zola, confidenciou que *O cortiço* era “um condimento demasiado forte para os paladares melindrosos”. Lusbel defendeu ainda que preferia “o romance, na lata acepção deste vocábulo, e não, sob a forma dele, um relatório e um tratado sobre estudos e observações de patologia social”. Sobre o *Relicário*, o cronista, em contrapartida, “recomendou “o livro de Vicente de Carvalho a todos os que procura[va]m sempre um motivo para o sonho, para as expansibilidades dos sentimentos deliciosos” e afirmou que essa coleção de versos podia “fulgurar na escolhida biblioteca da minha simpática leitora e tornar-lhe os ócios menos tediosos, menos aborrecidos”. Nesse sentido, Lusbel, ainda que na crônica em questão não tenha empregado propriamente os termos “romantismo/romântico” e “naturalismo/naturalista” ou “realismo/realista”, afirmou que o romance de Aluísio de Azevedo continha “umas tantas coisas que daria tudo para ignorá-las toda a vida” e associou-o a expressões de valor socialmente pejorativo: “negridões”, “gangrenas”, “miserabilidades da vida”, entre outras. O cronista, em contrapartida, atribuiu à coleção de versos de Vicente de Carvalho termos mais amenos e elogiosos: “coleção de bonitos versos”, “versos dignos de alto apreço”, “páginas unguidas de todas as suavidades”, “versos prenhes de saudades gostosas”, “estrofes extravasando harmonias”, entre outros.

É interessante aludirmos também que Lusbel afirmou, em algumas passagens da crônica publicada na *República*, que Vicente de Carvalho pecou quanto à forma nos versos presentes no *Relicário*: “É um poeta de fino sentimento, conquanto às vezes descurado na forma”; “Naquelas páginas, onde muitas vezes desmerece o artista na parte material, pompeia-se uma grande alma de sonhador, sincera, magnífica e deslumbrante”. Apesar disso, o cronista não demonstrou ter atribuído muita importância a essas faltas, pois elogiou os versos do poeta pelo conteúdo ameno e também recomendou a coleção de poesias às leitoras. Em relação ao romance de Aluísio de Azevedo, Lusbel, em contrapartida, elogiou o talento do romancista maranhense e o valor literário de *O cortiço*: “Aprecio o ilustre maranhense; rendo-lhe a homenagem devida ao seu talento e ao seu fino espírito de observador. Acho, entretanto, que o seu livro, aliás de um súbito valor sintático, é um condimento demasiado forte para os paladares melindrosos”. O cronista, no entanto, demonstrou atribuir mais atenção aos princípios mais próximos à moral do que aos aspectos formais. Desse modo, podemos perceber que o cronista considerou mais as questões morais do que os aspectos formais para exprimir uma apreciação crítica em relação tanto ao *Relicário*, de Vicente de Carvalho,

quanto a *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo. Desse modo, é possível concebermos nessa crônica como a apreciação crítica do colaborador da *República* foi influenciada pelas questões morais vigentes na época e, justamente por infringi-las em várias partes do enredo, *O cortiço*, assim como ocorreu a muitos outros romances naturalistas, foi desqualificado por Lusbel.<sup>297</sup>

A crônica de Lusbel demonstra também que Aluísio de Azevedo, embora tenha construído um nome no âmbito das letras no Rio de Janeiro, não passou despercebido pelas páginas da imprensa periódica belenense e ainda havia se tornado um escritor conhecido na capital paraense, sobretudo a partir da publicação dos romances assinados pela pena do autor maranhense, a exemplo de *O mulato* e de *O cortiço*.

Além de Aluísio de Azevedo, Júlio Ribeiro foi outro escritor brasileiro associado ao Naturalismo a figurar nas páginas da imprensa periódica belenense oitocentista. No dia 21 de agosto de 1890, por exemplo, foi publicada nas páginas da *República*, especificamente na coluna *Sem ofensa...*, uma crônica assinada sob o pseudônimo de Leopardo.<sup>298</sup> Nessa publicação, o cronista, a princípio, advertiu que a crônica do dia dialogava com um estudo crítico assinado por José Eustáquio de Azevedo lançado no *Sílvio Romero*.<sup>299</sup> Observemos: “Lendo no «Sílvio Romero» [...] deparo-me num brilhante estudo que sobre a «Hortênci», de Marques de Carvalho, fez o meu estimado confrade J. Eustáquio de Azevedo, um tópico do qual discordo positiva e absolutamente”<sup>300</sup>. Nessa mesma crônica, Leopardo, embora tenha afirmado que o estudo de Eustáquio de Azevedo se debruçava centralmente sobre o romance de Marques de Carvalho, assegurou que não se dedicaria, em nenhum momento, ao tema principal do ensaio crítico do colaborador do *Sílvio Romero*, mas sim a um aspecto mais pontual desse trabalho: o romance *A carne*, de Júlio Ribeiro.<sup>301</sup> Vejamos:

---

<sup>297</sup> Além de ter sido associado em publicações veiculadas em periódicos belenenses oitocentistas ao Naturalismo no Brasil, Aluísio de Azevedo ainda figurou em algumas folhas diárias na capital paraense como membro da Academia Brasileira de Letras, como autor de peças de teatro e como colaborador de alguns periódicos da Corte, assim como também alguns dos romances que publicou foram estampados em anúncios de venda de livros. Além disso, foi divulgada no *Diário de Belém* em 21 de fevereiro de 1884 uma crônica assinada pelo escritor maranhense intitulada “A mulher brasileira é escravocrata!”.

<sup>298</sup> A coluna *Sem ofensa...* começou a ser estampada nas páginas da *República* entre outubro de 1890 e junho de 1891, sempre assinada sob o pseudônimo de Leopardo. Nessa seção, foram publicadas diversas crônicas sobre os mais variados assuntos.

<sup>299</sup> Convém declararmos que, infelizmente, não encontramos a referida publicação de José Eustáquio de Azevedo lançada nas páginas do *Sílvio Romero* nos números do periódico disponíveis no Setor de Microfilmagem da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (FCPTN).

<sup>300</sup> LEOPARDO. **A República**, Belém, 21 ago. 1890, *Sem ofensa...*, p. 2.

<sup>301</sup> Convém evidenciarmos que não encontramos nas edições do *Sílvio Romero* disponíveis no Setor de Microfilmagem da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves o estudo crítico assinado por José Eustáquio de Azevedo sobre o romance de Marques de Carvalho.

Abstendo-me de expender opiniões sobre o que diz o sr. Azevedo sobre a bem arquitetada obra do ilustre literato paraense [Marques de Carvalho], cito já o trecho que tão má espécie causou-me. É este:

«A Carne», de Júlio Ribeiro, pode ser uma obra bem acabada, para nós, porém, nunca passará de um livro que só pode ser apreciado pelas cozinheiras das casas ricas e pelos sapateiros sensuais de escada.»

Por meio de um tom cordial, o cronista intencionou convencer Eustáquio de Azevedo a repensar a opinião manifestada no *Sílvio Romero* acerca do romance de Júlio Ribeiro.<sup>302</sup> Apesar disso, Leopardo preveniu que não considerava *A carne* como “uma leitura edificante para as almas inexperientes das moças e dos rapazes que, como o nobre amigo [Eustáquio de Azevedo], apesar de viver por aqui há uns bons vinte e cinco anos, ainda conservam aquele «santo pudor que é só das virgens»”. Além disso, o colaborador da *República* questionou o gênero com o qual foi identificada *A carne*. Para o cronista, eram poucos os traços que qualificavam como romance essa obra, “em que se revela, com a mesma autoridade e precisão, o filólogo e o naturalista, o médico e o crítico alegre, o analista e o filósofo, visto como ela não se ressentia desse largo sopro ameno da fantasia e da imaginação inventadora”. Leopardo, portanto, preferiu considerá-la “com o caráter de um relatório, uma fria resenha dos estudos de observação do notável paulista, ou, por outra, um livro que tem por fim único a ostentação modesta dos profundos e apreciáveis conhecimentos do sábio paulistano”.

O colaborador da *República*, no entanto, não considerou que *A carne* fosse digna de leitura apenas das cozinheiras das casas ricas e dos sapateiros sensuais de escada, “simplesmente porque há ali algumas cenas em que o escritor [...] não estendeu um véu coloridamente belo, como nos livros sentimentais, e isso em virtude da intenção assaz louvável de não gerar nos espíritos doentes de pieguice o desejo de reproduzi-las”. Mais adiante, o cronista ainda reiterou que *A carne* “é mais um tratado do que um romance, por isso que ele ensina mais do que ameniza; fortalece o espírito mais pela instrução do que pelas situações poéticas e sentimentais”.

Além de ter defendido que o romance de Júlio Ribeiro apresentou uma intenção moralizante às avessas, Leopardo afirmou que essa mesma obra também dispunha de um apreciável valor linguístico por meio do qual se poderia aprender a língua portuguesa. Observemos: “Eu não acho que «A Carne» seja um romance e por isso abro-a nos meus vagares quando, junto da satisfação de apreciar o purismo do meu patrício ilustre, eu quero ter a de admirar e aprender o meu idioma”.

<sup>302</sup> Convém informarmos que Leopardo, para evitar a repetição do nome de Júlio Ribeiro na crônica em questão, utilizou expressões como “notável paulista” e “sábio paulistano”, mas o autor de *A carne* não nasceu na província de São Paulo, mas sim na província de Minas Gerais, especificamente na cidade de Sabará.

Nesse sentido, Leopardo defende que *A carne*, de Júlio Ribeiro, é uma obra cujo valor reside não apenas no ensino da moral por meio da exibição dos vícios, como também no forte caráter instrutivo, pois o romance do escritor mineiro oferece conhecimentos variados acerca de alguns campos do saber, como a filologia, a filosofia, a crítica e a medicina, além de ostentar um preciosismo linguístico a partir do qual o leitor poderia muito bem instruir-se a respeito da língua portuguesa.

No dia 26 de agosto de 1890, em contrapartida, saiu à luz na coluna *Letras da República* uma resposta de José Eustáquio de Azevedo à crônica de Leopardo. Nessa publicação, o colaborador do periódico literário *Sílvio Romero*, em tom também cordial, afirmou que

Com pesar fazemos ciente a Leopardo que ainda não mudamos de opinião com respeito à *Carne*, de Júlio Ribeiro, tão valentemente defendida por si; continuamos a afirmar, porque somos pirrônicos, que aquele livro é para nós o que há de mais vergonhoso, de mais licencioso, de infame na literatura brasileira contemporânea, embora reconheçamos no seu autor um verdadeiro escritor, talentoso e erudito, inspirado e brilhante.<sup>303</sup>

Nessa resposta ao cronista da *República*, Eustáquio de Azevedo demonstrou-se ressentido pelo fato de Leopardo ter defendido *A carne*, “ao ponto de apontá-la à mocidade estudiosa, como um livro instrutivo e útil”. Segundo o colaborador do *Sílvio Romero*, esses jovens estudiosos poderiam muito bem buscar conhecimento sobre filosofia, crítica, filologia e medicina em outras fontes, “sem ser preciso enjoarmo-nos com a leitura de livros pornográficos e reles, dos pseudorrealistas enfatuados!”. Para tanto, Eustáquio de Azevedo indicou as *Questões vigentes*, de Tobias Barreto, assim como as obras de Álvares de Azevedo “para irmo-nos aprofundar em filologia”; apontou o nome de Sílvio Romero “para deleitarmos com a crítica”; recomendou os estudos de Moniz Barreto “para elucidarmo-nos em filosofia”; sugeriu os nomes de “Jemer, Alibert, Chernoviz e tantos outros para bebermos alguns estudos sobre medicina”. Nessa mesma publicação, Eustáquio de Azevedo ainda acrescentou: “Pois o meu ilustrado confrade acha justo e bem cabido dar preferência a um livro literário, bem escrito, embora, mas, impregnado de torpezas e imoralidades, a um outro em circunstâncias idênticas, porém, criterioso e sério?!”.

Dessa forma, José Eustáquio de Azevedo demonstrou que o leitor da época não precisava entrar em contato com um livro imoral e torpe como *A carne*, de Júlio Ribeiro, para aprender sobre filologia, crítica, filosofia e medicina, pois existiam nesse período outros livros

---

<sup>303</sup> AZEVEDO, Eustáquio de. **A República**, Belém, 26 ago. 1890, Letras, p. 2.

em que os mesmos conhecimentos podiam obtidos sem que os leitores se defrontassem com cenas vergonhosas, licenciosas e infames.

Em meio às críticas relacionadas à moral, o colaborador do *Sílvio Romero* ainda mencionou que a maior parte das páginas do romance de Júlio Ribeiro pecava “pela excessiva falta de modéstia da parte de quem as escreveu, para dar-nos a conhecer a sombra de conhecimentos que possui, conhecimentos que qualquer *quidam* pode exhibir também [...] com o auxílio de alguns livros e bons dicionários!”.

No dia 28 de agosto de 1890, Leopardo lançou no mesmo jornal e na mesma coluna de antes outra crônica estabelecendo mais uma vez um diálogo com as palavras impressas de José Eustáquio de Azevedo sobre o romance de Júlio Ribeiro. Nessa publicação, o cronista afirmou que

Sem o querer talvez, o simpático agressor de Júlio Ribeiro ratificou o que eu afirmei: que «A Carne», do ilustre paulista, é um livro magistralmente bem feito e que não deve ser cometido à leitura gaguejada e crivada de erros de prosódia das cozinheiras das casas ricas (a maioria das quais entre nós ignora até a configuração das letras alfabéticas), e dos sapateiros sensuais de escada (coisa que só conhecemos pela leitura dos romances estrangeiros).<sup>304</sup>

Na crônica em questão, Leopardo também se ressentiu pelo fato de o colaborador do *Sílvio Romero* ter desqualificado a obra de Júlio Ribeiro e recomendado os livros de Álvares de Azevedo à mocidade que desejava aprofundar-se em filologia. Vejamos: “Ora, não consta que o grande poeta brasileiro se dedicasse a estudos filológicos e neles adquirisse tal estatura, tal autoridade que fosse digno do respeito consagrado ao mestre”. Além disso, o cronista ainda se sensibilizou pelo fato de Eustáquio de Azevedo não ter indicado aos jovens que desejam aprofundar-se em filologia a leitura de *A carne*, de Júlio Ribeiro, mas de ter-lhes aconselhado a leitura do *Macário* (peça de teatro) e da *Noite na taverna* (contos), de Álvares de Azevedo, “em cujas artérias corre simplesmente um erotismo adocicado, de parceria com uma fantasia tentadora a espreguiçar-se pela expressão e pelo período”.

Segundo Leopardo sobre *A carne*, “eu não contesto e nem contestei que a obra de Júlio Ribeiro resente-se, em certas situações, da clássica folha de parreira ou então da reticência, – irrisório recurso de que lançavam mão os românticos antigos para, hipocritamente, atenuar a licenciosidade de certos pontos do seu livro”. Conforme ainda o cronista, “a minha questão capital [...] é que «A Carne» não é um livro ordinário, infame, indecente e sem valor. Não. É ele antes um repositório em que fulge um belo espírito observador, culto e apaixonado pela

<sup>304</sup> LEOPARDO. *A República*, Belém, 28 ago. 1890, Sem ofensa..., p. 2.

verdade na arte ao ponto até de sacrificar conveniências”. Assim, percebemos que o colaborador da *República* reiterou o posicionamento sobre o romance de Júlio Ribeiro sustentado na primeira crônica em diálogo com a publicação de Eustáquio de Azevedo lançada no *Sílvio Romero*.

Para encerrar a segunda crônica, Leopardo expôs o posicionamento acerca dos leitores aos quais deveria ser destinada o romance de Júlio Ribeiro. Vejamos:

Não acho que «A Carne» deva repousar na caixa de bordados de uma menina de 15 anos, assim como também reputo uma grave injustiça fazê-la andar, saturando-se do cheiro aperitivo dos guisados das coisinhas ricas, da taboa de fazer picado para o fogão, do fogão para o fumeiro, nodoando-se de banha e massa de tomates. O seu lugar é na estante dos que prezam as belas obras, do que não deixam de apreciar uma perfeita estátua, simplesmente porque o escultor, ardentizado pelo empenho de não sacrificar a verdade, e para ser agradável a meia dúzia de hipócritas que, sem o mínimo de pejo, não estendeu uma tanga em certos lugares indicados pelo convencionalismo de alguns velhacos.

Com base no debate a respeito da *carne* entre José Eustáquio de Azevedo, escritor paraense e idealizador do *Sílvio Romero*, e Leopardo, cronista anônimo e colaborador da *República*, percebemos que o romance de Júlio Ribeiro, embora tenha sido publicado em São Paulo, não passou despercebido pelas páginas da imprensa periódica belenense oitocentista e também causou divergências entre jornalistas e literatos na capital paraense.<sup>305</sup>

A partir das páginas da *República*, do *Diário de Notícias* e do *Diário de Belém*, podemos perceber, por exemplo, que não havia um consenso entre as discussões a respeito do Naturalismo na imprensa periódica belenense oitocentista. Ora o Naturalismo era considerado contra a moral, contra a religião e contra Deus, propunha a exibição de cenas licenciosas nas produções vinculadas a essa orientação literária e ainda apresentava, de modo geral, um conjunto de produções de valor literário medíocre, ora era julgado como uma forma de literatura equivocadamente compreendida, não apenas pelos leitores em geral, como também às vezes até mesmo pelos próprios autores adeptos, que produziam trabalhos carregados com cenas grotescas de vulgaridade. Ora o Naturalismo era um modelo cultivado por escritores e artistas ignorantes, ora era elevado à categoria de disciplina séria e ao estatuto de ciência. Ora o maior expoente e o verdadeiro pai do Naturalismo na França era Émile Zola, ora Gustave Flaubert, ora Honoré de Balzac, ora Alexandre Dumas. Ora o Naturalismo era abordado como

---

<sup>305</sup> É válido mencionarmos que Júlio Ribeiro não foi mencionado na imprensa periódica belenense oitocentista apenas como um romancista brasileiro adepto do Naturalismo, mas também como um famoso gramático da língua portuguesa durante o final do século XIX e o início do século XX. Vilhena Alves, por exemplo, era um jornalista e poeta paraense que divulgava “estudos gramaticas” nas páginas da *República* e, muitas vezes, recorria aos conhecimentos de Júlio Ribeiro sobre gramática. É provável que Vilhena Alves tivesse lido a *Gramática portuguesa* (1881), o único compêndio gramatical de autoria de Júlio Ribeiro.

se fosse um bloco único e fechado, ora como se apresentasse duas vertentes distintas: enquanto, de um lado, havia um modelo “latrinário”, considerado falso, vulgar e repulsivo; existia, do outro, um modelo estimado como correto, ideal e promissor. Ora o Naturalismo no Brasil era considerado um modelo servilmente importado da Europa e inferior ao frutífero e próspero Romantismo, ora era avaliado como uma nova, fecunda e proeminente tendência literária a ser instaurada no país durante a República. Ora o Naturalismo no Brasil era censurado pela ausência de patriotismo e ideal, ora era exaltado pelo enorme poder de observação da realidade.

Desse modo, podemos conceber que essas publicações divulgadas em periódicos belenenses oitocentistas e veiculadas durante o período de vigência do Naturalismo demonstram que, embora houvesse sem dúvida uma ideia do que era essa orientação literária em Belém no final do século XIX, não havia, no entanto, uma compreensão uniforme, consensual e fechada acerca do modelo naturalista nas páginas da imprensa periódica da capital paraense nas duas últimas décadas do Oitocentos. NA *República*, no *Diário de Notícias* e no *Diário de Belém*, verificamos, portanto, que o aparecimento do Naturalismo dividiu a opinião de escritores e jornalistas na Belém desse período e promoveu um debate efervescente entre os adeptos do Romantismo e os entusiastas do Naturalismo.

É possível afirmarmos também que o Romantismo na capital paraense, mesmo com o surgimento do Naturalismo, mantinha-se ainda presente e muito expressivo, de tal modo que as discussões a favor e contra algum desses dois estilos de época, assim como também as produções românticas e antirromânticas, coexistiam nas páginas da imprensa periódica que circulava em Belém nas duas últimas décadas do século XIX.

Além disso, se considerarmos os diversos estudos realizados a respeito da crítica sobre o Naturalismo tanto na França quanto no Brasil, é possível percebermos que os julgamentos acerca do aparecimento da nova escola literária durante o final das duas últimas décadas do Oitocentos em nível tanto nacional quanto internacional são muito semelhantes às apreciações estampadas nas páginas da imprensa belenense oitocentista.<sup>306</sup> Esse fato demonstra que

---

<sup>306</sup> Em relação aos estudos que se dedicaram à crítica naturalista tanto na França quanto no Brasil ou que apresentaram um estudo do Naturalismo francês e brasileiro a partir de uma nova perspectiva, cf. ALMEIDA, Leandro Thomaz de. **Literatura naturalista, moralidade e natureza**. 2013. 192 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2013; CORRÊA, Patrícia Alves Carvalho. **O naturalismo em perspectiva comparada: de Émile Zola a Aluísio de Azevedo**. 2011. 297 f. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Educação e Humanidades, Instituto de Letras, 2011; MENDES, Leonardo; CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. Naturalismo aqui e là-bas. **O Eixo e a Roda** (UFMG), v. 18, p. 109-128, 2009. Sobre os trabalhos que propuseram a estudar a crítica naturalista na França ou que se prontificaram a estudar o Naturalismo francês a partir de um novo ângulo, cf. CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. Estética naturalista e configurações da modernidade. In: MELLO, Celina Maria Moreira de; CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira (organizadores). **Crítica e movimentos**

jornalistas e escritores na capital paraense estavam bastante atentos às discussões e aos debates estabelecidos acerca dos estilos de época não apenas no Brasil como também – e sobretudo – na Europa. Não é à toa que os nomes de escritores europeus – a exemplo de Émile Zola, Gustave Flaubert e Eça de Queiroz – e brasileiros – a exemplo de Aluísio de Azevedo e Júlio Ribeiro – eram mencionados com certa frequência nas páginas de periódicos belenenses oitocentistas.

---

**estéticos:** configurações discursivas do campo literário; BAGULEY, David. **Le naturalisme et ses genres**. Paris: Nathan, 1995. A respeito das pesquisas que se debruçaram sobre a crítica literária a respeito do Naturalismo no Brasil ou que se inclinaram a respeito da escola naturalista brasileira a partir de um novo prisma, cf. MENDES, Leonardo. **O retrato do imperador:** negociações, sexualidade e romance naturalista no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000; MENDES, Leonardo. As qualidades da incorreção: o romance naturalista no Brasil. In: MELLO, Celina Maria Moreira de; CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira (organizadores). **Crítica e movimentos estéticos:** configurações discursivas do campo literário; MENDES, Leonardo. O romance republicano: naturalismo e alteridade no Brasil, 1880-90. **Letras & Letras**, v. 24, p. 189-207, 2008; FARIA, Neide. O naturalismo e o(s) naturalismo(s) no Brasil. **Travessia**. Florianópolis, n. 16-18, p. 124-147, 1989.

### 3.2. Os românticos

No prefácio do romance “O pajé”, publicado aos pedaços nos primeiros meses do ano de 1887 na coluna *Folhetim da República*, Marques de Carvalho anunciou aos leitores do jornal que cortou definitivamente os laços que o mantinham atados aos ideais românticos.<sup>307</sup> Vejamos: “alienei-me da velha escola romântica, desprezei-lhe os abusos e prolixidades, para deixar-me levar pela grande orientação literária da nossa época”<sup>308</sup>. NA *Arena*, periódico literário e artístico de propriedade do escritor paraense, Marques de Carvalho lançou, no mesmo ano meses mais tarde, o ensaio intitulado “Da crítica literária”, no qual se demonstrou ressentido pelos moços paraenses que “caminham às cegas, vivendo a vida romântica dos atletas de 1830, sem que lhes passe pela mente a lembrança de que o Naturalismo abrirá a nós, moços de hoje, as portas do século XX, com essa grande chave que se chama – *a escola literária dos documentos humanos!*”<sup>309</sup>. Desse modo, é possível percebermos que Marques de Carvalho, nesse ensaio divulgado na *Arena*, dividiu, de certo modo, os escritores conterrâneos e contemporâneos em dois grupos distintos: de um lado, se encontravam os românticos, que não se sentiram muito animados com as novas concepções promulgadas pelo recém-chegado Naturalismo e, por essa razão, preferiram continuar atrelados aos ideais do conceituado, proeminente e tradicional Romantismo; do outro, estavam presentes os naturalistas, que se contrapunham ao modelo anterior, considerado há alguns poucos anos desgastado e ultrapassado, e enxergavam com grande entusiasmo e veneração a mais nova orientação literária do momento.

Do grupo dos autores românticos, Paulino de Brito foi, sem dúvida, o maior expoente, em razão das inúmeras produções tanto em verso quanto em prosa que esse escritor amazonense divulgou nas páginas da imprensa periódica belenense oitocentista. Desse modo, os jornalistas que se prontificaram a elaborar, em linhas gerais, julgamentos críticos acerca dos trabalhos literários de Paulino de Brito não se eximiram de tecer comentários a respeito da inclinação do autor pelo Romantismo.

No *Diário de Belém* em fevereiro de 1885, Marques de Carvalho, por exemplo, divulgou um ensaio crítico em que traçava um perfil sobre a vida, a prosa e a poesia de

<sup>307</sup> É interessante que “O pajé” saiu à luz na *República* com o epíteto logo abaixo do título de “romance naturalista”. No prefácio desse romance, Marques de Carvalho, no entanto, empregou também o termo “realismo” para se referir à “grande orientação literária da nossa época”. Vejamos: “Aqueles que pateiam hoje o realismo aplaudi-lo-ão amanhã, logo que o tenham compreendido”. Assim como verificamos anteriormente em alguns periódicos que circularam em Belém durante as duas últimas décadas do século XIX, tal fato demonstra que o autor paraense também utilizou os dois vocábulos sem estabelecer nenhuma distinção.

<sup>308</sup> CARVALHO, Marques de. O pajé. *Diário de Belém*, Folhetim, 18 jan. 1887, p. 3.

<sup>309</sup> CARVALHO, Marques de. Da crítica literária. *A Arena*, 9 jun. 1887, p. 72.

Paulino de Brito.<sup>310</sup> No segundo fascículo desse ensaio, o autor paraense afirmou que Paulino de Brito escreveu o romance “O homem das serenatas” a partir dos ideais românticos. Vejamos: “No *Homem das Serenatas* Paulino de Brito filiou-se a essa escola sentimental, que se dedica a estudar, a analisar as chagas do coração humano, escola cujo corifeu na França foi Lamartine, o melancólico amante de Graziela...”<sup>311</sup>.

É válido esclarecermos que Marques de Carvalho algumas vezes se demonstrou contra o fato de Paulino de Brito manter-se ainda vinculado à escola literária romântica, como no poema dedicado ao escritor amazonense intitulado “Resolução”, publicado na coluna *A pedidos do Diário de Belém* em 19 de junho de 1885. Ei-lo:

Poeta, escuta: o tempo é bom pra o egoísmo,  
pra prova sensabor, pra o gozo bestial;  
agora só se encontra o pedantismo  
de braço com a impudência cínica, imoral.

Esfrega-se na lama o *célico lirismo*  
da Musa do presente, – a Musa sensual,  
que se ocupa de dia em mantos de ascetismo  
e à noite vai dançar na imunda bacanal.

Não vale ser poeta meigo e sorridente,  
Cantar a virgindade cândida, inocente  
Nuns versos ideais, à margem da ribeira...

Por isso eu já mandei a minha pobre Musa  
tomar um banho bom à fonte de Aretusa,  
e fico aqui, sozinho, olhando a tanta asneira.<sup>312</sup>

Nesse poema, é notório como Marques de Carvalho satirizou o estilo literário ao qual Paulino de Brito se filiou. No primeiro verso da primeira estrofe, o eu-lírico dirigiu-se ao escritor amazonense por meio do vocativo “poeta”. É válido ressaltarmos que Paulino de Brito, embora tenha se aventurado por diversos gêneros literários, como a poesia, o conto e o romance, era reconhecido, principalmente, pelo cultivo de versos nas publicações divulgadas nas páginas da maioria dos periódicos que circularam por Belém nas duas últimas décadas do século XIX. Muitas publicações lançadas no *Diário de Belém*, por exemplo, anunciavam como o “distinto poeta” Paulino de Brito, sobretudo em eventos artístico-literários, era frequentemente convidado a recitar para o público algumas de suas “magníficas poesias” e, ao final do último verso declamado, era sempre “freneticamente aplaudido”. No dia 16 de junho

<sup>310</sup> Dividido em quatro fascículos publicados nos dias 24, 25, 26 e 27 de fevereiro de 1885 na coluna *Letras e Artes do Diário de Belém*, esse ensaio de Marques de Carvalho foi escrito em homenagem a Paulino de Brito e apresenta como título o nome do amigo e colega de ofício.

<sup>311</sup> CARVALHO, Marques de. Paulino de Brito. **Diário de Belém**, Belém, 25 fev. 1885, Letras e Artes, p. 2.

<sup>312</sup> CARVALHO, Marques de. Resolução. **Diário de Belém**, Belém, 19 jun. 1885, p. 2.

de 1881, por exemplo, foi realizado em Belém um espetáculo em benefício de Júlio César Ribeiro de Sousa (1843-1887), cuja arrecadação lhe seria destinada para auxiliá-lo no empenho de demonstrar em Paris a exequibilidade das suas teorias científicas sobre a navegação aérea.<sup>313</sup> Nesse evento, o *Diário de Belém* anunciou que “Os Srs. Paulino de Brito e Magalhães Castro recitaram [...] duas magníficas poesias. Foram todos freneticamente aplaudidos”<sup>314</sup>.

Ainda na primeira estrofe do poema de Marques de Carvalho, o eu-lírico, quando afirmou nos dois primeiros versos que o tempo estava propício para o “egoísmo”, para a “prova sensorial” e para o “gozo bestial”, colocava em relevo particularidades que apresentavam uma relação muito próxima com as máximas do Naturalismo e, dessa forma, assegurava para o poeta Paulino de Brito que essa escola literária estava em ascensão no final do século XIX e se apresentava como a mais nova tendência estético-literária do momento. Nos dois últimos versos da primeira estrofe, o eu-poético, no entanto, apesar de ter afirmado anteriormente que o tempo era favorável ao Naturalismo, revelou, por meio do termo “agora”, localizado no terceiro verso da primeira estrofe, que ainda predominava, naquele momento, o Romantismo, o qual foi referido pelo eu-lírico de uma maneira muito pejorativa: “agora só se encontra o pedantismo / de braço com a impudência cínica, imoral”. Essa forma desdenhosa dessa voz subjetiva do poema reportar-se ao movimento romântico ganha um sentido maior a partir da leitura da estrofe seguinte.

Na segunda estrofe, o eu-poético referiu-se, metonimicamente, às “musas do presente”, que se distinguiam – e muito! – das musas idealizadas pelos adeptos do Romantismo nas suas criações literárias. Enquanto estas fascinavam e serviam de inspiração aos poetas românticos e simbolizavam a virtude, a candura e a delicadeza, aquelas ostentavam sensualidade e, ao mesmo tempo, encarnavam em si mesmas um certo dualismo, que se manifesta precisamente nos dois últimos versos: “que se ocupa de dia em mantos de ascetismo / e à noite vai dançar na imunda bacanal”. Essa parte do poema sugere que as “musas do presente” comportavam-se à vista de todos dentro dos padrões socialmente estabelecidos, como sugestiva a expressão “de dia”, e, quando se encontravam longe dos olhares dos outros, entregavam-se a um comportamento considerado inadequado pela sociedade da época, como insinua a expressão de valor antitético “à noite”. Desse modo, é

<sup>313</sup> Júlio César Ribeiro de Sousa nasceu no dia 13 de junho de 1843, em Acará, município localizado no estado do Pará, e faleceu em Belém, capital do estado, no dia 14 de outubro de 1887, aos quarenta e quatro anos. Foi gramático premiado, poeta, jornalista, funcionário público e inventor. Destacou-se, no entanto, pelo pioneirismo no desenvolvimento da dirigibilidade aérea. Mais informações a respeito de Júlio César Ribeiro, cf. AZEVEDO, José Eustáquio de. *Antologia Amazônica: poetas paraenses*. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1918.

<sup>314</sup> *Diário de Belém*, Belém, 18 jun. 1881, p. 2.

fácil compreendermos por que “Esfrega-se na lama o *célico lirismo* / da Musa do presente – a Musa sensual”, pois essa figura de inspiração, que antes era contemplada pelos poetas românticos a partir de uma perspectiva fortemente idealizada, foi delineada pelo eu-lírico do poema por meio de um aspecto estritamente difamatório e desdenhoso.

Na terceira estrofe, o eu-poético, quando proferiu que “Não vale ser poeta meigo e sorridente / Cantar a virgindade cândida e inocente / Nuns versos ideais, à margem da ribeira...”, elencou peculiaridades tipicamente atribuídas aos poetas adeptos dos ideais românticos e, por essa razão, insinuou ao poeta Paulino de Brito que, em fins do século XIX, essa forma de cultivar poesia a esses moldes não era mais tão frutífera e apreciável quanto antes. Uma das razões que o eu-lírico apresentou para explicar essa mudança reside no fato de as “musas do presente” não se manifestarem mais da mesma forma de antes como fontes de inspiração aos poetas, pois não reuniam mais qualidades dignas de serem apreciadas por esses autores de versos.

Na quarta e última estrofe, o eu-poético afirmou que, em razão do lado obscuro e licencioso daquelas que serviam de inspiração aos poetas, mandou a sua pobre musa tomar banho na fonte de Aretusa, monumento que representava a virtude, a pureza e a ingenuidade.<sup>315</sup> Desse modo, o eu-lírico sugere que o banho nessa fonte acarretaria a purificação da sua musa. No último verso, o eu-poético, porém, confessou, em tom irônico e sarcástico, que essa ideia correspondia a uma asneira. Esse fato, portanto, sugere que a absolvição das “musas do presente”, em qualquer instância, seria uma prática ridícula e impossível.

Nesse sentido, torna-se evidente o desejo de Marques de Carvalho de convencer Paulino de Brito a se desvencilhar dos ideais românticos e a adotar os moldes naturalistas. Por meio de um poema em forma de sátira dedicado ao amigo poeta no qual são exaltadas determinadas peculiaridades do Naturalismo, no qual é desencorajada a produção de versos a partir das amarras do Romantismo e no qual são desmitificadas as musas que serviam de inspiração aos cultivadores de poesia, o escritor paraense procurou demonstrar, sobretudo a Paulino de Brito, que, enquanto o modelo romântico encontrava-se naquela época saturado, o

---

<sup>315</sup> Segundo a mitologia grega, Aretusa era uma ninfa que pertencia ao cortejo de Ártemis – filha de Zeus e irmã gêmea de Apolo – e, assim como a deusa, era avessa ao amor. Porém, Alfeu, deus do rio, havia se apaixonado pela bela ninfa quando a viu tomar banho num rio límpido e começou a persegui-la. Para fugir do encalço de Alfeu, Aretusa, que se encontrava sem forças para continuar a fugir, pediu ajuda a Ártemis e a deusa, diante das poderosas águas de Alfeu, resolveu transformá-la em fonte. Apesar disso, Alfeu, sem desistir da amada, internou-se também na terra e veio brotar junto à fonte de Aretusa. Assim, o deus do rio uniu as suas águas às da ninfa em um eterno enlace amoroso.

Naturalismo, em contrapartida, situava-se em plena ascensão e futuramente se firmaria como um modelo promissor e fecundo.

Convém, no entanto, ilustrarmos que Marques de Carvalho, quando publicou o artigo dedicado a Paulino de Brito em 1885 no *Diário de Belém*, posicionou-se contrariamente à leitura de determinados romances, como *Pot-Bouille* (1882), de Émile Zola; *Mademoiselle Giraud* (1870), de Adolphe Belot; e *O crime do padre Amaro* (1875), de Eça de Queiroz. Segundo o escritor paraense, essas publicações “exercem influências nefastas e condenáveis sobre o maior número de quem [a]s lê” e “produzem indigestões dolorosas no estômago de quem as ingere. Querem acaso uma mestra mais sábia e mais metódica do que a natureza, que se encarrega de, num certo *momento* dado, revelar-nos à razão verdades e conhecimentos até ali ignorados?...”<sup>316</sup>. Para Marques de Carvalho, o romance de Paulino de Brito, contrariamente, apresentou-se como uma criação magnífica, visto que foi “ornado de boa moral – uma moral sã, trescalando virtudes” e, por essa razão, não ofendia os costumes nem as instituições e podia ser lido por qualquer indivíduo. A partir, portanto, do ensaio crítico-bibliográfico dedicado à vida e ao conjunto da obra de Paulino de Brito, é provável que o autor paraense tenha se manifestado favoravelmente ao romance do amigo e colega de ofício amazonense e contrariamente aos romances de Émile Zola, Adolphe Belot e Eça de Queiroz porque, em 1885, ainda não havia sido impregnado pelos ideais do mais novo estilo de época do período.

Convém, no entanto, desconfiarmos, em certa medida, da crítica favorável de Marques de Carvalho ao romance de Paulino de Brito em razão dos fortes laços de amizade existentes entre os dois escritores amazônicos. No ensaio bibliográfico que dedicou ao amigo e colega de ofício, é notória a admiração que o autor paraense sentia pela figura do ficcionista e poeta amazonense. Vejamos: “Possam estas linhas, que aqui coloco à guisa de biografia, testemunhar a Paulino de Brito a estima que lhe consagro afetuosamente”<sup>317</sup>. Do mesmo modo, é possível ainda intuímos que Marques de Carvalho referiu-se com uma estratégica ironia a respeito dos romances dos escritores europeus a fim de enunciar apenas nas entrelinhas que essas obras podiam proporcionar aos leitores verdades e conhecimentos até então ignorados. Nesse caso, os romances naturalistas, segundo o escritor paraense, moralizariam a partir da exposição de cenas de vícios, artifício muito comum empregado pelos defensores da nova escola literária no Brasil do final do século XIX.

<sup>316</sup> CARVALHO, Marques de. Paulino de Brito. *Diário de Belém*, Belém, 25 fev. 1885, Letras e Artes, p. 2.

<sup>317</sup> CARVALHO, Marques de. Paulino de Brito. *Diário de Belém*, Belém, 24 fev. 1885, Letras e Artes, p. 2.

Percebemos que a intuição naturalista de Marques de Carvalho foi defendida pela primeira vez com bastante veemência e entusiasmo no prefácio do romance “O pajé”, publicado em fascículos no rodapé da *República* no início de 1887. Nesse mesmo ano, apenas alguns meses depois da divulgação desse trabalho, Marques de Carvalho também defendeu os princípios da mais nova orientação literária do momento quando lançou o ensaio “Da crítica literária” na *Arena*, no qual exaltou sobremaneira a figura de Émile Zola. No ano seguinte, manifestou-se também a favor dos ideais naturalistas no prefácio da *Hortência*, o único romance do escritor paraense publicado em volume. Em todas essas publicações, Marques de Carvalho defendeu com veemência e entusiasmo o Naturalismo, movimento literário que adotou, idealizou, defendeu ferrenhamente e almejou legitimar durante a carreira de escritor. É válido ainda salientarmos que o poema “Resolução”, que Marques de Carvalho dedicou a Paulino de Brito, foi publicado no *Diário de Belém* em 19 de junho de 1885. Essa publicação, embora tenha sido lançada meses depois do ensaio biobibliográfico escrito por Marques de Carvalho sobre a vida e a obra de Paulino de Brito, indica ao menos que o escritor paraense estava acerbado da intuição naturalista muito antes da publicação do romance “O pajé”.

Entre dezembro de 1885 e janeiro de 1886, o *Diário de Belém* publicou esparsamente na coluna *Letras e Artes* algumas cartas escritas por Paulino de Brito com a intenção de promover um diálogo com o ensaio biobibliográfico assinado por Marques de Carvalho.<sup>318</sup> Na primeira carta publicada em 17 de dezembro de 1885, o escritor amazonense confessou que não compreendeu o posicionamento contraditório do amigo e colega de ofício sobre a sua admiração simultânea tanto pelo lirismo quanto pelo realismo, considerados por Paulino de Brito como duas vertentes inconciliáveis. Observemos:

Outro fato que não pode deixar de me causar espécie, meu bom e distinto amigo, é que você, « sentindo grande repugnância pela escola realista », concorde entretanto com ela nos pontos capitais e essenciais da sua doutrina. Com efeito, se você concorda que a missão da poesia na sociedade é desempenhar as funções de cautério, de vesicatório ou de emoliente, curar inchaços, extirpar cancos, queimar podridões, fazer concorrência aos sinapismos, às papas de linhaça, à salsa e à copaíba; se você entende ainda que para chegar-se a tão poético resultado a teoria a adotar é a homeopática – *similia similibus* –, isto é, curar a imoralidade com livros imorais, o vício com o próprio espetáculo do vício, – se pensa assim, meu caro Carvalho, consinta que lhe diga: você então pertence aos arraiais do lirismo pela mesma boa razão porque em nosso país muita gente pertence ao partido liberal ou ao

<sup>318</sup> Segundo uma nota divulgada em 20 de dezembro de 1885 no *Diário de Belém*: “Na seção *letras e artes* abrimos hoje espaço à primeira das cartas com que o nosso colega e distinto acadêmico Paulino de Brito responde aos amigos do nosso amigo Marques de Carvalho, publicadas, há tempos, na *Província do Pará*. Bastante e vantajosamente conhecido do público, Paulino de Brito prescinde de qualquer recomendação que dele possamos fazer: o esforçado literato recomenda-se por si mesmo”. Cf. **Diário de Belém**, Belém, 17 jan. 1885, p. 2.

conservador – por sistema e não por convicção; não é, pois, sectário « convicto e sincero » da escola lírica, como afirma, e como erroneamente se persuade que é.<sup>319</sup>

Foi publicada também no rodapé do *Diário de Belém* no dia 30 de janeiro de 1887 uma carta escrita por Lucinda dos Reis e destinada à amiga Alzira de Azevedo. Nessa publicação, a remetente apresentou para a destinatária algumas impressões sobre a leitura do romance de Paulino de Brito, pois essa obra lhe foi enviada pela amiga como presente de aniversário: “Ontem acabei de ler o delicadíssimo romance que me enviaste como presente de anos: O HOMEM DAS SERENATAS, de Paulino de Brito”<sup>320</sup>. Uma das primeiras impressões de leitura de Lucinda dos Reis sobre o trabalho do escritor amazonense foi acerca dos protagonistas. Vejamos: “Entre em casa com a lembrança melancólica de Berta e a figura dolorosamente simpática de Alberto que o Paulino descreve com a pena a extravasar de mágoas, pesando-me na imaginação como dois deliciosos martírios”. É possível observarmos que a missivista identificou-se com Berta e Alberto, pois essas personagens principais foram criadas a partir dos ideais românticos: “*Alberto*, aquele pintor cheio de gênio e de orgulho e *Berta*, aquela menina ébria de felicidades risonhas e de esperanças puras como o sorriso inocente que lhe baila na boquinha de flor, são dois tipos belíssimos, duas bonitas criações”. Na noite anterior à escrita da carta, Lucinda dos Reis recebeu à noite a visita de umas antigas amigas de colégio. À mesa de chá, começou uma palestra sobre o romance de Paulino de Brito. Quase todas as moças mostraram-se extremamente entusiasmadas por Alberto, menos “a Nené, a mais moça, com a sua costumada garridice e apreciável humor, [que] provocou a nossa hilaridade, dizendo que gostava imensamente do Anacleto, – aquele pedante muito rico e muito parvo”. Nesse sentido, podemos perceber que as leitoras não apenas se identificaram com o herói da narrativa, construído a partir de um ideal romântico, como também antipatizaram com o vilão, uma figura que se contrapõem em extremo a esse modelo de perfeição.

Apesar da aversão por Anacleto, Lucinda dos Reis afirmou na carta a Alzira que conhecia muitas pessoas semelhantes ao vilão: “Na verdade, Alzira, eu conheço na vida real infelizmente muitos Anacletos, indivíduos que ao tempo que nos provocam certa repugnância, impõem-se pela sua imbecilidade e parvoíce à nossa compaixão”. Segundo Jesús Martín-Barbero, o romance-folhetim “produz a identificação do mundo narrado com o mundo do

<sup>319</sup> BRITO, Paulino de. A propósito de um livro: cartas a Marques de Carvalho. *Diário de Belém*, 17 jan. 1885, Letras e Artes, p. 2.

<sup>320</sup> REIS, Lucinda dos. Cartas a Alzira de Azevedo. *Diário de Belém*, Belém, 30 jan. 1887, Folhetim, p. 2.

leitor popular” e “se dirige às mesmas pessoas sobre as quais discorre”<sup>321</sup>. De maneira semelhante, Débora Garcia e Luzmara Ferreira afirmam que as personagens das histórias folhetinescas “representam modelos de comportamento para a sociedade do século XIX”<sup>322</sup>. Nesse sentido, podemos perceber que Lucinda dos Reis identificou-se com os heróis, Berta e Alberto, porque essas personagens são representadas no enredo do romance de Paulino de Brito como modelos socialmente positivos e supervalorizados, que devem ser seguidos pelos indivíduos como os mais perfeitos exemplos de moral. A missivista, por sua vez, criou aversão pelo vilão da história, Anacleto, porque essa figura, ao contrário dos protagonistas, encarna em si mesmo os vícios abomináveis de modo geral pela sociedade e deve ser compreendido como um modelo negativo, ao qual as pessoas se devem contrapor. Além disso, a identificação de Lucinda dos Reis com as personagens foi possível porque esses elementos narrativos, apesar de fictícios, assemelham-se com os indivíduos da vida real. A remetente, por exemplo, afirmou que conhecia muitas pessoas que infelizmente se equiparavam ao parvo e repulsivo Anacleto.

Na mesma carta, Lucinda dos Reis também exaltou o romance de Paulino de Brito pelo fato de o autor amazonense não tê-lo vinculado aos princípios realistas/naturalistas.<sup>323</sup> Vejamos:

O primoroso livro não se ressentia felizmente dessas liberdades de expressões e nudez de quadros que na opinião de bem robustos, porém desnorteados talentos, caracterizam a fase moderna do romantismo.

Eu não compreendo, Alzira, a missão dos nossos escritores realistas, sem atirar-lhes a revolta do meu bom gosto ofendido.

Qual é, pois, o interesse que dá ao nosso meio social o homem que desce a um abismo tenebroso e pútrido para vir apresentar-nos impudentemente as matérias em decomposição que lá existiam?

Paulino manteve-se na altura de um romancista crente e adverso aos prejuízos impostos pela *soit disant* escola moderna e isso concorreu vantajosamente para que o seu livro pudesse ser lido por todas as classes, sem acarretar-lhes prejuízo algum.

Feliz, minha amiga, muito feliz é aquele que se salva desta nociva onda moderna, abraçado às velhas crenças de outrora e menosprezando os que lhe dizem que ele não é *homem do seu tempo!*<sup>324</sup>

Nesse sentido, podemos perceber que Lucinda dos Reis demonstrou um apreço inestimável pelo romance de Paulino de Brito porque essa obra de cunho fortemente

<sup>321</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: Comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009, p. 187-188.

<sup>322</sup> GARCIA, Débora Cristina Ferreira; FERREIRA, Luzmara Curcino. Leitores de folhetim do século XIX no Brasil: uma análise de representações discursivas desses *novos leitores* de folhetim do *Correio Paulistano*. **Revista da ANPOLL**, Florianópolis, n. 36, v. 1, p. 105-131, jan./jun. 2014, p. 127.

<sup>323</sup> Na carta a Alzira, Lucinda dos Reis, em alguns momentos, remete-se ao termo “Naturalismo” ou a um dos seus derivados e, em outros, ao termo “Realismo” ou a um dos seus derivados.

<sup>324</sup> REIS, Lucinda dos. Cartas a Alzira de Azevedo. **Diário de Belém**, Belém, 30 jan. 1887, Folhetim, p. 2.

romântico foi produzida com base nos princípios morais – como a honestidade, a bondade, o respeito, a virtude, entre outros – e, por essa razão, poderia tranquilizar e edificar o espírito de quem a lesse. Segundo a missivista, foi muito apropriado para o escritor amazonense não ter se aventurado pela “escola moderna” e, conseqüentemente, não ter exposto cenas grotescas e prejudiciais ao espírito dos indivíduos.

Na coluna *Galeria Alegre* do *Diário de Belém*, também foi publicado, em 23 de setembro de 1888, outro ensaio crítico dedicado a Paulino de Brito, só que dessa vez assinado sob o pseudônimo de RI-DENTE.<sup>325</sup> Nesse trabalho, o autor, assim como Marques de Carvalho, demonstrou-se ressentido com o fato de o escritor amazonense manter-se ainda filiado ao Romantismo. Vejamos: “O único defeito que [Paulino de Brito] tem, e que eu sinto muito, é pertencer ele à velha escola de 1830, cujo descambar já se faz sentir no mundo do pensamento”<sup>326</sup>.

Embora tenha recebido críticas, Paulino de Brito ainda continuou mantendo o próprio estilo atrelado aos ideais românticos. Nos dias 15 e 17 de novembro de 1885, por exemplo, foi publicado na coluna *Folhetim* do *Diário de Belém* o conto “Como se esvai um sonho”, que se enquadra perfeitamente nos moldes dessa escola literária.<sup>327</sup> Nessa produção, os jovens protagonistas moravam um em frente ao outro; porém, enquanto a heroína era filha de um argentário e residia num suntuoso palácio, o herói era um pobre artista e habitava uma casa muito mais humilde.<sup>328</sup> O mancebo começou a espreitar “da sua humilde janelinha térrea” a bela moça que, no final de todas as tardes, tinha o costume de se debruçar sobre a janela do palácio onde morava para contemplar o crepúsculo, para apreciar as flores do jardim ou simplesmente para entregar-se aos seus inocentes devaneios. Todos os dias ao fim da tarde, esse episódio se repetia da mesma maneira: a jovem aparecia à janela e o rapaz se colocava a observá-la: “E havia já muito tempo que, às mesmas horas, renovava-se a mesma cena”<sup>329</sup>. Essa rotina, porém, foi interrompida quando a protagonista surpreendeu o violinista a contemplá-la. Diante dessa situação, a menina “sorriu e como tinha sorrido corou, e retirou-se

<sup>325</sup> É válido ressaltarmos que todas as produções que saíram à luz na coluna *Galeria Alegre* do *Diário de Belém* foram assinadas sob o mesmo pseudônimo de RI-DENTE e se apresentavam como publicações de teor crítico-bibliográfico que se prontificavam a oferecer um panorama sobre a produção geral de escritores paraenses, como Paulino de Brito, Marques de Carvalho e Frederico Rhossard.

<sup>326</sup> RI-DENTE. Paulino de Brito. *Diário de Belém*, Belém, 23 set. 1888, *Galeria Alegre*, p. 2.

<sup>327</sup> Além dessa narrativa, Paulino de Brito ainda publicou em 2 de fevereiro de 1889 na *Parte Literária* do *Diário de Belém* “O enterro de um coração”, outro conto que também se enquadra perfeitamente nos moldes românticos.

<sup>328</sup> É válido ressaltarmos que nenhuma personagem foi nomeada nessa narrativa de Paulino de Brito. A heroína, por exemplo, foi algumas vezes referida no conto como “a filha do argentário”, “a moça”, “a donzela”, “a visão do palácio”, “a noiva”, entre outras. O herói, por sua vez, foi denominado de vez em quando como “o artista”, “o moço da janelinha térrea”, “o moço”, e assim por diante.

<sup>329</sup> BRITO, Paulino de. Como se esvai um sonho. *Diário de Belém*, Belém, 15 nov. 1885, *Folhetim*, p. 2.

da janela”. Após esse ocorrido, o rapaz reconheceu que a amava, inquietou-se e teve medo, pois acreditava que a desigualdade da fortuna entre os dois era um empecilho para a concretização desse amor e, por essa razão, resolveu mudar-se para outro lugar. Pela madrugada, porém, começou a pensar por outro prisma, visto que se lembrou “de muitos exemplos de casamentos desiguais de fidalgos com plebeus, de ricos com pobres, de soberanos com vassalos”. Só assim conseguiu acalmar-se e pegar no sono. No outro dia, esqueceu-se da ideia de trocar de endereço e, ao finalzinho da tarde, colocou-se novamente como um observador apaixonado. A moça, como lhe era de costume, apareceu à janela no mesmo horário habitual e não tardou a observar o artista. Quando o percebeu, “sorriu de novo, mas desta vez não se retirou”. A partir desse momento, uma nova rotina foi instaurada: “Correram os dias, e com eles renovaram-se iguais olhares, reproduziram-se os mesmos sorrisos”.

É válido esclarecermos que o conto de Paulino de Brito apresenta unicamente o prisma do protagonista e, em nenhum momento, oferece a perspectiva da heroína. É o herói que, durante o decorrer da narrativa, intuía a partir de alguns pequenos indícios que a vizinha o correspondia no sentimento. Há, por exemplo, um momento em que a moça, numa determinada tarde, foi ao jardim colher flores e, de vez em quando, “lançava a furto um olhar para o artista, e este interpretava esse olhar como a muda manifestação do pesar que a moça experimentava por não lhe poder oferecer”. Desse modo, percebemos que o herói nem sequer desconfiou que o olhar da jovem poderia sugerir outras interpretações, como uma expansão da vaidade satisfeita ou um puro capricho feminino; preferiu deduzi-lo da maneira que melhor lhe aprouvesse e optou por adotá-lo como certo. Após esse momento, a moça tirou uma rosa do ramalhete que carregava nas mãos e começou a girá-la por entre os dedos. Depois de um certo tempo, a flor “escapou-lhe da mão, e voando por entre a grade, veio cair sobre a calçada, na rua. A donzela seguiu seu caminho, e em breve desapareceu”. O rapaz, por sua vez, “compreendeu, ou julgou compreender: saiu, mais cauteloso que um ladrão, e possuído de uma comoção imensa juntou a flor, bem como as pétalas que se lhe tinham deslocado ao cair, e que jaziam dispersas pelo chão”. Do mesmo modo como ocorreu no episódio do olhar, o violista compreendeu que a vizinha deixou a rosa cair de propósito para que o seu observador a pegasse depois e a guardasse como uma prova de amor e afeto. Outra cena em que o mesmo fato também ocorreu realizou-se quando o herói começou a escutar a amada executar ao piano composições musicais de Beethoven e Schubert. Essas peças eram as preferidas do jovem violinista e, por essa razão, o rapaz acreditou que esse fato não foi uma obra do acaso. Vejamos:

O fato de preferir a moça aquelas peças que antes não faziam parte do seu repertório, pareceu muito significativo ao artista; com certeza não era puro acaso: era deliberação, e esta deliberação traduzia lembrança, e esta lembrança queria dizer – amor. E assim devia ser: tinham já a linguagem do olhar, a do sorriso, a das flores; por que não haviam de ter também a da música? Tinham-na agora. Que felicidade, ó céus!<sup>330</sup>

É válido ressaltarmos que os dois jovens “nunca até então haviam trocado uma palavra sequer, uma linha escrita, ao menos. Nem precisavam, pois sem isso, tudo sabiam, tudo entendiam, tudo diziam”. Dessa forma, é possível percebermos que o próprio narrador, a partir da metade da narrativa, sugeriu que a relação estabelecida entre os protagonistas apresentava uma reciprocidade, mas não insinuou, em nenhum momento, que a protagonista correspondia ao amor do artista.

Depois que a filha do milionário descobriu que tinha um admirador, foi instaurada entre os protagonistas uma nova rotina, que envolvia, dessa vez, olhares mútuos, sorrisos cruzados, flores e música. Essa rotina foi descrita pelo narrador da seguinte forma:

Basta dizer que todas as tardes a mesma visão vinha iluminar a janela guarnecida de trepadeiras, ou divagar entre as rosas do jardim; os mesmos olhares relampagueavam a furto; os mesmos sorrisos cruzavam-se a medo, as mesmas flores escapavam *por acaso* de uma mãozinha aristocrática e vinham cair para o lado da rua; e, quando chegava a noite, por uma curiosa *coincidência*, de um lado um piano e uma garganta de rouxinol, e de outro um violino, com pequeno intervalo faziam ouvir os mesmos gemidos e os mesmos soluços. E assim foi, por muitos meses.

Essa nova rotina se quebrou quando o “moço da janelinha térrea”, ainda que quisesse permanecer, teve de partir para uma excursão artística, pois estava obrigado por contrato. Ausentou-se, então, por quinze dias e, durante esse período, nutriu “em silêncio as suas saudades”. Embora tenha passado uma curta temporada sem comparecer ao compromisso diário com a filha do argentário, desfrutou de muitos momentos gloriosos, pois “era aparecer em público, e o entusiasmo incendiava as plateias, desencadeava-se a tempestade de aplausos, disputava-o a simpatia geral”. Desse modo, o nome do artista começou a despontar na imprensa e o protagonista tornou-se, finalmente, uma celebridade.

Quando regressou “coberto de louros, transbordando de esperanças e de alegria”, colocou-se à janela no mesmo horário de sempre, como antes lhe era de costume, mas “a janela sombreada de trepadeiras conservou-se deserta, até que a noite caiu, e ele recolheu-se com um grande aperto no coração”.

<sup>330</sup> BRITO, Paulino de. Como se esvai um sonho. **Diário de Belém**, Belém, 17 nov. 1885, Folhetim, p. 2.

No dia seguinte, percebeu uma grande agitação na palaciana mansão do milionário. Criados, lacaios agaloados e pessoas estranhas entravam e saíam continuamente conduzindo volumes de diferentes formas e tamanhos e, por essa razão, o violinista imaginou logo que os vizinhos estavam preparando uma festa. Para então passar o tempo e se distrair, saiu para ministrar algumas lições. Assim que voltou, observou “uma fila de carruagens elegantes e brasonadas” estacionadas em frente ao palácio e um aglomerado de curiosos situados próximo de uma “larga porta de aspecto triunfal”. Mal havia entrado em casa quando escutou muitas vozes exclamarem: “– A noiva! A noiva!”. Nesse instante, o artista precipitou-se para a janela e viu entrar para um carro “um vulto airoso e branco, de uma brancura ideal, com um longo véu que lhe caía até os pés, e uma grinalda de flores de laranjeiras que lhe cingia a cabeça”. No momento em que percebeu que a noiva à qual estavam se referindo era a filha do argentário, julgou que havia sido ludibriado e sentiu-se como se um penhasco tivesse desabado sobre a cabeça. Apesar de tê-la visto vestida de noiva, pensou que a jovem talvez estivesse se casando por insistência da família e, por essa razão, precisava olhá-la no rosto e resolveu dirigir-se à igreja. Quando chegou ao lugar do casamento, a cerimônia já havia terminado. Para o seu próprio descontentamento, notou que a noiva, no momento em que passava por entre uma chuva de flores, “estava radiante de alegria!”.

Depois dessa decepção, o herói voltou para casa, atirou-se em cima de uma cadeira e permaneceu ali por um longo período. Sentia-se ainda atordoado e, para acalmar-se, começou a tocar o violino. A execução principiou de modo hesitante, mas, aos poucos, tornava-se cada vez mais agitada e febril. Depois de um tempo, o violinista foi serenando gradualmente o compasso até executar uma nota discordante seguida de um ruído surdo.

Na tarde do dia seguinte, a heroína, quando chegou à janela do palácio “mais bela do que nunca, com a fronte coberta de palor e languidez romântica” e ainda acompanhada pelo braço do esposo, teve uma visão sinistra que lhe impulsionou a volver o rosto: testemunhou um grupo de homens vestidos de preto retirando um caixão da casa fronteira. E assim foi finalizada a narrativa.

A partir do final da narrativa, é possível percebermos que a protagonista não trocava olhares e sorrisos com o artista nem lhe oferecia flores e músicas por amá-lo, mas sim por um pequeno capricho feminino ou por uma questão de legítima vaidade. Se amasse verdadeiramente o violinista, não se casaria com outro homem ou, ao menos, não demonstraria felicidade na cerimônia de casamento.

Do mesmo modo como ocorria às protagonistas de narrativas de cunho romântico e às musas inspiradoras de jovens rapazes apaixonados, o narrador do conto atribuiu às feições da

moça uma beleza excepcional e fascinante: “a filha do argentário era realmente bela. Bela ao ponto de enlouquecer um homem, bela o bastante para acender miríades de sonhos na mente de qualquer mortal”. Além disso, podemos notar que a moça, durante a narrativa, apresentava outros predicados, pois cantava como um rouxinol, tocava piano e apreciava flores.

O herói, por sua vez, apresenta-se como uma personagem fortemente atrelada aos ideais românticos, pois (1) apaixonou-se à primeira vista por uma moça bonita e recatada que se colocava todos os finais de tarde à janela de um palácio localizado em frente à sua humilde casa, sem nem sequer ao menos lhe dirigir uma palavra; (2) conscientizou-se de que amava a bela donzela, mas jamais procurou estreitar os laços com a jovem moça, pois o próprio amor era o suficiente para que o pobre violinista se sentisse venturoso; (3) embora soubesse que a protagonista morava num suntuoso palácio e era filha de um argentário, interessava-se unicamente pela figura da jovem moça; (4) demonstrou-se mais contrito quando notou a felicidade da protagonista após a cerimônia de casamento, pois ainda continuaria a amá-la se tivesse a certeza de que o matrimônio lhe havia sido imposto pela família e, por essa razão, não havido sido realizado pelo assentimento da heroína. Esse fato demonstraria que, apesar do ocorrido, a protagonista ainda se mantinha fiel ao amor que nutria pelo artista.

É significativo também o modo como o narrador, em algumas situações, demonstra que o interesse do rapaz pela moça não mantinha qualquer relação com a riqueza do argentário. No início da narrativa, esse mesmo narrador, por exemplo, explicitou que o violinista, quando contemplava a moça, não se fixava, em nenhum momento, no lugar deslumbrante onde a protagonista morava, pois o pobre rapaz “erguia os olhos para o suntuoso palácio, admirando, não aquela magnificência de pedra, mas aquele prodígio de graças, aquela visão feiticeira”. Desse modo, o narrador esclarece que o amor que o violinista sentia pela filha do argentário era puro e desprovido de qualquer interesse pela fortuna da família dessa moça.

A morte do artista também demonstra como o conto de Paulino de Brito estava imbuído de concepções românticas. O violinista, depois de descobrir que a mulher por quem se apaixonara havia se casado com outro, pensou que não deveria sucumbir, pois acreditava que ainda tinha um futuro brilhante com a carreira de músico, cujo sucesso tinha começado a despontar: “Ainda tenho a glória, tenho um futuro expendido diante de mim!”. É válido esclarecermos que, apesar desse pensamento entusiasmante diante de uma recente decepção, o herói não resistiu ao golpe que recebeu da filha do argentário e, por essa razão, sucumbiu e faleceu. Esse fato evidencia que o protagonista idealizava fortemente o amor, de tal modo que a glória do sucesso por meio da música não foi suficiente para mantê-lo ainda vivo.

Além de Paulino de Brito, outro autor cuja produção literária seguiu os moldes românticos foi João de Deus do Rêgo (1868-1902).<sup>331</sup> Ainda que tenha se dedicado mais aos versos do que a prosa de ficção, o escritor maranhense aventurou-se pela escrita de contos. É importante ressaltarmos que alguns contos de João de Deus do Rêgo foram inspirados em outras produções do mesmo gênero lançadas anteriormente no rodapé das páginas do *Diário de Belém* e assinadas por escritores paraenses. “Isaura”, por exemplo, foi publicada em 14 de fevereiro de 1886 e foi inspirada no conto de Paulino de Brito sobre o qual nos debruçamos anteriormente. Segundo o próprio João de Deus do Rêgo, “Este meu modesto trabalho [Isaura] foi escrito sob a impressão que me deixou a leitura do primoroso folhetim – Como se esvai um sonho – do talentoso acadêmico Paulino de Brito”<sup>332</sup>. “O sepulcro das flores”, por sua vez, saiu à luz em 30 de maio de 1886 e foi afunilado pelo conto assinado por Iranez de Lara intitulado “As flores do sepulcro”, que foi divulgado em dois fascículos nos dias 6 e 7 de outubro de 1886.<sup>333</sup> De acordo com o escritor maranhense, “Um interessante folhetim intitulado: AS FLORES DO SEPULCRO, produção dum distinto amigo meu publicado neste Diário já há algum tempo, fez-me ocorrer à mente o que abaixo entrego à apreciação esclarecida dos meus benévolos leitores”<sup>334</sup>.

Assim como o conto de Paulino de Brito, “Isaura” foi o primeiro trabalho ficcional escrito em forma de prosa por João de Deus do Rêgo publicado no *Diário de Belém* e trata-se de uma narrativa que revela um alto teor romântico.<sup>335</sup> Isaura é a protagonista que atribuiu título a essa produção do escritor maranhense e, assim como uma típica heroína romântica, é apresentada ao leitor como “uma dessas almas poéticas e sonhadoras, um sacrário, enfim, de candidez e virtudes”, “formosa como uma oriental e pura como os primeiros albos da aurora” e “despida de todos os sentimentos de vaidade que a opulência podia gerar-lhe”. A protagonista também era filha única de Jorge de Aguiar, personagem descrito como “um

<sup>331</sup> João de Deus do Rêgo nasceu no dia 22 de novembro de 1868 em Caxias, município do Maranhão, e faleceu no dia 30 de junho de 1902 em Belém, capital do estado do Pará, aos trinta e três anos. Embora tenha nascido no Maranhão, veio ainda muito jovem para a capital paraense e, aos dezessete anos, ingressou na imprensa periódica belenense como auxiliar de repórter do *Diário de Belém*. Depois de entrar para esse jornal, passou pelo *Diário do Grão-Pará*, pela *República* e, finalmente, pela *Folha do Norte*. Em especial no *Diário de Belém*, publicou um número significativo de poemas esparsos e ainda se aventurou pela escrita de alguns contos. Foi um dos idealizadores e sócio ativo da *Mina Literária* e membro tanto da *Academia Paraense de Letras* quanto da *Academia Maranhense de Letras*.

<sup>332</sup> RÊGO, João de Deus do. Isaura. **Diário de Belém**, Belém, 14 fev. 1886, Folhetim, p. 2.

<sup>333</sup> Não encontramos biografias sobre Iranez de Lara em antologias, dicionários ou enciclopédias. A partir dos dados disponíveis no *Diário de Belém*, o que podemos afirmar a respeito desse jornalista e escritor é que atuava como um eventual colaborador desse periódico, jornal para o qual escrevia, sobretudo, crônicas que eram publicadas na coluna *Folhetim*.

<sup>334</sup> RÊGO, João de Deus do. O sepulcro das flores. **Diário de Belém**, Belém, 30 maio 1886, Folhetim, p. 2.

<sup>335</sup> Além de “Isaura” e “O sepulcro das flores”, João de Deus do Rêgo publicou outros contos de teor romântico nas páginas do *Diário de Belém* em *Folhetim*, como a “História de uma judia”, lançada em 13 de junho de 1886; “A mameluca”, divulgada em 11 de julho de 1886, e “Adélia”, saída à luz em 16 de janeiro de 1887.

desses capitalistas, que supõe o poder monetário acima de todos os poderes da inteligência”, “de contínuo sério e de uma gravidade altiva” e “sistemático intransigente”. Além disso, o pai da heroína “quase nenhuns amigos tinha” e “desconfiava de tudo e de todos”.

Nessa narrativa, Jorge de Aguiar exerce a função de antagonista e, por essa razão, não apenas atua no enredo como o componente responsável por atrapalhar o amor entre os protagonistas – Isaura e Artur –, como também encarna em si mesmo uma série de vícios, como o egoísmo, a ambição, a intransigência, o autoritarismo, a desconfiança exacerbada, a antipatia e a perversidade.

Jorge de Aguiar “vivia numa elegante chácara situada no pitoresco subúrbio da cidade de \*\*\* em companhia de Isaura”, mas a filha do capitalista detestava o próprio lugar onde morava, pois “aquela casa aonde nunca penetrara a alegria santa da família era como um sepulcro, em que se afundavam todas as divinas ilusões dos quinze anos”. Essa atmosfera de tristeza e melancolia que predominava nesse ambiente no qual residiam dois indivíduos de naturezas distintas era causada pelo egoísmo e pela ambição do pai da protagonista. Para tentar modificar não apenas o aspecto sepulcral da casa onde morava, mas também a índole de Jorge de Aguiar, Isaura não media esforços para tentar dissipar “o véu sombrio de tristeza que velava o rosto do velho egoísta”, mas os afagos e as carícias da meiga menina não eram suficientes para mudar um coração no qual “já estava vetusta a árvore da ambição”.

O sofrimento de Isaura, contudo, não era causado apenas pelo ambiente taciturno que a rodeava nem pelo gênio ganancioso do pai, que deveras a afligia e muito a entristecia. A jovem protagonista apaixonou-se à segunda vista por um homem que “um dia vira passar”. No primeiro encontro, apenas simpatizou com a fisionomia do rapaz e, “[n]o segundo dia em que se viram, um quer que seja estranho principiou a perturbar o sossego do coração de Isaura e uma visão risonha e vaporosa a velar-lhe os sonhos virginais”. Essa perturbação no coração de Isaura foi designada pelo narrador de amor. Vejamos:

Era o amor, esse sentimento puro, esse eflúvio do céu, esse rastro de luz que nos deixou o olhar paterno de Deus! Era o amor este sonho divinamente belo que fez de Verona um berço eterno de flores e fantasias, onde dormiam Romeu e Julieta, tendo por dossel – a imensidade azulada, por lâmpada – a lua, e por melodias – a brisa a sussurrar fremente na coma das florestas solitárias.

O homem por quem a protagonista se apaixonara chamava-se Artur e “tinha uma dessas fisionomias que produz imediatamente simpatia na pessoa que a vê pela primeira vez: fronte larga, tez alva como um lírio, primoroso bigode a ensombrar-lhe os lábios, olhos vivos e brilhantes, traje simples e pobre. Era um poeta”. Isaura, portanto, “amava um homem pobre,

mas honrado, um desses que se alimenta dos néctares da esperança no futuro e das ilusões no presente, um poeta enfim”. Dessa forma, o amor que a filha do capitalista nutria por Artur, assim como as protagonistas de produções românticas, era desprovido de qualquer interesse socioeconômico, visto que o jovem poeta não lhe podia proporcionar nada mais além do próprio amor. Para a menina, os atributos mais importantes para serem vislumbrados no homem predestinado para amá-la eram apenas a índole, a honra, a fidelidade e a lealdade, assim como o sentimento puro, despretensioso e gratuito.

Para aumentar ainda mais o martírio da heroína, o pai “pertencia ao número de certos homens que consideram poetas uns medíocres versejadores que passam os dias e as noites pelos botequins ou pelos bordeis, dissipando a fortuna dos pais ou sacrificando seus próprios créditos e honradez”. Esse fato, portanto, é o principal elemento responsável por impedir a concretização do amor entre os jovens protagonistas.

O ápice da narrativa ocorreu quando Jorge de Aguiar flagrou Isaura e Artur juntos no jardim trocando carícias. Nesse instante, o pai da heroína fitou insolentemente o mancebo e deveras o insultou. O jovem poeta, apesar das injúrias que escutou, “permaneceu firme como uma muralha” e “ouviu todos os insultos e não repeliu um só, porque junto de si estava uma criança que, com os olhos lacrimosos e as faces bastante falidas, suplicava-lhe que não o fizesse”.

O desfecho da narrativa para as três personagens foi trágico. No dia seguinte à cena em que surpreendeu a filha trocando carícias com o jovem poeta, Jorge Aguiar padeceu de uma congestão cerebral após o jantar e veio a falecer. Também em razão da “impressão que recebeu naquela tarde funesta”, Artur, por sua vez, enlouqueceu e morreu “pronunciando o nome da mulher que era a verdadeira encarnação do seu ideal”. Isaura, por fim, “condenou-se ao celibato” e “a única coisa que lhe preocupa a mente é a lembrança do seu primeiro amor”. É possível percebermos, portanto, que a filha do capitalista, mesmo após a morte de Artur, permaneceu fiel ao sentimento que nutria por esse jovem poeta.

“O sepulcro das flores”, por sua vez, foi o segundo conto assinado por João de Deus do Rêgo divulgado no *Diário de Belém* e, como afirmamos anteriormente, foi inspirado em outra narrativa do mesmo gênero publicada no mesmo jornal, escrita por Iranez de Lara e intitulada “As flores do sepulcro”. Essa última publicação narra a história de amor entre Sílvia e Cecílio. Esses dois jovens apaixonaram-se à primeira vista, pois “viram-se e amaram-se” e, desse momento em diante, “sempre que lhes oferecia ocasião para estarem juntos,

entregavam-se à doce, terna, mas inocente contemplação de seus amores”<sup>336</sup>. Depois de algum tempo, Cecílio, por uma razão que não foi explicitada no conto, foi obrigado a partir, mas os protagonistas “selaram com um beijo o juramento de eterna fidelidade...”.

Havia, no entanto, decorrido um ano da partida de Cecílio e Sílvia nunca mais recebera “uma letra, uma carta, sequer uma notícia”<sup>337</sup>. Enquanto esperava pelo homem que amava e se martirizava pela falta de notícias, o rapaz casou-se na igreja “com a filha de um rico capitalista”. Esse casamento, no entanto, apenas aconteceu porque o pai de Cecílio, “um honrado e antigo comerciante”, estava com “dificuldades insuperáveis” para realizar “o pagamento de algumas letras a vencer”. O jovem, portanto, “compreendeu todo o alcance do seu sacrifício” e casou-se com uma mulher que não amava para “salvar o pai da morte e da vergonha”.

Dias após o casamento de Cecílio, Sílvia não aguentava mais suportar o martírio do abandono. Numa determinada noite, padeceu de uma febre e de “uma excitação nervosa bastante assustadora” e, na manhã seguinte, faleceu abraçada a um ramalhete de madressilvas e jasmims que havia preparado para o homem que amava. No dia seguinte ao seu enterro, “admirou-se o coveiro de ver que da sepultura brotavam florindo muitos ramos de jasmims e madressilvas, as flores do ramalhete de Sílvia, às quais daí em diante o povo começou a chamar – AS FLORES DO SEPULCRO”.

No conto de João de Deus do Rêgo, o protagonista romântico da narrativa, por sua vez, “era um pobre rapaz muito simpático e talentoso chamado Álvaro de Menezes” e, em meio aos amigos “sempre satisfeitos e possuídos da alegria descuidosa e larga dos quinze anos”, “era o único que não participava das [...] expansões e divertimentos”. Por mais esforços que os amigos empreendessem, jamais conseguiram “levá-lo ao Theatro, a alguma reunião familiar, a um concerto etc.”. Segundo o narrador-personagem, Álvaro costumava responder aos amigos “com um sorriso melancólico e dolorido a pairar-lhe nos lábios ensombrados por um bigode cetinoso”: “– Detesto o prazer. Acho tão suave a solidão! Divirtam-se; eu fico”.

O narrador do conto, por sua vez, era um amigo que não apenas observava atenciosamente a melancolia, a introspecção e a aversão aos prazeres e aos divertimentos de Álvaro, como também alguém que se tornaria, mais tarde, um confidente a quem o protagonista confidenciaria a causa da sua constante tristeza e da sua imensa dor.

<sup>336</sup> LARA, Iranez de. As flores do sepulcro. **Diário de Belém**, Belém, 6 set. 1885, Folhetim, p. 2.

<sup>337</sup> LARA, Iranez de. As flores do sepulcro. **Diário de Belém**, Belém, 7 set. 1885, Folhetim, p. 2.

Num determinado dia quando regressava da escola, o narrador flagrou o amigo a chorar segurando uma delicada caixinha em cuja tampa superior estava escrito “O SEPULCRO DAS FLORES DELA”. Assim que percebeu que o companheiro se aproximava, o protagonista escondeu o objeto numa gaveta às pressas, levantou-se um pouco atrapalhado e, “com aquele sorriso – misto de mágoa e desconsolo – que tanto exprimia, mau grado seu, a dor insana e perene que lacerava-lhe o íntimo”, cumprimentou-o. O amigo indagou sobre o conteúdo da caixinha, mas o protagonista – estremeando – respondeu-lhe a princípio que não era nada importante e, logo em seguida, completou a resposta com a informação de que apenas guardava naquela caixinha alguns instrumentos para desenho que revistava quando o companheiro entrou. Sem acreditar nessa resposta, o narrador continuou insistindo até que o herói assentiu em revelar-lhe a sua história: “– O sentimento da amizade ordena a franqueza; ouve-me”.

Nesse momento, uma narrativa secundária é interposta à narrativa principal e o protagonista passa a atuar como o narrador dessa segunda história para revelar ao amigo a razão da sua dor e da sua tristeza.<sup>338</sup> Há cinco anos, Álvaro apaixonara-se por Angelina, uma moça que encarnava em si mesma uma perfeição ingênua e uma formosura distinta, associadas a elementos tanto do céu quanto da natureza. Vejamos: “Tinha a beleza inocente de um anjo, e o suave candor de uma alvorada de Maio. Na tez divinamente encantadora, havia a palidez das magnólias das Índias, nos lábios, o purpúreo vivo e aveludado das rosas tropicais”. Da mesma maneira que os heróis do conto de Iranez de Lara, o protagonista da narrativa de João de Deus do Rêgo apaixonou-se à primeira vista por Angelina: “Há cinco anos, [...] vi uma mulher a quem amei [...]. A minha alma adormecida despertou ao raio benéfico do seu olhar. Principiou a avultar-me no seio um desejo puríssimo que eu mesmo não sabia definir. [...] Amei-a”. Angelina, por sua vez, correspondeu ao sentimento de Álvaro e “jurou[-lhe] amor constante, embora tivesse de tragar as fezes da desventura” e, desse momento em diante, os dois jovens viveram momentos maravilhosos de paixão e afeto.

Esses momentos, no entanto, não perduraram por muito tempo, visto que Angelina, depois de certo tempo, trocou Álvaro por um rival. O narrador descreveu o antagonista da seguinte forma:

---

<sup>338</sup> A narrativa secundária foi marcada formalmente pelo autor a partir do uso de sinais gráficos, como os dois-pontos e as aspas francesas. Esse último sinal gráfico foi inserido no início de cada parágrafo relativo à segunda história e no final apenas do último. Os dois-pontos, em contrapartida, foram introduzidos após a expressão “ouve-me” presente na fala de Álvaro, que assumiu logo em seguida o posto de narrador da narrativa intercalada. Além da marcação gráfica, o narrador da história principal indicou também para o leitor que a narração do protagonista do conto de João de Deus do Rêgo havia sido finalizada com a seguinte frase: “Aqui terminava a narrativa do inditoso Álvaro”.

Era belo, mas tinha a alma negra como as noites tempestuosas de inverno.  
 O bom fisionomista veria, através da ternura, que simulava os seus olhares, as  
 chamadas de um sensualismo brutal.  
 Roubou-me o coração dessa criança. E ela... desprezou-me.  
 Quando o desgraçado surpreendia, pendente das minhas pálpebras arroxeadas uma  
 lágrima de pesar, para mais ostentar a sua vaidade, atirava-me às faces condoídas  
 uma gargalhada de ironia.

Nesse sentido, podemos perceber que o rival atuava como o antagonista na narrativa de João de Deus do Rêgo, pois não apenas era o responsável por interferir no amor puro entre Álvaro e Angelina, como também apresentava qualidades pouco apreciáveis para os moldes românticos, como a dissimulação, a luxúria, o escárnio e a vaidade.<sup>339</sup> Álvaro, em contrapartida, figurava como o herói romântico e, por essa razão, reunia em si mesmo uma série de virtudes, como a sensibilidade, a honradez, a simpatia, o amor, a amizade, a lealdade e a sentimentalidade. Desse modo, a heroína, à luz dos ideais românticos, agiu com leviandade quando preferiu um indigno sedutor ao virtuoso Álvaro e, diante da própria imprudência, foi castigada pelo destino.

Numa determinada manhã, Angelina casou-se com o antagonista. Nos primeiros dias, foi cercada de cuidados pelo marido, mas, depois de certo período, o cônjuge encheu-se de tédio e “foi procurar delícias e aventuras no seio venal da barregã”. A esposa, diante dessa situação, “principiou a sentir no coração o peso letal do desengano”. Após o começo do casamento, as lágrimas, o remorso, a amargura e o desgosto tornaram-se tônicas na vida de Angelina.<sup>340</sup>

Quando viu a mulher que amava entrando na igreja ao lado de outro homem, Álvaro soltou um grito agudo, perdeu os sentidos e caiu redondamente no chão. Quando chegaram e encontraram o amigo desvanecido, os companheiros logo chamaram um médico. Em razão dos cuidados do facultativo, o protagonista foi aos poucos se restabelecendo.

Depois dessa indisposição, Álvaro saiu para um passeio matutino e encontrou um antigo colega que havia regressado da Itália após os progressos que obteve na arte da escultura. Nesse momento, o protagonista explicou ao amigo ouvinte que foi esse colega

---

<sup>339</sup> É interessante assinalarmos que a beleza em narrativas românticas é apresentada comumente como uma virtude, uma qualidade despreziosa, cândida e pueril, sem sensualidade, materializada geralmente na figura do herói e da heroína. No conto de João de Deus do Rêgo, a beleza do rival de Álvaro, no entanto, é associada a um “sensualismo brutal”, visto que o antagonista tinha consciência dos respectivos encantos físicos e, por essa razão, era vaidoso, convencido e dissimulado. Esse personagem usou a formosura que detinha em proveito próprio para seduzir Angelina e demonstrar-se vitorioso em relação a Álvaro de Meneses na disputa amorosa pelo coração da jovem protagonista.

<sup>340</sup> Em razão de uma pequena mutilação na página do *Diário de Belém* onde consta “O sepulcro das flores”, o conto de João de Deus do Rêgo, não podemos informar exatamente qual foi desfecho de Angelina.

escultor que esculpiu na tampa superior daquela caixinha as palavras que tanto lhe aguçaram a curiosidade: “O SEPULCRO DAS FLORES DELA”. O herói revelou-lhe ainda que nesse objeto guardava como recordação do amor de Angelina as pétalas de rosas ressequidas que a jovem meiga e risonha lhe oferecia “depois de tê-la[s] conservado algum tempo no seio ou nos cabelos”.

Depois de Álvaro narrar ao amigo confidente o desfecho trágico da própria história de amor, o narrador da narrativa principal reassumiu o direcionamento da trama e mencionou que o herói, quando terminou de expor o seu fatídico passado, começou a sentir dificuldade para respirar. Um médico às pressas foi chamado pelo companheiro e, ao examiná-lo, disse que não havia nenhum procedimento que pudesse executar para salvá-lo. No mesmo dia em que faleceu, Álvaro solicitou ao amigo que o último desejo de um moribundo fosse cumprido e pediu-lhe então que a caixinha com a inscrição “O SEPULCRO DAS FLORES DELA” fosse para o túmulo com o seu cadáver. Antes de morrer, o protagonista “entreabriu os lábios já sem cor, e deles escaparam-se estas palavras: – Angelina! Angelina!”. No dia seguinte, ocorreu o velório do defunto e, como era o derradeiro desejo de Álvaro, o amigo colocou a referida caixinha dentro da sepultura com os restos mortais do herói da narrativa de João de Deus do Rêgo.

Nesse trabalho do escritor maranhense em especial, o empecilho que atrapalhou a concretização do amor entre os heróis não decorreu de um fator socioeconômico, mas sim da leviandade da protagonista, que trocou um rapaz honrado e romântico por outro indigno e dissimulado. Nessa narrativa, a condição social de nenhuma das personagens foi colocada em relevo, embora seja perceptível que todas pertençam a uma hierarquia econômica privilegiada. No primeiro conto de João de Deus do Rêgo – “Isaura” –, a protagonista, por exemplo, não conseguiu casar-se com Artur porque o jovem rapaz era poeta e não tinha fortuna, predicado que o pai da protagonista bastante apreciava. No trabalho de Iranez de Lara – “As flores do sepulcro” –, por sua vez, Cecílio sacrificou o amor que sentia por Sílvia para casar-se com a filha de um rico capitalista para salvar o pai da falência. Também na produção de Paulino de Brito – “Como se esvai um sonho” –, a diferença social interpõe-se visivelmente como uma tensão entre os protagonistas: de um lado, um pobre artista que morava numa casa simples; do outro, a filha de um argentário que vivia num suntuoso palácio.

Além de Paulino de Brito e João de Deus do Rêgo, outros autores paraenses publicaram contos enquadrados nos ideais românticos no final do século XIX. No rodapé do *Diário de Belém*, Acrísio Mota, por sua vez, publicou, em três fascículos, precisamente nos dias 22, 26 e 29 de janeiro de 1888, um “conto moderno” intitulado “A filha da baronesa”.

Desde o início até o final dessa narrativa, os negros cativos estão presentes em grande quantidade como personagens secundárias, seja exercendo atividades domésticas na casa dos senhores, seja desempenhando trabalho braçal na lavoura de cana do engenho, seja cumprindo as ordens do feitor ou do proprietário da fazenda. Nesse trabalho de ficção de Acrísio Mota, há, no entanto, um negro escravizado em especial que, em vez de exercer um papel secundário, assim como todos os outros restantes, fixou-se justamente no centro da trama, visto que assumiu o papel de herói.

Nesse conto, Marcos – o herói – era um garoto negro e cativo que tinha sete anos quando foi escolhido para servir de companheiro para os folguedos da filha única do barão de X..., Clarinha – a protagonista. A menina, desde quando completou quatro anos, apresentava o hábito de montar no dorso de Marcos como se o pequeno fosse um burrinho. Apesar da condição na qual se encontrava, o menino “parecia adaptar-se àquela vida de obediência passiva, como se com aquilo sentisse alguma satisfação, algum prazer desconhecido”<sup>341</sup>. Desse modo, é possível percebermos que Marcos pouco se importava quando criança com a condição servil na qual se encontrava, pois não apenas sentia prazer em atender aos caprichos de Clarinha, como também não demonstrava nenhum descontentamento em servi-la como se lhe fosse um brinquedo.

Enquanto o rapazinho adaptara-se a atender aos caprichos da filha do barão, Clarinha, por seu turno, “também habituara-se àqueles brinquedos, que não condiziam com o seu sexo; e ter sempre junto a si o seu molequinho predileto”. As duas crianças, em razão da convivência diária e constante, afeiçoaram-se um ao outro de tal modo que a menina, por exemplo, não realizava as refeições se não fosse com Marcos, “debaixo de um copado jasmineiro que ela chamava *a nossa casinha*”. Uma vez que o pai a repreendeu por esse capricho, a menina chorou muito e, para conter as lágrimas da filha, o barão resolveu voltar atrás da sua decisão. Clarinha sonhava à noite com o rapazinho e, logo depois de acordar, saía para procurá-lo a fim de perguntar como o amigo havia passado, se estava doente e se desejava recomeçar a brincadeira do dia anterior. Marcos, em contrapartida, “respondia afirmativamente, contemplando, a sorrir, aquele rostinho onde se estampava a felicidade sem nuvens de desgosto”<sup>342</sup>. Clarinha e Marcos passavam o dia inteiro a brincar, a correr atrás de borboletas e a escutar o canto alegre das pipiras.

Dessa forma, é possível observarmos que a filha do barão concebia a sua relação com Marcos de duas formas distintas. Ao mesmo tempo em que se apropriava de Marcos como se

<sup>341</sup> MOTA, Acrísio. A filha da baronesa. **Diário de Belém**, Belém, 22 jan. 1888, Folhetim, p. 2.

<sup>342</sup> MOTA, Acrísio. A filha da baronesa. **Diário de Belém**, Belém, 26 jan. 1888, Folhetim, p. 2.

o pequeno garoto lhe fosse um brinquedo para ser usado em todas as suas diversões, Clarinha apresentava uma enorme consideração pelo companheiro de infância, visto que o rapazinho sempre lhe inspirava cuidado, preocupação e carinho.

Quando Clarinha completou oito anos, as duas crianças foram obrigadas a se separar, pois o pai da garota resolveu mandá-la à cidade para estudar num colégio interno. Nesse lugar, a menina entrou em contato com os livros e “chegou a descobrir o nome daquele sentimento que nutria por Marcos; chamava-se Amor”. A filha do barão, embora estivesse apaixonada por um rapaz negro e escravo, acreditava que “nada tinha de extraordinário aquele amor, que para si era uma segunda vida”. Nesse sentido, podemos perceber que a cor e a condição servil de Marcos jamais foram um pretexto para que a filha do barão tentasse repelir o amor que sentia pelo jovem cativo. A moça, embora tivesse consciência de que poderia fatalmente afastá-los o fato de Marcos não ser um homem branco e livre, aceitava esse sentimento com anuência e coragem.

Os dois jovens passaram vários anos sem nenhum contato.<sup>343</sup> Apesar disso, o sentimento que a garota sentia por Marcos permaneceu todo esse tempo inalterado. Depois de terminar os estudos, Clarinha escreveu uma carta ao pai e solicitava que o barão fosse buscá-la. Após dois dias, o barão foi ao colégio interno para realizar o pedido da filha “vestindo um rigoroso luto”. Nesse momento, a menina recebeu a notícia de que a mãe havia morrido e “chorou muito, mas esqueceu depressa: o seu único desejo era ver Marcos, saber se ele gostava ainda de si, se não havia esquecido de tudo”. Dessa forma, é possível observarmos que a protagonista não sofreu grandes abalos nem sentiu uma grande tristeza pela morte da baronesa, pois o que desejava, acima de tudo, era saber se Marcos estava bem e se também a amava.

Durante o tempo em que Clarinha esteve no colégio interno, “Marcos crescera; tornara-se um crioulo esbelto e musculoso. Belo era ver-se a maneira porque trabalhava; unicamente vestido com uma calça de dril azul, a costa toda nua a gotejar enormes bagas de suor, decepando canas com um terçado e fazendo grandes feixes, que trazia sobre os ombros”. Apesar da distância e dos anos que o separavam da companheira de infância, o rapaz ainda “chora[va] pelo passado que parecia não querer voltar mais”. A partir desse excerto, podemos

---

<sup>343</sup> É válido ressaltarmos que, em determinado momento da narrativa, o narrador informa que Clarinha foi para o colégio interno quando estava com oito anos e, em outro, anuncia que a menina “entrara para aquela casa de educação com onze anos e agora saía com dezoito; sete anos passados longe da família e seis meses sem receber notícia alguma”. Desse modo, não podemos precisar exatamente o tempo em que Clarinha e Marcos estiveram distantes um do outro.

perceber que Marcos, apesar dos anos e da distância, ainda se encontrava enamorado por Clarinha.

Quando os dois se reencontraram “na *casinha* dos tempos felizes”, o narrador descreveu esse momento da seguinte forma: “Alguém que passasse por ali ouviria duas exclamações ardentes; e se procurasse abaixar-se para ver surpreenderia duas pessoas enlaçadas num abraço e que choravam e soluçavam de contentamento”.

Depois, porém, de seis meses da estada de Clara na fazenda, o velho barão começou a questionar-se sobre o estado e o comportamento da filha. A menina “estava tão pálida”, “não usava [...] espartilhar-se como dantes” e “vivia sempre envolta nas amplas dobras de um penteador de cassa”, assim como também procurava sempre desviar-se da presença do pai. Em razão desses indícios, o bom velho foi cometido por um pressentimento terrível: “a consciência lhe havia segredado que Clara ocultava-lhe algum monstruoso crime, onde andava de envolto a sua honra, até então sem nódoa”.

Um dia, o barão surpreendeu a filha no aposento e, incomodado por não saber o que estava acontecendo com a menina, quis por meio de ameaças obrigá-la a confessar. Diante do silêncio de Clara, enraiveceu-se e, sem mais conseguir manter o controle, segurou-a pelos braços com força e ameaçou em meio a gritos e insultos massacrá-la. Nesse instante, a jovem caiu de joelhos e, finalmente, o barão descobriu o segredo que a filha tanto lhe ocultava: Clara estava grávida e esperava um filho de Marcos.

O barão de X..., no mesmo instante em que descobriu a gravidez e a relação amorosa entre a filha e o negro cativo, foi consumido pela cólera e ordenou ao feitor que Marcos fosse esfacelado no tronco até quando desse o último suspiro. Antes, porém, de ser acertado pela primeira chibatada, Clara surgiu e arrebatou o azorrague das mãos do negro que castigaria o antigo companheiro de infância. Depois dessa atitude, a moça dirigiu-se ao pai com enfrentamento; condenou-lhe pelo procedimento monstruoso ao vingar-se de alguém que nem sequer tinha como se defender; responsabilizou-o pelo seu relacionamento amoroso com Marcos, visto que foi o próprio barão quem escolheu um homem para ser o seu companheiro de brincadeiras; afirmou que ninguém mais poderia dominar a sua vontade e o seu coração a não ser ela mesma; por fim, assumiu-se como a única culpada por aquela situação e, por essa razão, nenhuma pessoa poderia ser punida pelos seus erros cometidos. Assim que proferiu a última palavra, Clara esperou uma resposta do pai que não veio e, por essa razão, “exasperou-se e avançou para o ancião, fazendo sibilar a ponta do látigo”<sup>344</sup>. Quando percebeu esse

<sup>344</sup> MOTA, Acrísio. A filha da baronesa. **Diário de Belém**, Belém, 29 jan. 1888, Folhetim, p. 2.

movimento empreendido pela filha, o barão de X... sucumbiu, caiu hirto no chão e veio a falecer. Enquanto “Marcos havia desviado os olhos daquele tenebroso quadro” e “os negros, petrificados de horror, não tinham feito o mais leve movimento”, Clara ordenou aos escravos que, primeiramente, desatassem o antigo companheiro de infância do tronco e, em seguida, levassem “o cadáver do pai para ser depositado lá em cima”. Após determinar as ordens, a menina “retirou-se vagarosamente”. Essa atitude, portanto, demonstra que a filha do barão não sentiu nenhuma forma de remorso diante da morte do progenitor. No momento em que recebeu logo quando saíra do colégio interno a notícia da perda da mãe, ainda chegou a derramar várias lágrimas, mas, dessa vez, foi totalmente indiferente ao dano que causou ao próprio pai.

Depois de solto, Marcos olhou em volta e certificou-se de que Clara não estava mais por perto. Nesse instante, os escravos que haviam presenciado o ocorrido dispersaram-se. O antigo companheiro de brincadeiras de Clarinha avizinhou-se do corpo do barão de X..., carregou-o nos braços, levou-o com toda a precaução para o lugar que lhe servira de aposento, depositou-o levemente sobre o colchão do leito, “ajoelhou-se e murmurou uma oração fúnebre por entre copiosas lágrimas”. O negro cativo julgou-se o culpado pelo acontecido e preferiu “mil vezes [que] o azorrague lhe houvesse espedaçado o corpo!...”.

Após a morte do barão, Marcos não idealizava mais a figura de Clara como antes, pois a menina, daquele momento em diante, não era mais a mesma por quem o rapaz outrora se encantara e se enamorara: “Como o seu coração o engara quando, continuamente, lhe dizia que Clara era um anjo, uma santa!”. Para Marcos, esses atributos – “anjo” e “santa” – não condiziam, em qualquer circunstância, com uma filha que teve a coragem de enfrentar e agredir o próprio pai e, por essa razão, o amor entre os dois, que antes era casto e pueril, jamais poderia se concretizar, visto que havia sido manchado com a morte trágica do barão. Desse modo, o amor, para uma personagem tão romântica à maneira de Marcos, não poderia custar um preço tão alto como a morte de alguém, sobretudo à custa de um ente tão especial, a exemplo da figura paterna. Nesse sentido, o negro cativo preferiu a morte, pois não saberia conviver com a ideia de que era, de alguma forma, causa daquele incidente. No desfecho dessa narrativa, Marcos foi encontrado por Clara “pendente de uma das ripas do casebre, atado ao pescoço por uma grossa corda de envira, tendo os braços estendidos ao longo do corpo, os olhos saltados das órbitas, e dois palmos de língua, já roxa, fora da boca”.

É válido ressaltarmos que o suicídio foi escolhido por Marcos não como um castigo nem como uma atitude de desespero, mas sim como uma solução para livrá-lo da perturbação que o assolava, pois o rapaz não poderia aguentar o fardo de conviver com a ideia de que o

amor que sentia por Clarinha foi o responsável pela morte do pai da moça. Após sair do quarto do barão com o propósito de cometer o suicídio, Marcos “levantou-se com o rosto calmo, quase risonho, como se dentro dele não existisse uma tempestade medonha”. Desse modo, torna-se claro que o protagonista concebia a certeza da morte como um feito sublime capaz de absolvê-lo da imensa culpa que o prostrava. Antes de decidir-se pelo suicídio, o rapaz encontrava-se dominado pela angústia e pelo remorso, mas, depois de resoluto da decisão de suicidar-se, distinguia-se pela serenidade e pelo equilíbrio, pois acreditava que a própria morte lhe devolveria a calma e a paz.

Clara, por sua vez, quando enxergou o homem por quem se apaixonou rezando pela alma do barão de X..., arrependeu-se: “Naquele momento ela medira a monstruosidade do seu caráter, da sua educação e tivera remorsos”. Convém ressaltarmos que, apesar do arrependimento, o narrador tece o seguinte comentário sobre a protagonista: “Passado tempo Clara havia esquecido tudo, com a facilidade com que as mulheres esquecem qualquer coisa”. Ao contrário do herói da narrativa, Clara fugiu aos ideais românticos, pois não apenas desrespeitou o próprio pai, como também se demonstrou indigna do amor de Marcos, visto que desonrou a memória “daquele por quem se dispusera a arrastar os mais duros sacrifícios”. A moça não apenas cometeu um ato que inviabilizou o amor entre os dois jovens, como também – e principalmente – esqueceu-se, conforme anunciou o narrador, dos acontecimentos que giraram em torno da morte do pai e do suicídio do antigo companheiro de infância. Desse modo, o desfecho da narrativa para a filha do barão X... foi trágico, visto que a protagonista concebeu um filho de Marcos e casou-se com um inglês que anos depois morreu “deixando Clara sem coisa alguma do que herdara dos pais e quase reduzida à miséria se não tivesse um filho, tão generoso, tão honrado, que a tem sustentado, até hoje, ao peso do trabalho de seus braços”. Desse modo, o final funesto da filha do barão revela-se como um castigo atribuído à moça pelo delito cometido contra o pai e contra o amado.

É interessante também evidenciarmos que o título do conto em questão coloca em relevo a mãe de Clarinha, mas essa personagem, em especial, entra em cena apenas durante o nascimento da filha. Depois de terminar os estudos num colégio interno, onde passou longos anos afastada da família, a menina foi informada pelo pai que a mãe – a baronesa – havia falecido. O barão de X..., portanto, foi quem, na verdade, esteve presente em vários momentos da narrativa e quem desempenhou um papel preponderante para o desenvolvimento do enredo. A que se deve, então, o título do conto de Acrísio Mota?

Em razão do crime realizado pela protagonista, o título do conto de Acrísio Mota pode ser compreendido como um apagamento da paternidade de Clara, pois coloca em relevo a

protagonista apenas como a filha da baronesa. Assim, a omissão da figura paterna do título dessa narrativa insinua que a moça não era digna de ser considerada a filha do barão, pois foi capaz de cometer uma crueldade contra o próprio pai.

Nesse sentido, Acrísio Mota colocou um negro cativo como o herói da narrativa e moldou-o dentro dos ideais românticos, de tal modo que o representou ficcionalmente como um rapaz honrado, casto, subserviente, muito leal ao sentimento do amor puro e devoto aos valores familiares e sagrados. É possível ainda percebermos que, durante toda a narrativa, Marcos jamais chegou a apresentar qualquer forma de conflito ou tensão com a sua condição de escravo. Todas as suas angústias e tristezas estavam relacionadas ao sentimento que nutria por Clarinha. Dessa forma, o conto não apresenta um posicionamento propriamente e declaradamente abolicionista, mas o fato de um negro escravizado estar inserido em posição de relevo numa narrativa publicada num jornal com um posicionamento antiescravista demonstra, ao menos, uma intenção do escritor em evidenciá-lo na prosa de ficção, mesmo que esse escravo tenha sido representado com um perfil fortemente idealizado aos moldes românticos.<sup>345</sup>

Alguns outros contos, assinados não apenas por Paulino de Brito, por João de Deus do Rêgo e por Acrísio Mota, como também por outros escritores conterrâneos e contemporâneos, seguem o mesmo modelo romântico: (1) apresentam protagonistas que sucumbem e falecem por um amor impossibilitado de ser consumado, seja por necessidades financeiras, seja por impedimento familiar, seja por sentimento incorrespondido, seja por ingênua leviandade; (2) exibem personagens que colocam a afeição amorosa acima de qualquer outra instância; (3) associam o amor ao sofrimento, ao remorso, à tristeza e à compaixão; (4) representam a morte como a única saída para a personagem romântica que sofre por amor livrar-se da angústia que tanto lhe atormenta; (5) caracterizam os heróis românticos como modelos indiscutíveis de virtudes e, em algumas ocasiões, totalmente avessos aos vícios; (6) expõem, na maioria das vezes, personagens que se apaixonam à primeira vista apenas a partir de uma troca de olhares e sem nenhuma conversa prévia.<sup>346</sup>

<sup>345</sup> É válido esclarecermos que, infelizmente, não encontramos em nenhum periódico sobre o qual nos debruçamos qualquer informação acerca do posicionamento de Acrísio Mota a respeito da abolição da escravatura.

<sup>346</sup> Além dos contos de Paulino de Brito, Iranez de Lara, João de Deus do Rêgo e Acrísio Mota, o *Diário de Belém* ainda publicou outras narrativas do mesmo gênero com um cunho romântico, como “A romântica”, de José Sarmanho, divulgada em 8 de maio de 1886; “Um romance ligeiro”, de Frederico Rhossard, lançado nos dias 22 e 24 de agosto de 1886; “Magdalena” e “Irmã das flores”, de Henrique Rhossard, estampadas respectivamente em 22 de janeiro e 28 de outubro de 1888; entre outras.

### 3.3. Os românticos às avessas

Entre os escritores paraenses que se contrapuseram abertamente ao Romantismo, Marques de Carvalho é, sem dúvida, um dos maiores expoentes. Como mencionamos anteriormente, o autor paraense, no prefácio do romance naturalista “O pajé” publicado na *República* em 1887, declarou que cortou em definitivo os laços que o mantinham atrelado ao Romantismo e filiou-se ao Naturalismo.<sup>347</sup>

Na imprensa periódica belenense das duas últimas décadas do século XIX, não foram poucos os comentários sobre a filiação de Marques de Carvalho ao Naturalismo. Como mencionamos anteriormente, Paulino de Brito, em carta-resposta dirigida ao amigo e colega de ofício, censurou Marques de Carvalho, pois defendia que era uma incoerência sem tamanho o escritor paraense ser simultaneamente sectário tanto da “escola realista” quanto da “escola lírica”.<sup>348</sup>

No ensaio divulgado no *Diário de Notícias* em 2 de setembro de 1887, Sganarelo afirmou que os escritores naturalistas deveriam ser muito gordos, assim como os românticos, em contrapartida, deveriam ser magros. Nesse mesmo ensaio, o cronista alfinetou Marques de Carvalho, pois acreditava que o colega de ofício apresentava convicções incoerentes quando se manifestava nas páginas de alguns periódicos que circulavam pela capital paraense durante o Oitocentos. Vejamos:

Parece, pois, uma incoerência do Marques, que adora o naturalismo e que ama a poesia, coisas que estão em oposição, querer que o seu biografado Paulino, o poeta, seja naturalista, o Paulino, o franzino, o lamartineano Paulino, que parece já ir se evaporando; tão magrinho, tão romântico ele é.

E você mesmo, Marques, se quer ser naturalista que apareça entre os de grande fôlego, trate de engordar, trabalhe menos e deixe-se de poesias. Cá por casa não há muita fé na tal poesia realista de que o colega se diz sectário, e quem julgar-se poeta realista não conhece, com certeza, o que é poesia.<sup>349</sup>

É possível percebermos que Antônio de Pádua Carvalho inseriu-se na discussão estabelecida entre Marques de Carvalho e Paulino de Brito, de tal modo que se contrapôs ao primeiro e saiu a favor do segundo. Convém ainda ressaltarmos que Sganarelo apresentou o mesmo argumento que o escritor amazonense e simpatizante do Romantismo empregou para criticar o amigo e colega de ofício. Segundo o cronista do *Diário de Notícias*, Marques de

<sup>347</sup> Cf. CARVALHO, Marques de. O pajé. *Diário de Belém*, Folhetim, 18 jan. 1887, p. 3.

<sup>348</sup> Cf. BRITO, Paulino de. A propósito de um livro: cartas a Marques de Carvalho. *Diário de Belém*, 17 jan. 1885, Letras e Artes, p. 2.

<sup>349</sup> SGANARELO. *Diário de Notícias*, Belém, 2 set. 1887, Entre-Colunas, p. 2.

Carvalho não podia insistir para que o “franzino” e “tão magrinho” Paulino de Brito fosse naturalista, visto que o autor paraense admirador de Zola era incoerente ao proclamar-se concomitantemente adepto tanto do Naturalismo quanto da poesia lírica.<sup>350</sup>

É possível afirmarmos que, na imprensa periódica belenense oitocentista, Marques de Carvalho foi uma figura cujo nome esteve fortemente associado às discussões acerca tanto do Romantismo quanto do Naturalismo. Na primeira parte do ensaio “Da crítica literária”, publicada na *Arena* em 12 de junho de 1887, o autor afirmou que “bem poucos são os moços paraenses habilitados para a satisfação das exigências da crítica moderna”<sup>351</sup> e atribuiu essa situação (1) a um “meio literário tão acanhado como o Pará, sem [esses moços paraenses] poderem dispor de boas bibliotecas onde se orientem do rumo da literatura contemporânea” e (2) a um grupo considerável de homens de letras no Pará inclinados às “blandícias às letras”, ao fanatismo “pelas antigas tradições”, ao conservadorismo obstinado, às “ideias atrasadíssimas sobre literatura” e, sobretudo, à “filiação à finada escola de 1830, guiando-se-lhes pelos métodos, num servilismo contristador. Para eles, a escola romântica está ainda em pleno viço de existência”.

Na crônica publicada na *Província do Pará* em 17 de junho de 1887 em resposta ao ensaio crítico de Marques de Carvalho, PLAN, além de rejeitar a ideia de uma crítica literária no Pará e de uma literatura amazônica, também não foi favorável ao princípio de que havia um Romantismo nessa parte do país. Segundo o cronista da coluna *Homens e Coisas*, o proprietário da *Arena* “parece atribuir os desabrimentos da crítica no Pará à escola romântica. É um insulto que Marques faz a esta escola”<sup>352</sup>. O colaborador da *Província do Pará* defendeu que uma crítica literária na província do Pará ríspida e ignorante, na verdade, “é fruto natural de uma pequena cidade e muitas vezes as consequências da inveja”. Para exemplificar, PLAN afirmou que Émile Zola, em inúmeras ocasiões, foi bombardeado na imprensa parisiense por comentários demasiadamente depreciativos em que recebeu as mais distintas formas de xingamento. Conforme o cronista da coluna *Homens e Coisas*, se um

<sup>350</sup> A partir da leitura das crônicas de Antônio de Pádua Carvalho no *Diário de Notícias*, convém assinalarmos que o cronista dedicou um espaço na seção *Entre-Colunas* do dia 5 de maio de 1887 para criticar Marques de Carvalho. Nessa data, Pádua Carvalho escreveu uma crônica sob o pseudônimo de Sganarelo, na qual acusou o proprietário da *Arena* por difamação: “Marques de Carvalho também dizia-se meu amigo, embora algum colega dissesse em segredo que não podia ser amigo meu quem, em face dos meus insulsos versos ou de qualquer humilde produto de minha pena sem pretensões, abria a boca para meter-me a tesoura, chamando-me de burro, nebuloso”. Na mesma crônica, o colaborador do *Diário de Notícias* continuou com as acusações: “Cri ainda que esse Marques de Carvalho fosse meu amigo, embora um dia, tendo chamado a sua atenção sobre algumas obras que prometia dar à luz e que nunca apareceram, lesse na *Província* um formidável libelo (ele mesmo assim o classificou!) enviado do Recife contra mim, verdadeira verrina de insultos a quem nunca procurou insultá-lo tão vilmente”. Cf. SGANARELO. *Diário de Notícias*, Belém, 5 maio 1887, *Entre-Colunas*, p. 2.

<sup>351</sup> CARVALHO, Marques de. Da crítica literária. *A Arena*, Belém, 12 jun. 1887, p. 72.

<sup>352</sup> PLAN. *A Província do Pará*, Belém, 17 jun. 1887, *Homens e Coisas*, p. 3.

episódio vulgar dessa magnitude ocorreu em Paris, “a grande capital do movimento literário do mundo”, não poderia ser diferente num meio tão acanhado assim como Belém. Para o colaborador da *Província do Pará*, Marques de Carvalho pensou que havia na província um Romantismo em razão das injúrias que a escola romântica atribuiu a Zola.

Em resposta à crônica de PLAN, Marques de Carvalho publicou em 19 de junho de 1887 na *Arena* a segunda parte do ensaio “Da crítica literária”. Nessa publicação, o autor paraense, embora defenda ferrenhamente o Naturalismo, contrapôs-se ao posicionamento do cronista da *Província do Pará*. Vejamos:

E lá mais adiante, repetindo-se, [PLAN] afirma que nós não temos «os tais moços que vivem da vida romântica dos atletas de 1830». [...]

Não serão verdadeiros filhos da escola romântica de Alfred de Vigny e de Lamartine?

Não serão o resultado das leituras que essas pessoas fizeram nos produtos do Romantismo? [...]

A maior parte dos nossos moços escritores sofreu uma grande injustiça de PLAN [...].

Eles, coitados que tanto labutam, seguindo as lições dos velhos românticos, não haviam de ficar muito satisfeitos com tal descrédito.

Pois eu, que lhes tenho merecido os maiores rancores, faço-lhes justiça, louvo-lhes a tenacidade no trabalho, embora os censurando por trilharem caminho errado e inglório.<sup>353</sup>

Na conclusão do artigo, Marques de Carvalho ainda reiterou o seu posicionamento acerca do Romantismo no Pará. Observemos: “Não são naturalistas: – «Deus nos livre!» exclamam eles. Conseqüentemente, são românticos e bons românticos, muito bem disciplinados e fiéis à escola”<sup>354</sup>.

Diante da publicação do ensaio assinado pelo redator e proprietário da *Arena*, o colaborador da *Província do Pará* não se manteve em silêncio. No dia 28 de junho de 1887, PLAN divulgou no jornal para o qual contribuía uma segunda crônica para rebater os argumentos de Marques de Carvalho acerca do estilo de época anterior ao Naturalismo. Nessa publicação, o cronista da coluna *Homens e Coisas* permaneceu fiel ao seu posicionamento acerca do Romantismo. Observemos: “Eu afirmei que não havia no Pará uma escola romântica. Continuo a sustentar que o que se tem escrito no Pará não tem caráter de escola literária, e que *quase* tudo é fruto da leitura de romances franceses sem a preocupação de suas escolas”<sup>355</sup>.

<sup>353</sup> CARVALHO, Marques de. Da crítica literária. *A Arena*, Belém, 19 jun. 1887, p. 76.

<sup>354</sup> CARVALHO, Marques de. Da crítica literária. *A Arena*, Belém, 19 jun. 1887, p. 77.

<sup>355</sup> PLAN. *A Província do Pará*, Belém, 28 jun. 1887, *Homens e Coisas*, p. 3.

É possível percebermos que, no ensaio publicado na *Arena*, Marques de Carvalho, apesar de defender que havia um Romantismo na província do Pará, ao qual muitos escritores conterrâneos se filiaram, admitiu que o Naturalismo era a escola literária que abalaria e transformaria a “literatura contemporânea”. Na segunda parte do ensaio “Da crítica literária”, por exemplo, o autor paraense, depois de ter sido acusado por PLAN de demonstrar uma obsessão tanto pelo Naturalismo quanto por Émile Zola, confessou que

A minha inabalável admiração pela escola naturalista em literatura não é só o produto do encantamento em que vivo pelo enorme talento de Émile Zola. É também, e principalmente, porque depois de um longo e profundo inquérito sobre as passadas fases da literatura, cheguei à convicção de que o Naturalismo era, nesta época, uma fatal resultante da Evolução, e a única forma por que a literatura contemporânea poderia satisfazer as exigências do público e da crítica atuais. Não é sistema, não: é uma opinião arraigada, que já lançou longas raízes, empolgando todo o meu espírito.<sup>356</sup>

A partir da pesquisa em periódicos que circularam pela capital paraense no final do século XIX, podemos perceber que Marques de Carvalho apresentava uma predileção pelas discussões acerca do Romantismo e do Naturalismo. É interessante que os debates travados pelo escritor paraense a respeito desses dois estilos de época não se restringiram apenas aos ensaios críticos e aos prefácios, mas também a algumas narrativas ficcionais. No romance “A leviana: história de um coração”, publicado na *Província do Pará* em trinta e oito fascículos dispostos entre 25 de março e 4 de agosto de 1885, Marques de Carvalho inseriu uma polêmica encadeada entre os personagens Antero de Menezes e Carlos de Medeiros. Nessa disputa, podemos observar que Antero, por um lado, apresenta um estereótipo naturalista e anuncia tanto a derrocada do Romantismo quanto a ascensão do Realismo: “– Ora, meus amigos, [...] essa escola está morta; creiam: já não estamos na época do lirismo piegas e desenxabido... [...] Agora se levanta pujante, assoberbando a tudo e a todos, a moderna escola realista, a escola da poesia científica”<sup>357</sup>. Carlos, por outro, não apenas é uma personagem estereotipicamente romântica, como também advoga em defesa da permanência do Romantismo: “Permita-me que faça algumas ligeiras observações. A escola romântica não acabará, nem sequer, baqueará, enquanto o homem possuir um coração suscetível de compreender o belo, o santo, o sublime do sentimentalismo...”.

Nas páginas do *Diário de Belém*, especificamente na coluna *Parte Literária*, Marques de Carvalho, por exemplo, publicou em 2 de fevereiro de 1889 “O preço das pazes”, um conto

<sup>356</sup> CARVALHO, Marques de. Da crítica literária. *A Arena*, Belém, 19 jun. 1887, p. 76.

<sup>357</sup> CARVALHO, João Marques de. A leviana: história de um coração. *A Província do Pará*, Belém, 16 abr. 1885, Folhetim, p. 2.

que destoa, em certa medida, de qualquer outra produção literária de cunho romântico.<sup>358</sup> No início da narrativa, o narrador-personagem, cujo nome não foi nenhuma vez mencionado, conta que o amigo Ernesto propôs-se a narrar-lhe um fato: “– Pois vou referir-te o grande caso a que há pouco aludi, à mesa, sem poder contar-to inteiro, pela importuna presença daquelas senhoras”<sup>359</sup>. Nesse exato momento, entra em cena uma outra narrativa da qual Ernesto passa a ser o narrador-observador. Desse momento em diante, ganha relevo na história secundária o casal formado pelo general Bandeira e pela esposa Marocas.

A primeira personagem a ser apresentada na história contada por Ernesto é Marocas. O narrador apresenta, em meio a alguns traços de personalidade, uma longa descrição de todos os atributos físicos – estatura, pele, olhos, cabelos, dentes e lábios – da esposa do general a fim de realçar toda a singularidade da beleza dessa jovem protagonista. Vejamos:

Afigura-te no espírito, meu amigo, a mulher mais belamente divina e mais divinamente fascinadora que possa existir: alta, esbelta, de corpo dotado de umas adoráveis redondezas triunfantes; cútis morena, aveludada, olhos negros e brilhantíssimos, – como duas caçoilas de misteriosos filtros embriagadores; – cabelos muito pretos e ondedos, rescendentes a boa olência de selvática baunilha; um donaire, uma soberania inteira de majestoso porte e fidalga apresentação cativante, capaz de enlevar-nos em toda a série de crimes que ao humano pensamento é dado formular em dias de torvas reflexões e sinistras ebriedades pecaminosas: uma revelação pasmosa, um exemplar perfeitíssimo da mulher-única, da mulher-incomparável, o arquétipo da elevação dos dotes, a civilizada manifestação das nossas lendárias iaras amazônicas! E, a par de tudo isso, um espírito cultivado, uma ilustração perfeita de erudita, conversas cativantes borbulhando entre uns dentes alvíssimos, pequeninos e iguais, feitos de puro marfim, de uma alvura de leite, engastados em formoso coral, brilhante como os róseos lábios úmidos da microscópica boquinha sombreada de um leve, – o complemento da sedução, o requinte da tentadora volúpia daquele delicioso ser. Imaginaste? Pois bem; assim era a Marocas, a esposa do altivo general Bandeira.

Ao contrário de Marocas, a descrição do general Bandeira foi bastante breve e pontual. Vejamos: “velho quinquagenário de elevada riqueza materializada em apetitosas centenas de contos de réis depositados nos principais bancos do Brasil”.

Segundo Ernesto, a relação de muitos anos entre o general e a esposa era harmoniosa e afetuosa, pois Bandeira amava Marocas, enquanto essa jovem era “toda entregue ao seu amor”. O narrador resumiu o casamento desse casal com as seguintes palavras: “Uma

<sup>358</sup> Nesse mesmo dia e nessa mesmíssima coluna, juntamente com “O preço das pazes”, foi publicado também “O enterro de um coração”, um conto de cunho romântico assinado por Paulino de Brito. Numa nota publicada nesse mesmo número do *Diário de Belém*, ambos os trabalhos foram anunciados no *Expediente*: “Publicamos hoje a edição que costumamos a dar aos domingos, por ser dia santificado. Aos nossos leitores oferecemos, na nossa página literária, dois contos, belas produções dos distintos escritores paraenses Marques de Carvalho e Paulino de Brito, as quais foram lidas no 1.º banquete das *Palestras Literárias Mensais*”. Cf. **Diário de Belém**, Belém, 2 fev. 1889, p. 2.

<sup>359</sup> CARVALHO, Marques de. O preço das pazes. **Diário de Belém**, Belém, 2 fev. 1889, Parte Literária, p. 1.

fascinação aquela dupla existência de acendrado amor”. Dessa forma, tanto o general quanto a esposa, em razão do sentimento amoroso que os unia, procuravam realizar os caprichos um do outro: “Mútuos caprichos eram satisfeitos com afã, com orgulho, como quem se dedica a todos os sacrifícios para conquistar uma estima à força de constantes provas de louvável desinteresse”.

Houve um dia, no entanto, em que Bandeira negou-se pela primeira vez a satisfazer um capricho da formosa mulher. Em razão da atitude do marido, Marocas sofreu “em cheio no coração a dureza da áspera repulsa” e derramou “longos fios de intermináveis lágrimas”. Esse momento de fraqueza da esposa, no entanto, durou apenas algumas horas e, para vingar-se, Marocas “prometeu elevar-se acima de si própria, ser tão ríspida como brutal havia sido o incivil do general”. Bandeira, por sua vez, foi obrigado a dormir sozinho no seu quarto particular, onde passou uma semana: “ao fim da primeira semana, [Marocas] obrigava-o ainda a passar as noites sozinho em seu quarto, – numa triste solidão de viuvez frigidíssima...”. O velho militar tentou resistir com valentia, mas pouco depois se arrependeu. Numa noite, saiu com bastante cautela da sua alcova e, com o coração a palpitar fortemente, dirigiu-se ao quarto da mulher. Quando espreitou pela fresta da porta entreaberta, contemplou o belo corpo de Marocas emergir de uma banheira no meio do quarto “vaporizando a tépida emanção sutil das suas frescas, rosadas carnes belamente sedutoras e deliciosamente juvenis”. Nesse momento, o general foi dominado por um intenso desejo e, sem mais conseguir manter o controle, empurrou a porta, lançou-se aos pés da esposa e, aos prantos, suplicou-lhe o perdão. Apesar das lágrimas e do pedido de desculpas do marido, Marocas manteve-se impassível e imperturbável. Ao mesmo tempo em que se envolvia num fino lençol de cambraia, indicou a porta do quarto com o braço e disse ao general: “– Retire-se, cavalheiro! Seja digno de mim, conquiste-me, se quiser aparecer neste quarto no caráter de esposo idolatrado”. Depois do gesto e das palavras da esposa, Bandeira teve de sair, pois percebeu que não adiantaria mais nada persistir.

Nos dias seguintes, o coronel procurou meios bastante sólidos para redimir-se perante a mulher, mas todos os seus esforços foram em vão; serviram-lhe apenas para aumentar ainda mais o desespero. Procurou mimoseá-la com muitos e valiosíssimos presentes, a exemplo de sedas e joias finas, mas, apesar de todas essas estratégias, não conseguiu animar a caprichosa Marocas.

Um caso fortuito, no entanto, veio livrá-lo do castigo. Nesse mesmo período, o general Bandeira foi convidado para ser “examinador de matemáticas, durante os exames da comissão especial da delegacia geral de instrução secundária do município da corte”. O general aceitou

“o convite com extraordinário gaudío do delegado especial, a quem eram familiares os inflexíveis rasgos de rude *catonismo* do Bandeira”. No dia marcado, Bandeira, “disposto a conservar as suas tradições de severo examinador”, preparava-se para dirigir-se ao Liceu, quando lhe apareceu no quarto a esposa. Nesse momento, o quinquagenário ficou tão perturbado com a surpresa realizada pela mulher que queimou a língua, pois enterrou o charuto “desajeitadamente na boca, em sentido oposto àquele de que deveria servir-se para fumar satisfatoriamente”. Marocas “sorriu do ridículo do acontecimento”, mas, depois de alguns instantes, “conservou a necessária seriedade”. Aproximou-se do esposo, entregou-lhe um cartão de visita e dirigiu-lhe as seguintes palavras:

- Vai examinar matemáticas, general?
- Vou... sim...
- Pois então, este moço irá fazer exame por mim...
- ?...
- Ouviu...
- Sim.
- Veja lá como se porta. As matemáticas não são o *meu* forte. *Eu* não estou muito *habilitada*.

Diante de tal pedido, o general tentou “protestar por aquele assédio, por semelhante reclamação de um escândalo impossível à sua severidade”, mas Marocas não o atendeu e “fugiu a correr nos bicos dos pés, arrastando a cauda do penteador, difundindo no quarto um cheiro inominado de roupas brancas, essências boas e rijas carnes feminis e jovens”.

Assim que chegou ao Liceu, Bandeira consultou furtivamente o cartão que lhe entregara a mulher e identificou o nome de Antônio da Silva Laranjeira. No momento em que tomou conhecimento da figura do rapaz, sentiu “o desejo de esbofetear sem clemência aquele vadio que tivera o arrojo de ir apadrinhar-se com a sua Marocas, para induzi-lo ao crime de uma indignidade”. Quando observou o desempenho do garoto tanto no exame oral quanto na prova escrita, constatou que “o pequeno espezinhou a ciência com toda a coragem de um preparatoriano ignorante”. Como a aprovação do garoto era o único meio para reconquistar o apreço da jovem e caprichosa esposa, “o general deu-lhe boa nota e muito empenhou-se para que a indulgência dos demais examinadores salvasse da guilhotina o infeliz”.

Depois de voltar para casa, Bandeira encerrava-se no quarto, quando lhe apareceu a esposa. Quando soube da aprovação do protegido nos exames, Marocas lançou-se ao pescoço do marido e beijou-o com frenesi. O general, por sua vez, abriu os braços para receber a companheira “como dentro de si próprio, num grande amplexo nervoso, – a manifestação do seu intensíssimo desejo de reconciliar-se com a mulher”. Durante, porém, todas essas trocas

de afeto, o velho repentinamente deteve-se e permaneceu imóvel e silencioso. Após algum tempo, duas lágrimas caíram-lhe dos olhos. Marocas, assim que percebeu o estado do marido, ficou assustada e, simulando uma voz de criança, perguntou ao general o que lhe havia acontecido. Bandeira, por sua vez, respondeu à esposa: “– Penso que muito caras custaram-me estas pazes, meu amor. Um escândalo aquela aprovação!”. Após um instante empregado em beijar a fronte encanecida do esposo, Marocas murmurou-lhe ao ouvido: “– O que é bom custa caro!”. Fim!

Embora o casamento entre Marocas e Bandeira seja harmonioso e afetuoso, podemos perceber que a narrativa de Marques de Carvalho não coloca em evidência uma relação amorosa alicerçada na idealização e no sentimentalismo, mas sim as relações de poder estabelecidas entre os protagonistas. Bandeira, por exemplo, ainda que seja o responsável pela manutenção da casa e também pela realização de todos os caprichos materiais da esposa, representa a figura submissa, pois sempre se curva, no final, a todas as vontades e a todas as teimosias da mulher, justamente para não ficar sem os cuidados e carinhos da sua dedicada e amada Bandeirinha. Marocas, por sua vez, é a figura que exerce o papel dominante na relação conjugal, pois não apenas tem consciência da própria beleza e juventude, como também é uma mulher inteligente e sabe que pode usar esses atributos, por meio de uma engenhosa sedução, para obter do marido o que bem quiser. Desse modo, é possível afirmarmos que o conto de Marques de Carvalho não se enquadra dentro de uma configuração romântica, visto que não apresenta o casamento como um ato em celebração ao amor, mas sim como uma sociedade entre um homem e uma mulher na qual são estabelecidas relações de poder.

Além de Marques de Carvalho, Alfredo Pinto foi um outro autor na imprensa periódica belenense que sofreu represálias pelo vínculo ao Naturalismo.<sup>360</sup> No dia 21 de agosto de 1890, foi publicada na coluna *Letras* do jornal *A República* uma missiva de Alfredo

---

<sup>360</sup> Alfredo Pinto foi um escritor e jornalista muito atuante na imprensa periódica belenense oitocentista. Colaborou para alguns periódicos na capital paraense, como o *Diário de Belém*, *A Província do Pará*, *A República* e *Silvio Romero*, onde estampou alguns poemas, mas nesses jornais da capital paraense publicou com efeito muitos contos, gênero no qual sem dúvida mais se destacou. Foi ainda redator e proprietário da revista semanal *Águas Fortes* ao lado de Paulo Maranhão. Apesar de ser um nome recorrente nas folhas jornalísticas que circularam em Belém no final do século XIX, não encontramos informações de nenhuma natureza sobre Alfredo Pinto em antologias, enciclopédias e dicionários. Não conseguimos identificar, portanto, a naturalidade, nem tampouco a data de nascimento e a data de falecimento do autor. De acordo com a antologia de José Eustáquio de Azevedo, o autor não foi membro da Mina Literária e, segundo a antologia organizada por Clóvis Meira, José Ildone e Acyr Castro, nem da Academia Paraense de Letras. Em relação aos nomes de todos os sócios da Mina Literária, cf. AZEVEDO, José Eustáquio de. **Antologia Amazônica: poetas paraenses**. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1918. No que tange aos nomes dos membros da Academia Paraense de Letras, cf. MEIRA, Clóvis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr (Organizadores). **Introdução à literatura no Pará: antologia**. Belém: CEJUP, 1990. 8. vols.

Pinto destinada a d. Laura Gomes.<sup>361</sup> Nessa carta, o autor afirmou que discordava de tudo o que a sua interlocutora, uma mulher com “uma reputação a zelar”, escreveu sobre o Naturalismo e pediu ainda para que essa “gentilíssima senhora” não se atolasse “na lama de uma certa seita de escritores que confundem o naturalismo com a porcaria”<sup>362</sup>. Desse modo, podemos perceber que Alfredo Pinto concebia que os colegas de ofício confundiam o Naturalismo quando produziam obras com a reprodução de cenas degradantes para a época. O escritor, no entanto, acreditava que as obras inspiradas a partir da escola literária em discussão não se resumiam a uma exposição de episódios escabrosos e, mesmo se exibissem, por exemplo, enredos com a temática do adultério, poderiam, ainda assim, servir à moral, pois “tudo se diz, tudo se pode dizer, mas de um modo tal que seja quase insensível à podridão”.

A respeito dos efeitos da moral nas leitoras a partir da leitura de obras de cunho naturalista, Alfredo Pinto exemplificou a partir de *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz. O colaborador da *República* afirmou que, se o romance do escritor português fosse entregue “a uma menina de quinze anos, ingênua e não conhecedora dos vícios humanos”, “a rapariga ingênua encontrará no livro o meio pelo qual pode desviar-se de um primo elegante e bem falante e não terá, de certo, com ele, – porque isto de primos é o diabo, – uma conversa como aquela que eu encontro no conto de v. exc. – O Meu Curió”. Do mesmo modo, Alfredo Pinto também defendeu que, se o mesmo romance fosse entregue “a uma senhora trintona e casada aí com um pacato e honesto representante da nossa burguesia”, essa mulher “ficará talvez enjoada do livro, mas, ficará, depois da sua leitura, conhecedora da queda de uma mulher como ela, dos horrores dos resultados de um adultério, a princípio cor de rosa, mas, que vai tornando-se, à proporção que ele se prolonga, de um negro horroroso”. A partir desses exemplos, é possível percebermos que o escritor em discussão, assim como muitos outros vinculados ao Naturalismo tanto no Brasil quanto na França, concebia que o contato das leitoras com a imoralidade por meio de determinadas narrativas ficcionais poderia justamente afastá-las da imoralidade na vida real.<sup>363</sup>

---

<sup>361</sup> É provável que a carta de d. Laura Gomes, à qual se referiu Alfredo Pinto, tenha sido lançada no *Sílvio Romero*. É possível também que a epístola de Alfredo Pinto em resposta à missiva de d. Laura Gomes tenha sido publicada pela primeira vez no *Sílvio Romero* e depois reproduzida na *República*. Vejamos: “até à data em que li a «carta aberta» que v. ex. me enviou publicamente, por intervenção desse «Sílvio Romero», tão redigido e tão bem impresso”. Quando entramos em contato com os poucos números do *Sílvio Romero*, não encontramos nem a carta de d. Laura Gomes, nem a epístola de Alfredo Pinto. Cf. PINTO, Alfredo. Missiva a d. Laura Gomes. *A República*, Belém, 21 ago. 1890, Letras, p. 2.

<sup>362</sup> PINTO, Alfredo. Missiva a d. Laura Gomes. *A República*, Belém, 21 ago. 1890, Letras, p. 2.

<sup>363</sup> Leandro Thomaz de Almeida alega que não se pode descartar a ideia de que moralizar os leitores a partir do contato com cenas imorais era uma estratégia de defesa utilizada por muitos escritores acusados de imoralidade, a exemplo de Émile Zola. Esses autores defendiam que a exposição de aspectos possivelmente considerados imorais nas obras tinha como efeito afastar os leitores da imoralidade na vida real. Cf. ALMEIDA, Leandro

No dia 24 de agosto de 1890, foi publicada na *República*, especificamente na coluna *Aos domingos*, uma crônica assinada sob o pseudônimo de Satã que estabelecia um diálogo com a carta de Alfredo Pinto a d. Laura Gomes divulgada nesse mesmo jornal três dias antes. Nessa publicação, o cronista foi favorável ao outro colaborador da *República* e teceu comentários sobre o Naturalismo. Observemos: “Num dos últimos números deste jornal, o meu amigo Alfredo Pinto, na missiva que dirigiu a d. Laura Gomes, disse uma verdade sobre o naturalismo – que certa seita de escritores confunde-o com a porcaria”<sup>364</sup>. Segundo o colunista da seção *Aos domingos*, Gustave Flaubert, Stendhal, Guy de Maupassant, Alphonse Daudet e Eça de Queiroz, assim como também os irmãos Edmond e Jules de Goncourt, não compreenderam o Naturalismo “como esse naturalismo latrinário, que nos obriga a virar uma página, diante de tanta asquerosidade”. Satã defendeu ainda que, ao contrário desses autores anteriormente mencionados, “Zola é um grande escritor e é um grande mestre, mas as suas licenciosidades o colocam a par do autor dos «Serões do Convento»”, romance pornográfico por excelência, segundo Alessandra El Far, que circulou tanto em Portugal quanto no Brasil ao longo da segunda metade do século XIX e cuja autoria foi atribuída ao português José Feliciano de Castilho.<sup>365</sup> Para o cronista, o Naturalismo não “precisa descer às imundices sociais, que nos repugna ver” para descrever “o lado mau da sociedade”, pois a “intuição naturalista da verdade exige que se pinte, que se descreva ou que se narre com a *vis* finíssima do observador as cenas do mundo real, sem as suas sujidades”.

Depois de alguns dias da publicação da carta de Alfredo Pinto a d. Laura Gomes, a discussão entre os dois acerca do Naturalismo ganhou novamente as páginas da *República*. No dia 5 de setembro de 1890, foi divulgada nesse mesmo jornal uma segunda carta do escritor adepto da escola naturalista em resposta à missiva assinada pela d. Laura Gomes lançada no *Silvio Romero* no dia 26 do mês passado.<sup>366</sup> Dessa vez, Alfredo Pinto foi censurado pela “gentilíssima senhora” a quem se dirigia em mais uma epístola publicada na *República* por sugerir, de uma maneira leviana, a leitura altamente perniciosa de *O primo Basílio* a meninas ingênuas e a mulheres casadas com homens pacatos, honestos e burgueses, pois, segundo Laura Gomes, as cenas de adultério evidenciadas nesse romance provocariam a

---

Thomaz de. **Literatura naturalista, moralidade e natureza**. 2013. 192 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2013.

<sup>364</sup> SATÃ. **A República**, Belém, 24 ago. 1890, *Aos Domingos*, p. 2.

<sup>365</sup> Em relação à circulação dos *Serões do convento* em Portugal e, sobretudo, no Brasil, cf. EL FAR, Alessandra. Crítica social e ideias médicas nos excessos do desejo: uma análise dos “romances para homens” de finais do século XIX e início do XX. **Cadernos Pagu** (UNICAMP. Impresso), p. 285-312, 2007.

<sup>366</sup> Do mesmo modo como aconteceu antes, não encontramos a segunda carta de d. Laura Gomes a Alfredo Pinto nas páginas dos poucos números do *Silvio Romero* disponíveis em rolo de microfilme no Setor de Microfilmagem da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves.

curiosidade inata da mulher e desequilibrariam os espíritos incautos. Alfredo Pinto rebateu essa acusação com o argumento de que o contato das leitoras com “tenebrosas podridões” a partir da obra de Eça de Queiroz seria apropriado para preveni-las “contra a influência incitativa e nefasta do mal”<sup>367</sup>. Para o escritor adepto da escola naturalista, uma mulher não encontraria no *primeiro Basílio*, por exemplo, “somente rosas de *um adultério cor de rosa*”, mas também “aquelas cenas em que essa pobre Luiza, a adúltera, – pobre e mísera adúltera! – padece, sofre, sob o peso do remorso de haver traído o marido, aquele pobre homem que a adora”. Ainda na mesma carta, Alfredo Pinto enfatizou que não aconselhou a nenhuma menina “a convivência com um primo Basílio”, mas sim “a convivência com o livro em questão”, pois “uma mulher, lendo-o, fica prevenida contra os primos dessa natureza, porque nas quatrocentas páginas do livro ela aprende a conhecê-los”.

A partir das cartas destinadas a d. Laura Gomes estampadas nas páginas da *República*, podemos extrair algumas concepções de Alfredo Pinto em relação ao Naturalismo: (1) o colaborador da *República*, por exemplo, acreditava que alguns autores confundiam o Naturalismo com a “porcaria” e, por essa razão, escreviam obras nem sequer um pouco condizentes com a “intuição naturalista da verdade”, pois nelas inseriam sem qualquer propósito edificante cenas de imoralidade e vícios; (2) concebia esse Naturalismo que se inclinava pelas sujidades sem oferecer nenhum ensinamento como uma forma de falsificação dessa orientação literária; (3) idealizava o Naturalismo, de fato, como uma escola literária séria, importante, com uma função social e com princípios precisos e inconfundíveis; (4) defendia que o Naturalismo, assim como o Romantismo, também servia à moral, visto que os “verdadeiros” autores naturalistas, ao contrário dos românticos, moralizavam a partir da representação da imoralidade nas obras, mas sem cair no erro de oferecer imundices sociais sem nenhuma serventia e sem um fim moralizante.<sup>368</sup>

No *Diário de Belém*, Alfredo Pinto publicou algumas narrativas ficcionais com uma configuração muito distante do ideal romântico. No dia 11 de novembro de 1888, por exemplo, publicou no rodapé do referido jornal o conto “Ao relento”. Nessa produção, entram em cena os protagonistas Xavier de Mendonça e D. Clemência, que formavam um casal muito peculiar, pois “eram dois extremos, e como os extremos unem-se, eles uniram-se pelos

<sup>367</sup> PINTO, Alfredo. Missiva a d. Laura Gomes. **A República**, Belém, 5 set. 1890, Letras, p. 3.

<sup>368</sup> Assim como Alfredo Pinto, o escritor paraense José Eustáquio de Azevedo demonstrou-se adepto do mesmo pensamento acerca do Naturalismo. Em 26 de agosto de 1890, foi publicada na coluna *Letras da República* uma resposta de Eustáquio de Azevedo a uma crônica assinada sob o pseudônimo de Leopardo, cronista desse mesmo jornal. Nessa publicação, o escritor paraense afirmou que se considerava adepto da escola seguida por Júlio Ribeiro, mas não era sectário da linguagem zolaniana, assim como também se revelou pessimista em relação ao “realismo falsificado”. Cf. AZEVEDO, José Eustáquio de. **A República**, Belém, 26 ago. 1890, Letras, p. 2.

indissolúveis laços do matrimônio”<sup>369</sup>. Em relação ao marido, o narrador afirmou que não havia “ninguém mais ingênuo e simplório do que aquele Xavier de Mendonça”, “um anjo de bondade e de inocência”. Já em relação à mulher, assegurou que não havia “ninguém mais rabugento e insolente do que [...] D. Clemência”, “um demônio de ciúme e de barulho”. O ciúme, ao mesmo tempo em que era uma especialidade de D. Clemência, representava um tormento eterno para Xavier, “que podia ser tudo, menos um *D. Juan*”.

Houve um dia em que a esposa flagrou o marido durante o almoço olhando “com uns olhares um tanto ternos para a cozinheira, uma mulata gorda e frescalhona”. D. Clemência, quando viu a cena, ficou indignada e soltou um enorme berro. Diante da situação, Xavier quis alterar-se, mas, com um outro berro da esposa, permaneceu em silêncio.

Por causa do ataque de ciúme da patroa, a cozinheira foi demitida e, para que a situação não se repetisse novamente, foi “substituída por um cozinheiro alto, magro, amulatado e sacudido” que se chamava Xavier Gomes de Araújo. Como o patrão e o novo cozinheiro possuíam o mesmo nome, o casal a ele se dirigia “por *seu* Araújo”.

Uns quinze dias após a contratação do novo cozinheiro, o marido advertiu à mulher que talvez se demorasse para o jantar por causa de um vapor que sairia à tarde. A esposa concordou, mas disse “que não era bom [Xavier] demorar muito, porque ela não estava para ficar à espera”. Depois de beijar a mulher, o esposo saiu com a promessa de voltar o mais cedo que pudesse.

À noite, o jantar já estava pronto, mas D. Clemência resolveu esperar pelo marido. Porém, depois de um certo tempo, a esposa estava impaciente e nervosa, pois continuava a esperar pelo marido sentada numa varanda. Assim como D. Clemência, o *seu* Araújo estava aborrecido porque também aguardava pelo patrão para servir o jantar, mas, quando já era um pouco tarde da noite, foi dispensado pela patroa com um berro “imperioso que não admitia réplicas”.

Após alguns momentos, alguém bateu à porta. A esposa pensou que era o marido, mas, quando foi abri-la, deparou-se com um moleque que perguntava pelo *seu* Xavier e segurava na mão um bilhete dobrado. Mesmo com os protestos do pequeno, D. Clemência puxou o bilhete das mãos do garoto, desdobrou-o e leu-o. A mensagem havia sido mandada para Xavier por uma mulher que atendia pelo nome de Mariquinhas com as seguintes palavras: “Te espero hoje sem falta, às 9 horas, que te quero falar”. Quando terminou de ler o bilhete, a esposa ciumenta ficou furiosa e expulsou o menino de casa. Às dez horas, Xavier entrou em

---

<sup>369</sup> PINTO, Alfredo. Ao relento. **Diário de Belém**, Belém, 11 nov. 1888, Folhetim, p. 2.

casa e encontrou a mulher sentada na varanda carrancuda e grave. D. Clemência estendeu-lhe o bilhete seguro entre os dedos. O marido, depois de lê-lo, ficou pálido, olhou para a esposa meio engasgado e gaguejou algumas frases. A esposa enfurecida agarrou-o pelo braço, levou-o até a porta e deixou-o ao relento em plena rua deserta. Sem compreender o que estava acontecendo, Xavier permaneceu por algum tempo batendo à porta da casa onde morava e armando um alto berreiro, mas ninguém lhe respondia. Em razão do barulho infernal que havia criado do lado de fora, foi surpreendido por dois policiais a cavalo, que o interrogaram do meio da rua, o golpearam, o arrastaram pela gola do paletó e o conduziram até Santo Antônio, onde passou a noite.

No outro dia de manhã, o seu Araújo perguntou à patroa pelo bilhete que lhe tinham trazido. Foi nesse exato momento que a esposa compreendeu que a mensagem de Mariquinhas não havia sido mandada para o esposo, mas sim para o cozinheiro, que também se chamava Xavier. Depois de o mal-entendido ter sido solucionado, D. Clemência resignadamente pediu perdão ao marido. Eis o fim!

A partir da temática do conto de Alfredo Pinto, podemos diagnosticar que essa narrativa, assim como “O preço das pazes”, de Marques de Carvalho, não apresenta uma feição romântica, pois os protagonistas não se apaixonam à primeira vista, nem sequer enxergam o amor como um sentimento utópico e sublime. O casamento entre Xavier de Mendonça e D. Clemência, em vez de representar simbolicamente a concretização de um amor ideal, é concebido como um enorme tormento, não apenas para Xavier, que sofre com os ataques de ciúme da mulher, como também para a própria D. Clemência, que se consome em fúria e irritação diante de qualquer indício de uma possível traição do esposo, cuja personalidade, segundo o narrador, é pouco inclinada a infidelidades.

Nesse conto, D. Clemência também não é uma figura espiritualmente perfeita, assim como em geral são as personagens femininas da ficção romântica, exemplos ideais de pureza, bondade, elegância, delicadeza e polidez.<sup>370</sup> A esposa de Xavier de Mendonça, no entanto, não reflete, em nenhuma circunstância, esse perfil de mulher, pois possui um ciúme exacerbado e doentio, irrita-se com bastante facilidade, é dominadora e intransigente, não age com afabilidade, não dispõe de bons modos quando fala e insulta todos que a contrariam e a aborrecem. D. Clemência, portanto, não foi uma personagem moldada aos ideais românticos.

---

<sup>370</sup> Não sabemos se a mulher de Xavier de Mendonça, à maneira das personagens femininas idealizadas à luz do Romantismo, era também perfeita fisicamente, pois o narrador dedicou-se apenas às qualidades psicológicas de D. Clemência; não se destinou, em nenhum momento, a descrevê-la a partir dos aspectos físicos.

Apesar de ser o oposto da esposa, Xavier de Mendonça também não se enquadra dentro de um perfil romântico, pois o esposo de D. Clemência, em razão do medo de enfrentá-la, submete-se com passividade e subserviência ao domínio absoluto da mulher e, por essa razão, suporta um casamento que o tortura em definitivo. Desse modo, percebemos que esse personagem – medroso, pacato e submisso em sua essência – não possui nenhum poder de decisão na casa nem na vida conjugal.

Nos contos românticos sobre os quais já nos detivemos anteriormente, percebemos que os protagonistas apresentam um maior poder de decisão. No conto de Acrísio Mota – “A filha da baronesa” –, Marcos, por exemplo, é o herói e, apesar da condição de negro escravizado, decidiu-se pelo suicídio depois de ter presenciado Clarinha avançar para cima do próprio pai com uma chibata na mão e de ter atribuído a si mesmo a responsabilidade pela morte do barão.<sup>371</sup> Tal fato demonstra que esse personagem, ao contrário de Xavier de Mendonça, manteve-se no controle da própria vida, pois preferiu optar pela morte a conviver com a culpa de ser o causador da morte do pai de Clarinha.

No conto de João de Deus do Rêgo – “Isaura” –, Artur, por sua vez, é o protagonista e, quando foi flagrado por Jorge de Aguiar trocando carícias com Isaura, foi bastante insultado, mas preferiu escutar todos os insultos em silêncio, pois a filha do capitalista estava em estado de perturbação e pediu para que o rapaz não replicasse.<sup>372</sup> No conto de Iranez de Lara – “As flores do sepulcro” –, Cecílio é o herói e abdicou do seu amor por Sílvia para casar-se com a filha de um rico capitalista para livrar o pai de dívidas e, por conseguinte, salvá-lo da morte e da vergonha.<sup>373</sup> Desse modo, podemos perceber que Artur e Cecílio não realizaram o que realmente queriam para proteger as pessoas pelas quais tinham um demasiado apreço e, por essa razão, praticaram atos altruístas e heroicos. Xavier de Mendonça, ao contrário desses protagonistas, não se impunha diante dos ataques de ciúme da mulher por medo de afrontá-la. Não há, portanto, nada de generoso e notável no seu comportamento submisso em relação à esposa ciumenta.

Além desse trabalho, Alfredo Pinto também publicou na *Parte Literária* do *Diário de Belém* em 13 de janeiro de 1889 o conto “Queda das nuvens”.<sup>374</sup> Nessa narrativa, Reis era o protagonista e, quando “um belo dia” passou “ali pelas proximidades do largo de S. José”,

<sup>371</sup> Cf. MOTA, Acrísio. A filha da baronesa. **Diário de Belém**, Belém, 29 jan. 1888, Folhetim, p. 2.

<sup>372</sup> Cf. RÊGO, João de Deus do. Isaura. **Diário de Belém**, Belém, 14 fev. 1886, Folhetim, p. 2.

<sup>373</sup> Cf. LARA, Iranez de. As flores do sepulcro. **Diário de Belém**, Belém, 6-7 set. 1885, Folhetim, p. 2.

<sup>374</sup> “Ao relento” e “Queda das nuvens” não foram os únicos contos de Alfredo Pinto publicados no *Diário de Belém*. O escritor ainda lançou nas páginas do periódico em questão “Um construtor de nuvens”, “As ligas”, “Nuvem por Juno” e “Uma troca dos diabos”. Todas essas outras produções saídas da pena do autor também não seguem uma feição romântica.

avistou Júlia à janela de “uma casinha pintada de amarelo” e “simpatiz[ou] muito com ela”, uma mulher “bonita naquela cor morena meio amulatada, de cabelo rente, numa pastinha feita à força de pomada ordinária comprada na venda da esquina próxima”<sup>375</sup>.

Depois de sentir-se enfeitiçado e atraído pela beleza da moça, Reis “julg[ou]-se um irresistível D. Juan” e, por conseguinte, “pretendeu conquistá-la”. No dia seguinte, passou novamente em frente à casa de Júlia, só que dessa vez não a viu à janela. Manteve-se ainda à espera da aparição da moça, mas, “maçado de estar perfilado em plena rua”, “resolveu-se a tomar o *bond*, murmurando, entre um pouco de despeito e um tanto de encafifação” as seguintes palavras: “– Pois que se lixe!...”.

Apesar do descaso, a personagem retornou no segundo dia, mas outra vez não chegou a fitá-la. No terceiro dia, no entanto, “conseguiu vê-la novamente à janela, muito séria, grave, indiferente a cumprimentar um sujeito de respeitáveis bigodes, que passava na ocasião” e “entrou a fitá-la terna e longamente”.

Quando Júlia, por sua vez, percebeu que Reis a contemplava, “gostou daquela assiduidade de olhares” e “principiou a fitá-lo também”. A morena, porém, não se apaixonou pelo rapaz, pois “[n]ão o achou bonito; mas, namorada em disponibilidade, aceitou aquele princípio de conquista com a mesma facilidade com que o mandaria passear ao encontrar coisa melhor”.

Júlia e Reis iniciaram um namoro que “caminhava a passos de gigante”, de modo que, “à noite, palestravam à janela, com grande escândalo da vizinhança; ela, friamente; ele, todo derretido”. Depois de algum tempo, o rapaz “percebeu uma certa frieza bastante pronunciada por parte de Júlia. Achava-a aborrecida, arrufando-se à menor coisa, tendo momentos intoleráveis”.

Certa noite, entretanto, Reis, quando chegou junto à janela de Júlia, não a encontrou. Quem a substituiu foi a tia, “uma velhota respeitável e bonacheirona, muito bem considerada pela vizinhança e venerada pelo seu compadre e procurador, o capitão Paiva”. Quando perguntou por Júlia, a senhora respondeu que a menina “estava doente, com dores de cabeça, acompanhada de vômitos”.

Depois de uns oito dias, a protagonista continuava na mesma situação. Uma noite, porém, a tia de Júlia contava ao pacato Reis que chamou uma curandeira para examinar o estado de saúde da sobrinha e descobriu que a morena estava grávida de um “canalha de um

---

<sup>375</sup> PINTO, Alfredo. Queda das nuvens. **Diário de Belém**, Belém, 13 jan. 1889, Parte Literária, p. 1.

moleque de casa, filho de uma preta que ela libertara”. Depois de saber da traição de Júlia, Reis saiu da casa da velha resmungando: “– Onde eu andava metido!...”.

Esse conto de Alfredo Pinto destoa de uma produção romântica, pois não havia, entre outros aspectos, reciprocidade no relacionamento entre Júlia e Reis. Nessa publicação, o narrador esclarece que a morena apenas começou a namorar o rapaz porque estava disponível para um relacionamento, mas, caso lhe aparecesse um pretendente melhor, seria capaz de trocá-lo facilmente. Além disso, convém ressaltarmos que, enquanto Reis irradiava deslumbramento com o namoro, Júlia não apenas era indiferente às demonstrações de afeto do rapaz, como também o traiu com o filho de uma escrava alforriada. Não é possível considerarmos, portanto, a protagonista desse conto de Alfredo Pinto como uma figura romântica, visto que a namorada de Reis não representava uma imagem idealizada da mulher do século XIX, nem encarnava em si um arsenal de virtudes, como a candura, a beleza, a erudição e a honradez.

Apesar de demonstrar certo interesse amoroso pela figura de Júlia, Reis também destoa dos protagonistas românticos. Depois de ter visto a mulata pela primeira vez, o protagonista decidiu conquistá-la, mas, quando passou no dia seguinte em frente à casa da mulata, esperou para vê-la, mas a morena não apareceu à janela e, por essa razão, aborreceu-se, proferiu algumas palavras que imprimiam um total descaso e foi embora. Um protagonista romântico poderia ficar triste, mas jamais aborrecido com o fato de não ver a mulher amada. No conto “Como se esvai um coração”, de Paulino de Brito, por exemplo, o violinista, depois de voltar de uma excursão artística, foi à janela da casa onde morava ao final da tarde, mas, depois de muita espera em vão, não viu a filha do argentário, a moça por quem estava apaixonado. Apesar desse infortúnio, não se irritou nem praguejou, assim como aconteceu com Reis. O artista, ao contrário, “recolheu-se com um grande aperto no coração”<sup>376</sup>, mas com a esperança de rever a filha do argentário no dia seguinte: “– Amanhã vê-la-ei com certeza, murmurou; e revestiu-se de resignação”.

No final da narrativa, o protagonista do conto de Alfredo Pinto, depois de saber da traição de Júlia, retirou-se de cena apenas com sinais de descontentamento. No conto de Paulino de Brito mencionado anteriormente, o violinista, ao contrário de Reis, quando descobriu que a filha do argentário estava prestes a se casar com outro homem e ainda estava feliz quando saía da igreja logo após a cerimônia, sucumbiu e veio a falecer. Nesse sentido, podemos perceber que o personagem romântico sofreu mais com a desilusão do que o

---

<sup>376</sup> BRITO, Paulino de. Como se esvai um sonho. *Diário de Belém*, Belém, 17 nov. 1885, Folhetim, p. 2.

protagonista do conto de Alfredo Pinto, pois o sofrimento de ver a mulher que tanto amava saindo da igreja casada com outro homem lhe causou uma dor insuportável que o levou a perder o sentido da vida. Desse modo, Reis não se apresenta como uma personagem romântica, visto que não se manteve constantemente fiel ao sentimento amoroso, sobretudo quando se deparava com determinados infortúnios.

É válido enunciarmos ainda que o narrador do conto de Alfredo Pinto ridiculariza e banaliza as manifestações de afeto entre Reis e Júlia. Vejamos: “Ela chamava-lhe quanto nome bonito sabia, e dava-lhe beijos quentes; ele dizia-a pomba, estrela, querubim e outras coisas, numas quadrinhas piegas, de um sentimentalismo cuecas, que publicava numa folha diária, aos domingos”. Nesse sentido, podemos perceber que o narrador concebe as demonstrações de amor entre o casal de namorados, a exemplo da troca de apelidos carinhosos e da composição de poemas sentimentais, como atos triviais, tolos e caricatos.

Alguns outros contos publicados no *Diário de Belém* e assinados por Alfredo Pinto e por outros escritores paraenses também se contrapõem a uma configuração romântica. Nessas narrativas ficcionais, (1) quase todas as personagens desconsideram completamente o amor ou colocam esse sentimento num patamar inferior em relação aos instintos sexuais, ao dinheiro, aos interesses sociais e às relações de poder; (2) quando são inseridas personagens que apresentam uma feição romântica, esses seres de papel e tinta são facilmente enganados, menosprezados e até mesmo ridicularizados; (3) os protagonistas, na maioria das vezes, apresentam vícios e cometem atos imorais para a época; (4) quase sempre os desfechos dos enredos não manifestam uma situação favorável, pois algum(ns) personagem(ns) sofre(m) um desengano, uma decepção, uma perda ou uma contrariedade; (5) predominam situações ordinárias, cotidianas e domésticas, como as brigas de casais, as traições, o abandono e as decepções amorosas; (6) pode ser encontrado um certo tom irônico e cômico.<sup>377</sup>

A partir dos contos apresentados, pudemos constatar que, durante a penúltima década do século XIX, foram publicadas narrativas ficcionais na imprensa periódica belenense oitocentista escritas pela pena de escritores paraenses com uma configuração tanto romântica quanto antirromântica. Essa constatação demonstra que contos inspirados no Romantismo e

---

<sup>377</sup> Além dos contos de Marques de Carvalho e Alfredo Pinto, o *Diário de Belém* ainda publicou outras narrativas do mesmo gênero com um cunho antirromântico. Guilherme de Miranda, por exemplo, publicou “Ao luar” em 2 de setembro de 1888. Henrique Rhossard, por sua vez, lançou “Uma ideia luminosa” em 16 de setembro de 1888 e o “Desfecho inesperado” em 17 de fevereiro de 1889, além de “Um amor de corcunda”, divulgado em 29 de julho de 1888 e reproduzido em 24 de março de 1889. Convém ressaltarmos ainda que Henrique Rhossard foi o único colaborador do *Diário de Belém* que experimentou publicar contos tanto românticos quanto antirromânticos.

escritos por autores radicados na província do Pará conviviam com trabalhos desse mesmo gênero orientados por outros estilos de época.

A pesquisa em periódicos belenenses oitocentistas também revelou que a produção de prosa de ficção romântica assinada por escritores paraenses não apenas coincidiu com as publicações provenientes de outras escolas literárias, como também começou a ser publicada na imprensa da capital paraense a partir das duas últimas décadas do século XIX, juntamente com os trabalhos de cunho antirromântico. Enquanto, por exemplo, em outras províncias do território nacional as produções românticas em forma de prosa de ficção vinham sendo publicadas desde o início do Oitocentos, os autores paraenses, em contrapartida, começaram a elaborar narrativas ficcionais inspiradas nessa mesma escola literária já no final do século XIX, coincidentemente quando um grupo de jovens em Belém principiou a exercer a atividade da escrita literária e a oferecer aos leitores belenenses da época as produções elaboradas por meio da imprensa periódica local.<sup>378</sup> Tal fato, portanto, demonstra que o Romantismo não se desenvolveu na província do Pará do mesmo modo como se propagou em outras partes do Brasil.

---

<sup>378</sup> Apenas a título de curiosidade, enquanto na imprensa periódica belenense oitocentista Paulino de Brito, por exemplo, publicou no *Diário de Belém* “O homem das serenatas” em 1882, no Rio de Janeiro Joaquim Manuel de Macedo já havia lançado *A moreninha* em 1844, Visconde de Taunay já havia divulgado *Inocência* em 1872 e José de Alencar já havia editado *Diva* em 1864, *Iracema* em 1865, *A pata da gazela* em 1870, *Sonhos d’ouro* em 1872, *Senhora* em 1875, entre outros.

## CAPÍTULO 4

### ROMANCES ASSINADOS POR ESCRITORES PARAENSES NAS PÁGINAS DO *DIÁRIO DE BELÉM*

- *O folhetim de hoje é teu?*  
 – *Não.*  
 – *Então deixaste de escrever?*  
 – *E creio que fiz bem.*  
 – *Não, fizeste mal; porque ainda que hoje seja difícil encontrar-se matéria para escrever folhetins, tu sempre descobrias uma ou outra coisinha com que divertir as tuas leitoras.*  
 – *Ora...*  
 – *Desanimaste, mas por quê?*  
 – *Hoje é muito custoso escrever só para agradar; não sabes que é uma loucura pretender contentar todo mundo? ...Pois é essa a missão do folhetinista, e vê quanto é espinhosa: se se fala de um baile, querem que se diga a fortiori qual foi a rainha, e a dizer descontenta-se todas as mais que dizem logo: – « Ora, eu que gastei tanto dinheiro com o meu toilette, e não consegui ser a rainha. »<sup>379</sup>*

\*\*\*

*Difícil e bem espinhosa é a tarefa de um folhetinista, quando, em vez de poder seguir livremente pela senda das fantasias criadas pelo sentimento do belo e do agradável, vê-se reduzido a referir aos leitores só o que viu ou ouviu em qualquer parte, sem mesmo ter ocasião para estender-se muito sobre esse assunto, visto ser obrigado a conformar-se com as pequenas proporções de cinco colunas de qualquer jornal.<sup>380</sup>*

#### 4.1. Romances-folhetins originais para o *Diário de Belém*

**A**s epígrafes deste capítulo apresentam duas preocupações com as quais os folhetinistas frequentemente eram obrigados a lidar. No primeiro excerto, é possível percebermos que o escritor de rodapé tinha como principal missão procurar agradar, se não a todos, pelo menos ao maior número possível de leitores do jornal, visto que o seu papel não era escrever para um público homogêneo e específico, mas sim para um público essencialmente heterogêneo e diversificado, formado por indivíduos de todas as faixas etárias, de classes sociais distintas, de ambos os sexos (tanto do masculino quanto do

<sup>379</sup> TIMBIRA, *Diário de Belém*, Belém, 13 jun. 1869, Folhetim, p. 1.

<sup>380</sup> TRIBOULET, *Diário de Belém*, Belém, 26 fev. 1884, Folhetim, p. 2.

feminino) e com os mais variados estilos e gostos. No segundo fragmento, por sua vez, podemos observar que os autores que se dedicavam a escrever para o rodapé da página dos periódicos eram obrigados a se exprimir dentro dos limites geográficos do espaço destinado ao folhetim. Esse fato demonstra que a escrita do folhetinista, em vez de ser livre e guiar-se unicamente pela inspiração e pelo prazer estético, devia adequar-se às proporções impostas pelo próprio suporte. Desse modo, as epígrafes demonstram que a atividade de escrita voltada para o rodapé das folhas jornalísticas, realizada comumente por jornalistas e literatos, sofria influência tanto dos leitores do jornal quanto das dimensões relativas ao espaço reservado ao folhetim. Nesse sentido, o folhetinista era obrigado não apenas a adequar-se aos limites genéricos, temáticos, periódicos e dimensionais, como também ao gosto e, de certa maneira, às expectativas dos leitores.

No Brasil do século XIX, muitos escritores se aventuraram pela produção de um gênero importado da França e tão padronizado quanto o romance-folhetim e ainda eram forçados a competir com a publicação da prosa de ficção em série assinada por autores estrangeiros muito famosos na época não apenas na Europa como também na América Latina, a exemplo de Ponson du Terrail, Paul de Kock, Alexandre Dumas, Xavier de Montépin, Paul Féval, Émile Gaboriau, Eugène Sue, Manuel Fernández y González, Enrique Pérez Escrich, entre tantos outros.<sup>381</sup> A divulgação de romance-folhetim na imprensa brasileira do século XIX, no entanto, representava para os escritores nacionais, de modo geral, uma alternativa de ganharem popularidade e, conseqüentemente, de ingressarem no mercado livreiro.

Durante o Oitocentos, muitos autores brasileiros, portanto, aderiram ao gênero folhetinesco, assim como Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar e Machado de Assis, cujas produções foram lançadas originalmente em periódicos do Rio de Janeiro. Não foi, no entanto, apenas na capital do país na época onde escritores nacionais se dedicaram à composição da prosa de ficção em série. Outros autores brasileiros do mesmo período que viviam em outras províncias do país conseguiram também se aventurar pela escrita de romance-folhetim. José Ramos Tinhorão, por exemplo, elenca uma série de narrativas ficcionais compostas por escritores brasileiros e publicadas originalmente em periódicos que circularam para além dos limites da cidade do Rio de Janeiro, capital do Império à época, e pelos lugares mais distintos do território nacional, entre capitais e demais cidades, assim como

---

<sup>381</sup> Marlyse Meyer demonstra que muitos folhetinistas franceses, além de terem conquistado fama, prestígio e leitores no país onde nasceram, também alcançaram, por meio de traduções, sucesso não apenas no Brasil, como também em outros países da América Latina, a exemplo da Colômbia, do México e da Argentina. Segundo a autora, “sabe-se que muito cedo, tal como no Brasil, [...] o folhetim francês, traduzido em jornal, invadi[u] a Colômbia, México, Argentina etc.”. Cf. MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 383.

Belém (PA), Fortaleza (CE), Maceió (AL), Pilar (AL), Recife (PE), João Pessoa (PB), Aracaju (SE), São Luís (MA), São Paulo (SP), Sorocaba (SP), Santos (SP), São Gonçalo do Sapucaí (MG), Campanha (MG), Ouro Preto (MG), Vitória (ES), Florianópolis (SC), Porto Alegre (RS), Bagé (RS) e Pelotas (RS).<sup>382</sup>

Segundo Germana Maria Araújo Sales, o romance-folhetim foi um gênero que circulou amplamente pela capital paraense, mas era predominantemente traduzido ou extraído de periódicos de outras províncias do Brasil.<sup>383</sup> Eram poucos os escritores paraenses que se dedicaram à composição do gênero na imprensa periódica belenense oitocentista. No *Diário de Belém*, por exemplo, foram localizados, em meio a um número considerável de publicações desse mesmo gênero produzidas por escritores estrangeiros e brasileiros de outros lugares do país, quatro romances-folhetins assinados por autores que residiam na capital da província do Pará.

O primeiro romance-folhetim assinado por um escritor paraense a ser publicado nas páginas do *Diário de Belém* foi “O homem das serenatas”, de Paulino de Almeida Brito. Essa obra foi publicada na coluna *Folhetim*, saiu à luz entre 1º de janeiro e 5 de março de 1882, foi distribuída em dezoito fascículos numerados e composta em doze capítulos e mais um epílogo. Na época em que o romance em foco foi lançado, o escritor amazonense estava com vinte e três anos de idade.

Na segunda página do periódico referente à data de lançamento do romance de Paulino de Brito, foi lançada no *Diário de Belém* uma nota elogiosa ao estilo do escritor amazonense a fim de chamar a atenção dos leitores do jornal para a publicação de “O homem das serenatas”. Vejamos:

Começamos a dar hoje publicidade a um pequeno romance *O homem das serenatas*, original do nosso distinto colaborador Sr. Paulino de Brito. O público conhece o estilo fluente e agradável do Sr. P. de Brito e o modo porque trata ele os assuntos de que se ocupa, por isso limitamo-nos a chamar a atenção dos nossos dignos leitores.<sup>384</sup>

Na sequência, “Por causa de uma loucura”, de Teodorico Magno, foi o segundo romance-folhetim a ser estampado no rodapé do *Diário de Belém* assinado pela pena de um escritor paraense. Essa obra foi lançada na coluna *Folhetim* sob o pseudônimo de Eustáquio de Veleada, saiu à luz entre 6 de janeiro e 9 de março de 1882, foi distribuída em vinte e quatro

<sup>382</sup> Cf. TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetins no Brasil: 1830 à atualidade**. São Paulo: Duas cidades, 1994.

<sup>383</sup> Cf. SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. **Entrelaces** (UFC), v. 1, p. 44-56, 2007.

<sup>384</sup> **Diário de Belém**, Belém, 1 jan. 1882, p. 2.

fascículos numerados e composta em dez capítulos e mais uma conclusão.<sup>385</sup> Na época em que o romance em questão foi lançado no periódico, Teodorico Magno contava com apenas quinze anos de idade.

Do mesmo modo como ocorreu ao romance de Paulino de Brito, foi publicada no *Diário de Belém* em 6 de janeiro de 1882 – isto é, no mesmo dia em que saiu à luz o segundo fascículo de “Por causa de uma loucura” – uma nota para atrair a atenção dos leitores do jornal para a divulgação do romance de Teodorico Magno. Observemos:

Desde o nosso número anterior começamos a publicar um novo romance – *Por causa de uma loucura*, original de Eustáquio de Veleda. É este o pseudônimo com que modestamente se oculta o seu autor que, enquanto muito jovem, é já bastante conhecido entre nós pelos seus belos escritos em prosa e em verso. Chamamos para o nosso novo folhetim a atenção dos leitores.<sup>386</sup>

Convém ressaltarmos que os romances-folhetins “O homem das serenatas” e “Por causa de uma loucura” foram publicados simultaneamente. Na maioria das vezes, os fascículos dessas duas obras foram divulgados intercaladamente e, em outras ocasiões, num mesmo número do *Diário de Belém*. Nesse último caso, a coluna *Folhetim* era estampada tanto na segunda página do jornal, como era comum no jornal em questão no início da penúltima década do século XIX, quanto na terceira.

O terceiro romance-folhetim assinado por um escritor paraense a ser publicado nas páginas do *Diário de Belém* foi o “Através do desconhecido: um romance da terra”, de Múcio Javrot. Essa obra saiu à luz em 27 de agosto de 1882 e, inicialmente, mantinha uma regularidade em relação à publicação dos fascículos, pois as fatias do romance do escritor macapaense eram publicadas somente aos domingos.

No dia 1º de outubro de 1882, deveria ter saído à luz o sexto fascículo do romance de Múcio Javrot, mas o *Diário de Belém*, nessa mesma data, publicou uma nota explicativa sobre a ausência da obra do escritor macapaense no número do domingo previsto e sobre a continuação da obra para a próxima quinta-feira, situada no dia 5 de outubro do mesmo ano. Observemos: “Na presente edição não nos foi possível dar o 5.º capítulo do *romance da terra*

---

<sup>385</sup> Conforme aponta Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, desde os primórdios da imprensa brasileira, havia uma tendência muito forte ao anonimato ou ao uso de pseudônimos ou das iniciais do nome dos autores nos jornais que circularam tanto na Corte quanto nas províncias do país a partir da segunda década do século XIX. Segundo a autora, essa prática era uma marca muito comum na linguagem jornalística do Oitocentos, não apenas no Brasil, como também em outros países, a exemplo da França e da Alemanha. Sobre essa prática, a pesquisadora enumera vários motivos para que os escritores, tanto os famosos quanto os desconhecidos, recorressem a essa estratégia. Cf. BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa periódica no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

<sup>386</sup> **Diário de Belém**, Belém, 6 jan. 1881, p. 2.

por Múcio Javrot tendo concorrido para isto a grande afluência de serviço; no entretanto, prosseguiremos na quinta-feira”<sup>387</sup>.

Depois da precedente quebra na constância do regime de lançamento dos fascículos do romance, o trabalho de Múcio Javrot passou a não ser mais divulgado regularmente no rodapé do periódico, pois não havia mais uma data certa para a publicação de mais um novo pedaço desse romance. Convém também frisarmos que, antes do dia 5 de outubro de 1882, os fascículos da obra do autor macapaense eram enumerados e, depois dessa data, passaram a não ser mais computados pelo jornal.

O “Através do desconhecido: romance da terra” estava sendo divulgado concomitantemente ao romance-folhetim “A idiota”, de Émile de Richebourg. Quando a obra do romancista francês chegou ao final em 21 de outubro de 1882, o trabalho de Múcio Javrot passou a ser divulgado seriadamente quase todos os dias a partir de 5 de novembro de 1882 e manteve-se com essa mesma regularidade no regime de publicação até 26 de novembro do mesmo ano. Depois dessa data, os fascículos recomeçaram a ser estampados esparsamente nas páginas do *Diário de Belém*, de tal modo que a distância temporal entre uma fatia e outra tonava-se aos poucos cada vez maior à medida em que passavam os dias. Diante de um regime de publicação tão irregular e de uma divulgação tão esparsa dos fascículos, a última aparição do romance do escritor macapaense foi publicada no dia 28 de janeiro de 1884, mas a narrativa ficcional não chegou a ser concluída e o periódico no qual foi veiculada seriadamente não apresentou nenhuma justificativa acerca da suspensão definitiva da obra de Múcio Javrot.

É válido ressaltarmos que, após o último fascículo do “Através do desconhecido: romance da terra”, não encontramos mais nenhuma publicação assinada pelo escritor macapaense. Esse fato, portanto, indica que Múcio Javrot, no início do ano de 1884, havia deixado de ser colaborador do *Diário de Belém*. Convém assinalarmos também que, nesse mesmo período, estreava na capital paraense a *Revista Familiar*, periódico para o qual o autor macapaense começou a contribuir. No *Diário de Belém*, foi divulgado entre fevereiro e junho de 1883 um anúncio sobre a mais nova publicação em Belém – a *Revista Familiar*. Nesse anúncio, era apresentado o nome de Múcio Javrot como um dos responsáveis pela redação principal desse periódico (cf. figura 4.5).

A *Revista Familiar*, embora se intitulasse como um “periódico dedicado às famílias”, era ofertada às “excelentíssimas senhoras”, pois a mulher, segundo o próprio periódico, era

---

<sup>387</sup> *Diário de Belém*, Belém, 1 out. 1882, p. 2.

concebida como a principal responsável pela família e, por essa razão, precisava de instrução para que pudesse educar melhor os filhos e servir muito bem aos maridos (cf. figura 4.6). A revista saiu à luz em 4 de fevereiro de 1883 e, a partir dessa data, era publicada semanalmente e encontrava-se à venda sempre aos domingos. A proposta desse periódico era promover uma discussão sobre os mais diversos assuntos, como educação, instrução, ciências, política, literatura, comércio e indústria, só que de um modo mais amena e interessante, pois “não seria justo deixarmos nossas caras leitoras na ignorância do que se passa no alto mundo da política, assim pois daremos em cada número um boletim dos grandes acontecimentos políticos não só do Brasil como do estrangeiro”<sup>388</sup>. Dessa forma, o escopo dessa revista era tratar de temas variados de uma maneira mais agradável para torná-los acessíveis às leitoras. Esse periódico, embora apresentasse colunas destinadas “ao que é de interesse geral”, como *Noticiário*, *Instrução e Educação*, *Ciências (e Artes)* e *Política*, oferecia seções mais relacionadas às amenidades, como *Seção Amena*, *Poesia(s)*, *Literatura*, *Variedade*, *Pensamentos*, *Anedotas* e *A pedido*. Esses espaços, segundo o anúncio publicado no *Diário de Belém* durante o ano de 1883, contavam “com a colaboração de distintas escritoras e escritores nacionais” (cf. figura 4.5), como Aristides, Francisca C. de Barboza e Lima, Júlio Carneiro, Alberto Jolivet e, principalmente, Múcio Javrot. Nesse periódico, encontramos, por exemplo, a divulgação de dois romances assinados por escritores paraenses: “Os mundos dos verossímeis e inverossímeis: a cidade de Quiproquó”, por Múcio Javrot, e “Autocracia do coração”, por Teodorico Magno. Além dos romances, localizamos ainda diversos poemas assinados pelo escritor macapaense. Desse modo, é provável que Javrot tenha saído do *Diário de Belém* para dedicar-se à redação da *Revista Familiar*.

É interessante destacarmos ainda que, como comumente havia um intervalo de tempo muito grande entre a publicação das fatias do romance-folhetim de Múcio Javrot – na maioria das vezes igual ou superior a uma semana –, cada novo fascículo informava aos leitores o último número do jornal em que havia sido divulgado o pedaço anterior da narrativa ficcional do escritor macapaense. Eis o seguinte exemplo: “– (Continuação do número 192) –”. Esse fato, portanto, demonstra que o *Diário de Belém* utilizava-se dessa estratégia para advertir e situar os leitores do periódico a respeito do andamento da publicação do romance de Múcio Javrot, visto que havia uma distância temporal muito significativa entre a publicação de um fascículo para outro.

---

<sup>388</sup> *Revista Familiar*, Belém, 4 fev. 1883, p. 1.

O quarto e último romance-folhetim a ser estampado nas páginas do *Diário de Belém* pela pena de um escritor paraense foi a “Ângela”, assinada por Marques de Carvalho quando o escritor paraense estava com apenas dezessete anos de idade.<sup>389</sup> Convém colocarmos em relevo que, enquanto os romances assinados por Paulino de Brito, Teodorico Magno e Múcio Javrot foram todos publicados seriadamente na coluna *Folhetim*, os fascículos da “Ângela”, em contrapartida, foram divulgados na seção *Varietade*. Essa obra saiu à luz em 17 de novembro de 1883 e, em razão das inúmeras interrupções, apenas foi concluída em 13 de setembro de 1884.<sup>390</sup>

Após o lançamento, os fascículos da “Ângela” eram publicados no *Diário de Belém* com certa regularidade até o dia 29 de novembro de 1883. Dessa data em diante, os leitores do jornal permaneceram por um período indeterminado sem acesso à continuação do romance. No dia 2 de dezembro do mesmo ano, o periódico em questão lançou uma nota acerca da suspensão da “Ângela” a fim de oferecer uma explicação aos leitores e, em especial, “às nossas simpáticas leitoras”. Vejamos:

**Expediente.** – Motivos imperiosos e independentes da nossa vontade obrigam-nos a suspender por alguns dias a publicação do romance ÂNGELA, de nosso colaborador Marques de Carvalho.  
Prometemos, porém, que brevemente as nossas simpáticas leitoras terão notícias da formosa *Ângela* e do jovem estudioso *Artur da Fonseca*.<sup>391</sup>

Depois de quase quinze dias sem ser estampada nas páginas do *Diário de Belém*, a “Ângela” foi retomada em 13 de dezembro de 1883 e continuou seguindo o ritmo regular de publicação até o dia 4 de janeiro de 1884, pois, dessa data em diante, passou mais alguns dias sem ser exibida na coluna *Varietade*. O jornal, no entanto, não apresentou dessa vez nenhuma nota com alguma explicação a respeito da segunda suspensão momentânea do romance de Marques de Carvalho. Após, porém, quatorze dias sem que um novo fascículo da obra em questão fosse divulgado, o sistema de divulgação da “Ângela” no *Diário de Belém* foi restabelecido em 18 de janeiro de 1884. A partir, contudo, desse momento, o romance

<sup>389</sup> É válido considerarmos que Marques de Carvalho foi o escritor na província do Pará que mais se aventurou a produzir romances para serem estampados nas páginas da imprensa periódica belenense oitocentista. Além da publicação da “Ângela” no *Diário de Belém* entre 1883 e 1884, o autor paraense divulgou em 1885 na *Província do Pará* “A leviana: história de um coração” e em 1887 na *República* “O pajé”.

<sup>390</sup> Em razão da ausência no site da Hemeroteca Digital Brasileira de muitos números do *Diário de Belém* em relação ao ano de 1883 e, principalmente, em relação ao ano de 1884, não foi possível precisarmos em quantos fascículos o primeiro romance-folhetim de Marques de Carvalho foi publicado, de tal modo que a narrativa ficcional em questão encontra-se fragmentada. É válido ressaltarmos que, durante a pesquisa realizada, encontramos apenas vinte e sete fascículos da “Ângela”.

<sup>391</sup> **Diário de Belém**, Belém, 2 dez. 1883, p. 2.

assinado pelo escritor paraense passou a não apresentar mais nenhuma regularidade em relação à publicação dos fascículos.

No dia 17 de fevereiro de 1884, foi publicada no *Diário de Belém* uma carta assinada por Marques de Carvalho destinada aos fundadores de uma associação de beneficência protetora dos variolosos indigentes. Nessa missiva, o autor paraense recusou a nomeação de presidente dessa entidade filantrópica, pois não dispunha de tempo para dedicar-se a mais um novo ofício: “é-me impossível aceitar tal cargo, já porque nada valho, nem disponho dos dotes necessários ao progresso da vossa *Associação*, já porque as minhas ocupações cotidianas tomam-me todo o tempo que por ventura pudesse utilizar em favor dos nossos desgraçados irmãos”<sup>392</sup>. Desse modo, é possível que o atraso na entrega dos fascículos da “*Ângela*” tenha ocorrido em razão do acúmulo de afazeres por Marques de Carvalho.

No dia 29 de abril de 1884, foi lançada no *Diário de Belém* uma nota destinada “às formosas leitoras” com a informação não apenas de que a história de amor entre *Ângela* e Artur da Fonseca estava chegando ao final, mas também de que um novo romance de Marques de Carvalho, assim que o enredo da “*Ângela*” chegasse ao desfecho, começaria a ser estampado nas páginas do mesmo jornal. Vejamos:

Estando prestes a terminar o romance *ÂNGELA* do nosso colaborador Marques de Carvalho, que tão agradavelmente há sabido prender a atenção das formosas leitoras do *Diário de Belém*, temos o prazer de comunicar-lhes que, logo em seguida, daremos começo à publicação de um novo trabalho, devido à pena do mesmo autor. *UM IDÍLIO* – (assim se chama a obra) – é um pequeno romance de três capítulos, nos quais Marques de Carvalho refere-nos algumas peripécias engraçadíssimas, extremamente curiosas, de que foi espectador durante uma parte do tempo que residiu em Portugal. A nova composição literária do nosso amigo é dedicada ao ilustre Sr. José Veríssimo. Esperamos que as nossas leitoras se regozijem bastante com a nova que hoje lhes damos.<sup>393</sup>

Apesar do conteúdo da nota, o leitor do *Diário de Belém* não se deparou nem com o desfecho da “*Ângela*”, nem com a publicação de “*Um idílio*”, nem tampouco com nenhum outro novo romance escrito pela pena de Marques de Carvalho. Depois da publicação da mesma nota em questão, o primeiro trabalho desse gênero produzido pelo escritor paraense passou um longo período – aproximadamente dois meses – sem ser exibido nas páginas do *Diário de Belém*. No dia 21 e 24 de junho de 1884, dois novos fascículos da “*Ângela*”, no entanto, foram publicados no jornal sem que nenhuma explicação fosse oferecida aos leitores

<sup>392</sup> CARVALHO, Marques de. Para os variolosos: carta aos fundadores de uma associação de beneficência. *Diário de Belém*, Belém, 17 fev. 1884, Folhetim, p. 2.

<sup>393</sup> *Diário de Belém*, Belém, 29 abr. 1884, p. 2.

para justificar a suspensão da narrativa ficcional por um período indeterminado. Após, porém, a divulgação desses dois fascículos, o romance-folhetim de Marques de Carvalho foi, mais uma vez, interrompido.

Depois de meses sem que um novo fascículo da “Ângela” fosse divulgado na coluna *Variedade*, foi emitida finalmente no dia 11 de setembro de 1884 uma nota no *Diário de Belém* com uma explicação aos leitores sobre a suspensão das fatias do romance de Marques de Carvalho. Vejamos:

O nosso estimável colaborador Marques de Carvalho, que havia encetado nesta folha a publicação do romance sob aquele título [ÂNGELA] – uma das suas vigorosas produções literárias que bastantemente agradou os leitores – interrompeu-a pelo mau estado de sua saúde, sendo ele obrigado em benefício dela a abandonar qualquer trabalho de esforço intelectual e a retirar-se temporariamente para o Ceará, de onde acaba de dar-nos notícias suas, as mais lisonjeiras sobre o seu restabelecimento, e de enviar-nos a conclusão do mesmo romance, trabalho que nos diz ter conseguido sem abandonar o seu tratamento, e sem a menor dificuldade. Apraz-nos, pois, prosseguir nessa publicação tão almejada pelo leitor interessado, e ver desobrigado deste compromisso o nosso digno colaborador.<sup>394</sup>

De fato, o vulnerável estado de saúde de Marques de Carvalho foi noticiado com uma certa frequência nas páginas da imprensa periódica belenense oitocentista. No *Diário de Belém*, por exemplo, foi publicada no dia 9 de julho de 1884 uma notícia sobre o benefício realizado no Ceará em 25 de junho do mesmo ano em proveito da “genial atrizinha brasileira Julieta dos Santos”<sup>395</sup>. Nessa publicação, foi expresso que houve nesse evento a presença limitada de paraenses ali residentes que ofereceram à jovem atriz flores de entusiastas e aplausos frenéticos e retumbantes. Em meio aos conterrâneos presentes na ocasião, Marques de Carvalho não apenas assistiu ao espetáculo, como também leu para Julieta dos Santos uma poesia. Nessa mesma notícia, foi mencionado o frágil estado de saúde do escritor paraense. Observemos: “Não obstante a enfermidade que o prostra, o nosso amigo Marques de Carvalho ergueu-se animado ante o gênio sacrossanto, que brilha deslumbrante na frente de Julieta dos Santos, e foi em religiosa romaria depor aos pés do mais formoso astro da cena brasileira uma linda poesia”.

Noutra ocasião, a enfermidade de Marques de Carvalho foi anunciada no mesmo jornal em decorrência da morte de Victor Hugo e, dessa vez, foi emitida pelo próprio autor paraense. Em razão do falecimento do escritor francês no dia 26 de maio de 1885, a Cruzada

<sup>394</sup> *Diário de Belém*, Belém, 11 set. 1884, p. 2.

<sup>395</sup> *Diário de Belém*, Belém, 9 jul. 1884, p. 2.

Juvenil, uma “sociedade literária intérprete dos sentimentos da mocidade paraense”<sup>396</sup>, começou a anunciar no *Diário de Belém*, a partir do dia 11 de junho de 1885, a realização de uma sessão fúnebre na data de 22 do mesmo mês e ano “em memória do vulto mais eminente do século 19, glória da república francesa, adepto incansável da liberdade, o grande mestre Victor Hugo”. Nessa mesma publicação, Marques de Carvalho foi nomeado como relator da comissão de redação do número especial do *Diário de Belém* em homenagem à memória do recém-falecido escritor francês. O autor paraense, no entanto, divulgou em 18 de junho de 1885 no mesmo jornal uma nota na qual expressou a sua recusa em assumir o encargo para o qual foi eleito em razão dos incômodos de uma doença que o afligia. Vejamos: “Não posso porém aceitar tão honroso encargo, não só porque está ele acima dos meus merecimentos, como porque os meus incômodos de saúde impedem-me que me entregue a qualquer excesso de trabalho. Peço pois desculpa à «Cruzada Juvenil» por esta minha recusa”<sup>397</sup>.

No prefácio do romance “A leviana: história de um coração”, divulgado na coluna *Folhetim da Província do Pará* entre 25 de março e 4 de agosto de 1885, Marques de Carvalho mencionou mais uma vez que uma doença o atormentava. Convém antes esclarecermos que o prólogo desse romance consiste numa narrativa escrita em primeira pessoa por meio da qual o autor paraense narrou aos leitores como chegou a conhecer a trágica história de amor entre Georgina e Carlos de Medeiros que revelaria seriadamente na *Província do Pará*. Percebemos que esse mesmo prólogo foi uma estratégia empreendida por Marques de Carvalho para atribuir veracidade ao enredo da narrativa ficcional, pois o escritor paraense conferiu a autoria do romance a uma outra pessoa, sobre quem recaiu a responsabilidade pelo conteúdo do trabalho.<sup>398</sup> Nesse preâmbulo, Marques de Carvalho contou aos leitores como chegou a conhecer Carlos de Medeiros, um jovem rapaz “cujos pulmões acham-se afetados por essa caprichosa e terrível enfermidade que se chama tísica”<sup>399</sup>. Além do vulnerável estado de saúde, o pobre moço padecia de uma pungente desilusão amorosa e incumbiu o escritor paraense de produzir um romance baseado na sua frustrada

<sup>396</sup> VICTOR HUGO. *Diário de Belém*, Belém, 16 jun. 1885, A pedidos, p. 3.

<sup>397</sup> CARVALHO, Marques de. Homenagem a Victor Hugo. *Diário de Belém*, Belém, 18 jun. 1885, p. 2.

<sup>398</sup> Márcia Abreu afirma que atribuir veracidade ao enredo dos romances era uma prática muito comum adotada por escritores nos séculos XVIII e XIX, a exemplo de Daniel Defoe. Germana Sales, por sua vez, demonstra que escritores brasileiros, a exemplo de Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar, utilizavam os próprios prefácios como estratégia para conferir realidade à ficção: “não raras vezes o autor utiliza o prefácio para dizer que foi um anônimo que lhe contou aquela história; ou atribui aquele fato à vida de um indivíduo, comumente desconhecido, que lhe teria comunicado um segredo”. Cf. ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras, 2003; SALES, Germana Maria Araújo. *Palavra e sedução: uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881)*. 2003. 387 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

<sup>399</sup> CARVALHO, Marques de. A leviana: história de um coração. *A Província do Pará*, Belém, 25 mar. 1885, Folhetim, p. 2.

história de amor com a leviana Georgina: “Quanto ao romance da minha vida, escreva-o depois que eu morrer, porém que seja restritamente modelado pelas informações que acabei de dar-lhe. Não altere nem acrescente nada, a não ser um ou outro episódio secundário [...] e os nomes dos principais personagens”<sup>400</sup>.

Segundo consta no prefácio do romance de Marques de Carvalho publicado na *Província do Pará*, o escritor paraense, depois de ter conhecido Carlos de Medeiros no Café Carneiro em ligeiro estado de embriaguez, foi visitá-lo na tarde do dia seguinte a pedido desse jovem desiludido pelo amor e acometido pela tísica pulmonar. Nessa visita, Marques de Carvalho, com a intenção de encorajar o jovem rapaz a não desistir ainda da vida, afirmou que também sofria de uma enfermidade que lhe atacava os pulmões: Vejamos: “– Ora, sr. Carlos, não perca a esperança. O senhor é moço, não deve abandoná-la. Eu também sofro dos pulmões, e, contudo, ainda espero viver muitos anos gozando a melhor das saúdes...”.

No mesmo dia em que divulgou a nota com uma explicação aos leitores sobre a suspensão da “Ângela”, o *Diário de Belém* começou a publicar os fascículos finais do romance de Marques de Carvalho depois de meses sem estampá-lo em suas páginas. Nos dias 11, 12 e 13 de setembro de 1884, o público-leitor do jornal, finalmente, teve acesso ao desfecho da história de amor entre Ângela e Artur da Fonseca.

Desse modo, podemos afirmar que “O homem das serenatas”, de Paulino de Brito; “Por causa de uma loucura”, de Teodorico Magno; “Através do desconhecido: romance da terra”, de Múcio Javrot, e “Ângela”, de Marques de Carvalho, foram as primeiras e algumas das poucas tentativas na imprensa periódica belenense oitocentista de publicação de romances-folhetins assinados por escritores paraenses.

---

<sup>400</sup> CARVALHO, João Marques de. A leviana: história de um coração. **A Província do Pará**, Belém, 27 mar. 1885, Folhetim, p. 2.

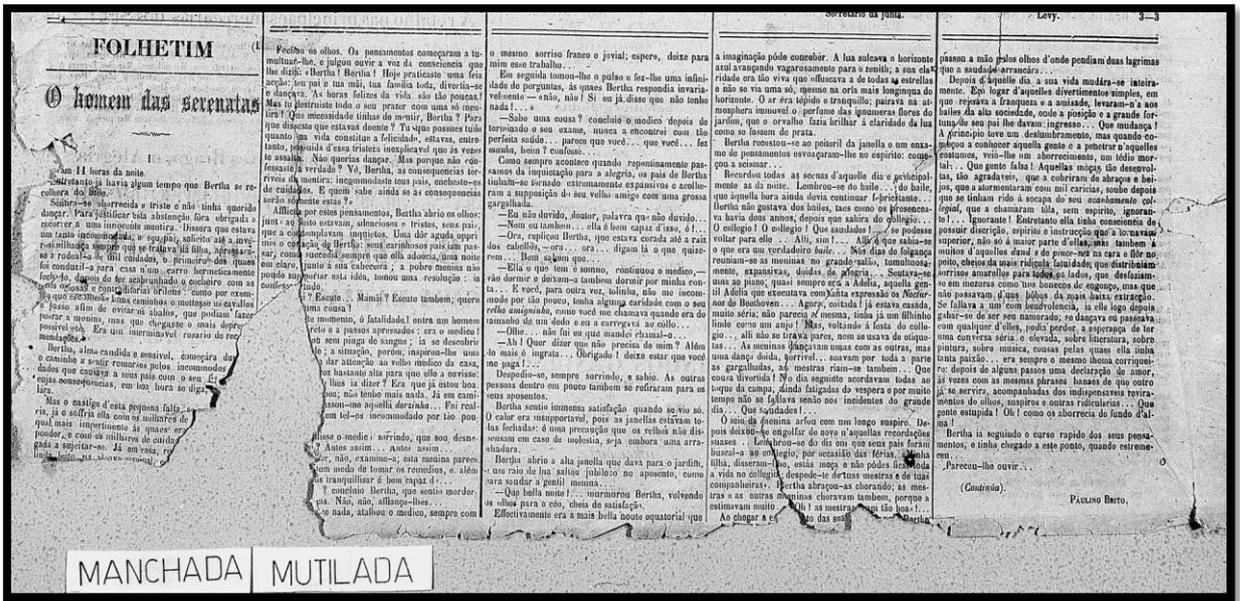


Figura 4.1: Primeiro fascículo do romance “O homem das serenatas”, de Paulino de Brito, publicado em 1 de janeiro de 1882.  
 Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

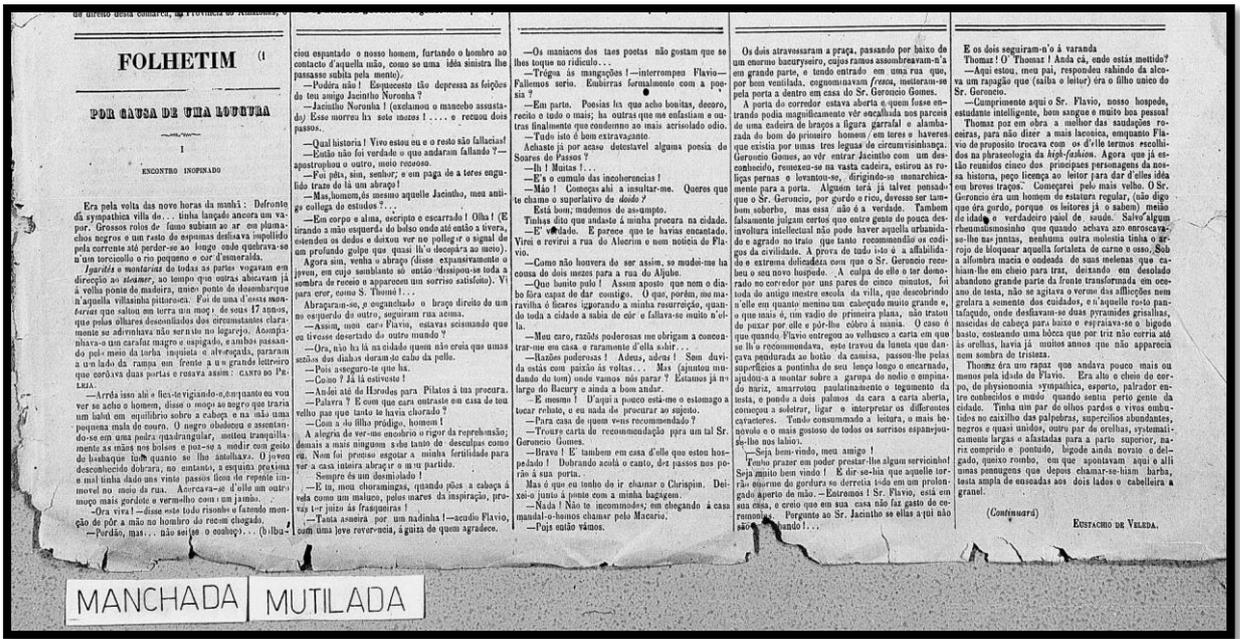


Figura 4.2: Primeiro fascículo do romance “Por causa de uma loucura”, de Teodorico Magno, publicado no Diário de Belém em 5 de janeiro de 1882.  
 Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

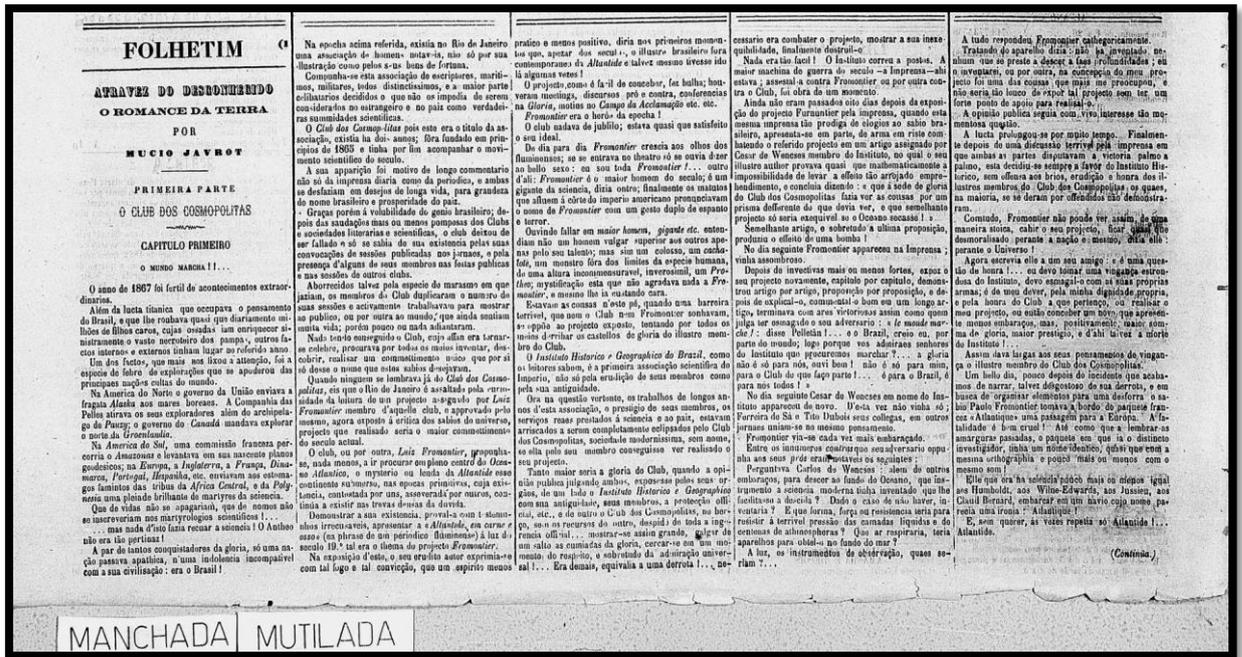


Figura 4.3: Primeiro fascículo do romance “Através do desconhecido: o romance da terra”, de Múcio Javrot, publicado no *Diário de Belém* em 27 de agosto de 1882. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

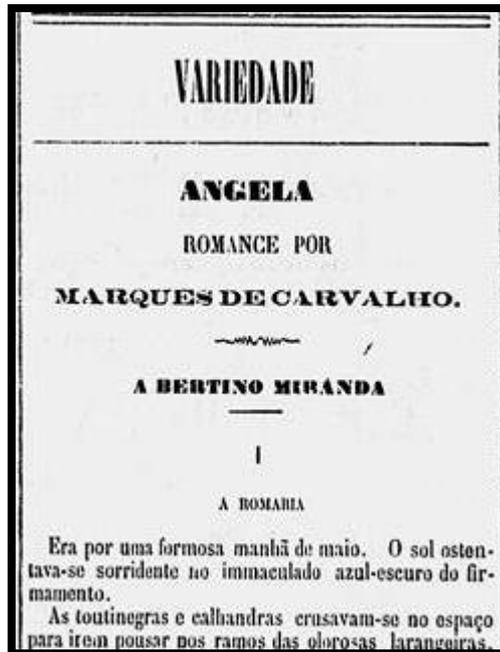


Figura 4.4: Primeiro fascículo do romance “Ângela”, de Marques de Carvalho, publicado no *Diário de Belém* em 17 de novembro de 1883. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

**Revista Familiar**

PERIODICO DEDICADO AS EXM.<sup>as</sup> FAMILIAS

**PUBLICAÇÃO DE DOMINGO**

REDACÇÃO PRINCIPAL

**DR. GERALDO B. DE LIMA**  
E  
**MUCIO JAVROT**

*Com a collaboração de distinctas escriptoras e  
escriptores nacionaes*

**Condições de assignatura**

Para a capital, por um anno.....	125000
Pelo correio.....	1:5000

*Pagas em prestações trimestraes*

\*

As vantagens que se podem auferir com a aquisição d'este excellente periodico resultam logo a primeira vista.

Alem de encontrarem n'ella variadissimo assumpto sobre sciencias, litteratura, instrucção, educação, industria, commercio e agricultura, haverá um

**Correio da Semana**

isto é um resumo de todas as noticias relatadas pelas folhas diarias d'esta capital o que é uma grande vantagem para todos os que não poderem estar a par do movimento da imprensa diaria.

Escreito especialmente para familias, cremos que sua leitura será util e agradavel a todos qualquer que seja sua idade, qualquer que seja a sua cor politica.

Assigna-se nesta typ. do «Diario de Belem», no «Diario do Grão-Pará», na casa Havaneza, em todas as livrarias e no Gymnasio Paraense.

**Figura 4.5:** Anúncio publicado no *Diário de Belém* entre fevereiro e maio de 1883 sobre a *Revista Familiar*, “periódico dedicado às excelentíssimas famílias”.

**Fonte:** Hemeroteca Digital Brasileira.

# Revista Familiar

PERIODICO DEDICADO ÀS FAMILIAS

## SUMMARY

SIRVA DE PROSPECTO.—SCIENCIAS: Estudos sobre a botanica applicada, Meditações philosophicas sobre a historia politica das nações do mundo.—INSTRUCCÃO E EDUCAÇÃO: O ensino entre nós.—POLITICA: Chronica.—LITTERATURA: Uma historia triste (romance).—SECÇÃO AMENA: Algumas definições curiosas, Singularidades da Africa Oriental, Pensamentos de Espinoza, As paixões, e Receita para doces.—POESIAS: Visões, Dolores, e 3 de Fevereiro.—NOTICIARIO: Diversas noticias.

## SIRVA DE PROSPECTO

A REVISTA FAMILIAR que offertamos ás Exm.<sup>as</sup> senhoras vem preencher uma lacuna cuja falta muito ressentia-se entre nós; não porque deixe de existir innumerous jornaes, aliás muito bem escriptos; mas porque nenhum dedica-se especialmente ao que é de interesse geral.

Para as senhoras escrevemos esta revista, o seu programma é reunir o util ao agradável, procurando nos limites de nossas forças tratar todas as questões de educação, instrução, sciencias, litteratura, commercio e industria, do modo mais ameno e interessante.

Não seria justo deixarmos nossas charas leitoras na ignorancia do que se passa no alto mundo da politica, assim pois daremos em cada numero um boletim dos grandes acontecimentos politicos não só do Brazil como do estrangeiro.

Não encetamos a nossa carreira sem ter apreciado os obstaculos que se nos possa antepôr; apesar de temel-os, não podemos resistir ao desejo de offerecer á mais bella e digna parte de nossa sociedade uma publicação que reúna em si a seriedade do livro e a variedade do jornal.

Sabemos que é ardua e difficil a nossa tarefa; mas poderá transformar-se em agradável e facil, se merecermos da parte de quem offerecemos os nossos trabalhos, o apoio e encorajamento de que são dignos todos os que auxilião o incremento das ideias uteis.

A vós, respeitaveis e estimaveis leitoras, está confiada a sublime missão de favorecer a realisação dos destinos humanos, isto é, de ensinar a humanidade, facilitando a cada um os meios necessarios ao desenvolvimento moral e intellectual; porque é na familia que está o germen da sociedade politica e é d'ella que nasce a consequencia natural da sociabilidade humana e da ideia do justo.

Calculai uma sociedade de mulheres ignorantes, sem ideia do bello e do sublime, ou possuindo o bello que é natural aos pobres de conhecimentos, vereis surgir após a ignorancia dos homens, porque estes trabalhão, sacrificio-se para serem admirados por vós; desde que vós não sabeis avaliar o merecimento de cada um desapparecerá certamente esta ambição, e em que se tornará a sociedade?

E' desnecessario responder-vos, vós tendes bastante intelligencia, cultivai-a, aperfeiçoi-a, que será d'este modo somente que poderemos alcançar a perfeição de nossos costumes e habitos.

Não vos julgamos em espessa noite, nem em demencia como a Pitonisa em sua tripode, para vos dizer que vos offerecemos um raio de luz que vos servirá de guia. Não, para isto precisaria um codigo que só o poderia escrever e ditar uma pessoa que fosse eloquente e poeta como um atheniense, elevado e grandioso como um patricio, rude como um espartano, e expansivo e liberal como um plebeu; ainda mesmo dotado de todas estas qualidades, elle se tornaria desnecessario, porque vós não precisais d'elle, conheceis perfeitamente o vosso dever.

Não julgueis portanto, charas leitoras, que vos offerecemos um codigo, ou uma encyclopedia scientifica, politica, instructiva, etc. etc.

Não, nossas pretenções são muito mais modestas, e somente confiados na vossa bondade e grandeza de coração, ousamos vos offerecer uma leitura que julgamos amena, util e agradável.

Assim, pois, sem termos pretenções a ser mentor das senhoras, ousamos escrever para ellas porque sabemos que a ideia que vaga indecisa na mente, a semelhança d'alma sem corpo, deve ser acceita, porque assim haverá a união da ideia com a fórma, do espirito com a natureza.

E' pois um estudo das necessidades da vida que fazemos, e se tiverdes a complacencia de nos lérdes até o fim vereis desenvolvidas as ideias que expendemos.

Meditai um momento e vos convencereis da verdade de nossas palavras, e nos agradecereis a lembrança.

Muitas pessoas ha que escrevem e saberião com verdadeiro proveito expôr os bons principios e desenvolver-os dignamente; mas bem poucos dão-se a este trabalho, e é por esta razão que ousamos

Figura 4.6: Primeira página inteira da *Revista Familiar* publicada pela primeira vez no dia 4 de fevereiro de 1833.

Fonte: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves.

## 4.2. A fragmentação da leitura<sup>401</sup>

Segundo Jesús Martín-Barbero, o romance-folhetim é, por excelência, um gênero fragmentado, não apenas em razão da divisão da narrativa em episódios seriados, como também em razão de outras formas de fragmentação, “desde o tamanho da frase e do parágrafo até a divisão do episódio em partes, capítulos e subcapítulos”<sup>402</sup>. O autor, no entanto, defende que a “primeira e primordial fragmentação é a narrativa em episódios” e a “organização da narrativa em episódios opera com os registros da duração e do suspense”.

O suspense em romances-folhetins, na maioria das vezes, era criado a partir da junção entre a publicação da narrativa ficcional em partes seriadas, a famosa fórmula “continua”, “continua amanhã” ou “continua num próximo número” e o corte preciso da história no final de cada fascículo, exatamente num momento excepcional capaz de gerar grande expectativa no leitor a fim de instigá-lo a ler a continuação do romance. Segundo Yasmin Nadaf, “o ‘corte’ do capítulo e a ‘sucessividade’ narrativa firmavam-se [...] como os elementos iniciais a serem atendidos para o êxito do romance-folhetim”<sup>403</sup>.

Conforme Jesús Martín-Barbero, o suspense no romance-folhetim ocorria quando cada fascículo continha informações suficientes para constituir uma unidade capaz de satisfazer minimamente o interesse e a curiosidade da maior parte do público-leitor, de tal modo que a informação fornecida suscitasse, em contrapartida, uma quantidade satisfatória de perguntas que pudessem alimentar o desejo dos leitores pela continuação da narrativa ficcional. Segundo o autor, “cada episódio deve poder captar a atenção do leitor que, através dele, tem seu primeiro contato com a narrativa e deve ao mesmo tempo sustentar o interesse dos que já o vem acompanhando há meses: deve surpreender continuamente, mas sem confundir o leitor”<sup>404</sup>.

No aspecto do apelo ao suspense, “O homem das serenatas” é um ótimo exemplo de romance-folhetim. O romance de Paulino de Brito foi organizado de uma maneira tão

---

<sup>401</sup> Antes de iniciarmos este subtópico, gostaríamos de esclarecer o sentido de alguns termos que, a partir deste momento, empregaremos com bastante frequência. Neste trabalho, compreendemos os termos “fascículo” e “episódio” como sinônimos e esses vocábulos referem-se sempre ao fragmento da narrativa restrito às dimensões do espaço destinado à coluna onde o romance foi publicado. A cada novo dia e a cada novo número do jornal, portanto, havia a publicação de um novo fascículo ou episódio da obra. O termo “capítulo”, em contrapartida, condiz com a divisão da narrativa a partir de unidades temáticas definidas pelo próprio autor e, na maioria das vezes, pode receber um título.

<sup>402</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: Comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009, p. 186.

<sup>403</sup> NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das miscelâneas**: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2002, p. 19.

<sup>404</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: Comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009, p. 188.

articulada que podemos afirmar que todos os episódios apresentados nessa forma de publicação seriada foram estrategicamente inseridos com a intenção de incitar a curiosidade dos leitores. Já no primeiro fascículo da narrativa, Berta, a protagonista, encontrava-se sozinha em seu quarto perdida em pensamento quando estremeceu com algo que lhe pareceu ouvir. Depois dessa informação, veio a famosa expressão “continua”. O que Berta, então, havia ouvido para lhe desviar dos próprios pensamentos acerca dos acontecimentos desagradáveis daquela noite e ainda para lhe provocar algum estremeção? O leitor apenas pôde obter essa resposta no número seguinte do jornal.

No fascículo seguinte, o leitor descobriu que Berta “julgara ouvir uns acordes vagos e suaves como um prelúdio de harpa longínqua. Àquelas horas, quando o astro da inspiração derramava pelo céu a sua claridade poética, aqueles sons tinham a doçura de uma harpa eólia”<sup>405</sup>. Depois de algum tempo, o instrumento parou de emitir notas, mas logo em breve voltou novamente a vibrar, só que “agora era um verdadeiro prelúdio: uma voz de tenor, melodiosa, extensa, apaixonada, quebrou o silêncio da noite”. Depois de um fragmento da letra da música em italiano entoada pelo cantor misterioso, o leitor se deparou mais uma vez com a expressão “continua”. Diante do final desse fascículo, é muito provável que os apreciadores do gênero tenham realizado a seguinte interrogação: quem era o dono daquela voz estonteante que perturbou a pequena Berta?

A partir desse momento, o suspense em relação à verdadeira identidade do cantor misterioso seria mantido até os últimos fascículos do romance de Paulino de Brito. O homem das serenatas, como assim passou a ser denominado durante toda a narrativa, tornou-se o principal assunto na vizinhança e nas rodas de discussão. Todas as personagens na obra, de modo geral, queriam saber quem era a figura desconhecida que vinha à noite realizar serenatas em frente à casa de Berta.

Coligados ao suspense dominante a respeito da identidade do homem das serenatas, os cortes precisos ao final dos fascículos com o intuito de despertar a curiosidade no leitor continuaram. No décimo episódio do romance de Paulino de Brito, saído à luz em 29 de janeiro de 1882, por exemplo, conversavam a sós numa sala Berta e Marocas. Esta última figura não apenas era a melhor amiga e conselheira da protagonista, como também uma personagem extremamente sagaz. Se não fosse pela esperteza e pela ajuda de Marocas, Berta não teria descoberto as artimanhas maliciosas de Anacleto, “moço de nobre família, grande fortuna, fino espírito e variada instrução”, porém “maneiras tão apedantadas”, “fisionomia

---

<sup>405</sup> BRITO, Paulino de. O homem das serenatas. **Diário de Belém**, Belém, 2 jan. 1882, Folhetim, p. 2.

vulgar” e “galanteador tão assíduo quão incômodo”<sup>406</sup>. Antes de ter sido encerrado o fascículo, Marocas havia perguntado se Berta sabia o que as pessoas andavam comentando na cidade e, diante da negativa da heroína, aproximou os lábios do ouvido de Berta para contar-lhe o fato em segredo. O leitor, no entanto, só descobriria o que Marocas havia falado no ouvido da protagonista no fascículo seguinte: “– Dizem que te vais casar com o Anacleto...”<sup>407</sup>.

No mesmo episódio em que foi revelado o segredo contado por Marocas à pequena Berta, publicado no dia 5 de fevereiro de 1882, Alberto e Pedro encontraram-se na rua e começaram a conversar. A primeira figura era o herói do romance – pintor, poeta e músico, “um belo rapaz paulistano como será difícil encontrar quatro em todo o mundo”, “aluno de pintura na Academia de Belas-Artes do Rio de Janeiro”, “um rapaz de seus 22 anos de idade, magro e de elevada estatura”. O rapaz, em razão do prestígio e da fama que obtivera por meio da pintura, ganhou o prêmio de uma viagem para a Europa e, antes de ausentar-se do Brasil, resolveu passar um período em visita pelas províncias do norte do país. A segunda figura, por sua vez, era um rapaz que Alberto conhecera num baile, com o qual logo de imediato simpatizou, e também primo de Marocas. Em meio a essa conversa, Pedro disse ao amigo que lhe contaria uma novidade importante a respeito de Anacleto, mas, nesse momento, o episódio foi encerrado com a famigerada expressão “continua”. O leitor também descobriria a novidade à qual o primo de Marocas se referiu apenas no fascículo seguinte: “– Vai casar-se com aquela menina de quem lhe falei [Berta] [...]. Ela a princípio detestava-o; mas bem se diz que água mole em pedra dura...”<sup>408</sup>.

Desse modo, podemos perceber que Paulino de Brito preocupou-se a cada fascículo em promover um novo suspense para incitar a curiosidade do leitor pela leitura do episódio seguinte e, muitas vezes, conseguiu essa façanha por meio dos cortes precisos e benfeitos no final dos episódios. O mesmo princípio, no entanto, não foi tão bem executado por Teodorico Magno em “Por causa de uma loucura”. No primeiro fascículo, divulgado em 5 de janeiro de 1882, o autor, por exemplo, inseriu na narrativa as principais personagens e, antes da conhecida expressão “continua”, o narrador propôs-se a apresentá-los: “Agora que já estão reunidos cinco [quatro] dos principais personagens da nossa história, peço licença ao leitor para dar deles ideia em breves traços”<sup>409</sup>. Flávio era o protagonista romântico do romance, um

<sup>406</sup> BRITO, Paulino de. O homem das serenatas. **Diário de Belém**, Belém, 3 jan. 1882, Folhetim, p. 2.

<sup>407</sup> BRITO, Paulino de. O homem das serenatas. **Diário de Belém**, Belém, 5 fev. 1882, Folhetim, p. 2.

<sup>408</sup> BRITO, Paulino de. O homem das serenatas. **Diário de Belém**, Belém, 12 fev. 1882, Folhetim, p. 2.

<sup>409</sup> VELEDA, Eustáquio de [Teodorico Magno]. Por causa de uma loucura. **Diário de Belém**, Belém, 5 jan. 1882, Folhetim, p. 3.

jovem rapaz intelectual e poeta; Jacinto, por sua vez, era um antigo amigo e colega de estudos do herói; o sr. Gerônimo, no que lhe concerne, não apenas era um homem gordo, rico e meia idade, como também um anfitrião hospitaleiro, responsável por hospedar Flávio e Jacinto numa vila localizada no interior da província do Pará; Tomaz, por fim, era filho único do sr. Gerônimo. Convém, contudo, esclarecermos que, em razão dos limites dimensionais do espaço destinado ao *Folhetim*, não foi possível para o narrador descrever os aspectos físicos de todas as quatro figuras no primeiro episódio. Nesse sentido, foram expressos, primeiramente, os traços fisionômicos do sr. Gerônimo e Tomaz e, no fascículo seguinte, de Jacinto e Flávio. Nesse sentido, podemos afirmar que Teodorico Magno não se preocupou no primeiro fascículo em despertar o interesse do leitor pela continuação da narrativa ficcional. Por mais que a descrição das características físicas de dois personagens tenha sido transferida para o episódio seguinte, esse fato não atribuiu nenhum suspense a esse momento específico do romance, visto que Jacinto e Flávio foram inseridos desde o início do primeiro capítulo e muitas peculiaridades a respeito de ambos os rapazes já haviam sido anteriormente reveladas.

Assim como ocorreu no primeiro fascículo, Teodorico Magno também não se preocupou tanto com a estratégia do corte e, conseqüentemente, com o estímulo ao suspense na maioria dos episódios seguintes. Foram poucas as ocasiões em que o autor paraense promoveu alguma forma de expectativa no leitor. A partir, por exemplo, do décimo oitavo fascículo, Jacinto passou a sofrer investidas de d. Sofia, “uma anciã feiarrona mas quase submergida em enfeites de todas as qualidades”<sup>410</sup>. Depois de muitas tentativas sem êxito para livrar-se do atrevimento da senhora, o amigo de Flávio, no final do décimo nono episódio antes da fórmula “continua”, propôs-se a colocar um plano para desvencilhar-se de d. Sofia. Observemos: “Depois de terminada a quadrilha, ele julgou que já era tempo de tirar a sua desforra e eis como a tirou”<sup>411</sup>. Tal desforra, portanto, apenas chegou ao conhecimento dos leitores no fascículo seguinte. Jacinto aproveitou-se que a noite estava fria e submeteu d. Sofia a um vento gelado que chegou a arrepiar todas as carnes da velhota e, por essa razão, a senhora, assim como o amigo de Flávio havia previsto, foi acometida por uma constipação.

Ao contrário de Teodorico Magno, os fascículos do romance de Múcio Javrot demonstram que o autor preocupou-se um pouco mais com o corte ao final de alguns episódios a fim de incitar algum suspense. O primeiro fascículo da narrativa ficcional do escritor macapaense, por exemplo, foi encerrado com a partida do protagonista Luiz

<sup>410</sup> VELEDA, Eustáquio de [Teodorico Magno]. Por causa de uma loucura. **Diário de Belém**, Belém, 1 mar. 1882, Folhetim, p. 2.

<sup>411</sup> VELEDA, Eustáquio de [Teodorico Magno]. Por causa de uma loucura. **Diário de Belém**, Belém, 2 mar. 1882, Folhetim, p. 2.

Fromontier num navio para a Europa depois de o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil ter provado a inexecutabilidade do projeto de procurar em pleno oceano Atlântico o lendário continente submerso de Atlântida.<sup>412</sup> Por que o membro do Clube dos Cosmopolitas retirou-se do país com destino à Europa? Seria o dissabor da derrota e a ideia de uma vingança? Ou Fromontier havia desistido da tentativa de realizar um empreendimento que seria o maior acometimento do século? O leitor, no entanto, descobriria a razão da viagem do protagonista apenas nos episódios seguintes: “Pois bem, meus senhores, eu vou me atirar ao *centro da África*, vou em busca do desconhecido, vou auscultar na sua parte mais sensível o coração da África, essa nova Esfinge talvez mais indecifrável que a própria esfinge”<sup>413</sup>.

Apesar de Múcio Javrot, entretanto, ter demonstrado alguma preocupação com o corte ao final de alguns episódios, houve outros em que o autor não transferiu o suspense para o próximo fascículo. No quarto episódio, por exemplo, um inglês chamado Sir Patrick soube por meio de um jornal britânico do projeto de Luiz Fromontier e dele quis participar. Para tanto, foi ao Brasil, apresentou-se ao responsável pelo empreendimento e ofereceu-se para acompanhá-lo na expedição ao continente africano, mas, de acordo com o regulamento do clube, não era permitida a participação de estrangeiros na viagem. Sir Patrick, porém, não desistiu; voltou à Inglaterra para naturalizar-se brasileiro. Depois de ter sido solucionado o impedimento da nacionalidade, o inglês tornou-se membro da expedição e demonstrava-se muito interessado com os preparativos para a viagem. Após alguns dias, no entanto, Sir Patrick começou a chegar atrasado e a faltar muito às reuniões na casa de Fromontier. O que estava acontecendo com o inglês? Arrependeu-se? Estava doente? O suspense em torno da personagem, contudo, em vez de ter sido muito bem solucionado no fascículo seguinte, foi desvendado um pouco antes da expressão “continua”: Sir Patrick estava apaixonado.

Do mesmo modo que Teodorico Magno, Marques de Carvalho também se preocupou muito pouco com o corte ao final dos fascículos do romance. O segundo fascículo, por exemplo, é um dos poucos onde se mantém um suspense que prendesse a atenção do leitor pela continuação da narrativa ficcional, pois a protagonista Ângela estava na romaria de

---

<sup>412</sup> O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) foi fundado em 21 de outubro de 1838 e consiste no mais antigo e tradicional centro de estudos e pesquisas nas áreas de história, geografia, cultura e ciências sociais do Brasil, assim como também de preservação de documentos necessários para o conhecimento histórico-geográfico e cultural do país. A inauguração da instituição foi idealizada pelo cônego Januário da Cunha Barbosa e pelo marechal Raimundo José da Cunha Matos, que pretendiam criar uma entidade que refletisse a nação brasileira recentemente independente. O IHGB contou com o patronato do imperador d. Pedro II, o qual incentivou e financiou pesquisas, realizou doações valiosas, cedeu um espaço no Paço Imperial para servir inicialmente de sede do instituto e presidiu mais de quinhentas sessões.

<sup>413</sup> JAVROT, Múcio. Através do desconhecido: o romance da terra. **Diário de Belém**, Belém, 10 set. 1882, Folhetim, p. 2.

Nossa Senhora da Conceição e, depois do final da cerimônia religiosa, foi chamada por uma menina que lhe informou o seguinte: “– A mãe está impaciente e agastada...”<sup>414</sup>. Nesse mesmo instante, a heroína pôs-se a correr rapidamente. Por que se retirou às pressas da procissão quando soube que havia sido requisitada? Quem era essa mulher que estava irritada pela ausência de Ângela? O leitor, contudo, somente conheceria as respostas para essas perguntas apenas no próximo episódio. A protagonista era órfã e passou a ser criada por uma tia gorda e rabugenta. A sra. Gracinda, como se chamava a mulher, dirigia-se à menina sempre aos berros e insultos e tratava-a como se a pequena fosse uma escrava doméstica.

Além de aguçar a curiosidade do leitor fascículo a fascículo, a fragmentação da narrativa em episódios, quando publicados especificamente no rodapé da página, possibilitavam, de acordo com Débora Garcia e Luzmara Ferreira, “a encadernação artesanal, costume comum na época entre os que não tinham condições de adquirir as obras em volumes impressos, por vezes espessos, pesados e caros”<sup>415</sup>. Segundo Anne-Marie Thiesse, alguns leitores da França do século XIX, considerando que o lugar onde fascículos dos romances-folhetins eram divulgados consistia em um espaço favorável ao recorte, podiam facilmente retalhá-los e desfazerem-se posteriormente do restante do jornal. Em seguida, a partir de operações de recorte e costura sobre a base da página, juntavam todos os fascículos dos romances e elaboravam uma forma rudimentar de livro. Assim, podiam guardá-los para relê-los depois, emprestá-los aos amigos ou lê-los em voz alta nos serões. Conforme Anne-Marie Thiesse, a prática de recorte e costura dos fascículos de romances publicados no rodapé da página de jornais por leitores da França no século XIX foi legítima e recorrente, embora a autora afirme que “o resultado era muito frágil, de um valor estético medíocre”<sup>416</sup>.

Não encontramos, no entanto, pesquisas que demonstrem, como uma prática de leitura usual e concreta no Brasil, a confecção de formas rudimentares de livros a partir de fascículos de romances publicados especificamente no rodapé das páginas de jornais. José Ramos Tinhorão, por exemplo, no estudo que propôs sobre o romance-folhetim no país, afirmou que as longas histórias em capítulos publicadas em rodapés do jornal eram algumas vezes emolduradas por linhas pontilhadas que induziam ao recorte, à dobragem e à encadernação

<sup>414</sup> CARVALHO, Marques de. Ângela. **Diário de Belém**, Belém, 18 nov. 1883, Variedade, p. 3.

<sup>415</sup> GARCIA, Débora Cristina Ferreira; FERREIRA, Luzmara Curcino. Leitores de folhetim do século XIX no Brasil: uma análise de representações discursivas desses *novos leitores* de folhetim do *Correio Paulistano*. **Revista da ANPOLL**, Florianópolis, n. 36, v. 1, p. 105-131, jan./jun. 2014, p. 121.

<sup>416</sup> THIESSE, Anne-Marie. **Le roman au quotidien**: lecteurs et lectures populaires à Belle Époque. Paris: Éditions du Seuil, 2000, p. 20 (tradução nossa).

em livro.<sup>417</sup> O autor, porém, não demonstrou, a partir de fontes primárias, que essa prática de leitura ocorreu efetivamente no Brasil.

Do mesmo modo, Ubiratan Machado remete-se a essa mesma prática de leitura no Brasil.<sup>418</sup> Segundo o autor, os romances de José de Alencar publicados apenas em livro pela editora Garnier foram um verdadeiro sucesso editorial, como *Lucíola* e *Diva. O Guarani*, no entanto, ao ser publicado em livro, não repetiu o mesmo sucesso de quando foi lançado em folhetim, em 1857, no jornal *Diário do Rio de Janeiro*. Para justificar esse episódio, Ubiratan Machado levanta a hipótese de que, quando um romance publicado na imprensa se tornava um verdadeiro sucesso editorial, os leitores recortavam os capítulos e guardavam-nos em casa para serem relidos, emprestados aos amigos ou lidos em serões. Desse modo, o romance indianista de Alencar, segundo Ubiratan Machado, não teve êxito de vendas ao ser lançado em livro, pois os leitores já o haviam lido em folhetim, fato que inviabilizava a aquisição da obra em qualquer outro suporte. É importante, porém, ressaltarmos que, embora a hipótese de Ubiratan Machado seja em certa medida aceitável, o autor, assim como José Ramos Tinhorão, não apresenta fontes primárias que confirmem a concretização dessa prática de leitura no Brasil.

Apesar disso, podemos inferir que os leitores brasileiros poderiam muito bem recortar e costurar episódios de romances-folhetins com o intuito de conseguirem obter como resultado final um volume artesanal, visto que a disposição dessas obras na base da página de periódicos brasileiros era favorável ao recorte e, portanto, permitia a realização de tal procedimento.

Uma vez, então, que “O homem das serenatas”, “Por causa de uma loucura” e “Através do desconhecido: o romance da terra” foram publicados no rodapé do *Diário de Belém*, podemos afirmar que o leitor poderia facilmente recortá-los e costurá-los a fim de criar uma forma rudimentar de livro.<sup>419</sup> Não podemos, no entanto, assegurar o mesmo a respeito da “Ângela”, visto que esse trabalho, assim como já mencionamos anteriormente, não foi publicado na coluna *Folhetim*, mas sim na seção *Variedade*, cuja disposição nas páginas do jornal não permitia o recorte e a costura dos fascículos do trabalho de Marques de Carvalho para a fabricação de um rústico volume. Nesse sentido, podemos afirmar que os leitores

<sup>417</sup> Cf. TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetins no Brasil: 1830 à atualidade**. São Paulo: Duas cidades, 1994.

<sup>418</sup> MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o Romantismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.

<sup>419</sup> É possível considerarmos que os fascículos do romance de Múcio Javrot, em especial, podem não ter sido reunidos por aqueles os acompanhavam nas páginas do *Diário de Belém*. Visto que essa obra não chegou a ser concluída, podemos imaginar que não havia sentido para os leitores da época a transformação de episódios de um romance não finalizado num livro elaborado a partir de pedaços de folhas de jornal.

poderiam muito bem recortar e costurar os romances assinados por escritores paraenses e divulgados especificamente no rodapé do *Diário de Belém* e, por conseguinte, produzir uma forma artesanal e rudimentar de livro.

Além do corte preciso no final de cada fascículo com o intuito de promover um suspense para prender a atenção dos leitores, a fragmentação da leitura, como foi mencionado anteriormente, está também relacionada à divisão da narrativa em partes, capítulos e subcapítulos. O romance de Paulino de Brito, por exemplo, foi dividido em fascículos numerados a partir de algarismos arábicos e em capítulos designados por meio de números romanos (cf. tabela 4.1). Do mesmo modo, a narrativa ficcional de Teodorico Magno também foi repartida em episódios enumerados a partir do sistema numérico indo-arábico e em capítulos definidos por meio da enumeração romana, mas, ao contrário do trabalho do escritor amazonense, todos os capítulos da obra de Teodorico Magno, além de algarismos arábicos, receberam títulos (cf. tabela 4.2). O romance de Múcio Javrot, por sua vez, foi dividido em capítulos e em partes numerados e intitulados. Os fascículos desse romance, como já mencionamos anteriormente, foram enumerados em algarismos arábicos até o quarto episódio e, desde o quinto em diante, não voltaram mais a ser contabilizados (cf. tabela 4.3). A produção ficcional de Marques de Carvalho, enfim, não foi dividida em fascículos enumerados. Os capítulos desse trabalho, no entanto, foram distinguidos a partir do sistema numérico romano e de pequenos títulos (cf. tabela 4.4).

Segundo Débora Garcia e Luzmara Ferreira, a fragmentação do romance-folhetim em episódios numerados e capítulos intitulados oferecia vantagens tanto para os autores quanto para os leitores.<sup>420</sup> Os escritores, por exemplo, poderiam atribuir unidade com início, meio e fim a um capítulo situado em meio a uma narrativa em rede e, portanto, repleta de personagens, ambientes, peripécias e núcleos de ação. Além disso, como o período de publicação de um romance-folhetim poderia ser expandido de acordo com a preferência dos leitores, o folhetinista, a partir da técnica de fragmentação da narrativa ficcional em capítulos, também poderia perfeitamente, sem nenhum prejuízo para a coerência global da trama, inserir novas personagens, novos fatos e novos ambientes em meio ao enredo.

---

<sup>420</sup> Cf. GARCIA, Débora Cristina Ferreira; FERREIRA, Luzmara Curcino. Leitores de folhetim do século XIX no Brasil: uma análise de representações discursivas desses *novos leitores* de folhetim do *Correio Paulistano*. *Revista da ANPOLL*, Florianópolis, n. 36, v. 1, p. 105-131, jan./jun. 2014.

Fascículo	Data de publicação	Número do jornal	Colunas	Página	Capítulo
1	1 jan. 1882	1	1, 2, 3, 4 e 5	3	I
2	2 jan. 1882	2	1, 2, 3, 4 e 5	2	I
3	5 jan. 1882	4	1, 2, 3, 4 e 5	2	I e II
4	8 jan. 1882	6	1, 2, 3, 4 e 5	2	II
5	11 jan. 1882	8	1, 2, 3, 4 e 5	2	III
6	13 jan. 1882	10	1, 2, 3, 4 e 5	2	IV
7	15 jan. 1882	12	1, 2, 3, 4 e 5	2	V
8	19 jan. 1882	15	1, 2, 3, 4 e 5	2	VI
9	22 jan. 1882	18	1, 2, 3, 4 e 5	2	VI
10	29 jan. 1882	24	1, 2, 3, 4 e 5	2	VII
11	5 fev. 1882	29	1, 2, 3, 4 e 5	2	VII e VIII
12	12 fev. 1882	35	1, 2, 3, 4 e 5	2	VIII
13	15 fev. 1882	37	1, 2, 3, 4 e 5	2	IX
14	21 fev. 1882	42	1, 2, 3, 4 e 5	2	IX
15	26 fev. 1882	46	1, 2, 3, 4 e 5	2	X
16	3 mar. 1882	50	1, 2, 3, 4 e 5	2	X
17	4 mar. 1882	51	1, 2, 3, 4 e 5	2	XI e XII
18	5 mar. 1882	52	1, 2, 3, 4 e 5	2	Epílogo

**Tabela 4.1:** Disposição dos capítulos do romance “O homem das serenatas”, de Paulino de Brito, por fascículo e coluna.

No romance de Teodorico Magno, percebemos que a fragmentação da escrita foi um artifício muito utilizado pelo autor paraense para atribuir unidade a capítulos que poderiam muito bem ter sido excluídos da narrativa sem prejudicar o sentido global do enredo da obra. No terceiro capítulo – “Na barbearia do Grana” –, por exemplo, foram inseridas novas personagens na história: o barbeiro Grana, o ajudante do barbeiro, o juiz municipal, o subdelegado Peleja, o tabelião, o oficial de justiça, o major Donoso e, finalmente, um lavrador. De acordo com a narração, as seis últimas figuras chegaram todas juntas com o intuito de cortar a barba ou o cabelo, mas o barbeiro, mesmo com o auxílio de um ajudante, não poderia atender a todos ao mesmo tempo e, por essa razão, decidiu-se por servir primeiramente o juiz municipal e designou o major aos cuidados do ajudante. Depois de algum tempo, entraram na barbearia os jovens Flávio, Jacinto e Tomaz com o mesmo intuito de cortar o cabelo. Após o final de um longo diálogo entre todas essas personagens sobre assuntos diversos, o fascículo foi encerrado com a intervenção do narrador. Ei-la: “O resto do diálogo é sem importância. Basta saber que ao meio-dia Flávio e seus companheiros estavam em casa e que o roceiro teve de perder a maré, porque foi o último que foi servido”<sup>421</sup>.

<sup>421</sup> VELEDA, Eustáquio de [Teodorico Magno]. Por causa de uma loucura. **Diário de Belém**, Belém, 10 jan. 1882, Folhetim, p. 2.

Como podemos identificar, todas essas figuras foram identificadas pelo ofício que exerciam. Na barbearia, o lavrador era o único que não desempenhava uma profissão de prestígio social e, somado a esse fato, foi o último a ser atendido. É possível observarmos, portanto, que o capítulo da barbearia apresenta uma crítica aos privilégios atribuídos a determinadas pessoas em razão da classe social a que pertencem. À exceção, porém, dos rapazes Flávio, Jacinto e Tomaz, presentes na história desde o início até o final, todas as outras personagens não reapareceram na trama, assim como a barbearia do Grana não ressurgiu na história nem os eventos transcorridos nesse lugar interferiram de algum modo no decorrer da narrativa ficcional. Convém assinalarmos, contudo, que o terceiro capítulo não prejudicou a compreensão do romance de Teodorico Magno. Essa circunstância, por conseguinte, pode ser atribuída à fragmentação da narrativa em unidades menores. É provável também que a cena da barbearia, com base em Débora Garcia e Luzmara Ferreira, tenha sido inserida pelo escritor paraense para aumentar o período de publicação da obra “Por causa de uma loucura”.

<b>Fascículo</b>	<b>Data de publicação</b>	<b>Número do jornal</b>	<b>Colunas</b>	<b>Página</b>	<b>Capítulo</b>
<b>1</b>	5 jan. 1882	4	1, 2, 3, 4 e 5	3	I - Encontro inopinado
<b>2</b>	6 jan. 1882	5	1, 2, 3, 4 e 5	2	I - Encontro inopinado II - Outro encontro
<b>3</b>	10 jan. 1882	7	1, 2, 3, 4 e 5	2	II - Outro encontro III - Na barbearia do Grana
<b>4</b>	11 jan. 1882	8	1, 2, 3, 4 e 5	3	III - Na barbearia do Grana IV - Flávio e Elódia
<b>5</b>	12 jan. 1882	9	1, 2, 3, 4 e 5	2	IV - Flávio e Elódia
<b>6</b>	14 jan. 1882	11	1, 2, 3, 4 e 5	2	IV - Flávio e Elódia V - A viagem
<b>7</b>	18 jan. 1882	14	1, 2, 3, 4 e 5	2	V - A viagem
<b>8</b>	20 jan. 1882	16	1, 2, 3, 4 e 5	2	VI - Em plena roça
<b>9</b>	22 jan. 1882	18	1, 2, 3, 4 e 5	3	VI - Em plena roça
<b>10</b>	26 jan. 1882	21	1, 2 e 3	3	VI - Em plena roça
<b>11</b>	2 fev. 1882	27	1, 2, 3, 4 e 5	2	VI - Em plena roça VII - Ainda na roça
<b>12</b>	9 fev. 1882	32	1, 2, 3, 4 e 5	2	VII - Ainda na roça

<b>13</b>	14 fev. 1882	36	1, 2, 3, 4 e 5	2	VII - Ainda na roça
<b>14</b>	16 fev. 1882	38	1, 2, 3, 4 e 5	2	VII - Ainda na roça VIII – Neblinas
<b>15</b>	21 fev. 1882	42	1, 2, 3, 4 e 5	3	VIII – Neblinas
<b>16</b>	25 fev. 1882	45	1, 2, 3, 4 e 5	2	VIII – Neblinas
<b>17</b>	26 fev. 1882	46	1, 2, 3, 4 e 5	3	IX - A festa do Tenente
<b>18</b>	1 mar. 1882	48	1, 2, 3, 4 e 5	2	IX - A festa do Tenente
<b>19</b>	2 mar. 1882	49	1, 2, 3, 4 e 5	2	IX - A festa do Tenente
<b>20</b>	3 mar. 1882	50	1, 2, 3, 4 e 5	3	IX - A festa do Tenente X - Surpresas e peripécia
<b>21</b>	4 mar. 1882	51	1, 2, 3, 4 e 5	3	X - Surpresas e peripécia
<b>22</b>	5 mar. 1882	52	1, 2, 3, 4 e 5	3	X - Surpresas e peripécia
<b>23</b>	7 mar. 1882	53	1, 2, 3, 4 e 5	2	X - Surpresas e peripécia
<b>24</b>	9 mar. 1882	55	1, 2, 3, 4 e 5	2	X - Surpresas e peripécia Conclusão

**Tabela 4.2:** Disposição dos capítulos do romance “Por causa de uma loucura”, de Teodorico Magno, por fascículo e coluna.

Conforme Débora Garcia e Luzmara Ferreira, os leitores, em contrapartida aos escritores, em razão da numeração dos fascículos e também da segmentação das narrativas ficcionais em unidades menores, mas relativamente completas e independentes (partes, capítulos e subcapítulos), poderiam se orientar e se situar no andamento da trama, visto que os episódios de um romance-folhetim, muitas vezes, eram publicados ao longo de muitos meses ou até mesmo anos. Além disso, a presença de títulos no início de cada parte, cada capítulo e cada subcapítulo, de certa maneira, antecipava os fatos explorados no fragmento da narrativa e, por essa razão, poderia gerar a curiosidade dos apreciadores do gênero quanto ao conteúdo da trama e instigá-los a ler ou a reler as partes, os capítulos e os subcapítulos. Essa divisão da obra em unidades menores ainda permitia ao leitor localizar-se em relação à narrativa e realizar leituras seriadas que podiam ser interrompidas e depois recuperadas mais facilmente no que se refere à retomada da leitura do romance-folhetim.

<b>Fascículo</b>	<b>Data de publicação</b>	<b>Nº do jornal</b>	<b>Colunas</b>	<b>Pág.</b>	<b>Capítulo</b>
<b>1</b>	27 ago. 1882	192	1, 2, 3, 4 e 5	2	I - O mundo marcha!...
<b>2</b>	3 set. 1882	198	1, 2, 3, 4 e 5	2	I - O mundo marcha!...
<b>3</b>	10 set. 1882	202	1, 2, 3, 4 e 5	2	II - Fiat lux!...
<b>4</b>	17 set. 1882	208	1, 2, 3, 4 e 5	2	III - Um inglês extraordinário
<b>5<sup>422</sup></b>	24 set. 1882	214	1, 2, 3, 4 e 5	2	III - Um inglês extraordinário IV - A partida
<b>6</b>	5 out. 1882	223	1, 2, 3, 4 e 5	2	V - Os monstros marinhos
<b>7</b>	15 out. 1882	232	1, 2, 3, 4 e 5	2	V - Os monstros marinhos VI - Um deserto de ossadas
<b>8</b>	22 out. 1882	238	1, 2, 3, 4 e 5	2	VI - Um deserto de ossadas
<b>9</b>	5 nov. 1882	249	1, 2, 3, 4 e 5	2	VI - Um deserto de ossadas VII - A mercadoria negra
<b>10</b>	9 nov. 1882	252	1, 2, 3, 4 e 5	2	VII - A mercadoria negra VIII - Uma proeza de Sir Patrick <sup>423</sup>
<b>11</b>	10 nov. 1882	253	1, 2, 3, 4 e 5	2	VIII - As proezas de Sir Patrick
<b>12</b>	11 nov. 1882	254	1, 2, 3, 4 e 5	2	VIII - As proezas de Sir Patrick
<b>13</b>	12 nov. 1882	255	1, 2, 3, 4 e 5	2	VIII - As proezas de Sir Patrick IX - Os exploradores do mundo
<b>14</b>	15 nov. 1882	257	1, 2 e 3	3	IX - Os exploradores do mundo
<b>15</b>	18 nov. 1882	260	1, 2, 3, 4 e 5	2	IX - Os exploradores do mundo
<b>16</b>	19 nov. 1882	261	1, 2, 3 e 4	2	IX - Os exploradores do mundo
<b>17</b>	22 nov. 1882	263	1, 2, 3, 4 e 5	2	IX - Os exploradores do mundo
<b>18</b>	26 nov. 1882	267	1, 2, 3, 4 e 5	2	IX - Os exploradores do mundo X - Os exploradores da África
<b>19</b>	5 dez. 1882	273	1, 2, 3 e 4	2	X - Os exploradores da África
<b>20</b>	14 dez. 1882	280	1, 2, 3 e 4	2	X - Os exploradores da África XI - A antropologia de Sir Patrick

<sup>422</sup> A partir do quinto fascículo, o romance parou de ser numerado. Apesar disso, os fascículos da obra de Múcio Javrot continuaram a ser enumerados na terceira tabela deste capítulo para que se tenha uma noção a respeito da quantidade total de episódios dessa narrativa ficcional encontrados durante a nossa catalogação do *Diário de Belém*.

<sup>423</sup> Convém frisarmos que, no décimo primeiro fascículo, o autor nomeou o oitavo capítulo com o título “Uma proeza de Sir Patrick” e, a partir dos episódios seguintes, o título do mesmo capítulo foi alterado para “As proezas de Sir Patrick”.

<b>21</b>	17 dez. 1882	283	1, 2, 3, 4 e 5	2	XI - A antropologia de Sir Patrick
<b>22</b>	21 dez. 1882	286	1, 2, 3 e 4	2	XI - A antropologia de Sir Patrick
<b>23</b>	28 jan. 1883	22	1, 2, 3 e 4	2	XI - A antropologia de Sir Patrick XII - Um Paganini inglês
<b>Primeira parte: O Clube dos Cosmopolitas (I-V)</b>					
<b>Segunda parte: A descoberta da África (VI-X)</b>					
<b>Terceira parte: Os cosmos (XI-XII)</b>					

**Tabela 4.3:** Disposição dos capítulos de “Através do desconhecido: o romance da terra”, de Múcio Javrot, por fascículo e coluna.

Nos romances de Teodorico Magno, Múcio Javrot e Marques de Carvalho, por exemplo, podemos perceber que, caso essas narrativas ficcionais já tivessem sido lidas, os títulos dos capítulos, por um lado, funcionavam como dispositivos que acionavam a memória dos leitores para os acontecimentos transcorridos desde o início até o final da trama e, a partir desses dispositivos, os apreciadores da obra poderiam situar-se mais facilmente no andamento da trama. Os títulos dos capítulos, por outro lado, caso as mesmas narrativas ainda não tivessem sido lidas, atuavam também como mecanismos de sedução, pois poderiam aguçar a curiosidade do leitor pela continuação da leitura da obra. Não é possível afirmarmos o mesmo em relação ao romance de Paulino de Brito, pois os capítulos dessa obra, conforme mencionamos anteriormente, foram apenas enumerados a partir de algarismos romanos e não apresentam títulos.

<b>Capítulo</b>	<b>Título</b>
<b>I</b>	A romaria
<b>II</b>	O primeiro beijo
<b>III</b>	Ah! Maldita borboleta
<b>IV</b>	Prenúncios de tempestade
<b>V</b>	Pobre Ângela!
<b>VI</b>	As estrangeiras
<b>SEGUNDA PARTE</b> <sup>424</sup>	<b>A REPARAÇÃO</b>
<b>I</b>	Em outros climas
<b>II</b>	Um antigo conhecido nosso
<b>III</b>	[Informação indisponível]
<b>IV</b>	[Informação indisponível]
<b>V</b>	Dúvidas

<sup>424</sup> Convém ressaltarmos que não foi mencionado, em nenhum momento, que os seis primeiros capítulos do romance de Marques de Carvalho correspondiam a uma primeira parte. É possível inferirmos, portanto, que não era intenção do autor *a priori* dividir a “Ângela” em partes, mas sim apenas em capítulos. É provável, por conseguinte, que a ideia de fragmentação da narrativa ficcional em unidades maiores do que os capítulos – as partes – tenha ocorrido quando os fascículos do romance já estavam em fase de publicação.

VI	Recriminações
VII	Desenlace
<b>Epílogo</b>	

**Tabela 4.4:** Os títulos dos capítulos de “Ângela”, de Marques de Carvalho.

Convém ainda ressaltarmos, com base em Jesús Martín-Barbero, que os apreciadores de romances-folhetins, ainda que pudessem ser representantes de todos os segmentos sociais, eram presumidos pelos folhetinistas como pouco experientes na prática da leitura.<sup>425</sup> Segundo o autor, o folhetim foi um fenômeno cultural e uma forma de escritura dirigida sobretudo às massas. Desse modo, os produtores do gênero idealizavam leitores que não desfrutavam de condições de iluminação adequadas, para os quais a leitura supunha um esforço e uma tensão e cujos hábitos de leitura eram mínimos. Dessa maneira, os autores do gênero, conforme o estudioso dos meios de comunicação de massa, dispunham de diversas estratégias, a exemplo da fragmentação da leitura, para que os leitores compreendessem e apreciassem adequadamente o enredo da história de cunho folhetinesco. A divisão da narrativa em unidades menores, a prevalência de uma estrutura dialogal simples, a construção de parágrafos curtos e a elaboração de capítulos breves, portanto, são alguns artifícios empregados pelos folhetinistas para auxiliar os leitores menos hábeis na compreensão da trama.

---

<sup>425</sup> Cf. MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: Comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

### 4.3. A figura do narrador

Como mencionamos anteriormente, os leitores de romances-folhetins no século XIX, segundo Jesús Martin-Barbero, eram considerados pelos autores do gênero como pouco competentes na atividade da leitura e avessos aos conteúdos sérios e enfadonhos. Dessa maneira, os folhetinistas procuravam várias estratégias para incitar e manter o interesse dos apreciadores de romances-folhetins por um longo período até chegar ao último fascículo. Além da fragmentação da leitura, a figura do narrador exerce um papel importante na estrutura da narrativa para auxiliar o leitor na compreensão da trama. Muitos romances brasileiros, a exemplo das *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, e *da mão e a luva*, de Machado de Assis, apresentam um narrador que conduz o leitor pela mão como se o caminho a ser percorrido fosse árduo.<sup>426</sup> Segundo Débora Garcia e Luzmara Ferreira, “a figura do narrador é muito ativa nesse gênero, intervindo na narrativa por diversos motivos: para comentar determinados fatos, para introduzir antecipações ou para trazer à memória dos leitores acontecimentos descritos em capítulos distantes”<sup>427</sup>.

Ao contrário de Débora Garcia e Luzmara Ferreira, José Ramos Tinhorão não atribui ao narrador a função de interventor dentro da narrativa, mas sim ao próprio autor de romances-folhetins. Segundo o estudioso do gênero folhetinesco,

Como o romantismo contemporâneo da livre iniciativa burguesa privilegiava o indivíduo, e o novo relacionamento autor-leitor começava a revelar-se bem mais democrático, graças à vulgarização da imprensa, os escritores podiam dirigir-se despreocupadamente a seu público em caráter pessoal (“caro leitor”, “amável leitora” etc.), o que permitia conciliar certas dificuldades da narrativa parcelada, como a noção de tempo, através da intromissão do autor nas histórias em frases coloquiais do tipo: “Como o leitor que bondosamente nos acompanha deve estar lembrado...”<sup>428</sup>.

Os romances assinados por Paulino de Brito, Teodorico Magno, Múcio Javrot e Marques de Carvalho, assim como nas obras do mesmo gênero, apresentam também o

<sup>426</sup> Marisa Lajolo e Regina Zilberman demonstram como os narradores das *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, e *da mão e a luva*, de Machado de Assis, tratam os leitores como seres frágeis e despreparados e, por essa razão, procuram conduzi-los pela mão para que a leitura não lhes seja uma atividade maçante e odiosa. Cf. LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. O brasileiro, um leitor em formação. In: \_\_\_\_\_. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2009.

<sup>427</sup> GARCIA, Débora Cristina Ferreira; FERREIRA, Luzmara Curcino. Leitores de folhetim do século XIX no Brasil: uma análise de representações discursivas desses *novos leitores* de folhetim do *Correio Paulistano*. **Revista da ANPOLL**, Florianópolis, n. 36, v. 1, p. 105-131, jan./jun. 2014, p. 121.

<sup>428</sup> TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetins no Brasil: 1830 à atualidade**. São Paulo: Duas cidades, 1994, p. 10-11.

narrador como uma figura ativa na estrutura da narrativa ficcional que intervém no andamento da trama por razões bastante distintas.

O narrador elaborado pelo escritor amazonense, por exemplo, age de diversas maneiras na construção da tessitura da narrativa. Em primeiro lugar, esse elemento presente na trama projeta um leitor atento a todos os pormenores da história, habilidoso em lembrar todas as situações já transcorridas no enredo e sagaz com capacidade suficiente de intuir os acontecimentos seguintes. No segundo capítulo da obra de Paulino de Brito, por exemplo, a protagonista Berta, no dia posterior à primeira aparição do homem das serenatas, arrumava-se para o almoço enquanto pensava: “– Virá ele ainda esta noite?”<sup>429</sup>. Após o pensamento da heroína, o narrador pressupõe que o leitor já sabia a quem a protagonista estava se referindo: “Este *ele*, o leitor já o terá adivinhado, era o cantor noturno da véspera; era a única preocupação de Berta: foi o seu último pensamento antes de dormir, foi a imagem que lhe povoou os sonhos e foi a sua primeira ideia ao despertar”.

No quinto capítulo, por sua vez, o narrador, por meio de uma analepse, esclareceu como Alberto, o herói da história, apaixonou-se por Berta antes mesmo de saber que a menina era a irmã de Artur. Esse recuo no tempo da narrativa chegou ao final quando o jovem pintor estava em frente à casa da família do amigo bacharel em direito, momento ao qual já havia sido apresentado no início da trama. Para não mencioná-lo novamente, o narrador informou que “o resto já sabem os leitores”<sup>430</sup> e, por meio dessa expressão, demonstrou partir do pressuposto de que os apreciadores do romance de Paulino de Brito guardaram na memória todos acontecimentos que presenciaram depois de Alberto ter entrado na casa dos familiares de Artur.

Já no sexto capítulo, o protagonista foi a um baile e, logo quando chegou ao local da festa, “seus olhos debalde procuraram alguém que já o leitor terá adivinhado”<sup>431</sup>. Nessa cena, o narrador não se preocupou em mencionar que o protagonista estava à procura da pequena Berta, pois tal informação seria facilmente compreendida pelo leitor. Nesse sentido, essa figura de relevo no interior da narrativa que manuseia a organização das ações do enredo conta com a colaboração de um público atento, sagaz e interessado.

O narrador, em segundo lugar, também emite juízos em relação aos acontecimentos ocorridos na trama do romance de Paulino de Brito. Depois da cena em que Marocas havia revelado à pequena Berta que estavam comentando na cidade que a menina encontrava-se

<sup>429</sup> BRITO, Paulino de. O homem das serenatas. **Diário de Belém**, Belém, 5 jan. 1882, Folhetim, p. 2.

<sup>430</sup> BRITO, Paulino de. O homem das serenatas. **Diário de Belém**, Belém, 15 jan. 1882, Folhetim, p. 2.

<sup>431</sup> BRITO, Paulino de. O homem das serenatas. **Diário de Belém**, Belém, 19 jan. 1882, Folhetim, p. 2.

noiva de Anacleto e da outra em que Pedro havia contado a Alberto que o Anacleto estava prestes a contrair casamento com Berta, quem narra a história dirige-se a quem a está lendo: “Mas, perguntará o leitor, este absurdo boato de casamento de Berta com Anacleto terá algum fundamento?”<sup>432</sup>. Logo após a essa pergunta, o narrador prontificou-se a respondê-la e, em seguida, teceu comentários a respeito da situação e dos sentimentos da heroína, assim como também das decepções pelas quais a menina havia passado:

Tem, respondeu eu, Anacleto frequenta agora assiduamente a casa de Luiz, e a filha deste, a nossa heroína, já não vota ao pedante o mesmo desprezo antigo, e ao contrário toda a sua antipatia por ele mudou em benevolência: Berta ama Anacleto; pelo menos ela assim acredita, e as outras pessoas acreditam ainda mais do que ela. Quanto ao modo porque se operou esta transformação em seu espírito, nem eu nem ninguém poderá explicá-lo. [...]

Berta sofrera uma decepção tremenda. A amargura que se lhe derramara na alma era incalculável.

Efetivamente, o destino parecia conspirar para acabrunhá-la de decepções.

Seu coração tinha duas atrações que o solicitavam com igual força, uma para o *homem das serenatas*, outra para o pintor Alberto. Mas eis que um dia descobre no primeiro o tolo do Anacleto, e o segundo, que devia ficar senhor absoluto do seu coração, patenteia-se-lhe logo depois como um indivíduo vulgar, completamente diverso do que ela imaginara, e que de mais a mais não a amava.

Em terceiro lugar, o narrador de Paulino de Brito estabeleceu em determinados momentos da narrativa uma relação de intimidade com o leitor muito além dos limites estabelecidos entre quem conta a história e quem a lê. Essa figura de grande relevo nos romances do século XIX demonstra na produção ficcional do escritor amazonense a explícita intenção de transportar juntamente consigo os apreciadores do romance de Paulino de Brito para o interior da trama e colocá-los também como expectadores dos acontecimentos que se passam no centro do enredo. Nesse sentido, o narrador comporta-se como se fosse um amigo camarada colocando o braço no ombro do leitor, apontando para as personagens com o dedo e descrevendo em copiosos detalhes todos os acontecimentos a rodeá-los. O nono capítulo, por exemplo, foi destinado à realização de uma festa em comemoração ao aniversário da menina Berta. Nesse momento quase final da história, o suspense crucial será desvendado: a identidade do homem das serenatas será finalmente revelada e Anacleto, o vilão, será desmascarado. Antes, no entanto, dessas revelações, o narrador explicitou no início do capítulo a proposta de apresentar ao leitor que o acompanha as personagens então presentes na festa. Vejamos:

<sup>432</sup> BRITO, Paulino de. O homem das serenatas. *Diário de Belém*, Belém, 29 jan. 1882, Folhetim, p. 2.

Vou apresentar algumas dessas pessoas ao leitor.

Vê aquele sujeito baixo, cheio de corpo, de bigodes grisalhos, com a cara cheia de sinais de bexigas e respirando um ar bonachão? É Luiz.

Ao pé dele está uma senhora um tanto gorda e um tanto madura, mostrando, porém, ainda vestígios de uma rara beleza. É D. Ana, sua mulher e mãe de Berta.

Junto a eles está um rapaz dos seus 25 anos de idade, de estatura e corpo medianos, cara comprida e um tanto amarela, cabelos penteados com todo o primor, bigodes retorcidos e apontados como duas lancetas, calças que não deixariam ver os pés se estes não ultrapassassem um pouco as raiais do comum, enormes botões de brilhantes nos punhos e no peito, uma rosa imensa na casa do croisé muito justo ao corpo e um pince-nez cavalgado sobre o nariz, que pelo seu lado se esforça para não ser pequeno. Este tipo conversa com Luiz e D. Ana e gesticula animadamente, fazendo ao mesmo tempo repetidas e ridículas medidas. É... O leitor já adivinhou quem é.

Fazem parte também deste grupo uma senhora idosa, um velho raquítico e umas moças excessivamente enfeitadas: são os pais e as irmãs de D. Marocas.

Lança a vista para outro lado, leitor. Não vês duas moças a conversarem sentadas naquele sofá? Uma é alva como um jasmim, tem cabelos castanhos e anelados, olhos negros e cismadores; é muito esbelta e elegante, e está vestida com simplicidade. Outra é um tipo essencialmente brasileiro: olhos e cabelos muito negros, tez morena, estatura um tanto abaixo da mediana: ri muito e a propósito de tudo; mas contra o adágio, que diz ser o riso abundante na boca dos tolos, ela de tola não tem nada. A primeira destas moças, que são ambas muito lindas, é a nossa Berta; a segunda é a D. Marocas.<sup>433</sup>

A partir desse excerto, é possível verificarmos que o narrador, por meio do emprego de verbos na segunda pessoa do singular, dirige-se ao leitor como se ambos estivessem presentes lado a lado na festa de aniversário de Berta do mesmo modo que quaisquer outros convidados e tivessem uma visão privilegiada de todas as personagens.<sup>434</sup> Como podemos também perceber, a conjugação dos verbos principalmente no presente do indicativo nessa parte específica da narrativa resulta numa atualização da ação e, por essa razão, transmite a ideia de que o evento na casa da protagonista está ocorrendo no momento em que o leitor está lendo esse segmento do romance de Paulino de Brito.<sup>435</sup>

No romance de Teodorico Magno, por sua vez, o narrador também exerce um papel importante na estrutura da narrativa. Do mesmo modo como Paulino de Brito, Teodorico Magno construiu essa figura para intervir de maneiras distintas na construção do enredo. Em primeiro lugar, o narrador convida o leitor para o interior da trama. Como mencionamos anteriormente, o terceiro capítulo do romance discorre sobre os acontecimentos ocorridos na barbearia do Grana, onde se localizaram não apenas personagens secundárias que depois

<sup>433</sup> BRITO, Paulino de. O homem das serenatas. **Diário de Belém**, Belém, 15 fev. 1882, Folhetim, p. 2.

<sup>434</sup> As marcas da segunda pessoa do singular estão presentes, por exemplo, na conjugação do verbo “ver” na segunda pessoa do imperativo afirmativo. Exemplo: “Vê [tu] aquele sujeito baixo, cheio de corpo, de bigodes grisalhos, com a cara cheia de sinais de bexigas e respirando um ar bonachão?”. As mesmas marcas podem ser encontradas também na conjugação do verbo “lançar” na segunda pessoa do imperativo afirmativo e do verbo “ver” na segunda pessoa do presente do indicativo. Exemplo: “Lança [tu] a vista para outro lado, leitor. [Tu] Não vês duas moças a conversarem sentadas naquele sofá?”.

<sup>435</sup> Convém ainda ressaltarmos que “O homem das serenatas” foi predominantemente escrito com os verbos conjugados nos tempos do pretérito.

desaparecem totalmente (o barbeiro, o ajudante, o juiz municipal, o subdelegado, o tabelião, o oficial de justiça, o major e o lavrador), como também os três rapazes que protagonizam a história: Flávio, Tomaz e Jacinto. Nesse capítulo, o narrador, antes de apresentar os fatos que transcorrem no interior da barbearia, convida o leitor para acompanhá-lo nesse passeio. Vejamos: “Se o leitor estiver para isso, entre comigo nela e ponhamo-nos a examinar-lhe o movimento interno”<sup>436</sup>. Após essa passagem, o narrador apresenta a quem o está lendo as personagens que se encontram na barbearia e o diálogo estabelecidos entre essas mesmas figuras. Do mesmo modo que Paulino de Brito, Teodorico Magno estabeleceu nesse momento uma relação de proximidade com o leitor quando o convidou a entrar no recinto a ser apresentado na história como se os dois pudessem estar lado a lado como amigos presenciando pessoalmente as cenas transcorridas.

Em segundo lugar, o narrador é uma figura utilizada no romance de Teodorico Magno para introduzir algumas antecipações. No primeiro capítulo, por exemplo, esse elemento que narra a história pediu licença a quem o estivesse lendo para apresentar alguns traços das principais personagens inseridas no início da obra: o sr. Gerônimo, Tomaz, Jacinto e Flávio. Quando se ocupou do herói da narrativa, antecipou que “[e]m outra parte darei ao leitor suficientes esclarecimentos sobre os pontos de vista essenciais da vida deste moço, antes de vir ao local onde o encontramos pela primeira vez”. Depois dessas palavras do narrador, o leitor descobriria apenas no quarto capítulo a razão que conduziu Flávio à “simpática vila de...”: o rapaz padecia de uma desilusão amorosa. Antes de apresentar aos leitores os fatos que encaminharam o protagonista para longe da capital paraense, o narrador proferiu a seguinte frase: “Eis-me agora cumprindo a promessa que fiz de historiar a vida de Flávio antes do seu passeio à vila de...”<sup>437</sup>.

Do mesmo modo, o narrador introduziu uma antecipação no final do quinto capítulo, no qual aparece pela primeira vez em cena a menina Olímpia, a filha do sr. Gerônimo. A protagonista tinha alma de poetiza e, antes de conhecer o jovem e poeta Flávio, passava os dias a passear pelas avenidas do pomar e a perseguir os beija-flores que avistava. Segundo a entidade que narra a história, “o afeto de Olímpia tendia para uma pessoa de compleição moral igual à sua, de sentimento e volições quase de todo idênticos aos seus sentimentos e às

---

<sup>436</sup> VELEDA, Eustáquio de [Teodorico Magno]. Por causa de uma loucura. **Diário de Belém**, Belém, 10 jan. 1882, Folhetim, p. 2.

<sup>437</sup> VELEDA, Eustáquio de [Teodorico Magno]. Por causa de uma loucura. **Diário de Belém**, Belém, 11 fev. 1882, Folhetim, p. 3.

suas volições, porque as almas dos poetas são gêmeas!”<sup>438</sup>. O narrador, porém, adiantou logo para quem o estivesse lendo que as inclinações afetivas de Olímpia conduzi-la-iam ao sofrimento: “Mas, como verão mais tarde os leitores, esta simpatia primitiva degenerou em sentimento de caráter mais sério, para mal da pobre menina que tão feliz tinha sido até aquele período de sua idade...”. A partir dos próximos capítulos, o leitor descobriria que Olímpia se apaixonou por Flávio, mas o protagonista não correspondeu ao amor da menina, pois encontrava-se enamorado por Elódia, uma moça da cidade que não retribuiu ao sentimento do rapaz, zombava dos versos que o jovem poeta lhe dedicava nos jornais e não representava o anjo, a musa, a figura angélica e o belo ideal com o qual o mancebo havia sonhado. O amor não correspondido, portanto, foi o responsável pelo sofrimento e pela morte de Olímpia.

De outro modo, a figura do narrador projetado por Teodorico Magno, em terceiro lugar, emite opiniões sobre o comportamento das personagens, assim como também recapitula alguns acontecimentos passados. Depois de Olímpia ter declarado a Flávio que o amava e o rapaz, em contrapartida, ter admitido que não poderia corresponder ao amor da filha do sr. Gerônimo, pois já havia se apaixonado por Elódia, os protagonistas, durante algum tempo, foram ofuscados na narrativa pelas longas digressões do narrador e por personagens secundárias. Após esse intervalo, a entidade que narra história dirigiu-se ao leitor com o intuito de oferecer um julgamento acerca das personagens principais: “É tempo de eu dar o meu parecer a respeito do que passava com Flávio e com Olímpia”<sup>439</sup>. Antes, no entanto, de emitir a crítica, lembrou a quem o estivesse lendo o que havia acontecido com Flávio enquanto o rapaz ainda estava na cidade: “Flávio tinha, como ele próprio confessou e os leitores devem lembrar-se, cometido uma leviandade ou antes uma loucura, dedicando todas as suas inspirações de moço a Elódia e nela concentrando todos os seus afetos”.

Além de estabelecer uma relação de camaradagem com o leitor, de introduzir antecipações, de lembrar acontecimentos passados e de emitir opiniões, o narrador projetado por Teodorico Magno, em quarto e último lugar, demonstra também ser uma figura preocupada com o indivíduo que o está acompanhando, pois não quer enfatiá-lo. No quinto capítulo, por exemplo, o sr. Gerônimo, Flávio, Jacinto e Tomaz realizaram uma viagem da vila até a ilha de Cajuúba e, na manhã do dia seguinte à chegada dessas quatro personagens, reuniram-se à mesa do café juntamente com a esposa, d. Felícia, e a filha do sr. Gerônimo, a

---

<sup>438</sup> VELEDA, Eustáquio de [Teodorico Magno]. Por causa de uma loucura. **Diário de Belém**, Belém, 18 jan. 1882, Folhetim, p. 2.

<sup>439</sup> VELEDA, Eustáquio de [Teodorico Magno]. Por causa de uma loucura. **Diário de Belém**, Belém, 21 jan. 1882, Folhetim, p. 2.

menina Olímpia. Num determinado momento da conversa entre as pessoas ali presentes, o narrador informou ao leitor que

Em lugar de transcrever o resto da prática [a conversação à mesa do café entre as personagens], o que seria caceteiar os leitores como D. Felícia caceteava os hóspedes, limitar-me-ei a dizer que ela durou até a hora do almoço e que portanto não foi das amenas. Durante a refeição falou-se de diversas coisas e de diversas pessoas, entrando no meio destas últimas a menina Olímpia.<sup>440</sup>

A partir dessa fala, podemos perceber que o narrador demonstra estar preocupado com o leitor, pois não quer fatigá-lo com diálogos sem importância. É possível, porém, verificarmos que essa preocupação, além de colocar em evidência quem acompanha a história, é também uma estratégia empregada por quem a narra para conduzir a narrativa a um assunto de fundamental interesse: a menina Olímpia. Depois das conversas banais à mesa do café, o narrador dedicou-se quase exclusivamente à filha do sr. Gerônimo.

Já no início do oitavo capítulo, o narrador envolveu-se numa longa digressão sobre a “arte venatória e pescatória tal qual se exerce nos sítios de nossa província, posto que também cada lugarejo influa nas maneiras de ela exercer-se”<sup>441</sup>. Após terminar a resenha sobre a caça e a pesca no Pará, quem conta a história atenta-se para o fato de que cometeu um desvio no percurso da narrativa, como se tivesse tomado consciência desse incidente apenas no momento da enunciação: “E lá me ia eu estendendo imperceptivelmente em uma digressão, aliás enfadonha”. Diante dessa situação, demonstra-se preocupado com o fato de o leitor ter possivelmente ficado aborrecido com a divagação: “Agora, porém, leitor, eis-me chamado à continuação da minha história; e se de algum modo te achas aborrecido com a leitura do meu episódio, faze de conta que não o leste e passa para diante”. Em seguida, afirma que uma força maior o conduziu a tal incursão pelo exercício da caça e pesca no Pará: “O que não posso é, lembrando-me das cenas aprazíveis, das alegrias francas, do sentimentalismo ideal que se nota na vida campestre, deixar de encarecê-la”. Mais adiante, procura atribuir um sentido à digressão em que incorreu:

Entretanto, convém reconhecer que as digressões são a saúde de quaisquer obras de imaginação: nesta não se deve seguir a marcha rigorosa das demonstrações geométricas ou dos processos filosóficos. Abri qualquer livro de Alencar, de Macedo ou de Guimarães Júnior, e depararei com uma chusma das tais digressões. Por isso é que eu espero desculpa para as minhas.

<sup>440</sup> VELEDA, Eustáquio de [Teodorico Magno]. Por causa de uma loucura. **Diário de Belém**, Belém, 18 jan. 1882, Folhetim, p. 2.

<sup>441</sup> VELEDA, Eustáquio de [Teodorico Magno]. Por causa de uma loucura. **Diário de Belém**, Belém, 16 fev. 1882, Folhetim, p. 2.

É possível percebermos que o narrador cometeu intencionalmente uma digressão e estabeleceu esse diálogo com o leitor a fim de justificá-la com o provável intuito de alongar o período de publicação da narrativa ficcional. Somado a esse fato, o fascículo onde se construiu esse arquitetado desvio no percurso da trama foi finalizado com a seguinte frase: “Agora, pois, vou entrar de uma vez no verdadeiro assunto do presente capítulo”. Essa última sentença do décimo quarto episódio demonstra que quem narra a história preocupou-se em estabelecer uma digressão, em declará-la como um acontecimento impensado, fortuito e repentino, em tentar justificá-la a partir de uma experiência pessoal, em solicitar a indulgência do leitor por tê-lo provavelmente aborrecido com o desvio ocorrido no decurso da narrativa e, sobretudo, em postergar a continuação do enredo para o próximo número do jornal.

No romance de Múcio Javrot, o narrador é uma figura que também se manifesta com frequência e, muitas vezes, procura estabelecer um diálogo com o leitor. Após, por exemplo, uma disputa acirrada na imprensa entre o Clube dos Cosmopolitas e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a entidade mais antiga desqualificou o projeto de Paulo Fromontier, protagonista e membro da associação mais moderna, de encontrar o continente submerso de Atlântida. Depois de perder o debate, Fromontier cruzou o oceano Atlântico para chegar à Europa. Depois de alguns meses, enviou, enquanto ainda estava na Europa, um telegrama endereçado ao clube ao qual se associara e informava aos colegas que havia recebido aplausos frenéticos da Sociedade de Geografia de Paris. Logo após a mensagem, o narrador se exprime: “os nossos leitores acharão bastante enigmático semelhante aviso; sê-lo-ia também para o Clube? – é o que cumpre averiguar”. Nessa passagem, quem narra a história antecipa para quem a está lendo qual é a expressão esperada. Dessa maneira, o narrador deseja que o leitor, sem perceber, considere a mensagem do protagonista enigmática.

O narrador projetado por Múcio Javrot também solicita às vezes a perspicácia do leitor. Apesar, por exemplo, de o Clube dos Cosmopolitas ter perdido a disputa com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), o nome da associação mais moderna, em razão justamente de tal querela, tornou-se conhecido não apenas no Rio de Janeiro, como também no restante do Brasil e, por essa razão, o Clube, a fim de tornar-se mais popular e de estabelecer relações mais próximas com o mundo científico, resolveu tornar públicas as sessões da sociedade com o intuito “de promover entre o público e seus associados o amor às cousas da pátria e da ciência, e despertar assim o incentivo para os grandes cometimentos”<sup>442</sup>.

---

<sup>442</sup> JAVROT, Múcio. Através do desconhecido: o romance da terra. **Diário de Belém**, Belém, 3 set. 1882, Folhetim, p. 2.

Logo em seguida, o narrador afirma: “Não queremos dizer que, expondo estas teorias, o Clube mentisse; mas o leitor perspicaz terá compreendido que seu fim principal era outro”. Por meio dessa intrusão, quem narra a história procura demonstrar a quem a lê que o desejo do Clube dos Cosmopolitas de obter prestígio e fama era maior que a vontade de promover o amor à pátria e à ciência entre público e associados.

Além disso, o narrador no romance de Múcio Javrot estabelece muitas perguntas para provocar a curiosidade do leitor. Depois que Fromontier, por exemplo, subiu a bordo de um paquete em direção ao continente europeu, o narrador propôs algumas indagações sobre as razões que conduziriam o protagonista a realizar essa viagem. Vejamos:

Que motivo poderoso teria influído em Fromontier a ponto de fazê-lo retirar precipitadamente para o velho Mundo?  
Seria o dissabor de derrota e a ideia de uma vingança?  
Iria em busca de comoções novas com o fim de esquecer as amarguras de sua ciência, ou para oferecer à Europa os seus serviços de naturalista-geógrafo?

Semelhante ao caso anterior, Sir Patrick – um inglês que se voluntariou para participar da expedição comandada por Fromontier – e Rafael – o criado do protagonista – recomendavam muito cuidado aos condutores que transportavam uma mala e uma caixa. Rafael, em especial, não saía de perto de ambas e repetia aos carregadores a seguinte frase: “Olhe que aí vai o meu futuro... e talvez mesmo o da expedição!...”<sup>443</sup>. Nesse momento, o narrador elaborou algumas interrogações a respeito desse fato. Vejamos: “O que seria? Que mistério guardavam naquelas caixas? Seria uma máquina infernal?...”.

Do mesmo modo como ocorre nos romances de Paulino de Brito, Teodorico Magno e Múcio Javrot, o narrador projetado no romance de Marques de Carvalho também exerce uma função ativa na construção da narrativa. Essa entidade que narra a história, em primeiro lugar, insere digressões como se tivessem sido construídas de maneira irrefletida e espontânea no momento da enunciação. No terceiro capítulo, por exemplo, Artur da Fonseca havia pedido para que Ângela cantasse e a menina, então, “cantara uma dessas longas e sentidas canções que costumam cantar os cegos que percorrem as aldeias e povoações com uma guitarra debaixo do braço, ganhando o *pão de cada dia* salmodiando essas *modas*”<sup>444</sup>. Desse momento em diante, o narrador inseriu uma rápida digressão, pois desviou-se do decurso do enredo e dispôs-se a discorrer sobre a condição desfavorável na qual se encontram esses homens cegos que sobrevivem a partir do canto acompanhado de algumas notas arrancadas de uma guitarra

<sup>443</sup> JAVROT, Múcio. Através do desconhecido: o romance da terra. **Diário de Belém**, Belém, 24 set. 1882, Folhetim, p. 2.

<sup>444</sup> CARVALHO, Marques de. Ângela. **Diário de Belém**, Belém, 13 dez. 1883, Variedade, p. 3.

em troca de “algumas miseráveis coroas”. Quando percebeu o próprio deslize, o narrador enunciou o seguinte: “Mas basta de digressões, que talvez enfastiem os amáveis leitores deste modesto romance, e voltemos ao fio da nossa narração”. Esse excerto, além de apresentar um desvio no andamento da trama, demonstra também a preocupação de quem narra a história com os presumíveis apreciadores do romance, pois essa mesma entidade que se intromete no decorrer do enredo expressa ter receio de exauri-los com assuntos que não estabelecem uma conexão com a ficção.

O narrador construído por Marques de Carvalho, em segundo lugar, requisita a cooperação do leitor para desvendar o sentido por trás de determinadas alegorias e para julgar alguns fatos. O primeiro capítulo da segunda parte, por exemplo, é marcado pela mudança de espaço ficcional da aldeia portuguesa onde Ângela morava para o condado de Surrey, situado no sudeste da Inglaterra, onde viviam as benfeitoras da protagonista, as senhoritas Ophelia Campbell e Clary Lilly. Em terras estrangeiras, a heroína, depois dos infortúnios pelos quais passou, começou a sentir uma ardente curiosidade e uma vontade sedenta de instruir-se. As inglesas, surpresas e entusiasmadas com o interesse da pobre menina, começaram a orientá-la por meio de leituras, conversas familiares e lições. Com o decorrer do tempo, Ângela, sob a orientação das estrangeiras e por esforço próprio, transformou-se: “a metamorfose daquela pobre filha de uma montanha portuguesa, devoradora pelo amor e pelas saudades, em uma jovem *miss* docilmente aplicada a suas lições como poderia sê-lo uma criancinha atenta e estudiosa”<sup>445</sup>. Para referir-se à mudança da protagonista, o narrador recorreu a uma alegoria e pediu para que os leitores a imaginassem: “Que os nossos leitores imaginem a transplantação de um cipó selvagem dos países meridionais para um jardim do Norte corretamente delineado, cultivado, preparado, onde cada planta vicejava um pouco contrafeita e erguida com cuidado”.

No segundo capítulo, o narrador também conta com a cooperação do leitor, mas dessa vez para julgar um fato. Quando Ângela e as benfeitoras estavam numa exposição de arte, a senhorita Ophelia Campbell olhava determinadas obras com desdém e procurava avaliá-las a partir de aspectos relativos à espiritualidade, à religião e ao pudor. Para colocar em evidência o gosto duvidoso da inglesa sobre arte, o narrador emite o seguinte juízo: “Ela confirmara os seus gostos comprando em Roma a mais medonha coleção de cópias tiradas à pressa dos quadros imitados de Rafael, por pintores inábeis e medíocres. Julguem os leitores que preciosidade possuía a boa inglesa...”. Nessa apreciação, torna-se claro que o narrador

---

<sup>445</sup> CARVALHO, Marques de. Ângela. **Diário de Belém**, Belém, 20 jan. 1884, Variedade, p. 3.

apresenta a intenção de questionar o conhecimento e o gosto da personagem a respeito de arte e solicita com um tom de ironia que o leitor ao final também a julgue.

Nesse sentido, a figura do narrador, elemento bastante expressivo e atuante em romances-folhetins, exerce nas narrativas de Paulino de Brito, Teodorico Magno, Múcio Javrot e Marques de Carvalho um importante papel na construção da estrutura narrativa e estabelece com o leitor uma relação muito forte de proximidade, pois procura empregar estratégias para envolvê-lo e seduzi-lo com o intuito de que quem estiver lendo a história continue a acompanhá-la fascículo a fascículo.

#### 4.4. O apelo ao melodrama

##### 4.4.1. “O homem das serenatas”: Berta, Anacleto e Alberto

Segundo Brito Broca, Émile de Girardin, proprietário de um dos primeiros jornais de Paris a publicar romances-folhetins no decorrer de grande parte do século XIX, observou o êxito dos melodramas nos teatros parisienses por volta de 1840 e “chegou à conclusão de que se publicasse no jornal, em folhetins diários, romances com aqueles mesmos ingredientes dos melodramas – amores contrariados, duelos, tiros, fugas na noite, em meio de tempestades e trovões – teria igual sucesso. E tal foi o que se deu”<sup>446</sup>.

Segundo Jesús Martín-Barbero, a partir de 1790 passou a ser chamado de “melodrama”, sobretudo na França e na Inglaterra, “um espetáculo popular que é muito menos e muito mais que teatro”<sup>447</sup>. O autor afirma que o melodrama, embora tenha assumido a forma-teatro, não apresentava uma tradição estritamente teatral, pois mantinha uma relação ainda muito mais próxima “com as formas e modos dos espetáculos de feira e com os temas das narrativas que vêm da literatura oral, em especial com os contos de medo e de mistério, com os relatos de terror”. Conforme Martín-Barbero, enquanto o teatro culto, por um lado, era reservado às classes altas e dispunha de uma configuração com base numa complexidade dramática expressa e sustentada inteiramente na retórica verbal, o melodrama, por outro, era destinado às classes populares e apoiava “a sua dramaticidade basicamente na encenação e num tipo de atuação muito peculiar”. De acordo com o estudioso dos meios de comunicação de massa, o gênero, portanto, caracterizava-se, quanto ao nível da encenação, basicamente pela economia da linguagem verbal, pela predominância e fabricação de efeitos visuais e sonoros, pela movimentação dos cenários e pela expressão da moral por meio dos traços físicos das personagens.

Em relação ao vocábulo “melodrama”, Luiz Paulo Vasconcellos afirma que “o termo deriva das experiências renascentistas de recriação da tragédia através da fusão de música e drama. Nessa acepção, foi durante muito tempo sinônimo de ópera, ou de qualquer tipo de peça que contivesse números musicais ou canções”<sup>448</sup>. Segundo o autor, o melodrama, contudo, passou a ser definido a partir do século XIX como um gênero autônomo e, quanto ao

<sup>446</sup> BRITO, Broca. O romance-folhetim no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **Românticos, pré-românticos e ultrarromânticos: vida literária e Romantismo brasileiro**. São Paulo: Polis; Brasília: INL, 1973, p. 174.

<sup>447</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009, p. 163.

<sup>448</sup> VASCONCELLOS, Luiz Paulo. **Dicionário de teatro**. Porto Alegre: L&PM, 2001, p. 124-125.

nível da estrutura dramática, apresentava como primordiais características “o sentimentalismo, o mistério, o suspense, o equívoco, a coincidência, o sofrimento imerecido e a acusação indevida. A linguagem era em prosa e de caráter popular, no sentido de ser facilmente compreendida”. Além disso, os autores de melodrama, ainda conforme o dramaturgo, apresentavam como objetivo crucial na elaboração do gênero “comover e impressionar o espectador” e, por essa razão, não poupavam esforços, “sacrificando a motivação plausível, a verossimilhança, caracterizando artificialmente os personagens, enfatizando os efeitos espetaculosos, bem como as virtudes do herói e os vícios do vilão, com o que reafirmava a qualidade didático-moral e sentimental da obra”.

O romance-folhetim, portanto, apropriou-se de diversas características do melodrama. Sobre esse vínculo, Marlyse Meyer afirma que a “relação do folhetim com o melodrama que domina então, ao mesmo tempo que o drama romântico, é estreita”<sup>449</sup>. Segundo Débora Garcia e Luzmara Ferreira, não é à toa, por exemplo, que Alexandre Dumas, sendo um grande dramaturgo da época, tenha se tornado “um dos artífices máximos do romance-folhetim” e Eugène Sue, outro renomado folhetinista francês, tenha se inspirado num melodrama de Félix Pyat (1810-1889) para escrever “*Les mystères de Paris*”, “marco na história do romance-folhetim”<sup>450</sup>. Esse aclamado romance-folhetim de Eugène Sue, conforme Débora Garcia e Luzmara Ferreira, foi baseado no drama escrito por Félix Pyat, “*Les deux serruriers*”, melodrama dividido em cinco atos e representado pela primeira vez em Paris em 25 de maio de 1851 no teatro de la Porte Saint-Martin.

Uma das principais características do melodrama da qual o romance-folhetim se apropriou condiz com a constituição das personagens centrais com base na exploração de uma lógica maniqueísta determinada pela luta entre o bem e o mal. Conforme José Ramos Tinhorão, os enredos da ficção folhetinesca eram basicamente organizados em torno de uma tríade de personagens típicas: (1) a vítima, “que sofria as injustiças particulares ou sociais e excitava a piedade”; (2) o vilão, “que encarnava a maldade humana ou a prepotência do poder e inspirava horror, medo ou revolta”; (3) o herói ou vingador, que “interferia em favor das vítimas e provocava admiração”<sup>451</sup>. Essas três personagens, segundo Yasmin Nadaf, são indispensáveis ao melodrama e necessárias para que se constituísse a luta entre o bem e o

<sup>449</sup> MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 60.

<sup>450</sup> GARCIA, Débora Cristina Ferreira; FERREIRA, Luzmara Curcino. Leitores de folhetim do século XIX no Brasil: uma análise de representações discursivas desses *novos leitores* de folhetim do *Correio Paulistano*. **Revista da ANPOLL**, Florianópolis, n. 36, v. 1, p. 105-131, jan./jun. 2014, p. 123.

<sup>451</sup> TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetins no Brasil: 1830 à atualidade**. São Paulo: Duas cidades, 1994, p. 8.

mal.<sup>452</sup> Porém, a pesquisadora afirma que, nesse confronto, o primeiro sempre vencia, pois a ficção folhetinesca o reivindicou como o ideal. Tinhorão, por sua vez, defende que nos romances-folhetins a figura do herói era fortemente exaltada e personificava o defensor intransigente do bem.<sup>453</sup> Desse modo, o gênero folhetinesco, segundo o autor, procurava ideologicamente compensar o horror das injustiças, pois transmitia a certeza de que, se o homem fosse fundamentalmente bom, o mal acabaria sempre sendo vencido.

No romance de Paulino de Brito, por exemplo, a tríade de personagens típicas do melodrama e do romance-folhetim é muito bem demarcada. Berta, Anacleto de Almeida e Alberto de Andrade representam, respectivamente, a vítima, o vilão e o herói. Para, contudo, analisarmos essas personagens, recorreremos primeiramente ao enredo, pois, como afirma Antonio Candido, “o enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam”<sup>454</sup>.

Quando estava com os seus dezessete anos, Berta frequentava “os bailes da alta sociedade, onde a posição e a grande fortuna de seu pai lhe davam ingresso”<sup>455</sup> e era obrigada a tolerar nesses eventos rapazes “de *pince-nez* na cara e flor no peito, cheios da mais ridícula fatuidade, que distribuíam sorrisos amarelos para todos os lados, que desfaziam-se em mesuras como uns bonecos de engonço, mas que não passavam de uns bobos da mais baixa extração”. Depois, porém, de um determinado período, dois homens despertaram-lhe a curiosidade e o interesse. O primeiro lhe apareceu numa determinada noite quando lhe veio oferecer serenatas debaixo das suas janelas e conseguiu lhe atrair a atenção em razão de dispor apenas de “uma voz de tenor, melodiosa, extensa, apaixonada”. Esse primeiro sujeito não teve a identidade revelada e, portanto, passou a ser conhecido por todas as outras personagens do romance pela alcunha de “o homem das serenatas”. O segundo, por sua vez, apareceu no dia seguinte à hora do almoço na casa onde Berta morava com os pais, d. Ana e o sr. Luiz; estava em posse de cartas redigidas por Artur, irmão da protagonista e estudante da Faculdade de São Paulo, e vinha com elogiosas recomendações desse futuro bacharel. O mancebo chamava-se Alberto de Andrade e era um jovem paulistano de vinte e dois anos, aluno de pintura de Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro e amigo de Artur. O rapaz

<sup>452</sup> Cf. NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das miscelâneas**: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

<sup>453</sup> Cf. TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetins no Brasil**: 1830 à atualidade. São Paulo: Duas cidades, 1994.

<sup>454</sup> CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo, Perspectiva, 2007, p. 53-54.

<sup>455</sup> BRITO, Paulino de. O homem das serenatas. **Diário de Belém**, Belém, 1 jan. 1882, Folhetim, p. 3.

havia ganhado o prêmio de uma viagem para a Europa e, antes de ausentar-se da pátria, quis realizar uma excursão pelas províncias do norte do país.

Além do homem das serenatas e do pintor, Anacleto era um rapaz que tentava com obstinada persistência despertar o interesse de Berta, mas tudo o que realmente conseguiu foi causar na protagonista uma imensurável animosidade. Essas duas personagens eram extremamente diferentes, pois, enquanto a menina, por um lado, era uma “alma cândida e sensível”, “cismadora e poética, mas ao mesmo tempo travessa e risonha”, nutria uma paixão pela literatura, pela pintura e pela música e dispunha de discricção, espírito e instrução, Anacleto, por outro, era pedante, esbanjador, dissimulado, inconveniente, exibido, ganancioso e pouco afeito às artes em geral.

Desde quando o sujeito misterioso das serenatas noturnas e Alberto de Andrade surgiram na vida de Berta, o amor e o coração da heroína manteve-se por algum tempo dividido entre os dois homens. Vejamos:

Amava já o pintor? A si própria ela o perguntara diversas vezes e não soube o que responder: se interrogava o coração ele dizia – sim! – mas a razão contestava – não! – porque era impossível que votasse o mesmo amor a dois homens, e ela sentia pelo cantor noturno, embora nem sequer ainda o conhecesse, o mesmo afeto que votava ao pintor... Quando ouvia, pelo silêncio da noite, a voz daquele, a imagem do pintor empalidecia e quase se apagava; quando estava em presença deste sentia a mesma atração irresistível, e a voz daquele se esvaecia e parecia perder o seu encanto... Amaria a dois homens? Estaria só para ela reservado este suplício? Quando mesmo fosse tão feliz que viesse a possuir um deles, o outro, ela o sentia, ter-lhe-ia levado a metade da sua alma!<sup>456</sup>

Convém assinalarmos que os protagonistas apaixonam-se à primeira vista no romance de Paulino de Brito. Berta, por exemplo, julgava que amava o sujeito que vinha lhe oferecer serenatas à noite sem nem ao menos conhecê-lo, sem nenhuma conversa prévia e sem nenhuma troca de olhares. Dessa maneira, apenas a voz melodiosa, extensa e fascinante do homem das serenatas, acompanhada de uma harpa eólica, foi suficiente para que a “poética donzela” se apaixonasse pelo cantor misterioso. Alberto, por sua vez, enamorou-se de Berta logo quando a viu pela primeira vez. No mesmo dia em que chegou a Belém, resolveu visitar as ruas principais da cidade. Nesse passeio, havia contemplado a beleza peregrina de Berta à janela de uma casa sem saber que se tratava da irmã de Artur. A menina não o viu, mas o pintor passou um longo período a admirá-la encostado à porta de uma loja. O rapaz acreditava que morreria sem conhecer o amor de uma mulher, mas naquele momento passou a

<sup>456</sup> BRITO, Paulino de. O homem das serenatas. **Diário de Belém**, Belém, 11 jan. 1882, Folhetim, p. 2.

experimentá-lo, pois apaixonou-se à primeira vista pela moça que contemplara a uma janela com verdadeiro delírio e loucura.

Depois da segunda aparição do homem das serenatas, Berta resolveu que não perderia mais a oportunidade de conhecê-lo. Na terceira noite, porém, entristeceu-se, pois uma chuva não tardaria a cair e, portanto, era muito provável que numa noite chuvosa o sujeito misterioso não aparecesse para lhe oferecer serenatas. Apesar disso, ouviu um dedilhar de arpa que se aproximava e levantou-se alvoroçada disposta a descobrir a identidade do homem das serenatas. Quando olhou pela janela, teve um grande espanto seguido de uma violenta decepção, uma vez que avistou o pedante Anacleto acompanhado de “um desses miseráveis italianos tocadores de rua” que carregava e dedilhava uma harpa enquanto caminhava.

No dia seguinte a essa descoberta, Berta foi acordada pela mãe aos gritos e com alvoroço. Quando soube que aquele entusiasmo estava relacionado a um presente que Alberto lhe enviara, começou a se arrumar às pressas. Assim que chegou à sala de visitas, deparou-se com toda a família, criados, escravos e crianças ao redor de um objeto que despertava a contemplação de todos. Tratava-se de uma tela ricamente emoldurada que acomodava um lindo retrato da protagonista.

Nesse mesmo dia, Alberto encontrava-se em seu pequeno aposento imerso em milhares de pensamentos. O herói amava a irmã de Artur, mas sentia que não podia amá-la, pois o sr. Luiz, pai da moça, poderia considerá-lo um especulador e um cobiçoso com interesse na fortuna da família, visto que o pintor não dispunha de posição social nem fortuna. Do mesmo modo, Artur poderia considerá-lo um ingrato quando soubesse que o amigo a quem tinha ajudado e a quem tinha dado a sua amizade e a sua confiança partiu para a Europa e abandonou a irmã entregue à tristeza, à dor e à saudade. Para não decepcionar ninguém, Alberto arquitetou um plano para que Berta se desencantasse com a sua pessoa e passasse a desprezá-lo. À noite foi a um baile para o qual havia sido convidado e onde encontraria certamente a irmã de Artur. Quando a heroína o avistou, o pintor “passava dando o braço a uma senhora muito linda. Esta sorria languidamente e apoiava-se toda no braço do seu cavalheiro”<sup>457</sup>. Quando passou perto de Berta, restringiu-se a apenas cumprimentá-la de forma ligeira e indiferente e seguiu o seu caminho absorvido aparentemente na conversação com a bela mulher que o acompanhava. Diante da maneira como foi cortejada por Alberto, “a menina sentiu no coração uma dor aguda, como se o varasse um espinho. Uma lágrima mal comprimida, sem que ninguém o percebesse, brilhou-lhe nos olhos”. Desse modo, o plano do

---

<sup>457</sup> BRITO, Paulino de. O homem das serenatas. **Diário de Belém**, Belém, 19 jan. 1882, Folhetim, p. 2.

protagonista obteve o resultado pretendido, pois para Berta “o pintor rolara do pedestal em que o colocara, e já não era mais o mesmo Alberto que ela começava a amar tanto: era um homem tal e qual como o Anacleto, com a diferença de ser mais instruído e inteligente”<sup>458</sup>.

Como havia desistido do amor de Berta, o pintor deixou o caminho livre para que Anacleto se aproximasse da heroína. O pedante rapaz, então, passara a frequentar com assiduidade a casa onde Berta morava com os pais. A heroína também não lhe devotava mais o mesmo desprezo de outrora e começara enxergá-lo com benevolência. A aproximação entre a protagonista e o vilão, entretanto, ocorreu sobretudo em razão de um “despeito feroz” que Berta havia sentido, pois a menina se decepcionara profundamente com o desprezo de Alberto. Vejamos: “– Ah! O mundo é todo composto desta gente? pensou ela. Nunca acharei um homem digno do meu amor? Nesse caso dá-lo-ei ao mais estúpido! Amarei o Anacleto!”<sup>459</sup>.

Após algum tempo, arrependeu-se da própria escolha e quis romper com o rapaz pedante, mas não conseguia elaborar um pretexto. Uma oportunidade, contudo, apareceu quando à noite depois do chá o assunto na casa da família de Berta foi direcionado para o homem das serenatas. Em razão do conteúdo dessa conversa, a heroína pensou em obrigar Anacleto a cantar à força naquele mesmo dia logo quando chegasse. Em seguida à chegada do rapaz, à hora de costume, a menina abordou o assunto, mas Anacleto demonstrou-se muito embaraçado e disse que, desde certa noite em que tinha andado ao relento e apanhado alguns chuviscos, havia contraído uma bronquite que o impedia de cantar por algum tempo. Nesse momento, Berta recebeu a visita de Marocas e, diante das perguntas elaboradas pela melhor amiga, concluiu que na noite em que flagrou Anacleto não o ouviu cantar: “– Não... não... disse Berta um tanto confusa; mas vi-o passar com a harpa. Nessa noite não pôde cantar porque ameaçava muita chuva, o que foi causa de ele apanhar uma bronquite que até hoje o impossibilita de cantar”<sup>460</sup>.

Quando descobriu que havia atirado Berta nos braços de Anacleto, um rapaz tolo e ridículo, Alberto arrependeu-se de ter abdicado do amor da menina e resolveu impedi-la de cometer o sacrilégio de casar-se com um homem indigno de ser o seu esposo. No dia do baile em comemoração ao aniversário da heroína, foi até a casa onde Berta morava com os pais com o intuito de desmascarar Anacleto, embora ainda não tivesse traçado um plano concreto para desmoralizá-lo. Durante, porém, uma conversa com Pedro, o mesmo rapaz que há alguns

<sup>458</sup> BRITO, Paulino de. O homem das serenatas. **Diário de Belém**, Belém, 22 jan. 1882, Folhetim, p. 2.

<sup>459</sup> BRITO, Paulino de. O homem das serenatas. **Diário de Belém**, Belém, 29 jan. 1882, Folhetim, p. 2.

<sup>460</sup> BRITO, Paulino de. O homem das serenatas. **Diário de Belém**, Belém, 5 fev. 1882, Folhetim, p. 2.

dias conhecera num baile, soube que a irmã de Artur casar-se-ia “com Anacleto apenas porque a natureza cega dotou-o de uma voz belíssima, e o parvo teve a astúcia de ir por noites de luar cantar-lhe debaixo das janelas”<sup>461</sup>. Depois de saber do motivo que ainda vinculava Berta a um rapaz pedante, o pintor havia finalmente encontrado um modo de impedir o matrimônio entre a heroína e o vilão. Nesse momento, o sr. Luiz interrompeu o diálogo entre os dois rapazes e dirigiu-se a Alberto para informar que estava há muito tempo a procurá-lo. Segundo o pai de Berta, as danças haviam terminado para cederem lugar às apresentações musicais e o amigo do filho seria o responsável por abrir o concerto. Sem nem esperar por uma resposta do pintor, levou-o pelo braço para a sala onde aconteceria a cantoria e apresentou-o como “um distintíssimo artista, tanto em pintura como em música”<sup>462</sup> aos convidados presentes no baile em comemoração ao aniversário da filha. Após as gentis palavras proferidas pelo sr. Luiz, Alberto dirigiu um sorriso e um aceno de agradecimento ao pai de Berta, encaminhou-se para sentar ao piano e começou a dedilhar o instrumento e a entoar um canto com uma voz melodiosa e pura. Nesse momento, a heroína estava em outro compartimento da casa conversando com Marocas quando reconheceu a voz de tenor do homem das serenatas. Pensou, no entanto, que o cantor que estava se apresentando era Anacleto, mas, nessa mesma ocasião, o rapaz passou pela frente das moças à procura de um chapéu enquanto “a voz continuava a fazer-se ouvir com dobrado vigor e animação”. Berta, portanto, concluiu que Anacleto era um impostor. Quando percebeu que a farsa havia sido descoberta, o rapaz toleirão esqueceu-se de que procurava um chapéu e permaneceu por algum tempo atônito, mas depois se colocou a correr como um louco em direção à porta e rapidamente encontrava-se na rua aos prantos a caminho da casa onde morava.

Depois de desmascarar Anacleto, Berta queria, enfim, descobrir quem era o verdadeiro homem das serenatas. Segurou, então, com força o braço de Marocas e, mesmo com os protestos e a relutância da amiga, foi até o salão de onde vinha a melodia. Quando chegou à porta do lugar desejado e fitou o cantor, souou um grito indefinível, não resistiu à comoção e caiu nos braços da prima de Pedro. Nesse instante, Berta reconheceu em Alberto o verdadeiro homem das serenatas.

Desse modo, podemos afirmar com base na tríade de personagens dos romances-folhetins que Berta, Anacleto e Alberto correspondem, respectivamente, à vítima, ao vilão e ao herói. Berta é uma doce menina que reunia uma quantidade variada de predicados, mas, apesar de ser instruída e inteligente, foi enganada por Anacleto e quase correu o risco de

---

<sup>461</sup> BRITO, Paulino de. O homem das serenatas. **Diário de Belém**, Belém, 26 fev. 1882, Folhetim, p. 2.

<sup>462</sup> BRITO, Paulino de. O homem das serenatas. **Diário de Belém**, Belém, 3 mar. 1882, Folhetim, p. 2.

casar-se com esse toleirão. O rapaz fingiu ser o sujeito misterioso que vinha lhe oferecer serenatas debaixo das janelas do quarto da protagonista com a intenção de realizar um casamento com a filha de um rico negociante. Anacleto, contudo, não apenas foi capaz de enganá-la, como também era uma figura que destoava em diversos aspectos da personalidade de Berta, pois, assim como os vilões do melodrama, incorporava uma série de vícios, a exemplo da ganância, da vaidade, da frivolidade, da hipocrisia, da arrogância e da ignorância. Em contraste ao vilão do romance de Paulino de Brito, Alberto apresentava qualidades condizentes com o perfil dos heróis de narrativas folhetinescas, visto que representava a personificação das virtudes, como a benevolência, a integridade, a profundidade, a humildade, o respeito, a sabedoria e o desapego. Além de ser extremamente virtuoso, o pintor também representava o herói porque salvou a menina Berta de realizar um casamento com Anacleto, um homem pelo qual a irmã de Artur não sentia amor, mas sim aversão. Em razão do perfil do antagonista, essa união estava predestinada ao fracasso e conduziria a protagonista certamente à infelicidade.

Convém ressaltarmos também que Berta, embora fosse uma moça perspicaz, apresentava também um certo grau de ingenuidade, pois quase nunca desconfiava das artimanhas de Anacleto. Desse modo, Marocas dispõe de um papel primordial no decurso da ação da narrativa, pois representa a personagem que desconfiava das palavras e dos atos produzidos tanto pelo vilão quanto pelo herói e, portanto, oferecia sempre à melhor amiga uma nova leitura para os fatos transcorridos. À medida em que o andamento da trama avançava, percebemos que as suspeitas de Marocas a respeito de Anacleto ou de Alberto constantemente se concretizavam. É a prima de Pedro que com efeito duvidou que o vilão não era o misterioso homem das serenatas, assim como também pressentiu que o herói não era indiferente ao amor que Berta lhe devotava.

É válido expressarmos também que Alberto é um herói que age e às vezes renuncia a si mesmo em favor da vítima. Embora tivesse se apaixonado verdadeiramente por Berta antes mesmo de saber que se tratava da irmã de Artur, abdicou do amor que a protagonista lhe devotava para que a menina não sofresse, visto que o pintor já estava com a partida marcada em breve para a Europa. Depois de ter percebido, porém, que havia liberado o caminho para que Anacleto se aproximasse de Berta, elaborou um plano para desmascarar a mentira do vilão. Alberto, no entanto, não planejou revelar a farsa do impostor para conseguir de volta como recompensa o amor e a admiração da heroína, mas sim apenas para salvá-la de um casamento certamente infeliz, sem que obtivesse nenhum benefício com o seu ato heroico. Esse fato pode ser confirmado quando o pintor, depois de ter-se revelado como o homem das

serenatas, aproveitou-se da confusão em torno do desmaio de Berta para levantar-se e retirar-se sem ter sido percebido. Antes de sair, lançou um olhar indecifrável para o corpo inanimado da única mulher que amou e despedia-se da menina para sempre. No dia seguinte, partiu com o coração despedaçado no vapor que seguia para a Europa.

Convém elucidarmos ainda que Alberto também abdicou do amor de Berta porque não possuía prestígio social nem fortuna e, por essa razão, não queria que ninguém – sobretudo o sr. Luiz – o julgasse erroneamente como um rapaz interessado na fortuna do pai da moça. O pintor, portanto, preocupava-se muito em preservar a própria índole e a própria imagem.

Outra característica do melodrama da qual o romance-folhetim se apropriou mantém uma relação também com a construção dos enredos, pois o gênero folhetinesco, segundo Yasmin Nadaf, apresentava algumas temáticas recorrentes, como “estórias de amores contrariados, paternidades trocadas, filhos bastardos, heranças usurpadas, todas elas seguidas de duelos, raptos, traições, assassinatos e prisões”<sup>463</sup>.

Nesse sentido, “O homem das serenatas”, de Paulino de Brito, constitui-se como um romance romântico, sentimental ou lacrimajante, pois os heróis apresentam um perfil fortemente idealizado, personificam os padrões morais vigentes na época, são avessos aos vícios, apaixonam-se à primeira vista, exaltam o sentimentalismo, acreditam que o amor apenas se manifesta uma única vez na vida do indivíduo e sofrem demasiadamente quando se deparam com os empecilhos para a concretização do sentimento amoroso. O amor contrariado, portanto, associado a uma personagem sem identidade revelada, à diferença de classe social entre a vítima e o herói e à dissimulação do vilão para casar-se com a protagonista, é a temática que predomina no romance do escritor amazonense.

---

<sup>463</sup> NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das miscelâneas**: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2002, p. 21.

#### 4.4.2. “Por causa de uma loucura”: Olímpia, Elódia e Flávio

Ao contrário do romance de Paulino Brito, o trabalho do mesmo gênero produzido por Teodorico Magno não apresenta de forma bem delimitada a tríade de personagens características do gênero folhetinesco: a vítima, o vilão e o herói. Nessa produção, Olímpia, Elódia e Flávio são as personagens mais importantes para a construção e para o desenvolvimento do enredo, mas não se enquadram adequadamente nessas três categorias responsáveis pela construção da trama de um romance-folhetim.

Flávio, por exemplo, é o protagonista da narrativa. Durante a juventude, “tornou-se melancólico e pensativo sem que nunca seus colegas pudessem atinar com a causa disso”<sup>464</sup> e, desse período em diante, “nunca mais deixou de persegui-lo uma tristeza vaga e uma saudade inexplicável de qualquer coisa celeste porque ele anhelava e de que não podia, no entanto, fazer ideia”.

Numa determinada noite, porém, foi visitar um amigo chamado Estevão e, na volta para a casa, havia visto sair de um baile acompanhada da família “uma mocinha alva, de cabelos negros, olhos vivos e faces cor de rosa” que lhe despertou o interesse e o deixou completamente perturbado. À noite não conseguiu dormir, pois havia descoberto o que significava aquele vazio que sentia desde a juventude. Vejamos:

Tinha chegado ao alvo de suas esperanças, mas começara a sofrer porque começara a amar. Compreendeu desde essa noite que o misterioso escopo que tanto almejava alcançar não era outra coisa mais senão o *amor*. Então ele amou deveras; amou como não se ama duas vezes na vida; amou como um poeta!

Convém colocarmos em relevo que o protagonista do romance de Teodorico Magno, como era comum nas produções românticas assinadas por escritores paraenses, apaixonou-se à primeira vista pela menina que observara saindo com a família de um baile, pois os dois jovens antes nunca tinham se visto nem tampouco trocado uma única palavra. Foi necessário apenas um olhar contemplativo para que o rapaz se encontrasse arrebatadamente enamorado pela moça e procurasse todas as formas possíveis para reencontrá-la.

No dia seguinte, não poupou esforços para obter informações a respeito da menina que lhe despertara para o amor. Quando descobriu que a moça chamava-se Elódia, Flávio começou a escrever poemas e passou a publicá-los todos os dias nos jornais com uma dedicatória à sua musa inspiradora. Depois de saber que um jovem poeta a amava e lhe

---

<sup>464</sup> VELEDA, Eustáquio de [Teodorico Magno]. Por causa de uma loucura. **Diário de Belém**, Belém, 11 jan. 1882, Folhetim, p. 3.

compunha versos sentimentais, Elódia, em resposta, encheu-se de “orgulho e amor-próprio quase que peculiares ao sexo belo” e “formulou o projeto de rir-se muito à custa do que ela chamava as *baboseiras* do Sr. Flávio”<sup>465</sup>. O pobre moço apaixonado, no entanto, imaginava que a menina era “um verdadeiro anjo”, mas descobriu em pouco tempo que “o seu ideal era justamente o contraste de tudo quanto presumira”, pois Elódia já havia namorado muitos rapazes – e às vezes até dois ao mesmo tempo, visto que era afeita ao binamoro e ao polinamoro; uma “sectária definitiva do namorismo ridículo e insulso”<sup>466</sup> – e mantinha relacionamentos efêmeros que perduravam por no máximo dez dias. Depois de tomar conhecimento de quem na realidade era Elódia, Flávio isolou-se completamente abatido no seu quarto de dormir, assentou-se a uma mesa e principiou a escrever:

Hoje sofri o mais atroz dos desenganos. Quando eu julgava encontrar uma moça romântica, idealista, poética, cheia de entusiasmo pela poesia e pelas belas-artes, encontro uma moça trivial, prosaica, realista, que vota ao indiferentismo as belas-artes, e que atira o escárnio à face dos poetas!<sup>467</sup>

Após dois meses de sofrimento, o protagonista concluiu que precisava banir de si mesmo em definitivo o amor que era a causa da sua angústia. Para alcançar esse objetivo, decidiu-se por passar uma temporada em alguma aldeia do interior da província e foi recomendado pelo tio que o criara ao sr. Gerônimo, um homem idoso, gordo, rico, sorridente e afável. Nessa viagem, conheceu Olímpia, filha do sujeito que o hospedara na roça, “uma mocinha esbelta, morena, de olhos negros e chamejantes, boquinha breve e pés em miniatura”<sup>468</sup>.

No quinto dia de estadia na ilha de Cajuúba, Flávio resolveu no final da tarde realizar um passeio pelo pomar. Quando retornava para a casa do anfitrião que o hospedara, avistou por entre as árvores a menina Olímpia e prontificou-se a cumprimentá-la. Nesse momento, os dois jovens começaram a travar um diálogo sobre flores, amor e sofrimento. Numa determinada altura da conversa, a filha do sr. Gerônimo confessou ao jovem poeta que o amava. Diante dessa inesperada declaração, o protagonista empalideceu e, depois de uma pausa, revelou à moça que não podia amá-la, pois havia cometido a loucura de dedicar o amor

<sup>465</sup> VELEDA, Eustáquio de [Teodorico Magno]. Por causa de uma loucura. **Diário de Belém**, Belém, 12 jan. 1882, Folhetim, p. 2.

<sup>466</sup> VELEDA, Eustáquio de [Teodorico Magno]. Por causa de uma loucura. **Diário de Belém**, Belém, 14 jan. 1882, Folhetim, p. 2.

<sup>467</sup> VELEDA, Eustáquio de [Teodorico Magno]. Por causa de uma loucura. **Diário de Belém**, Belém, 12 jan. 1882, Folhetim, p. 2.

<sup>468</sup> VELEDA, Eustáquio de [Teodorico Magno]. Por causa de uma loucura. **Diário de Belém**, Belém, 14 jan. 1882, Folhetim, p. 2.

ao qual sem saber sempre esteve em busca a “uma pessoa indigna dele e incapaz de compreendê-lo, a uma moça de espírito trivial e rasteiro”<sup>469</sup>. Para agravar ainda mais o sofrimento do rapaz, Flávio confessou à filha do sr. Gerônimo que havia, enfim, encontrado inesperadamente a personificação autêntica e exata do belo ideal com o qual sempre sonhara, mas não podia amá-la. Para a tristeza da pobre menina, Olímpia, como lhe confidenciou o protagonista, era justamente essa representação do ideal ao qual Flávio estava à procura desde a juventude.<sup>470</sup>

Desse momento em diante, os dias foram de tristeza e sofrimento tanto para Flávio quanto para Olímpia. O protagonista sofria porque tinha entregado a própria alma a uma moça que não o merecia e, quando encontrou alguém por quem poderia realmente apaixonar-se, não podia corresponder mais a esse sentimento. A filha do sr. Gerônimo, por sua vez, também “sofria porque a pessoa que fizera outrora da sua imagem o ídolo anônimo do seu presuntivo amor, trocara-a por um pseudoideal”<sup>471</sup>.

No final do romance, Olímpia foi acometida por uma contínua melancolia e, por essa razão, padeceu de uma moléstia que não se subordinava a nenhum medicamento. Antes de falecer, a menina transparecia uma placidez e uma calma no semblante; nunca deixou de ter em mãos o livro de poesias autorais que Alberto lhe havia uma vez enviado e, por último, pronunciava o nome do jovem poeta até os últimos momentos de vida. Elódia, por sua vez, havia se casado com um português e, em menos de um ano de matrimônio, esbanjara a metade da fortuna do marido à força de satisfazer plenamente todos os seus caprichos e todas as suas fantasias. Quando percebeu a falta de economia da mulher, o esposo explicou-lhe delicadamente que os gastos excessivos poderiam arruiná-los. Dessa conversa resultou que Elódia irritou-se e começou a insultá-lo e o português, em resposta, irritou-se também e principiou a retaliá-la a partir de uma linguagem pouco lisonjeira. Depois desse momento, “começaram as brigas cotidianas que nunca mais deixaram de reproduzir-se. Desfeitas e descomposturas eram os afagos que se faziam desde pela manhã até à noite”<sup>472</sup>. Por último,

---

<sup>469</sup> VELEDA, Eustáquio de [Teodorico Magno]. Por causa de uma loucura. **Diário de Belém**, Belém, 20 jan. 1882, Folhetim, p. 2.

<sup>470</sup> É válido colocarmos em relevo que Elódia e Olímpia são personagens construídas a partir de características psicológicas totalmente opostas. Enquanto a primeira é considerada uma jovem maliciosa, fútil, dissimulada e ambiciosa, a segunda, por sua vez, foi delineada como uma menina meiga, recatada, altruísta, generosa e amante da natureza. Enquanto esta, portanto, representa todas as virtudes, aquela, em contrapartida, encarna em si todos os vícios.

<sup>471</sup> VELEDA, Eustáquio de [Teodorico Magno]. Por causa de uma loucura. **Diário de Belém**, Belém, 21 fev. 1882, Folhetim, p. 3.

<sup>472</sup> VELEDA, Eustáquio de [Teodorico Magno]. Por causa de uma loucura. **Diário de Belém**, Belém, 9 mar. 1882, Folhetim, p. 3.

Flávio, após alguns anos, havia se tornado missionário numa ilha da Polinésia e passara a pregar a palavra de Deus.

Como mencionamos anteriormente, Olímpia, Elódia e Flávio não exercem, concomitantemente, o papel da vítima, do vilão e do herói na obra de Teodorico Magno. É necessário, porém, que sejam realizadas algumas ressalvas, pois as funções exercidas por essas personagens na trama produzida pelo escritor paraense não são estabelecidas da mesma maneira como acontece no romance de Paulino de Brito.

Elódia, por exemplo, poderia muito bem representar o papel do vilão, pois não apenas encarna em si mesma uma série de vícios condenados pela sociedade, a exemplo da vaidade, da soberba, da futilidade e da imaturidade, como também foi a responsável de certo modo por impedir a efetivação do sentimento amoroso entre Flávio e Olímpia, duas almas gêmeas destinadas uma para a outra. Em razão do aparecimento de Elódia na vida do protagonista, o poeta, por um lado, não pôde corresponder ao amor que a filha do sr. Gerônimo lhe devotava porque estava apaixonado por Elódia, assim como a menina Olímpia não pôde obter o coração de Flávio, pois o rapaz já o havia entregado a uma moça que não o merecia.

É válido destacarmos, no entanto, que o narrador, em vez de responsabilizar Elódia pelo sofrimento de Flávio, culpou o próprio protagonista por ter sido tão leviano a ponto de entregar a alma a alguém que não a merecia. Quem narra a história atribuiu a precipitação do jovem poeta à ávida necessidade de espírito do rapaz de encontrar o ideal pelo qual tanto esperava. Vejamos:

Flávio tinha [...] cometido uma leviandade ou antes uma loucura, dedicando todas as suas inspirações de moço a Elódia e nela concentrando todos os seus afetos. Elódia, a quem ele, em um desses excessos de fascinação e de entusiasmo que são muito frequentes quando se é rapaz e quando se tem a alma aberta às impressões e o cérebro adoidado pela poesia e pelo idealismo inato, tomara por um anjo, cuja história ele imaginara cheia das mais sublimes e arrebatadores episódios, não passava, forçoso era confessá-lo, de um alma que tinha a imaginação presa ao tocador, aos passeios e às partidas, sem nunca se elevar ao Thabôr das transfigurações metafísicas, e de um corpo que não podia ter a perfeição de traços, mas que podia supri-la a peso de arrebiques e de enfeites. Eis quem era Elódia; mas de que servia a Flávio amar uma moça nestas tristíssimas condições?  
A sua imprudência que responda. Ele que comparava uma alma sem momentos de peregrinações quiméricas com um pedaço de cristal sem transparência, ele como foi que chegou ao extremo de amar perdida e loucamente a uma dessas almas? Como?  
Estava seu espírito sedento da realização do ideal.<sup>473</sup>

Assim como o narrador, a própria personagem culpou-se várias vezes pelo sofrimento que causou a si próprio. Quando Olímpia, por exemplo, declarou-se a Flávio, o jovem poeta

<sup>473</sup> VELEDA, Eustáquio de [Teodorico Magno]. Por causa de uma loucura. **Diário de Belém**, Belém, 21 fev. 1882, Folhetim, p. 3.

respondeu-lhe que não podia amá-la e, ao oferecer à filha do sr. Gerônimo uma explicação, em vez de responsabilizar Elódia pelo mal que lhe esmorecia, culpou a si mesmo por toda a desgraça que lhe recaía. Observemos:

Toda a minha desgraça derivou de um arrebatamento imprudente, de uma prematuridade, de uma antecipação irreflexiva, de uma loucura enfim... Havia alguns meses que eu vivia para o ideal, para a visão que eu divisava sorrindo-me através do cristal da minha imaginação, e que eu acreditava poder em qualquer dia transformar-se em realidade. Aconteceu fatalmente que eu deparasse com uma moça a cujas feições fizeram lembrar-me do ideal dos meus sonhos. Foi uma loucura funestíssima a que eu pratiquei: sem importar-me mais de nada, sem refletir um só momento, atirei sofregamente minha alma às labaredas de um amor intérmino, de uma paixão incandescente, em que a minha imaginação queimou as asas, o meu sossego e a minha felicidade voaram em cinzas nas refregas da tempestade. Aquela paixão, aquela loucura, foi o meu descalabro moral. Vi o bando gentil das minhas esperanças levantar o voo e sumir-se para longe em busca de peitos onde não se tivesse ainda vazado o veneno agridoce do amor para deles fazer seu ninho caro; vi esboroarem-se os monumentos das minhas aspirações de glória, sumiu-se entre névoas a lua que aclarava os meus sonhos, converteu-se em prantos o hidromel das minhas inspirações e em negra noite a aurora boreal do meu futuro! Desde então trago a alma sempre aguilhoada pelos mais lancinantes sofrimentos. Ah! Que tarde me arrependi de ter dado um passo tão errado! Mas agora é preciso receber a desgraça heroicamente, é não retirar a cabeça donde vai tombar a guilhotina da sorte... Enganei-me e enganei-me redondamente!<sup>474</sup>

Apesar de ter culpado a si mesmo pela própria infelicidade, Flávio, num determinado momento da trama, também acusou Elódia pelo mal que lhe afligia. Depois de ter lido uma carta enviada a Jacinto por um dos antigos namorados da moça a quem entregou o seu coração, o protagonista foi acometido por um intenso mal-estar quando soube do conteúdo da missiva: “seu rosto tornara-se horrivelmente pálido e o suor escorria-lhe em bagas pela testa”<sup>475</sup>; “abriu os olhos agora faiscantes de ira e desespero”; “sentiu tremerem-lhe as pernas e caiu sobre uma cadeira”; “as lágrimas rebentaram-lhe dos olhos”. Nesse momento, o protagonista, em meio a prantos e soluços movidos por uma dor profunda, começou a desabafar com Jacinto e principiou a expor ao amigo todas as angústias que vinham lhe atormentando desde algum tempo. No meio desse relato, Flávio acusou Elódia de ter sido a causa da desgraça que tanto o atormentava. Vejamos:

Elódia foi a causa de toda a minha desgraça; foi ela que me impossibilitou de amar aquela que era realmente o meu ideal, foi ela que fez marcharem as minhas esperanças; foi ela que encheu-me o peito de mágoas e a alma de desalento. Foi ela, sim... maldita Elódia! Possa ela que assim calcou os pés a plantinha que podia vir a dar frutos de glória, possa ela que fez a ruína de tudo quanto em minh'alma havia de

<sup>474</sup> VELEDA, Eustáquio de [Teodorico Magno]. Por causa de uma loucura. **Diário de Belém**, Belém, 20 jan. 1882, Folhetim, p. 2.

<sup>475</sup> VELEDA, Eustáquio [Teodorico Magno]. Por causa de uma loucura. **Diário de Belém**, Belém, 5 mar. 1882, Folhetim, p. 3.

puro, de elevado e de florido, possa ela que precipitou-me para sempre no mais fundo e no mais horrífico de todos os abismos, pagar o assassinato de um poeta com agonia miserável e desesperada dos precitos blasfemos ou dos energúmenos hediondos!

Apesar disso, percebemos que Elódia não pode ser a vilã da narrativa de Teodorico Magno, pois a responsabilidade do sofrimento que reincide tanto em Olímpia quanto em Flávio é atribuída ao jovem poeta. Elódia, por mais que não tenha sido moldada conforme os ideais românticos e tenha querido divertir-se às custas dos sentimentos do rapaz, não arquitetou nenhum plano vil para que o mancebo lhe entregasse a alma e o coração. Se não fosse, então, pela leviandade do espírito idealista de Flávio, o protagonista não teria sido acometido pela tristeza de um amor precipitado por quem não o valorizou. Nesse sentido, Flávio não apenas foi o responsável pelo próprio infortúnio, como também foi uma vítima da própria precipitação e imprudência. Assim como Olímpia, por um lado, padeceu de uma comovente e silenciosa melancolia por não ter recebido o amor do homem pelo qual havia se apaixonado, o rapaz, por outro, também sofreu tanto por amar Elódia, uma moça indigna do seu amor, quanto por não poder corresponder ao sentimento de Olímpia, uma doce menina que compartilhava dos mesmos ideais que o jovem poeta.

Além de ter responsabilidade pelo próprio sofrimento e de padecer da própria leviandade, Flávio não representa o herói que intervém a favor da vítima, pois Olímpia não suportou mais a vida sem a realização do amor correspondido e, por essa razão, morreu à espera de que o jovem poeta pudesse corresponder ao amor que a menina tanto lhe devotava. O heroísmo do protagonista, no entanto, não mantém nenhuma relação com o fato de ser o protetor da vítima, mas sim de estar pautado nos ideais românticos. Flávio, por exemplo, representa primeiramente a personificação das virtudes, a exemplo da honradez, da gentileza, da elegância, da sensibilidade, da sentimentalidade, da honestidade e da generosidade, assim como também se manifesta como alguém avesso aos vícios e em defesa das belas-artes. Além disso, o jovem poeta relaciona o amor a um sentimento sublime que acontece apenas uma única vez na vida de um indivíduo e provoca sempre sensações arrebatadoras, desde quando suscita o entusiasmo até quando promove o sofrimento.

A respeito da construção do enredo, “Por causa de uma loucura”, de Teodorico Magno, apresenta-se como uma narrativa romântica, sentimental ou lacrimajante, pois foi elaborado com base no sentimentalismo exagerado, na visão estereotipada da vida, no fascínio pelas situações dramáticas e apaixonantes e, sobretudo, na supervalorização do amor, do idealismo e do subjetivismo. Assim como no romance de Paulino de Brito, o amor

contrariado, associado à leviandade do protagonista, que se apaixonou por quem não o merecia, e ao princípio de que o amor acontece apenas uma vez na vida do ser humano, também é a temática que predomina na obra de Teodorico Magno.

#### 4.4.3. “Através do desconhecido”: um romance marítimo

O romance de Múcio Javrot, ao contrário dos trabalhos do mesmo gênero empreendidos por Paulino de Brito, Teodorico Magno e Marques de Carvalho, não se pautou no sentimentalismo amoroso, nas paixões arrebatadoras e impossíveis, nas situações dramáticas e emotivas nem em lágrimas, lamentações e sofrimentos, elementos comumente empregados por folhetinistas na composição de romances-folhetins para estimular a emotividade dos leitores. Essa obra do escritor macapaense, em contrapartida, configura-se como uma narrativa marítima ou de viagens. Segundo Antonio Hohlfeldt, esse gênero de romance-folhetim caracteriza-se pelos “relatos sobre paragens exóticas, quase sempre situadas em locais pouco visitados ou até mesmo inventados”<sup>476</sup>.

Conforme Marlyse Meyer, foi Eugène Sue que instaurou o romance marítimo como gênero novo na França.<sup>477</sup> A autora afirma que o escritor francês era membro de uma família de médicos e, por essa razão, foi obrigado a seguir a carreira do pai, que o alistou como ajudante de cirurgião na marinha de guerra. A partir, no entanto, dessa experiência, Eugène Sue pôde observar de perto o mundo dos marinheiros, dos corsários e das batalhas. Essas vivências, segundo Marlyse Meyer, foram responsáveis pela primeira grande tentativa literária empreendida pelo folhetinista europeu. A autora, no entanto, chama a atenção para o fato de que, antes de Eugène Sue, Edouard Corbière (1873-1875) foi o primeiro escritor na França a experimentar o romance marítimo. Apesar disso, Eugène Sue, segundo a estudiosa do fenômeno folhetinesco, não se inspirou diretamente em Corbière, mas sim em Fenimore Cooper (1789-1851). Esse romancista nasceu nos Estados Unidos e escreveu diversas novelas marítimas, a exemplo de *O corsário vermelho* (1868). Depois de quase dez anos cultivando a atividade da escrita literária, popularizou-se e tornou-se um respeitável escritor tanto na América quanto na Europa.

Assim como Eugène Sue, Múcio Javrot também seguiu o modelo de romance marítimo quando escreveu “Através do desconhecido: um romance da terra”. A primeira parte do enredo da obra foi ambientada no Rio de Janeiro. Havia na cidade em 1867 o Clube dos Cosmopolitas, uma associação de homens notáveis, a exemplo de escritores, marítimos e militares, fundada há dois anos com a finalidade de acompanhar o movimento científico do século. Logo após a inauguração, o clube recebeu na imprensa desejos de longevidade, mas,

<sup>476</sup> HOHLFELDT, Antonio. **Deus escreve direito por linhas tortas**: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 45.

<sup>477</sup> Cf. MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

depois das saudações mais ou menos pomposas de outros clubes e de sociedades literárias e científicas, não foi mais comentado.

Aborrecidos pelo marasmo em que jaziam, os membros do clube, cuja ambição era tornar-se célebre, duplicaram o número de sessões e trabalhavam ativamente para mostrar ao público e talvez ao mundo que tinham condições de inventar, descobrir ou realizar um cometimento único. Quando ninguém mais se lembrava do Clube dos Cosmopolitas, surgiu no Rio de Janeiro uma curiosidade pela leitura de um projeto assinado por Luiz Fromontier, membro da associação. Esse homem propunha aventurar-se em pleno centro do oceano Atlântico à procura do misterioso ou lendário continente submerso da Atlântida, cuja existência continuava a perseverar apenas nas trevas densas da dúvida. O projeto recebeu inicialmente inúmeros elogios e aclamações da imprensa carioca e Fromontier tornou-se um verdadeiro herói.

Os membros do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), no entanto, contestaram o projeto do Clube dos Cosmopolitas, pois temiam que a associação científica mais antiga e prestigiada do país, caso a iniciativa de Fromontier tivesse êxito, fosse ofuscada por uma sociedade moderna e sem tradição. Depois de oito dias da exposição do projeto do Clube pela imprensa, um membro do Instituto publicou um artigo em que provava quase matematicamente a impossibilidade de levar a cabo um empreendimento tão arrojado. Posteriormente a essa primeira manifestação, começou um embate longo e fervoroso na imprensa sobre o projeto de Fromontier entre o Clube e o Instituto. Após algum tempo, os jornais decidiram-se a favor da associação mais antiga, sem ofensa aos brios, erudição e honra dos ilustres membros do Clube dos Cosmopolitas.

Apesar de muitos dos membros da sociedade mais moderna não terem guardado ressentimento, Fromontier sentiu-se desmoralizado perante a nação e até mesmo perante o mundo. Poucos dias após a confusão na imprensa, o membro do Clube subiu a bordo de um paquete francês com passagem para a Europa.

Depois de seis meses do outro lado do Atlântico, Fromontier retornou ao Brasil com um novo projeto em mente que a princípio dividiu apenas com os integrantes da sociedade à qual pertencia. Após algumas conferências particulares entre os membros da associação, o Clube dos Cosmopolitas, sem querer perder mais tempo, anunciou a realização de uma grande sessão magna no dia 15 de abril de 1868 em que o Fromontier apresentaria o atual empreendimento.

Na data marcada, uma multidão numerosa enchia o vasto salão de honra do edifício do Clube dos Cosmopolitas. No centro, estavam os membros da associação formando uma

espécie de semicírculo cujo centro era ocupado pela mesa presidencial. Decorrendo alguns momentos, uma comissão de três membros do Clube entrava no salão e apresentava ao público o consórcio Paulo de Fromontier. Após a abertura da sessão, o investigador ergueu-se, fitou a multidão e começou a expor o projeto:

Pois bem, meus senhores, eu vou me atirar ao centro da África, vou em busca do desconhecido, vou auscultar na sua parte mais sensível, o coração da África, essa nova Esfinge talvez mais indecifrável que a própria esfinge. Não irei seguir os rastros de ninguém; o meu itinerário é completamente novo, seguirei uma linha reta já determinada pelo Equador, isto é, começarei a minha viagem do mesmo ponto em que F. Gomes desembarcou em 1516, e depois de ter visitado a África Central, devo impreterivelmente surgir ao norte de Zanguehar.<sup>478</sup>

Quando todos os preparativos estavam prontos, a expedição comandada por Fromontier desaparecia no horizonte e partia em direção ao continente africano. De acordo com Marlyse Meyer, a narrativa marítima é descentralizada, pois “não se organiza mais em torno de uma ação central mas se faz ao léu dos personagens encontrados nas diferentes escalas do navio, que é o núcleo da ação”<sup>479</sup>. Desse momento em diante do romance de Múcio Javrot, a viagem da expedição de Fromontier ocupa o núcleo da trama e, em determinados momentos do trajeto, uma sucessão de eventos se desdobram. O romance apresenta inúmeras personagens e, à medida que a narrativa se desenvolve e o navio com a tripulação comandada por Fromontier se desloca, o espaço ficcional vai se modificando. O enredo, por sua vez, oferece ao leitor perigos em águas tanto oceânicas quanto fluviais, confronto com os nativos, surpresas inesperadas e exploração por terra de determinadas áreas próximas a alguma margem do rio africano pelo qual a expedição navegava.

Depois da luta entre tubarões em pleno oceano Atlântico, do primeiro desembarque do corpo expedicionário no estabelecimento de Port-Gabon e da entrada pela embocadura do Ougoné, os tripulantes da expedição de Fromontier, no sexto dia de viagem pelo rio africano, atracaram o navio a uma das margens e realizaram a primeira excursão por terra. Durante essa exploração, sentiram-se horrorizados e pasmos quando se depararam com “uma planície imensa, sem vegetação, cujos limites a vista não abrangia, semeada de ossos numa extensão ilimitada, semelhante um gigantesco necrotério onde o universo inteiro atirava os despojos de todos os seus seres...”<sup>480</sup>. À medida que avançavam, os membros da expedição encontravam

<sup>478</sup> JAVROT, Múcio. *Através do desconhecido: o romance da terra. Diário de Belém*, Belém, 10 set. 1882, Folhetim, p. 2.

<sup>479</sup> MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 70-71.

<sup>480</sup> JAVROT, Múcio. *Através do desconhecido: o romance da terra. Diário de Belém*, Belém, 22 out. 1882, Folhetim, p. 2.

ainda mais ossos: “andaram cerca de um quilômetro quadrado por aquele vasto campo da morte e em toda a área percorrida, sempre o mesmo horizonte sem fim, sempre a ossada imensa, e para o centro vestígios de habitações antigas!...”. Aquele fenômeno despertou o interesse de Fromontier e, a fim de obter uma resposta, o chefe da expedição resolveu perguntar ao guia: “filho da África, pensou o sábio, habituado a viajar por aqueles desertos, educado na rude escola da natureza, deveria ao menos saber a história do ossário”. Depois de ser indagado, o homem respondeu: “era por esta imensa planície amontoada de destroços, que durante muitos anos, segundo me contaram os meus avós, que faziam caminho as caravanas que vinham do centro trazer escravos para vendê-los nas feitorias à beira-mar...”.

Após a conversa com o guia, havia sido estabelecida uma longa conversa entre alguns tripulantes sobre algumas cenas da escravidão. Fromontier narrava aos companheiros que aldeias africanas inteiras eram queimadas pelos “traficantes da mercadoria negra”; negros velhos e inválidos eram assinados barbaramente porque não serviam para o comércio de escravos, enquanto os novos e saudáveis eram presos uns aos outros por meio de forquilha metidas no pescoço; as crianças, quando atrapalhavam a marcha das míseras mães, eram atiradas pelo vigia à beira do caminho ou atravessadas por um punhal; muitos africanos morriam durante a caminhada e eram abandonados mortos, dilacerados e insepultos para servirem de alimento para as feras; os negros que conseguiam chegar vivos à feitoria eram marcados com ferro em brasa com as iniciais do comprador e depois eram transportados em condições desumanas no porão de algum navio negreiro, a fim de serem levados aos mercados de escravos localizados no novo continente.

Como podemos perceber, Múcio Javrot aproveitou o espaço do ambiente ficcional para oferecer aos leitores um panorama sobre a condição dos africanos escravizados desde a captura até a transportação para o Brasil. Nesse momento, o escritor macapaense demonstra a intenção de oferecer por meio da personagem principal da história uma narração comovente que recorre à sensibilidade, à compaixão, à repugnância e, sobretudo, ao sentimento humanitário do leitor, pois focaliza os sofrimentos, as humilhações, as privações e os maus-tratos pelos quais passaram os negros africanos escravizados, assim como também a crueldade promovida pelos “traficantes da mercadoria negra” em associação a uma ausência completa de humanidade.

Múcio Javrot não era apenas um escritor a favor da abolição da escravatura, como também estava engajado nessa causa. O autor era colaborador do *Abolicionista Paraense*, um periódico semanal de caráter fortemente antiescravagista; na *Revista Familiar*, não apenas publicou poemas em defesa dos escravos, como também artigos em defesa da libertação dos

negros escravizados; preparou as *Rutilações*, uma coleção de poesias, cujo produto total das vendas dos mil e quinhentos exemplares da primeira edição – “uma edição abolicionista” – seria destinado à libertação de escravos.

Nesse sentido, o autor macapaense demonstrou nessa parte do romance o desejo de assumir declaradamente uma posição diante do problema da escravidão de povos africanos e, por essa razão, revelou-se nessa narrativa ficcional como um escritor empenhado.

#### 4.4.4. “Ângela”: uma aldeã, duas solteironas e um artista

No romance de Marques de Carvalho, podemos afirmar com base na tríade de personagens típicas do melodrama e do romance-folhetim que a menina Ângela corresponde ao papel da vítima, a senhora Gracinda e o artista Artur da Fonseca representam os vilões e as inglesas Clary Lilly e Ophelia Campbell são as heroínas.

A senhora Gracinda, por exemplo, era a tia que criara Ângela e dirigia-se à menina sempre de uma maneira autoritária e rude. A protagonista era uma linda menina que havia perdido os pais muito cedo. Enquanto a mãe, por um lado, morreu logo depois de trazer a filha ao mundo, o pai, por outro, em razão do falecimento da esposa, perdeu o gosto pela vida, entregou-se a todos os vícios e, após algum tempo, morreu assassinado pelo dono de uma taverna por causa de uma contenda suscitada por alguns copos de água ardente. Como a criança estava órfã e desamparada, a irmã da mãe de Ângela, a senhora Gracinda, foi obrigada a levá-la para casa e criá-la. A tia da protagonista era uma megera que se dirigia à menina sempre aos berros e aos insultos e obrigava a pequena a realizar os trabalhos domésticos. Segundo o Ricardo, padrinho da mãe de Ângela, havia uma explicação para o tratamento que a senhora Gracinda oferecia à sobrinha: “Isto se explica facilmente: as filhas dela são tão feias que metem medo. As tais pequenas são ricas, mas eu aposto que farão pior casamento que Ângela, a qual, sem saber, já está muito bem arranjada...”<sup>481</sup>.

Além disso, a protagonista “nem sabia que era formosa”<sup>482</sup>, pois a senhora Gracinda negava que a menina fosse bonita. Ângela, no entanto, não ignorava “completamente que os rapazes gostavam de olhá-la”, mas, em vez de sentir-se lisonjeada, afligia-se, pois “isso era motivo e pretexto para a tia ralhar com ela e humilhá-la”. Vejamos: “– Por que, – dizia a senhora Gracinda, – não olham para as minhas filhas assim como olham para ti? É porque elas não são desavergonhadas como tu...”. A megera, contudo, humilhava a sobrinha porque invejava não apenas os atributos físicos, como também as qualidades morais da pequena: “A rabugenta tia sabia muito bem que Ângela era mil vezes mais modesta que as primas; mas odiava-a por essa superioridade moral como pela superioridade física, e, para castigá-la, negava uma e outra”.

Apesar dos dissabores pelos quais a pequena passava, a menina aguentava os maus-tratos, as palavras rudes, as humilhações, a falta de qualquer demonstração de afeto e as tarefas domésticas cotidianas com resignação, pois entregava-se devotamente à religião: “a

<sup>481</sup> CARVALHO, Marques de. Ângela. *Diário de Belém*, Belém, 25 nov. 1883, Variedade, p. 3.

<sup>482</sup> CARVALHO, Marques de. Ângela. *Diário de Belém*, Belém, 29 nov. 1883, Variedade, p. 3.

nossa heroína gostava de tudo o que era de natureza a transportar-lhe o pensamento acima das tarefas domésticas quotidianas; eis porque Ângela tinha a reputação de ser uma devota em miniatura”.

Além da senhora Gracinda, Artur da Fonseca é outra personagem que agrava ainda mais os sofrimentos de Ângela. Quando a menina representava Nossa Senhora da Conceição numa romaria religiosa, o artista brasileiro que prestigiava a peregrinação surpreendeu-se quando a observou, pois se admirou da beleza virginal da pequena e quis que a moça lhe servisse de modelo para a elaboração de uma escultura. Depois de descobrir onde a menina morava, solicitou o consentimento da tia de Ângela para permitir que a menina fosse todas as manhãs ao seu atelier a fim de lhe servir de modelo para mais uma nova escultura. A mulher interesseira e rabugenta não resistiu aos afagos de uma soma de dinheiro e consentiu em liberar a sobrinha para auxiliar o artista na elaboração de uma estátua, desde que uma das primas da protagonista pudesse sempre acompanhá-la, pois, conforme a senhora Gracinda, “*nós sabemos – acrescentou a megera rindo malignamente, – que todas as precauções são poucas contra os brasileiros da sua idade*”<sup>483</sup>.

Nos primeiros dias, Artur dedicou-se com alegria e furor ao trabalho e, por essa razão, não dispunha mais de tempo para descanso e diversão e abandonava a criação da estátua apenas para comer e dormir. O escultor estava tão dedicado ao novo trabalho que nem reparava no cansaço que às vezes causava na menina, nem tampouco a olhava com algum interesse que não lhe fosse artístico. Enquanto Artur e Ângela trabalhavam, Luiza, a prima de sete anos da heroína, brincava com uma boneca num dos cantos do atelier sem prestar muita atenção nos eventos que lhe ocorriam ao redor, caía num sono profundo ou passava o tempo a perseguir borboletas no jardim.

Depois de Artur conseguir erguer diante de si uma estátua que lhe satisfazia completamente o gosto e as aspirações, a protagonista ingenuamente olhou para o monumento e disse: “– Mas isso não é meu retrato, – disse ingenuamente Ângela, o trabalho ficou em estado de se poder comparar as semelhanças. – Não está nada parecido... Se eu fosse tão bonita...”<sup>484</sup>. Nesse momento, o artista interrompeu a fala da moça para lhe explicar com algum orgulho que a arte não consiste em copiar servilmente o modelo. A última frase da menina, no entanto, foi a responsável por conduzir o escultor a comparar demoradamente a estátua e o modelo. Depois de cotejá-las, Artur começou a enxergar Ângela a partir de uma nova maneira, pois passou a desejá-la. Vejamos:

<sup>483</sup> CARVALHO, Marques de. Ângela. **Diário de Belém**, Belém, 22 nov. 1883, Variedade, p. 3.

<sup>484</sup> CARVALHO, Marques de. Ângela. **Diário de Belém**, Belém, 24 nov. 1883, Variedade, p. 3.

Talvez exagerando o merecimento da privação que impusera a si mesmo, pensou que tinha direito a um ressarcimento, a uma recompensa, ou antes, digamos, nem refletiu; os lábios tentaram-se por aquele rostinho moreno e encantador, por aquele pescoço perfeitamente modelado, de contornos soberbos, descoberto até ao nascimento do seio virginal de um desenho mais acusado do que em outros climas do norte marca as ondulações da primeira juventude.

Nesse dia, aproveitou-se que a prima da protagonista dormia em razão do calor excessivo, deixou-se dominar pelo desejo, “tomara nos braços a Ângela atônita, e colocara-lhe no ombro meio nu, nos olhos, na boca perfumada um beijo rápido, como se, sequioso, tivesse mordido um fruto saborosíssimo”. Nesse instante, a protagonista enrubesceu e gritou e, como consequência, conseguiu despertar Luiza do sono e Artur do estado de embriaguez passageira que lhe dominava. A prima perguntou o que havia acontecido e Ângela respondeu-lhe com o rosto pálido que apenas a chamava para que fossem logo embora para casa, pois já estava muito tarde. Depois de as duas terem se retirado, Artur encheu-se de vergonha e arrependimento, pois achou que Ângela poderia não mais retornar, mas, depois de um instante, expôs no rosto um sorriso cético porque pensou que a menina, se retornasse, não havia considerado o beijo como uma ofensa.

Para Ângela, por sua vez, o primeiro beijo lhe despertou “essa perturbação da alma e dos sentidos, que até ali ignorava, separa-a para sempre do sossego da infância e faz-lhe ver a vida debaixo de um novo aspecto”<sup>485</sup>. À noite, a protagonista, em meio às sensações tumultuosas que a agitavam e em razão do beijo que Artur lhe havia dado, concluiu que o rapaz a amava. Ângela, em consequência de uma humildade sincera e de uma ingenuidade intrínseca, não duvidou nem por um instante dos sentimentos daquele bonito mancebo de maneiras agradáveis e polidas, visto que lhe parecia virtuoso e encantador, acompanhava as romarias e passava o tempo a produzir esculturas de santas, além de tê-la escolhido – uma pobre rapariga! – no meio da multidão para associá-la a um glorioso trabalho.

Nesse momento, Ângela sentira “que ela nascera para adorar Arthur, e ser por ele adorada; que a sua existência nunca tivera outro fim, e dali em diante não poderia ter outra alegria; que só esperava aquele beijo para sentir-se bela e ser feliz”. Há semanas que a menina desejara o amor do artista, mas nunca nem sequer por uma vez ousou pensar em obtê-lo, pois ambos não moravam no mesmo país nem tinham as mesmas condições. Além disso, “ele tinha os talentos que podem tornar um homem rico e célebre, e ela nada tinha, nada possuía”.

---

<sup>485</sup> CARVALHO, Marques de. Ângela. *Diário de Belém*, Belém, 29 nov. 1883, Variedade, p. 3.

No dia seguinte, Ângela sentia vontade e, ao mesmo tempo, medo de rever Artur. Quando aproximou-se do atelier, o jovem artista estava em pé e “olhava ansioso, para o lado de onde ela devia vir; avistando-a, soltou um suspiro de contentamento, e a sua fronte ficou como iluminada por uma claridade desconhecida; evidentemente esperava-a, e com impaciência”<sup>486</sup>. Artur, contudo, em vez de cumprimentá-la como antes com palavras amáveis e alegres, desejou à Ângela um bom dia expresso rapidamente por entre os dentes e nada mais. Durante o trabalho, poucas vezes se dirigiu à menina e não a encarava nos olhos. A pequena pediu para que a prima fosse ao jardim por um pretexto qualquer à espera de que o mancebo lhe dissesse algo, mas o artista conservou-se reservado. De repente, ouviu um soluço e, quando levantou a cabeça, Ângela derramava abundantes e sentidas lágrimas. O rapaz estava desconcertado e não sabia nem sequer supor o que significavam aquelas lágrimas: cólera, rancor ou humilhação? Nesse momento, a heroína balbuciou: “– Que mal fiz eu ontem que o desgostasse? Por que já não me ama?”<sup>487</sup>.

Depois das palavras da protagonista, Artur, apesar das boas resoluções, sentiu vontade de rir da própria ingenuidade, pois estava persuadido, mais uma vez, “que neste mundo só havia mulheres fáceis e que é tão natural a uma moça deixar-se galantear como a um mancebo ceder ao mais pequenino impulso amoroso”. O jovem mancebo estava encantado da sorte que tivera e, para consolar a menina, ofereceu-lhe um novo beijo. A partir desse momento, Artur e Ângela iniciaram um namoro às escondidas.

Quando, porém, concluiu o trabalho, o escultor começou a viver um embate entre o sentimento e a razão. Segundo o narrador,

Sim, com certeza Arthur da Fonseca amava-a: – amava os bem delineados traços daquele rostinho que lhe inspirava aquilo a que orgulhosamente dava o nome de obra-prima; amava o olhar terno e submisso daqueles grandes olhos de escrava, nos quais uma lágrima tímida, antes de correr, era seca pelo fogo da paixão ardente e sincera; amava o beijo daqueles lábios trêmulos, vermelhos como uma flor de romã, e que ainda conservavam as belas e ingênuas curvas da meninice; amava a forma desconhecida que, envolta num grande xale, aparecia-lhe todas as tardes, e caía-lhe nos braços, prestes a dar-lhe o corpo e a alma, se tanto fosse necessário para testemunhar-lhe o amor que consagrava aquela a quem chamara – *a Virgem*.<sup>488</sup>

Apesar, contudo, de amar Ângela, “quanto a compreender o que pode valer uma alma de donzela, que ainda não se embotou nas lides amorosas, nem mesmo ainda desconfiou de si própria, Arthur era incapaz disso”.

<sup>486</sup> CARVALHO, Marques de. Ângela. **Diário de Belém**, Belém, 13 dez. 1883, Variedade, p. 3.

<sup>487</sup> CARVALHO, Marques de. Ângela. **Diário de Belém**, Belém, 14 dez. 1883, Variedade, p. 3.

<sup>488</sup> CARVALHO, Marques de. Ângela. **Diário de Belém**, Belém, 15 dez. 1883, Variedade, p. 3.

Diante do embate entre a razão e o sentimento, o artista brasileiro decidiu-se pela primeira. O mancebo, “mais ambicioso que qualquer outro, só sonhava conquistas, eis porque começou a aborrecer-se de A..., onde nada mais tinha a fazer”<sup>489</sup>. Nesse período, Artur acreditava que Ângela já lhe havia oferecido tudo do que um jovem artista poderia dispor: “a sua beleza, que servira para a glória do artista, e o seu coração, cuja férvida e monótona ternura começava de cansar-lhe o amor já um tanto arrefecido”.

Quando o mancebo contou à menina que precisava partir, Ângela, para a surpresa do rapaz, foi do mesmo parecer. Quando ouviu a menina, o artista “soltou um suspiro de contentamento, porque momentos antes reudara alguma cena violenta, recriminações, súplicas, lágrimas; porém ela resignava-se mais depressa e mais facilmente do que Arthur esperava”. Após descobrir que a moça, na verdade, tinha pretensões de acompanhá-lo para que vivessem juntos, o rapaz “reconheceu com espanto que o bem a quem amava sobre todas as coisas, a sua independência, a sua liberdade de ação estava ameaçada”. Nesse instante, disse à rapariga que precisava partir sozinho, mas depois voltaria para buscá-la em aproximadamente quatro meses. Ângela mostrava-lhe os olhos úmidos de lágrimas, mas, ao mesmo tempo, esboçava um sorriso de confiança e contentamento, pois acreditava cegamente nas palavras do rapaz. Não lhe passou em nenhuma circunstância pela mente que Artur poderia não regressar para levá-la embora para sempre daquele lugar.

Depois da partida do mancebo, a pobre menina passou a esperá-lo. Ângela imaginava todos os dias que iria vê-lo chegar de um momento para outro. Quando decorreram, no entanto, cinco meses após a ausência de Arthur, Ângela começou a afligir-se, pois ainda não havia recebido nenhuma notícia do rapaz. Um dia, encontrou-se com o pintor Carlos, um conhecido do escultor, e resolveu-se interrogá-lo para obter as informações de que tanto precisava. A pobre menina descobrira, então, que “Arthur nem estava doente, nem era digno de ser lastimado; ao contrário, Arthur estava feliz e contentíssimo”<sup>490</sup>. Carlos acrescentou ainda que “uma importante encomenda do governo francês impedia-o de sair de Paris por espaço de muito tempo; porém a primeira viagem que tencionava fazer devia de ser à Grécia, e talvez que não fosse sozinho...”.

A princípio, Ângela não confiou nas palavras do pintor, mas, à medida que o tempo transcorria, passara a acreditar naquela medonha e dramática realidade em silêncio, pois ninguém podia ajudá-la, nem ao menos lhe servir de confidente. A pobre menina, por essa

<sup>489</sup> CARVALHO, Marques de. Ângela. **Diário de Belém**, Belém, 19 dez. 1883, Variedade, p. 3.

<sup>490</sup> CARVALHO, Marques de. Ângela. **Diário de Belém**, Belém, 21 dez. 1883, Variedade, p. 3.

razão, mergulhava cada vez mais numa triste e feroz melancolia que lhe abalou a fisionomia e a saúde.

Nesse sentido, Ângela exerce no romance de Marques de Carvalho o papel da vítima, visto que padeceu nas mãos da senhora Gracinda, uma tia megera e ríspida, que a tratava sempre aos gritos, a humilhava, lhe dirigia injúrias, não lhe devotava nenhuma forma de afeto e a obrigava a realizar todos os dias as tarefas domésticas, assim como também não suportou a traição de Artur da Fonseca, um artista brasileiro por quem a menina se apaixonou. O rapaz aproveitou-se dos sentimentos e da ingenuidade da menina para enganá-la, pois foi embora da aldeia onde Ângela morava com a promessa de que em alguns meses retornaria para buscá-la, mas os meses passaram e o mancebo não regressou como lhe havia prometido. Convém ressaltamos também que a pequena Ângela representa a personificação das virtudes, a exemplo da pureza, da resignação e da devoção. Apesar de todas as dificuldades pelas quais passou, a protagonista não apenas colocou o bem coletivo muitas vezes acima dos particulares, como também manteve-se ainda assim sempre virtuosa.

A senhora Gracinda e Artur da Fonseca, em contrapartida, representam os vilões, pois servem de empecilho para a felicidade da protagonista. A tia da menina, por exemplo, além de depreciá-la, de tratá-la aos berros e de sujeitá-la às tarefas domésticas cotidianas, simboliza alguns vícios. A inveja, contudo, é um sentimento que se torna bastante proeminente na personagem, uma vez que consiste no principal motivo que conduziu a senhora Gracinda a submeter a sobrinha a uma sucessão de insultos, gritos e maus-tratos. Artur da Fonseca, por sua vez, além de enganar a protagonista, representa também alguns vícios. A soberba, no entanto, é a fraqueza que se manifesta com mais protuberância nessa personagem, visto que o jovem brasileiro era excessivamente vaidoso, ambicioso e arrogante. O rapaz não apenas sonhava conquistas, como também sentia uma forte atração pelo desejo de obter a glória por meio da própria arte e, por essa razão, colocou a ânsia de tornar-se um grande artista em primeiro lugar. Do mesmo modo, o mancebo, quando percebeu que Ângela estava disposta a submeter-se a qualquer façanha para permanecer ao seu lado, pensou também apenas em si mesmo, pois compreendeu nesse momento que estava correndo o risco de perder a liberdade e a independência e, por essa razão, sentiu-se ainda mais determinado a partir da aldeia portuguesa onde a menina morava para buscar a glória em Paris. Convém ressaltarmos, por último, que o jovem brasileiro apresentava um ar de superioridade que lhe transparecia nas palavras, nos gestos e nas atitudes.

Se não fosse pela intervenção das inglesas Clary Lilly e Ophelia Campbell, Ângela teria provavelmente morrido. Quando a menina, em razão da desilusão da qual havia sido

vítima, padecia tanto do corpo quanto da alma, essas senhoritas depararam-se com o estado lastimável no qual a protagonista se encontrava e, motivadas por um sentimento de compaixão, “levaram consigo aquela criatura doente e aflita”<sup>491</sup> com “um veemente desejo de curar-lhe o corpo e a alma ao mesmo tempo”. Depois de algumas semanas, a forma emagrecida de Ângela foi substituída por contornos robustos de saúde.

Após, no entanto, o restabelecimento da saúde, a protagonista começou a sentir uma ardente curiosidade e uma sede de instrução, pois “queria compreender tudo, fazia perguntas que nunca teriam vindo aos lábios de uma tola”. Quando se surpreenderam com o súbito interesse da menina pelo conhecimento, as inglesas acreditaram que um pouco de exercício intelectual seria eficaz para combater a grande tristeza que ainda assolava aquela pobre criatura e, portanto, passaram a instruí-la por meio de leituras, conversas familiares e convenientes lições. Depois de alguns anos, Ângela transformou-se completamente: não era mais uma menina ingênua e ignorante, não se vestia nem se comportava mais como uma humilde aldeã e adquiriu requinte e instrução. A menina, por exemplo, modificou-se de tal maneira que não foi reconhecida por Artur quando ambos se reencontraram.

Desse modo, as senhoritas Clary Lilly e Ophelia Campbell representam no romance de Marques de Carvalho as benfeitoras de Ângela, pois não apenas intercederam pela menina quando a encontraram em estado completamente debilitado, como também simbolizam uma série de virtudes, a exemplo da bondade, da caridade e da compaixão. Se não fosse pelo auxílio das estrangeiras, a protagonista não teria recebido educação e elegância.

A respeito da construção do enredo, a “Ângela”, de Marques de Carvalho, apresenta-se como uma narrativa romântica, sentimental ou lacrimajante, pois dispõe de cenas marcadas por um sentimentalismo exagerado e por situações dramáticas e emotivas. Em relação às temáticas abordadas na trama, o romance do escritor paraense oferece ao leitor traição, desilusão amorosa, troca de identidade e desejo de vingança. Esses temas ainda estão associados a muitas lágrimas e a atos de compaixão, sofrimento e lamentação.

Nesse sentido, convém afirmarmos que os primeiros romances-folhetins publicados nas páginas da imprensa periódica belenense oitocentista pela pena de escritores paraenses – “O homem das serenatas”, “Por causa de uma loucura”, “Através do desconhecido: o romance da terra” e “Ângela” – seguiram o modelo do romance-folhetim francês, pois apresentam as seguintes características: o corte preciso ao final de cada fascículo para garantir o suspense e, conseqüentemente, produzir o interesse do leitor pelo fascículo seguinte, a fragmentação da

---

<sup>491</sup> CARVALHO, Marques de. Ângela. *Diário de Belém*, Belém, 18 jan. 1884, Variedade, p. 3.

narrativas em partes, capítulos e subcapítulos, um estrutura dialogal simples, a presença de um narrador intruso que conduz o leitor desde o início até o final da narrativa, o predomínio de temáticas amorosas e cenas surpreendentes e dramáticas, assim como a construção de um enredo pautado na tríade de personagem do melodrama – vilão, vítima e o herói. Esse fato comprova que os autores radicados na província do Pará – Paulino de Brito, Teodorico Magno, Múcio Javrot e Marques de Carvalho – estavam atentos às peculiaridades desse gênero importado da França e, ao mesmo tempo, quiseram também demonstrar aos leitores do *Diário de Belém* que eram tão hábeis quanto os romancistas franceses no ofício de elaborá-lo.

## ENCERRANDO A CONVERSA...

*Autores também são leitores. Lendo e se associando a outros leitores e autores, criam noções de gênero, estilo e uma ideia geral de iniciativa literária que afeta seus textos, quer escrevam sonetos shakespearianos ou instruções para montagem de kits de rádio. Um autor pode usar seu trabalho para rebater críticas sobre sua obra anterior, ou prever reações que serão causadas pelo texto. Ele se dirige a leitores implícitos. Assim, o circuito se completa.<sup>492</sup>*

**N**a epígrafe destas considerações finais, Robert Darnton insere os autores como um segmento de um circuito de comunicação associado a muitos outros elementos, como os editores, os tipógrafos, os livreiros, os leitores, entre outros. Esse circuito demonstra que os escritores não são os únicos envolvidos nos processos de produção e circulação de impressos. Muito pelo contrário, são completamente dependentes dos demais agentes do circuito de comunicação e estão à mercê das influências intelectuais, da conjuntura econômica e social e das sanções políticas e legais.

Nesse sentido, intencionamos, a partir desta tese, demonstrar que havia na capital paraense durante as duas últimas décadas do século XIX um conjunto de escritores enraizados em Belém empenhados tanto em construir e desenvolver uma literatura na província do Pará ou, de forma ainda mais abrangente, na região amazônica quanto em promovê-la nacionalmente. Para tanto, esses escritores empenharam-se (1) em instituir periódicos e agremiações literárias na capital paraense; (2) em divulgar produções literárias nas páginas da imprensa periódica belenense oitocentista, a exemplo de poemas, crônicas, contos e romances; (3) em publicar livros a partir de recursos financeiros próprios ou por meio do regime de subscrição; (4) em tentar divulgar os próprios livros recentemente impressos não apenas na capital paraense, como também em outras partes distintas do Brasil; (5) em defender em periódicos belenenses oitocentistas a existência de uma literatura produzida na província do Pará ou, de maneira mais ampla, na região amazônica; (6) em viabilizar o nascimento de uma crítica literária na imprensa periódica da capital paraense a partir das duas últimas décadas do século XIX destinada aos trabalhos recém-lançados por escritores paraenses tanto em prosa quanto em verso.

---

<sup>492</sup> DARNTON, Robert. O que é a história do livro? In: \_\_\_\_\_. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. Trad. Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 193.

Além do empreendimento desses esforços, os escritores situados em Belém durante as duas últimas décadas do século XIX empenharam-se em promover os próprios companheiros de ofício. A pesquisa em periódicos belenenses oitocentistas revelou que muitos autores paraenses (1) ofereceram aos colegas de profissão as publicações divulgadas em periódicos que circularam pela capital da província do Pará, principalmente em relação aos poemas e contos; (2) prefaciaram os livros dos confrades conterrâneos; (3) escreveram aos próprios colegas de ofício críticas laudatórias destinadas ao lançamento das obras recentemente impressas que saíram nas páginas de jornais locais. Desse modo, podemos afirmar que os escritores paraenses, a partir de laços, relações e afetos, promoviam uns aos outros, pois esses mesmos homens de letras em Belém, de modo geral, se liam, se prefaciavam, se criticavam e se defendiam.

Averiguamos que havia na imprensa da capital paraense nas duas décadas do século XIX um número considerável de publicações de teor crítico assinadas por homens de letras e jornalistas que se propuseram a discutir de modo efervescente sobre os principais estilos de época do Oitocentos: o Romantismo e o Naturalismo/Realismo. Tal fato demonstra que jornalistas e homens de letras estavam atentos às discussões em torno tanto das escolas literárias romântica e naturalista/realista quanto dos principais escritores representantes desses estilos de época em nível internacional, nacional e local.

A partir do aspecto da produção literária, os trabalhos de cunho romântico em forma de prosa de ficção não apenas se mantinham com certo vigor em Belém nesse período, como também começaram a se manifestar com força nas duas últimas décadas do século XIX, pois nessa época havia começado a despontar na capital paraense narrativas ficcionais elaboradas por escritores adeptos da mesma ideologia dos autores românticos do restante do Brasil e da Europa, assim como também defensores ferrenhos dessa escola literária na imprensa periódica belenense oitocentista, a exemplo de Paulino de Brito. Os escritores representantes da escola romântica na capital paraense conviviam juntos com autores sectários da escola naturalista/realista, os quais, em contrapartida, censuravam os exageros e os clichês do Romantismo e, mesmo diante das críticas severas destinadas a essa nova orientação literária do final do século XIX, exaltavam devotamente o Naturalismo/Realismo, a exemplo de Alfredo Pinto e, sobretudo, de Marques de Carvalho. Dessa forma, as produções românticas e antirromânticas assinadas por escritores paraenses, principalmente no que se refere ao conto, coexistiam nas páginas de periódicos que circularam pela capital paraense no final do Oitocentos.

Além disso, os romances-folhetins publicados no *Diário de Belém* assinados por escritores paraenses seguiram as mesmas estratégias de sedução e suspense adotadas por folhetinistas europeus e brasileiros: preocuparam-se com o corte ao final de cada episódio e com as outras formas de fragmentação da leitura e da escrita, inseriram um narrador intruso que acompanha o leitor do início ao desfecho da história, recorreram às temáticas impactantes e apelaram ao melodrama, entre outros. Tal fato evidencia que os autores radicados na província do Pará estavam atentos às principais características do romance-folhetim francês e, ao mesmo tempo, intencionaram demonstrar que eram tão competentes na produção desse gênero quanto os romancistas franceses.

Convém ressaltarmos que a pesquisa realizada na imprensa periódica belenense oitocentista demonstra ainda que os escritores paraenses no final do século XIX estavam atentos ao movimento dinâmico da produção, da circulação e da recepção da literatura não apenas no Brasil, como também em países europeus, visto que (1) desfrutavam das estratégias empreendidas por autores brasileiros de outras províncias do país para colocar em prática a circulação de obras impressas, assim como o regime de subscrição e o envio de livros à redação de periódicos de diferentes partes do território brasileiro em busca de projeção nacional; (2) conheciam em nível tanto nacional quanto internacional as discussões em relação aos estilos de época próprios do Oitocentos, a exemplo do Romantismo e do Realismo/Naturalismo, pois não apenas se propuseram a tecer julgamentos críticos acerca tanto dessas escolas literárias quanto dos autores brasileiros e estrangeiros mais representativos dessas mesmas escolas literárias, como também evidentemente as seguiam quando produziam prosa de ficção; (3) apropriaram-se de inúmeros procedimentos e estratégias de sedução empregados por escritores franceses para a elaboração de romances-folhetins originais para a imprensa periódica belenense oitocentista. Esses fatos, portanto, demonstram que os escritores paraenses não estavam isolados na capital da província do Pará e, por conseguinte, alienados das concepções literárias em voga não apenas no território nacional, como também em países europeus, a exemplo das escolas literárias correntes no período e também da estrutura dos principais gêneros literários vigentes na época. Esses autores, com efeito, procuraram saber como a literatura desenvolveu-se tanto no Brasil quanto na Europa durante as duas últimas décadas do Oitocentos.

Por fim, intencionamos, com esta tese, demonstrar que a imprensa periódica na capital paraense durante o final do século XIX não apenas foi palco para as publicações traduzidas ou extraídas de livros ou de periódicos que circularam em outras partes do Brasil, como também para as produções ficcionais originais elaboradas por homens de letras que moraram nessa

época em Belém, a exemplo de Paulino de Brito, Marques de Carvalho, Teodorico Magno, Múcio Javrot, João de Deus do Rêgo, Acrísio Mota e Alfredo Pinto. Esses autores, de algum modo, contribuíram para a movimentação em Belém nas duas últimas décadas do Oitocentos do circuito de comunicação do impresso e submeteram-se a diversas tensões quando se colocaram diante de outros agentes inseridos dentro desse mesmo circuito, como críticos, jornalistas, tipógrafos, colegas de ofício e leitores.

Sabemos que determinados periódicos, alguns autores, certos gêneros e muitas publicações não receberam o devido espaço ou nem sequer foram inseridos neste trabalho. Apesar disso, esperamos, a partir desta tese, ter ajudado a diminuir pelo menos um pouco as lacunas em torno da produção e da circulação de trabalhos assinados por escritores paraenses nas páginas de periódicos belenenses oitocentistas.

## REFERÊNCIAS

### 1. Histórias literárias

- AMORA, Antônio Soares. **História da literatura brasileira**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1973.
- AZEVEDO, José Eustáquio de. **Literatura paraense**. 3. ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos (1750-1880)**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
- \_\_\_\_\_; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira: história e antologia**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 2. vols.
- CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. 2. vols.
- CARVALHO, Ronald de. **Pequena história da literatura brasileira**. 13. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.
- COUTINHO, Afrânio (Organizador). **A literatura no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. 6. vols.
- LINHARES, Temístocles. **História crítica do romance brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- MERCHIOR, José Guilherme. **Breve história da literatura brasileira: De Anchieta a Euclides**. 4. ed. São Paulo: Realizações, 2014.
- MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1985-1989. 5. vols.
- NEJAR, Carlos. **História da literatura brasileira: Da Carta de Caminha aos contemporâneos**. São Paulo: Leya, 2011.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira: Prosa de ficção (de 1870 a 1920)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1980. 5. vols.
- RONCARI, Luiz. **Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. 10. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. **História da literatura brasileira**. Trad. Pérola de Carvalho e Alice Kyoko. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

VERÍSSIMO, Érico. **Breve história da literatura brasileira**. Trad. Maria da Glória Bordini. São Paulo: Globo, 1995.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)**. São Paulo: Letras & Letras, 1998.

## 2. Antologias, enciclopédias e dicionários

AZEVEDO, José Eustáquio de. **Antologia Amazônica: poetas paraenses**. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1918.

BLAKE, Sacramento. **Dicionário bibliográfico brasileiro**. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883-1902. 7. vols.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de (Organizadores). **Enciclopédia de literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Global Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/DNL: Academia Brasileira de Letras, 2001. 2. vols.

LINS, José dos Santos. **Seleção literária do Amazonas**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1966.

MEIRA, Clóvis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr (Organizadores). **Introdução à literatura no Pará: antologia**. Belém: CEJUP, 1990. 8. vols.

MELLO, Anísio. **Lira amazônica: antologia**. São Paulo: Correio do Norte, 1965.

MENEZES, Raimundo de. **Dicionário literário brasileiro**. São Paulo: Saraiva, 1969. 5. vols.

ROCQUE, Carlos. **Grande enciclopédia da Amazônia**. Belém: AMEL, 1968. 6. vols.

\_\_\_\_\_. **Antologia da cultura amazônica**. Belém: Amazônia Edições Culturais Ltda. (AMADA), 1970. 9. vols.

## 3. Obras

ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. Nos primórdios da crítica – Julgamentos literários produzidos pela censura luso-brasileira. In: FIGUEIREDO, Carmen Lúcia Negreiros de; HOLANDA, Sílvio Augusto de Oliveira; AUGUSTI, Valéria (organizadores). **Crítica e literatura**. Rio de Janeiro: De Letras, 2011.

BAGULEY, David. **Le naturalisme et ses genres**. Paris: Nathan, 1995.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa periódica no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BORDINI, Maria da Glória. A materialidade do sentido e a o estatuto da obra literária em *O senhor embaixador*, de Érico Veríssimo. In: ZILBERMAN, Regina et al. **As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

BUENO, Eduardo. **Brasil: uma história: cinco séculos de um país em construção**. Rio de Janeiro: Leya, 2012.

BRITO, Broca. O romance-folhetim no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **Românticos, pré-românticos e ultrarromânticos: vida literária e Romantismo brasileiro**. São Paulo: Polis; Brasília: INL, 1973.

\_\_\_\_\_. **Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do Realismo ao Pré-Modernismo**. Campinas: EDUNICAMP, 1991.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

\_\_\_\_\_. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo, Perspectiva, 2007.

CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. Estética naturalista e configurações da modernidade. In: MELLO, Celina Maria Moreira de; CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira (organizadores). **Crítica e movimentos estéticos: configurações discursivas do campo literário**.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitoras, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Trad. Mary Del Priori. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. Trad. Denise Bottmamm. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

\_\_\_\_\_. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. Trad. Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

FORMIGA, Gírlene Marques; SILVA, Fabiana Sena da; BARBOSA, Socorro Pacífico (Organizadoras). **Miscelâneas, rodapés e variedades: antologia de folhetins paraibanos do século XIX**. João Pessoa: Ideia Editora, 2007.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão! – Memória operária, cultura e literatura no Brasil**. 3. ed. São Paulo, UNESP, 2002.

HEINEBERG, Ilana. Miméticos, aclimatados e transformadores: Trajetórias do romance-folhetim em diários fluminenses. In: ABREU, Márcia (Organizadora). **Trajetórias do**

**romance**: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. Campinas: Mercado de Letras/FAPESP, 2008.

HOHLFELDT, Antonio. **Deus escreve direito por linhas tortas**: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2009.

MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o Romantismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.

MARQUES, Henrique. **Bibliografia camiliana**. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1894.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: Comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MENDES, Leonardo. **O retrato do imperador**: negociações, sexualidade e romance naturalista no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

\_\_\_\_\_. As qualidades da incorreção: o romance naturalista no Brasil. In: MELLO, Celina Maria Moreira de; CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira (organizadores). **Crítica e movimentos estéticos**: configurações discursivas do campo literário.

MENDONÇA, Simone Cristina. **Letras e livros em Belém (1822-1850)**. São Paulo: Scortecci, 2016.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MONTEIRO, Benedicto. **História do Pará**. Belém: Amazônia, 2005.

NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das miscelâneas**: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

ROCQUE, Carlos. **História de A Província do Pará**. Belém: Mitograph, 1976.

\_\_\_\_\_. **História geral de Belém e do Grão-Pará**. Belém: Distribel, 2001.

RODRIGUES, Ernesto. **Mágico folhetim**: literatura e jornalismo em Portugal. Lisboa: Notícias Editorial, 1998.

ROMERO, Sílvio. A literatura em perspectiva. In: CANDIDO, Antonio (organizador). **Sílvio Romero**: teoria, crítica e história literária. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém**: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912). 3. ed. Belém: Paka-Tatu, 2010.

SERRA, Tania Rebelo Costa. **Antologia do romance-folhetim (1839-1870)**. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Introdução à historiografia da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

\_\_\_\_\_. **Variações sobre o mesmo tema**: ensaios de crítica, história e teoria literárias. Chapecó: Argos, 2015.

THÉRENTY, Marie-Ève. **La littérature au quotidien**: poétiques journalistiques au XIX<sup>e</sup> siècle. Paris: Éditions du Seuil, 2007.

THIESSE, Anne-Marie. **Le roman au quotidien**: lecteurs et lectures populaires à Belle Époque. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetins no Brasil**: 1830 à atualidade. São Paulo: Duas cidades, 1994.

VASCONCELLOS, Luiz Paulo. **Dicionário de teatro**. Porto Alegre: L&PM, 2001.

VERÍSSIMO, José. **A Amazônia**: aspectos econômicos. Rio de Janeiro: Tipografia do *Jornal do Brasil*, 1892.

\_\_\_\_\_. O romance naturalista no Brasil. In: BARBOSA, João Alexandre (organizador). **José Veríssimo**: teoria, crítica e história literária. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.

ZILBERMAN, Regina. “Minha teoria das edições humanas”: *Memórias póstumas de Brás Cubas* e a poética de Machado de Assis. In: ZILBERMAN, Regina et al. **As pedras e o arco**: fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

#### 4. Teses e dissertações

ALMEIDA, Leandro Thomaz de. **Literatura naturalista, moralidade e natureza**. 2013. 192 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2013.

CORRÊA, Patrícia Alves Carvalho. **O naturalismo em perspectiva comparada**: de Émile Zola a Aluísio de Azevedo. 2011. 297 f. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Educação e Humanidades, Instituto de Letras, 2011.

COSTA, Maria Lucilena Gonzaga. **Gazeta Oficial**: periódico noticioso e literário. 2008. 89 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2008.

CRUZ, Lady Ândrea Carvalho da. **Literatura e imprensa em Belém do Grão-Pará**: o romance-folhetim no periódico Diário de Notícias, nos anos de 1881 a 1893. 2012. 138 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2012.

HEINEBERG, Ilana. **La suite au prochain numéro** : formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens *Jornal do Comércio*, *Diário do Rio de Janeiro* et *Correio Mercantil* (1839-1870). 2004. 400 f. Thèse de Doctorat – U. F. R. d'Études Ibériques et Latino-Américaines, Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III.

LIMA, Neila Mendonça Garcês. **As narrativas camilianas no espaço folhetim do Diário do Grão-Pará na década de 1860**. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2014.

LOBATO, Denise Araújo. **Prosas de Júlia Lopes de Almeida em jornais paraenses oitocentistas**: entre a temática moralizante e a palavra libertadora. 2016. 144 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2016.

MARTINS, Patrícia Carvalho. **Jornal do Pará**: o caminho literário entre espaços e diálogos na Belém oitocentista. 2011. 122 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2011.

MENDES, Juliana Yeska Torres. **Autores brasileiros no Jornal do Pará (1867-1878)**. 2017. 148 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2017.

MÜLLER, Andréa Correa Paraiso. **De romance imoral a obra-prima**: trajetórias de *Madame Bovary*. 2012. 341 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2012.

PAIVA, Cláudia Gizelle Teles. **Entre jornais, livrarias e gabinetes de leitura**: a circulação de romances-folhetins camilianos no Pará oitocentista. 2016. 113 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará. Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2016.

PAMPLONA, Alessandra Greyce Gaia. **A consagração periódica de José Veríssimo (1877-1884)**. 2009. 144 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2009.

RODRIGUES, Almir Pantoja. **Crônicas portuguesas em jornais paraenses na segunda metade do século XIX (1860-1870)**. 2008. 90 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2008.

SALES, Germana Maria Araújo. **Palavra e sedução**: uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881). 2003. 387 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2003.

SANTOS, Edimara Ferreira. **Dumas, Montépin e du Terrail**: a circulação dos romances-folhetins franceses no Pará nos anos de 1871 a 1880. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2011.

SILVA, Alan Victor Flor da. **Marques de Carvalho na imprensa periódica belenense oitocentista (1800-1900)**. 2014. 139 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2014.

SILVA, Shirley Lianne Medeiros da. **A marquesa ensanguentada: o romance de Condessa Dash nos periódicos brasileiros de Norte a Sul**. 2014. 102 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto e Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2014.

SILVA, Daniele Santos da. **Contos de Machado de Assis n'a Folha do Norte (1896-1900)**. 2017. 100 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto e Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2017.

SOUZA, Antonia Pereira de. **A prosa de ficção nos jornais do Maranhão oitocentista**. 2017. 329 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras. João Pessoa, 2017.

## 5. Artigos em periódicos

ABREU, Márcia. Problemas de história literária e interpretação de romances. **Revista Todas as Letras** (MACKENZIE. Online), v. 16, p. 39-52, 2014.

BATALHA, Maria Cristina. O lugar do folhetim traduzido no sistema literário brasileiro. **Graphos**, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 43-50, jan./jul. 2006.

EL FAR, Alessandra. Crítica social e ideias médicas nos excessos do desejo: uma análise dos “romances para homens” de finais do século XIX e início do XX. **Cadernos Pagu** (UNICAMP. Impresso), p. 285-312, 2007.

FARIA, Neide. O naturalismo e o(s) naturalismo(s) no Brasil. **Travessia**. Florianópolis, n. 16-18, p. 124-147, 1989.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. Literatura brasileira de expressão amazônica, literatura da Amazônica ou literatura amazônica? **Graphos**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 111-116, 2004.

GARCIA, Débora Cristina Ferreira; FERREIRA, Luzmara Curcino. A recepção do folhetim pelo *Correio Paulistano*. **IPOTESE**, Juiz de Fora, n. 2, v. 17, p. 89-100, jul./dez. 2013.

\_\_\_\_\_. Leitores de folhetim do século XIX no Brasil: uma análise de representações discursivas desses *novos leitores* de folhetim do *Correio Paulistano*. **Revista da ANPOLL**, Florianópolis, n. 36, v. 1, p. 105-131, jan./jun. 2014.

MALHEIROS, Rogério Guimarães. As transformações políticas e econômicas da Província do Grão-Pará e a Escola Normal como instituição destinada a formar professores alinhados aos ideais modernos de ordenamento, progresso e civilização (1840 a 1871). **Almanack [online]**, v. 1, p. 95-116, 2014.

\_\_\_\_\_; SANTOS FILHO, João Ribeiro. A escola normal do Pará e o ideal de professor ilustrado e aplicado (1838-1871). **Revista HISTEDBR On-line**, v. 14, p. 75-90, 2014.

MENDES, Leonardo. O romance republicano: naturalismo e alteridade no Brasil, 1880-90. **Letras & Letras**, v. 24, p. 189-207, 2008.

\_\_\_\_\_; CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. Naturalismo aqui e là-bas. **O Eixo e a Roda** (UFMG), v. 18, p. 109-128, 2009.

MÜLLER, Andréa Correa Paraiso. Imprensa e leitura de romances no Brasil oitocentista. **Gavagai: Revista Interdisciplinar de Humanidades**, v. 1, p. 26-35, 2014.

NADAF, Yasmin Jamil. O romance-folhetim francês no Brasil: um percurso histórico. **Letras** (UFSM), v. 39, p. 119-138, 2009.

SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. **Entrelaces** (UFC), v. 1, p. 44-56, 2007.

\_\_\_\_\_; SILVA, Thacyana do Socorro Souza e; NOBRE, Izenete Garcia. Mina Literária e Padaria Espiritual: movimentos literários oitocentistas. **DLCV – Revista Língua, Linguística & Literatura**, v. 5, p. 111-122, 2007.

\_\_\_\_\_; SOUZA, Thiago Gonçalves; SILVA, Wanessa Regina Paiva da Silva. O Trabalho das escavações: a Mina Literária e a prática da Literatura no Pará oitocentista. **REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários**, Vitória, n. 10, p. 1-15, 2012.

SOUZA, Márcio. Literatura na Amazônia ou literatura amazônica? **Sentidos da Cultura**, Belém, n. 1, v. 1, p. 25-30, jul./dez. 2014.

VIEIRA, João Batista. O herói romântico. **Revista do Centro de Estudos Portugueses**, n. 10, v. 5, p. 62-71, 1983.